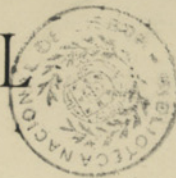
HISTORIA DO BRAZIL

Foram tirados d'esta edição 200 exemplares em papel superior

HISTORIA DO BRAZIL

POR

FR. VICENTE DO SALVADOR

PUBLICAÇÃO DA BIBLIOTHECA NACIONAL

RIO DE JANEIRO
TYP. de G. LEUZINGER & FILHOS, Ouvidor 31

1889

A 20 de Dezembro de 1627, Fr. Vicente do Salvador concluiu sua *Historia do Brasil,* que dedicou a Manuel Severim de Faria.

O celebre escriptor portuguez pedira-lhe que a compuzesse e se offerecera para edital-a á sua custa. O pedido, além de vantajoso, muito honrava o nosso autor. Severim de Faria passava por um dos maiores conhecedores das cousas portuguezas; de quasi todos os monarchas que haviam reinado depois da descoberta venturosamente realisada por Pedro Alvares Cabral elle descrevera os annaes, quasi as ephemerides; entre os livros que começou entrava uma historia do Brasil 1). Seu offerecimento importava reconhecer as grandes aptidões e os estudos preparatorios, que Fr. Vicente fizera do assumpto.

É natural que ao remate da obra seguisse logo a remessa para a Europa. Entretanto o autor morreu uns dez annos depois de 1627; Severim de Faria quasi trinta, em 25 de Setembro de 1655, sem desempenhar sua palavra.

Que motivos levariam-no a isso mal se pode conjecturar. Pode bem ser que encontrasse difficuldades em obter licença para a publicação, porque já a esse tempo não gostavam os governantes que se vulgarisassem noticias sobre as colonias. Pode tambem ser que o manuscripto não lhe chegasse ás mãos. E esta afigura-se até a hypothese mais provavel. Pelo falecimento do illustre conego eborense, sua bibliotheca passou para o conde de Vimieiro; mas o livro de Fr. Vicente não foi no meio, como o prova o silencio de Barbosa Machado, conhecedor e frequentador daquelle celebre repositorio, que nem o viu nem o cita. Ainda outro indicio é que Jorge Cardoso, autor do *Agiologio Lusitano,* amigo de Severim de Faria 2), de quem recebeu noticias e manuscriptos, tambem não se refere a elle. Pode ser ainda que não agradasse o tom em que falla do Brasil e parecesse arriscado o modo porque pregava sua grandeza, sua independencia do resto do mundo.

---

1) Barbosa Machado cita Msc: *Historia del Rey D. João III por annos e mezes, tirada dos originaes e relações não impressos com os successos de Barberie, Guinê e Brasil; Historia del Rey D. Sebastião; Historia do governo del Rey D. Henrique; Annaes de Portugal...... de todo o tempo que governaram os tres reis de Castella atê a acclamação del Rey D. João IV; Annotações a primeira e segunda Decada de Barros; Historia geral do Brasil,* da qual escreveu só tres capitulos, e uma relação muito exacta do seu descobrimento com o catalogo dos seus governadores (*Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, 1752, III, p. 372 e 374).

2) *Agiologio Lusitano*, Lisboa, 1659, II, p. 41.

A

Felizmente nem se perdeu nem ficou de todo desconhecida a historia do escriptor bahiano. Em um *Nobiliario* msc., em dez volumes, attribuido (erradamente) a Affonso de Torres, composto pelos fins do seculo XVII e pertencente á Bibliotheca Fluminense, por mais de uma vez é adduzido o testemunho de nosso autor, em geral sem declaração de nome, simplesmente indicando *Chronica do Brasil Msc.* Nos tomos IX e X do *Santuario Mariano* de Fr. Agostinho de Santa Maria, impressos em 1722 e 1723, são extractados ou textualmente transcriptos grande numero de capitulos, umas vezes com o nome do autor, outras sem elle.

Em nosso seculo a primeira noticia precisa que temos de Fr. Vicente e sua *Historia* deparam-nos as *Reflexões criticas a Gabriel Soares*, publicadas em Lisboa em 1839 no volume V das *Memorias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, pelo nosso illustre compatriota Francisco Adolpho de Varnhagen. Ahi lê-se á nota 67: « Assim escreve Vicente do Salvador, na sua *Historia do Brasil* Msc. (no capitulo 6.° do primeiro dos cinco Livros), dedicada a Manuel Severim de Faria, em data de 20 de Dezembro de 1627. Até 1587, aproveita quanto refere de Soares, porém dahi por diante é original e merece ser consultado. Foi verdadeiramente com V. do Salvador á vista que Jaboatão escreveu, segundo elle declara e até o cita na p. 85 do *Preambulo* (I, p. 140 da edição do Instituto Historico). E' engraçada a maneira como Salvador remata o seu livro ; depois de contar a vinda de Mathias de Albuquerque, dizendo que veio para o reino e chegou a Caminha em 52 dias, termina, etc. » E Varnhagen cita-o ainda ás paginas 85 e 117 do mesmo opusculo.

O codice que o nosso eminente historiador examinou, assegura-nos elle em outro escripto, *Os Indios bravos e o Sr. Lisboa, Timon 3.°*, pertencia á Bibliotheca das Necessidades 1). Viu-o uma vez e nunca mais se poude achar. Isto explica o motivo por que assegura que Fr. Vicente se aproveitou do livro de Gabriel Soares, pois mais detido exame tornaria pelo menos problematica esta conclusão. Isto explica ainda o motivo porque elle diz que Jaboatão escrevera com Fr. Vicente á vista, quando o proprio Jaboatão, tratando da *Chronica* de Fr. Vicente, assim se exprime : « a qual levando-a comsigo seu autor para a Provincia no anno de 1618, assim a ella como a esta Custodia só nos ficou a noticia que desta obra nos dão os estranhos 2) ».

Depois de Varnhagen, as noticias certas referentes a Fr. Vicente do Salvador devemos a João Francisco Lisboa, o illustre escriptor maranhense, que se achava em Portugal, encarregado pelo nosso governo de colher copias de documentos relativos á historia patria. Em 27 de Fevereiro de 1857, escreve a Varnhagen, em carta : « Apresso-me a pôr na sua presença a copia e apontamentos inclusos acerca de Gabriel Soares, que extrahi de um volume encontrado acaso na Torre do Tombo, pelo tal meu officioso amanuense.

1) Os *Indios bravos*, Lima, 1867, p. 93.
2) *Orbe Seraphico*, Rio, 1858, parte I, vol. I, p. 376.

Supponho que este Msc. não é conhecido, pois V. Ex.ª diz na sua ultima nota (Commentarios a Gabriel Soares), que se não sabia como nem onde elle acabara, cousas de que aqui se trata tão circumstanciadamente. Mesmo no caso de não ter valia o documento, creio que o citaria para impugnal-o. Não tenho agora tempo para andar compulsando catologos a ver si descubro o autor, mas não me lembro de obra alguma antiga com o titulo de *Historia do Brasil* e na *Bibliographia* de Figanière que tenho agora á vista, não se menciona. V. Ex.ª poderá mais facilmente que eu rastrear-lhe a origem. Si vir que vale alguma cousa, queira servir-se do que lhe mando como cousa sua propria, pois é V. Ex.ª para mim e para todos o segundo autor do *Roteiro*, e quem deu vida e nome a Gabriel Soares. Á vista de sua resposta, redobrarei de esforços para ver si descubro o Msc. principal, de que este não é mais que addição e emenda 1) ».

Varnhagen respondeu-lhe que pertencia á obra de Fr. Vicente o capitulo mandado por Lisboa, que corresponde ás pp. 148/150 da presente edição, e aproveitando-se do offerecimento generoso do illustre maranhense, publicou-o sob o nome do autor com outros documentos no vol. da *Revista do Instituto* correspondente ao anno de 1858 (p. 455/468). Fique dito de passagem que mais tarde Varnhagen conseguiu ver o livro de Fr. Vicente, que aliás não cita quanto devia. As maiores e melhores novidades que contém a segunda edição da sua *Historia Geral* quanto ao periodo anterior á guerra hollandeza foram bebidas em nosso primeiro chronista, como se poderá convencer quem se quizer dar a este trabalho.

Parece que João Lisboa encontrou logo o Msc. principal, de que o outro não era mais que addição e emenda. Mesmo em 1857 ou em 1858 a copia deve ter chegado ao Rio de Janeiro. Conclue-se isto sabendo que ficou em poder do Marquez de Olinda. Ora este foi ministro do imperio, por cuja repartição corriam as copias mandadas tirar em Portugal, primeiro sob a direcção de Gonçalves Dias e posteriormente sob a de João Francisco Lisboa, desde 4 de Março de 1857 até 12 de Dezembro de 1858.

Em poder do Marquez de Olinda ficou a copia até sua morte a 7 de Junho de 1870, passando depois a seus herdeiros. Um delles incluiu-a em leilão, em que adquiriu-a o honrado livreiro desta cidade o Sr. João Martins Ribeiro, que em seguida offertou-a graciosamente á Bibliotheca Nacional com outros manuscriptos, arrematados no mesmo espolio.

O offerecimento do honrado Sr. João Martins Ribeiro deu-se em Novembro de 1881.

Logo que na Bibliotheca Nacional poude estudar-se a *Historia* de Fr. Vicente, saltou aos olhos sua importancia e surgiu a idéa de edital-a. Afagava este plano o illustre bibliothecario de então, Ex.ᵐᵒ Sr. Dr. Ramiz Galvão, barão de Ramiz, que em sua passagem brilhante, mas demasiado rapida, tantos

1) *Os Indios bravos*, p. 93.

Vicente Rodrigues Palha nasceu em Matuim, seis leguas ao Norte da cidade do Salvador, então capital do Estado do Brasil, em dia não conhecido. Foi baptisado na sé da cidade pelo cura Simão Gonçalves a 28 de Janeiro de 1567, segundo Jaboatão 1); mas esta data não deve estar certa. Terminando seu livro em 1627, diz Fr. Vicente que está com 63 annos, o que dá para o de seu nascimento 1564; em tempos de observação cultual tão severa como aquelles, não é de crer que deixassem pagão por tanto tempo um menino. É portanto rasoavel admittir que em vez de 28 de Janeiro de 1567, deve-se ler de 1565; e quanto ao dia do nascimento, talvez seja a 20 de Dezembro (de 1564), dia em que dedicou a Severim de Faria o livro em cuja ultima pagina declara ter sessenta e tres annos.

Fez os primeiros estudos no collegio dos Jesuitas, e tudo leva a crer que sob o provincialado de José de Anchieta (1577 a 1588), a quem em um capitulo refere-se com veneração, embora com independencia. Seguiu depois para Coimbra, e na sua Universidade graduou-se em ambos os direitos e formou-se doutor, sendo-o com vantagem na theologia e canones, assegura Jaboatão. Seria importante encontrar-se-lhe a matricula na Universidade para fixar-se a chronologia de seus primeiros annos; até agora não foi possivel obtel-a. É de suppôr que em 1591 já estivesse de volta a Bahia, quando desembarcou o governador D. Francisco de Sousa « em domingo da Santissima Trindade ».

Chegando á Bahia foi ordenado sacerdote, alcançou ser conego da cathedral e foi vigario geral, em tempo que não póde ser sinão do bispo D. Antonio Barreiros. A 27 de Janeiro de 1599, aos 35 annos de edade, lançou-lhe o habito de S. Francisco o padre custodio Fr. Braz de S. Jeronymo, e a 30 do mesmo mez do anno seguinte de 1600 lhe fez a profissão o prelado do Convento, Fr. Antonio da Insua.

A 22 de Outubro de 1606, em junta feita na casa de Olinda pelo custodio Fr. Leonardo de Jesus, decidiu-se fundar nova casa franciscana no Rio de Janeiro, e para esta missão foi escolhido Fr. Vicente com o mesmo Custodio. Fr. Vicente achava-se então em Pernambuco, como se deprehende do seu livro. Antes devia ter missionado na Parahyba. Que effectivamente lá esteve, é elle o proprio a nos assegurar (p. 29). Depois de 1606 é pouco provavel que isto fosse, porque constantemente encontramol-o empenhado em outros misteres; do que se lê a p. 159 póde-se concluir que já estaria lá em 1603. Tanto mais que se sabe por Jaboatão terem-se movido nos ultimos annos do seculo XVI questões de aldeias e catecheses de Indios entre Jesuitas e Franciscanos. Aquelles abandonaram as aldeias da Parahyba. Tanto maior devia ser alli a necessidade de Franciscanos.

Na pagina 169 transpiram as suas impressões de catechista: « Confesso que é trabalho labutar com este gentio com a sua inconstancia, porque no principio

---

8) Os trechos de Jaboatão relativos a Fr. Vicente se encontram parte 1ª, I, p. 230 e 376; e parte 2.ª, I, p. 105/111, II p. 426/431.

era gosto ver o fervor e devoção com que acudião a egreja, e quando lhes tangiam o sino, á doutrina ou á missa, corriam com um impeto e estrepito que pareciam cavallos, mas em breve tempo começaram a esfriar de modo que era necessario leval-os á força, e se iam morar nas suas roças e lavouras, fóra da aldeia, por não os obrigarem a isto. Só acodem todos com muita vontade nas festas em que ha alguma ceremonia, porque são mui amigos de novidades, como dia de S. João Baptista por causa das fogueiras e capellas, dia da Commemoração geral dos defunctos pera offertarem por elles, dia de Cinza e de Ramos e principalmente pelas Endoenças pêra se disciplinarem, porque o têm por valentia. E tanto é isto assim que um principal chamado Iniaobba, e depois de christão Jorge de Albuquerque, estando abzente em a Semana Santa, chegando á aldeia na oitava de Paschoa, e dizendo-lhe os outros que se haviam disciplinado grandes e pequenos, se foi ter comigo, que então alli presidia, dizendo: como havia de haver no mundo quem se disciplinasse, até os meninos, e elle sendo tão valente (como de facto era) ficasse com o seu sangue no corpo sem o derramar? Respondi-lhe eu que todas as cousas tinham seu tempo e que nas Endoenças se haviam disciplinado em memoria dos açoutes que Christo Senhor Nosso por nós havia padecido; mas que já agora se festejava sua gloriosa resurreição com alegria. E nem com isto se aquietou, antes me poz tantas instancias, dizendo que ficaria deshonrado e tido por fraco, que foi necessario dizer-lhe fizesse o que quizesse. Com o que logo se foi açoitar rijamente por toda a aldeia, derramando tanto sangue das suas costas quanto os outros estavam por festa mettendo de vinho nas ilhargas ».

Resolvida a creação da casa do Rio de Janeiro, Fr. Vicente embarcou para a Bahia e de lá veio a esta cidade, onde chegou a 20 de Fevereiro de 1607, recolhendo-se á Santa Casa da Misericordia. Tinha sido doado para fazer-se convento o sitio de Santa Luzia; mas Fr. Leonardo de Jesus, não o achando conveniente, pediu que lhe dessem de preferencia « o outro logar que se chama o outeiro do Carmo, defronte da varzea e bairro de Nossa Senhora sobre o lago de S. Antonio ». Martim de Sá, que governava a capitania, assim o fez por escriptura em 9 de Abril.

« Feita esta escriptura, diz Jaboatão, e tomada por ella a posse do logar, os Religiosos que até então assistiam em a Santa Casa de Misericordia, logo na seguinte segunda-feira, dia da Senhora dos Prazeres (25 de Abril), se passaram para umas casas de Fernando Affonso, pegadas a ermida de Santo Antonio, por ficarem nellas mais perto do sitio escolhido e ali fizeram moradia, em quanto ao pé do monte em que se havia de fundar o convento, se fabricou uma casa terrea com seu claustro e egreja, para onde se passaram dia do Seraphico Patriarcha daquelle mesmo anno (4 de Outubro), dizendo-se nella então a primeira missa. Por primeiro prelado-presidente deste recolhimento poz o Padre Custodio a Fr. Vicente de Salvador».

Neste encargo, Fr. Vicente mandou aplainar o sitio por ser um tanto apertado e aspero, tirando-se no mesmo logar a pedra para a obra. Em taes

preparos esteve até que a 4 de Junho de 1608 se lançou no fundo dos alicerces a primeira pedra dos corredores do convento com grande concurso de povo. Voltando para o Norte, o Padre Custodio levou Fr. Vicente comsigo para abrir um curso de artes em Olinda; mas pouco tempo demorou ali o nosso autor, porque no principio de 1609, chegando mestres e discipulos de Portugal, ficou absolto da leitura.

Do tempo desta sua estadia no Rio, encontrou Jaboatão no cartorio o seguinte testemunho: « Obrava elle com muito zelo e exemplo, por ser muito grande religioso e bom lettrado». Desta mesma epocha, Jaboatão colheu no cartorio o seguinte facto, que alias não se relaciona com o nosso autor, mas serve para se ter uma idéa do que eram as visinhanças do morro de Santo Antonio, nos logares em que se estendem agora as ruas da Guarda Velha, S. José, e outras: « No tempo em que ali esteve, escreve o chronista dos Franciscanos, vieram áquella cidade certos Religiosos Castelhanos de nossa Ordem, que iam para Buenos-Ayres, e andando um delles, que era pregador, passeando e estudando defronte da alagoa, junto à cerca viu uns passarinhos que levavam de comer aos filhos que tinham em uma arvoresinha que estava na ilha da alagoa, a qual sendo pela manhã ficava de fronte de casa; e tornando por tarde o Religioso ao logar quiz ver os passarinhos e olhando para a mesma paragem os não viu, nem a arvore onde estavam, mas tudo agoa; e advertindo bem viu que a arvoresinha estava muito adiante para a parte de Nossa Senhora da Ajuda; o que bem considerado, achou que a ilha que estava no meio da alagoa se movia de noite para a parte do mar e de dia com a viração para a parte de terra, servindo-lhe de vellas as arvores que tinha.»

De Olinda tornou Fr. Vicente logo para a Bahia, de cujà casa foi nomeado guardião em 1612. No mesmo anno, em capitulo celebrado no convento de Santo Antonio de Lisboa a 15 de Fevereiro, elegeram-no Custodio. Neste caracter, partiu para Pernambuco e a 14 de Outubro fez no convento de Olinda junta, que foi a primeira com voz de capitulo, em que foram eleitos os Prelados para os conventos da Custodia. Como guardião, mandou fazer a enfermaria do convento da Bahia, «não só necessaria mas muito perfeita para aquelles tempos e com todo o adorno e providencia convenientes». Como Custodio, abriu cursos de artes. Antes de Outubro de 1615 foi de novo a Pernambuco em companhia do governador Gaspar de Sousa (p. 196). Terminado o seu triennio, partiu pela segunda vez para Portugal em 1618. A 16 de Novembro de 1619, estava em Lisboa, onde o admittiram a votar no Capitulo como Custodio que acabava e foi de novo nomeado guardião da Bahia. Tão pouco sabemos desta segunda estadia em Portugal como da primeira. E' plausivel que passasse tempos em Evora, pois de sua dedicatoria a Severim de Faria conclue-se que o conheceu pessoalmente e que esteve em sua casa, pois falla da bibliotheca do illustre escriptor como quem a viu com os proprios olhos. O mesmo se conclue do tom em que falla de D. Marcos Teixeira, inquisidor de Evora e depois bispo da Bahia; tom que subentende relações cordeaes e antigas, que difficilmente podiam ser feitas no Brasil, no pouco tempo que aqui viveu o heroico prelado.

Eleito guardião da Bahia, tornou para a sua patria, o mais cedo em 1620; mas chegando ao convento fez renuncia do logar. Pouco depois veiu ao Rio de Janeiro, donde seguiu para a Bahia em 1624, quando no dia 28 de Maio, á entrada da barra aprisionaram-no navios de Hollandezes, que poucos dias antes se haviam apoderado da capital do Brasil. Até o fim de Julho ficou preso a bordo; depois transportaram-no para a prisão do mar, onde permaneceu quatro mezes. Em fins de Novembro ou principios de Dezembro, Manoel Fernandes de Azevedo, um dos poucos moradores que tinham ficado na cidade invadidas obteve que fosse para sua casa e pudesse andar em sua companhia pela cidade, comtanto que não chegasse aos muros e fortificações. Occupou-se então em confessar os Portuguezes, de modo que, assegura-nos com legitima satisfação, nem um mais morreu sem confissão, como antes morriam. Os Hollandezes davam-lhe e aos Portuguezes ração como aos seus, de pão, vinho, azeite, carne, peixe cada semana.

Comprehende-se como o seu coração de catholico devia sangrar com as desgraças de sua patria, e que jubilo invadiu-o quando finalmente a força das armas obrigou os herejes á retirada: « Aqui confesso eu, exclama, minha insufficiencia para poder relatar os jubilos, a consolação, a alegria que todos sentiamos em ver que nos pulpitos onde se haviam pregado heresias, se tornava a pregar a verdade da nossa Santa Fé Catholica, e nos altares donde se haviam tirado ignominiosamente as imagens dos Santos, as viamos já com reverencia restituidas e sobretudo viamos já o nosso Deus em o Santissimo Sacramento do altar do qual estavamos havia um anno privados, servindo-nos as lagrimas de pão de dia e de noite como a David, quando lhe diziam os inimigos cada dia: Onde está o teu Deus? »

A partir de 1627, faltam-nos quasi absolutamente noticias de Fr. Vicente. Em 1630 foi pela terceira vez eleito guardião da Bahia e desta acceitou e exerceu o cargo. Ainda vivia em 1636, pois acha-se assignado o seu nome numa certidão de *vita et moribus* do ordenando Jeronymo de Lemos, seu parente, feita a 2 de Outubro. « Temos por conjectura verosimil, diz Jaboatão, que no anno de 1639 era já falecido, porque, começando no seguinte o primeiro livro e unico que ha dos obitos desta provincia em quanto Custodia, se não acha nelle o do P. Fr. Vicente do Salvador, indicio certo que já no sobredito anno de 39 era falecido. Mais se confirma por certa esta conjectura porque achando-se este Religioso antes do sobredito anno de 36, assignado em todos os termos de profissões da casa da Bahia, donde ficou por assistente depois de Custodio, deste dito anno de 36 por diante se não acha mais o seu signal e nem outra noticia sua, prova evidente de que do tal anno de 636 até o de 639 foi sem duvida o seu falecimento ».

Antes de ir por diante, convém deixar apurado um ponto que tem dado pretexto a não pequena confusão. Frei Vicente do Salvador escreveu dois livros: *A chronica da Custodia do Brasil* e a *Historia do Brasil.* Já a differença nos titulos é indicio favoravel á conclusão. Mas ha outros: a *Chronica* foi escripta em 1618, a *Historia* em 1627; a *Historia* é obra volumosa, citando a *Chronica* Jorge Cardoso qualifica-a de breve 1); Cardoso que conhece a *Chronica,* desconhece e não cita a *Historia;* Santa Maria, que aproveita a *Historia,* guarda silencio quanto á *Chronica.* Por não ter notado estas circumstancias, Varnhagen, visconde de Porto Seguro, concluiu que Fr. Vicente escreveu a primeira parte de uma vez e annos depois a segunda.

Onde existe agora a *Chronica?* Ignora-se; talvez no espolio de conventos recolhidos á Bibliotheca Nacional, em Lisboa, e ainda não classificados. Sabe-se apenas pelo testemunho de Jorge Cardoso que era breve; pelo emprego, que delle fez, pode concluir-se que devia ser conhecida de Severim de Faria; este conhecimento explicaria então o pedido que o erudito Portuguez fez a nosso autor de uma historia.

Narrando a vida do nosso autor, Jaboatão julga necessario explicar o motivo por que, eleito guardião da Bahia em 1619, Fr. Vicente renunciou ao logar, e reeleito em 1630 acceitou-o. « Sem duvida, commenta o meritorio chronista, que havel-o renunciado então e acceito agora o não devemos attribuir á inconstancia do espirito ou leveza de seu juizo; antes bem a uma discreta e mui discursada circumspecção dos tempos e suas circumstancias occurrentes, etc. » E neste tom continúa ainda por vinte linhas.

Outra explicação afigura-se, porém, muito mais simples. Voltando de Portugal por 1620, Fr. Vicente contrahira com Severim de Faria o compromisso de escrever a *Historia,* e por conhecer que os deveres do cargo de que o investiram não lhe deixavam ensanchas para se occupar do livro, optou por este. Naturalmente pensou, e foi uma benção para as letras patrias, que seria mais facil encontrar um bom guardião para o convento da Bahia do que pessoa competente para escrever a historia. Terminado o livro, desappareceram os primeiros motivos; acceitou, portanto, a segunda nomeação.

O começo da sua *Historia* é com certeza posterior ao anno de 1619, porque uma das obras de que se serviu, *Dialogo das grandezas do Brasil,* é deste ou do seguinte anno. O primeiro e o segundo livros, pelo menos, deviam estar escriptos antes de 1624, pois na descripção da bahia de Todos os Santos não allude á invasão hollandeza. Deve portanto nos annos que vão de 1620 a 1627, interrompidos por viagens, pelo aprisionamento de quasi um anno e por quaesquer outros incidentes desconhecidos, fixar-se o principio da composição deste primeiro monumento de nossas lettras.

Assentados estes dois pontos preliminares, pode tentar-se a descoberta das fontes de que se serviu. A investigação não é facil, porque poucas vezes

---

1) *Agiologio Lusitano* I, p. 469, col. I.

cita as autoridades em que se apoia. O que segue é, portanto, mera tentativa.

Para o primeiro livro forneciam-lhe os materiaes necessarios suas viagens e observações, que effectivamente são o nucleo; a ellas accrescentou o resultado da leitura dos *Dialogos das grandezas do Brasil*. Esta obra, cujo autor até agora não se conhece, porque não é Bento Teixeira, como affirma Barbosa Machado 1); nem Nicolau de Oliveira, como se vê pelo cotejo com os trechos adduzidos por J. de Laet; nem Diogo de Campo, como suggeri; nem talvez Lopes de Santiago, como algumas circumstancias inclinam a suppôr; foi escripta pelo anno de 1619. Havia entre os dois autores communidade de idéas, talvez sympathias pessoaes, é provavel até que fosse o proprio autor quem a mostrasse ao historiador. Fr. Vicente segue-o com frequencia, mas com independencia, ás vezes discordando, modificando a ordem e refutando-o implicitamente. Além dos *Dialogos*, aproveitou as *Decadas* de João de Barros e a *Historia da provincia de Santa Cruz*, de Pedro de Magalhães de Gandavo, impressa em 1576, da qual tira uma estampa que deveria fazer parte do capitulo X do livro I.

Tanto relativamente ao primeiro como ao segundo livros, apresenta-se a questão: Fr. Vicente serviu-se do livro de Gabriel Soares? Varnhagen affirma-o e ninguem houve ainda que conhecesse tão profundamente o *Tratado descriptivo do Brasil*. Entretanto estudo despreoccupado da materia leva antes a concluir pela negativa: Fr. Vicente não utilisou-se de Gabriel Soares, o que foi uma infelicidade, pois sua obra ficaria muito mais completa. Varnhagen convenceu-se que elle o conhecera, por causa de certas semelhanças, aliás de facil explicação. Em primeiro logar na segunda edição dos *Dialogos de varia historia* de Pedro de Mariz, publicada em Abril de 1599, foi aproveitado largamente o livro de Gabriel Soares. Fr. Vicente naturalmente conheceu, nem podia deixar de conhecer, os *Dialogos*, que em poucos annos tinham passado por duas edições. Só por intermedio de Mariz se poderá consideral-o tributario de Gabriel Soares. Mesmo isto não é de necessidade admittir. O autor do *Tratado* funda-se quanto á parte historica em tradições esparsas, e estas o escriptor da *Historia do Brasil* devia conhecel-as até melhor que elle. Do Maranhão falava-lhe seu pae, companheiro de Luiz de Mello; em Pernambuco residiu elle mais de uma vez; na Bahia nasceu, encontrou homens ainda do tempo de Thomé de Sousa e Luiza Alvares, a mulher de Caramurú, em torno do qual já se adensava a legenda; sobre Porto Seguro, informou-o seu collega Pero de Campo; no Espirito Santo, instruiu-o o donatario Francisco de Aguiar Coutinho; no Rio de Janeiro, conversou ainda alguns dos colonisadores primitivos ou seus descendentes immediatos. Gabriel Soares não consta que tivesse

---

1) Como observou o illustre Varnhagen (*Rev. Inst.* XIII p. 404), o motivo que levou Barbosa Machado a attribuir o *Dialogo das Grandezas* a Bento Teixeira foi encontrar no códice que examinou, e escripto por lettra differente: *Foi composto por Bento Teixeira*. No códice da Bibliotheca de Leyde, mais antigo e correcto, não ha, porém, tal declaração.

tão abundantes occasiões de informar-se; nem é crivel que suas obrigações de senhor de engenho, suas ambições a respeito de descobertas de minas, centralisadas todas nos certões da Bahia, lhe permittissem os mesmos folegos que a um missionario em continuo movimento. Accresce ainda que o livro de Gabriel Soares, dedicado e entregue a D. Christovam de Moura, não foi então impresso e não devia ainda ser muito conhecido, porque pelo tamanho não era facil de copiar-se.

Além dessas tradições vagas, enfeixadas nos *Dialogos de varia historia* de Pero de Mariz e tambem na *Historia* de Gandavo, Fr. Vicente serviu-se de documento importante e até agora desconhecido: para as capitanias de Itamaracá e Pernambuco, teve uma chronica. Elle proprio o dá a entender (o vi escripto por pessoa que o affirma, lê-se a pag. 48); mas o estudo do texto é sufficiente para firmar a convicção.

A existencia de tal chronica, que talvez ainda se consiga descobrir, é facto capital para a historia de nossa litteratura. Não ha duvidar que é esta a mais antiga de todas, porque refere individuamente os factos a partir de 1532 (livro II, cap. XI), porque por vezes chama os Indios de Negros, denominação antiquissima que começa a decahir depois da introducção dos Jesuitas em 1549, que chamaram-nos antes Brasis. Donde se conclue que foi Pernambuco o lugar em que primeiro abrolhou a flor litteraria em nossa patria.

Para este resultado, que aliás certos indicios já faziam prever, concorreu mais de um factor. Pernambuco desenvolveu-se regularmente: Duarte Coelho, desde o desembarque e empossamento da terra, domou os Indios, que nunca mais fizeram-lhe frente com bom exito; os colonos viram desde logo remunerados os seus labores; o sólo era fertil; a vida facil; a sociabilidade e o luxo consideraveis; a população branca em geral de origem commum (Vianna), apresentando menos elementos disparatados, mais depressa tendia á unificação; o sentimento caracteristico de nosso seculo XVI, — o desprezo e desgosto pela terra brasileira, o transoceanismo, contra o qual bradam tão vehementes o autor do *Dialogo das grandezas do Brasil* e Fr. Vicente, — ali primeiro arrefeceu. Accrescente-se a facilidade e frequencia de viagens á Europa; a consequente abundancia de commodidades, cuja ausencia alhures tornava o paiz detestado e detestavel; o natural versar de livros historicos, como os de João de Barros, em que fulgiam os nomes de Albuquerque e Duarte Coelho; a tendencia litteraria dos capitães-móres da terra, evidenciada em Jorge de Albuquerque e seu filho Duarte, que escreveram ambos livros e ao primeiro dos quaes em 1600 Bento Teixeira dedicou a sua *Prosopopea* 1). A conclusão impõe-se: foi

---

1) Barbosa Machado cita Msc. de Jorge de Albuquerque: *Falla que fez aos Governadores e defensores destes Reynos aos 19 de Junho de 1580; Conselho e parecer que deu a alguns parentes e amigos seus e aos criados de sua casa; Reconciliação, protestação e supplicação feita a Nosso Senhor Jesus Christo e a Virgem Maria Nossa Senhora em dia dos Tres Reys Magos, era de 1558* (provavelmente 1585). Duarte de Albuquerque Coelho publicou em Madrid e em hespanhol as *Memorias diarias*, documento capital para a historia da invasão hollandeza em Pernambuco, e hoje de grande raridade.

Pernambuco, nem podia deixar de sel-o, o centro de que partiu nossa evolução litteraria; para comprehendel-a, o historiador de nossa litteratura deve ali estudar-lhe os germens. Antes do grupo bahiano geralmente conhecido, existiu o grupo litterario pernambucano, em que figuram Fr. Francisco do Rosario, Jorge de Albuquerque, o autor dos *Dialogos*, Bento Teixeira e outros.

Á Chronica Pernambucana primordial prendem-se os capitulos VIII, IX, X, XI, XII, do segundo livro.

Para os primeiros capitulos do terceiro livro, Fr. Vicente utilisou além de elementos fornecidos por contemporaneos com quem conversou, os *Dialogos* de Pero de Mariz, a *Chronica de D. João III* de Francisco de Andrade, publicada em 1613 e as *Decadas* de Diogo do Couto, impressas de 1602 a 1612. Os capitulos relativos ao Rio de Janeiro (VIII, X, XII, XIV) têm tantas minuciosidades que torna-se muito acceitavel, si não necessaria, a existencia de algum diario contemporaneo que nosso autor teve á vista. O capitulo XI é reproducção, reduzida, mas fiel, da historia do naufragio da náu S. Antonio, publicada pela primeira vez em 1601, e modernamente reimpressa, pela terceira vez, no vol. XIII da *Revista do Instituto Historico*, no anno de 1850. O capitulo XV deve filiar-se á Chronica Pernambucana primordial, já referida.

No capitulo XXII começa e prosegue no cap. XXIV o extracto de uma chronica hoje impressa na *Rev. do Inst.*, t. XXXVI, parte 1.ª, p. 5/89, o *Summario das armadas da Parahyba*, attribuida pelo Visconde de Porto Seguro ao jesuita Hieronymo Machado. A' mesma chronica filiam-se no quarto livro os capitulos II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII. O aproveitamento do *Summario* é digno de attenção porque, escripto por mandado do padre Christovam de Gouveia, quando aqui esteve por Visitador da Provincia, não devia facilmente ser conhecido fóra da Companhia de Jesus. O facto de Fr. Vicente ter podido utilisal-o é presumpção que elle estava nos melhores termos com os seus antigos mestres, e que estes forneceram materiaes para outros capitulos.

Além das que já ficam citadas, não é facil indicar fonte precisa para os capitulos do livro IV. Provavelmente nosso autor colheu informações mais ou menos directas das pessoas que nelle figuram. Os capitulos XXXVIII e XLII são evidentemente extrahidos do diario de algum companheiro de Pero Coelho, na sua malfadada expedição ao Ceará. Nos capitulos que faltam deviam estar incorporados os dois relatorios que Jaboatão imprimiu em seu *Orbe Seraphico* (livro ante-primo, c. XIV).

No quinto livro augmentam as difficuldades para descobrir as fontes, si é que existem além do que Fr. Vicente observou e inqueriu por si. Pode-se apenas affirmar que na historia da conquista do Maranhão, elle não seguiu a *Jornada* de Diogo de Campo, provavelmente por preferir o diario de algum dos Franciscanos que acompanharam a expedição; sobre os primeiros tempos desta capitania, deve-lhe ter fornecido apontamentos Fr. Christovam de Lisboa, irmão de Severim de Faria e autor de uma historia do Maranhão, inedita e quiçá

perdida. Na tomada da Bahia tambem não guiou-se pelo livro do padre Bartholomeu Guerreiro: segundo as apparencias, aqui a sua narrativa é quasi toda original e pessoal, o que traz mais um depoimento de primeira ordem para aquelle celebre episodio. Outras citações de fontes esparsas pelo livro: me disse um soldado de credito, p. 11; uma mulher de credito, p. 20; Grammatica da lingua geral de Anchieta, p. 25; Aguiar Coutinho, p. 40; instrumento de testemunhas, p. 41; Pero de Campos, p. 41; homens do tempo de Thomé de Sousa, p. 60; pessoas que caminham da Bahia para Pernambuco, p. 63; um homem da Bahia, p. 95; me disse Martim Soares (Moreno, o fundador do Ceará), p. 179; me affirmou um Padre da Companhia, p. 181; me disse um Hollandez, p. 198.

Depois destas indicações incompletas, o cotejo rapido de alguns trechos das fontes de que nosso autor se serviu com as partes correspondentes da *Historia do Brasil* mostrarão, melhor que qualquer descripção prolixa, o seu methodo de trabalho.

Nos volumes IX e X do *Santuario Mariano* cita-se por diversas vezes a « Historia » de Fr. Vicente

Em alguns logares, pelo tom geral do estylo, pela epocha e pelos factos narrados, conhece-se que o autor citado é Fr. Vicente.

Extrahimos, por isso, os seguintes trechos que, segundo todas as probabilidades, pertenciam ao livro do illustre bahiano e servirão para preencher algumas lacunas.

O códice que Fr. A. de Santa Maria aproveitou, não corresponde, quanto á numeração, ao que agora imprimimos. Quanto á causa destas discordancias seria muito facil formular hypotheses; factos não existem: a quem tiver a felicidade de descobril-os deixamos, pois, a primazia da explicação.

Compare-se este trecho de Diogo do Couto com o de Frei Vicente:

DIOGO DO COUTO

Estando estas naus prestes e carregadas pera darem a vela, abriu a nau Capitanea uma agua tão grossa que se ia ao fundo e chegou a ter em si quatorze palmos della: e acudindo os officiaes pera a remediarem, não sómente lhe não poderam tomar a agua mas nem saberem por onde a fazia, antes viam que cada vez lhe crescia mais, porque nem bombas, nem barris, nem outras vasilhas, que corriam por andaimes lhe poderam esgotar em muitos dias, trabalhando de dia e de noite. Vendo Elrei que se ia gastando o tempo, mandou fazer as outras naus a vela e que aquella se descarregasse,

FR. VICENTE

Estando todas (naus) prestes e carregadas pera dar a vella, abriu a nau capitanea uma agua tão grossa que se ia ao fundo, e acudindo os officiaes pera lhe darem remedio, não lho poderam dar por não saberem por onde entrava a agua. Vendo El-rei que se ia gastando o tempo, mandou fazer as outras naus a vella e que aquella se descarregasse, o que se fez ja, em a nau Capitanea se despejou toda com muita pressa e se

o que elles fizeram ja em Abril. A capitanea se despejou toda com muita pressa, pera verem se lhe achavam por onde fazia esta agua. Vendo D. Luis Fernandes que já naquelle anno não podia fazer viagem, no que recebia muito grande perda, por que era um Fidalgo pobre e tinha gastado muito em se aviar, andava mui triste e descontente. A nau foi revolvida e buscada de popa a proa, sem lhe poderem dar com a agua, e andava uma grande borborinha antre os pescadores da Alfama sobre aquelle negocio que affirmavam publicamente que Deus Nosso Senhor permettira aquill'o porque aquelle anno lhe tirara o Arcebispo aquellas suas tão antigas ceremonias, com que veneravam e festejavam o dia do bemaventurado S. Fr. Pedro Gonçalves, levando-o ás hortas de Enxobregas, com muitas folias, cargos de fogaças e outras, e de la o traziam enramado de coentros frescos, e elles todos com capellas ao redor delle, dançando e bailando... E tornando aos nossos mareantes. Quando viram que so a nau do filho do Arcebispo deixaria de fazer viagem, creram que o Santo se quizera satisfazer nisso da offensa que o Arcebispo lhe fizera, em lhes defender suas tão antigas festas, e assim o affirmavam ao mesmo Arcebispo, que vendo tamanha fé e devoção, movido daquelle zelo, lha tornou a conceder, depois que se achou a agua, por que nas voltas que lhe deram, foi um marinheiro dar com um furo de um prego na quilha, que estava destapado, que por descuido deixaram os calafates de lhe por prego e quando a brearam se tapou o buraco, e por ahi fazia aquella agua.

Couto, *Dec.* VIII, *livro* V, *cap.* II.

revolveu e buscou de popa a proa sem lhe poderem dar com a agua. E andava um grande borborinho entre os pescadores dizendo que Deus permittia aquillo porque aquelle anno lhes tirara o Arcebispo as antigas ceremonias com que festejavam o dia do bemaventurado São Frei Pedro Gonçalves, levando-o ás hortas de Enxobregas com muitas folias, cargas de fogaças e outras mostras de alegria e de la o traziam enramados de coentros frescos, e elles todos com capellas ao redor delle cantando e bailando. Chegou esta queixa ao Arcebispo, e como era mui amigo deste fidalgo que andava tristissimo, por não poder aquelle anno fazer viagem, movido tambem da grande fe e devoção que os pescadores e mareantes tinham ao Santo, lhes tornou a conceder licença pera que o festejassem como dantes. Entretanto não se deixou de buscar a agua da nau e trabalhar com as bombas e outros vasos em esgotar ou diminuir a muita que entrava, ate que um marinheiro foi dar com o furo de um prego na quilha... etc.

Historia do Brasil, l. III cap. V.

Comparem-se os seguintes trechos da relação do naufragio que passou Jorge de Albuquerque com o que lhe corresponde na *Historia* :

...deixando tudo pacifico (J. de Alb.) e querendo se vir para este reino, determinou embarcar-se em uma nau nova de duzentos toneis, por nome *Santo Antonio*, que estava carregando

...determinou ir-se outra vez pera o Reino, e embarcar-se em uma nao nova de duzentos toneis, por nome *Santo Antonio* que estava carregada

no porto da villa de Olinda, na mesma Capitania, para fazer viagem a esta cidade de Lisboa, de que era mestre André Rodrigues e piloto Alvaro Marinho, homens destros na arte de navegar e que tinham feito muitas viagens. E estando a nau carregada com muita fazenda, e embarcado elle e todos os que nella haviam de vir, quarta-feira 16 de Maio do anno de 1565, com vento de viagem deram a vela e se partiram do dito porto com vento em popa. E não eram bem fora da barra quando lhe acalmou o vento com que partiram e se lhe tornou tão contrario que por ser rijo e com a corrente da maré que começava a vasar, os levou atraves, de maneira que foram com a nau dar em um baixo que está na boca da barra, onde esteve quatro marés mui perto de se perder, si os mares foram mais grossos. E por lhe acudirem com presteza muitos bateis e outras embarcações, se salvou toda a gente e a maior parte da fazenda que era muita. E nem assim descarregada poude sahir do baixo em que estava, pelo que lhe cortaram os mastros e com estes beneficios nadou e sahiu dos baixos.

(Naufragio, ap. *Rev. Inst.* XIII, 1850, p. 281/282.)

no porto do Recife pera Lisboa, de que era mestre André Rodrigues e piloto Alvaro Marinho. E estando carregada a nau, se embarcou e partiu em uma quarta feira, desaseis de Maio de 1566. E não era bem fora da barra quando lhe acalmou o vento com que partiu e se lhe tornou tão contrario que com a corrente da maré que começava a vasar, levou a nau atraves até dar em um baixo, onde esteve quatro marés mui perto de se perder, si os mares foram mais grossos. E por lhe acudirem com presteza muitos bateis e outras embarcações se salvou toda a gente e fazenda e nem assim descarregada poude sahir do baixo em que estava sem lhe cortarem os mastros, pelo que foi forçada tornar ao porto a concertar-se e carregar de novo &.

(*Historia do Brasil*, livro III, c. XI).

Comparem-se estes trechos do *Summario das Armadas* e os correspondentes da *Historia* :

O rio Parahyba, que nas cartas de marear se chama S. Domingos, está em seis graus da banda do Sul; corre pelo rumo que os mareantes chamam NNO-SSE, a barra a entrada, corre pelo de NE-SSO ate a ponta do Cabedello, que é ja dentro. Tem de baixa mar, no mais baixo, em um banco que faz de areia, quatro braças e d'ahi para dentro, pelo rio acima, tem seis e sete. A boca da abra que o rio faz terá de largo uma legua e o canal que vae pelo meio, que é o que chamamos barra, tem um quarto de legua e todo o mais de uma parte e outra

O rio da Parahyba, que nas cartas de marear se chama de S. Domingos, está em seis graus e tres quartos. A boca da abra que o rio faz tem de largo uma legua e o canal que vae pelo meio, que é o que chamam barra tem um quarto de legua, e todo o mais de uma parte e de outra é muito esparcellado, o fundo é de areia limpa e assim é muito maior porto e capaz de maiores embarcações que o de Pernambuco,

é muito aparcellado. O fundo é de areia muito limpa e sem nem-uma pedra, e assim é muito maior porto e capaz de maiores embarcações que os de Pernambuco e Tamaracá, dos quaes dista 22 leguas do de Pernambuco e dezasete do de Tamaracá por costa para a banda do Norte &

(*Summario*, ap. Rev. Inst. 1873, XXXVI, parte 1.ª, p. 6.)

do qual dista vinte e duas leguas da costa pera a banda do Norte.

(*Historia*, livro III; c. XXII).

Mais algumas linhas para terminar.

Fr. Vicente era homem douto, conhecedor da litteratura latina, versado na patristica, leitor dos bons classicos portuguezes, amante de obras historicas, de narrativas de viagens, de poesias.

Sua *Historia* prende-se antes ao seculo XVII que ao seculo XVI. Neste, com a difficuldade de communicações, com a fragmentação do territorio em capitanias e das capitanias em villas, dominava o espirito municipal : brasileiro era o nome de uma profissão; quem nascia no Brasil, si não ficava infamado pelos diversos elementos de seu sangue, ficava-o pelo simples facto de aqui ter nascido,— um mazombo; si de algum corpo se reconheciam membros, não estava aqui, mas no ultramar: Portuguezes diziam-se os que o eram e os que o não eram. Fr. Vicente representa a reacção contra a tendencia dominante: Brasil significa para elle mais que expressão geographica, expressão historica e social. O seculo XVII é a germinação desta ideia, como o seculo XVIII é a maturação.

A sua *Historia* não repousa sobre estudos archivaes. Haveria difficuldade em examinar archivos? ou não era seu espirito inclinado a leitura penosa de papeis amarellecidos pelo tempo? Dahi certa laxidão no seu livro: muitos factos omittidos que hoje conhecemos e que elle com mais facilidade e mais completamente poderia ter apurado, contornos esfumados, datas fluctuantes, duvidas não satisfeitas. Até certo ponto a historia de Fr. Vicente é comparavel á geographia do meritissimo Pᵉ Matheus Soares, um seculo mais tarde: correcta onde determinava posições astronomicas; em outros pontos fundada sobre roteiros de bandeirantes e mineiros.

Mas esta pecha resgata-a por qualidades superiores. A *Historia* possue um tom popular, quasi *folk-lorico :* anecdotas, ditos, uma sentença do bispo do Tucuman, uma phrase do rei do Congo, uma denominação de Vasco Fernandes. Mais ainda : vê-se o Brasil qual era na realidade, apparece o Branco, apparece o Indio, apparece o Negro: o preto Bastião percebe-se que fez rir a boas gargalhadas o nosso autor. Informações por que suspiravamos, e que não esperavamos encontrar, elle as offerece ás mãos cheias, ora num traço fugitivo, ora demoradamente: leia -se por exemplo o ultimo capitulo do livro IV, relativo á construcção dos engenhos: antes nada se sabia a tal respeito. Ha tambem

o pensamento que a prosperidade do Brasil está no certão, que é preciso penetrar o Oeste, deixar de ser carangueijo, apenas arranhando praias, a opposição do bandeirismo ao transoceanismo; e d'ahi a porção de roteiros, que debalde se procuraria em outras obras.

O momento em que escrevia foi favoravel a seu trabalho. Mal começavam as guerras hollandezas: ainda a tuba canora não era de rigor, e tinha liberdade de soprar na sua avena predilecta. Alguns annos mais tarde, não poderia empregar a mesma gamma: dominaria a guerra, as entradas sumir-se-iam diante das escaramuças; em vez de paiz do assucar, o Brasil transformar-se-ia em campanha de Flandres. E tanto isto é assim que, tendo-se dezenas de volumes sobre as guerras hollandezas, este é o unico em que os tempos anteriores foram narrados.

Ainda ajudou-o o seu modo de viver. Entrou para o claustro aos 35 annos, por livre escolha, e não ficou lá a embevecer-se no mysticismo ou na lasca de cabellos theologicos: levou ao contrario vida activa, percorrendo as capitanias, catechisando, pregando, confessando, saturando-se do espirito do povo de que mais tarde devia ser o historiador. Grave, porem não soturno, reservado mas accessivel, achava prazer nas festas do povo, ia a uma pescaria de curumans em Macacu, assistia a pesca de baleia da Bahia, era capaz de saltar uma fogueira de S. João, natureza sympathica e equilibrada, como naquelles tempos existiam mais numerosos que hoje.

Sobre seu estylo pouco ha a dizer; um ou outro trocadilho innocente (pão e pao, dominio e demonio), suppressão de uma palavra para dar a outra duplo emprego. Quanto ao mais, simples, familiar, tomando a côr da fonte que copia. Seu livro, no fundo, é uma collecção de documentos, antes reduzidos que redigidos; mais *Historias do Brasil* que *Historia do Brasil*; menos uma flor que um ramalhete. E é uma vantagem: do tom do estylo, dependem as cousas que se podem incluir nelle: compare-se um classico e um romantico, e mesmo um romantico e um realista. No de Fr. Vicente cabe tudo: a historia não se lhe antolha de cothurno, mas de chinellos.

Foi um grande golpe ás lettras patrias não haver sido publicada a *Historia* ao tempo em que foi escripta. Seria uma semente cujos fructos já hoje estariamos saboreando. A capitania de S. Vicente, que nestas paginas brilha pela ausencia, começaria desde logo a enfeixar as façanhas dos bandeirantes. Espirito Santo, Porto Seguro, Ilheus dariam logo chronistas. Uma historia mais completa iria aos poucos sendo organisada, e não estariamos na posição cruciante de ter de esperar pelo menos um seculo antes de, publicados documentos, chronicas e monographias, possuirmos um livro que satisfaça ás exigencias contemporaneas do saber.

Com seus defeitos, com as suas lacunas, o livro de Fr. Vicente é ainda um testemunho de primeira ordem. Que seria si o tivessemos completo!

Que seria si chegasse a nós com o seu companheiro, a Historia do Brasil em verso, feita por um amigo, cujo nome se ignora e que bem pode ser Fr.

Manuel do Salvador, o heroico frade do *Valeroso Lucideno,* que então estava no Brasil e era inclinado á poesia!

Dizem eruditos antigos que Faria e Sousa e o celebre jesuita Manuel de Moraes, escreveram historias do Brasil, ambos em periodos approximados ao do Frade bahiano. Onde estão, ou si estão em alguma parte, ignora-se. Si o acaso algum dia os trouxer á publicidade, pode-se, porem, affirmar que o livro de Fr. Vicente possue tão subidos quilates que não descerá do logar que occupa.

E este é um dos maiores em nossa litteratura colonial.

Rio, Dezembro 1888.

J. Capistrano de Abreu.

NOTAS

Santuario Mariano, IX, pp. 189–194.

No tempo do Governador D. Francisco de Sousa no anno de 1599. em vespera de Natal entrou naquella Bahia hũa Armada de sete náos Hollandezas, cuja Capitania se chamava Jardim de Hollanda, por trazer hum de flores, & hervas cheyrosas, que regavão, & tinhão com curiosidade. Esta Armada se senhoreou do porto, & de algũs navios, que nelle estavão. Mas Alvato Camelo, que na ausencia do Governador governava as Armas, fortificou as estancias em tal fórma, que senão atreverão a desembarcar, como intentavão. E com o sentimento de não poder executar o General o que pretendia, mandou hũa caravela, que havia tomado, com algũas lanchas a roubar o Reconcavo, & assolar o que pudessem, effeytos do odio, que tinhão a Castella, que então possuhia este Reyno. E com effeyto forão ao Engenho de Bernardo Pimentel de Almeyda, que dista da Cidade da Bahia quatro legoas; & porque não achàrão resistencia, o queymarão, & a Igreja, da qual tirarão o sino do campanario. Mas elle soou de forte, que logo forão sentidos de Andrè Fernandes Margalho, que Alvaro Carvalho havia mandado com trezentos homẽs por terra, & achando ainda alli os Hollandezes, brigaram com elles animosamente até os fazerem embarcar, ficandolhes muitos mortos na briga em terra, & algũs no mar ao embarcar, entre os quaes lhes matàrão hum Capitão, que elles muyto sentirão. E dalli se tornàrão às suas nàos, aonde reformados de mais gente, & munições se forão à Ilha dos Frades, para tomarem agua, de que estavão faltos. O que entendido de Andrè Fernandes, que os tinha em espreyta, se embarcou em seis barcas com a sua gente, & entrando por outro boqueyrão, que está entre a Ilha de Cururupèba, & a terra firme, & se não navega senão com maré chea; por não serem sentidos, desembarcárão da outra parte da Ilha dos Frades a tempo, que tambem alli chegava Alvaro Rodrigues Caxoeyra com o seu gentio, & assim forão todos juntos atravessando a Ilha pelos seus matos até perto de hũa legoa junto á praya, aonde havia sahido huma batelada de Hollandezes a provar a agua, & pela acharem salobra se tornavão; & os nossos os deyxárão ir, ficando-se escondidos na sillada, entendendo que hião por mais gente para tornarem a buscar outra fonte. O que elles não fizerão, antes se forão a tomalla na Ilha de Taparica, & desembarcando em terra, puzerão o fogo ao Engenho de Duarte Esquer, sem lhe valer ser Flamengo, ainda que casado com Portugueza: (& elle era Catholico Romano) mas logo nossa Senhora trouxe os nossos Capitães Andrè Fernandes, & Alvaro Rodrigues, que os acometerão com tanto animo, que lhe matárão sincoenta, & fizerão embarcar os mais, & recolherem-se á sua Armada, que tambem logo se fèz á vela, & despejou o porto.

Notavel foy a ancia, com que os Hollandezes, Francezes, & Inglezes procurárão fazerse senhores do Brasil; por muytas vezes o infestárão todo os Hollandezes, & totalmente se farião absolutos senhores delle a não os favorecer a Rainha dos Anjos com as grandes vitorias, que deu aos Portuguezes contra os herejes. Tambem os Francezes mandárão muytas Armadas para nos

tomarem todas aquellas terras, & quasi todos estes erão herejes, & cossayros. Que vitorias alcançárão contra elles os Portuguezes no Rio de Janeyro, no Maranhão, no Grão Pará, no Rio Grande, & nas Capitanias dos Ilheos, Espirito Santo, & São Vicente! Permitta-seme referir aqui hũa Armada de Francezes, que sahio de França a tomar a Bahia.

Sahio esta de França no anno de 1595. sendo Governador da Bahia D. Francisco de Sousa, para tomar esta Cidade, ou para lhe fazer todo o mal, que pudesse. Passou de caminho por Arguim, aonde os Portuguezes tinhão hum Castello; & ainda que os Francezes os segurárão, dando-lhes palavra de lhes não fazerem mal, (o que nunca devião crer, pois, sendo herejes, erão inimigos de Deos, & da verdade) como o mostrárão em o queymar, & a Igreja; tirando della sómente hũa Imagem de Santo Antonio de Lisboa, que puzerão no convés da Capitania, para que os guiasse. Assim lhe dizião, mas era por mofa, & escarneo; *Guianos, Antonio, guianos para a Bahia.* E quando dizião isto, o ferião, & acutilavão com as espadas, & lhe assulavão hum cão, que levavão na mesma não. Mas não lhe guardou Deos o castigo para a outra vida, como faz a outros, levando-os ao Inferno, & castigando-os nelle com eternos tormentos em castigo de offenderem as suas Imagẽs, & as dos Santos. Porque logo alli os começou a castigar com enfermidades mortaes, & mortes repentinas. O primeyro, que foy castigado, foy hum, que tambem era o primeyro na culpa, & o que mais escarnecia do Santo, esgrimindo deante delle, & dandolhe alguns golpes com a espada. Este, bebendo hum pucaro de agua, cahio logo morto repentinamente, & morrendo este por beber, muytos mais forão os que morrérão de sede. Porque as pipas, sendo arqueadas de ferro, arrebentárão, & se desfundárão, entornando-se toda a agua.

Com esta falta, & com as muytas mortes, que cada dia succedião, lhes foy necessario deyxar algũs navios, por faltar a gente para os governar; & passarão a gente delles á Capitania, de que era Capitão hum Frances, que se chamava o Malvirado; & a outra não grande, cujo Capitão se chamava o Pão de Milho, porque não era todo trigo; & assim senão quiz amassar com o Malvirado, que o aconselhava fossem à Bahia, & se entregassem ao Governador, que lhes não negaria a vida, que já tinhão por perdida. E assim se apartou delle, & se foy ao Rio Real para tomar agua, aonde sendo sentidos do nosso gentio de Cergipe, que dando aviso a Diogo de Quadros, que alli estava por Capitão, derão sobre o Pão de Milho, & o tomárão ás mãos, & aos mais, que havião desembarcado.

O Malvirado com os seus se foy à Bahia, & da barra mandou algũs em hum batel com bandeyra branca, a pedir ao Governador que lhes fizesse merce das vidas, & que elle lhe entregava logo as pessoas, não, & artelharia, & tudo o mais, para que de tudo mandasse tomar posse; como com effeyto fez, mandando a isso hum Capitão da terra chamado Sebastião de Faria. E os herejes, & o Capitão, porque senão achasse a Imagem do Santo Portuguez, o lançárão antes de chegar á Bahia ao mar, porque senão vissem nelle as cutiladas, que lhe tinhão dado no mar. Foy cousa maravilhosa: que sendo isto no mez de Dezembro, quando cursão naquella costa os ventos Nordestes, & com elles correm as aguas muyto para o Sudueste, a Imagem do Santo contra as aguas, & ventos foy parar perto da Bahia mais de doze legoas, donde o lançárão, que era para o Norte. Senão he que os peyxes, como já havião feyto em outra occasião, ouvindo a doutrina, que os herejes não querião; & assim nesta para os confundir de todo o tomarião, & levarião sobre as suas costas á porfia, & o porião com muyta reverencia naquella paragem, aonde passando os que vinhão de Cergipe com o Pão de Milho preso com os mais Francezes seus companheyros, o achárão na praya posto em pé, como quem os estava esperando, para os levar a Bahia triunfando, como entrou, aonde elles lhe dizião que os levasse.

Bem pudèrão estes perfidos converterse á vista desta maravilha; mas a dureza de seus corações lho não permittia. Entrou o Santo com grande festa

dos que o conhecião, & reverenciavão, & o forão pòr na Igreja de nossa Senhora da Ajuda, a quem dão o titulo dos Mercadores, em quanto se lhe ordenou hũa solenne procissão, em que foy trasladado no primeyro Domingo do Advento do mesmo anno de 1595. para a Igreja de São Francisco, aonde o collocàrão em hum nicho no Altar collateral, que era do mesmo Santo.

Esta procissão mandou ElRey (dando se lhe conta deste successo) que o Governador, Camera, & Cabido lhe fizessem todos os annos, (como fazem) ainda que não he já com tanta devoção. Nesta primeyra ordenou o Governador que se metesse todo o resto, para que vissem os herejes, que estavão presos, com quanta veneração tratavamos a Imagem do Santo, que elles havião desprezado, & affrontado. E assim ao passar pela praça fronteyra ás grades da cadea lhe mandou abater as bandeyras, desparar a mosquetaria, & fazer outras demonstrações de veneração.

Depois de ter reposta d'ElRey o Governador, mandou levantar na mesma praça hũa forca, em que foy enforcado o Pão de Milho, o seu Piloto, & os mais, que forão tomados em Cergipe. Aos que se forão entregar se deu liberdade, posto que mal merecida. Soube-se esta nova em França, & logo no anno seguinte se mandou outra Armada a tomar vingança do que se havia obrado, a qual encontrou com outra de Hollanda, que hia carregada de sal, com que pelejou, & foy dos Hollandezes vencida, & desbaratada de modo, qne a bom livrar, os que escapárão, voltárão para França: mas não foy este sal o que lhe fez a guerra, senão aquelle, que pela bocca do Salvador he chamado Sal.

Santuario Mariano, IX, pp. 231–232.

Não só este he o mal desta Capitania, senão a praga das Alarves Àymores, que com os seus crueis assaltos fizerão despovoar os Engenhos. Depois Francisco Giraldes, sendo Capitão, & senhor daquella Capitania, por morte de seu pay Lucas Giraldes, (este nomeou ElRey Dom João o III. por morte de Manoel Telles em Governador do Brasil, & por arribar, & morrer, não teve o governo) & assim não pode remediar os danos. Chegou áquella Villa huma Armada de Francezes cossayros, que forão mayor praga que os Aymores; & porque tres náos grandes não puderão entrar na Barra, o fizerão dez navios pequenos, foy isto no anno de 1595. saltárão os Francezes herejes em terra, & os moradores, que erão muyto poucos, fugirão; excepto hum Christovão Vaz Leal com algũs poucos, que lhe resistirão; mas tambem lhe foy forçoso retirarse até huma Ermida de nossa Senhora das Neves, que fica fòra da Villa, assim pela multidão dos inimigos, como por estarem desapercebidos, & ainda que tiverão noticia de que andavão cossayros Francezes na Costa, não tiverão tempo para se fortificar, nem na terra havia artelharia, ou armas de fogo, mais que hum falcão no Forte de Santo Antonio, que está no porto, aonde havião desembarcado os Francezes, com o qual lhe fez Pedro Gonçalves artelheyro hum tiro, & lhe matou dous homẽs.

Forão os Francezes seguindo os nossos até a Ermida, aonde ajudados da Virgem nossa Senhora, lhe resistirão tão valerosamente, que com morte de tres, & perda de doze arcabuzes voltárão para a Villa, & se fortificárão nas casas de Jorge Martins, de donde começárão a saquear as mais; mas os nossos se hião secretamente meter em algũas casas, aonde os Francezes, julgando que hião buscar lã, vinhão sem pello. E não houve (de vinte & sete dias, que alli estiverão) hũ, em que destas silladas lhe não matassem algũs, & algumas vezes cahião mortos dos Francezes quinze. À vista disto se animárão, & cobrárão tanto brio os nossos, que se resolvèrão a sair a campo com elles; & porque o Capitão da terra não acabava de chegar, que estava na sua fazenda distante duas legoas, elegèrão outro, não o mais nobre, nem o mais rico; mas o mais valente, & que se havia mostrado mais animoso nos assaltos, & silladas, que era hum pobre Mamaluco (que são os mistiços) chamado Antonio Fernandes,

& por alcunha o Catuçadas, porque assim chamava ás estocadas na lingua de sua mãy. E foy cousa maravilhosa, que tendo os nossos só quinze, ou vinte, sem outras armas mais que arcos, settas, & espadas, matárão dos Francezes no campo cincoenta & sete, em que entrou o Capitão; & se tiverão mais resolução, & advertencia, os matarião a todos, & lhes tomarião os navios. Com esta perda fugirão os Francezes, & se forão embarcar, & despejárão a terra, & o porto pelo valor de hum moço boçal, que nem fallar sabia. Não só foy esta confusão para os Francezes, mas tambem para o Capitão da terra, que nunca appareceu.

Santuario Mariano, IX, p. 261.

Quanto ao estado espiritual, he de saber que, indo visitar o Bispo da Bahia D. Constantino Barradas a Pernambuco, & as mais Igrejas do Norte, aonde em tão larga jornada padeceu muytos trabalhos, & perigos, para se alleviar delles escreveu a ElRey de Castella Filippe III. pelos annos de 1615. pedindo-lhe fizesse sua Magestade a Pernambuco Bispado, & ao Rio de Janeyro: porque erão terras ricas, & os dizimos muytos. ElRey por alleviar ao Bispo da Bahia daquelle trabalho das visitas, assim em Pernambuco, Paraiba, & mais terras do Norte, como das do Rio de Janeyro, & mais partes do Sul, se resolveu a nomear Administradores Ecclesiasticos, independentes do Bispo. Para isto impetrou Breve do Papa Paulo V. pelo qual separou Pernambuco, Paraiba, & mais terras do Norte da jurisdicção do Bispo da Bahia. E o mesmo fez para o Rio de Janeyro, & mais terras do Sul, concedendo ao mesmo Rey que elle nomeasse os Administradores, & que a elle fossem sugeytos quanto á inquirição, & correcção de suas pessoas, & à appellação, & aggravo de suas sentenças.

Santuario Mariano, pp. 375–379.

O Celebre Rio Grão Pará, a quem tambem dão o nome das Amazonas, não as celebradas na antiguidade, cuja Rainha foy a valerosa Pantasiléa, mas outras Indianas, & tão valerosas como as primeyras. A este Rio chamão os Brasilienses de mar doce. Vem de dentro do Certão mais de quinhentas legoas ao salgado; outros dizem nove centas, aonde lhe adoça a agua de tal sorte, que a começão a beber os navegantes vinte legoas; & outros dizem vinte & cinco; fóra da sua barra: a qual tem de largo trinta & seis da ponta de Separará, que lhe fica ao Leste debayxo da Linha Equinoccial até a terra, que lhe fica defronte ao Oeste: mas como esta corre até a ponta chamada do Norte, que demarca em dous gràos da mesma linha Equinoccial para o dito Polo, fica sendo a Barra de muyto mais legoas. O Padre Simão de Vasconcellos na sua Chronica do Brasil lhe dá oytenta de barra. Nesta Barra ha muytas Ilhas, todas adornadas de muytos arvoredos, & madeyras preciosas; as quaes tem muyto bôs portos para surgirem navios; mas hão-se de buscar na baxa mar, Nordeste Sudoeste, porque então se descobrem muyto melhor os canaes, para se evitarem os perigos.

O prymeiro, que descobrio este grande Rey, & Monarca dos Rios, foy hum Francisco de Arelhana, que andava no Perú, & na sua grande conquista em companhia do Adiantado Francisco Piçarro. Este mesmo Capitão Francisco de Arelhana foy por mandado do mesmo Adiantado Francisco Piçarro com alguma gente de cavallo descobrindo a terra, que he muyto vasta, & entrou por ella dentro muytas legoas; aonde vio, & notou muytas cousas maravilhosas, de que fez memoria, para levar ao seu Rey, & penetrou tam largo espaço, que se achou perto da fonte, & nacimento deste grande Rio; & vendo-o tão caudaloso, fez canoas, nas quaes se embarcou com a gente, que trazia, & se veyo pelo mesmo Rio abayxo; no qual se houvera de perder com toda sua companhia, por correrem

com grande furia as aguas, & com muyto trabalho tornou a tomar porto em povoado, aonde se deteve, por ter muytos encontros de guerra com os gentios, & com hum grande exercito de mulheres, que com arcos, & frechas pelejárão com elles, & destas guerreyras mulheres tomou o Rio o nome das Amazonas, & livrando-se deste grande perigo, que encontrárão, & dos mais que tiverão naquella larga viagem, vierão tanto pelo Rio abayxo, que chegárão ao mar. E daqui se forão á Ilha Margarita, que se vè na entrada do grande golfo Mexicano com outras muytas Ilhas.

Depois deste primeyro descobrimento sahio do Rio do Maranhão Francisco Caldeyra de Castello branco, que dista do Grão Pará cento & trinta legoas; levava comsigo dous Religiosos de Santo Antonio, chamados Frey Antonio da Merciana, & Frey Christovão de São Joseph; & entrou por elle dentro trinta, aonde desembarcou em terra da banda do Sul, & aonde escolheu hum bom sitio, em que se fortificou, fazendo hum bom Forte de madeyra, a que poz o nome do Presepio, por haver sahido do Maranhão a este descobrimento em dia de Natal. O que fez sem cõtradicção dos gentios naturaes da terra, ainda que a não deyxava de temer, por ver os muytos, que acodião a pedirlhe ferramentas, & outras cousas, que virão levar aos primeyros, & por não ter já que lhes dar, nem tambem polvora, nem balas, para se defender, faltando as dadivas.

Com esta impossibilidade, & aperto, em que se vio o Capitão Francisco Caldeyra, se resolveu a mandar por terra hum homem com cartas ao Capitão mór do Maranhão Jeronymo de Albuquerque, pedindolhe que o provesse. Escolheu para isto a Antonio da Costa, que partio a sete de Março do anno de 1616. & em sua companhia Pedro Teyxeyra, & mais dous homẽs brancos com trinta Indios, para lhe remarem hũa canoa, quando lhes fosse necessario navegar, & lhes ensinarem tambem o caminho, quando fossem por terra: porque são muytos, & grandes os rios salgados, que por ella entrão. Nesta jornada passárão muyta fome, & sede, por ser o mais do gentio salvagem, que nunca tinha visto homẽs brancos, & vestidos. Huns os agasalhavão com muyta festa, outros fugião cheyos de espanto, & outros os querião matar, se os que os acompanhavão os não defenderão. E Deos principalmente foy o que os defendeu, & os levou ao Maranhão; porque destas Conquistas havia de resultar hum grande bem ás almas de todos aquelles gentios.

Chegárão ao Maranhão a sete de Mayo, dous mezes depois de partirem do Pará, aonde forão muyto bem recebidos de Jeronymo de Albuquerque, que sabendo o a que hião, aviou com toda a brevidade huma lancha, em que mandou por Capitão a Salvador de Mello seu sobrinho com trinta soldados arcabuzeyros, & dous mil cruzados de fazenda, para resgates, & pagas dos soldados, que foy para o Pará, hum bom soccorro naquelle tempo, & o Antonio da Costa partio para Pernambuco com outras cartas para o Governador gèral.

Não teve o Capitão Francisco Caldeyra contradicção alguã da parte dos gentios do Pará, ou Rio das Amazonas, para se haver de povoar a terra: mas as suas imprudencias, & desunião com os companheyros o poz em termos, que não só lhe negárão a obediencia, mas o prendérão, & levantárão outro Capitão. Isto foy causa de se porem a monte os Indios, dizendo claramente que não querião paz com homẽs, que a não tinhão entre si. E assim por isto, como por alguãs extorções, & injurias recebida de alguns, que andavão resgatando nas suas aldeas, os matárão, & ficárão rebellados, pondo logo á nova povoação do Pará hum apertado cerco. Do qual sahio o Capitão Manoel Soares de Almeyda a pedir soccorro a Pernambuco, aonde achou o Governador géral Dom Luis de Sousa, que informado do caso, ordenou com muyta brevidade huma Armada de quatro navios, em que mandou a Jeronymo Fragozo de Albuquerque a inquirir dos culpados, para com as culpas os mandar ao Reyno. E este ficou por Capitão até Provisão delRey, que tambem sentio esta alteração, & levantamento, & mandou recolher na Torre de Belem a

Monsieur de Raverdiere Frances, que andava em Lisboa com requerimentos, porque nesta envolta não tornasse áquellas partes. E podia-se presumir isto delle, porque se mostrava tão affeyçoado áquellas partes, que no seu requerimento só pedia por satisfação dos seus serviços a sua Magestade, por lhe haver largado o Maranhão com a sua Fortaleza, & artelharia, lhe désse licença para mandar cada anno lá duas náos de Mercadores. O que se julgou ser mais affeyção da terra, que cubiça de interesses; porque naquelle tempo não havia ainda Engenhos, em que se fizesse açucar, nem Pao Brasil, que são as drogas, em que se empregão os Mercadores do Brasil. E assim se entendeu o levava a fome do ouro, por se dizer se podia tirar pelo Rio das Amazonas acima com facilidade, por ser todo navegavel, & nascer de huã lagoa dourada, aonde os Indios tinhão presas as suas canoas em cadeas de ouro, por haver muyto no seu contorno.

Chegando Jeronymo Fragozo á Fortaleza do Pará, & achando ainda aos nossos cercados, & com grande fome, depois de os remediar com o que levava, & mandar a Francisco Caldeyra preso, & a outros culpados para o Reyno, seguio o gentio perto de duzentas legoas pelas ribeyras do Pará acima, aonde morreu, depois de ter obrado feytos muytos; como tambem os Capitães Custodio Vicente, Pedro Teyxeyra, & outros que assinalárão grandemente as suas pessoas, & sobre todos o Capitão Bento Maciel, que tinha ido do Maranhão com oytenta Portuguezes, & seis centos frecheyros do gentio pacifico; o qual fez no outro grande estrago, porq̃ muytos fugirão das suas aldeas para os matos, & forão dar nas mãos dos Tapuyas, seus inimigos, que os matárão, & comérão; & outros se forão valer dos Portuguezes á Fortaleza, pedindo paz, & misericordia. Aonde o Padre Manoel Filgueyra de Mendonça, Vigayro daquella nova povoação, os fez ajuntar em huã aldea no Separará, que he na ponta da Barra do Pará, da banda do Leste, promettendo-lhes o amparallos alli, & defendellos, se elles fossem fieis. E assim ficou tudo pacifico, & a povoação foy crescendo em moradores.

Santuario Mariano, X, pp. 55-59.

He Cabo frio hũa muyto notavel paragem, ou hũ muyto prodigioso sitio em toda aquella costa do Sul; está em 23. gráos, como o Rio de Janeyro; porque corre alli a costa de Leste a Oeste, & tem dentro muytos reconcavos, muy fundos, & por isso era muyto estimado, & frequentado dos Francezes; tem tambem algũas Ilhas, & bahias, com bõs surgidouros para quaesquer náos. Pagos destas grandes cômodidades os Francezes continuavão aquelle Porto, & emquanto hũs cortavão, & ajuntavão páo Brasil de tintas, que o ha alli muyto, & muyto excellente, sahião outros com as suas náos a roubar as que vinhão do Rio de Janeyro, do Rio da prata, & de outras partes, que por alli passavão. Do que informado ElRey, & particularmente de cinco náos de Frãça, que neste tempo forão ao Cabo frio com machados, serroens, & a mais ferramenta necessaria para cortarem pao Brasil, & as carregarem, como fizerão muyto a seu salvo; porque ainda que acodio Constantino Menelao Capitão mór do Rio de Janeyro, em cujo destrito fica Cabo frio, para o defender, já foy a tempo, que estavão carregados os navios, & assim se forão em paz: & disto se havia feyto aviso a ElRey, que sabendo a facilidade, com que carregavão, era por não ser aquelle sitio povoado, & ficar longe do Rio de Janeyro, donde senão podia acodir tão depressa. Para se remediar este mal, escreveu ao Governador Gaspar de Sousa com muyta instancia, & encarregando-lhe muyto o mandasse logo povoar, & fortificar. Informado o Governador que Estevão Gomes, morador no Rio de Janeyro, podia fazer bem este negocio, por ser homem rico, senhor de dous Engenhos, & que em todos os rebates, que se offerecêrão no Rio de Janeyro de Cossayros, era dos primeyros, que acodia animosamente com a sua canoa, & escravos, de

que tinha certidões de todos os Capitães móres; lhe passou provisão, para que o fosse da povoação de Cabo frio, pedindo-lhe a aceytasse, & fizesse como delle esperava. E a Constantino Menelao que o provesse á custa da fazenda d'ElRey de soldados, munições, & todas as mais cousas necessarias para a povoação, & defensa da terra.

Aceytou Estevão Gomes o que se lhe encarregava, & o menos foy o que se lhe deu para o muyto, que despendeu da sua fazenda, & assim se fortificou, & começou a povoar, sendo tambem para isto grande ajuda hũa aldea de Indios, que os Padres da Companhia á instancia do Governador levárão das suas doutrinas da Capitania do Espirito Santo, com os quaes sahio o Capitão a vinte & tantos Hollandezes, que alli sahirão de huma grande náo a fazer agoada, aonde matando-lhe dezoyto se tornárão só tres, ou quatro no batel a dar aviso ao outro batel, que tambem hia ao mesmo effeyto de tomar agua, porque hião para a India, & estavão della muyto faltos. E por esta causa quizerão matar sincoenta Portuguezes, que trazião comsigo, & havião tomado em hu navio, que hia para a Mina, senão acodira o seu Predicante, ainda que hereje, dizendo que era injustiça pagarem os innocentes pelos culpados, quanto mais que nem estes havião peccado em defender a agua da sua terra, nem os seus, que havião escapado, se queyxavão tanto dos Portuguezes, quãto dos crueis Indios salvagẽs; & assim mandárão á terra hũ bote com bandeyra branca, & hũa carta ao Capitão, pedindo algũas pipas de agua a troco dos Portuguezes, que trazião cativos.

De tudo fez o Capitão aviso ao Governador do Rio de Janeyro, de quem era inferior; que já não era Constantino Menelao, senão Ruy Vas Pinto, que lhe succedeu, o qual feyta sobre isto huma junta de Religiosos, & dos Officiaes da Camera, & acordárão se lha mandasse dar, & elles largárão os Portuguezes cativos, excepto o Capitão do navio, que levárão comsigo. Desta venda fizerão os negros grande galhofa, dizendo que mais valia hum preto, que sincoenta brancos; porque elles custavão ordinariamente quarenta mil reis, (mas isto era naquelle tempo) & os brancos se compravão por menos de hũa pipa de agua.

Fez tambem pazes o mesmo Capitão de Cabo frio com os Indios Guaytacazes, gentio alli visinho, que nunca se pode conquistar, ainda que para isso foy Miguel de Areredo, sendo Capitão do Espirito Santo, & outros do Rio de Janeyro; porque vivem em terras alagadiças mais a modo de homẽs marinhos, que terrestres; & quando se ha de chegar ás mãos com elles, metem-se dentro das aguas, aonde senão póde entrar nem a pé, nem a cavallo. Mas por hũa mortifera doença de bexigas, que padecérão, se forão sugeytar ao Capitão Estevão Gomes, dizendo que querião ser seus compadres, & dos brancos, & commerciar com elles. Desta sorte ficou aquella nova Capitania de Cabo frio pacifica, & foy isto pelos annos de 1615. pouco mais, ou menos. Não he aquella povoação de poucos interesses, mas os Portuguezes só sabem conquistar, & não povoar.

Ha naquelle porto hum sacco, ou bahia, obra particular da natureza, cavada como de proposito entre o duro de hũa penedia, que lhe serve de muro, & de Fortaleza na sua entrada. Está lançada ao comprido, he capàs de grandes Armadas, que ficão dentro como em hũa casa defendidas de todas as injurias dos ventos com huma só barra para o mar. As aguas desta bahia desde Janeyro até o fim de Fevereyro se vem coalhadas em suas margens, & seios mais secretos, & transformadas em perfeytissimo sal, & em tanta quantidade, que se podem carregar muytas, & grandes náos.

Isto que temos referido, he quando à qualidade, & bondade daquelle terreno; que a ser povoação de Estrangeyros, pudèra ser hũa muyto populosa Cidade; mas he cousa tão limitada, que só he Cidade no nome; porque é tão pobre, que não tem por moradoraes senão hũs pescadores; & sendo aquella Cidade antiga na povoação quem a vir, bem poderá julgar ser muyto moderna pelos poucos que a habitão, como fica dito.

Logo que Estevão Gomes deu principio á povoação; se começou tambem a Igreja, que havia de ser a Matriz della, & esta dedicárão ao mysterio da Assumpção da Mãy de Deos, & ella he a Padroeyra, & a Senhora, que com a sua piedade favorece aquelles moradores, & esta he a unica Paroquia da Cidade de Cabo frio.

Santuario Mariano X, pp. 146–149.

A fama das muytas minas de ouro, & prata. (diz o Padre Fr. Vicente do Salvador na sua Historia) « que havia nas terras da Capitanîa de S. Vi-
« cente, de que ElRey Dom João o III. fez mercê a Martim Affonso de Sousa;
« se espalhou por muytas partes: o que sabido pelo Governador D. Francisco
« de Sousa, avisou a Sua Magestade, offerecendo-se para esta empreza, & ElRey
« lha encarregou, & deyxando no governo da Bahia a Alvaro de Carvalho,
« partio a dar comprimento ás ordẽs d'ElRey sahindo da Bahia no mez de
« Outubro de 1598. & chegando à Capitania do Espirito Santo, por lhe di-
« zerem havia minas na serra de Mestre Alvaro, & em outras partes, mandando
« cavar nellas, & fazendo ensayo, de que se tirou algũa prata. Tambem
« mandou às esmeraldas, a que já havia mandado da Bahia a Diogo Martins
« Cam, que as havia descuberto, & depois de levantar alli hum forte com duas
« peças de artilharia, para defensa da entrada da Villa. Sahio, & fez viagem
« para o Rio de Janeyro, aonde governava Francisco de Mendoça.

« Depois de se haver detido alli algum tempo, o Governador Gèral; quiz
« continuar a sua viagem, quando chegàrão à barra quatro galeões de cossarios,
« & entendendo, que havião de sahir a tomar agoa na ribeyra de Cariòca,
« lhe mandou pór gente em siladas junto della, & assim succedeo; porque indo
« quatro lanchas, & sahindo primeyro a gente de hũa, que tendo já tomado
« agoa, para se voltarem, lhe sahirão os nossos, & os matárão a todos, excepto
« dous, que levàrão mal feridos ao Governador, & os das outras lanchas vendo
« isto se voltarão aos galeões, & derão á vèla por saberem estava alli o Gover-
« nador Gèral, que poderia mandarlhes queymar as náos. E assim se forão,
« deyxãdo a barra livre, com q̃ pode o Governador sahir, & continuar a sua
« derrota. Depois de idos chegou outra náo, em q̃ hia por Capitão hũ Holandez
« chamado Lourenço de Bicar, este fez petição ao Governador, dizendo, que
« elle era bom Christão, & que nunca fizera dano aos Christãos, nẽ hia àquelle
« porto com esse intento, senão de vender as suas fazendas; pelo que pedia a
« sua senhoria licença, para as poder descarregar, & vender, & pagar os di-
« reytos a S. Magestade. E o Governador lha despachou, dizendo, que se era
« como dizia, & não havendo outra cousa, lhe dava a licença. Mas tirando
« inquirição, & achando que havia ido por General de hũa grossa Armada ao
« estreyto de Magalhães, & que por não o poder embocar com tromenta, & se
« apartar dos mais da companhia, os vinha alli aguardar. Mandou em hũa
« canoa seis soldados bem armados, & destros, que com dissimulação, de que
« querião ver a náo se fizessem senhores da polvora, & praça de armas, & logo
« atraz desta outras muytas com soldados, & Indios frecheyros, que brevemente
« a abordárão, & tomárão sem que os da náo a pudessem defender, nem
« por-lhe fogo, como querião, por lhe terem os nossos tomada a polvora, &
« as armas. Importava a fazenda, que a náo trazia mais de cem mil cruzados,
« os quaes com a mesma facilidade, com que se adquirirão, se gastárão. » Referi estas cousas; para que se veja em como os Estrangeyros, com a fama das riquezas daquellas terras, sempre as frequentavão, para as roubar, como hoje fazem.

« Da Capitania de S. Vicente, para onde logo partio o Governador, se
« foy à Cidade de São Paulo, que he a mais chegada ás minas, aonde até
« então os homẽs, & as mulheres se vestião de pano de algodão tinto; & se
« havia algũa capa de baeta, ou manto de sarge, se emprestava aos noyvos, &

« noyvas, para irem á porta da Igreja. Era isto quando lá chegou D. Francisco
« de Sousa, pelos annos de 1599. ou de 1600. Depois que lá chegou D. Fran-
« cisco de Sousa, & virão as suas galas, & dos seus criados; houve logo tantas
« librês, & galas ricas, & mantos que parecia aquella terra outra. Muyto se
« havia pago D. Francisco da Bahia; mas quando vio o que era São Paulo
« muyto mais se pagou daquelle clima; porque são alli os Campos, como os
« de Portugal, ferteis de trigo, & de muytas frutas, uvas, rosas, açucenas, re-
« gados de frescas ribeyras, & de excellentes agoas. Alli se empregou nas minas,
« aonde por ser o ouro de lavagem, ás vezes tiravão muyto, outras menos;
« algumas vezes se achavão grãos de pezo, & de preco, de que mandou infiar
« hum rosario assim como sahião redondos, quadrados, ou compridos, que
« mandou a ElRey, com outras mostras de perolas, que se achárão no esparcel
« da Cananea, & em outras partes maritimas. Atéqui o Padre Frey Vicente.

HISTORIA DO BRASIL

POR

FREY VICENTE DO SALVADOR

LIVRO PRIMEIRO

EM QUE SE TRATA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL, COSTUMES DOS NATURAES, AVES, PEIXES, ANIMAES & & DO MESMO BRASIL

Escripta na Bahia a 20 de Dezembro de 1627.

DEDICATORIA

AO LICENCIADO MANOEL SEVERIM DE FARIA CHANTRE NA SANTA SÉ DE EVORA

O motivo que teve Aristoteles para se devertir da especulação, a que o seu genio, e inclinação natural o levava, como consta da sua Logica, Phisica, e Methaphisica, e dar-se a escrever livros historicos e moraes, quaes as suas Ethicas epolicas e a historia de animaes, alem de lho mandar o grande Alexandre, e lhe fazer as despezas, foi ver tambem, que estimava tanto o livro de Homero, em que se contão os feitos heroicos de Achiles, e de outros esforçados guerreiros, que / segundo refere Plutarco in vita Alexandri / de ordinario o trazia comsigo, ou quando o largava da mão o fechava em escriptorio guarnecido de ouro, e pedras preciosas, melhor peça, que lhe coube dos despojos de Dario, ficando-lhe na mão a chave, que de ninguem a fiava, e com muita razão, porque / como diz Tullio 2. de oratore / os livros historicos são luz da verdade, vida da memoria, e mestres da vida ; e Diodoro Siculo diz in proemio sui operis, que estes igualão os mancebos na prudencia aos velhos, porque a que os velhos alcanção com larga vida e muitos discursos, podem os mancebos alcançar em poucas horas de lição, assentados em suas casas.

Eis aqui a razão porque o grande Alexandre tanto estimava o Livro de Homero, e se hoje houvera muitos Alexandres, tambem houvera muitos Homeros, porque como diz Ovidio

Scribentem juvat ipse favor, minuitque laborem :
Cumque suo crescens pectore fervet opus.

O favor ajuda o escriptor, alivia-lhe o trabalho, anima-o, e dá-lhe fervor á sua obra; porem o que agora vemos he que querendo todos ser estimados, e louvados dos escriptores, ha mui poucos que os louvem e estimem, e menos que lhes fação as despezas, só temos a V. M. em Portugal que os estima, e favorece tanto como se vê na sua livraria, que quazi toda tem occupada de livros historicos, e principalmente no que fez de louvores dos tres historiadores Portuguezes, Luiz Camões, João de Barros, e Diogo do Couto, favor tão grande para escriptores de Historias, que se pode dizer, e assim he, que aos mortos dá vida, resuscitando-lhes a memoria, que já o tempo lhes tinha sepultada, e aos vivos excita, dá animo, e fervor, para que saião a luz com seus escriptos, e folgue cada hum de contar, e compor sua historia. Este foi o *motivo que tive, para sahir com esta do Brasil, juncto com V. M. ma*

querer fazer de tomar a impressam á sua custa para em tudo se parecer com Alexandre. Outro tive, que foi pedir-mo Vossa Mercê, e pelo conseguinte mandar-mo, pois os rogos dos senhores tem força de preceitos. glos. ïl unica, et in L. 1.ª ff., quod jussu, donde he aquelle verso

Est rogare ducum species violenta jubendi.

E assim foi este de tanta força, que não só executei por mim, mas incitei a hum amigo *que a mesma historia compozesse em verso*, de sorte que pudesse dizer o que disse Santo Agostinho ao Santo Bispo Simpliciano, que havendo-lhe pedido hum tratado breve em declaração de certas dificuldades lhe offereceo dous livros inteiros, desculpando-se ainda, com ser a letra tanta, que pudera causar fastio, de não satisfazer ao que lhe fora pedido, conforme ao desejo do supplicante; são suas palavras as que se seguem :

Vereor ne ista, quae sunt a me dicta, et non satisfecerint expectationi et taedio fuerint gravitati tuae, quandoquidem et tu ex omnibus, quae interrogati unum a me libellum misti velles, ego duos libros, eosdemque longissimos misi, et fortasse quaestionibus nequaquam expedite diligenter respondi. Aug. Lb. 2.º quæstion. ad Simplic.

Desta maneira havendo-me Vossa Mercê pedido hum tratado das cousas do Brasil, lhe offereço dous, leitura, que pudéra causar fastio, se o diverso methodo a não variara, e dera apetite, e comtudo receio de não satisfazer a curiosidade de Vossa Mercê, segundo sei, que gosta desta iguaria. Donde tomei tambem motivo para a dedicar a Vossa Mercê, e não a outrem, lembrando-me que por dar Jacob a Isaac seu Pae huma de que gostava alcançou a benção como a Mãe lho havia certificado, dizendo :

Nuncergo, fili mi, acquiesce consiliis meis : et pergens ad gregem, affer mihi duos hœdos ut faciam ex eis escas patri tuo, quibus libenter vescitur : quas cum intuleris, et comederit benedicat tibi.

Bem enxergou o santo velho, ainda que cego, que Jacob o enganava, pois o conheceo pela voz. Vere quidem vox Jacob, est; mas levado do gosto da iguaria a que era afeiçoado depois da inspiração do Ceu lhe concedeo a benção, esta peço eu a Vossa Mercê, e com ella não tenho que temer a maldizentes. Nosso Senhor, vida, saude, e estado conserve, e augmente a Vossa Mercê, como os seus lhe desejamos.

Bahia 20 de Dezembro de 1627.

Servo de Vossa Mercê

FREY VICENTE DO SALVADOR.

LIVRO PRIMEIRO

DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

CAPITULO PRIMEIRO

Como foi descuberto este Estado

A Terra do Brasil, que está na America, huma das quatro partes do Mundo, não se descobrio de preposito, e de principal intento; mas acaso indo Pedro Alvares Cabral, por mandado de El Rey Dom Manoel, no de mil e quinhentos para a India por Capitão Mor de doze Náus, afastando-se da costa de Guiné, que já era descoberta ao Oriente, achou estoutra ao Occidente, da qual não havia noticia alguma, foi a costeando alguns dias com tromenta the chegar a hum porto seguro, do qual a terra visinha ficou com o mesmo nome.

Ali desembarcou o dito Capitão com seus soldados armados, pera peleijarem; porque mandou primeiro hum batel com alguns a descobrir campo, e derão novas de muitos Gentios, que virão; porem não forão necessarias armas, porque só de verem homens vestidos, e calçados, brancos, e com barba / do que tudo elles caressem / os tiverão por divinos, e mais que homens, e assim chamando-lhe Carahibbas, que quer dizer na sua lingoa cousa divina, se chegarão pacificamente aos nossos.

Donde assim como os Indios da Nova Hespanha, quando virão desembarcar nella os Hespanhóes lhes chamarão viracoches, que significa escumas do mar, parecendo-lhes que o mar os lançara de si como escumas, e este nome lhes ficou sempre, assim somos ainda destoutros chamados caraibbas e respeitados mais que homens. Mas muito mais cresceo nelles o respeito, quando virão a oito frades da ordem do Nosso Padre São Francisco, que hião com Pedro Alvarez Cabral, e por Guardião o Padre Frey Henrique, que depois foi Bispo de Cepta, o qual disse ali Missa, e pregou, onde os Gentios ao levantar da Hostia, e Calix se ajoelharão, e batião nos peitos como faziam os Christãos, deixando-se bem nisto ver como Christo senhor nosso neste divino Sacramento domina os Gentios, que he o que a Igreja canta em o Invitatorio de suas Matinas, dizendo

Christum regem dominantem gentibus, qui se manducantibus dat spiritus pinguedinem, venite adoremus.

Do Deus Pam dizião os antigos Gentios, que dominava, e era senhor do Universo, e disserão verdade se o entenderão deste Pam divino; porque sem falta elle he o Deus que tudo domina, e apenas ha lugar em toda a terra onde já não seja venerado, nem Nação tão barbara de que não seja querido, e adorado, como estes Brasis barbaros fizerão.

Bem quizerão os nossos frades pela facilidade que nisto mostrarão, para aceitarem a nossa fe catholica ficar-se ali, pera os ensinarem e baptizarem; mas o Capitão Mor que os levava pera outra seara não menos importante, se partio dahi a poucos dias com elles pera a India, deixando ali hũa Cruz levantada como tambem dous Portuguezes degradados pera que aprendessem a lingoa, e despedio hum Navio a Portugal de que era Capitão Gaspar de Lemos com a nova a El Rey Dom Manoel, que a recebeo com o contentamento, que tão grande cousa, e tam pouco esperada merecia.

CAPITULO SEGUNDO

Do Nome do Brasil

O dia, que o Capitão Mor Pedro Alvares Cabral levantou a Cruz, que no Capitulo atraz dissemos era a tres de Maio quando se celebra a Invenção da Santa Cruz, em que Christo Nosso Redemptor morreo por nós, e por esta causa poz nome a terra, que havia descuberta, de Santa Cruz e por este nome foi conhecida muitos annos: porem como o Demonio com o signal da Cruz perdeo todo o Dominio, que tinha sobre os homens, receando perder tambem o muito, que tinha em os desta terra, trabalhou que se esquecesse o primeiro nome, e lhe ficasse o de Brasil, por causa de hum páu assim chamado de côr abrasada, e vermelha, com que tingem panos, que o daquelle divino páu, que deo tinta e virtude a todos os Sacramentos da Igreja, e sobre que ella foi edificada, e ficou tam firme e bem fundada, como sabemos, e por ventura por isto ainda que ao nome de Brasil ajuntarão o de Estado, e lhe chamão Estado do Brasil, ficou elle tam pouco estavel, que com não haver hoje cem annos, quando isto escrevo, que se começou a povoar, ja se ham despovoados alguns lugares, e sendo a terra tam grande, e fertil, como ao diante veremos, nem por isso vae em augmento, antes em diminuição.

Disto dão alguns a culpa aos Reys de Portugal, outros aos povoadores; aos Reys pelo pouco caso que ham feito deste tam grande Estado, que nem o titulo quizerão delle, pois intitulando-se Senhores de Guiné, por huma Caravelinha que lá vae, e vem, como disse o Rey do Congo, do Brasil não se quizerão intitular, nem depois da morte de ElRey Dom João Terceiro, que o mandou povoar, e soube estimal-lo, houve outro que delle curasse, senão par

colher suas rendas, e direitos; e deste mesmo modo se ham os povoadores, os quaes por mais arraigados, que na terra estejão, e mais ricos, que sejão, tudo pertendem levar a Portugal, e se as fazendas e bens que possuem souberão fallar tambem lhes houverão de ensinar a dizer como os papagaios, aos quaes a primeira cousa que ensinão he papagaio Real pera Portugal; porque tudo querem para lá, e isto não tem só os que de lá vierão, mas ainda os que cá nascerão, que huns e outros usão da Terra, não como senhores, mas como usofructuarios, só para a desfructarem, e a deixarem destruida.

Donde nasce tambem, que nenhum homem nesta terra he republico, nem zella, ou trata do bem commum, senão cada hum do bem particular. Não notei eu isto tanto, quanto o vi notar a hum Bispo de Tucuman da ordem de S. Domingos, que por algumas destas terras passou pera a Corte, era grande Cannonista, homem de bom entendimento, e prudencia, e assi hia muito rico; notava as cousas, e via que mandava comprar hum frãgão, quatro ovos, e hum peixe, pera comer, e nada lhe trazião: porque não se achava na praça, nem no açougue, e se mandava pedir as ditas cousas, e outras muitas a casas particulares lhas mandavão, entam disse o Bispo verdadeiramente que nesta terra andão as cousas trocadas, porque toda ella não he republica, sendo-o cada casa; e assi he, que estando as casas dos ricos / ainda que seja á custa alheia, pois muitos devem quanto tem / providas de todo o necessario, porque tem escravos, pescadores, caçadores, que lhes trazem a carne e o peixe, pipas de vinho, e de azeite, que comprão por junto: nas villas muitas vezes se não acha isto de venda. Pois o que he fontes, pontes, caminhos, e outras cousas publicas he huma piedade, porque atendo-se huns aos outros nenhum as faz, ainda que bebão agoa suja, e se molhem ao passar dos rios, ou se orvalhem pelos caminhos, e tudo isto vem de não tratarem do que ha cá de ficar, senão do que hão de levar para o Reyno.

Estas são as razões, porque alguns com muita dizem, que nam permanece o Brasil nem vai em crescimento; e a estas se pode ajuntar a que atrás tocamos de lhe haverem chamado Estado do Brasil, tirando-lhe o de Santa Cruz, com que pudera ser Estado, e ter estabilidade, e firmeza.

CAPITULO TERCEIRO

Da demarcação da Terra, e costa do Brasil com a do Perú e Indias de Castella

Grandes duvidas e differentes se começavão a mover sobre as conquistas das terras do Novo Mundo, e houverão de crescer cada dia mais, se os Reys Catholicos de Castella, Dom Fernando, e Donna Isabel sua Molher, e ElRey

de Portugal Dom João Segundo, que as hião conquistando não atalharão com hum concerto, que entre si fizerão, de que tambem derão conta ao Papa, e houverão sua approvação e beneplacito. O concerto foi, que de huma das Ilhas de Cabo Verde chamada Santo Antão se medissem tresentas e setenta legoas para o Oeste, e dali lançando huma linha meridiana de Norte a Sul, todas as terras e Ilhas que estavão para descobrir desta linha para a parte do Oriente fossem da Coroa de Portugal, e as occidentaes da Coroa de Castella.

Conforme a isto diz Pedro Nunes, famoso Cosmographo, que a terra do Brasil da Coroa de Portugal começa alem da ponta do rio das Amazonas, da parte do Oeste no Porto de Vicente Pinsõ que demarca em dous gráus da linha Equinocial, pera o Norte, e corre pelo Certão athe além da Bahia de S. Mathias, por quarenta e quatro gráus, pouco mais ou menos, pera o sul, e por esta medida / diz o mesmo Comosgrapho / tem o Brasil pela Costa mil e quinhentas legoas; porem dado que assim seja na theorica a practica he não chegar o Brasil mais que athé o rio da Prata, que está em trinta e cinco gráus, e comtudo ainda tem mais de mil legoas por Costa, porque posto que em algumas partes corre de Norte a Sul, que são os gráus só de dezasete legoas e meia: todavia pela maior parte, que he pera o Sul do Cabo de Santo Agostinho athé o rio da Prata, corre de Nordeste a Sudoeste, que são de vinte e cinco legoas, e pera o Norte do Cabo Branco athe o rio das Amazonas, quazi de leste a oeste, onde se altera o gráu, se multiplicão as legoas, e assi não he muito que em trinta e cinco gráus haja tantas.

Donde se collige tambem, que he a terra do Brasil da figura de huma harpa, cuja parte superior fica mais larga ao Norte correndo do oriente ao occidente, e as colateraes a do Sertão do Norte a Sul, e da Costa do Nordeste a Sudoeste, se vão ajuntar no Rio da Prata em huma ponta á maneira de harpa, como se verá no mappa mundi, e na estampa seguinte.

Da largura que a terra do Brasil tem para o Certão não trato, porque athé agora não houve quem a andasse por negligencia dos Portuguezes, que sendo grandes conquistadores de terras não se aproveitão dellas, mas contentão-se de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos.

Depois do sobredito concerto, e demarcação, se moverão ainda novas duvidas sobre a conquista destas terras; porque hum Portuguez por nome Fernão de Magalhães, homem de grande espirito, e de muita pratica e experiencia na arte de navegação, por hum agravo, que teve de El Rey Dom Manoel por lhe não mandar acrescentar hum tostão a moradia, que tinha pera ficar igual á de seus antepassados, se tirou do seu serviço, e se passou ao Imperador Carlos Quinto, offerecendo-se athe dar maiores proveitos da India de que tinhão os Portuguezes, e por viagem mais breve e menos custosa, e perigosa que a sua, por hum Estreito que elle novamente descobrira na costa do Brasil; e lhe poz tambem as Ilhas de Maluco na demarcação de Castella. Ao que o Imperador não somente deu orelhas, mas admetio ao seu serviço, e

posto que ElRey lhe escreveo logo fazendo-lhe as lembranças necessarias, não deixou de dar navios e gente a Fernão de Magalhães com que cometeo a viagem, e foi pelo estreito ás Ilhas de Maluco, onde todos se perderão, excepto hum, que depois de passar muitos trabalhos, e perigos, e cinco mezes de fome estreitissima, de que lhe morrerão vinte e huma pessoas, os que ficarão vivos, constrangidos da extrema necessidade, arribarão á Ilha de Cabo Verde, onde os Portuguezes, emquanto não souberão da viagem que trazião, os agasalharão e proverão com todos os mantimentos e refrescos necessarios, porque os Castelhanos dizião virem das Antilhas, mas depois que entenderão a verdade, determinarão secretamente de lançar mão da Náu, e a fazerem deter, athe darem aviso ao Reyno, o que tambem aventarão os Castelhanos, e se fizerão a vella com tanta pressa, que não tiverão tempo de recolher o seu batel, e os da Ilha o tomarão com treze homens, que estavão em terra, e os mandarão logo a ElRey com novas do que passava. ElRey que já nesse tempo era Dom João o Terceiro, por falecimento de ElRey Dom Manoel seu Pae, que havia hum anno era morto a treze de Dezembro de mil quinhentos vinte e hum, mandou logo quatro Caravellas em busca do Navio, mas por maior pressa, que se derão, acharão novas, que já era aportado em Sevilha.

Pelo que determinou no seu Conselho de mandar pedir ao Imperador toda a especiaria, que o Navio trouxera das Ilhas de Maluco, por estarem dentro da sua demarcação, e que não quizesse começar a dar motivo de se quebrarem as pazes, que por ambos estavão ratificadas, e assim o escreveo ao Imperador, e a Luiz da Silveira, que havia mandado por seu Embaixador a Castella sobre casamentos, e lianças, escreveo mudasse a substancia da Embaixada, e só tratasse deste negocio, como tambem o mandou fazer o Imperador pelo seu secretario que estava em Portugal, Christovão Barroso, ao qual escreveo, que fallasse logo a ElRey, e lhe desse huma Carta, que sobre isso lhe escrevia, em que se queixava muito de todas estas cousas, e principalmente de elle mandar no alcance da sua Náu, que vinha carregada de especiaria das terras, que cabião na sua demarcação sem tocar por toda a India e que isto era quebrar as Capitulações antigas, e novas das pazes, que estavão assentadas, e juradas de hum Reyno a outro, sendo todos os Navios Portuguezes por seu mandado mui bem recolhidos em todos os portos de seus Senhorios, por onde lhe pedia, que lhe mandasse soltar os presos, e castigar na Ilha os que os prenderão: ás quaes queixas se respondeo de parte a parte, que se porião em juizo, e se julgaria o que fosse justiça.

Mas sem falta se viera o negocio a averiguar pelas armas, se não se effectuarão neste tempo os casamentos delRey com a Rainha Donna Catharina Irmãa do Imperador, e do Imperador com a Imperatriz Donna Isabel, Irmãa delRey, com que ficarão duas vezes cunhados, e Irmãos, e pelo conseguinte em muita paz e amizade.

Tambem ElRey Francisco de França desejoso de ter parte nos grandes

proveitos, que dizião tirar-se destas terras, começou a arguir novas duvidas sobre a demarcação que entre si os Reys de Portugal fizerão com os de Castella, da qual elle se lançara de fora sendo requerido para isso, e agora sentia muito a renunciação, que tinha feito. Donde se veio a dizer, que pelo desgosto, que tinha destes dous Reys de Portugal e Castella repartirem entre si o Mundo, e o demarcarem á sua vontade, consentia andarem os seus vassallos pelo mar tam soltos, que não somente roubavão os Navios, mas cometião as ditas terras, e as querião povoar, principalmente as do Brasil, como adiante veremos.

CAPITULO QUARTO

Do clima e temperamento do Brasil

Opinião foi de Aristoteles, e de outros Philosophos antigos que a zona torrida era inhabitavel, porque como o sol passa por ella cada anno duas vezes pera os Tropicos, parecia-lhes, que com tanto calor não poderia alguem viver, e confirmavão sua opinião, porque o sol aquenta com os seus raios uniformiter diformiter, mais ao perto, que ao longe, e por essa causa no inverno aquenta pouco, porque anda distante, sed sic est, que na zona temperada onde nunca entra, só pello accesso que faz no verão enfermão, e morrem os homens de calor, logo a fortiori em a zona torrida donde nunca sahe, ha de ser mortifero.

Porem a experiencia tem ja mostrado, que a zona torrida he habitavel, e que em algumas partes della vivem os homens com mais saude, que em toda a zona temperada, principalmente no Brasil, onde nunca ha peste, nem outras enfermidades commuas, senão bexigas de tempos em tempos, de que adoecem os negros, e os naturaes da terra, e isto só huma vez, sem a segundar em os que ja as tiverão, e se alguns adoecem de enfermidades particulares, he mais por suas desordens, que por malicia da terra. A razão disto he porque ainda que a terra do Brasil he callida por estar a maior della na zona torrida, comtudo he juntamente muito humida, como se prova do orvalhar tanto de noite, que nem depois de sahir o sol a quatro horas se enxugão as ervas; e se alguem dorme ao sereno, se levanta pela manhã tam molhado delle como se lhe houvera chovido.

Daqui vem tambem não poder o sal e o assucar, por mais que o sequem, e resguardem, conservar-se sem humedecer-se, e o ferro, e aço de huma espada ou navalha, por mais limpo, e sacalado, que seja se enche logo de ferrugem, e esta humidade he causa de que o calor desta terra se tempere, e faz este clima de boa complexão, outra he pelos ventos Leste, e Nordeste, que ventão

do mar todo o verão do meio dia pouco mais ou menos, athé a meia noite, e lavão e refrescão toda a terra.

A ultima causa he pela igualdade dos dias, e das noites, porque (como dizem os Philosophos) a extenção faz intenção; donde se hum puzesse, ou tivesse a mão de vagar sobre hum fogo fraco de estopas, ou de palhas se queimaria mais, que se depressa a passasse por hum fogo forte, e por isto em Portugal, posto que o calor he mais remisso se sente mais, porque dura mais, e sam maiores os dias no verão, que as noites, mas no Brasil, ainda que mais intenso, dura menos, e não aquenta tanto, que o frio da noite o não atalhe, que não chegue de hum dia a outro.

Donde se responde ao argumento de Aristoteles, que o sol aquenta mais na zona torrida, que na temperada, intensive, mas não extensive, e que esta intenção de calor se modera com os ventos frescos do mar, e humidade da terra, junto com a frescura do arvoredo, de que toda está coberta; de tal sorte que os que a habitão vivem nella alegremente. O em que se verifica a opinião dos Philosophos he nas cousas mortas, porque estando nas outras terras a carne tres ou quatro dias sãa, e incorrupta, e da mesma maneira o pescado, nesta não está vinte e quatro horas, que se não dane e corrompa.

CAPITULO QUINTO

Das minas de metaes e pedras preciosas do Brasil

Ja no Capitulo Terceiro, comecei a murmurar da negligencia dos Portuguezes, que não se aproveitavão das terras do Brasil, que conquistão, e agora me he necessario continuar com a murmuração, havendo de tratar das minas do Brasil, pois sendo contigua esta terra com a do Perú, que a não divide mais que huma linha imaginaria indivisivel, tendo lá os Castelhanos descobertas tantas, e tam ricas minas, cá nem huma passada dão por isso, e quando vão ao Sertão he a buscar Indios forros, trazendo-os a força, e com enganos, para se servirem delles, e os venderem com muito encargo de suas consciencias, e he tanta a fome que disto levão, que ainda que de caminho achem mostras, ou novas de minas, não as cavão, nem ainda as vem, ou as demarcão.

Hum soldado de credito me disse, que hindo de São Vicente com outros, entrarão muitas legoas pelo Sertão, donde trouxerão muitos Indios, e em certa paragem lhes disse hum que dali a tres jornadas estava huma mina de muito ouro limpo, e descuberto, donde se podia tirar em pedaços, porem que receava a morte se lha fosse mostrar, porque assim morrera já outro que em outra occazião a quizera mostrar aos brancos; e dizendo-lhe estes, que não temesse, porque lhe rogarião a Deus pela vida, prometeo que lha hiria mostrar, e

assentarão de partir no dia seguinte pela manhãa, porque aquelle era já tarde, com isto se apartou o Indio pera o seu rancho, e quando amanheceo o acharão morto, e como se morrerão todos, não houve mais quem tivesse animo pera descobrir aquella riqueza, que a mesma natureza / segundo dizia o Indio/ ali está mostrando descoberta. Outra entrada fez hum Antonio Dias Adorno, da Bahia, em que tambem achou de passagem muitas sortes de pedras preciosas, de que trouxe algumas mostras, e por taes forão julgadas dos lapidarios.

De christal sabemos em certo haver huma Serra na Capitania do Espirito Santo em que estão mettidas muitas Esmeraldas, de que Marcos de Azevedo levou as mostras a ElRey, e feito exame por seu mandado, disserão os lapidarios, que aquellas erão da superficie, e estavão tostadas do sol, mas que se cavassem ao fundo as acharião claras e finissimas, pelo que ElRey lhe fez mercê do Habito de Christo, e de dous mil cruzados, pera que tornasse a ellas, os quaes se não derão; e o homem era velho e morreo sem haver mais athé agora quem la tornasse.

Tambem ha minas de cobre, ferro e salitre, mas se pouco trabalhão pelas de ouro e pedras preciosas, muito menos fazem por estoutras.

Não ponho culpa a ElRey, assim porque sei que nesta materia lhe ham dado alguns alvitres falsos, e diz Aristoteles, que he pena dos que mentem não lhes darem credito quando fallão verdade, como tambem porque não basta mandar ElRey, se os Ministros não obedecem, como se vio no das Esmeraldas de Marcos de Azevedo.

CAPITULO SEXTO

Das arvores agrestes do Brasil

Ha no Brasil grandissimas mattas de arvores agrestes, cedros, carvalhos, vinhaticos, angelins, e outras não conhecidas em Hespanha, de madeiras fortissimas pera se poderem fazer dellas fortissimos galeões, e o que mais he, que da casca de algumas se tira a estopa pera se calafetarem, e fazerem cordas pera enxarcia e amarras, do que tudo se aproveitão os que querem cá fazer Navios, e se podera aproveitar ElRey se cá os mandara fazer; mas os Indios naturaes da terra as embarcações de que usão são canoas de hum só páu, que lavrão a fogo e a ferro; e ha páus tão grandes, que ficão depois de cavados com dez palmos de boca de bordo a bordo; e tam compridas, que remão a vinte remos por banda.

São tambem as madeiras do Brasil mui accomodadas pera os edificios das casas por sua fortaleza, e com ellas se acha juntamente a pregadura; porque ao pé das mesmas arvores nascem huns vimes mui rijos, chamados timbós, e cipós, que subindo athé o mais alto dellas ficão parecendo mastos de Navios

com seus ouveis, e com estes atão os caibros, ripas, e toda a madeira das casas, que houvera de ser pregadas, no que se forra muito gasto de dinheiro, e principalmente nas grandes cercas, que fazem aos pastos dos bois dos engenhos, porque não saião a comer os canaviaes do assucar, e os achem no pasto, quando os houverem mister pera a moenda, as quaes cercas se fazem de estacas e varas atadas com estes cipós.

Ao longo do mar, e em algumas partes muito espasso dentro delle ha grandes mattas de mangues, huns direitos e delgados de que fazem estas cercas e caibros pera as casas. Outros que dos ramos lhes descem ás raizes ao lado, e dellas sobem outros, que depois de cima lanção outras raizes, e assi se vão continuando de ramos a raizes, e de raizes a ramos, athe occupar hum grande espaço, que he cousa de admiração.

Não he menos admiravel outra planta, que nasce nos ramos de qualquer arvore, e ali cresce, e dá hum fructo grande, e mui doce chamado Caragatá, e entre suas folhas, que são largas, e rijas, se acha todo o verão agoa frigidissima, que he o remedio dos caminhantes, onde não ha fontes. Ha muitas castas de palmeiras, de que se comem os palmitos e o fructo, que são huns cachos de cocos, e se faz delles azeite para comer, e para a candêa, e das palmas se cobrem as casas.

Nem menos são as madeiras do Brazil formosas que fortes, porque as ha de todas as cores, brancas, negras, vermelhas, amarellas, roxas, rosadas, e jaspeadas, porem tirado o páu vermelho, a que chamão Brasil, e o amarello chamado Tataisba, e o rosado Araribba, os mais não dão tinta de suas cores, e comtudo são estimados por sua formosura pera fazer leitos, cadeiras, escriptorios e bufetes: como tambem se estimão outros, porque estillão de si oleo odorifero, e medicinal, quaes são humas arvores mui grossas, altas, e direitas chamadas Copahibas, que golpeadas no tempo do estio com hum machado, ou furadas com huma verruma, ao pé estillão do amego hum precioso oleo, com que se curão todas as enfermidades de humor frio, e se metigão as dores que dellas procedem, e sarão quaesquer chagas, principalmente de feridas frescas, posto com o sangue, de tal modo, que nem fica dellas signal algum, depois que sarão: e acerta as vezes estar este licor tam de vez, e desejoso de sahir, que em tirando a verruma, corre em tanta quantidade como se tirarão o torno a huma pipa de azeite; porem nem em todas se acha isto, senão em as que os Indios chamão femeas, e esta he a differença que tem dos machos, sendo em tudo o mais semelhantes, nem só tem estas arvores virtude em o oleo, mas tambem em a casca, e assi se achão ordinariamente roçadas dos animaes, que as vão buscar pera remedio de suas enfermidades.

Outras arvores ha chamadas Coborehibas, que dão o suavissimo balsamo com que se fazem as mesmas curas, e o Summo Pontifice o tem declarado, por materia legitima da santa uncção, e chrisma, e como tal se mistura, e sagra com os santos oleos onde falta o da Persia.

Este se tira tambem dando golpes em a arvore, e metendo nelles hum pouco de algodão em que se colhe, e exprimido o metem em huns coquinhos pera o guardarem e venderem.

Outras arvores se estimão ainda que agrestes, por seus saborosos fructos, que são innumeraveis, as que fructificão pelos campos, e mattos, e assi não poderei contar senão algumas principaes, taes são as sasapocaias de que fazem os eixos para as moendas dos engenhos, por serem rigissimas, direitas e tam grossas como toneis, cujos fructos são huns vasos tapados, cheios de saborosas amendoas, os quaes depois que estão de vez se destapão, e comidas as amendoas servem as cascas de graes para pisar adubos, ou o que querem.

Mussurandubas, que he a madeira mais ordinaria de que fazem as traves e todo o madeiramento das casas, por ser quasi incorruptivel, seu fructo he como cerejas, maior, e mais doce, mas lança de si leite, como os figos mal maduros.

Janipapos, de que fazem os remos pera os barcos como em Hespanha os fazem de faya, tem hum fructo redondo tam grande como laranjas, o qual quando he verde, exprimido dá o summo tam claro como a agoa do pote; porem quem se lava com elle fica negro como carvão, nem se lhe tira a tinta em poucos dias.

Desta se pintão, e tingem os Indios em suas festas, e sahem tão contentes nús, como se sahirão com huma rica libré, e este fructo se come depois de maduro, sem botar delle nada fora.

Gyitis he fructo de outras, o qual posto que feio á vista, e por isto lhe chamão Coroe, que quer dizer nodoso, e sarabulhento, comtudo he de tanto sabor, e cheiro, que não parece simplex, senão composto de assucar, ovos, e almiscar.

Os cajueiros dão a fructa chamada cajús, que são como verdiais, mas de mais summo, os quaes se colhem no mez de Dezembro em muita quantidade, e os estimão tanto, que aquelle mez não querem outro mantimento, bebida ou regalo, porque elles lhes servem de fructa, o summo de vinho, e de pão lhes servem humas castanhas, que vem pegadas a esta fructa, que tambem as molheres brancas presão muito, e seccas as guardão todo o anno em casa pera fazerem maçapães e outros doces, como de amendoas; e dá gomma como a Arabia. A figura desta arvore e do seu fructo he a seguinte.

O mesmo tem outra planta que produz os annanazes, fructa que em formosura, cheiro, e sabor excede todas as do Mundo, alguma tacha lhe põem os que tem chagas, e feridas abertas, porque lhas assanha muito se a comem, trazendo ali todos os ruins humores, que acha no corpo: porem isto antes argue a sua bondade, que he não soffrer comsigo ruins humores, e purgal-os, pelas vias, que acha abertas, como o experimentão os enfermos de pedra, que lha desfaz em arêas, e expelle com a ourina, e athé a ferrugem da faca, com que se apara, a limpa; a figura da planta e fructo he o seguinte.

Cultivão-se palmares de cocos grandes, e colhem-se muitos, principalmente á vista do mar, mas só os comem, e lhes bebem a agoa, que tem dentro seus mais proveitos, que tirão na India, onde diz o padre Frey Gaspar no seu Itinerario a folhas quatorze, que das palmeiras se arma huma náu a vella, e se carrega de todo o mantimento necessario sem levar sobre si mais, que a si mesma. Fazem-se favaes de favas, e feijões de muitas castas, e as favas seccas são melhores, que as de Portugal, porque não crião bicho, nem tem a casca tam dura como as de lá, e as verdes não são peiores.

A sua rama he a modo de vimes, e se tem por onde trepar faz grande ramada.

Maracujás he outra planta, que trepa pelos matos, e tambem a cultivão e põem em latadas nos pateos, e quintaes, dão fructo de quatro ou cinco sortes, huns maiores, outros menores, huns amarellos, outros roxos, todos mui cheirosos, e gostosos, e o que mais se pode notar he a flor, porque alem de ser formosa e de varias cores, he mysteriosa, começa no mais alto em tres folhinhas, que se rematão em hum globo, que representa as tres divinas pessoas em huma Divindade ou / como outros querem / os tres cravos com que Christo foi encravado, e logo tem abaixo do globo (que he o fructo) outras cinco folhas, que se rematão em huma roxa corôa, representando as cinco chagas e coroa de espinhos de Christo Nosso Redemptor.

Das arvores e plantas fructiferas, que se cultivão em Portugal, se dão no Brasil as de espinho com tanto viço, e fertilidade, que todo o anno ha laranjas, limões cidras, e limas doces em muita abundancia. Ha tambem romãas, marmellos, figos, e uvas de parreira, que se vindimão duas vezes no anno; e na mesma parreira / se querem / tem juntamente uvas em flor, outras em agraço, outras maduras, se as podão a pedaços em tempos diversos.

Ha muitas melancias e abobras de Quaresma, e de conserva muitos melões todo o verão tam bons, como os bons de Abrantes, e com esta ventagem que lá entre cento se não achão dous bons, e cá entre cento se não achão dous ruins.

Finalmente se dá no Brasil toda a hortalice de Portugal, hortelãa, endros, coentro, cegurelha, alfaces, celgas, borragens, nabos, e couves, e estas só uma vez se plantão de couvinha, mas depois dos olhos, que nascem ao pé, se faz a planta muitos annos, e em poucos dias crescem e se fazem grandes couves: alem destas ha outras couves da mesma terra, chamadas taiaobbas, das quaes comem tambem as raizes cosidas, que são como batatas pequenas.

CAPITULO SEPTIMO

Das arvores e ervas medicinaes, e outras qualidades occultas

Alem das arvores do salutifero balsamo, e oleo de Copaibba, de que já fiz menção no Capitulo Sexto, ha outras, que distillão de si mui boa almecega, pera as boticas: outras chamadas çarsafraz, ou arvores de funcho, porque cheirão a elle, cujas raizes e o proprio páu pera enfermidades de humores frios he tam medicinal como o páu da China. Ha arvores de canafistula brava, assi chamada, porque se dá nos matos, e outra que se planta, e he a mesma que das Indias.

Ha humas arvores chamadas andaz, que dão castanhas excellentes pera purgas, e outras que dão pinhões pera o mesmo effeito, os quaes tem este mysterio, que se tomão com huma tona, e peliculo sutil, que tem, provocão o vomito, e se lha tirão, somente provocão a camera. Mas tem-se por mais facil, e melhor a purga da batata, ou mechuacão, que tambem ha muita pelos mattos.

Nas praias do mar, ou ao longo dellas se dá huma erva, que se não he a çarsa parrilha, parece-se com ella, e tomada em suadouros faz os mesmos effeitos.

A erva fedegosa, chamada dos Gentios, e Indios feiticeira, por as muitas curas, que com ella se fazem, e particularmente do bicho, que he huma doença mortifera.

As ambaïbas, são humas figueiras bravas que dão huns figos de dous palmos, quazi, de comprido, mas pouco mais grossos que hum dedo, os quaes se comem e são mui doces, e os olhos destas arvores pisados, e postos em feridas frescas, com o sangue as sarão maravilhosamente. A folha da figueira do Inferno posta sobre nascidas, e leicenços metiga a dor, e a sara. As de jurubeba sarão as chagas, e as raizes são contra peçonha. A carobba sara das boubas. O cipó, das cameras; emfim não ha enfermidade contra a qual não haja ervas em esta terra, nem os Indios naturaes della tem outra botica, ou usão de outras medicinas.

Outras ha de qualidades occultas, entre as quaes he admiravel huma ervazinha, a que chamão erva viva, e lhe poderão chamar sensitiva, se o não contradissera a Philosophia, a qual ensina o sensitivo ser differença generica, que distingue o animal da planta, e assi define o animal, que he corpo vivente sensitivo.

Mas contra isto vemos, que se tocão esta erva com a mão, ou com qualquer outra cousa, se encolhe logo, e se murcha, como se sentira o toque, e depois que a largão, como já esquecida do agravo, que lhe fizerão, se torna a extender, e abrir as folhas; deve isto ser alguma qualidade occulta, qual a da pedra de cevar pera atrahir o ferro, e não lhe sabemos outra virtude.

CAPITULO OITAVO

Do mantimento do Brasil

He o Brasil mais abastado de mantimentos, que quantas terras ha no Mundo, porque nelle se dão os mantimentos de todas as outras. Da-se trigo em S. Vicente em muita quantidade, e dar-se-ha nas mais partes cansando primeiro as terras, porque o viço lhe faz mal.

Da-se tambem em todo o Brasil muito arroz, que he o mantimento da India Oriental, e muito milho zaburro, que he o das Antilhas, e India Occidental. Dão-se muitos inhames grandes, que he o mantimento de S. Thomé, e Cabo Verde, e outros mais pequenos, e muitas batatas, as quaes plantadas huma só vez sempre fica a terra inçada destas.

Mas o ordinario e principal mantimento do Brasil he o que se faz da mandioca, que são humas raizes maiores, que nabos, e de admiravel propriedade, porque se as comem cruas, ou assadas são mortifera peçonha, mas raradas, exprimidas, e desfeitas em farinha fazem dellas huns bollos delgados, que cozem em uma bacia, ou alguidar, e se chamão beijús, que he muito bom mantimento, e de facil digestão, ou cozem a mesma farinha mechendo-a na bacia como confeitos, e esta se a torrão bem, dura mais que os beijús, e por isso he chamada farinha de guerra, porque os Indios a levão quando vão a guerra longe de suas casas, e os marinheiros fazem della sua matalotage daqui pera o Reyno.

Outra farinha se faz fresca, que não he tão cozida, e pera esta / se a querem regalada / deitão primeiro as raizes de molho, athe que amoleção, e se fação brandas, e então as expremem et cetera, e se estas raizes assi molles as poem a secar ao sol chama-se carimã, e as guardão ao fumo em caniços muito tempo, as quaes, pisadas se fazem em pó tão alvo, como o da farinha de trigo, e delle amassado fazem pão, que se he de leite, ou mixturado com farinha de milho, e de arroz, he muito bom, mas extreme he algum tanto corriento; e assim o pera que mais o querem he pera papas, que fazem pera os doentes com assucar, e as tem por melhores que tizanas, e pera os sãos as fazem de caldo de peixe ou de carne, ou só de agoa, e esta he a melhor triaga, que ha contra toda a peçonha, e por isso disse destas raizes, que tinhão propriedade admiravel, porque sendo cruas mortifera peçonha, só com huma pouca de agoa e sal se fazem mantimento, e salutifera triaga: e ainda tem outra a meu ver mais admiravel, que sendo estas raizes cruas mantimento com que sustentão e engordão cevados e cavallos, se as expremem, e lhe bebem só o summo morrem logo, e com ser este summo tam fina peçonha, se o deixão assentar-se coalha em um polme, a que chamão tapioca, de que se faz mais gostosa farinha, e beijús, que da mandioca, e crú he bella gomma pera engomar manteos.

Outra casta ha de mandioca, a que chamão aipins, que se podem comer crús, sem fazer damno, e assados sabem a castanhas de Portugal assadas, e assim de huma como da outra não he necessario perder-se a semente, quando se planta, como no trigo; mas só se planta a rama feita em pedaços de pouco mais de palmo, os quaes metidos até o meio em a terra cavada dão muitas e grandes raizes, nem se recolhem em celleiros donde se comão de gorgulho como o trigo, mas colhem-as do campo pouco a pouco, quando querem, e athé as folhas pisadas, e cozidas se comem.

CAPITULO NONO

Dos animaes e bichos do Brasil

Crião-se no Brasil todos os animaes domesticos, e domaveis de Hespanha, cavallos, vaccas, porcos, ovelhas, e cabras, e parem a dous e tres filhos de cada ventre, e a carne de Porco se come indifferentemente de inverno, e verão, e a dão a doentes como a de gallinha. Ha tambem muitos porcos montezes; alguns como os javalis de Hespanha, os quaes andão em manadas, e se o caçador fere algum ha logo de subir-se a alguma arvore, porque vendo elles que não podem chegar-lhe remetem todos ao ferido, e aos outros em que se pegou algum sangue, com tanta fereza, que se não apartão athe não deixarem tres ou quatro mortos no campo, e então se vão em paz, e o caçador tambem com a caça.

Outros ha que tem o embigo nas costas, e he necessario tirar-lho com huma faca, antes que o esquartejem, sob pena de ficar toda a carne fedendo a raposinhos.

Outros ha a que chamão capyguaras, que quer dizer comedores de erva, andão sempre na agoa tirado, quando sahem a pascer pelos valles, e margens dos rios, e alguns tomão, e crião em casa fora da agoa, pelo que se julgão por carne, e não por pescado. Ha outros animaes a que chamão antas, que são de feição de mullas, mas não tam grandes, e tem o focinho mais delgado, e o beiço superior comprido a maneira de tromba, e as orelhas redondas, a cor cinzenta pelo corpo, e branca pela barriga, estas sahem a pascer só de noite, e tanto que amanhece metem-se em matos espessos, e ali estão o dia todo escondidos; a carne destes animaes, é no sabor, e fevera como de vacca, e do couro curtido se fazem mui boas couras pera vestir, e defender de settas e estocadas: algumas tem em o bucho humas pedras, que na virtude são como as de bazar, mas mais lizas, e maciças.

Ha outras mais caças de veados, coelhos, cutias, e pacas que são

como lebres, mas mais gordas, e saborosas, e não se esfollão pera se comerem, porque tem couros como de leitão.

Ha tatús, a que os Hespanhóes chamão armadilhos, porque são cobertas de huma concha não inteiriça como a das tartarugas, mas de peças a modo de laminas, e sua carne assada he como de Gallinha.

Tamandosú he hum animal tão grande como carneiro, o qual he de cor parda com algumas pintas brancas, tem o fucinho comprido e delgado pera baixo, a boca não rasgada como os outros animaes, mas pequena e redonda, a lingoa da grossura de hum dedo, e quazi de tres palmos de comprido; as unhas, a maneira de escopros, o rabo mui povoado de cerdas, quazi tam compridas como de cavallo, e todas estas cousas lhe são necessarias pera conservar sua vida; porque como não come outra cousa senão formigas, vai-se com as unhas cavar os formigueiros, athé que saião da cova, e logo lança a lingoa fora da boca, pera que se peguem a ella, e como a tem bem cheia a recolhe pera dentro, o que faz tantas vezes athe que se farta, e quando se quer esconder aos caçadores, lança o rabo sobre si, e se cobre todo com suas sedas, de modo que não se lhe vem os pés nem cabeça, nem parte alguma do corpo, e o mesmo faz quando dorme, gozando debaixo daquelle pavilhão hum somno tam quieto, que ainda que disparem junta huma bombarda, ou caia huma arvore com grande estrepito não desperta, senão he somente com hum assobio, que por pequeno, que seja o ouve logo, e se levanta.

A carne deste animal comem os Indios velhos, e não os mancebos, por suas superstições, e agouros. Ha tambem muita diversidade de animaes nocivos, que se não comem, como são onças, ou tigres, que matão touros, e se estão famintos cometerão hum exercito, mas se estão fartos, não só não offendem a alguem, mas nem ainda se deffendem e se deixão matar facilmente.

Ha raposas, e bogios, e destes ha huns que são grandes, chamados guaribbas, que tem barbas como homens, e se barbeão huns aos outros, cortando o cabello com os dentes; andam sempre em bandos pelas arvores, e se o caçador atira a algum, e não o acerta matão-se todos de riso, mas se o acerta, e não cahe, arranca a frecha do corpo, e torna a fazer tiro com ella a quem o ferio, e logo foge pella arvore acima, e mastigando folhas, metendo-as na ferida se cura, e estanca o sangue com ellas.

Outros bugios há não tam grandes, nem tem mais habilidades, que fazer momos e caretas, mas são de cheiro; e outros pequenos chamados saguins, huns pardos, outros ruivos.

Ha outro animal chamado jarutacáca, que tem as mãos e pés como bugio, o qual he malhado de varias cores e detestavel á vista, mais que ao olphato, como experimentão os que o querem caçar, porque só com huma ventosidade que larga, he tanto o fedor, que lhe foge o caçador, e do caçador fogem os visinhos, muitos dias não podendo soffrer o máu cheiro, que se lhe com-

municou, e vai communicando, por onde quer que vai, e os cães se vão muitas vezes lavar na agoa, e esfregar com a terra sem poder tirar o fedor.

Outro animal ha a que chamão perguiça, por ser tam perguiçoso, e tardo em mover os pés e maõs, que pera subir a huma arvore, ou andar hum espaço de vinte palmos ha mister meia hora, e posto que o aguilhoem, nem por isso foge mais de pressa.

Ha outro a que chamão taibú, que depois que pare os filhos, os recolhe todos em hum bolço, que tem no peito, onde os traz até os acabar de crear.

Há tambem muitas cobras, e algumas tão grandes, que engolem hum veado inteiro, e dizem os Indios naturaes da terra, que depois de fartas rebentão, e corrupta a carne se gera outra do espinhaço; porque já aconteceo achar-se alguma presa com hum vime, que tinha em si encorporado, o que não podia ser, senão que ficou junto ao vime quando rebentou, e se lhe corrompeo a carne, e depois criando outra de novo a colheo de dentro, e encorporou em si; porem não se ha de dizer que morrem /como os Indios cuidão/, senão, que com a carne corrupta ficão ainda vivas, e assi não ressuscitão mas saram, e algumas se virão ja de sessenta palmos de comprido, em Pernambuco se enrolou huma destas em hum homem, que hia caminhando, de tal sorte que se não levara hum cão comsigo, que mordendo-a muitas vezes a fez largar, sem falta o matava: e ainda assim o deixou tal, que nunca mais tornou as suas cores, e forças passadas.

Tambem me contou huma mulher de credito na mesma Capitania de Pernambuco, que estando parida lhe viera algumas noites huma cobra mamar em os peitos, o que fazia com tanta brandura, que ella cuidava ser a criança, e depois que conheceo o engano o disse ao marido, o qual a espreitou na noite seguinte e a matou. Ha outras a que chamão cascaveis; porque os tem no rabo, com que vão fazendo rugido, por onde quer que vão, e cada anno lhe nasce hum de novo, algumas vi que tinhão oito, e são tão venenosas, que os mordidos dellas de maravilha escapão. Outra ha que chamão de duas cabeças, porque tanto mordem com o rabo como com a cabeça.

Ha no Brasil infinitas formigas, que cortão as folhas das arvores, e em huma noite tosão toda huma larangeira, se seu dono se descuida de lhe botar agoa em huns textos, que tem aos pés.

Outra casta ha chamada copy, que fazem huns caminhos cobertos por onde andão, e roem as madeiras das casas, e os livros, e roupa que achão, se não ha muita vigilancia. Piolhos, e persovejos não ha no Brasil, nem tantas pulgas como em Portugal; mas ha huns bichinos de feição de pulgas, tam pequenos como piolhos de gallinhas, que se metem nos dedos, e sollas dos pés a quem anda descalço, e se fazem tam grandes, e redondos como camarinhas, quem sabe tiral-os inteiros sem lesão o faz com a ponta de hum alfinete, mas quem não sabe rebenta-os, e ficando a pelle dentro cria materia.

CAPITULO DECIMO

Das aves

Alem das aves que se crião em casa, gallinhas, patos, pombos, e perús, ha no Brasil muitas gallinhas bravas pelos matos, patos nas lagoas, pombas bravas, e humas aves chamadas jacús, que na feição e grandeza são quazi como perús.

Ha perdizes e rollas, mas as perdizes tem alguma differença das de Portugal. Ha aguias de sertão, que crião nos montes altos, e emas tam grandes como as de Africa, humas brancas, e outras malhadas de negro, que sem voarem do chão com huma aza levantada ao alto, ao modo de vella latina, correm com o vento como caravellas, e comtudo as tomão os Indios a cosso nas campinas.

Ha muitas garças ao longo do mar, e outras aves chamadas guarás, que quando empennão são brancas, e depois pardas, e finalmente vermelhas como graã. Ha papagaios verdes de cinco ou seis especies, huns maiores, outros menores, que todos fallão o que lhes ensinão. Ha tambem araras, e canindés de bico revolto como papagaios, mas são maiores, e de mais formosas pennas. Ha huns passarinhos, que porque as cobras lhes não entrem nos ninhos a comer-lhes os ovos, e filhinhos, os fazem pendurados nos ramos das arvores de quatro ou cinco palmos de comprido, com o caminho mui intrincado, e compostos de tantos pausinhos secos, que se pode com elles coser huma panella de carne. Ha outros chamados tapeis, do tamanho de melros, todos negros, e as azas amarellas, que remedão no canto todos os outros passaros perfeitissimamente, os quaes fazem seus ninhos em huns sacos tecidos.

Ha muitas mui grandes ballêas, que no meio do inverno vem a parir nas bahias, e rios fundos desta Costa, e ás vezes lanção a ella muito ambar, do que do fundo do mar arrancão, quando comem, e conhecido na praia, porque aves, caranguejos, e quantas cousas vivas ha acodem a comel-o.

Ha outro peixe chamado espadarte, por huma espada que tem no focinho de seis ou sete palmos de comprido, e hum de largo, com muitas pontas, com que peleja com as ballêas, e levantão a agoa tam alta quando brigão, que se vê dahi a tres ou quatro legoas.

Ha tambem homens marinhos, que já forão vistos sahir fora de agoa apoz os Indios, e nella hão morto alguns, que andavão pescando, mas não lhes comem mais que os olhos e nariz, por onde se conhece, que não foram tubarões, porque tambem ha muitos neste mar, que comem pernas e braços, e toda a carne.

Na Capitania de S. Vicente, na era de mil quinhentos sessenta e quatro, sahio huma noite hum monstro marinho á praia, o qual visto de hum mancebo chamado Balthazar Ferreira, filho do Capitão, se foi a elle com huma espada,

e levantando-se o peixe direito como hum homem sobre as barbatanas do rabo lhe deu o mancebo huma estocada pela barriga, com que o derribou, e tornando-se a levantar com a boca aberta pera o tragar lhe deu hum altabaixo na cabeça, com que o atordoou, e logo acudirão alguns escravos seus, que o acabarão de matar, ficando tambem o mancebo desmaiado, e quazi morto, depois de haver tido tanto animo. Era este monstruoso peixe de quinze palmos de comprido, não tinha escama senão pello, como se verá na figura seguinte.

Ha huns peixes pequenos em toda esta Costa, menores de palmo, chamados majacús, que sentindo-se presos do anzol o cortão com os dentes, e fogem, mas se lhe atão a isca em qualquer linha, e pegão nella, os vão trazendo brandamente a superficie da agoa, onde com hum redefolle os tomão sem alguma resistencia, e tanto que os tirão fora da agoa inchão tanto, que de compridos que erão ficão redondos como huma bexiga cheia de vento, e assim se lhe dão hum couce rebentão e soão como hum mosquete, tem a pelle muito pintada, mas mui venenosa, e da mesma maneira o fel; porém se o esfollão bem se comem assados, ou cosidos, como qualquer outro peixe. Outros ha do mesmo nome mas maiores, e todos cobertos de espinhos mui agudos, como ouriços cacheiros, e estes não vem senão de arribação de tempos em tempos, e hum anno houve tantos nesta Bahia, que as casas, e engenhos se alumiarão muito tempo com o azeite de seus figados.

Mariscos ha em muita quantidade, ostras, humas que se crião nos mangues, outras nas pedras, e outras nos lodos, que são maiores. Nas restingas de arêa ha outras redondas e espalmadas, em que se acha aljofar miudo, e dizem que se as tirassem do fundo de mergulho achariāo perolas grossas. Ha briguigões, amejoas, mexilhões, buzios como caracoes, e outros tam grandes, que comida a polpa ou miollo fazem das cascas buzinas, em que tangem, e soão mui longe.

Ha muitas castas de caranguejos, não só na agoa do mar, e nas praias entre os mangues: mas tambem em terra entre os mattos ha huns de cor azul chamados guaiamús, os quaes em as primeiras agoas do inverno, que são em Fevereiro, quando estão mais gordos, e as femeas cheias de ovas, se sahem das covas, e se andão vagando pelo campo, e estradas, e metendo-se pelas casas pera que os comão.

Camarões ha muitos não só no mar como os de Portugal, mas nos rios, e lagoas de agoa doce, e alguns tão grandes como lagostins, dos quaes tambem ha muitos, que se tomão nos recifes de agoas vivas, e muitos polvos e lagostas.

CAPITULO UNDECIMO

De outras cousas que ha no mar e terra do Brasil

Inopem me copia fecit, disse o Poeta, e disse verdade, porque onde as cousas são muitas he forçado que se percão, como acontece ao que vindima

a vinha fertil, e abundante de fructo, que sempre lhe ficão muitos cachos de rebisco, e assim me ha succedido com as cousas do mar e terra do Brasil, de que trato. Pelo que me he necessario rebiscar ainda algumas, que farei neste Capitulo, que quanto todas he impossivel relatal-as.

Faz-se no Brasil sal não só em salinas artificiaes, mas em outras naturaes, como no Cabo Frio, e alem do Rio Grande, onde se acha coalhado em grandes pedras muito, e muito alvo. Faz-se tambem muita cal, assim de pedra do mar, como da terra, e de cascas de ostras, que o Gentio antigamente comia, e se achão hoje montes dellas cobertos de arvoredos, donde se tira e se cose engradada entre madeira com muita facilidade.

Ha tucum, que são humas folhas quazi de dous palmos de comprido, donde só com a mão sem outro artificio se tira pitta rijissima, e cada folha dá huma estriga. Outra planta ha chamada caraguatá, da feição da erva babosa, mas cada folha tem huma braça de comprido, as quaes deitadas de molho, e pisadas se desfazem em linho, de que se fazem linhas, e cordas, e se pode fazer panno.

Ha arvores de sabão, porque com a casca das fructas se ensabôa a roupa, e as fructas são humas contas tam redondas, e negras, que parecem de páu evano torneado, e assim não ha mais que fural-as, enfial-as, e resar por ellas.

Ha muita erva de anil, e de vidro, que se não lavra. Ha muitas fontes, e rios caudalosos, com que moem os engenhos de assucar, e outros por onde entra a maré, mui largos, e fundos, e de boas barras, e portos pera os Navios.

Quiz hum pintar huma cidade mui bastecida e abastada, e pintou-a com as portas serradas, e ferrolhadas, significando que tudo tinha em si, e não era necessario vir-lhe alguma de fora, que he a excellencia; porque diz o Psalmista que louve a celestial Cidade de Jerusalem ao Senhor / Lauda Hierusalem Dominum, lauda Deum tuum, Sion, quoniam confortavit seras portarum tuarum /. Mas não faltou logo quem contrafizesse, e pintasse outra com as portas abertas, e por ellas entrando carretas carregadas de mantimentos, dizendo que aquella era mais bastecida, e abastada, nem lhe faltou outra authoridade com que a confirmar do mesmo Psalmista, o qual diz, que ama Deus muito as Portas de Sion / diligit Dominus portas Sion super omnia tabernacula Jacob / e isto não porque as tem fechadas, senão abertas a naturaes, e estrangeiros, a brancos e negros, que todos tem seu tracto e commercio / Ecce alieniginae et Tirus et populus Ethiopum hi fuerunt illic /. Conforme a isto digna he de todos os louvores a Terra do Brasil, pois primeiramente pode sustentar-se com seus portos fechados sem soccorro de outras terras: Senão pergunto eu; de Portugal vem farinha de trigo? a da terra basta. Vinho? de assucar se faz mui suave, e pera quem o quer rijo, com o deixar ferver dous dias embebeda como de uvas.

Azeite? faz-se de cocos de palmeiras. Panno? faz-se de algodão com menos trabalho do que lá se faz o de linho, e de lan; porque debaixo do

algodoeiro o pode a fiandeira estar colhendo, e fiando, nem faltão tintas com que se tinja.

Sal? cá se faz artificial e natural como agora dissemos. Ferro? muitas minas ha delle, e em S. Vicente está um engenho onde se lavra finissimo. Especiaria? ha muitas especies de pimenta, e gengivre. Amendoas? tambem se excusão com a castanha de cajú, et sic de caeteris.

Se me disserem que não pode sustentar-se a terra, que não tem pão de trigo, e vinho de uvas para as missas, concedo, pois este divino Sacramento he nosso verdadeiro sustento, mas para isto basta o que se dá no mesmo Brasil em S. Vicente e Campo de S. Paulo, como tenho dito no Capitulo Nono, e com isto está, que tem os Portos abertos e grandes barras, e bahias, por onde cada dia lhe entrão navios carregados de trigo, vinho, e outras ricas mercadorias, que deixão a troco das da terra.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO

Da origem do Gentio do Brasil, e diversidade de lingoas que entre elles ha.

Dom Diogo de Avalos visinho de Chuquiabue no Perú em a sua Miscellanea Austral, diz que em as serras de Altamira em Hespanha havia huma gente barbara, que tinha ordinaria guerra com os Hespanhoes, e que comião carne humana, do que enfadados os Hespanhoes juntarão suas forças, e lhes derão batalha na Andaluzia, em que os desbaratarão, e matarão muitos. Os poucos que ficarão não se podendo sustentar em terra a desempararão, e se embarcarão pera onde a fortuna os guiasse, e assi derão comsigo nas Ilhas Fortunadas, que agora se chamão Canarias: tocarão as de Cabo Verde e aportarão no Brasil: sahirão dous irmãos por cabos desta gente, hum chamado Tupi, e outro Guarani, este ultimo deixando o Tupi povoando o Brasil passou a Paraguae com sua gente, e povoou o Perú: esta opinião não he certa, e menos o são outras, que não refiro, porque não tem fundamento: o certo he que esta gente veio de outra parte, porem donde não se sabe, porque nem entre elles ha escripturas, nem houve algum Author antigo, que delles escrevesse. O que de presente vemos he que todos são de cor castanha, e sem barba, e só se destinguem em serem huns mais barbaros, que ontros / posto que todos o são assaz /. Os mais barbaros se chamão in genere Tapuhias, dos quaes ha muitas castas de diversos nomes, diversas lingoas, e inimigos huns dos outros.

Os menos barbaros, que por isso se chamão Apuabetó, que quer dizer homens verdadeiros, posto que tambem são de diversas nações, e nomes; porque os de S. Vicente athé o Rio da Prata são Carijóz, os de Rio de Janeiro Ta-

moios, os da Bahia Tupinambas, os do Rio de S. Franscisco, Amaupiras, e os de Pernambuco, athe o Rio das Amazonas Potyguarás, comtudo todos fallão hum mesmo lingoagem e este aprendem os Religiosos que os doutrinão por huma arte de grammatica que compoz o Padre Joseph de Ancheta, Varão Santo da ordem da Companhia de Jesus, he linguage mui compendioso, e de alguns vocabulos mais abundante que o nosso Portuguez; porque nós a todos os irmãos chamamos irmãos e a todos os tios, tios, mas elles ao irmão mais velho chamão de uma maneira, aos mais de outra. O tio irmão do pae tem hum nome, e o tio irmão da mãe outro, e alguns vocabulos tem de que não usão senão as femeas, e outros que não servem senão aos machos, e sem falta são mui eloquentes, e se presão alguns tanto disto, que da prima noite athé pela menhã andão pelas ruas e praças pregando, excitando os mais á paz, ou á guerra, ou trabalho, ou qualquer outra cousa que a occazião lhes offerece, e entretanto que hum falla todos os mais callão, e ouvem com atenção, mas nenhuma palavra pronuncião com f, l, ou r, não só das suas, mas nem ainda das nossas, porque se querem dizer Francisco, dizem Pancicú; e se querem dizer Luiz, dizem Duhi; e o peor he que tambem carecem de fé, de ley e de Rey, que se pronuncião com as ditas letras.

Nenhuma fé tem, nem adoram a algum Deus; nenhuma ley guardão, ou preceitos, nem tem Rey que lha dê, e a quem obedeção, senão he hum Capitão, mais pera a guerra, que pera a paz, o qual entre elles he o mais valente e aparentado; e morto este, se tem filho, e he capaz de governar, fica em seu lugar, senão algum parente mais chegado ou irmão.

Fóra este, que he Capitão de toda a aldeia, tem cada casa seu principal, que são tambem dos mais valentes, e aparentados, e que tem mais molheres; porem nem a estes, nem ao Maioral pagão os outros algum tributo, ou vassallagem, mais que chamal-os quando tem vinhos, pera os ajudarem a beber, ao que são muito dados, e os fazem de mel, ou de fructas, de milho, batatas, e outros legumes mastigados por donzelas, e delidos em agoa athe se azedar, e não bebem quando comem, senão quando praticão, ou bailando, ou cantando.

CAPITULO DECIMO TERCEIRO

De suas aldêas

Ha huma casta de Gentios Tapuhias chamados por particular nome Aimorés, os quaes não fazem casas onde morem, mas onde quer que lhes anoitece, de baixo das arvores limpão hum terreiro, no qual esfregando huma canna ou frecha com outra acendem lume, e o cobrem com hum couro de veado, posto sobre quatro forquilhas, e ali se deitão todos a dormir com os

pés para o fogo, dando lhes pouco, como os tenhão enxutos, e quentes, que lhes chova em todo o corpo.

Porem as mais castas de Indios vivem em aldêas, que fazem cobertas de palma, e de tal maneira arrumadas, que lhes fique no meio hum terreiro, onde fação seus bailes, e festas, e se ajuntem de noite a conselho. As casas são tam compridas que morão em cada huma setenta, ou oitenta casaes, e não ha nellas algum repartimento mais, que os tirantes, e entre hum e outro he um rancho, onde se agasalha hum casal com sua familia, e o do principal da casa he o primeiro no copiar, ao qual convida primeiro qualquer dos outros, quando vem de caçar, ou de pescar, partindo com elle daquillo que traz, e logo vai tambem repartindo pelos mais, sem lhe ficar mais que quanto então jante, ou cêe, por mais grande que fosse a cambada do pescado, ou da caça.

E quando algum vem de longe, as velhas daquella casa o vão visitar, ao seu rancho com grande pranto, não todas juntamente, mas huma depois de outra, no qual pranto lhe dizem as saudades que tiverão, e trabalhos que padecerão em sua ausencia, e elle tambem chora dando huns urros de quando em quando sem exprimir cousa alguma, e o pranto acabado lhe preguntão se veio, e elle responde que sim, e então lhe trazem de comer, o que tambem fazem aos Portuguezes, que vão ás suas aldêas, principalmente se lhes entendem a lingoa, maldizendo no choro a pouca ventura, que seus avós, e os mais antepassados tiverão, que não alcançarão gente tam valerosa como são os Portuguezes, que são senhores de todas as cousas boas, que trazem á terra de que elles dantes carecião, e agora as tem em tanta abundancia, como são machados, fouces, anzoes, facas, tesouras, espelhos. pentes, e roupas, porque antigamente roçavão os matos com cunhas de pedra, e gastavão muitos dias em cortar huma arvore, pescavão com huns espinhos, fazião o cabello, e as unhas com pedras agudas, e quando se queriam infeitar fazião de hum alguidar de agoa espelho, e que desta maneira vivião mui trabalhados, porem agora fazem suas lavouras, e todas as mais cousas com muito descanso, pelo que os devem de ter em muita estima; e este recebimento he tam usado entre elles, que nunca ou de maravilha deixão de fazer, senão quando reinão alguma malicia ou traição contra aquelles, que vão ás suas aldêas a visital-os, ou resgatar com elles.

A noite toda tem fogo pera se aquentarem, porque dormem em redes no ar, e não tem cobertores, nem vestido, mas dormem nús marido e molher na mesma rede, cada hum com os pés pera a cabeça do outro, excepto os principaes, que como tem muitas molheres dormem sós nas suas redes, e dali quando querem se vão deitar com a que lhes parece, sem se pejarem de que os vejão. Quando he hora de comer se ajuntão os do rancho, e se assentão em cocoras, mas o pae da familia deitado na rede, e todos comem em hum alguidar, ou cabaço, a que chamão cuia, que estas são as suas baixellas, e dos

cabaços principalmente fazem muito cabedal, porque lhes servem de pratos para comer, de potes, e de pucaros pera agoa e vinho, e de colheres, e assi os guardão em huns caniços que, fazem chamados juráos, onde tambem curão ao fumo os seus legumes, porque se não corrompão, e sem terem caixas, nem fechaduras, e os ranchos sem portas, todos abertos, são tão fieis huns aos outros, que não ha quem tome, ou bulla em cousa alguma sem licença de seu dono.

Não morão mais em huma aldêia que em quanto lhes não apodrece a palma dos tectos das casas, que he espaço de tres ou quatro annos, e então o mudão pera outra parte, escolhendo primeiro o principal, com o parecer dos mais antigos, o sitio que seja alto, desabafado, com agoa perto, e terra a preposito pera suas roças, e sementeiras, que elles dizem ser a que não foi ainda cultivada, porque tem por menos trabalho cortar arvores que mondar erva, e se estas aldêas ficão fronteiras de seus contrarios, e tem guerras, as cercão de páu a pique mui forte, e ás vezes de duas e tres cercas, todas com suas seteiras, e entre huma e outra cerca fazem fossos cobertos de erva, com muitos estrepes de baixo, e outras armadilhas de vigas mui pesadas, que em lhes tocando cahem, e derribão a quantos achão.

CAPITULO DECIMO QUARTO

Dos seus casamentos e criação dos filhos

Não hé facil averiguar, maiormente entre os principaes, que tem muitas molheres, qual seja a verdadeira, e ligitima, porque nenhum contracto exprimem, e facilmente deixão humas, e tomão outras, mas conjectura-se que he aquella de que primeiro se namorão, e por cujo amor servirão aos sogros, pescando-lhes, caçando, roçando o matto pera a sementeira, e trazendo-lhes a lenha pera o fogo. Mas o sogro não entrega a moça athe lhe não vir seu costume, e então he ella obrigada a trazer atado pela cintura hum fio de algodão, e em cada hum dos buchos dos braços, outro, pera que venha á noticia de todos, e depois que he deflorada pelo marido, ou por qualquer outro, quebra em signal disso os fios, parecendo-lhe que se o encobrir a levará o diabo, e o marido de qualquer maneira a recebe, e consumando o matrimonio, se tem que esta he a legitima molher, ou quando assi não estão casados, a cunhada, molher que foi do irmão defunto, ainda que lhe ficasse filho delle, ou a sobrinha / filha, não do irmão, que esta tem elles em conta de filha propria, e não casão com ella, senão da irmãa, / e com qualquer destas com que primeiro se casarão, ou seja a sobrinha ou a cunhada, os casão depois sacramentalmente os Religiosos, que os curão, no mesmo dia em que os baptizão, dispensando nos impedimentos, por privilegio que para isto tem, e lhes tirão

todas as outras, casando-as com outros, não sem sentimento dos primeiros maridos; porque de ordinario se ficão com as mais velhas.

A molher em acabando de parir se vai lavar ao rio, e o marido se deita em a rede, mui coberto, que não dê o vento, onde está em dieta, athe que se seque o embigo ao filho, e ali o vem os amigos a visitar como a doente, nem ha poder lhes tirar esta superstição, porque dizem que com isto se preservão de muitas infermidades a si, e á criança, a qual tambem deitão em outra rede com seu fogo debaixo, quer seja inverno, quer verão, e se he macho logo lhe põem na azelha da rede hum arquinho com suas frechas; e se femea huma roca com algodão.

As mães dão de mammar aos filhos sete ou oito annos, se tantos estão sem tornar a parir, e todo este tempo os trazem ao collo hora ellas, ora os maridos, principalmente quando vão ás suas roças, onde vão todos os dias depois de almoçarem, e não comem emquanto andão no trabalho, senão á vespora, despois que voltão pera casa. Os maridos na roça derrubão o matto, queimão-o, e dão a terra limpa ás molheres, e ellas plantão, mondão a erva, colhem o fructo, e o carregão, e levão pera casa em huns cofos mui grandes feitos de palma, lançados sobre as costas, que pode ser sufficiente carga de huma azemula, e os maridos levão hum lenho aos hombros, e na mão seu arco e frechas, que fazem com as pontas de dentes de tubarões, ou de humas cannas agudas, a que chamão taquaras, de que são grandes tiradores; porque logo ensinão aos filhos de pequenos a tirar ao alvo, e poucas vezes tirão a hum passarinho, que não o acertem, por pequeno que seja.

Tambem os ensinão a fazer balaios, e outras cousas de mecanica, pera as quaes tem grande habilidade, se elles a querem aprender, que se não querem não os constrangem, nem os castigão por erros, e crimes que commettão, por mais enormes que sejão. As mães ensinão as filhas a fiar algodão, e fazer redes de fio, e nastros pera os cabellos, dos quaes se presão muito, e os penteão, e untão de azeite de coco bravo, pera que se fação compridos, grossos, e negros.

Nas festas se tingem todas de genipapo, de modo que se não he no cabello parecem negras de Guiné, e da mesma tinta pintão os maridos, e lhes arrancão o cabello da barba, se acerta de lhe nascer algum, e o das sobrancelhas, e pestanas, com que elles se tem por mui galantes, junto com terem os beiços de baixo furados, e alguns as faces, e huns tornos, ou batoques de pedras verdes metidos pelos buracos, com que parecem huns demonios.

Pois hei tratado neste Capitulo do contracto matrimonial deste gentio: tratarei tambem dos mais contractos, e não serei por isso proluxo ao Leitor, porque os livros que hão escripto os Doutores de Contractibus, sem os poderem de todo resolver pelos muitos, que de novo inventa cada dia a cobiça humana, não tocão a este Gentio; o qual só usa de huma simples

commutação de huma cousa por outra, sem tratarem do excesso, ou defeito do valor, e assim com hum pintainho se hão por pagos de huma gallinha.

Nem jámais usão de pesos, e medidas, nem tem numeros por onde contem mais que athe cinco, e se a conta houver de passar dahi a fazem pelos dedos das mãos e pés, o que lhes nasce da sua pouca cobiça; posto que com isso está serem mui apetitosos de qualquer cousa, que vem, mas tanto que a tem, a tornão facilmente de graça, ou por pouco mais de nada.

CAPITULO DECIMO QUINTO

Da cura dos seus enfermos, e enterro dos mortos

Não ha entre este Gentio medicos signalados, senão os seus feiticeiros, os quaes morão em casas apartadas, cada hum per si, e com a porta mui pequena, pela qual não ousa alguem entrar, nem tocar-lhe em alguma cousa sua; porque se algum lhas toma, ou lhes não dá o que elles pedem, dizem vae, que has de morrer, a que chamão lançar a morte, e são tão barbaros que se vai logo o outro lançar na rede sem querer comer, e de pasmo se deixa morrer, sem haver quem lhe metta na cabeça que pode escapar, e assi se podem estes feiticeiros chamar mais mata-sanos, que medicos, nem elles curão os enfermos, senão com enganos chupando-lhes na parte, que lhes dóe, e tirando da boca hum espinho, ou prego velho, que já nella levavão, lho mostrão dizendo que aquillo lhes fazia o mal, e que já ficão sãos, ficando elles tam doentes como de antes.

Outros medicos ha melhores, que são os acautellados, e que padecerão as mesmas enfermidades, os quaes applicando ervas, ou outras medicinas, com que se acharão bem, sarão os enfermos, mas se a enfermidade he prolongada, ou incuravel, não ha mais quem os cure, e os deixão ao desemparo. Testemunha sou eu de hum, que achei na Paraibba tolhido de pés e mãos, a borda de huma estrada, o qual me pedio lhe desse huma vez de agoa, que morria de sede, sem os seus, que por ali passavão cada hora, lha quererem dar, antes lhe dizião que morresse, porque já estava tisico, e que não servia mais que pera comer o pão aos sãos; mandei eu buscar agoa por huns que me acompanhavão, e entretanto o fiquei cathechisando, porque ainda não era christão, e de tal maneira se acendeo em a sede de o ser, e de salvar sua alma, que vinda a agoa, primeiro quiz que o baptizasse, que beber, e dahi a poucos dias morreu em hum incendio de huma aldêia, onde o mandei levar, sem haver quem o quizesse tirar da casa que ardia, vendo que não tinha elle pés nem forças pera se livrar.

Donde se vê a pouca caridade que tem este Gentio com os fracos, e

enfermos, e juntamente a misericordia do Senhor, e effeitos da sua eterna perdistinação, a qual não só em este, mas em outros muitos manifesta muitas vezes, ordenando que per**ão os Religiosos o caminho que levão, e vão dar nos tigipares, ou cabanas com enfermos que estão agonisando, os quaes recebendo de boa vontade o sacramento do baptismo se vão a gosar da bemaventurança no Ceu.

Tanto que algum morre o levão a enterrar, embrulhado na mesma rede em que dormia, e a molher, filhas e parentas, se as tem, o vão pranteando athé a cova com os cabellos soltos lançados sobre o rosto, e depois o pranteia ainda a molher muitos dias: mas se morre algum principal da aldêa, o untão todo de mel, e por cima do mel o empennão com pennas de passaros de cores, e põem-lhe huma carapuça de pennas na cabeça com todos os mais enfeites, que elle costumava trazer em suas festas, e fazem-lhe na mesma casa, e rancho onde morava, huma cova muito funda, e grande, onde lhe armão sua rede, e o deitão nella assim enfeitado com seu arco e frechas, espada, e tamaracá, que he hum cabaço com pedrinhas dentro, com que costumão tanger, e fazem-lhe fogo ao longo da rede pera se aquentar, e põem-lhe de comer em hum alguidar, e a agoa em hum cabaço, e na mão huma canguêra, que he hum canudo feito de palma cheio de tabaco, e então lhe cobrem a cova de madeira, e de terra por cima, que não caia sobre o defunto, e a molher por dó corta os cabellos, e tinge-se toda de genipapo, pranteando o marido muitos dias, e o mesmo fazem com ella as que a vem visitar, e tanto que o cabello cresce athé lhe dar pelos olhos, o torna a cortar, e a tingir-se de janipapo, pera tirar o dó, e faz sua festa com seus parentes, e muito vinho.

O marido quando lhe morre a molher tambem se tinge de janipapo, e quando tira o dó se torna a tingir, tosquia-se e ordena grandes revoltas de cantar, e bailar, e beber, nestas festas se cantão as proesas do defunto, ou defunta, e do que tira o dó, e se morre algum menino filho de principal o metem em hum pote, posto em cocoras, atados os geolhos com a barriga, e enterrão o pote na mesma casa, e rancho, debaixo do chão, e ali o chorão muitos dias.

CAPITULO DECIMO SEXTO

Do modo de guerrear o Gentio do Brasil.

He este Gentio naturalmente tam belicoso, que todo o seu cuidado he como farão guerra a seus contrarios, e sobre isto se ajuntão no terreiro da aldêa com o principal della, os principaes das casas, e outros Indios discretos, a conselho, onde depois de assentados nas suas redes, que pera isto armão em

humas estacas, e quieto o rumor dos mais que se ajuntão a ouvir, porque he a gente que em nenhuma cousa tem segredo, propõem o maioral sua pratica, a que todos estão mui attentos, e como se acaba respondem os mais antigos cada hum per si, athe que vem a concluir no que ham de fazer, brindando-se entretanto algumas vezes com o fumo da erva santa, que elles tem por ceri- monia grave, e se concluem que a guerra se faça, mandão logo que se faça muita farinha de guerra, e que se apercebão de arcos, e frechas, e alguns pa- vezes, ou rodellas, e espadas de paus tostados, e como todas estas cousas estão prestes á noite antes da partida, anda o principal da aldêa pregando ao redor das casas, declarando-lhes onde vão, e a obrigação que tem de fazerem aquella guerra, exhortando-os á victoria, pera que fique delles memoria, e os vindouros possão contar suas proezas.

O dia seguinte depois de almoçarem toma cada hum suas armas nas mãos, e a rede em que ha de dormir ás costas, e huma paquevira de farinha, que he hum embrulho liado, quanto pode carregar, feito de humas folhas rijas, que nem se rompem, nem a agoa as passa, e não se curão de mais vianda; por- que com a frecha a cação pelo caminho, e nas arvores achão fructas, e favos de mel.

Os principaes levão comsigo suas molheres, que lhes levão a farinha, e as redes, e elles não levão mais que as armas; e antes que abalem faz o maioral hum Capitão da dianteira, que elles tem por grande honra, o qual vai mos- trando o lugar onde se ham de alojar, e o caminhar he hum ao pós outro, por hum carreiro como formigas, nem ja mais sabem andar de outra maneira, tem grande conhecimento da terra, e não só o caminho por onde huma vez forão atinão, por mais serrado que ja esteja, mas ainda por onde nunca forão.

Tanto que sahem fora de seus limites, e entrão pela terra dos contrarios, levão suas espias adiante, que são mancebos mui ligeiros, e ha alguns de tam bom faro, que a meia legoa cheirão o fogo, ainda que não appareça o fumo.

Chegando duas jornadas da aldêa de seus contrarios não fazem fogo, por- que não sejão por elles sentidos, e ordenão-se de maneira, que possão entrar de madrugada, e tomal-os descuidados, e despercebidos, e depois entrão com grande urro de vozes, e estrondo de bozinas e tambores, que he espanto, não perdoando no primeiro encontro a grandes nem pequenos, a que com suas espadas de páu não quebrem as cabeças, porque não tem por valor o ma- tar, senão quebrão as cabeças, ainda que seja dos mortos por outros, e quantas cabeças quebrão tantos nomes tomão, largando o que o pae lhes deu no nas- cimento, que hum, e outros são de animaes, de plantas, ou do que se lhes antolha, mas o nome que tomarão não o descobrem / ainda que lho roguem / senão com grandes festas de vinho, e cantares, em seu louvor, e elles se fazem riscar, e lavrar com hum dente agudo de hum animal, e lançando pó de carvão pelos riscos e lavores ensanguentados, ficão com elles impressos toda a vida, o

que tem por grande bizarria, porque por estes lavores, e pela differença delles se entende quantas cabeças quebrarão.

E sendo caso que achão seus contrarios apercebidos com cercas feitas, fazem-lhes outra contra cerca de estacas metidas na terra com ramos e espinhos, liados, a que chamão caicára, a qual em quanto verde não ha cousa que a rompa, e dali blasonão, e jogão as pulhas com os contrarios, athe que huns ou outros abalroão, ou saem a pelejar em campo, e toda a sua peleja he fazendo o motim, que he correr e saltar de huma parte pera outra, porque lhe não fação pontaria.

CAPITULO DECIMO SEPTIMO.

Dos que captivão na guerra

Os que podem captivar na guerra levão pera vender aos brancos, os quaes lhe comprão por hum machado, ou fouce cada hum, tendo-os por verdadeiros captivos, não tanto por serem tomados em guerra, pois não consta da justiça della, quanto por a vida que lhes dão, que he maior bem, que a liberdade; porque se os brancos os não comprão, os primeiros senhores os tem em prisões atados pelo pescoço, e pela cinta com cordas de algodão grossas e fortes, e dão a cada hum por molher a mais formosa moça, que ha na casa, a qual tem o cuidado de o regallar, e lhe dar de comer athe que engorde, e esteja pera o poderem comer, e então ordenão grandes festas, e ajuntamentos de parentes e amigos, chamados de trinta, quarenta legoas, com os quaes na vespora, e dia do sacrificio, cantão e bailão, comem, e bebem alegremente, e tambem o padecente come e bebe com elles, depois o untão com mel de abelhas, e sobre o mel o empennão com muitas pennas de varias cores, e a lugares o pintão de janipapo, e lhe tingem os pés de vermelho, e metendo-lhe huma espada na mão, pera que se defenda como poder, o levão assim atado a hum terreiro fora da aldêia, e o metem entre dous mourões, que estão metidos no chão, afastados hum do outro alguns vinte palmos, os quaes estão furados, e por cada furo metem as pontas das cordas, onde o preso fica como touro, e as velhas lhe cantão, que se farte de ver o sol, pois cedo o deixará de ver, e o captivo responde com muita coragem, que bem vingado ha de ser, então vão buscar o que ha de matar a sua casa todos os seus parentes, e amigos, onde o achão já pintado de tinta de janipapo com carapuça de pennas na cabeça, manilhas de ossos nos braços, e nas pernas, grandes ramaes de contas ao pescoço, com seu rabo de pennas nas ancas, e huma espada de páu pesada de ambas as mãos mui pintada, com cascas de mariscos pegadas com cera, e no cabo e empunhadura da espada grandes penachos; e assim o trazem com

grandes cantares, e tangeres de seus buzios, gaitas e tambores, chamando-lhe bemaventurado, pois chegou a tamanha honra, e com este estrondo entra no terreiro, onde o paciente o espera, e lhe diz que se defenda, porque vem pera o matar, e logo remete a elle com a espada de ambas as mãos, e o padecente com a sua se defende, e ainda ás vezes offende, mas como os que o tem pelas cordas o não deixão desviar do golpe, o matador lhe quebra a cabeça, e toma nome, que depois declara com as cerimonias que vimos no Capitulo passado.

Em morrendo este preso logo os velhos da aldêa o despedação, e lhe tirão as tripas e forçura, que mal lavadas cosem para comer, e reparte-se a carne por todas as casas, e pelos hospedes, que vierão a esta matança, e della comem logo assada, e cosida, e guardão alguma muito assada, e mirrada, a que chamão moquem, metida em novellos de fio de algodão, e posta nos caniços ao fumo, pera depois renovarem o seu odio, e fazerem outras festas, e do caldo fazem grandes alguidares de migas, e papas de farinha de carima, pera suprir na falta de carne, e poder chegar atodos; o que o matou nenhuma cousa come delle, antes se vai logo deitar na rede, e se faz todo sarrafaçar, e sangrar, tendo por certo que morrerá se não derrama de si aquelle sangue, nem faz o cabello dali a sete ou oito mezes, os quaes passados faz muitos vinhos, e appelida os amigos para beber, e cantar, e com essa festa se tosquêa, dizendo que tira o dó daquelle morto, e he tam cruel este Gentio com os seus captivos, que não só os matão a elles, mas se acontece a algum haver filho da moça que lhe derão por molher, a obrigão que o entregue a hum parente mais chegado, pera que o mate, quazi com as mesmas cerimonias, e a mãe he a primeira que lhe come a carne; posto que algumas, pelo amor que lhes tem, os escondem, e ás vezes soltão tambem os presos, e se vão com elles pera suas terras, ou pera outras.

LIVRO SEGUNDO

DA HISTORIA DO BRASIL NO TEMPO DO SEU DESCOBRIMENTO

CAPITULO PRIMEIRO

De como se continuou o descobrimento do Brasil, e se deu ordem a se povoar

Posto que El Rey Dom Manoel, quando soube a nova do descobrimento do Brasil, feito por Pedro Alvares Cabral, andava mui occupado com as conquistas da India Oriental, pelo proveito que de si prometião, e com as de Africa pela gloria e louvor, que a seus vassallos dellas resultava, não deixou, quando teve occazião de mandar huma armada de seis vellas, e por Capitão Mor dellas Gonçallo Coelho, pera que descobrisse toda esta Costa, o qual andou por ella muitos mezes descobrindo-lhe os portos, e rios, e em muitos delles entrou e assentou marcos, com as armas del Rey, que pera isso trazia lavrados, mas pela pouca experiencia que então se tinha de como corria a Costa, e os ventos com que se navega, passou tantos trabalhos e infortunios, que foi forçado tornar-se pera o Reyno com duas caravellas menos, e a tempo em que já era morto El Rey Dom Manoel, que faleceo no anno do Senhor de mil quinhentos vinte e hum ; e reinava seu filho ElRey Dom João Terceiro, ao qual se apresentou com as informações que poude alcançar, pelas quaes ElRey parecendo-lhe cousa de importancia, mandou logo outra armada, e por Capitão Mor Christovão Jacques, Fidalgo de Sua Casa, que neste descobrimento trabalhou com notavel proveito sobre a clareza da navegação desta Costa, continuando com seus padrões conforme o regimento que trazia, e andando correndo esta grande Costa veio dar com a Bahia a que chamou de todos os Santos, por ser no dia da sua festa, primeiro de Novembro, e entrando por ella, especulando todo o seu reconcavo, e rios, achou em hum delles chamado de Paraguasú duas Naus Francezas, que estavão ancoradas commerciando com o Gentio, com as quaes se poz ás bombardadas, e as meteu no fundo com toda a gente, e fazenda, e logo se foi pera o Reyno, e deu as informações de tudo a sua Alteza, as quaes bem consideradas, com outras que já tinha de Pedro Lopes de

Sousa, que por esta Costa tambem andou com outra armada, ordenou que se povoasse esta Provincia, repartindo as terras por pessoas que se lhe offerecerão pera as povoarem, e conquistarem á custa de sua fazenda, e dando a cada hum cincoenta legoas por costa com todo o seu sertão, para que elles fossem não só Senhores, mas Capitães dellas; pelo que se chamão, e se distinguem por Capitanias.

Deu-lhes jurisdicção no crime de baraço, e pregão, açoutes, e morte, sendo o criminoso peão, e sendo nobre até dez annos de degredo; e no civel cem mil reis de alçada, e que assistão ás eleições dos juizes, e vereadores elles ou seu Ouvidor, que elles fazem, como tambem fazem Escrivães do publico, judicial e notas, Escrivão da Camara, Escrivão da Ouvidoria, Juiz, e Escrivão dos Orphãos, Meirinho da Villa, Alcaide do Campo, porque o do Carcere provê o Alcaide Mor, e El Rey os Officios da Sua Real Fazenda, como são os dos Provedores, e seus Meirinhos, Almoxarifes, Porteiros da Alfandega, e Guardas dos Navios; e ainda que os Donatarios são sismeiros das suas terras, e as repartem pelos moradores como querem, todavia movendo-se depois alguma duvida sobre as datas, não são elles os Juizes dellas, senão o Provedor da Fazenda, nem os que as recebem de sismaria tem obrigação de pagar mais que dizimo a Deus dos fructos que colhem, e este se paga a El-Rey por ser Mestre da Ordem de Christo, e elle dá aos Donatarios a redizima, que he o dizimo de tudo o que lhe rendem os dizimos: pertens ce-lhes tambem a vintena de todo o pescado que se pesca nos limites dar suas Capitanias, e todas as agoas com que moem os engenhos de assucar, pelos quaes lhes pagão de cada cem arrobas duas, ou tres, ou conforme se concertão os Senhores dos engenhos com elles, ou com seus Procuradores, as quaes pensões não tem a Bahia, Rio de Janeiro, Parayba e as mais Capitanias de El Rey, nas quaes se paga o dizimo somente, mas no que toca a jurisdicção do civel, e crime lha limitou El Rey depois muito, como veremos no Capitulo Primeiro do Livro Terceiro.

CAPITULO SEGUNDO

Das Capitanias e terras, que El Rey doou a Pero Lopes e Martim Affonso de Souza, Irmãos

Como Pero Lopes de Souza havia já andado por estas partes do Brasil coube-lhe a escolha primeiro que a outros, e não tomou todas as suas cincoenta legoas juntas, senão vinte e cinco em Tamaraca, de que adiante trataremos, e outras vinte e cinco em São Vicente, que se demarcão e confrontão com as terras da Capitania de seu Irmão Martim Affonso de Souza em tanta visinhança, que não deixa de haver litigio e duvidas, sendo que quando de

principio as povoarão e fortificarão foi de muito proveito esta visinhança, por se poder ajudar hum ao outro, e defender do inimigo, como bem se vio depois de idos pelas muitas guerras que os moradores tiverão com os Gentios, e Francezes, que entre elles andavão, e por mar em canoas lhe vinhão dar muitas assaltos, e por muitas vezes os tiverão cercados, e sempre se defenderão muito bem, o que não puderão fazer se as povoações e fortes não estiverão tam proximos.

Donde se verifica bem o que Scipião Africano disse no Senado de Roma, que era necessario continuar-se com as guerras de Africa, porque faltando estas as haveria civis entre os visinhos; como as houve entre estes /ainda que Irmãos/ depois que vencerão os Gentios; mas descendo ao particular a razão das duvidas, que estes Senhores tem, ou seus herdeiros, acerca destas Capitanias me parece que he por dizerem as suas doações, que se demarcarão pela barra do Rio de S. Vicente, hum pera o Norte, outro pera o Sul, e como este Rio tem tres barras, causadas de duas ilhas, que o dividem, huma que corre ao longo da Costa, e outra dentro do Rio, como se verá na descripção seguinte, daqui vem duvidar-se de qual destas barras se ha de fazer a demarcação.

Nesta ilha fóra esteve uma Villa, que se chamou Santo Amaro, de que já não ha mais que a ermida do Santo: mas fez-se outra na terra firme da parte do Sul chamada Villa da Conceição. Na ilha de dentro ha duas povoações, huma chamada de Santos, outra de São Vicente como o rio, a qual veio edificar Martim Affonso de Souza em pessoa, e a povoou de mui nobre gente, que comsigo trouxe, e assim floreceo em mui breve tempo.

Daqui se embarcou em o anno de mil quinhentos e trinta e tres, pera descobrir mais Costa e rios della, e foi correndo athé chegar ao Rio da Prata, pelo qual navegou muitos dias, e perdendo alguns Navios e gente delles em os baixos do rio, se tornou pera a sua Capitania, donde foi chamado por Sua Alteza pera o mandar por Capitão Mor do mar da India, do que servio muitos annos, e depois de Governador da India, donde vindo a Portugal servio muitos annos no Conselho de Estado athé El Rey Dom Sebastião, em cujo tempo falleceo.

Pelo sertão nove legoas do rio de São Vicente está a Villa de São Paulo, em a qual ha hum Mosteiro da Companhia de Jesus, outro do Carmo, e nos tem signalado sitio pera outro de nossa Seraphica Ordem, que nos pedem queiramos edificar ha muitos annos, com muita instancia e promessas, e sem isso era incitamento bastante termos ali sepultado na igreja dos Padres da Companhia hum frade leigo da nossa Ordem, Castelhano, a quem matou outro Castelhano secular, porque o reprehendia que não jurasse, foi Religioso de santa vida, e confirmou-o Deus depois de seu martyrio com hum milagre, e foi que assentando-se huma molher enferma de fluxo de sangue sobre a sua sepultura ficou sãa.

Ao redor desta Villa estão quatro aldêas de Gentio amigo, que os Padres da Companhia doutrinão, fóra outro muito, que cada dia desce do sertão.

São os ares destas duas Capitanias frios e temperados, como os de Hespanha, porque já estão fóra da zona torrida em vinte e quatro graus e mais; e assim he a terra mui sadia, fresca e de boas agoas, e esta foi a primeira onde se fez assucar, donde se levou plantas de canas pera as outras Capitanias, posto que hoje se não dão tanto a fazel-o quanto a lavoura do trigo, que se dá ali muito, e cevada, e grandes vinhas, donde se colhem muitas pipas de vinho, ao qual pera durar dão huma fervura no fogo.

Outros se dão a criação de vacas, que multiplicão muito, e são as carnes mais gordas que em Hespanha, principalmente os cevados, que se cevão com milho zaburro, e com pinhões de grandes pinhaes, que ha agrestes, tam ferteis e viçosos, que cada pinha he como huma botija, e cada pinhão depois de limpo como huma castanha, ou belota de Portugal.

Cavallos ha tantos, que val cada hum cinco ou seis tostões. Mas o melhor de tudo he o ouro, de que trataremos adiante, quando tratarmos do Governador Dom Francisco de Souza, que por mandado d'El Rey assistio nas minas.

(A) Destas Villas se foi á poucos annos hum morador de nação Castelhano, por ser muito cioso da mulher, que era Portugueza, natural de São Vicente, e muito formosa, a morar em huma ilha chamada a Cananea, que fica mais ao Sul, e chegada ao Rio da Prata; mas pouco viveo sem seus receios, porque conhecida a fertilidade da terra, se forão outros muitos com suas familias a morar tambem a ella, e se fez uma povoação tão grande como estoutras.

CAPITULO TERCEIRO

Da terra e Capitania, que El Rey doou a Pero Lopes

Em companhia de Pedro Lopes de Souza andou por esta costa do Brasil Pedro de Goes, fidalgo honrado, muito Cavalleiro, e pela afeição que tomou á terra pedio a El Rey Dom João que lhe desse nella huma Capitania, e assim lhe fez mercê de cincoenta legoas de terra ao longo da Costa, ou as que se achassem donde acabassem as de Martim Affonso de Souza, athé que entestasse com as de Vasco Fernandes Coutinho: da qual Capitania foi tomar posse com huma boa frota, que fez em Portugal á sua custa, bem fornecida de gente e todo o necessario, e no rio chamado da Paraibba, que está em vinte e hum gráus e dous terços, se fortificou e fez huma povoação, em que esteve bem os

(A) Este paragrapho he tirado das addições e emendas a esta Historia do Brasil, que existe no Real Archivo da Torre do Tombo.

primeiros dous annos, e depois se lhe levantou o Gentio, e o teve em guerra cinco ou seis annos, fazendo ás vezes pazes, que logo quebravão, e o apertavão tanto, que forçado a despejar a terra, e passar-se com toda a gente pera a Capitania do Espirito Santo, em embarcações, que pera isso lhe mandou Vasco Fernandes Coutinho, donde ficou com toda a sua fazenda gastada, e muitos mil cruzados de hum Martim Ferreira, que com elle armava pera fazerem muitos Engenhos de assucar.

No districto desta terra e Capitania cahe a terra dos Aitacazes, que he toda baixa, e alagada, onde estes Gentios vivem mais á maneira de homens marinhos, que terrestres; e assim nunca se puderão conquistar, posto que a isso forão algumas vezes ao Espirito Santo e Rio de Janeiro; por que quando se ha de vir ás mãos com elles, metem-se dentro das lagoas, onde não ha entral-os a pé nem a cavallo, são grandes buzios e nadadores, e a braços tomão o peixe ainda que sejão tubarões, pera os quaes levão em huma mão hum páu de palmo pouco mais, ou menos, que lhes metem na boca direito, e como o tubarão fique com a boca aberta, que a não pode serrar com o páu, com a outra mão lhe tirão por ella as entranhas, e com ellas a vida, e o levão pera a terra não tanto pera os comerem, como pera dos dentes fazerem as pontas das suas frechas, que são peçonhentas e mortiferas, e pera provarem forças e ligeireza, como tambem dizem que as provão com os veados nas campinas, tomando-os a cosso, e ainda com os tigres, e onças, e outros feros animaes.

Estas e outras incrediveis cousas se contão deste Gentio, creia-as quem quizer, que o que daqui eu sei he, que nunca foi alguem a seu poder, que tornasse com vida para as contar; verdade he que já hoje ha delles mais noticia, porque lhes deu uma cruel doença de bexigas, que os obrigou a nos irem buscar, e ser nossos amigos, como veremos em o Livro quinto desta Historia.

CAPITULO QUARTO

Da terra e Capitania do Espirito Santo, que El Rey doou a Vasco Fernandes Coutinho

Não teve menos trabalhos com a sua Capitania Vasco Fernandes Coutinho, a quem El Rey, pelos muitos serviços que lhe havia feito na India, lhe fez mercê de cincoenta legoas de terra por costa, o qual a foi conquistar, e povoar com huma grande frota á sua custa, levando comsigo a Dom Jorge de Menezes o de Maluco, e Dom Simão de Castello Branco, e outros fidalgos, com os quaes avistando primeiro a serra de Mestre Alvaro, que he grande, alta e redonda, foi entrar no Rio do Espirito Santo, o qual está em vinte gráus; onde logo á entrada do rio, da banda do Sul, começou a edificar a villa da

Victoria, que agora se chama a Villa Velha em respeito da outra villa do Espirito Santo, que depois se edificou huma legoa mais dentro do Rio, em a Ilha de Duarte de Lemos, por temor do Gentio: e como o espirito de Vasco Fernandes era grande, deixando ordenados quatro engenhos de assucar, se tornou pera o Reyno a aviar-se pera ir pelo sertão a conquistar minas de ouro, e prata, de que tinha novas, deixando por seu locotenente Dom Jorge de Menezes, ao qual logo os Gentios fizerão tão cruel guerra, que lhe queimarão os engenhos, e fazendas, e a elle matarão ás frechadas, sem lhe valer ser tam grande Capitão, e que na India, Maluco, e outras partes tinha feitas muitas cavallarias.

O mesmo fizerão a Dom Simão de Castello Branco, que lhe succedeo na Capitania, e a puzerão em tal cerco, e aperto, que não podendo os moradores della resistir-lhes se passarão pera outras, e tornando-se Vasco Fernandes Coutinho do Reyno pera a sua, por mais que trabalhou o possivel pela remediar, e vingar do Gentio, não foi em sua mão, por estar sem gente e munições de guerra, e o Gentio pelas victorias passadas muito soberbo, antes viveo muitos annos mui afrontado delles em aquella ilha, athé que depois pouco a pouco reformou as duas ditas Villas.

Mas emfim gastados muitos mil cruzados, que trouxe da India, e muito patrimonio, que tinha em Portugal, acabou tam pobremente que chegou a lhe darem de comer por amor de Deus, e não sei se teve hum lençol seu em que o amortalhassem.

Seu filho do mesmo nome tambem com muita pobreza viveo, e morreo na mesma Capitania, e não se attribua isto á maldade da terra, que he antes huma das melhores do Brasil; porque dá muito bom assucar, e algodão, gado vaccum, e tanto mantimento, fructas e legumes, pescado e mariscos, que lhe chamava o mesmo Vasco Fernandes o meu *Villão farto.*

Dá tambem muitas arvores de balsamo, de que as molheres misturando-o com a casca das mesmas arvores pizadas fazem muita contaria, que se manda pera o Reyno, e pera outras partes; mas o que fez mal a estes senhores depois das guerras foi não seguirem o descobrimento das minas de ouro e prata, como determinavão, e parece que herdarão delles este descuido seus successores, pois descobrindo-se despois na mesma Capitania huma serra de christal, e esmeraldas, de que tenho feito menção em o Capitulo quinto do primeiro Livro, nem disto se trata, nem de fortificar-se a terra, pera defender-se dos corsarios, sendo que por ser o Rio estreito se podéra fortalecer com facilidade: antes levando-o pelo espiritual me disse Francisco de Aguiar Coutinho, senhor della, que dissera a Sua Magestade que tinha huma fortaleza na barra da sua Capitania, que lha defendia, e não havia mister mais, e que esta era a ermida de Nossa Senhora da Penna, que ali está, aonde do Mosteiro do Nosso Padre S. Francisco, que temos na Villa do Espirito Santo, vão dous frades todos os sabbados a dizer missa, e a temos a nossa conta; e na verdade a dita ermida

se pode contar por huma das maravilhas do Mundo, considerando-se o sitio, porque está sobre hum monte alto hum penedo, que he outro monte, a cujo cume se sobe por cincoenta e cinco degraus lavrados no mesmo penedo, e em cima tem hum plano, em que está a igreja, e capella, que he de abobeda, e ainda fica ao redor por onde ande a procissão cercado de peitoril de parede, donde se não pode olhar pera baixo sem que fuja o lume dos olhos.

Nesta ermida esteve antigamente por ermitão hum frade leigo da nossa Ordem, Asturiano, chamado Frey Pedro, de mui santa vida, como se confirmou em sua morte, a qual conheceo alguns dias antes, e se andou depedindo das pessoas devotas, dizendo que feita a festa de Nossa Senhora, havia de morrer, e assim succedeo, e o acharão morto de geolhos, e com as mãos levantadas como quando orava, e na tresladação de seus ossos desta igreja pera o nosso Convento, fez muitos milagres, e poucos enfermos os tocão com devoção que não sarem logo, principalmente de febres, como tudo consta do Instrumento de testemunhas que está no archivo do Convento.

CAPITULO QUINTO

Da Capitania de Porto Seguro

Esta Capitania foi a primeira terra do Brasil que se descobrio por Pedro Alvares Cabral indo pera a India, como está dito no Primeiro Capitulo do Primeiro Livro, e della fez ElRey mercê, e doação de cincoenta legoas de terra na forma das mais a Pedro do Campo Tourinho, natural de Vianna, muito visto na arte de marear, o qual armando huma frota de muitos navios á sua custa, com sua molher e filhos, e alguns parentes, e muitos amigos, partio de Vianna, e desembarcou no rio de Porto Seguro, que está em desaseis gráus, e dous terços, e se fortificou no mesmo lugar onde agora he a Villa, cabeca desta Capitania: edificou mais a Villa de Santa Cruz, e outra de Santo Amaro, onde está huma ermida de Nossa Senhora da Ajuda em hum monte mui alto, e no meio delle, no caminho por que se sobe, huma fonte de agoa milagrosa, assim nos effeitos, que Deus obra por meio della, dando saude aos enfermos, que a bebem, como na origem, que subitamente a deo o Senhor ali pela oração de hum Religioso da Companhia, segundo me disse como testemunha de vista, e bem qualificada, hum neto do dito Pedro do Campo Tourinho, e do seu proprio nome, meu condiscipulo em o estudo das Artes e Theologia, e depois Deão da Sé desta Bahia, o qual despois da morte de seu avô, se veio a viver com sua avó e mãe, por sua mãe Leonor do Campo, com licença de Sua Magestade, vender a Capitania a Dom João de Lencastre, primeiro Duque de Aveiro, por cem mil reis de juro, o qual mandou logo Capitão que a governasse em seu nome, e

fizesse hum Engenho á sua custa, e desse ordem a se fazerem outros, como se fizerão, posto que depois se forão desfazendo todos, assim por falta de bois, que não cria esta terra gado vaccum, por causa de certa erva do pasto, que o mata, como por os muitos assaltos do gentio Aymoré, em que lhe matavão os escravos, pelo que tambem despovoarão muitos moradores, e se passarão pera outras Capitanias.

Porem sem isto tem outras cousas, pelas quaes merecia ser bem povoada; porque no rio Grande, onde parte com a Capitania dos Ilheos, tem muito páu brasil, e no rio das Caravellas muito zimbo, dinheiro de Angola, que são huns buziozinhos mui miudos de que levão pipas chêas, e trazem por ellas navios de negros, e na terra deste rio, e em todas as mais que ha athe entestar com as de Vasco Fernandes Coutinho, se dá muito bem o gado vaccum, e se podem com facilidade fazer muitos engenhos.

CAPITULO SEXTO

Da Capitania dos Ilheos

Quando El-Rey Dom João Terceiro repartio as Capitanias do Brasil, fez mercê de huma dellas, com cincoenta legoas de terra por costa, a Jorge de Figueiredo Corrêa, escrivão de sua Fazenda, a qual começa da ponta do Sul da barra da Bahia, chamada o morro de São Paulo, por diante.

Este Jorge de Figueiredo fez huma frota bem provida do necessario, e moradores, com a qual mandou hum Castelhano, grande cavalleiro, homem de esforço, e experiencia, chamado Francisco Romeiro, o qual desembarcando no dito morro, começou ali a povoar, e por se não contentar do sitio, se passou para onde está a Villa dos Ilheos, que assim se chama pelos que tem defronte da barra, e vindo assentar pazes com o gentio Tupinaquim foi com a Capitania em grande crescimento, e neste estado a vendeo o Donatario com licença de Sua Magestade a Lucas Gyraldes, que nella meteo grande cabedal, com que veio a ter oito engenhos, ainda que os feitores (como costumão fazer no Brasil) lhe davão em conta a despeza por receita, mandando-lhe mui pouco ou nenhum assucar: pelo que elle escreveo a hum Florentino chamado Thomaz, que lhe pagava com cartas de muita eloquencia, Thomazo, quiere que te diga, manda la asucre deixa la parolle, e assignou-se, sem escrever mais letra.

Mas não foi este o mal desta Capitania, senão a praga dos selvagens Aymorés, que com seus assaltos crueis, fizerão despovoar os engenhos, e se hoje estão já de paz, ficarão os homens tão desbaratados de escravos, e mais fabrica, que se contentão com plantar mantimento pera comer.

Porem no rio do Camamú, e nas ilhas de Tinharé, e Boepeba, que são da mesma Capitania, e estão mais perto da Bahia, ha alguns bons engenhos,

e fazendas, e no rio de Taipé, que dista só duas legoas dos Ilheos, tem Bartholomeu Luiz de Espinha hum engenho, e junto delle está huma lagoa de agoa doce, onde ha muito e bom peixe do mar, e peixes bois, e hum pomar formoso de marmellos, figos, e uvas, e fructas de espinhos.

CAPITULO SEPTIMO

Da Capitania da Bahia

Toma esta Capitania o nome da Bahia por ter huma tão grande, que por antonomasia e excellencia se levanta com o nome commum, e apropriando-o a si se chama a Bahia, e com razão, porque tem maior reconcavo, mais ilhas, e rios dentro de si, que quantas são descobertas em o Mundo, tanto que tendo hoje cincoenta engenhos de assucar, e pera cada engenho mais de dez lavradores de cannas, de que se faz o assucar, todos tem seus esteiros, e portos particulares; nem ha terra que tenha tantos caminhos, por onde se navega.

As ilhas que dentro de si tem, entre grandes e pequenas, são trinta e duas, só tem hum senão, que he não se poder defender á entrada dos corsarios, porque tem duas bocas, ou barras, huma dentro da outra, a primeira a Leste da ponta do padrão da Bahia, ou morro de S. Paulo, que he de doze legoas, a segunda, que he a interior ao Sul da dita barra, ou ponta do Padrão, a Ilha de Taparica, que he boca de tres legoas.

Está esta Bahia em treze graus, e hum terço, e tem em seu circuito a melhor terra do Brasil; porque não tem tantos areaes como as da banda do Norte, nem tantas penedias como as do Sul, pelo que os Indios velhos comparão o Brasil a huma pomba, cujo peito he a Bahia, e as azas as outras Capitanias, porque dizem que na Bahia está a polpa da terra, e assim dá o melhor assucar que ha nestas partes.

Tambem he tradição antiga entre elles, que veio o bemaventurado Apostolo São Thomé a esta Bahia, e lhes deo a planta da mandioca, e das bananas de São Thomé, de que temos tratado no primeiro Livro; e elles em paga deste beneficio, e de lhes ensinar que adorassem e servissem a Deus, e não ao Demonio, que não tivessem mais de huma molher, nem comessem carne humana, o quizerão matar e comer, seguindo-o effeito athe huma praia, donde o Santo se passou de huma passada á Ilha de Maré, distancia de meia legoa, e dahi não sabem por onde, devia de ser indo pera a India, que quem taes passadas dava bem podia correr todas estas terras, e quem as havia de correr tambem convinha que desse taes passadas.

Mas como estes Gentios não usem de escripturas, não ha disto mais outra prova, ou indicios, que achar-se huma pegada impressa em huma pedra em

aquella praia, que dizião ficara do Santo quando se passou á ilha, onde em memoria fizerão os Portuguezes no alto huma ermida do titulo, e invocação de São Thomé.

Pela banda do Norte parte esta Capitania com a de Pernambuco, pelo rio de São Francisco, o qual era merecedor de se escrever não só em hum Capitulo particular, senão em muitos, por as muitas e grandes cousas, que delle se dizem, mas contento-me com passal-as em summa, ou a vulto, como hei passado outras, porque estão todas as do Brasil tam desacreditadas, que não sei se ainda assim o quererão ler.

Está este rio em altura de dez gráus, e huma quarta, na bocca da barra tem duas legoas de largo, entra a maré por elle outras duas somente, e dahi pera cima he agoa doce, donde ha tam grandes pescarias, que em quatro dias carregão de peixe quantos caravellões la vão, e se querem navegão por elle athe vinte legoas, ainda que sejão de cincoenta toneladas de porte.

No inverno não traz tanta agoa, nem corre tanto como no verão, e no cabo das ditas vinte legoas, faz huma cachoeira, por onde a agoa se despenha, e impede a navegação; porem dahi por diante se pode navegar em barcos, que la se armarem, athe hum sumidouro, onde este rio vem dez ou doze legoas por baixo da terra, e tambem he navegavel dahi para cima oitenta, ou noventa legoas, podendo navegar barcos, ainda mui grandes, pela quietação com que corre o rio, quazi sem sentir-se, e os Indios Anaupirás navegão por elle em canôas.

He gentio este que ainda não foi tratado, e dizem que se atavião com algumas peças de ouro; pelo que Duarte Coelho de Albuquerque, senhor que foi de Pernambuco, tratou no Reyno desta conquista, mas nunca se fez, nem o rio se povoou athe agora mais que de alguns curraes de gado e rocas de farinha ao longo do mar, sendo assim que he capaz de boas povoações, porque tem muito páu brasil e terras para engenhos.

Não trato do rio de Sergipe, do rio Real, e outros, que ficão nos limites desta Capitania da Bahia, por não ser prolixo, e tambem porque ao diante pode ser tenhão lugar.

Desta Capitania da Bahia fez mercê El Rey Dom João Terceiro a Francisco Pereira Coutinho, Fidalgo mui honrado, de grande fama, e cavallarias em a India, o qual veio em pessoa com huma grande armada á sua custa em o anno do nascimento do Senhor de mil quinhentos e trinta e cinco, e desembarcando da ponta do Padrão da Bahia pera dentro se fortificou; onde agora chamão a Villa Velha, esteve de paz alguns annos com os Gentios, e começou dous engenhos: levantando-se elles depois, lhos queimarão, e lhe fizerão guerra por espaço de sete ou oito annos, de maneira que lhe foi forçado, e aos que com elle estavão, embarcarem-se em caravellões, e acolherem-se á Capitania dos Ilheos, aonde o mesmo Gentio, obrigado da falta do resgate, que com elles fazião, se forão ter com elles assentando pazes, e pedindo-lhes que se tornassem,

como logo fizerão com muita alegria; porem levantando-se huã tormenta derão á costa dentro na Bahia na ilha Taparica, onde o mesmo Gentio os matou, e comeo a todos, excepto hum Diogo Alvares, por alcunha posta pelos Indios o Caramurú, porque lhe sabia fallar a lingoa, e não sei se ainda isto bastaria pelo que são carniceiros, e ficarão encarniçados nos companheiros, se delle não se namorara a filha de hum Indio principal, que tomou a seu cargo o defendel-o, e desta maneira acabou Francisco Pereira Coutinho com todo o seu valor, e esforço, e a sua Capitania com elle.

CAPITULO OITAVO

Da Capitania de Pernambuco, que El Rey doou a Duarte Coelho

As cincoenta legoas de terra desta Capitania se contêm do rio de São Francisco, de que tratei no Capitulo proximo passado, até o rio de Igarusú, de que tratei no Capitulo Segundo deste Livro, e chama-se de Pernambuco, que quer dizer mar furado, por respeito de huma pedra furada, por onde o mar entra, a qual está vindo da ilha de Tamaracá, e tambem se poderá assim chamar por respeito do Porto principal desta Capitania, que he o mais nomeado, e frequentado de navios que todos os mais do Brasil, ao qual se entra pela bôca de hum recife de pedra tam estreita, que não cabe mais de huma náu enfiada apoz outra, e entrando desta barra, ou recife para dentro, fica logo ali hum poço, ou surgidouro, onde vem acabar de carregar as náus grandes, e nadão as pequenas carregadas de cem tonelladas, ou pouco mais, para o que está ali huma povoação de duzentos visinhos com huma freguezia do Corpo Santo, de quem são os mareantes mui devotos, e muitas vendas, e tabernas, e os passos de assucar, que são humas logeas grandes, onde se recolhem os caixões athé se embarcarem os navios.

Esta povoação, que se chama do Recife, está em oito graus huma legoa da villa de Olinda, cabeça desta Capitania, aonde se vai por mar, e por terra, porque he huma ponta de arêa como ponte, que o mar da costa, que entra pela dita boca, cinge ao Leste, e voltando pela outra parte faz hum rio estreito, que a cinge ao Loeste, pelo qual rio navegão com a maré muitos bateis, e as barcas, que levão as fazendas ao varadouro da Villa, onde está a Alfandega.

A Villa se chama de Olinda, nome que lhe poz hum Gallego, criado de Duarte Coelho, porque andando com outros por entre o mato buscando o sitio onde se edificasse, achando este, que he em hum monte alto, disse com exclamação e alegria, Olinda.

Desta Capitania fez El Rey Dom João Terceiro mercê a Duarte Coelho, pelos muitos serviços que lhe havia feito na India na tomada de Malaca, e

em outras occasiões, o qual como tinha tam valerosos, e altos espiritos, fez huma grossa armada em que se embarcou com sua molher Donna Beatriz de Albuquerque, e seu cunhado Hyeronimo de Albuquerque, e foi desembarcar no rio de Igaraçú, onde chamão os marcos, porque ali se demarcão as terras de sua Capitania com as de Tamaracá, e as mais que se derão a Pero Lopes de Souza, onde ja estava huma feitoria de El Rey pera o páu brasil, e huma fortaleza de madeira que El Rey lhe largou, e nella se recolheu, e morou alguns annos, e ali lhe nascerão seus filhos Duarte Coelho de Albuquerque, e Jorge de Albuquerque, e huma filha chamada Donna Ignez de Albuquerque, que casou com Dom Hyeronimo de Moura, e cá morrerão ambos, e hum filho, que houverão, todos tres em huma semana.

Dali deo Duarte Coelho ordem a se fazer a Villa de Igaraçú huã legoa pelo rio dentro, do qual tomou o nome, e tambem se chama a Villa de São Cosme e Damião, pela igreja matriz, que tem deste titulo, e orago, a qual he mui frequentada dos moradores da Villa de Olinda, que dista della quatro legoas, e de outras partes mais distantes, pelos muitos milagres, que o Senhor faz pelos merecimentos, e intercessão dos santos.

Esta Villa encarregou Duarte Coelho a hum homem honrado Viannez chamado Affonso Gonçalves, que já o havia accompanhado da India. Da Villa de Iguaraçú, ou dos santos Cosmos, mandou vir de Vianna seus parentes, que tinha muitos, e mui pobres, os quaes vierão logo com suas molheres, e filhos, e começarão a lavrar a terra entre os mais moradores, que já havia, plantando mantimentos, e cannas de assucar, para o qual começava já o Capitão a fazer hum engenho, e em tudo os ajudavão os Gentios, que estavão de paz, e entravão, e sahião da villa com seus resgates, ou sem elles, cada vez que querião, mas embebedando-se huma vez huns poucos se começarão a ferir, e matar de modo, que foi necessario mandar o Capitão alguns brancos com seus escravos, que os apartassem, ainda que contra o parecer dos nossos lingoas, e interpetres, que lhe disserão os deixasse brigar, e quebrar as cabeças huns aos outros; porque se lhes acodião, como sempre se receiem dos brancos, havião cuidar que os ião prender, e captivar, e se havião de pôr em resistencia, e assim foi, que logo se fizerão em hum corpo, e com a mesma furia, que huns trazião contra os outros, se tornarão todos os nossos, sem bastar vir depois o mesmo Capitão com mais gente para os acabar de aquietar, e o peior foi que alguns, que ficarão fora da bebedice, se forão logo correndo á sua aldêa appelidando arma; porque os brancos se havião ja descoberto com elles, e tinhão presos, mortos, e captivos, e feridos quantos estavão na villa, e assim o irião fazendo pelas aldêas, e para mais confirmação desta mentira levavão hum dos mortos, que era filho do principal da aldêa, com a cabeça quebrada, dizendo que por ali verião se fallavão verdade, o qual visto, e ouvido pelo principal, e pelos mais se pozerão logo em arma, e forão dar em os escravos do Capitão, que andavão no matto cortando madeira, onde matarão hum, os outros fugirão pera a

villa a contar o que se passava; e não bastou mandar-lhes o Capitão dizer que os seus proprios fizerão a briga, e se matarão huns aos outros com a bebedice, e que os brancos forão só apartal-os, e erão seus amigos; nada disto bastou, antes appellidou o principal o das outras aldêas mandando-lhes parte do escravo do Capitão, que haviam morto, para que se cevassem nella, como os da sua havião feito na outra e assim se ajuntarão infinitos, e puzerão em cerco a villa, dando-lhe muitos assaltos, e matando alguns moradores, e entre elles o Capitão Affonso Gonçalves de huma frechada, que lhe derão por hum olho, e lhe penetrou athé os miollos, o qual os da villa recolherão, e enterrarão com tanto segredo, que o não souberão os inimigos em dous annos, que durou o cerco, antes vião tanta vigia, e concerto, que parecia estar dentro algum grande Capitão, sendo que cada hum o era de si mesmo, e a necessidade de todos; porque athe as molheres vigiavão o seu quarto na fortaleza em quanto os homens dormião, e estando ellas de poste huma noite, vendo os inimigos tanto silencio, que parecia não haver ali gente, subirão alguns, e começarão a entrar pelas portinholas das peças, mas ellas, que os havião sentido subir, os estavão guardando com suas partazanas nas mãos, e quando estavão já com meio corpo dentro lhas meterão pelos peitos, e os passarão de parte a parte, e huma não contente com isso tomou hum tição, e poz fogo a huma peça com que fez fugir os outros, e expertar os nossos, que foi um feito mui heroico para molheres terem tanto silencio, e tanto animo.

O aperto maior que houve neste cerco foi o da fome; porque se não podião valler de suas roças, onde tinhão o mantimento, nem do mar para pescar, e mariscar, e se da ilha de Tamaracá os não soccorrerão pelo rio em hum barco, sem duvida morrerão todos á fome; e ainda este soccorro lhe quizerão estorvar por muitos modos, mandando ameaçar aos da ilha, que só por isto lhes irião fazer guerra, e esperando o barco, quando passava, lhe tiravão de terra muitas frechadas, pelo que era necessario ir mui bem empavezado, e comtudo sempre ferião alguns remeiros, e huma vez determinarão fazer huma armadilha com que metessem o barco no fundo com quantos hião nelle, e pera este effeito cortarão huma grande arvore, que estava em huma ponta de terra, por onde havião de ir costeando, e não a cortarão de todo, senão quanto se tinha por huma corda, para que quando passasse o barco por junto della então a largassem e deixassem cahir; mas quiz Deus que elles cahissem na armadilha, que fizerão, porque a arvore não cahio para fora, senão para a terra, e os colheo debaixo, matando, e ferindo a muitos.

Outros muitos milagres obrou Nosso Senhor em este cerco, pela intervenção do bem aventurados S. Cosme e Damião, padroeiros desta villa, que se isto não fôra não se puderão sustentar com tantas necessidades quantas padecião.

Nem Duarte Coelho os podia soccorrer, por estar tambem neste tempo em continuos assaltos do Gentio na Villa de Olinda, e lhe terem por terra todos os caminhos tomados; somente mandou levar em huns barcos as crianças, e a

mais gente, que não pudesse pelejar; porque não estorvassem, nem comessem o mantimento aos mais, que não foi pequeno accordo para aquelle tempo, athe que quiz Nosso Senhor, que os mesmos inimigos, cançados já de pelejar, se pacificarão, e tornarão a ter paz, e amizade com os brancos, com o que tornarão a fazer suas fazendas.

CAPITULO NONO

De como Duarte Coelho correo a costa da sua Capitania, fazendo guerra aos Francezes, e paz com o Gentio, e se foi para o Reyno

Não menos foi o aperto em que Duarte Coelho / como temos tocado / teve todo este tempo em a villa de Olinda, tendo-o por algumas vezes os inimigos posto em cerco em a sua torre, com muitas necessidades de fome e sede, contra quem não valião as ballas, que valerosamente atiravão de dentro, ainda que com ellas matavão muitos Gentios e Francezes: mas Deus Nosso Senhor, que excitou o animo de Raab, molher deshonesta, para que escondesse as espias de seu povo, e fosse instrumento da victoria que se alcançou contra Jerichó, a excitou tambem á filha de hum principal destes Gentios, que se havia afeiçoado a hum Vasco Fernandes de Lucena, e de quem tinha já filhos, para que fosse entre os seus, e gabando os brancos ás outras as trouxesse todas carregadas de cabaços de agoa, e mantimentos, com que os nossos se sustinhão; porque isto fazião muitas vezes, e com muito segredo, e era este Vasco Fernandes tam bem temido, e estimado entre os Gentios, que o principal se tinha por honrado em tel-o por genro, porque o tinhão por grande feiticeiro; e assim huma vez, que o cerco era mais apertado, e estavão os de dentro receiosos de os entrarem, sahio elle só fora, e lhes começou a pregar na sua lingoa brasilica, que fossem amigos dos Portuguezes, como elles o erão seus, e não dos Francezes, que os enganavão, e trazião ali para que fossem mortos, e logo fez huma risca no chão com hum bordão, que levava, dizendo-lhes que se avisassem, que nenhum passasse daquella risca pera a fortaleza, porque todos os que passassem havião de morrer, ao que o Gentio deo uma grande risada, fazendo zombaria disto, e sete ou oito indignados se forão a elle para o matarem, mas, em passando a risca, cahirão todos mortos; o que visto pelos mais levantarão o cerco, e se puzerão em fugida.

Não crera eu isto, posto que o vi escripto por pessoa, que o affirmava, se não soubera que neste proprio lugar, onde se fez a risca, defronte da torre, se edificou depois hum sumptuoso templo do Salvador, que he matriz das mais igrejas de Olinda, onde se celebrão os divinos Officios, com muita solemnidade, e assim não se ha de atribuir aos feitiços senão á Divina Providencia, que quiz com este milagre signalar o sitio, e immunidade do seu templo.

Com estas e outras victorias, alcançadas mais por milagres de Deus, que por forças humanas, cobrou Duarte Coelho tanto animo, que não se contentou de ficar na sua povoação pacifico, senão ir-se em suas embarcações pela Costa abaixo athé o rio de S. Francisco, entrando nos portos todos de sua Capitania, onde achou náus Francezas, que estavão ao resgate de páu brasil com o Gentio, e as fez despejar os portos, e tomou algumas lanças e Francezes, posto que não tanto a seu salvo, e dos seus, que não ficassem muitos feridos, e elle de huma bombardada, de que andou muito tempo maltratado, e comtudo não se quiz recolher athé não alimpar a Costa toda destes ladrões, e fazer pazes com os mais dos Indios, e isto feito se tornou pera a sua povoação com muitos escravos, que lhe derão os Indios, dos que tinhão tomados em as suas guerras, que huns la tinhão com os outros, o que fez tambem muito temido, e estimado dos circumvisinhos de Olinda, dizendo todos que aquelle homem devia ser algum diabo immortal, pois se não contentava de pelejar em sua casa com elles, e com os Francezes, mas ainda ia buscar fora com quem pelejar, e com isto mais por medo que por vontade lhe forão dando lugar para fazer hum engenho huma legoa da Villa, e seu cunhado Hyeronimo de Albuquerque outro; e os lavradores suas roças de mantimentos, e cannaviaes, a que o Gentio os vinha ajudar, e lhes trazião muitas gallinhas, caças, e fructas do matto, peixe, e mariscos a troco de anzoes, facas, fouces, e machados, que elles estimavão muito.

Fez tambem caravellões, e lanchas em que fossem resgatar com os da Costa com que tinha feito pazes, donde a troco das mesmas ferramentas, e de outras cousas de pouca valia, resgatavão muitos escravos, e escravas, de que se servião, e os casavão com outros livres, que os servião tambem como os captivos.

Vendo Duarte Coelho que a terra estava quieta, e os moradores contentes, determinou ir-se a Portugal com seus filhos, deixando o governo da Capitania a seu cunhado Hyeronimo de Albuquerque em companhia da irmãa.

O intento que o levou devia ser para requerer seus serviços, que na verdade erão grandes; e ainda que erão pera seu proveito, e de seus descendentes, aos quaes rende hoje a Capitania perto de vinte mil cruzados: muito mais erão pera ElRey, a quem só os dizimos passão cada anno de sessenta mil cruzados, fora o páu brasil, e direitos do assucar, que importão muito os desta Capitania por haver em ella cem engenhos; porem como ainda então não havia tantos, nem tanta renda, e devia estar mexiricado com ElRey, que lhe tomava a jurisdicção, quando lhe foi beijar a mão lho remocou, e o recebeo com tam pouca graça, que indo-se para casa enfermou de nojo, e morreo dahi a poucos dias; pelo que indo Affonso de Albuquerque com dó ao passo, e sabendo ElRey delle por quem o trazia, lhe disse: Peza-me ser morto Duarte Coelho, porque era muito bom cavalleiro. Esta foi a paga de seus serviços, mas mui differente a que de Deus receberia, que he só o que paga dignamente, e ainda ultra condignum, aos que o servem.

CAPITULO DECIMO

De como na absencia de Duarte Coelho ficou governando Hyeronimo de Albuquerque a Capitania de Pernambuco, e do que nella aconteceo neste tempo

Rezão tinha / se tivera prefeito uso della / o Gentio desta Capitania para não se inquietar, e inquietal-a com a absencia de Duarte Coelho, pois ficava em seu lugar sua molher Donna Beatriz de Albuquerque, que a todos tratava como filhos, e Hyeronimo de Albuquerque seu irmão, que assim por sua natural brandura, e boa condição, como por ter muitos filhos das filhas dos principaes, os tratava a elles com respeito. Mas como he gente que se leva mais por temor, que por amor, tanto que virão absente o que temião, começarão a fazer das suas, matando, e comendo a quantos brancos, e negros seus escravos encontravão pelos caminhos, e o peior era que nem por isto deixavão de lhes vir a casa com seus resgates, dizendo que elles o não fazião, senão alguns velhacos, que havião mister bem castigados.

Muito dava isto em que entender a Hyeronimo de Albuquerque por não saber que conselho tomasse, e assim chamou a elle os officiaes da Camara, e outras pessoas que o podião dar, e juntos em sua casa lhes perguntou o que faria, começou logo cada hum a dizer o que sentia, e os mais forão de parecer que os castigassem, e lhes fizessem guerra, mas não concordando em o modo della, se desfez a junta sem resolução do caso, e se foi cada hum para sua casa, só ficarão alguns, que melhor sentião, e entre elles hum chamado Vasco Fernandes de Lucena, homem grave, e muito experimentado nesta materia de Indios do Brasil, que lhes sabia bem a lingoa, e as tretas de que usão, o qual disse ao Governador que não era bem dar guerra a este Gentio sem primeiro averiguar quaes erão os culpados, porque não ficassem pagando os justos pelos peccadores; e que elle / se lhe dava licença / daria ordem e traça com que elles mesmos se descobrissem, e accuzassem huns aos outros, e sobre isso ficassem entre si divisos, e inimigos mortaes, que era o que mais importava; porque todo o Reyno em si diviso será assollado, e huns aos outros se destruirão sem nós lhes fazermos guerra, e quando fosse necessario fazer-lha, nos ajudariamos do bando contrario, que foi sempre o modo mais facil das guerras, que os Portuguezes fizerão no Brasil, e para isto mandasse logo ordenar muitos vinhos, e convidar os principaes das aldêas, para que os viessem beber, e no mais deixasse a elle o cargo.

Pareceo isto bem aos que ali estavão, e o Governador encommendando-lhes o segredo como convinha, mandou fazer os vinhos, e elles feitos mandou chamar os principaes das aldêas dos Gentios, e tanto que vierão os mandou agasalhar pelos lingoas, ou interpretes, que o fizerão ao seu modo bebendo com elles, porque não suspeitassem ter o vinho peçonha, e o bebessem de boa

vontade, e depois que estiverão carregados, lhes disse Vasco Fernandes de Lucena que o Governador os mandava chamar porque determinava ir fazer guerra aos Tobayoyas (*Tobayáras ?*), que erão outros Gentios seus contrarios, o que não queria fazer sem sua ajuda; porem como entre elles havia alguns velhacos, como elles mesmos confessavão, que ainda em sua presença matavão, e comião os Portuguezes, e os seus escravos, que achavão pelos caminhos, se receiava que em sua absencia virião a suas casas a matar suas molheres e filhos, pelo que era necessario, antes que se partissem, saber quem erão estes para os castigar, e premiar os bons; e como elles / deve de ser pela virtude do vinho, que entre outras tem tambem esta / nunca fallão verdade, senão quando estão bebados, começarão a nomear os culpados, e sobre isto vierão ás pancadas, e frechadas, ferindo-se, e matando huns aos outros, athé que acudio o Governador Hyeronimo de Albuquerque, e os prendeo; e depois de averiguar quaes forão os homicidas dos brancos, huns mandou pôr em bocas de bombardas, e disparal-as á vista dos mais, para que os vissem voar feitos pedaços, e outros entregou aos accusadores, que os matarão em terreiros, e os comerão em confirmação da sua inimizade, e assim a tiverão dahi avante tão grande como se fora de muitos annos, e se dividirão em dous bandos, ficando os accusadores com os seus sequazes, que era o maior numero, onde dantes estavão, da Villa athé á matta do páu brasil, por onde tiverão os Portuguezes lugar de se alargarem por esta parte, e fazerem seus engenhos, e fazendas, assim na vargea de Capiguaribe, que he a melhor de toda esta Capitania, como em todo o espaço, que ha athé á villa de Iguaraçú; e a gente dos culpados, e accusadores, se passou para as mattas do Cabo de Santo Agostinho, louvando aos Portuguezes que havião feito justiça.

Porem de lá vinhão fazer tanta guerra a estoutros nossos amigos de huma grande cerca, que fizerão nos outeiros, que cercão a vargea de Capiguaribe da banda do Sul, chamados Guararapes, que foi necessario ao capitão mór Hyeronimo de Albuquerque ir dar nella com os brancos, que poude ajuntar, e mais de dez mil de estoutros Indios, que para isto se lhe offerecerão de boa vontade, e como erão tantos, e os da cerca seiscentos frecheiros, com muita confiança remetterão a ella, e a acommetterão por todas as partes, parecendo-lhes que já a tinhão ganhada, mas os de dentro, como andavão mais resguardados, se defenderão, e os offenderão de modo matando e ferindo tantos, que foi forçado aos capitães, depois de muitas horas de peleja, mandal-os recolher para huma caicára, ou cerca de rama, que fizerão vinte e cinco braças afastada da dos contrarios, e houve toda aquella noite grande jogo de pulhas, e bravatas de parte a parte, como costumão: dizendo todavia os contrarios sempre que não o havião com os brancos, antes querião sua amizade, senão com os Indios, e assim o mostrarão o dia seguinte, porque estando os nossos Portuguezes, e Indios muito descuidados, cuidando que não os virião buscar, elles com hum soccorro de duzentos frecheiros, que lhes veio

de outra aldêa, sahirão com tanta pressa, e os commetterão com tanta furia, que a muitos não derão lugar para tomar armas, e sem ellas, e sem ordem alguma lançarão a fugir, tirado o capitão mor Hyeronimo de Albuquerque, que se foi retirando com os Portuguezes ordenadamente, mas não tanto a seu salvo que lhe não quebrassem hum olho com huma frecha em aquella primeira remettida, que depois não quizerão seguil-os senão aos negros, que ião fugindo, nos quaes fizerão grande destruição, e matança, de que depois se vingarão indo com Duarte Coelho de Albuquerque, que por morte de seu Pae veio com seu irmão Jorge de Albuquerque a governar esta sua Capitania, e foi dar guerra a este Gentio do Cabo, como a seu tempo contaremos.

CAPITULO DECIMO PRIMEIRO

Da capitania de Tamaracá

Já dissemos em o Capitulo segundo como Pero Lopes de Souza não tomou as cincoenta legoas de terra, de que ElRey lhe fez mercê, todas juntas, senão repartidas, vinte e cinco da Capitania de São Vicente pera o Sul, e outras vinte e cinco da Capitania de Pernambuco pera o Norte, a que chamão de Tamaracá por respeito de huma ilha assim chamada, na qual está situada a Villa da Conceição com huma igreja matriz do mesmo titulo, e outra da Santa Misericordia.

A Ilha tem duas legoas de comprido, ou pouco mais, ao redor della vem desembocar cinco rios, dos quaes, o de Igaraçú, que demarca, e extrema esta Capitania da de Pernambuco, e está em sete gráus e hum terço, alaga da ilha da parte do Sul, onde está a dita Villa, e o Porto dos Navios, os quaes para entrarem tem por balisa, e signal humas barreiras vermelhas, com as quaes pondo-se Nordeste Sudoeste entrão pela barra á vontade. Outra barra tem a ilha á parte do Norte, pela qual entrão caravellões da Costa.

Os outros rios que da terra firme vem desembocar ao redor desta ilha são os de Araripe, Tapirema, Tujucupapo, e Gueena, nos quaes ha mui bons engenhos de assucar, principalmente em este ultimo de Gueena, onde está outra freguezia.

Em esta ilha de Tamaracá tinhão os Francezes feito huma fortaleza com hum presidio de mais de cem soldados, com muitas munições, e artilharia, onde se recolhia a gente dos seus navios quando vinhão a carregar de páu brasil, que os Gentios lhe cortavão, e acarretavão aos hombros a troco de ferramenta, e outros resgastes de pouca valia, que lhes davão, como tambem lhes trazião a troco dos mesmos muito algodão, e fiado, e redes feitas em que dormem, bugios, papagaios, pimenta, e outras cousas que a terra dá, que para os Francezes era de muito ganho, e por esta causa assim neste porto como em os mais do Brasil commerciavão com o Gentio, e os alteravão contra os Portuguezes, induzindo-os que os não consentissem povoar, antes

os matassem, e comessem, porque o mesmo vinhão elles a fazer, o qual sabido por ElRey Dom João Terceiro, ordenou huma armada mui bem provida de todo o necessario, e mandou nella por capitão mór Pero Lopes de Souza, pera que viesse primeiramente a esta ilha, e daqui a todos os mais portos, e lançasse delle todos os Francezes que achasse, e destruisse suas fortalezas e feitorias, levantando outras, donde lhe carregassem o páu brasil por sua conta, porque esta era a droga que tomava pera si.

Esta armada partio de Lisboa, e navegou prosperamente athé avistar a ilha de Tamaracá a tempo que havia della sahido huma náu Franceza carregada para França, a qual cuidou fugir-lhe, mas mandou atrás della huma caravella muito ligeira, e por capitão della hum João Gonçalves, homem de sua casa, de cujo esforço tinha muita confiança, pela experiencia que delle tinha de outras armadas em que o accompanhou contra os corsarios na costa de Portugal e de Castella; e como a caravella era hum pensamento, e a náu Franceza sobrecarregada, posto que alojou muita parte da carga do páu brasil, emfim foi alcançada, e querendo se pôr em defeza lhe tirarão da nossa com hum pelouro de cadêa, que a colheo de prôa a popa, e a desenxarceou de huma banda, e lhe matou alguns homens, com o que se renderão os mais, que erão trinta e cinco entre grandes e pequenos, e a náu com oito peças de artilharia, com a qual preza se tornou o capitão João Gonçalves, havendo já vinte e sete dias que o capitão mór estava na ilha, onde teve informação de outra náu que vinha de França com munições e resgates aos Francezes, e a mandou esperar por outras duas caravellas, de que forão por capitães Alvaro Nunes de Andrada, homem fidalgo, galezo, da geração dos Andradas, e Gambôas, e Sebastião Gonçalves Arvellos, os quaes a tomarão, e entrarão com ella na mesma maré em que João Gonçalves entrou com a outra, com que os Francezes da fortaleza começarão a enfraquecer, e desmaiar, e muito mais porque se lhe levantou hum levantisco, e alguns Portuguezes que elles tinhão tomado, e andavão entre os Gentios, os quaes, como lhes sabião fallar já a lingoa, os amotinarão contra os Francezes de tal modo, que se Pero Lopes de Souza lho não prohibira, quizerão logo matal-os, e comel-os, que tão variavel he o Gentio, e amigo de novidades; e assim vierão logo os principaes offerecer-se a Pero Lopes de Souza para isto, e para tudo o mais que lhes mandasse; o qual os recebeo benignamente, e lhes disse que não fizessem o mal aos Francezes, porque todos erão irmãos, nem elle lho havia de fazer, se lhe não resistissem, antes muitos beneficios, e favores; sabido isto pelos Francezes / que logo lhe forão dizer / lhe mandou o seu capitão offerecer que fosse tomar entrega da fortaleza, e delles, que todos querião ser seus prisioneiros, e captivos, e só pedião mercê das vidas, e assim se fez; não esperando o capitão da fortaleza que Pero Lopes de Souza chegasse a ella, mas ao caminho lhe trouxe as chaves, e lhas entregou com todos os seus soldados desarmados, elle lhes mandou entregar a sua roupa, e despejada a for-

taleza da artilharia, e do mais que tinha a mandou arrasar, fazendo outra mais forte na povoação, e outra nos marcos, para resguardo da Feitoria delRey, que depois sua Alteza deo a Duarte Coelho, onde logo se tratou de fazer muito páu para a carga dos navios: e em quanto estas cousas se fazião succedeo huma noite, que estando o capitão mór com a candêa, e janella aberta lhe tirarão de fora com duas frechas, das quaes huma lhe foi tocando com as pennas pelo roupão, e ambas se forão pregar em humas rodellas, que estavão defronte na parede, o qual suspeitando nos Francezes, mandou pela manhã que os enforcassem todos, e começando-se a fazer execução, vendo dous que elle havia tomado pera a fortaleza por serem bombardeiros, que os mais erão innocentes, disserão em altas vozes que elles erão os culpados, que lhe havião atirado cuidando de o acertarem, e nenhum daqueloutros tinha culpa; pelo que mandou soestar a execução nelles, e enforcar a estoutros, mas estavão muitos enforcados, e cá se consumirão todos, com que os Gentios ficarão estimando mais os Portuguezes, e os começarão a ajudar a fazer suas roças e fazendas, e a cortar e trazer o páu, que se havia de carregar nos navios de ElRey, o que tudo se lhes pagava muito a seu gosto.

Carregados os navios da armada que o capitão havia trazido para este effeito se partirão para o Reyno, e elle nos outros foi correr a Costa, como ElRey lhe mandava, onde entrou em muitos portos, e queimou algumas náus Francezas que achou, mas os Francezes lhe fugirão pela terra dentro com os Gentios, donde depois nos fizerão muito mal.

Ultimamente chegou a São Vicente, onde achou a seu irmão mais velho, Martim Affonso de Souza, fortificando, e povoando a sua Capitania, e dando ordem a se povoar, e fortificar tambem a sua de São Vicente pera o Sul, se tornou a esta de Tamaracá, e achando boa informação de hum Francisco de Braga, grande lingoa do Brasil, que havia deixado em seu lugar, o tornou a deixar com todos os seus poderes, e se tornou a Portugal a dar conta a ElRey do que tinha feito, donde foi por capitão mór de quatro náus para a India o anno de mil quinhentos trinta e nove, e á tornada para o Reyno se sumio a náu em que vinha, sem nunca mais apparecer, nem cousa alguma della.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO

Do que aconteceo na Capitania de Tamaracá depois que della se foi o Donatario Pero Lopes de Souza

Como o capitão Fracisco de Braga sabia fallar a lingoa do Gentio, e era tam conhecido entre elles, não fazião senão o que elle queria, e lhes mandava, e assim se hia esta Capitania povoando com muita facilidade, mas chegou neste tempo Dnarte Coelho a povoar a sua, e como fez a povoação nos marcos, foi a muita visinhança causa de terem algumas differenças, por fim das quaes lhe mandou Duarte Coelho dar huma cutilada pelo rosto, e o

capitão vendo que não podia vingar, se embarcou para as Indias de Castella, levando tudo o que poude; pelo que ficou a Capitania desbaratada, perdida, como corpo sem cabeça, e muito mais por chegarem neste tempo novas que era morto Pero Lopes de Souza, vindo da India, onde ElRey o mandou por capitão mór das náus. Mas sua molher Donna Isabel de Gambôa mandou logo aprestar hum pataxo em que viesse o capitão João Gonçalves, que ja havia estado com seu marido, e se partisse á pressa, sem esperar por outros tres navios, que se ficavão negociando; e assim se partio; porem os que partirão derradeiro chegarão, e o primeiro arribou ás Antilhas, e foi dar á costa na ilha de Santo Domingo, com os mastos quebrados, posto que se salvou a gente.

Vendo Pedro Vogado, que assim se chamava o capitão mór dos tres navios, que não era chegado o capitão João Gonçalves á ilha, os carregou logo de páu brasil, e os tornou a mandar, avisando a Donna Isabel do que passava, e de como elle ficava entretanto governando. A qual, em vez de o mandar continuar porque o fazia mui honradamente, mandou outro capitão, que mais era pera governar huma barca, e assim se embarcou, e foi por essas Capitanias abaixo / como fez o Braga /, deixando esta em termos de se acabar de despovoar, se não fôra hum morador honrado chamado Miguel Alvares de Paiva, o qual levantarão por capitão, porque nunca se quiz sahir da ilha, antes teve mão nos outros, que se não fossem nem mandassem suas molheres, e filhos, como alguns querião, com medo dos Gentios, que neste tempo tinhão cercada a Villa de Iguaraçú, e os ameaçavão que lhes havião de fazer o mesmo; este capitão era o que soccorria os do cerco com os barcos do mantimento, como dissemos no Capitulo nono, e trazia outros entre a ilha e a terra firme com soldados e armas, pera que estorvassem ao inimigo a passagem, athé que finalmente se quietaram, e chegou o capitão João Gonçalves das Antilhas, cuja vinda foi muito festejada, e os Gentios lhe tinhão muito respeito, por verem que assim lho tinha Pero Lopes de Souza, quando cá esteve, e assim não lhe chamavão senão o capitão velho, e pae de Pero Lopes: e na verdade elle o parecia no zelo com que o servia, e procurava o augmento desta sua Capitania, não consentindo que aos Indios se fizesse algum aggravo, mas cariciando a todos, com que elles andavão tam contentes, e domésticos, que de sua livre vontade se offerecião a servir os brancos, e lhes cultivavão as terras de graça, ou por pouco mais de nada, principalmente hum anno que houve de muita fome na Parahiba, donde só pelo comer se vinhão meter por suas casas a servil-os; e assim não havia branco, por pobre que fosse nesta Capitania, que não tivesse vinte ou trinta negros destes, de que se servião como de captivos, e os ricos tinhão aldêas inteiras.

Pois que direi dos resgates, que fazião, donde por huma foice, por huma faca, ou hum pente trazião cargas de gallinhas, bugios, papagaios, mel, cera, fio de algodão, e quanto os pobres tinhão.

Durou esta era, a que ainda hoje os moradores antigos chamão dourada, emquanto viveo o capitão velho, mas depois que morreo vierão outros a destruir quanto estava feito, fazendo, e consentindo fazerem-se tantas vexações e aggravos aos pobres Gentios em suas proprias terras, e aldêas, que se começarão a inquietar e rebellar, e os que pela nossa paz e amizade se afastavão dos Francezes, e senão erão alguns da beira mar, os outros do sertão de nenhuma maneira os admittião entre si, nem querião seu commercio; depois huns e outros se liarão com elles, e nos fizerão tam grandes guerras, quanto os moradores desta Capitania o sentirão em suas pessoas e fazendas, e não menos o donatario, que todo este tempo recebeo della perdas sem proveito, e emfim lhe veio a custar tomar-lhe ElRey hum grande pedaço della, que he grande parte da Parahiba, por havel-a conquistado, e libertado do poder dos inimigos á custa da sua fazenda, e de seus vassallos, como em o Livro Quarto veremos.

CAPITULO DECIMO TERCEIRO

Da terra, e Capitania, que ElRey Dom João Terceiro doou a João de Barros

No fim das vinte e cinco legoas da terra da Capitania de Tamaracá, que ElRey doou a Pero Lopes de Souza, doou, e fez mercê a João de Barros, Feitor, que foi da casa da India, de cincoenta legoas por costa; o qual cuidando de se approveitar a si e a seus amigos, armou com Fernand'Alvares de Andrade, Thesoureiro mór do Reyno, e Ayres da Cunha, que veio por capitão da empreza, mandando com elle dous filhos seus em huma frota de dez navios, em que vinhão novecentos homens, e com todo o necessario pera a jornada, e pera a povoação que vinhão fazer, se partirão de Lisboa no anno de mil quinhentos trinta e cinco; mas desgarrando-se com as agoas e ventos forão tomar terra junto do Maranhão, onde se perderão nos baixos.

Deste naufragio escapou muita gente, com a qual os filhos de João de Barros se recolherão a huma ilha, que então se chamava das Vaccas, e agora de São Luiz, donde fizerão pazes com o Gentio Tapuya, que então ali habitava, resgatando mantimentos, e outras cousas, que lhes erão necessarias: e chegou o tracto e amizade a tanto que alguns houverão filhos das Tapuyas, como se descobrio depois que crescerão, não só porque barbarão, e barbão ainda hoje todos os seus descendentes, como seus paes e avós, senão pelo amor que tem aos Portuguezes em tanta maneira, que nunca jamais quizerão paz com os outros Gentios, nem com os Francezes, dizendo que aquelles não erão verdadeiros Perós / que assim chamão aos Portuguezes, parece por respeito de algum que se chamava Pedro / e todavia quando na era de seis centos e quatorze entrarão os nossos

no Maranhão, logo os vierão ver, e fazer pazes com elles, dizendo que estes erão os seus Perós desejados, de que elles descendião.

Donde se collige que não era o Maranhão a terra, que ElRey deo a João de Barros, como alguns cuidão, senão estoutra, que demarca pela Parahiba com a de Pero Lopes de Souza; porque se fora a do Maranhão, havendo seus filhos escapado do naufragio, e chegado á do Maranhão com quasi toda a sua gente, e achando a da terra tam benevola, e pacifica, que causa havia para que a não povoassem?

Prova-se tambem porque todas as que se derão em aquelle tempo forão contiguas humas com outras, e os donatarios hereos huns dos outros pela ordem que vimos nos Capitulos precedentes.

E finalmente se confirma, porque a do Maranhão foi dada a Luiz de Mello da Silva, que a descubrio, como se verá em o Capitulo seguinte, e não devia ElRey de dar a hum, o que tinha dado a outro.

Nem o mesmo João de Barros, em a primeira Decada, Livro sexto, Capitulo primeiro, onde falla da sua Capitania, faz menção do Maranhão, mas só diz que da repartição que ElRey Dom João Terceiro fez das Capitanias na Provincia de Santa Cruz, que cummummente se chama do Brasil, lhe coube huma, a qual lhe custou muita substancia de fazenda por razão de huma armada, que fez em companhia de Ayres da Cunha et cetera, que he a armada / como temos dito / que arribou, e se foi perder no Maranhão, e dahi mandou depois em outros navios buscar seus filhos, donde ficou tam pobre, e individado, que não poude mais povoar a sua terra, a qual já agora he de Sua Magestade, por cujo mandado depois se conquistou, e se ganhou ao Gentio Potiguar á custa de sua Real Fazenda.

CAPITULO DECIMO QUARTO

Da terra, e Capitania do Maranhão, que El Rey Dom João Terceiro doou a Luiz de Mello da Silva

O Maranhão he huma grande bahia, que fez o mar, cuja boca se abre ao Norte em dous graus e hum quarto da linha para o Sul, entre a ponta do Perehá, que lhe fica a Leste, e a do Cumá a Oeste, tem no meio a ilha de S. Luiz, que he de vinte legoas de comprido, e sete ou oito de largo, onde esteve Ayres da Cunha, quando se perdeo com a sua armada, e os filhos de João de Barros, como dissemos no Capitulo precedente. A qual ilha sahe desta bahia como lingoa com a ponta de Arassoagi ao Norte, onde tem a boca. Dentro tem outras muitas ilhas, das quaes a maior he de seis legoas. Desagoão nesta bahia cinco rios caudelosos, e todos navegaveis, que são o Monim, o Itapucurú, o

Mearim, o Pinaré, que dizem nasce muito perto do Perú, e o Maracú, que se deriva por muitos, e mui espaçosos lagos.

Todos estes rios têm bonissimas agoas, e pescados, excellentes terras, muitas madeiras, muitas fructas, muitas caças, e por isto muito povoadas de Gentios.

No tempo que se começou a descobrir o Brasil, veio Luiz de Mello da Silva, filho do Alcayde mor de Elvas, como aventureiro, em huma caravella a correr esta costa, para descobrir alguma boa Capitania, que pedir a El Rey, e não podendo passar de Pernambuco desgarrou com o tempo e agoas, e se foi entrar no Maranhão, do qual se contentou muito, e tomou lingoa do Gentio, e depois na Margarita de alguns soldados que havião ficado da companhia de Francisco de Orelhana, que como testemunhas de vista muito lha gabarão, e prometerão muitos haveres de ouro, e prata pela terra dentro, do que movido Luiz de Mello se foi a Portugal pedir a ElRey aquella Capitania para a conquistar e povoar, e sendo-lhe concedida, se fez prestes em a Cidade de Lisboa, e partio della em tres náus e duas caravellas, com que chegando ao Maranhão se perdeo nos esparceis e baixos da barra, e morreo a maior parte da gente que levava, escapando só elle com alguns em huma caravella, que ficou fora do perigo, e dezoito homens em hum batel, que foi ter á Ilha de Santo Domingo, dos quaes foi hum meu Pae, que Nosso Senhor tenha em sua gloria, o qual sendo moço, por fugir de huma madrasta, e ser Alemtejano, como o capitão, da geração dos Palhas, e com pouco gráu para sustentar a vida, se embarcou então para o Maranhão, e depois para esta Bahia, onde se casou, e me houve, e a outros filhos, e filhas.

Depois de Luiz de Mello ser em Portugal se passou á India, onde obrou valerosos feitos, e vindo-se para o Reyno muito rico, e com tenção de tornar a esta empreza, acabou na viagem em a náu São Francisco, que desappareceo sem se saber mais novas della; nem houve quem tratasse mais do Maranhão; o que visto pelos Francezes, lançárão mão delle, como veremos em o Livro Quinto.

Mas hão se aqui por fim deste de advertir duas cousas: a primeira que não guardei nelle a ordem de tempo e antiguidade das Capitanias, e povoações, senão a do sitio, e contiguação de humas com outras começando do Sul pera o Norte, o que não farei nos seguintes livros, em que seguirei a ordem dos tempos, e successão das cousas. A segunda, que não tratei das do Rio de Janeiro, Serigipe, Paraiba, e outras, porque estas se conquistarão depois, e povoarão por conta delRey, por ordem de seus capitães, e governadores geraes, e terão seu lugar quando tratarmos delles em os Livros seguintes.

LIVRO TERCEIRO

DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU THOMÉ DE SOUZA

ATHÉ A VINDA DO GOVERNADOR MANOEL TELLES BARRETO

CAPITULO PRIMEIRO

De como ElRey mandou outra vez povoar a Bahia por Thomé de Souza, Governador Geral da Bahia

Depois que ElRey soube da morte de Francisco Pereira Coutinho, e da fertilidade da terra da Bahia, bons ares, boas agoas, e outras qualidades que tinha para ser povoada; e juntamente estar no meio das outras Capitanias, determinou povoal-a e fazer nella huma Cidade, que fosse como coração no meio do corpo, donde todas se soccorressem, e fossem governadas. Para o que mandou fazer huma grande armada, provida de todo o necessario para a empreza, e por Capitão mór Thomé de Souza, do seu Conselho, com titulo de Governador de todo o Estado do Brasil, dando-lhe grande alçada de poderes, e regimento, em que quebrou os que tinha concedido a todos os outros Capitães proprietarios, por no civel e crime lhes ter dado demasiada alçada, como vimos no Capitulo Segundo do Livro Segundo; mandando que no crime nenhuma tenhão, sem que deem appellação para o Ouvidor Geral deste Estado, e no civel vinte mil reis somente; e que o dito Ouvidor Geral possa entrar por suas terras por correição, e ouvir nellas de auções novas e velhas, o que não fazião dantes, e pera isto lhe deu por ajudadores o Doutor Pero Borges, Corregedor que fôra de Elvas, pera servir de Ouvidor Geral; Antonio Cardoso de Barros pera Provedor Mór da Fazenda, e Diogo Moniz Barreto pera Alcayde mór da Cidade, que edificasse; com os quaes, e com alguns creados delRey, que vinhão providos em outros cargos, e seis Padres da Companhia pera doutrinar, e converter o Gentio, e outros Sacerdotes, e seculares, partio de Lisboa a dous de Fevereiro de mil quinhentos e quarenta e nove, trazendo mais alguns homens casados, e mil de peleja, em que entravão quatrocentos degradados.

Com toda esta gente chegou á Bahia a vinte e nove de Março do mesmo anno, e desembarcou na Villa Velha, que Francisco Pereira deixou edificada logo á entrada da barra, onde achou a Diogo Alvares Caramurú, de quem disse

no Setimo Capitulo do Livro Segundo que foi livre da morte pela filha de hum Indio principal, que delle se namorou, a qual embarcando-se elle depois, fugido em hum navio Francez, que aqui veio carregar de páu, e indo já o navio á vella, se foy a nado embarcar com elle, e chegando á França, baptizando-se ella, e chamando-se Luiza Alvares, se casarão ambos, e depois os tornarão a trazer os Francezes em o mesmo navio, promettendo-lhes elle de lho fazer carregar por seus cunhados.

Porem chegando á Bahia, e ancorando no rio de Paraguassú, junto á Ilha dos Francezes, lhes mandou huma noite cortar a amarra, com que derão á costa, e despojados de quanto trazião, forão todos mortos, e comidos do Gentio, dizendo-lhes Luiza Alvares, sua parenta, que aquelles erão inimigos, e só seu marido era amigo, e como tal tornava a buscal-os, e queria viver entre elles, como de feito viveo athe a vinda de Thomé de Souza, e depois muitos annos, e a ella alcancei eu, morto já o marido, viuva mui honrada, amiga de fazer esmollas aos pobres, e outras obras de piedade.

E assim fez junto a Villa Velha em hum aprazivel sitio huma ermida de Nossa Senhora da Graça, e impetrou do Summo Pontifice indulgencias pera os romeiros, dos quaes he mui frequentada.

Esta capella ou administração della doou aos Padres de São Bento, que ali vão todos os sabbados cantar huma missa.

Morreo muito velha, e vio em sua vida todas suas filhas, e algumas netas casadas com os principaes Portuguezes da terra, e bem o merecião tambem por parte de seu progenitor Diogo Alvares Caramurú, por cujo respeito fiz esta digressão; pois este foi o que conservou a posse da terra tantos annos, e por seu meio fez o Governador Thomé de Souza pazes com o Gentio, e os fez servir aos brancos, e assim edificou, povoou, e fortificou a Cidade, que chamou do Salvador, onde ella hoje está, que he meia legoa da barra para dentro, por ser aqui o porto mais quieto, e abrigado pera os navios: onde ouvi dizer a homens do seu tempo / que ainda alcancei alguns / que elle era o primeiro que lançava mão do pilão pera os taipaes, e ajudava a levar a seus hombros os caibros, e madeiras pera as casas, mostrando-se a todos companheiro, e affavel / parte mui necessaria nos que governão novas povoações |; com isto folgavão todos de trabalhar, e exercitar cada hum as habilidades, que tinha, dando-se huns á agricultura, outros a criar gado, e a toda a mecanica, ainda que a não tivessem aprendida, com o que foi a terra em grande crescimento, e muito mais com a ajuda de custa, que ElRey fazia com tanta liberalidade, que se affirma no triennio deste Governador gastar de sua Real Fazenda mais de tresentos mil cruzados em soldos, ordenados de ministros, edificios da Sé, e casa dos Padres da Companhia, ornamentos, sinos, artilharia, gados, roupas, e outras cousas necessarias, o que fazia não tanto pelo interesse, que esperava de seus direitos, e dos dizimos, de que o Summo Pontifice lhe fez concessão com obrigação de

prover as igrejas, e seus ministros, quanto pelo gosto, que tinha de augmentar este Estado, e fazer delle hum grande Imperio, como elle dizia.

Nem se deixou então de praticar, que se alguma hora acontecesse / o que Deus não permita / ser Portugal entrado, e possuido de inimigos estrangeiros, como ha acontecido em outros Reynos, de sorte que fosse forçado passar-se ElRey com seus Portuguezes a outra terra, a nenhuma o podia melhor fazer, que a esta: porque passar-se as Ilhas / como diziáo, e fez o Senhor Dom Antonio, pertendente do Reyno, no anno do Senhor de mil quinhentos e oitenta /, alem de serem mui pequenas, estão tam perto de Portugal que lhe iriâo os inimigos no alcance, e antes de se poderem reparar darião sobre elles.

A India, ainda que he grande, he tam longe, e a navegação tão perigosa, que era perder a esperança de poder tornar, e recuperar o Reyno. Porem o Brasil, com ser grande fica em tal distancia, e tão facil a navegação, que com muita facilidade pode ca vir, e tornar quando quizerem, ou ficar-se de morada, pois a gente que cabe em menos cem legoas de terra, que tem todo Portugal, bem cabera em mais de mil, que tem o Brasil, e seria este hum grande Reyno, tendo gente, porque adonde ha as abelhas ha o mel, e mais quando não só das flores, mas das hervas e cannas se colhe mel e assucar, que de outros Reynos estranhos virião cá buscar com a mesma facilidade a troco das suas mercadorias, que cá não ha; e da mesma maneira as drogas da India, que daqui fica mais visinha, e a viagem mais breve e facil, pois a Portugal não vão buscar outras cousas senão estas, que pão, pannos, e outras cousas semelhantes não lhe faltão em suas terras; mas toda esta reputação, e estima do Brasil se acabou com ElRey Dom João, que o estimava e reputava.

CAPITULO SEGUNDO

De outras duas armadas, que ElRey mandou com gente e provimento pera a Bahia

Logo em o anno seguinte de mil quinhentos e cincoenta mandou ElRey outra armada com muita gente e provimento, e por Capitão Mór della Simão da Gama d'Andrade, em o galeão velho muito afamado; foi este fidalgo em esta Cidade grande republico, e dahi a muitos annos morreo nella de herpes, que lhe derão em huma perna, deixando huma capella perpetua de Missas na igreja da Misericordia, onde está sepultado com hum epitafio, que diz assim:

Pela summa charidade
de Christo Crucificado,
está aqui sepultado
Simão da Gama dandrade
pera ser resuscitado.

Nesta armada veio o Bispo Dom Pedro Fernandes Sardinha, pessoa de muita autoridade e exemplo, e extremado pregador, e trouxe em sua companhia quatro Sacerdotes da Companhia de Jesus pera ajudarem os seis, que já cá estavão, na doutrina, e conversão do Gentio, e outros clerigos, e ornamentos pera a sua Sé.

O anno seguinte de mil quinhentos cincoenta e hum, mandou ElRey outra armada, e por Capitão Mór della Antonio de Oliveira Carvalhal pera Alcayde Mór de Villa Velha, com muitas donzellas da Raynha Donna Catharina, e do Mosteiro das Orphãs, encarregadas ao Governador pera que as casasse, como o fez, com homens a que deu officios da Republica, e algumas dotou de sua propria Fazenda.

Era Thomé de Souza homem muito avisado e prudente, e muito experimentado nas guerras da Africa e da India, onde estivera, tinha mostrado valoroso cavalleiro, mas estava isto cá tam em agro, e enfadava-se de labutar com degradados, vendo que não erão como o pecego, « pomo que da Patria Persia veio melhor tornado no terreno alheio, » que pedio com muita instancia por muitas vezes a ElRey que lhe desse licença pera se tornar ao Reyno, comtudo he muito pera notar hum dito, que / entre outros que tinha mui galantes / disse quando lhe veio a licença.

He costume nesta Bahia ir o meirinho do mar quando entrão os navios, e trazer a nova ao Governador donde são, e do que trazem; como pois fosse em aquella occasião, e achasse que vinha successor ao Governador, tornou-se mui alegre a pedir-lhe alviçaras, porque já erão compridos seus desejos, e estava no porto novo Governador, respondeo-lhe elle depois de estar hum pouco suspenso: Vedes isso, meirinho, verdade he que eu o desejava muito, e me crescia a agoa na boca quando cuidava em ir pera Portugal, mas não sei que he que agora se me secca a boca de tal modo, que quero cuspir, e não posso. Não deo o meirinho reposta a isto, nem eu a dou, porque os leitores dêm a que lhes parecer.

CAPITULO TERCEIRO

Do segundo Governador Geral, que ElRey mandou ao Brasil

Movido ElRey dos rogos e importunações do Governador Thomé de Souza, acabado o triennio do seu governo, lhe mandou por successor Dom Duarte da Costa, o qual se embarcou, e partio de Lisboa no anno de mil quinhentos cincoenta e tres a oito do mez de Maio, trazendo em sua companhia seu filho Dom Alvaro, e o Padre Luiz da Grã, que havia sido Reitor em o Collegio de Coimbra, e mais dous Padres Sacerdotes, e quatro Irmãos da Companhia, hum dos quaes era Joseph de Ancheta, que depois foi cá seu Provincial, e se pode chamar Apostolo do Brasil, pelas obras e milagres, que nelle fez, como o Padre São Francisco Xavier se chamou da India.

O Governador tanto que chegou trabalhou muito por fortificar e defender esta nova Cidade da Bahia contra os barbaros Gentios, que se levantarão, e commetterão grandes insultos, que elle emendava dissimulando alguns com prudencia, e castigando outros com armas, matando-os, e captivando-os em guerras, que lhes fez, de que era capitão seu filho Dom Alvaro da Costa, o qual em todas se houve valorosamente. Nem ElRey o deixou de favorecer em todo o seu tempo com armadas de muitos soldados, e moradores.

Ajudavão tambem o Bispo D. Pedro Fernandes, trabalhando sem cessar na conversão das almas, na ordem do Culto Divino, administração dos Sacramentos, e em tudo mais tocante ao espirito, que ElRey não menos pertendia, e encommendava que o temporal.

Porem o Demonio perturbador da paz a começou a perturbar de modo entre estas cabeças ecclesiastica, e secular, e houve entre elles tantas differenças que foi necessario ao Bispo embarcar-se pera o Reyno com suas riquezas, aonde não chegou por se perder a náu, em que ia, no rio Cururuipe, seis legoas do de S. Francisco, com toda a mais gente que nella ia, que era Antonio Cardoso de Barros, que fôra Provedor Mór, e dous Conegos, duas molheres honradas, muitos homens nobres, e outra muita gente, que por todos erão mais de cem pessoas, os quaes, posto que escaparão do naufragio com vida, não escaparão da mão do Gentio Cayté, que naquelle tempo senhoreava aquella costa, o qual depois de roubados, e despidos, os prenderão, e atarão com cordas, e poucos a poucos os forão matando, e comendo, senão a dous Indios, que ião desta Bahia, e hum Portuguez, que sabia a lingoa.

Não sei se deo isto animo aos mais Governadores pera depois continuarem differenças com os Bispos, de que tratarei em seus lugares, e por ventura os culparei mais, porque tenho noticia das razões, ou para melhor dizer sem razões de suas differenças, o que não posso neste caso sem ser notado de murmurador, pois não sei a causa, que tiveram, sómente direi o que ouvi a pessoas, que caminhão desta Bahia pera Pernambuco, e passão junto ao lugar donde o Bispo foi morto / porque por ali he o caminho / que nunca mais se cobrio de herva, estando todo o mais campo coberto della, e de mato, como que está o seu sangue chamando a Deus da terra contra quem o derramou ; e assim o ouvio Deus, que depois se foi desta Bahia dar guerra áquelle Gentio, e se tomou delle vingança, como ao diante veremos.

CAPITULO QUARTO

De huma náu da India, que arribou a esta Bahia no tempo do Governador Dom Duarte da Costa

No segundo anno do Governador Dom Duarte da Costa, que foi o do Senhor de mil quinhentos cincoenta e cinco, em o mez de Maio, arribou a esta Bahia, por falta de agoa, a náu São Paulo, que ia pera a India em compa-

nhia de outras quatro, das quaes todas ia por Capitão Mór Dom João de Menezes de Sequeira, e por Capitão desta arribada Antonio Fernandes, que era senhor della; vinhão em esta náu muitos doentes, os quaes o Governador mandou recolher no Hospital, e aos sãos ordenou darem lhes mesa cinco mezes que aqui estiverão, por se tomar parecer entre os officiaes da náu, e outros da terra / presente o Governador, e Dom Antonio de Noronha, o catarraz, que ia servir á Capitania de Diu / e assentarão todos que, se partisse em Outubro poderia passar á India, como aconteceo, e em menos de quatro mezes chegou a Cochim, onde ainda achou a náu Capitania, de que era Capitão Dom João de Menezes, e o dia seguinte deo á vella pera Goa muito contente por levar novas daquella náu, que já se tinha por perdida, ainda que mui descontente com outras que levava da morte do inclito Infante Dom Luiz, Duque de Beja, e Condestable de Portugal, Senhor de Serpa, Moura, Cavilhão, e Almada, e Governador do Priorado de Crato, que falleceo este anno de mil quinhentos cincoenta e cinco, o qual, entre outras muitas virtudes, e excellencias, de que foi adornado, principalmente teve duas, zelo da Religião Christã e sciencia da arte militar, e ainda que em seu tempo se moverão poucas guerras, em que elle se pudesse achar, sabendo que o Imperador Carlos Quinto, seu cunhado, passava a Africa, se foi pera elle sem licença alguma, nem companhia, por saber que o havia ElRey seu irmão de negar, como já em outras occasiões o havia feito, ao que todavia ElRey acudio logo dando licença a alguns fidalgos, que o seguissem, e mandando a huma armada sua, que já lá estava, lhe obedecesse, de que era Capitão Antonio de Saldanha, e para todo o dinheiro que gastasse lhe mandou grande credito, e por esta via se achou com formosa cavallaria de nobreza de seu Reyno acompanhado, em ajuda do Invictissimo Imperador na conquista da Goleta, e de Tunes, que por seu conselho se conquistou contra o parecer de muitos Capitães mais antigos, e experimentados, que o contrario dizião.

Mas o nosso Infante, não podendo soffrer que no exercito onde elle se achava se enxergasse ponto algum de cobardia, tanto insistio neste seu parecer que o Imperador deixou de levantar o cerco, como determinava pelo conselho dos outros, e o mandou proseguir como o Infante dizia, o qual militando debaixo da bandeira do Imperador, se mostrou soldado digno de tal Capitão, e elle se havia por bem afortunado da milicia de tal soldado, parecendo-lhe que no Conselho tinha hum Nestor, e no Exercito hum Achiles; era aos estrangeiros benigno, aos naturaes affavel, e com todos geralmente liberalissimo, pelo que de todos era amado, e de todos louvado.

Nunca casou nem teve filhos, mais que hum natural, que foi o Senhor Dom Antonio, o qual, por não ser legitimo, não foi Rey de Portugal, posto que em algumas partes do Reyno chegou a ser levantado por Rey.

Tambem este mesmo anno de mil quinhentos cincoenta e cinco se recolheo o Imperador Carlos Quinto á Religião no Convento de S. Hyeronimo

de Juste, por ser lugar sadio, e accommodado a quem larga o Governo, e inquietações do mundo, que elle deixou ao muito catholico Principe Dom Philippe seu filho.

CAPITULO QUINTO

De outra náu da India, que arribou á Bahia

No anno de mil quinhentos cincoenta e seis mandou El Rey negociar cinco náus pera mandar á India, de que deo a Capitania Mor a Dom Luiz Fernandes de Vasconcellos, o qual escolheo a náu Santa Maria da Barca pera ir nella; estando todas prestes, e carregadas pera dar á vella abrio a náu Capitania huma agoa tam grossa, que se ia ao fundo, e acudindo os officiaes pera lhe darem remedio, não lho poderão dar, por não saberem por onde entrava a agoa, vendo El Rey, que se ia gastando o tempo, mandou fazer as outras náus á vella, e que aquella se descarregasse, o que se fez já; em a náu Capitania se despejou toda com muita pressa, e se resolveo, e buscou de popa a proa sem lhe poderem dar com a agoa, e andava huma grande borborinha entre os pescadores de Alfama, dizendo que Deus premetia aquillo, porque aquelle anno lhes tirara o Arcebispo as antigas ceremonias com que festejavão o dia do bemaventurado São Frey Pedro Gonçalves levando-o ás hortas de Enxobregas com muitas folias, cargas de fogaças, e outras mostras de alegria, e de lá o trazião enramado de coentros frescos, e elles todos com capellas ao redor delle cantando, e bailando; chegou esta queixa ao Arcebispo, e como era mui amigo deste fidalgo, que andava tristissimo, por não poder aquelle anno fazer viagem; movido tambem da grande fé, e devoção, que os pescadores, e mareantes tinhão ao Santo, lhes tornou a conceder licença pera que o festejassem como dantes, entretanto não se deixou de buscar a agoa da náu, e trabalhar com as bombas, e outros vasos em esgotar, ou diminuir a muita que entrava, athe que hum marinheiro foi dar com o furo de hum prego na quilha, que por descuido ficou por pregar, e por calafetar, e só se tapou com o breu, que depois se tirou, e por ali fazia aquella agoa, a qual se tomou logo com grande alvoroto, e tornou a náu a carregar, porque disserão os officiaes que ainda tinhão tempo, e assim deo a vella a dous de Maio, e foi seguindo sua derrota, mas na costa de Guiné achou tanta calmaria, que a deteve setenta dias, e tomando parecer sobre o que farião assentarão que fossem invernar ao Brasil, porque era muito tarde, e logo se fizerão na volta da Bahia de Todos os Santos, onde chegarão a quatorze d'Agosto.

O Governador Dom Duarte da Costa foi logo desembarcar o Capitão Mór, e os fidalgos que vinhão na náu, que erão Luiz de Mello da Silva, Dom Pedro de Almeida, despachado na Capitania de Baçaim, Dom Philippe

de Menezes, D. Paulo de Lima, Nuno de Mendonça, e Henrique de Mendonça seu irmão; Hyeronimo Corrêa Barreto, Henrique Moniz Barreto, e outros fidalgos, que agasalhou, banqueteou, e deo pousadas á sua vontade, e o mesmo fez a toda a mais gente da náu, a que deo mantimento todo o tempo que ali esteve.

Seguio-se o anno de mil quinhentos cincoenta e sete mui signalado assim pela morte do Imperador Carlos Quinto, que nelle morreo na idade de cincoenta e oito annos e sete mezes, renunciando ainda em vida em seu filho Philippe os seus Reynos, e em seu irmão Fernando o Imperio, e recolhendo-se em hum Mosteiro, onde acabou felicissimamente a vida; como pela morte de ElRey Dom João, que falleceo em onze de Junho de idade de cincoenta e cinco, tendo reynado trinta e cinco, e neste anno acabou o seu governo Dom Duarte da Costa, e lhe veio successor.

Teve Dom Duarte da Costa, alem de ser grande servidor delRey, huma virtude singular, que por ser muito importante aos que governão não he bem que se calle, e he que soffria com paciencia as murmurações que de si ouvia, tratando mais de emendar-se, que de vingar-se dos murmuradores, como lhe aconteceo huma noite, que andando rondando a Cidade ouvio que em casa de hum cidadão se estava murmurando delle altissimamente, e depois que ouvio muito lhes disse de fora: Senhores, fallem baixo, que os ouve o Governador. Conhecerão-no elles na falla, e ficarão mui medrosos que os castigaria, mas nunca mais lhes fallou nisso, nem lhes mostrou ruim vontade ou semblante.

CAPITULO SEXTO

Do terceiro Governador do Brasil, que foi Men de Sá

A Dom Duarte da Costa succedeo o Doutor Men de Sá, que com razão pode ser espelho de Governadores do Brasil; porque concorrendo nelle letras, e esforço, se signalou muito na guerra, e justiça.

Este, em pondo os pés no Brasil, que foi no anno de mil quinhentos cincoenta e sete, nenhuma cousa do seu Regimento executou primeiro que o que ElRey lhe mandava em favor da Religião Christã; pera isto mandou chamar os principaes Indios das aldêas visinhas desta Bahia, e assentou com elles pazes com condição que se abstivessem de comer carne humana, ainda que fosse de inimigos presos, ou mortos em justa guerra, e que recebessem em suas terras os Padres da Companhia, e os outros Mestres da Fé, e lhes fizessem casas em suas aldêas, onde se recolhessem, e templos onde dissessem missa aos Christãos, dotrinassem os catecumenos, e pregassem o Evangelho livremente; e porque a cobiça os Portuguezes tinha dado em captivar quantos podião colher, fosse justa ou injustamente, prohibio o Governador isto com

graves penas, e mandou dar liberdade a todos os que contra justiça erão tratados como escravos.

Acudio depois a vingar as injurias dos Indios Christãos, que outros seus visinhos pagãos lhe fazião athe chegarem a matar alguns.

Pedio que lhe entregassem os homicidas, e perdoaria aos mais, mas elles fiados na sua multidão zombarão da sua petição; pelo que o Governador em pessoa os commetteu dentro de suas terras, e feita nelles grande matança, e queimadas mais de setenta aldêas, os desfez, de sorte que lhes foi forçado pedirem a paz, a qual lhes concedeo com as mesmas condições, que havia posto aos outros.

O tempo que lhe vagava da guerra, gastava o bom Governador na administração da justiça, porque alem de ser o em que consiste a honra dos que regem, e governão, como diz David: Honor Regis judicium diligit: a trazia elle particularmente a cargo por huma provisão delRey, em que mandava que nenhuma acção nova se tomasse sem sua licença; o que mandou ElRey por ser informado das muitas usuras, que já em aquelle tempo commettião os mercadores no que vendião fiado, pelo que muitos, por se não descobrir a usura, que elles sempre costumão palliar, e por não perderem a divida, e haver as mais penas que o direito põe, não levavão seus devedores a Juizo, e lhes esperavão pela paga quanto tempo querião; mas só punhão acções por dividas licitas, que o Governador logo mandava pagar, e se era o devedor pessoa pobre pagava por elle, ou fazia que o credor esperasse pela divida, pois fiara de quem sabia que não tinha por onde lhe pagar; e assim cessarão as demandas, de modo que fazendo o Doutor Pedro Borges, Ouvidor Geral, huma vez audiencia, não houve parte alguma requerente, do que levantando as mãos ao Ceo deu graças a Deus; mas durou pouco este bem, porque logo veio por Ouvidor Geral o Doutor Braz Fragoso com outra Provisão em contrario á do Governador, e tornarão a correr as demandas, e as usuras, não só palliadas, mas tanto de escancara, que se val hum escravo vinte mil reis pago logo, o dão fiado por hum anno por quarenta, e o que mais he, que porisso o não querem ja vender a dinheiro de contado, senão fiado, e não ha quem por isto olhe.

CAPITULO SETIMO

De como mandou o Governador seu Filho Fernão de Sá soccorrer a Vasco Fernandes Coutinho, e o matou lá o Gentio

Neste tempo estava Vasco Fernandes Coutinho em grande aperto posto pelo Gentio na sua Capitania do Espirito Santo, e mandou á Bahia requerer ao Governador Men de Sá que o soccorresse, o que o Governador logo fez, mandando cinco embarcações bem providas de gente, e por Capitão Mór della a seu filho Fernão de Sá em a galé São Simão; os outros Capitães erão Diogo Morim, o Velho, e Paulo Dias Adorno. Chegarão todos a Porto

Seguro, onde lhes disserão, que no rio chamado Bricaré estava o mais do Gentio, que fazia guerra a Vasco Fernandes, e que ahi devião de os ir buscar, offerecendo-se pera ir com elles, como de feito forão, o Capitão Diogo Alvares, e Gaspar Barbosa em seus caravellões, e navegarão pelo dito rio arriba quatro dias, athé que virão as cercas do Gentio que estavão juntas da agoa, onde, pondo as proas em terra por estar a maré cheia, por ellas desembarcarão, e saltarão fora os soldados, tornando-se os marinheiros com os navios ao meio do rio por não ficarem em secco na vasante, e os bombardeiros, pera de la fazerem seus tiros, começou-se a travar a briga, na qual logo em o primeiro encontro puzerão o Gentio em desbarate, mas tornando-se a ajuntar, e reformar, voltou com tanta força que forçou aos nossos a desordenarem, e misturarem com os inimigos, de maneira que os tiros que tiravão das embarcações, não só os não defendião, mas antes os ferião, e matavão, e retirando-se pera se acolher a ellas estavão tanto ao pego, que os mais forão a nado, e os feridos em algumas jangadas, entre os quaes forão os dous Capitães Adorno, e Morim, ficando o Capitão Mór com o seu Alferes Joanne Monge na retaguarda, onde crescendo o Gentio, que de outras aldêas vinha de soccorro, os mattarão ás frechadas; e assim acabou Fernão de Sá, depois de haver feito grandes cousas em armas contra a multidão destes Barbaros, assim neste combate, como em outros em que se achou na Bahia, e em outras partes: os mais se partirão para o Espirito Santo, onde Vasco Fernandes os recebeu com muito pesar, sabendo do seu destroço, e da morte de Fernão de Sá, e os mandou com a mais gente que poude ajuntar a dar em outros Gentios, que o tinhão quasi em cerco, os quaes lho fizerão levantar, posto que com morte de alguns dos nossos, entre os quaes Bernardo Pimentel, o Velho, que matarão ao entrar de huma casa.

Feito isto se forão a São Vicente, e dahi á Bahia, onde o Governador os não quiz ver, sabendo como havião deixado matar seu filho, e quando elles não tiverão esta culpa, nem por isso a devemos dar ao pae em fazer extremos pela morte de tal filho.

CAPITULO OITAVO

Da entrada dos Francezes no Rio de Janeiro, e guerra que lhe foi fazer o Governador

O Rio de Janeiro está em vinte e tres graus debaixo do Tropico de Capricornio, e impropriamente se chama Rio, porque antes he hum braço de mar, que ali entra por huma boca estreita, que se pode facilmente defender de huma parte a outra com artilharia; mas dentro faz huma bahia, ou enseada em que entrão muitos rios, e tem perto de quarenta ilhas, das quaes as maiores se povoão, e as menores servem de ornar o sitio, ou de portos onde se abriguem os navios.

Estas commodidades, e outras muitas deste Rio e bahia, juntas com a fertilidade da terra, a faziam digna de ser povoada, quando se povoarão as mais do Brasil; mas ou porque coube na doação a Pero de Goes, que se não atreveo com o Gentio, como dissemos no Capitulo Terceiro do Segundo Livro, ou por não sei que descuido, ella esteve por povoar athé que Nicoláu Villaganhon, homem nobre de França, e cavalleiro do Habito de São João, informado dos Francezes, que por ali vinhão commerciar com o Gentio Tapuya, determinou de vir a povoal-a; pera o que fez huma armada em que veio com muitos soldados, e entrando no rio em o anno de mil quinhentos cincoenta e seis, lhe fortificou a entrada, solicitou os Gentios, e fez liga e amizade com elles, e para maior defensa começou em huma das ilhas da enseada a levantar huma fortaleza de pedra, tijollo, e gesso, em cuja obra trabalhavão os Indios com muita vontade, e de França lhe vinhão cada dia novos soccorros.

Corria já o anno de mil quinhentos cincoenta e nove, em que reinava a Raynha Donna Catharina por morte de ElRey Dom João seu marido, e por seu neto ElRey Dom Sebastião não ter ainda a este tempo mais que cinco annos de idade; a qual, informada do que passava no Rio de Janeiro, escreveo ao Governador Men de Sá encarregando-lhe muito esta empreza, e mandando-lhe pera ajuda della huma boa armada, com a qual o Governador, e com outras náus, que poude ajuntar, acompanhado dos principaes Portuguezes da Bahia, e alistados os mais soldados, que poude, assim brancos como Indios da terra, em o anno do Senhor de mil quinhentos e sessenta se partio para o Rio de Janeiro, onde rompendo as forças, que impedião a entrada, entrou na enseada, e tomou huma náu Franceza, da qual soube não estar ahi ja o Villaganhon, que fora chamado a Malta, mas ter deixado hum sobrinho seu por Capitão na fortaleza, a quem escreveo o Governador na maneira seguinte:

« ElRey de Portugal, meu Senhor, sabendo que Villaganhon vosso tio lhe tinha usurpada esta terra, se mandou queixar a ElRey de França, o qual lhe respondeo que se cá estava, que lhe fizesse guerra, e botasse fora, porque não viera com sua commissão, e posto que já aqui o não acho, estais vós em seu lugar, a quem admoesto, e requeiro da parte de Deus, e do vosso Rey, e do meu, que logo largueis a terra alheia a cuja he, e vos vades em paz sem querer experimentar os damnos que succederão da guerra. »

Ao que respondeo o mancebo que não era seu julgar cuja era a terra do Rio de Janeiro, senão fazer o que o Senhor Villaganhon seu tio lhe havia mandado, que era sustentar, e defender aquella sua fortaleza, e que assim o havia de cumprir, ainda que lhe custasse a vida, e muitas vidas, das quaes lhe requeria tambem que não quizesse ser homicida, antes se tornasse em paz.

Gastarão-se nisto dez ou doze dias, nos quaes a nossa armada se poz em ordem de guerra, e assim ouvida esta resposta, a outra que lhe derão foi de artilharia e arcabuzes, com que começarão a bater o forte insuperavel / ao

parecer / ás forças humanas; porem estando huns e outros mettidos no furor do combate, Manoel Coitinho, homem pardo, Affonso Martins Diabo, e outros valentes soldados Portuguezes, subindo por huma parte que parecia inaccessivel, entrarão o castello, e occuparão repentinamente a polvora do inimigo.

Descorçoados os Francezes com a perda da polvora, e com o inopinado atrevimento dos Portuguezes, desempararão o castello á meia noite com todas as maquinas de guerra que nelle havia, recolherão-se ás suas náus, e parte delles em ellas se tornarão pera sua terra, outros ficarão com os Tamoyos / que este é o nome daquelle Gentio /, assim pera restaurar a guerra, e a opinião perdida, como pera exercitar a mercancia com elles, de que tiravão muito proveito.

Alcançada tam illustre victoria desfez o Governador o forte, por não poder deixar gente que o defendesse, e povoasse a terra, por lhe haverem morta muita gente neste combate, e mandou seu sobrinho Estacio de Sá em a náu que havia tomado aos Francezes com o aviso do successo á Raynha Donna Catharina.

CAPITULO NONO

De como o Governador tornou do Rio de Janeiro pera a Bahia, e o successo que teve huma náu da India, que a ella arribou

O Governador se tornou do Rio de Janeiro pera a Bahia, e chegou a ella em o mez de Junho do mesmo anno de mil quinhentos e sessenta, onde continou com o governo da terra, na qual era tam necessaria a sua assistencia, e presença, que algumas poucas vezes, que ia ver um engenho que fez em Sergipe, ia de noite, e deixava hum pagem na escada, que dissesse que estava occupado a quem por elle perguntasse, o qual não mentia, porque onde quer que estava se occupava, e isto fazia para que a noticia da sua absencia não fosse occasião de alguma desordem, e assim, ainda que o engenho distava desta cidade oito legoas, fazia la mui pouca detença.

Neste anno de mil quinhentos e sessenta arribou a esta Bahia a náu S. Paulo, como já outra vez havia arribado em tempo do Governador Dom Duarte da Costa, posto que então vinha em ella por Capitão Antonio Fernandes, como dissemos em o Capitulo Quarto deste Livro, e desta vez vinha Ruy de Mello da Camara, o qual vendo que pera invernar aqui havião de gastar sete ou oito mezes, e que a agoa e guzano corrompem brevemente a madeira das náus, ajuntando-se com os Pilotos, e da terra, diante do Governador praticarão se haveria ainda tempo pera seguirem viagem, e ir invernar á India? e de commum parecer assentarão que sim, se partissem daqui em Setembro, e fossem por muita altura buscar a ilha de Sumatra, pera della em Fevereiro voltarem

com a monção com que vem as náus de Malaca e China, e tomando desta Cidade tudo o que lhes foi necessario, partirão em quinze de Setembro, achando os tempos prosperos forão á vista do Cabo da Boa Esperança em fim de Novembro, e assim forão seguindo sua viagem pera a ilha de Sumatra com ventos brandos athé vinte de Janeiro, dia do bemaventurado Martyr São Sebastião á bocca da noite, em que se acharão tam abordados com a terra por causa da grande corrente das agoas, que por muito que trabalharão por se afastar forão varar nella, e quiz Deus que foi em parte onde ficou a náu encalhada, e todos nella athé pela manhã, que lançarão o batel ao mar, e se passarão á terra sem cousa alguma entender com elles, por ser a gente dali mesquinha, e tão domestica, que acudirão logo a lhes vender algumas cousas; posto que assim não fôra, os da náu erão setecentos homens, todos bem dispostos, e armados, que puderão atravessar toda aquella ilha, e assim logo fizerão cabanas, pera se agasalharem, e desembarcarão da náu mantimentos, vinhos, azeite, e tudo o mais, que puderão, e desfizerão a nau, e tirarão della toda a pregadura, madeira, cordoalha, e tudo mais que lhe foi necessario, e armarão duas embarcações, e levantarão o batel, trabalhando todos com muito gosto, e presteza; servindo de ferreiros, serradores, carpinteiros, e de todos os mais officios, como se sempre o usarão; e assim em breve tempo as acabarão, e lançarão ao mar, e fizerão sua agoada em abastança, e recolherão nellas todas as armas, e alguns berços, e falcões, por não serem as vasilhas capazes de maiores peças, porque erão a modo de barcaças.

Huma dellas se deo a Diogo Pereira de Vasconcellos, hum fidalgo que ali levava sua molher, que se chamava Donna Francisca Sardinha, e era huma das mais formosas do seu tempo.

Outra tomou Ruy de Mello, Capitão da náu, e a terceira derão a Antonio de Refoyos, hum cavalleiro muito honrado, que ia despachado com a Capitania de Coulão, e repartindo a gente por ellas não coube em cada huma mais que cento e setenta homens, ficando cento e setenta, que por nenhum caso se puderão agasalhar: pelo que assentarão, que estes caminhassem por terra á vista dos bateis, pera lhes soccorrerem alguma necessidade, e repartindo por elles as espingardas, que havia, começarão a caminhar de longo do mar, e os bateis sempre á sua vista, e tanto que era noite escolhião lugar pera descançarem, e dormirem, e surgião os bateis com as prôas em terra; e o mesmo fazião a horas de jantar, em que tomavão a refeição ordinaria, e assim forão caminhando nesta ordem sem lhes acontecer desastre algum, e havendo poucos dias que caminhavão houverão vista de quatro embarcações, a que forão correndo, e ellas trabalhando tudo o que podião por lhes fugir, e atirando-lhes de huma embarcação das nossas com hum falcão, que lhes foi zunindo pelas orelhas, lhes poz tam grande medo e espanto, que logo se lançarão a nado pera a terra, e deixarão os navios carregados de farinhas de saguum / que he o principal mantimento de todas aquellas Ilhas /

de que os nossos se proverão em abastança /, e recolherão nestas embarcações toda a gente que ia por terra, com o que ficarão mais descançados, e sendo já em tres graus da banda do Sul, se recolherão a hum formoso rio, que acharão, desembarcando todos em terra pera se recrearem, e dormindo tambem nella algumas noites, com tanto descuido e segurança, como se a terra fosse sua, e athé Diogo Pereira de Vasconcellos se desembarcou ali com sua molher, a qual vista pelos Manancabos, que he a gente da terra, tam formosa, junto com estar ricamente vestida, desejarão leval-a ao seu Rey, e assim derão huma noite nas suas estancias, e matarão perto de sessenta pessoas, e levarão Donna Francisca Sardinha, em cuja defensa fez o mestre da náu espantosas cousas athé que o matarão. O Diogo Pereira salvou huma filha, que tinha, chamada Donna Constança, que depois casou com Thomé de Mello de Castro, e outras molheres, com que se recolheo á sua embarcação muito anojado desta desventura, que lhe aconteceo por sua sobeja confiança.

Dali se partirão de longo da Costa, que era mui limpa, com muito mais tento, porque aquelle desastre os espertou, e não se fiarão mais da gente da terra; e assim embocarão o boqueirão do Sunda, e forão tomar a Cidade de Patta, onde acharão quatro náus Portuguezas, de que era Capitão Mór Pero Barreto Rollim, que ali estava carregando de pimenta, e recebeo toda esta gente, e a repartio pelas náus, e proveo a todos bastantemente, e parte delles se passarão á China, pera onde Pero Barreto Rollim ia por mandado do Viso-Rey Dom Constantino.

CAPITULO DECIMO

Do aperto, em que os Tamoyos do Rio de Janeiro puzerão a Capitania de S. Vicente, e o Governador lhes mandou fazer segunda guerra

Vendo-se os Tamoyos ja livres da guerra do Governador Men de Sá, se tornarão a fortificar no Rio de Janeiro, donde sahião a correr a Costa toda athé São Vicente, salteando os Indios novos Christãos, prendendo, matando, e comendo a quantos podião alcançar.

Durou esta molestia dous annos, sem que força alguma pudesse reprimir o atrevimento dos Barbaros insolentes, que cada dia crescia com o favor, e ajuda dos Francezes, com que ja se não contentavão do mal que fazião aos outros Indios, mas a todos os moradores de São Vicente ameaçavão com cruel guerra, e apresentavão huma armada de canôas pera por mar, e por terra os combaterem.

Este mal tam grande quiz remediar o Padre Manoel da Nobrega, primeiro Provincial que havia sido da Ordem da Companhia de Jesus na Provincia do Brasil, resolvendo-se a ir tentear os animos dos Barbaros pera reduzil-os a condições de paz, ou dar a vida pela saude commum.

Pera isto tomou por seu companheiro o Irmão Joseph de Ancheta, e hum Antonio Luiz, homem secular; com os quaes se embarcou em huma náu de Francisco Adorno, illustre Genovez, homem em aquella terra mui conhecido, rico, e devoto da Companhia.

Os Barbaros, á noticia da náu Portugueza, cuidando que ia de guerra, acudirão a suas canôas, e lhe sahirão ao encontro carregadas de frechas; porem o Irmão Joseph de Ancheta com huma breve, e amorosa practica, que lhes fez na sua lingoa, os quietou, e fez benevolos á sua chegada, e depois com outras muitas, e principalmente com suas devotas orações, e exemplo, que deo de sua vida em tres mezes, que ficou só entre elles, e dous que esteve com o Padre Nobrega, que se tornou pera São Vicente, os reduzio á desejada paz, exceptos alguns, que discordes dos mais, e fiados em as armas dos Francezes, continuarão a guerra contra os Portuguezes.

Estes successos previo a Raynha Donna Catharina quando leo a carta do Governador Men de Sá, em que lhe dava conta da victoria, que alcançara no Rio de Janeiro, e assim, ainda que lhe agradeceo, e se houve por bem servida delle, todavia lhe estranhou muito o haver arrasado o forte, e não deixar quem defendesse, e povoasse a terra, e lhe mandou, que logo o fizesse, porque não tornasse o inimigo a fazer ali assento com perigo de todo o Brasil; o mesmo lhe escreveo o Cardeal Dom Henrique, que com ella governava o Reyno, e pera este effeito lhe mandarão pelo proprio seu sobrinho Estacio de Sá, que levou a nova, huma armada de seis caravellas com o galeão S. João, e huma náu da carreira da India chamada Santa Maria a Nova, a que ajuntou o Governador os mais navios que poude, e quizera ir em pessoa; mas por o povo lho não consentir mandou o dito seu sobrinho, em o anno de mil quinhentos sessenta e tres, a quem accompanhou o Ouvidor Geral Braz Fragoso, e Paulo Dias Adorno, Commendador de Sant-Iago, em huma galeota sua, que remava dez remos por banda, e outros Capitães, os quaes chegando todos ao Rio de Janeiro acharão huma náu Franceza, que lhe quiz fugir pelo rio acima, mas os nossos lhe forão no alcance, e a primeira que lhe chegou foi a galé de Paulo Dias Adorno, em que tambem ia Duarte Martins Mourão, e Melchior de Azeredo, depois chegou Braz Fragoso, e outros, os quaes entrando na náu, acharão muito pão, vinho, e carne, e assim a levarão pera baixo onde ficava a Capitania Santa Maria a Nova, e o galeão, e o Capitão Mór Estacio de Sá fez Capitão della a Antonio da Costa; mas como não ha gosto nesta vida, que não seja agoado, indo huma madrugada tres bateis nossos tomar agoa á ribeira da Carioca, derão com nove canôas de Indios inimigos, que estavão aguardando em cillada, os quaes repartindo-se

tres e tres a cada batel, matarão no da Capitania o contra mestre, o guardião, e outros dous marinheiros, e no do galeão ferirão a Christovão d'Aguiar, o moço, com sete frechadas, e outros sete homens, e o levavão, mas Paulo Dias Adorno lhe acudio á pressa na sua galé, e chegando a tiro mandou pôr fogo a hum falcão, que os fez largar o batel.

Enterrados os mortos em huma ilha, chamou Estacio de Sá os Capitães a conselho, e assentarão, que se fosse a S. Vicente buscar canôas, e Gentio domestico, e amigo, com que melhor se poderia fazer guerra áquelle Barbaro inimigo.

Sahirão huma madrugada, e a náu Franceza, que havião tomado, diante de todas as outras com hum caravellão de Domingos Fernandes, dos Ilheos, acharão na barra muitas canôas de inimigos Indios, e Francezes misturados, que chegando ao caravellão o furarão com machados, e o metterão no fundo, matando-lhe quatro homens, e ferindo a Domingos Fernandes de seis frechadas, com que se foi a nado para a náu, á qual tambem chegarão, e lhe fizerão hum buraco; mas um Indio da India de Braz Fragoso, que ali ia com seu Senhor, se foy abaixo da coberta, e por o mesmo buraco matou hum Francez, com o que elles, ou com o temor da armada, que vinha atraz, se forão embora, e a náu tambem, seguindo seu caminho pera São Vicente, onde contarão ao Capitão Mór, e aos mais o que lhes havia succedido.

Neste tempo estava a povoação de São Paulo, que he da Capitania de São Vicente, de guerra com o Gentio, que a tinha posta em grande aperto, ao que acudio Estacio de Sá com muita gente da que comsigo levava, a cuja vista o Gentio lhe veio logo pedir pazes, e elle lhas concedeu, e ficarão fixas.

Entretanto chegarão os Capitães Jorge Ferreira, e Paulo Dias, com as canôas, e Gentio, que tanto que chegou mandou buscar a Cananéa, e provida a armada de todo o necessario se partio outra vez pera o Rio de Janeiro em o anno de mil quinhentos sessenta e quatro, dia de São Sebastião, a quem tomou por Patrão da sua jornada, entrou pelo Rio em o primeiro de Março, e anchorando em a enseada, saltarão em terra, e feitos tujupares, que são humas tendas ou choupanas de palha, pera morarem, onde agora chamão a Cidade Velha, ao pé de hum penedo, que se vai ás nuvens, chamado o pão de Assucar, se fortificarão com baluarte, e trincheiras de madeira, e terra, o melhor que puderão, donde sahião a fazer guerra aos Barbaros, ajudando-os Deus por espaço de dous annos que ali estiverão, de modo que em encontros quasi sempre sahião victoriosos, e os feridos de mortaes feridas das frechas inimigas brevemente saravão: outros feridos nos peitos nús com pelouros dos arcabuzes Francezes, não sentião mais o golpe que se estiverão armados de peitos de prova, e aos pés lhes cahião os pelouros.

Cançados já os Tamoyos de tão prolixa guerra, e enfados de ruins successos, porque ordinariamente em os encontros sahião escalavrados, deter-

minarão lançar o resto de seu poder, e de sua ventura em huma batalha industriados pelos Francezes, e sem duvida a cousa ia traçada pera conseguirem seu intento. Porem a Divina Providencia se acostou á parte mais justificada.

Havião os Tamoyos ajuntado ao numero ordinario de suas canôas outras novas, que chegarão a cento e oitenta, fabricadas secretamente longe do posto donde estavão os navios dos Portuguezes.

Toda esta armada de canôas puzerão em cillada, escondida em huma volta que fazia o mar, daqui sahio hum pequeno numero dellas, contra as quaes mandou o General cinco das nove que trouxe de S. Vicente, porque os Indios amigos, enfadados da guerra, se havião já ido com as quatro.

Os Tamoyos, não ainda bem começada a batalha, virarão as costas, que assim o havião traçado, e metterão os nossos, que atrevidamente os ião seguindo em a cilada, donde sahirão as mais canoas inimigas, e subitamente as cercarão por todas as partes; mas nem por isso perderão o animo os Portuguezes, antes resistirão valerosamente ajudados do Divino favor, o qual ainda das cousas que parecem adversas sabe tirar prosperos successos, como aqui se vio que acaso ascendendo-se a polvora em huma das nossas canoas chamuscou a alguns dos inimigos, que a tinhão abordada, com o que, e com a chamma que levantou a polvora se alterou tanto a molher do General, Tamoya, que dando gritos e vozes espantosas atemorisou a todos, e sendo seu marido o primeiro que fugio com ella, os seguirão os mais, deixando livres os nossos, os quaes tornando ás suas fronteiras derão graças a Deus por tão grande beneficio, e por os haver livres de perigo tam grande pela voz e assombro de huma fraca molher, ainda que depois declararão os mesmos inimigos que não fôra por isto, senão por haverem visto hum combatente estranho, de notavel postura, e belleza, que saltando atrevidamente nas suas canoas os enchera de medo; donde crerão os Portuguezes que era o bemaventurado S. Sebastião, a quem havião tomado por padroeiro desta guerra.

CAPITULO DECIMO PRIMEIRO

Da viagem, que fez Jorge de Albuquerque de Pernambuco pera o Reyno, e casos que nella succederão

Não faltavão tambem neste tempo guerras em Pernambuco, porque com aquella victoria, que os Gentios do Cabo de Santo Agostinho alcançarão de Hyeronimo de Albuquerque, de que fizemos menção em o Capitulo Undecimo do Livro precedente, ficarão tam soberbos, e atrevidos, que não cessavão de dar assaltos em os escravos que os Portuguezes tinhão em suas roças, e fazendas, e principalmente em outros Gentios da matta do Brasil, nossos confe-

derados, que elles tinhão por mortaes inimigos; e o mesmo fazião os do Rio de São Francisco em os barcos que ião ao resgate, que se ao descoberto commerciavão, e mostravão amor aos Portuguezes, em secreto se colhião alguns descuidados os matavão, e comião.

Sobre tudo isto a Raynha Donna Catharina, que governava o Reyno, e não teve menos cuidado em mandar acudir a estas guerras que ás do Rio de Janeiro, mandando que logo se embarcasse Duarte Coelho de Albuquerque herdeiro daquella Capitania, e a viesse soccorrer, o qual, por entender quam necessario lhe era trazer comsigo seu irmão Jorge de Albuquerque, pedio á Raynha que o mandasse como mandou, e elle obedeceo, assim por serviço da Raynha e delRey, seu neto, como por dar gosto a seu irmão, e o ajudar.

E assim, tanto que chegarão a Pernambuco, e tomou Duarte Coelho de Albuquerque posse da sua Capitania, que foi na era de mil quinhentos e sessenta, logo chamou a conselho os homens principaes do governo da terra, e se assentou entre todos, que se elegesse por General da guerra Jorge de Albuquerque, o qual aceitando o cargo a começou logo a fazer assim aos inimigos do Cabo de Santo Agostinho, sahindo-lhes muitas vezes ao encontro aos seus assaltos, matando, e ferindo a muitos, com que já deixavão alargar-se os brancos, e viver em suas granjas, como aos do Rio de São Francisco, aonde foi em companhia de seu irmão, e neste militar exercicio se occupou cinco annos, soffrendo muitas fomes, e sêdes, e não sem derramar seu sangue de muitas frechadas, que os inimigos lhe derão, athé que enfadado mais das guerras civis, e dissenções dos Portuguezes amigos que destoutras, determinou ir-se outra vez para o Reyno, e embarcar-se em huma náu nova de duzentos toneis, por nome Santo Antonio, que estava carregada no Porto do Recife pera Lisboa, de que era mestre André Rodrigues, e piloto Alvaro Marinho, e estando carregada a náu, se embarcou, e partio em huma quarta feira dezaseis de Maio do anno de mil quinhentos sessenta e seis, e não era bem fora da barra, quando lhe acalmou o vento com que partio, e se lhe tornou tam contrario, que com a corrente da maré, que começava a vasar, levou a náu atravez athé dar em hum baixo, onde esteve quatro marés mui perto de se perder, se os mares forão mais grossos; e por lhe acudirem com presteza muitos bateis e outras embarcações, se salvou toda a gente, e fazenda, e nem assim descarregada poude sahir do baixo, em que estava, sem lhe cortarem os mastos, pelo que lhe foi forçado tornar ao porto, e concertar-se, e carregar de novo, no que gastou mez e meio, athé vinte e nove de Junho, dia de São Pedro e São Paulo, em que se tornou a embarcar com todos os da sua companhia não sem contradicção dos amigos, que pelo principio lhe pronosticavão o ruim successo da viagem, a qual foi huma das peiores, e mais perigosas, que hão visto navegantes; porque indo demandar as ilhas huma segunda feira tres de Setembro, fazendo-se o Piloto com ellas, veio a elles huma náu de cossarios Francezes, artilhada, e concertada como costumão, e por a

nossa ir desarmada, e só com hum falcão, e hum berço, determinarão os homens do mar a se render, e entregar aos Francezes, a que acudio Jorge de Albuquerque, dizendo que nunca Deus quizesse, nem permittisse que a náu em que elle ia se rendesse sem pelejar, e se defender quanto possivel fosse; por isso que trabalhassem todos de fazer o que devião, e o ajudassem a pelejar, porque, com a ajuda de nosso Senhor, somente com o berço, e falcão, que tinhão, esperava se defender; mas como a náu ia tam desapercebida de armas, e os mais que nella ião fossem tam fracos de coração, não achou Jorge de Albuquerque quem o quizesse ajudar, mais que sete homens, que pera isso se lhe offerecerão ; e assim com estes somente, contra o parecer dos mais, se poz ás bombardas, arcabuzadas, e frechadas com os Francezes perto de tres dias, athé que o mestre, e o piloto, vendo o muito damno que assim a náu como a gente recebia da artilharia, e arcabuzaria dos Francezes, e que Jorge de Albuquerque em nenhum modo determinava entregar-se, mandarão dar subitamente com as vellas em baixo, e começarão a bradar pelos Francezes que entrassem a náu, como logo fizerão pela quadra dezasete Francezes armados de armas brancas com suas espadas e broqueis, e pistolas, os quaes, sem lhes responderem nem lhe poder estrovar se asenhorearão da náu, e vendo que nella não havia mais que o berço, e falcão, que está dito, ficarão muito espantados, e muito mais quando lhe disserão quam poucos erão os que pelejavão, e sendo dito ao Capitão Francez que Jorge de Albuquerque fôra o que fizera defender a náu todo aquelle tempo, se chegou a elle, e lhe disse: Não me espanta o teu esforço, que esse tem todo o bom soldado, mas espanta-me a temeridade de quereres defender huma náu tam desapercebida com tam poucos companheiros, e menos petrechos de guerra, mas não te desconsoles, que por quam bom soldado tu és, eu te farei muito boa companhia, e assim lha fez, tanto que não queria comer sem elle vir primeiro, e o fazia assentar na cabeceira da mesa, athe que hum dia, rogando lhe o Capitão que a benzesse ao modo dos Portuguezes, elle a benzeu com o Signal da Cruz, como costumamos, do que alguns dos circumstantes lutheranos o reprehenderão, e elle reprehendido, mas não rependido, se tornou a benzer, dizendo que com aquelle Signal da Cruz se havia de abraçar emquanto vivesse, e nelle esperava de se salvar de todos seus inimigos, e com isto pedio ao Capitão licença para não ir comer mais com elles, e poder comer em sua camera o que lhe dessem, e posto que o Capitão mostrou-se aggravar-se disto, todavia lhe deo a licença que pedia, e vinha elle algumas vezes comer com Jorge de Albuquerque.

Estando já em altura de quarenta e tres gráus, em huma quarta feira doze de Setembro, sobreveio a maior tormenta de vento que nunca se vio, com que a náu chegou a ficar sem leme, sem vellas, sem mastos, e quasi raza com a agoa; e vendo-se todos em tam grande perigo, ficarão assombrados e fora de si, temendo ser esta a derradeira hora da vida, e com este temor se chegarão todos a hum Padre da Companhia de Jesus por nome Alvaro de Lucena, que com

elles ia, e a elle se confessarão, e depois de confessados, e se pedirem perdão huns aos outros, se puzerão todos de geolhos pedindo a Nosso Senhor Misericordia, o que tambem fizerão os Francezes, que ficarão dentro da nossa náu, porque a sua logo no principio da tormenta desappareceo, e pedião perdão aos Portuguezes dizendo que por seus peccados viera aquella tormenta, que rogassem a Deus por elles, que já se davão por mortos, pois a náu estava da maneira que todos vião. Mas Jorge de Albuquerque começou em altas vozes a esforçar a huns e outros, dizendo que fizessem tambem de sua parte o remedio possivel, huns dando á bomba, outros esgotando a agoa que estava no convez; porque esperava na bondade Divina, e intercessão da Virgem Senhora Nossa, que havião de ser livres do perigo em que estavão; estando-lhes dizendo isto virão todos hum resplandor grande no meio da grandissima escuridão com que ião, a que todos se tornarão a pôr de geolhos, encommendando-se á Virgem, e pedindo a Deus Misericordia, o qual foi servido de aplacar a tormenta, e logo appareceo tambem a náu Franceza tambem muito desbaratada, mas não tanto que ainda não pudesse prover estoutra assim de enxarcea e vellas como de mantimento, o que não quizerão fazer, antes descarregando-a de alguma fazenda que tinha em si, e levando os seus Francezes, se forão pera França, deixando só aos Portuguezes dous sacos de biscoito podre, e huma pouca de cerveja danada, ao que se ajuntou huma botija, que ainda os nossos tinhão, com duas canadas de vinho, e hum frasco de agoa de flor, huns poucos de cocos, e poucos punhados de farinha de guerra, e seis tassalhos de peixe boi, que Jorge de Albuquerque foi repartindo por trinta e tantos homens o tempo que durou a viagem, pera a qual deo ordem com que se fizesse huma vella de alguns guardanapos e toalhas, que se acharão na náu, as quaes mandou se ajuntassem a huma vellinha de esquife dos Francezes, que ficou, e de dous remos fizerão huma verga, e sobre o pé do masto grande puzerão hum pedaço de páu de duas braças em alto, e de huns pedaços de enxarcea, que havião ficado, e de cordas de rede, e murrões, fizerão enxarcea; o leme andava pendurado por hum só ferro, que lhe ficou, e lançarão-lhe humas cordas pera que pudesse servir, e com isto seguirão sua viagem, tomando a Nossa Senhora Mãe de Deus por guia, sem mais outra agulha ou astrolabio que prestasse, porque tudo lhe levarão os Francezes; a qual os guiou de modo que milagrosamente se acharão defronte da sua Igreja da Penna, entre as Barlengas e a Serra de Cintra; ao dia seguinte se acharão mui perto da roca, ; e indo já a náu pera dar á costa, passou por elles huma caravella, que ia pera a pederneira, e pedindo aos homens della que á honra da morte e paixão de Nosso Senhor os quizessem soccorrer, e que lhes pagarião muito bem se os tomassem, e levassem á terra, responderão que Jesu Christo lhes valesse, que elles não podião perder tempo de viagem, e se forão sem alguma piedade, ou por ventura houverão medo da náu por lhes parecer phantasma, porque nunca se vio no mar cousa tão dessemelhada pera navegar, como o pedaço da náu em que ião ; porém este

medo ou crueldade não tiverão outros que ião pera a Atouguia, os quaes acudirão logo aos primeiros brados / que não podião ouvir senão milagrosamente por estarem muito longe / e levarão a náu a toa athe a pôrem em Cascaes, a horas de sol posto; donde o Infante Dom Henrique, Cardeal, que neste tempo governava o Reyno de Portugal, a mandou levar pelo rio acima, e pol-a defronte da Igreja de São Paulo, pera que todos os que a vissem dessem muitos louvores a Deus, por livrar os que nella vinhão de tantos perigos como passarão. E assim, ainda que esta viagem pertence tanto á Historia do Brasil que vou escrevendo por ser elle o termino a quo, e feita, e padecida por hum dos Capitães destas partes, e natural dellas, comtudo rogo aos que lerem este Capitulo, que dem ao Senhor as mesmas graças, e louvores; e tenhão sempre em elle firme esperança, que os pode livrar de todos os perigos.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO

De como o Governador Men de Sá tornou ao Rio de Janeiro, e fundou nelle a Cidade de S. Sebastião, e do mais que lá fez athe tornar á Bahia

Posto que o Governador Men de Sá não estava ocioso na Bahia, não deixava de estar com o pensamento nas cousas do Rio de Janeiro, e assim sacudindo-se de todas as mais, aprestou huma armada, e com o Bispo Dom Pedro Leitão, que ia visitar as Capitanias do Sul, que todas em aquelle tempo erão da sua diocese, e jurisdicção, e com toda a mais luzida que poude levar desta Cidade, se embarcou e chegou brevemente ao Rio, onde em dia de São Sebastião, vinte de Janeiro do anno de mil quinhentos sessenta e sete, acabou de lançar os inimigos de toda a enseada, e os seguio dentro de suas terras sujeitando-os a seu poder, e arrasando dous lugares em que se havião fortificado os Francezes, posto que em hum delles, que foi na aldêa de hum Indio principal chamado *Iburaguassù mirim*, que quer dizer « pau grande pequeno, » lhe ferirão seu sobrinho Estacio de Sá de huma mortifera frechada, de que depois morreo.

Socegadas as cousas da guerra, escolheo o Governador sitio acommodado ao edificio de huma nova Cidade, a qual mandou fortalecer com quatro castellos, e a barra ou entrada do Rio com dous, chamou a cidade de S. Sebastião, não só por ser nome de seu Rey, senão por agradecimento dos beneficios recebidos do Santo, pois a victoria passada se ganhou dia de S. Sebastião; e em este dia, dous annos antes, partio Estacio de Sá de S. Vicente pera o Rio de Janeiro, e começou a guerra invocando o seu favor, o qual reconhecerão bem os Portuguezes, assim em a batalha naval das canoas, como em outras occasiões de perigo.

Pelo que, ainda em memoria da victoria das canoas, se faz todos os annos em aquella bahia, defronte da Cidade, no dia do glorioso São Sebastião huma escaramuça de canoas com grande grita dos Indios, que as remão, e se combatem, cousa muito para ver.

O sitio em que Men de Sá fundou a Cidade de São Sebastião foi o cume de hum Monte, donde facilmente se podião defender dos inimigos, mas depois, estando a terra de paz, se estendeu pelo val ao longo do mar, de sorte que a praia lhe serve de rua principal, e assim sendo lá capitão mór Affonso de Albuquerque, se achou huma manhã defronte da porta do Convento do Carmo, que ali está, huma balêa morta, que de noite havia dado á costa; e as canoas que vem das roças, ou granjas dos moradores, ali ficão desembarcando cada hum á sua porta, ou perto della, com o que trazem, sem lhe custar trabalho de carretos, como custa pela ladeira acima. Nem elles proprios lá subirão em todo o anno, e menos as molheres, se não fôra estar lá a Igreja Matriz, e a dos Padres da Companhia, pela qual causa mora ainda lá alguma gente.

Fundada pois a Cidade pelo Governador Men de Sá em o dito outeiro, ordenou logo que houvesse officiaes, e ministros da milicia, justiça, e fazenda, e porque havião ido na armada mercadores, que entre outras mercadorias levarão algumas pipas de vinho, mandou-lhes o Governador que o vendessem atavernado, e pedindo elles que lhes puzesse a canada por hum preço excessivo, tirou elle o capacete da cabeça com colera, e disse que sim, mas que aquelle havia de ser o quartilho, e assim foi, e he ainda hoje, por onde se afilaõ as medidas, donde vem serem tam grandes, que a maior peroleira não leva mais de cinco quartilhos.

Entre os primeiros Francezes, que vierão ao Rio de Janeiro em companhia de Nicoláu Villaganhon, de que tratamos em o Capitulo Oitavo deste Livro, vinha hum hereje calvinista chamado João Bouller, o qual fugio pera a Capitania de S. Vicente, onde os Portuguezes o receberão cuidando ser Catholico, e como tal o admittião em suas conversações, por elle ser tambem na sua eloquente, e universal na lingoa Hespanhola, Latina, Grega, e saber alguns principios da Hebréa, e versado em alguns lugares da Sagrada Escriptura, com os quaes entendidos a seu modo dourava as pirolas, e encobria o veneno aos que o ouvião, e vião morder algumas vezes na autoridade do Summo Pontifice, no uso dos Sacramentos, no valor das Indulgencias, e em a veneração das Imagens. Comtudo não faltou quem o conhecesse / que ao lume da Fé nada se esconde /, e o forão denunciar ao Bispo, o qual o condemnou como seus erros merecião, e sua obstinação, que nunca quiz retractar-se; pelo que o remetteo ao Governador, o qual o mandou que á vista dos outros, que tinhão captivos na ultima victoria, morresse a mãos de hum algoz.

Achou-se ali pera o ajudar a bem morrer o Padre Joseph de Ancheta, que já então era Sacerdote, e o tinha ordenado o mesmo Bispo Dom Pedro

Leitão, e posto que no principio o achou rebelde não premettio a Divina Providencia que se perdesse aquella ovelha fora do rebanho da Igreja, senão que o Padre com suas efficazes razões, e principalmente com a efficacia da graça, o reduzisse a ella, ficou o Padre tam contente deste ganho, e por conseguinte tão receioso de o tornar a perder, que vendo ser o algoz pouco dextro em seu officio, e que se detinha em dar a morte ao réo, e com isso o angustiava, e o punha em perigo de renegar a verdade, que ja tinha confessada, reprehendeo o algoz, e o industriou pera que fizesse com presteza seu officio, escolhendo antes pôr-se a si mesmo em perigo de incorrer nas penas ecclesiasticas, de que logo se absolveria, que arriscar-se aquella alma ás penas eternas.

Casos são estes que desculpa a divina dispensação, e a caridade, que he sobre toda a lei, e sem isto mais são pera admirar, que pera imitar.

Ordenadas todas as cousas tocantes ao Governo Politico, povoada, e fortificada a terra, a encarregou o Governador a Salvador Corrêa de Sá, seu sobrinho, pera que a governasse, e elle se tornou pera a Bahia.

CAPITULO DECIMO TERCEIRO

De como o Governador tornou pera a Bahia, e de huma náu que a ella arribou indo pera a India

Tornando o Governador Men de Sá pera a Bahia, e chegando a ella, escreveo logo á Raynha, e ao Infante Cardeal D. Henrique, que governava o Reyno, o que tinha feito no Rio de Janeiro, pedindo em satisfação de seus serviços lhe mandasse successor, pera se poder ir pera Portugal, onde tinha sua filha Donna Helena, que depois casou com o Conde de Linhares Dom Fernando de Noronha; e entretanto foi continuando com seu cargo como costumava, e era obrigado.

Neste tempo veio aqui de arribada Francisco Barreto, que havia sido Governador da India, e ia conquistar Menomotapa, a quem o Governador em tudo o que poude pera sua navegação; ficou-lhe aqui muita gente, e entre os mais hum soldado homicida, que em algum tempo teve differenças com outro em Portugal, mas havião-se depois congraciado, e vinhão ambos, e como taes se forão huma tarde recreiar ao campo, onde se lançarão á sombra de huma fresca arvore, e adormecendo o outro, o Medeiros / que assim se chamava o homicida / lhe deo huma estocada de que logo morreo.

Muito desejou Francisco Barreto castigar esta aleivosia do seu soldado, mas não poude colhel-o, porem depois da sua partida o Ouvidor Geral Fernão da Silva o prendeo, e formado o processo foi sentenciado á morte.

O dia que o levarão a justiçar os mais, que ficarão de Francisco Barreto, tinhão dado ordem que estivessem trincados os baraços, pera que cahisse da força, como em effeito cahio não só huma vez mas tres vezes, o que visto pelos Irmãos da Misericordia, que o havião accompanhado com a

justiça, como he costume, requererão ao Ouvidor Geral, que não executasse a sentença, pois assim parecia ser vontade de Deus, o que elle fez, e tornando-o ao carcere, foi logo avisar ao Governador do que havia passado, o qual, como era letrado e recto na justiça, o reprehendeo muito, dizendo que aquella piedosa opinião era, mas não tinha lugar em aquelle caso, onde a verdade era sabida, e a aleivosia tam notoria, pelo que o mesmo Governador huma madrugada o mandou tirar da cadêa, e fazer huma forca á porta della, onde o enforcarão, e não quebrou a corda.

Em estas, e outras cousas semelhantes se occupava o Governador na Bahia emquanto esperava successor, e as guerras não cessavão assim nas Capitanias do Sul, como do Norte, segundo veremos nos Capitulos seguintes.

CAPITULO DECIMO QUARTO

De como os Tamoyos, e Francezes depois da vinda do Governador forão do Cabo Frio ao Rio de Janeiro pera tomarem huma aldêa, e do que lhe succedeo

Posto que o Governador Geral Men de Sá, antes que se viesse pera a Bahia, deixou limpa a do Rio de Janeiro dos inimigos Tamoyos, elles se acolherão ao Cabo Frio, que dista do Rio dezoito legoas, e ali se fizerão fortes, e sahião a dar alguns assaltos aos de S. Vicente ajudados dos Francezes, á conta de elles mesmos tambem os ajudarem a cortar páu brasil pera carregarem suas náus, que ha muito em aquelle Cabo; e a tanto chegou o seu atrevimento, que juntando a oito náus Francezas as canoas que puderão, se embarcarão huns e outros, e entrarão pelo Rio de Janeiro, e passando á vista da Cidade de S. Sebastião, forão surgir em hum porto de huma aldêa, que distava da Cidade huma legoa, a qual era dos Indios confederados, e amigos dos Portuguezes, onde estava por principal hum de grande animo, e esforço, que nas guerras passadas havia feito grandes façanhas em defensa do nome Christão, e dos Portuguezes: seu nome brasil foi Arariboia, e no baptismo se chamou Martim Affonso de Souza, como seu padrinho o Senhor de S. Vicente, que o padrinhou quando vio á sua Capitania no anno de mil quinhentos e trinta.

A este vinhão os Tamoyos ajudados dos Francezes saltear e prender, pera fazerem em sua terra hum solemne banquete de suas carnes, segundo elles o mandarão por hum mensageiro dizer ao capitão mór Salvador Corrêa de Sá, o qual temeroso que tomada a aldêa tornassem sobre a Cidade, a fortificou muito á pressa, e mandou aos moradores, e soldados que estivessem em armas, e não menos solicito da saude do Indio amigo lhe mandou logo soccorro de gente Portugueza / ainda que pouca / animosa, e governada por Duarte Martins Mourão, seu capitão.

Avisado o valoroso Indio Martim Affonso de Souza, cercou logo a sua aldêa de trincheiras, e detendo só nella os que podião pelejar, mandou sahir toda a gente inutil, e escondel-a em parte segura, e elle com grande animo esperou os inimigos, os quaes desembarcados em terra, e a seu prometter seguros da victoria, nenhuma cousa fizerão aquelle dia, dilatando a batalha para o outro seguinte.

Donde os nossos, que vierão de soccorro, ajudados da obscuridade da noite puderão pôr em bom lugar hum falconete, que em huma grande canôa havião trazido pera aradarem (*arredarem?*) com elle os inimigos.

Esforçado mais o valoroso Indio com este soccorro, e animando os seus, mandou romper as trincheiras, e appelidando o nome de Jesus e de São Sebastião, acommetter o inimigo, antes que se concertasse em esquadrões; os Indios alentados com a voz do seu capitão, e animados com o exemplo dos Portuguezes, cerrarão com os inimigos desconcertados, os quaes ainda, por serem mais em numero, lhes resistirão fortemente, em fim virarão as costas, não podendo soffrer a força dos Portuguezes, e Indios confederados.

Os nossos os seguirão, e com pouco damno seu, fizerão grande matança, porque as náus Francezas, acostando-se demasiadamente á terra, com a vasante da maré havião ficado em secco, e o falconete, chovendo sobre ellas huma tempestade de pedras, matava, e feria muitos marinheiros, que nellas estavão, e soldados que se embarcavão, athé que tornando a crescer a maré se fizerão ao mar, perdidos muitos Francezes, e ellas maltratadas; os Barbaros destroçados com difficuldade saltarão em as canoas, e perdidos os brios, e desfeitas as forças, em companhia das naus Francezas tornarão pera o Cabo Frio, e os que carregados de armas sahirão de sua terra ameaçando que havião despedaçar com seus dentes a Martim Affonso, deixarão em o campo espalhados muitos dos seus, pera que com seus bicos os despedaçassem as aves.

Os Francezes, reparadas suas náus, e carregadas de páu brasil, se tornarão nellas á sua patria.

CAPITULO DECIMO QUINTO

Das guerras, que houve neste tempo em Pernambuco

Vendo Duarte Coelho de Albuquerque a muita gente que acudia, assim de Portugal como das outras Capitanias, pera povoarem a sua de Pernambuco, e fazerem nella engenhos e fazendas; e que as terras do Cabo, que os Gentios inimigos tinhão occupadas, erão as mais ferteis, e melhores, determinou de lhas fazer despejar por guerra, e pera isto fez resenha de gente que podia levar, e ordenou que com a gente de Igaraçù fosse por capitão Fernão Lourenço, que era o mesmo capitão da dita Villa: com a gente de Paraty Gonçalo Mendes Leitão, irmão do Bispo, que então era Dom Pedro Leitão, e casado

com huma filha de Hyeronimo de Albuquerque; com a gente da Vargea de Capiguaribe Christovão Lins, Fidalgo Allemão; e da gente da Villa, mercadores, e moradores, porque erão de diversas partes do Reyno, ordenou outras tres companhias, e que por capitão dos Viannenses fosse J.° Paes; dos do Porto, Bento Dias de Santiago; e dos de Lisboa, Gonçalo Mendes Delvas, mercador; pelas quaes seis companhias ião repartidos vinte mil negros, os mais delles do Gentio da matta do páu brasil, contrarios dos do Cabo.

Tambem lhes mandou o capitão da ilha de Tamaracá huma companhia de trinta e cinco soldados brancos, e dous mil Indios frecheiros, e por capitão Pero Lopes Lobo: posto que elle os entregou a Duarte Coelho, pera que os repartisse por onde visse serem necessarios, e quiz antes metter-se na companhia dos aventureiros, que era dos mancebos solteiros.

Sobre todos ia por General Duarte Coelho de Albuquerque, acompanhado de Dom Philippe de Moura, e Philippe Cavalcante, genros de Hyeronimo de Albuquerque, e de outros homens nobres e honrados, que todos o quizerão acompanhar, e não ficou mais na Villa que Hyeronimo de Albuquerque com alguns velhos, que não podião menear as armas.

Com toda esta gente se partio Duarte Coelho de Albuquerque, e foi marchando athe ás primeiras cercas dos inimigos, onde o esperarão aos primeiros encontros, e houve alguns mortos e feridos de parte a parte, mas vendo que era impossivel resistir a tantos, se puzerão em fugida com grande pressa, pera que seguindo-os com a mesma não tivessem os nossos lugar de desmanchar-lhes as casas, e as cercas, e assim tornassem depois pelos mattos a meter-se nellas; mas Duarte Coelho, que lhes adivinhou os pensamentos, lhes mandou queimar algumas, e em outras deixou presidios, com ordem que lhes arrancassem todos os mantimentos, com o que os obrigou a commetter pazes, e elle lhas outorgou com as condições, que melhor lhe estiverão, e repartio as terras por pessoas, que as começarão logo a lavrar, os quaes como acharão tanto mantimento plantado não fazião mais que comel-o, e replantal-o da mesma rama, e nas mesmas covas, e com isto forão fazendo seus cannaviaes, e engenhos de assucar, com que enriquecerão muito, por a terra ser fertilissima, e só hum, que por isto se chamou João Paes do Cabo, chegou a fazer oito engenhos, que repartirão por oito filhos que teve, e coube a cada hum seu de legitima.

E porque as terras do Rio de Cirinhaen, que ficão defronte da ilha de Santo Aleixo, seis legoas do Cabo, erão tambem muito boas, e as tinha occupadas outro Gentio contrario, que já estava sujeito e pacifico, e de lá os vinhão inquietar, e salteal-os, lhes mandou Duarte Coelho dizer pelos nossos lingoas, e interpretes, que se quietassem, e fossem amigos, senão que lhe seria necessario defendel-os, e tomar vingança dos aggravos, e injurias, que lhes fazião.

Ao que elles com muita arrogancia responderão que não o havião com os brancos, nem com elle, senão com aquelles que erão seus inimigos, e con-

trarios antigos; mas se os brancos querião por elles tomar pendencias, ainda tinhão braços pera se defenderem de huns, e de outros.

Tornados os lingoas com esta reposta, fez Duarte Coelho de Albuquerque huma juncta de officiaes da Camera, e mais pessoas da governança, onde se julgou ser a cousa bastante pera se lhes fazer guerra justa, e os captivar, e com este assento se aprestou logo outro exercito, em que foi Philippe Cavalcante, fidalgo florentino, capitão dos que forão por mar em barcos, e caravellões, e Hyeronimo de Albuquerque, dos que marcharão por terra, que Duarte Coelho como soldado quiz ir solto, na companhia dos aventureiros, e tanto que chegarão ás cercas, e aldêas dos inimigos, tiverão grandes encontros, e resistencias, porque erão muitas, e rotas humas se acolhião logo, e se fortificavão, e defendião em outras com grande animo e coragem.

Porem quando virão o soccorro dos barcos, e que não poderão impedir-lhes o desembarcar, posto que o accommetterão animosamente, logo desconfiarão, e fugirão para o sertão, levando as molheres, e filhos diante, e ficando os valentes fazendo-lhes costas, que nunca as virarão aos nossos aventureiros, e Indios nossos amigos, que os forão seguindo muitas legoas, athe chegarem a huma grande cerca, onde se metterão huma tarde, apparecendo alguns pelos altos della, com tantos ralhos, e mostras de se defenderem, que ali cuidarão os nossos que os tinhão certos, e não sabião já quando havia de amanhecer pera abalroarem, animando-se todos huns aos outros pera a peleja; porem pela manhã a acharão despejada, que todos havião fugido, e só sahirão de entre o mato hum moço e huma moça de outro Gentio, que elles tinhão captivos, os quaes contarão que no mesmo tempo, que os ralhadores apparecerão na fronteira da cerca, ião todos os mais secretamente fugindo pela outra parte; e assim não havia pera que cançar mais em os seguir, porque ião pera mui longe, e pera mais não tornarem, como de feito assim foi, e os nossos se tornarão pera onde havião deixado os mais, e os acharão arrancando, e desfazendo os mantimentos dos fugidos, com o que se tornarão todos, huns por mar outros por terra, a Olinda com muito contentamento.

A' fama destas duas victorias ficou todo o Gentio desta Costa athé o Rio de S. Francisco tam atemorisado, que se deixavão amarrar dos brancos como se forão seus carneiros e ovelhas; e assim ião em barcos por esses rios, e os trazião carregados delles a vender por dous cruzados, ou mil reis cada hum, que he o preço de hum carneiro. Isto não fazião os que temião a Deus, senão os que fazião mais conta dos interesses desta vida, que da que havião de dar a Deus, e principalmente veio hum clerigo a esta Capitania, a que vulgarmente chamavão o Padre do Ouro, por elle se jactar de grande mineiro, e por esta arte era mui estimado de Duarte Coelho de Albuquerque, e o mandou ao sertão com trinta homens brancos, e duzentos Indios, que não quiz elle mais, nem lhe erão necessarios; porque em chegando a qualquer aldêa do Gentio, por grande que fosse, forte, e bem povoada, depennava hum frangão,

ou desfolhava hum ramo, e quantas pennas, ou folhas lançava pera o ar tantos demonios negros vinhão do inferno lançando labaredas pela boca, com cuja vista somente ficavão os pobres Gentios machos, e femeas, tremendo de pés e mãos, e se acolhião aos brancos, que o Padre levava comsigo; os quaes não fazião mais que amarral-os, e leval-os aos barcos, e aquelles idos, outros vindos, sem Duarte Coelho de Albuquerque, por mais reprehendido que foi de seu tio, e de seu irmão Jorge de Albuquerque, do Reyno, querer nunca atalhar tão grande tyrannia, não sei se pelo que interessava nas peças, que se vendião, se porque o Padre Magico o tinha enfeitiçado; e foi isto causa pera que ElRey Dom Sebastião o mandasse ir pera o Reyno, donde passou, e morreo com elle em Africa, e ficou a Capitania a Jorge de Albuquerque Coelho, que tambem passou com ElRey, e foi captivo, ferido, e aleijado de ambas as pernas, mas resgatou-se, e viveo depois muitos annos casado com a filha de Dom Alvaro Coutinho de Amourol, da qual houve dous filhos, Duarte de Albuquerque Coelho, e Mathias de Albuquerque, de que trataremos em o Livro Quinto. E o Padre do Ouro tambem foi preso em hum navio pera o Reyno, o qual arribou ás ilhas, donde desappareceo huma noite sem mais se saber delle.

CAPITULO DECIMO SEXTO

De como vinha por Governador do Brasil Dom Luiz Fernandes de Vasconcellos, e o matarão no mar os cossarios

Em o anno do Senhor de mil quinhentos e setenta vinha por Governador do Brasil Dom Luiz Fernandes de Vasconcellos, o qual, partido em huma bôa frota, ao segundo dia que sahio da barra de Lisboa começou a correr tormenta, que fez apartar humas náus das outras, donde huma foi encontrar com cossarios poderosos, que a tomarão, e matarão quarenta Padres da Companhia de Jesus, que nella vinhão com o Padre Ignacio de Azevedo, que já havia sido no Brasil seu primeiro Visitador, e a toda a mais gente que a náu trazia; e Dom Luiz arribou destroçado da tempestade á ilha da Madeira, onde refazendo-se, sobre ter navegado de huma parte pera a outra mais de duas mil legoas, com immenso trabalho chegou á vista do Brasil, que demandava, e sem a poder tomar, por mais que por isso trabalhou, lhe foi forçado arribar dalli á ilha Hespanhola, que é das Indias de Castella, e invernar nella, e arribar dalli outra vez a Portugal com a náu desbaratada da falta de tudo, e aportando assim na ilha Terceira, no porto da ilha lhe derão a nova da morte de seu filho Dom Fernando, que desastradamente morreo na India a mãos de Mouros.

Passado a outra náu, esperando tempo pera tornar a commetter a viagem do Brasil, partio quando o teve, sem alguma companhia de outras náus, e encontrou na mesma semana tres náus de cossarios lutheranos, a cujas mãos, não sendo poderoso de defender-se nem se querendo render, sobre ter mui esforçadamente pelejado, foi morto na batalha.

Era Dom Luiz Fernandes de Vasconcellos / além de outras bôas qualidades, pelas quaes parecia digno de melhor ventura / curiosissimo da arte maritima, e tão douto, e diligente nella, que podia competir com os mais scientes, e experimentados pilotos; mas com isto infelicissimo em todas suas viagens, e navegações.

A primeira vez que houve de sahir ao mar, sendo despachado por capitão mór da Armada da India, estando já as náus carregadas, e a ponto de partirem, abrio a sua Capitania huma tão grossa agoa, que não poude partir com as outras, mas partio depois só, e veio invernar a esta Bahia, como dissemos no Capitulo Quinto deste Livro, e peior foi a jornada da India pera o Reyno, em que se perdeo com miseravelissimo naufragio, de que salvou somente a pessoa, com trinta e tantos companheiros, no batel da náu, deixando nella mais de tresentos, que se afogarão, com tanta magoa de seu coração por lhes não poder valer, que cobrio os olhos com huma toalha por não ver tão triste espectaculo, e sahindo assim da náu permittio Nosso Senhor que visse erra em poucos dias da ilha de S. Lourenço, povoada de cruel, e barbaro Gentio, com que as vidas não ficavão menos arriscadas, não tendo dalli, senão muito longe, outra terra, nem navio, nem mantimento; mas ordenou a Divina Misericordia que topasse alli acaso uma náu resgatando, na qual tornarão a India, onde Dom Luiz se embarcou em outra pera Portugal, e sobre ter peregrinado tres annos, e mais, chegou ao Reyno, sem ter de tão longa jornada, em que mettera tanto cabedal, mais que dividas, e trabalhos, e perigos, que nella passou, e não se cançando nem se mudando por tempo sua fortuna, sendo depois mandado por Governador do Brasil lhe acontecerão os infortunios, que atrás dissemos, e por fim delles a morte, que põe fim a tudo.

CAPITULO DECIMO SETIMO

Da morte do Governador Men de Sá

Neste mesmo anno, em que Dom Luiz Fernandes de Vasconcellos foi morto em o mar a mãos de inimigos cossarios, que foi o de mil quinhentos setenta e hum, morreo de sua enfermidade o Governador Men de Sá, que o estava esperando pera ir-se pera o Reyno, mas quereria Nosso Senhor leval-o pera outro Reyno melhor, que hé do Ceu, como por sua vida, e morte, e prin-

cipalmente pela Misericordia Divina, se póde confiar. Foi sepultado em a capella da igreja dos Padres da Companhia, que elle havia ajudado a fazer de penas das condemnações applicadas pera a obra, e de outras esmolas. Fez testamento, em que instituio universal herdeira da sua fazenda, a sua filha Condessa de Linhares, com esta clausula, que se morresse sem deixar filho ou filha, que a herdasse, do engenho e terras, que cá tinha em Serigipe, ficasse a terceira parte á casa da Misericordia desta Cidade da Bahia, e os outros dous terços aos Padres da Companhia, hum pera elles, outro pera repartirem em esmolas, e dotes de orphãs.

Porém ainda que a Condessa morreo sem deixar filhos herdeiros, ella legou estes bens ao Collegio dos Padres da Companhia de Santo Antão de Lisboa, onde mandou fazer huma capella, e os Padres de cá, não lhes parecendo bem pôr-se á demanda com os seus, deixarão o litigio á Misericordia.

Não sómente o Governador Men de Sá morreo gososo de suas victorias /se ha cousa nas mundanas que na morte possa dar goso/, mas tambem de outras, que neste anno da sua morte, o decimo quarto do seu governo, alcançarão os Catholicos contra os infieis, que forão as mais insignes de quantas no mundo se hão visto; huma foi a que os Portuguezes alcançarão na India contra tres Reys, que se confederarão pera os lançarem della, e pera este effeito derão todos a hum tempo, o Hidalcão sobre Goa, o Nisa Maluco sobre Chaul, e o de Achem sobre Malaca; mas como em todas estas partes havia defensores Portuguezes, em todas foi igual a resistencia. Muitos forão de parecer que se largasse Chaul, porque não estava murado, nem tinha gente que o pudesse defender do poder de Nisa Maluco, e pera lhe mandar soccorro de Goa seria pôrem-se a perigo de perderem huma cousa, e outra: porém o Viso Rey Dom Luiz de Attayde, contra o parecer de todos, disse que nada havia de largar, e assim ficando-se com só dous mil homens em Goa, mandou Dom Francisco Mascaranhas a Chaul com seiscentos soldados escolhidos, fóra muitos fidalgos, e capitães, dos quaes alguns aperceberão navios em que o seguirão com gente á sua custa, como forão Dom Nuno Alvares Pereira, Pedro da Silva de Menezes, Nuno Velho Pereira, Ruy Pires de Tavora, João de Mendonça, e outros, que não podendo haver embarcações por partirem a furto do Viso Rey, se embarcarão com estes, que dissemos, e com outros, que pelo tempo forão acudindo, e com tão pouca gente foi Deus servido que o Viso Rey vencesse em Goa o Hidalcão, o qual o teve cinco mezes em cerco com trinta e cinco mil cavallos, e sessenta mil de pé, dous mil elephantes armados, e duzentas peças de artilharia de campo, as mais dellas de monstruosa grandeza, e Dom Francisco Mascaranhas com a gente que levava de soccorro, e a que tinha Luiz Freire de Andrade, capitão mór de Chaul, que serião oitocentos homens, matarão a Nisa Maluco doze mil Mouros de cem mil combatentes de pé, e cincoenta e cinco mil de cavallo, com que teve cercado a Chaul, e o puzerão em tanta desconfiança que a cabo de nove mezes, que durou o cerco, commetteo pazes a Dom Francisco Mascaranhas.

As mesmas commetteo o Hidalcão ao Viso Rey, e hum, e outro as aceitou com condições a seu gosto, muito a salvo da sua honra, e delRey. Pois o de Achem não livrou melhor que estoutros, porque indo pera Malaca se encontrou com Luiz de Mello da Silva, que em naval batalha o venceo, e o fez por então tornar frustado de seu intento.

Com esta victoria chegou o Viso Rey Dom Luiz de Attayde ao Reyno a vinte e dous de Julho do anno seguinte de mil quinhentos setenta e dois, por deixar já na India Dom Antonio de Noronha, seu successor, e ElRey Dom Sebastião foi na Cidade de Lisboa dar graças a Deus no domingo seguinte, em solemne procissão da Sé ao Mosteiro de S. Domingos, onde se pregou, e denunciou ao povo, levando á mão direita o Viso Rey em precedencia de todos os Principes e Senhores, de que foi accompanhado; grande honra, mas bem merecida, e devida a tão heroicos feitos.

A outra victoria que neste anno de mil quinhentos setenta e hum se alcançou foi a de Dom João de Austria, General da Liga Christã, o qual com Marco Antonio Colona, General das galés do Papa Pio Quinto, Sebastião Veniero, General dos Venezianos, o Principe Doria, o de Parma, e Urbino, e outros Senhores, que seguirão seu estandarte, em hum domingo, a sete de Outubro, em o Golfo de Lepanto venceo o Baxá General dos Turcos, matou-o, e lhe captivou dous filhos, sendo mais mortos trinta mil Turcos, captivos cinco mil, tomadas duzentas e vinte galés, e galeotas, e libertados quinze mil escravos Christãos, que vinhão remando em a armada do Turco; mas tambem dos nossos morrerão na batalha sete mil e quinhentos soldados, em que entrarão alguns capitães famosos.

Sabida a nova da perda da sua armada por Selim, Imperador dos Turcos, a sentio tanto, que sahio do seu juizo, dizendo que era principio da ruina do seu Imperio, mas sendo consolado por Luchali, que havia escapado com quinze galés, e lhe mostrou o estandarte de Malta, que havia tomado na batalha, e aconselhado pelos seus, mandou logo aprestar outra armada, fazendo general della o dito Luchali, o qual mui contente com o novo cargo se dava pressa em fabricar galés, fundir artilharia, fazer munições, e vitualhas pera sahir o anno seguinte, o que sabido pelo Summo Pontifice tornou a tratar com os Principes Christãos de nova Liga, pedindo tambem a ElRey de Portugal Dom Sebastião quizesse entrar nella, e juntamente quizesse aceitar o casamento de Margarita, filha de ElRey Henrique de França, em que já lhe havião fallado, e ella não quizera, o qual sabendo que o dito Rey de França se excusava da Liga contra o Turco, respondeo que aceitava o casamento, e não queria mais dote com ella, senão que entrasse seu pae na dita Liga, e elle mesmo se offerecia que pelo mar Roxo, e Persico molestaria o Gran Turco com suas armadas em aquelle tempo victoriosas, e nisso trabalharia com todo o seu poder e forças.

Tam zeloso era ElRey Dom Sebastião da honra de Deus, e de guerrear por ella contra os infieis, que só por isto aceitava o casamento / a que não

era afeiçoado /, e não queria outro dote; mas não se concluindo este matrimonio, que tantos males, e desaventuras podera escusar, casou com ella Henrique de Bourbon, Duque de Vandoma, e Principe de Bierne, e ElRey Dom Sebastião continuou com suas guerras, que era o que desejava sobre todas as cousas da vida, athé que nellas a perdeo.

CAPITULO DECIMO OITAVO

De como ElRey Dom Sebastião mandou Christovão de Barros por Capitão Mór a governar o Rio de Janeiro

ElRey Dom Sebastião, depois que começou a governar por si o Reyno, como era tão solicito de conquistas / que prouvera a Deus não fôra tanto /, sabendo da que se fazia no Rio de Janeiro, mandou a ella por capitão mór, e Governador a Christovão de Barros, o qual era filho bastardo de Antonio Cardoso de Barros, primeiro Provedor Mór da Fazenda dElRey no Brasil, que tornando-se pera o Reyno em companhia do primeiro Bispo, dando a náu á costa junto ao rio de S. Francisco, foi morto, e comido do Gentio, como já dissemos em o Capitulo Terceiro deste Livro.

Era Christovão de Barros homem sagaz, e prudente, e bem afortunado em as guerras, e assim, depois que chegou ao Rio de Janeiro, em todas as que teve com os Tamoyos ficou victorioso, e pacificou de modo o reconcavo, e rios daquella Bahia, que tornados os ferros das lanças em fouces, e as espadas em machados, e enxadas, tratavão os homens já somente de fazer suas lavouras, e fazendas, e elle fez tambem hum engenho de assucar junto a hum rio chamado Magé, onde se faz huma pescaria de fataças, e chama-se Piraiqué, que quer dizer «entrada de peixe», tão notavel, que não é bem passal-a em silencio.

Hé este rio de agoa doce, mas entra por elle a maré huma legoa pouco mais ou menos. Nas agoas vivas do mez de Junho, que hé alli a força do inverno, entrão por elle tantas fataças, ou corimans / como os Indios brasis lhes chamão /, que pera as poderem vencer se juntão duzentas canôas de gente, e lançando muito barbasco machucado á riba donde chega a maré, quando está preamar se tapa a boca, ou barra do rio com huma rede dobrada, vai o peixe a sahir com a vasante, não pode com a rede, nem menos esconder-se em o fundo, porque a agoa o embasbaca, e embebeda de maneira que, viradas de barriga, as fataças andão sobre ella meias mortas, donde com hum redofolles as tirão como colhér de caldeira, aos pares, até encher as canôas.

Sahem-se logo fóra, e cortadas as cabeças lhes escallão os corpos, e salgadas os põem a seccar em os penedos, que ha alli muitos; e das cabeças cosidas fazem azeite pera se allumiarem todo o anno.

Nas agoas seguintes de Julho se faz outra Piraiqué, ou pescaria, da mesma maneira que a passada, mas não são já tam gordas as fataças, porque estão todas ovadas de ovas grandes e saborosas, as quaes salgão, prensão, e seccão para comerem, e levarem a vender á Bahia, e a outras partes.

Contei isto, porque esta pescaria se faz em aquelle rio de Magé, onde Christovão de Barros fez o seu engenho, e no seu tempo, e ainda depois alguns annos se mandava lançar publico pregão na cidade do dia em que se havia de fazer a pescaria, pera que fossem a ella todos os que quizessem, e poucos deixavão de ir, assim pelo proveito como por recreação.

CAPITULO DECIMO NONO

Do quarto Governador do Brasil Luiz de Brito de Almeida. e de sua ida ao Rio Real

Sabida no Reyno a nova da morte de Luiz Fernandes de Vasconcellos, que os cossarios matarão no mar vindo governar o Brasil, mandou logo ElRey por Governador a Luiz de Brito de Almeida, que havia sido Escrivão da Misericordia em hum anno de muita festa em Lisboa, e desemparando o Provedor, e Irmãos o Hospital com temor do mal contagioso, elle assistio sempre, provendo-os de todo o necessario pera sua cura; pelo que ElRey lhe encarregou este Governo, no qual, depois de chegar, e prover nas cousas da paz, que por morte de seu antecessor achou desordenadas, começou a entender nas da guerra; e a primeira a que acudio foi a lançar os Gentios inimigos do Rio Real, e povoal-o como ElRey lhe havia mandado, pelas boas informações que delle tinha, e o mesmo nome de Rio Real está publicando, e promettendo.

Este rio está em doze gráus, tem de boca meia legoa, em a qual ha dous canaes, e por qualquer delles entrão navios da Costa de cincoenta toneladas. Da barra pera dentro hé o rio mui fundo, e faz huma bahia de mais de huma legoa, onde ha grandes pescarias de peixes bois, e de toda a mais sorte de peixe.

Entra a maré por elle sete ou oito legoas. Do salgado pera cima hé a terra muito boa pera cannas de assucar, e outras plantas; tem muito páu brasil, e por todas estas cousas a mandava ElRey povoar; porém como havia alli Gentio contrario, foi primeiro o Governador pera a fazer despejar com muitos moradores da Bahia, huns por terra, outros nos barcos, em que ião os mantimentos, e alcançou victoria de hum grande principal chamado Soroby, queimando-lhe as aldêas, matando, e captivando a muitos; e porque outro chamado Aperipé lhe fugio com a sua gente o seguio cincoenta legoas pelo sertão sem lhe poder dar alcance, onde achou duas lagôas notaveis, huma de quinhentas braças de comprido, e cento de largo, cuja agoa hé mais salgada que a do

mar, e toda cercada de perrexil : outra pegada a esta de mais de seiscentas braças de largo de agoa muito doce ; ambas tem muito peixe, e o Governador mandou pescar muito, com que se tornou pera a Bahia, encarregando a povoação a Garcia da Vida, que tinha sua casa, fazenda, e muitos curraes dalli a doze ou treze legoas no rio de Tatuapará, o qual a começou, mas nunca se acabou de povoar senão de curraes de gado.

CAPITULO VIGESIMO

Das entradas, que neste tempo se fizerão pelo sertão

Não ficarão pouco pesarosos os moradores da Bahia, que accompanharão o Governador ao Rio Real, por não acharem o Gentio, que buscavão, pera o captivarem, e se servirem delle como aquelles a quem havia levado mais esta cobiça que o zelo da nova povoação, que ElRey pertendia se fizesse ; mas ainda se ajudarão do successo pera seu intento, dizendo ao Governador que pois as guerras afugentavão os Gentios, como se vira nesta, e nas que seu antecessor lhes havia feitas, com que os fez afastar do mar mais de sessenta legoas, seria melhor trazel-os por paz, e per persuasão de Mamalucos, que por elles saberem a lingoa, e pelo parentesco, que com elles tinhão / porque Mamalucos chamamos mestiços, que são filhos de brancos, e de Indias /, os trarião mais facilmente que per armas.

Por estas razões, ou por comprazer aos supplicantes, deo o Governador as licenças, que lhe pedirão, pera mandarem ao sertão descer Indios por meio dos Mamalucos, os quaes não ião tam confiados na eloquencia, que não levassem muitos soldados brancos, e Indios confederados, e amigos, com suas frechas, e armas, com as quaes, quando não querião por paz, e por vontade, os trazião por guerra, e por força : mas ordinariamente bastava a lingoa do parente Mamaluco, que lhes representava a fartura do peixe, e mariscos do mar, de que lá carecião, a liberdade de que havião de gosar, a qual não terião se os trouxessem por guerra.

Com estes enganos, e com algumas dadivas de roupas, e ferramentas, que davão aos principaes, e resgates, que lhes davão pelos que tinhão presos em cordas pera os comerem, abalavão aldêas inteiras, e em chegando á vista do mar, apartavão os filhos dos paes, os irmãos dos irmãos, e ainda ás vezes a molher do marido, levando huns o capitão Mamaluco, outros os soldados, outros os armadores, outros os que impetrarão a licença, outros quem lha concedeo, e todos se servião delles em suas fazendas, e alguns os vendião, porém com declaração que erão Indios de consciencia, e que lhes não vendião senão o serviço, e quem os comprava, pela primeira culpa, ou fugida, que fazião, os ferrava na face, dizendo que lhe custarão seu dinheiro, e erão seus

captivos; quebravão os pregadores os pulpitos sobre isto, mas era como se pregassem em deserto.

Entre estas entradas no sertão fez huma Antonio Dias Adorno, ao qual encommendou o Governador que trabalhasse por descobrir algumas minas, o qual entrou pelo rio das Contas, que é da Capitania dos Ilheos, e seguindo a sua corrente, que vem de mui longe, rodeou grande parte do sertão, onde achou esmeraldas, e outras pedras preciosas, de que trouxe as amostras, e o Governador as mandou ao Reyno, onde examinadas pelos lapidarios, as acharão muito boas; mas nem por isso se mandou mais a ellas, signal que havião lá ido mais a buscar peças que pedras, e assim trouxerão sete mil almas dos Gentios Topiguaens, sem trazerem algum mantimento, que comessem, em duzentas legoas, que caminharão muito devagar, por virem muitas molheres, e crianças, e muitos velhos, e velhas, sustentando se só de fructas agrestes, caça, e mel, mas isto em tanta abundancia que nunca se sentio fome, antes chegarão todos gordos, e valentes: donde se collige quam fertil hé aquelle sertão, e pelo conseguinte com quanta facilidade se pudera tornar em busca das pedras preciosas já descobertas, e descobrir outras.

Tambem mandou o mesmo Governador hum Sebastião Alvares ao rio de S. Francisco com officiaes, e tudo o mais necessario pera fazer huma embarcação em que por elle navegassem em descobrir algumas minas, e pera isso escreveo a hum grande principal do sertão chamado Porquinho, que o ajudasse com gente, e tudo o mais que pudesse; elle mandou hum vestido de escarlata, e huma vara de meirinho pera trazer na mão.

Levou este recado hum Diogo de Crasto, que já havia estado em sua casa, e sabia bem fallar-lhe a lingoa, e outro grande lingoa, que havia sido Irmão da Companhia, chamado Jorge Velho.

Estimou muito o Porquinho ver o caso que delle fazia o Governador, e nunca jámais faltou em quanto os brancos o occuparão; e assim poz com sua ajuda o capitão a embarcação em boa altura, e a fez em parage donde o rio era todo navegavel, porque dalli pera baixo lhe ficava já a cachoeira, e o sumidouro, quando lhe chegou huma carta do Governador Lourenço da Veiga, que succedeo a Luiz de Brito, em que mandava que logo lhe viesse dar conta da fazenda de ElRey, que levara, obedeceo o homem, e posto que depois tornou não achou já os seus, que se havião mettido com outros de Pernambuco a descer Gentio, como elle tambem fez, e todos lá acabarão.

Não só da Bahia, mas tambem dos Ilheos, e de Pernambuco, se fizerão neste tempo outras entradas.

Dos Ilheos foi Luiz Alvares Espinha com pretexto de fazer guerra a certas aldêas dahi a trinta legoas, por haverem em ellas mortos alguns brancos, porém não se contentou com lha fazer, e captivar todas aquelles aldeãos, senão que passou adiante, e desceo infinito Gentio.

De Pernambuco forão Francisco de Caldas, que servio de Provedor da

Fazenda, e Gaspar Dias de Taide com muitos soldados ao rio de S. Francisco, e ajudando-se do Braço de Peixe, que era hum grande principal dos Tobajares, e da sua gente, que era muito esforçada, e guerreira, entrarão muitas legoas pelo sertão, matando os que resistião, e captivando os mais.

Tornando-se depois pera o mar com sete mil captivos, determinarão pagar ao Braço com o levarem tambem amarrado, e a todos os seus: porém elle os entendeo, e não deixando de os servir com mantimentos das suas roças, e caça do matto, pera aquelles, deo duzentos caçadores pera assegurar mais a sua caça, e depois que os teve seguros, que nem se vigiavão, nem lhes parecia haver pera que, mandou chamar outro principal seu parente, chamado Assento de Passaro, que viesse com os frecheiros da sua aldêa, e avisou os seus caçadores, que estavão entre os brancos, estivessem alerta na madrugada seguinte, pera que, quando ouvissem o seu urro costumado, darem juntamente nos nossos, e lhes não escapar algum com vida; e assim foi que, achando-os dormindo mui descuidados, subitamente os accommetterão com tanto impeto, que não lhes derão lugar a tomar armas, nem a fugir, e os matarão todos; e soltos os outros Gentios captivos, depois que ajudarão a festejar a sua liberdade, comendo a carne de seus senhores, os deixarão tornar pera suas terras, ou pera onde quizerão; só escapou dos nossos hum Mamaluco, que huma moça, irmã do principal Assento de Passaro, escondeo.

Este levou a nova aos brancos, que estavão no porto esperando, e depois nelles a Olinda, onde foi muito sentida de todos, pranteando as viuvas seus maridos, e os filhos seus paes, que alli morrerão. Nem parou aqui o mal, senão que os homicidas, temendo-se que os brancos fossem tomar vingança destas mortes, sendo Tobajares, e contrarios dos Potiguares, se forão metter com elles na Paraiba, e se fizerão seus amigos pera os ajudarem em as guerras, que nos fazião, como adiante veremos.

NB. Este Capitulo foi copiado das addições e emendas a esta Historia do Brasil; cujos addimentos existem no Real Archivo da Torre do Tombo.

CAPITULO VIGESIMO PRIMEIRO

Das differenças, que o Governador, e o Bispo tiverão sobre hum preso, que se acolheo á Igreja

Por morte do Bispo Dom Pedro Leitão veio o Bispo Dom Antonio Barreiros, que havia sido Dom Prior de Aviz, a governar este Bispado do Brasil; era homem benigno, esmoler, e dotado de muitas virtudes; mas não era chegado de muitos dias, quando se offereceo huma occasião de differenças, e desgostos entre elle e o governador Luiz de Brito; a occasião foi esta:

Havia nesta terra hum homem, aliás honrado, e rico, chamado Sebastião da Ponte, mas cruel em alguns castigos, que dava a seus servos, fossem brancos ou negros ; entre outros chegou a ferrar hum homem branco em huma espadoa com o ferro das vaccas depois de bem açoutado ; sentido o homem disto se embarcou, e foi pera Lisboa, onde esperando huma manhã a ElRey, quando ia pera a capella, deixou cahir a capa, que só levava sobre os hombros, e lhe mostrou o ferrete, pedindo-lhe justiça com muitas lagrimas.

Informado ElRey do caso, escreveo ao Governador que mandasse preso, e a bom recado ao Reyno o dito Sebastião da Ponte.

Teve elle noticia disto, e acolheo-se a huma ermida de Nossa Senhora da Escada, que está junto a Pirajá, onde o réo então morava : demais disto chamou-se ás ordens, dizendo que tinha as menores, e andava com habito, e tonsura, porque não era casado, pelas quaes razões deprecou o Bispo ao Governador não o prendesse, mas não lhe valeo, começou logo a proceder a censuras, e finalmente chegou o negocio a tanto, que houverão de vir ás armas, correndo com ellas o povo nescio, e inconstante, já ao Bispo com o temor das censuras, já ao Governador com o temor da pena capital, que ao som da caixa se publicava, e o que mais era, que ainda depois de todos acostados ao Governador, seus proprios filhos, que estudavão pera se ordenarem, com pedras nas mãos contra seus paes se acostavão ao Bispo, e a seus clerigos, e familiares.

Porém emfim / Jussio Regis urgebat /, e se mandou o preso ao Reyno, como ElRey o mandava, onde foi mettido na prisão do Limoeiro, e nella acabou como suas culpas merecião.

Tambem neste tempo deo a náu Santa Clara, indo para a India, á costa no rio Arambepe á meia noite, dando por cima de huma lagea, hum tiro de falcão do recife, e se perderão mais de tresentos homens, que nella ião com o capitão Luiz de Andrade.

Dista o rio donde a náu se perdeo cinco ou seis legoas desta Cidade, e assim acudio logo lá muita gente, e se tirou do fundo do mar muito dinheiro de mergulho, de que se pagarão per si os buzios, e nadadores, e muitos que nada nadarão. A isto acudio o Bispo com a excommunhão da Bulla da Ceia contra os que tomão os bens dos naufragios; não sei se aproveitou alguma cousa, só sei, que ouvi dizer a hum, dalli a muitos annos, que aquelle fôra o tempo dourado pera esta Bahia pelo muito dinheiro que então nella corria, e muitos Indios, que descerão do sertão, e bem dizia dourado, e não de ouro, porque para este outras cousas se requerião.

CAPITULO VIGESIMO SEGUNDO

Do principio da rebellião, e guerras do Gentio da Parahiba

O rio da Parahiba, que nas cartas de marear se chama de S. Domingos, está em seis gráus e tres quartos. A boca da abra que o rio faz tem de largo huma legoa, e o canal que vai pelo meio, que hé o que chamão barra, tem hum quarto de legoa, e todo o mais de huma parte e outra hé muito esparcellado, o fundo é de arêa limpa, e assim hé muito maior porto, e capaz de maiores embarcações, que o de Pernambuco, do qual dista vinte e duas legoas de costa pera a banda do Norte.

Pelo rio acima huma legoa tem huma ilha formosa de arvoredo de huma legoa de comprido, e hum terço de largo, defronte da qual está o surgidouro das náus capaz de grande quantidade dellas, e abrigado de todos os ventos, e chega ainda a maré pelo rio acima cinco legoas, por onde podem navegar grandes caravellões; tem huma varzea de mais de quatorze legoas de comprido, e de largo duas mil braças, toda retalhada de esteiros, e rios caudaes de agoa doce, que já hoje está toda povoada de cannas de assucar e engenhos, pera os quaes dão os mangues do salgado lenha pera se cozer o assucar, e pera cinza da decoada em que se limpa; em este rio entravão mais de vinte náus Francezas todos os annos a carregar de páu brasil, com ajuda que lhes davão os Gentios Potiguares, que senhoreavão toda aquella terra da Parahiba athé o Maranhão algumas quatrocentas legoas: e assim ajudavão os Portuguezes visinhos das Capitanias de Tamaracá e Pernambuco, depois que tiverão pazes, como fica dito no Capitulo Decimo Segundo do Livro Segundo; mas tantas vexações, e perrarias lhe fizerão, que se tornarão a rebellar.

Huma só contarei, que foi como disposição ultima, e occasião propinqua desta rebellião, e foi que entre outros Mamalucos, que andavão pelas aldêas suas resgatando peças captivas, e outras cousas, e debaixo disto roubando-os com violencia e enganos, houve hum natural de Pernambuco, o qual, posto que era filho de hum homem honrado, tirou mais a ralé da mãe que do pae; este indo a huma aldêa da Capaôba com seus resgates, se agasalhou em hum rancho de hum principal grande chamado Iniguasú, que quer dizer « rede grande », e se namorou de huma filha sua, moça de quinze annos, dizendo que queria casar ou amancebar-se com ella, pera ficar entre elles, e não vir mais pera os brancos, no que ella consentio, e o pae tambem, entendendo que cumpriria o noivo a condição promettida. Porém indo a huma caça, que durou alguns dias, quando tornou não achou o genro, nem a filha, porque se havião ido pera Pernambuco: sentio-o muito, e mandou logo dous filhos seus em busca da irmã, os quaes, porque o Mamaluco lha não quiz dar se forão queixar a Antonio Salema, que estava por correição em Pernambuco, posto que já de partida para a Bahia, e

elle mandou logo notificar o pae do querellado, que trouxesse a moça, como trouxe, e a entregou aos irmãos, passando-lhes huma provisão pera que ninguem lhes impedisse o caminho, ou lhes fizesse algum aggravo, antes lhes dessem os brancos por onde passassem todo o favor, e ajuda pera o seguirem ; avisando-os que não consentissem Mamalucos em suas aldêas, e assim o avisou ao capitão mór da ilha Affonso Rodrigues Bacellar, que não consentisse em ir ao sertão semelhante gente.

Forão os negros mui contentes com sua irmã, e mais depois que virão o bom agasalhado, que pelo caminho lhes fazião os brancos, obedecendo á Provisão que levavão, até que chegárão á casa de um Diogo Dias, que era o derradeiro que estava nas fronteiras da Capitania de Tamaracá, o qual os recebeo com muitas mostras de amor, e muito mais a irmã, que mandou recolher com outras moças de Camera, sem mais a querer dar aos portadores, nem a outros, que o pae mandou depois que soube, pedindo-lhe que lhe mandasse sua filha, e quando não quizesse a fossem pedir ao dito capitão mór da ilha, como forão, e nenhuma cousa aproveitou, porque o capitão era amigo de Diogo Dias, e dissimulou com o caso.

Espalhada esta nova pelos Gentios das aldêas quizerão logo tomar vingança em os regatões, que nellas estavão, e tomar-lhes os resgates ; mas o principal agravado lhes foi á mão dizendo que aquelles não tinhão culpa, e não era razão pagassem os justos pelos peccadores, e sómente os fez sahir das aldêas, e ir pera suas casas como o corregedor Antonio Salema havia mandado ; tam bem intencionado era este negro, e affecto aos Portuguezes, que nem ainda de seu offensor tomara vingança, senão fôra atiçado por outros Potiguares, principalmente pelos da beira-mar, com os quaes communicavão os Francezes, e para o seu commercio do páu brazil lhes importava muito ter liança com estoutros da serra, e como nesta conjuncção estavão tres náus Francezas á carga na Bahia da Traição, e o capitão mór da ilha de Tamaracá havia dado hum assalto, que matou alguns Francezes, e lhes queimou muito páu que tinhão feito, no qual assalto se havia tambem achado Diogo Dias, tantas cousas disserão ao bom Rede Grande, que veio a consentir que dessem em sua casa, e fazenda, que era hum engenho que havia começado no rio Taracunhaê ; e porque sabião que o homem tinha muita gente, e escravos, e huma cêrca mui grande feita, com huma casa forte dentro, em que tinha algumas peças de artilharia, se concertarão que elle viria com todo o Gentio da serra por huma parte, e o Tujucipâpo, que era o maior principal da ribeira, com os seus, e com os Francezes por outra, e assim como o disserão o fizerão, e com serem infinitos em numero ainda usarão de huma grande astucia, que não remetterão todos á cêrca nem se descobrirão, senão sómente alguns, e ainda estes começando os nossos a feril-os de dentro com frechas, e pelouros, se forão retirando como que fugião ; o que visto por Diogo Dias se poz a cavallo, e sahindo da cêrca com os seus escravos, foi em seu seguimento, mas tanto que o virão fóra rebentarão os mais

da cilada com um urro, que atroava a terra, e o cercarão de modo, que não podendo recolher-se á sua cêrca, foi alli morto com todos os seus, e a cêrca entrada, onde não deixarão branco nem negro, grande nem pequeno, macho nem femea, que não matassem, e esquartejassem.

Foi esta guerra dos Potiguares, governando o Brasil Luiz de Brito, em a era de mil quinhentos setenta e quatro, e della se seguirão tantas, que durarão vinte e cinco annos.

CAPITULO VIGESIMO TERCEIRO

De como dividio El Rey o Governo do Brasil mandando o Doutor Antonio Salema governar o Rio de Janeiro com o Espirito Santo, e mais capitanias do Sul, e o Governador Luiz de Brito com a Bahia, e as outras do Norte, e que fosse conquistar a Parahyba

Informado El Rey Dom Sebastião de todo o conteudo no Capitulo precedente, e receioso de se os Francezes situarem no rio da Parahyba, mandou ao Governador Luiz de Brito de Almeida o fosse ver, e eleger sitio pera huma forte povoação, donde se pudessem defender delles, e dos Potiguares, e pera que melhor o pudesse fazer, e sem que sentissem sua falta as Capitanias do Sul, de Porto Seguro para baixo, encarregou o governo dellas ao Doutor Antonio Salema, que havia estado em Pernambuco com alçada, e então estava na Bahia, donde se partio em o anno do Senhor de mil quinhentos setenta e cinco, e foi bem recebido no Rio de Janeiro assim pelo capitão-mór Christovão de Barros, como de todos os mais Portuguezes, e Indios principaes, que o visitarão, sendo o primeiro e principalissimo Martim Affonso de Souza, Arariboia, de quem tratamos no Capitulo Decimo Quarto deste livro, ao qual, como o Governador désse cadeira, e elle em se assentando cavalgasse huma perna sobre a outra segundo o seu costume, mandou-lhe dizer o Governador pelo interprete, que alli tinha, que não era aquella boa cortezia quando fallava com hum Governador, que representava a pessoa de El Rey.

Respondeo o Indio de repente, não sem colera e arrogancia, dizendo-lhe : « Se tu souberas quão cançadas eu tenho as pernas das guerras em que servi a El Rey, não estranharas dar-lhe agora este pequeno descanço, mas já que me achas pouco cortezão eu me vou para minha aldêa, onde nós não curamos desses pontos, e não tornarei mais á tua côrte.» Porém nunca deixou de se achar com os seus em todas as occasiões, que o occupou.

Depois que o Governador esteve alguns dias em terra compondo e ordenando as cousas della, e da justiça, como bom letrado que era, foi informado que no Cabo Frio estavão muitas náus Francezas resgatando com o Gentio, e

que todos os annos alli vinhão carregar de páu brasil; pelo que determinou logo lançal-os fóra, e pera isto se ajuntou com Christovão de Barros, e com quatrocentos Portuguezes, e setecentos Gentios amigos, commetterão animosamente os Francezes, e posto que os acharão já fortificados com os Tamoyos, e se defenderão com muito animo, todavia apertarão tanto com elles, que tiverão por seu bem entregar-se, e os Tamoyos, que escaparão, com espanto do que tinhão visto se afastarão de toda aquella costa, mas os captivos, que quizerão receber a Fé, poz o Governador Antonio Salema em duas aldêas no reconcavo do Rio de Janeiro, a que chamarão huma de S. Barnabé, e outra de S. Lourenço, e se encommendarão aos Padres da Companhia, pera que como aos outros catecumenos lhes ensinassem o ministerio de nossa Fé.

CAPITULO VIGESIMO QUARTO

De como o Governador Luiz de Brito mandou o Ouvidor Geral Fernão da Silva á conquista da Parahyba, e depois ia elle mesmo, e não poude chegar com ventos contrarios

Por não poder o Governador Luiz de Brito de Almeida ir logo á conquista da Parahyba, que El Rey lhe encommendou, a encarregou ao Doutor Fernão da Silva, Ouvidor Geral, e Provedor-mór deste Estado, que em aquella occasião ia por correição a Pernambuco, o qual com todo o poder de gente de pé e de cavallo, e Indios, que de Pernambuco e Tamaracá poude levar, foi a ver o sitio, e castigar os Potiguares rebellados: os quaes como o virão ir tão poderoso não ousarão esperal-o, nem elle os correo mais que athé á boca do dito rio, onde tomou delle posse em nome de El Rey com muita solemnidade de actos, que mandou fazer muito bem notados, e com este feito se tornou mui satisfeito a Pernambuco, e dahi depois de concluidos os negocios de seu officio outra vez para a Bahia, porém os Potiguares, que nenhuma cousa entendem de actos nem termos judiciaes, nem se lhes dá delles, como não virão pelouros, nem quem lhos tirasse, se tornarão a senhorear da terra como de antes, e com mais animo e coragem.

Neste interim se havia concertado Boaventura Dias, filho de Diogo Dias, com hum Miguel de Barros, de Pernambuco, homem rico, e que tinha muito Gentio da terra pera fazerem hum engenho de assucar em Guiana *(Goyana?)*, no sitio em que depois o teve Antonio Cavalcante, e pera bem o poderem fazer, e defender, fizerão huma casa forte de madeira de taipa, e mão dobrada, donde com os arcabuzes, que os brancos dentro tinhão, e o seu Gentio com arcos e frechas, se defenderão de alguns assaltos, que os Potiguares lhe derão, e cerco em que os puzerão; porém hum dia advertirão que a loja da casa estava aberta por

huma parte onde lhes não havião feito taipa, e emquanto huns pelejavão outros secretamente metterão por alli muita palha secca, e lhes puzerão fogo, o qual se começou logo a atear nas traves, e taboas do sobrado, sem que os de riba vissem mais que a fumaça, que os cegava, sem saberem donde vinha, e indo duas molheres abrir hum alçapão para verem o que era, subio incontinente tão grande labareda que as abrazou, o que visto pelos homens, e como toda a casa estava cercada de inimigo, determinarão sahir a campo, e vender bem suas vidas, como fizerão, matando primeiro a muitos, que delles fossem mortos, e como o numero era tão grande forão vencidos e mortos.

CAPITULO VIGESIMO QUINTO

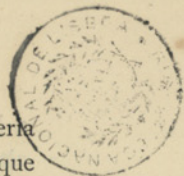
De huma entrada, que nesse tempo se fez de Pernambuco ao sertão

Em a era do Senhor de mil quinhentos setenta e oito, em que Lourenço da Veiga governava este Estado, se ordenou em Pernambuco huma entrada pera o sertão em que foi por capitão Francisco Barbosa da Silva em hum caravellão athé ao rio de S. Francisco, e por ser a gente muita, e não caber na embarcação, forão setenta homens por terra, levando por seu cabo a Diogo de Crasto, que fallava bem a lingoa da terra, e havia já ido da Bahia a outras entradas.

Estes havendo passado o rio Formoso forão commettidos de hum bando de porcos montezes, com tanta furia, e rugido de dentes, que os poz em pavor, mas como tinhão as espingardas carregadas, descarregarão-nas nelles, e os fizerão voltar ficando sete mortos, que forão bons pera a matolagem.

Dahi a nove dias, chegando á lagoa virão estar huma náu Franceza, surta tres legoas ao mar, pera o rio de S. Miguel, da qual se havião desembarcado dez Francezes, e estavão em huma tranqueira contratando com alguns Gentios.

Derão os nossos sobre elles de madrugada quando dormião, matarão nove, ficando só hum defendendo-se tam valorosamente com huma alabarda, que com estar já com huma perna cortada, ainda antes que o matassem matou hum soldado nosso chamado Pedro da Costa.

Os Indios, que com elles estavão, erão poucos, e dizendo-lhes Diogo de Crasto, que os não buscavão, senão aos Francezes, se forão sem fazer alguma resistencia, e os nossos seguirão seu caminho athé o desembarcadouro do rio de S. Francisco, onde foi aportar o caravellão com o seu capitão, e os mais, que levava; e dalli, por não terem Indios, que lhes carregassem os mantimentos, e resgates, os mandarão pedir ao principal chamado Porquinho, e a outro seu contrario chamado o Setta, pera que se hum os não désse, os désse o outro, e elles forão tão obedientes, que de ambas as partes vierão; e assim pera os contentar se foi o capitão com os do Setta, e Diogo de Crasto com os do Porquinho.

O Setta, depois de ter o capitão em casa, lhe commetteo que lhe queria vender huma aldêa de contrarios, que tinha dali a nove ou dez legoas, que fosse com elle, e lha entregaria; aceitou o capitão o partido, e deixando em guarda do fato hum Diogo Martins Leão com doze homens, se foi com os mais onde o Setta os levava.

Dos que ficarão com o Leão forão cinco pelas aldêas visinhas a buscar de comer, porque os Gentios dellas se publicavão amigos, mas elles os matarão sem lhes haverem dado pera isso occasião alguma, e logo se forão á casa onde Diogo Martins Leão havia ficado com os mais pera os matarem todos, e lhes tomarem os resgates, os quaes entendendo a determinação com que ião carregarão á pressa as espingardas, e começarão a se defender valerosamente.

Logo escreveo Diogo Martins huma carta a Diogo de Crasto, que o soccorresse, e lha mandou por hum cigano, a qual vista, e o perigo, e aperto em que ficavão, deo cópia della ao Porquinho, que logo se pôz a prégar que sempre fôra amigo dos brancos, e o havia de ser athé a morte, pois elles lhes levavão as ferramentas com que fazião suas roças, e sementeiras, e outras cousas boas de que erão senhores; que se fizessem prestes pera os irem soccorrer, porque elle se punha já ao caminho, como de feito se pôz, e dentro de vinte e quatro horas se achou junto aos cercados com mil e quinhentos Indios, em companhia de Diogo de Crasto, e de mais oito homens brancos, os quaes, repartidos todos em duas mangas, feito o signal com huma corneta, derão subitamente no inimigo com tanto impeto que não lhes puderão resistir, e se puzerão em fugida; mas como os tinhão cercados com as mangas, ião lhes dar nas mãos, e forão mortos mais de seiscentos; era isto antemanhã, e como amanheceo depois de se saudarem, e renderem as graças os que ficarão livres do cerco, lhes perguntou se sabia o capitão daquella rebellião do Gentio, e por lhe dizerem que não, lhe escreveo dous escriptos do que havia passado, e que logo se tornasse com boa ordem, e vigilancia athé se juntarem com elle, que tambem o ia buscar, porque entre tantos inimigos não convinha andarem espalhados: hum destes escriptos levava hum Mamaluco, que não chegou, porque os inimigos o matarão no caminho; o outro levou hum Indio, que chegou, o qual visto pelo capitão dissimulou o temor, e alvoroço, que com elle recebeo e disse ao Setta e aos mais, que os acompanhavão, que era necessario tornar atraz a soccorrer os brancos, que o Porquinho tinha posto em cerco, e com isto fez volta athé hum rio, que distava dali quatro legoas, onde os rebeldes o estavão já aguardando em cilada, e rebentando della se travou entre todos huma briga, que durou athé a noite, e tornando pela manhã a continual-a, chegarão Diogo de Crasto, e o Porquinho, com cujo soccorro se animou mais o capitão, e combatendo-os huns por detrás, outros por diante, matarão mais de quinhentos.

Ali tomarão conselho, e assentarão que os acabassem de huma vez, e fossem

a huma cerca forte, e grande, onde se havião acolhido, dali a doze legoas, no alto de huma serra.

Começarão a marchar, e no segundo dia chegarão a hum rio, que manava de hum penedo, onde acharão morto, e com os braços cortados, e as pernas, o Mamaluco, que havião mandado com o escripto ao capitão. Dali mandarão hum branco com dous negros por espias, que se encontrarão com outros dous dos inimigos; hum matarão, e trouxerão o outro vivo, do qual souberão que a cerca distava dalli duas legoas, e que estavão nella quarenta e tres principaes nomeados com toda a sua gente, molheres e filhos.

Chegados os nossos á vista, não a quizerão os brancos dar de si senão só os do Porquinho, que já a este tempo erão vindos das suas aldêas mais de dous mil, os quaes vistos pelos da cerca sahirão a elles outros tantos, e fingindo os do Porquinho, depois de haverem bem batalhado, que lhes fugião, se forão retirando athé os afastar hum bom espaço da cerca, e então sahio o nosso capitão com os brancos, dando-lhe sua surriada de pelouros pelas costas, e voltarão os da retirada com outra de frechas, onde tomando-os em meio tresentos, e os mais sem poderem tornar á cerca, se acolherão pera os mattos.

A cerca tinha tres mil e duzentas e trinta e seis braças em circuito, e lançava hum braço athé a agoa de que bebião; esta lhe determinarão os nossos tomar primeiro, e posto que os de dentro a defenderão com muito esforço seis dias, comtudo no setimo foi rendida, com o que começarão a morrer de sede, e a commetter muitos partidos, e o ultimo foi que entregarião huma aldêa de seus contrarios se os brancos fossem com elles a tomar a entrega, como forão, e entrando na aldêa começarão a prégar que elles os tinhão vendido por serem seus inimigos, e ainda lhe fazião muita mercê em não os matarem nem os venderem a outros Gentios, que os matassem ou maltratassem, senão a Christãos, que os havião tratar christâmente; ao que respondeo o principal da aldêa, chamado Araconda, que elles erão os que merecião o captiveiro, e a morte, por serem matadores de brancos, e não elle nem os seus, que nunca lhes fizerão nenhum damno; e então se virou pera o capitão, e lhe disse: « Branco, eu nunca fiz mal a teus parentes, nem estes me podem vender; mas eu por minha vontade quero ser captivo, e ir comtigo. »

O capitão lhe agradeceo com palavras, e mandou que se aprestassem dentro de quinze dias pera o caminho, como fizerão; erão tantos, que indo todos em fileira hum atraz de outro | como costumão /, occupavão huma legoa de terra.

Não sei eu com que justiça e razão homens Christãos, que professavão guardal-a, quizerão aqui que pagasse o justo pelo peccador, trazendo captivo o Gentio, que não lhes havia feito mal algum, e deixando em sua liberdade os rebeldes, e homicidas, que lhes havião feito tanta guerra e traições. Porém elles lhes derão o pago, pois apenas os havião deixado, quando determinarão de

lhe ir no alcance, e mandarão adiante alguns por espias, que se mettessem pelos mattos, e quando os do Araconda fossem á caça lhes dissessem que elles remordidos de suas consciencias os querião redimir do captiveiro dos brancos em que os puzerão, e pera isto lhes querião dar guerra, pelo que os avisavão que quando vissem a batalha os deixassem, e se fossem embora pera suas terras, porque a gente do Porquinho era já despedida, e não tinhão que temer; mas posto que isto se tratou com muito segredo, o ouvio huma India das captivas, que o disse a seu senhor, e o senhor a outros, que não crêrão senão depois que o virão, e não lhes aproveitou o aviso, porque os inimigos lhes derão na retaguarda, e lhes matarão onze homens, sem os da vanguarda lhes poderem valer, assim por irem mais longe, como por o Gentio de Araconda ser acolhido, e cuidar o capitão que nenhum da retaguarda lhes haveria escapado com vida; só mandou dous negros saber se erão mortos ou vivos, os quaes vendo-os cercados e postos em tanto aperto, que quasi estavão desmaiados, entrarão appellidando a Santo Antonio, e hum com arco e frecha, outro com seu terçado, e rodella, fazendo tanto estrago, que bastou este pequeno soccorro pera animar os amigos, e atemorisar os inimigos, de sorte que se puzerão em fugida, e os Pernambucanos não os podendo já seguir, se tornarão pera suas casas, mais pobres do que vierão.

Tinha o Governador Dom Lourenço da Veiga huma cousa, e era que, por mais negocios, que tivesse, não deixava de ouvir missa, e pera não obrigar alguem a que o acompanhasse, ia e vinha sempre a cavallo.

CAPITULO VIGESIMO SEXTO

Da morte do Governador Lourenço da Veiga

Depois que El Rey Dom Henrique reynou, por morte de El Rey Dom Sebastião seu sobrinho, como era já de tanta idade quando entrou no reinado, que passava de sessenta e seis annos, logo se começou a altercar sobre quem lhe havia de succeder no Reyno, porque os pertensores erão El Rey Catholico Philippe Segundo de Castella, a Duqueza de Bragança, o Principe de Parma, o Duque de Saboya, e o Senhor Dom Antonio, e todos enviarão seus procuradores á Côrte, pera que, informado El Rey da justiça de cada hum, declarasse por successor o que lhe parecesse nella mais justificado.

Todos allegavão que erão seus sobrinhos, filhos de seus irmãos ou irmãs, e estavão em igual gráu de parentesco, porque El Rey Catholico era filho de sua irmã a Imperatriz Donna Isabel, e do Imperador Carlos Quinto. A Duqueza de Bragança era filha do Infante Dom Duarte, seu irmão, e de Donna Isabel, filha do Duque de Bragança Dom Jayme.

O Principe de Parma era casado com a Infanta Donna Maria, tambem filha do mesmo Infante Dom Duarte. O Duque de Saboya era filho da Infanta Donna Beatriz, sua irmã, e de Carlos, Duque de Saboya.

O Senhor Dom Antonio era filho natural do Infante Dom Luiz, seu irmão, todos netos de El Rey Dom Manoel, pae dos seus genitores, e do mesmo Rey Henrique, seu tio.

El Rey, posto que de principio se inclinou á parte da Duqueza de Bragança, comtudo, por ser femea, e El Rey Catholico varão, e por outras razões, se resolveo que a elle pertencia o Reyno, mas não o quiz declarar por sentença, nem em testamento, porque era melhor pera os pertensores, e pera o mesmo Reyno de Portugal, que lho dessem por concerto.

Já a este tempo El Rey se achava mui fraco, e foi apertando o mal de maneira que morreo sendo de idade de sessenta e oito annos, e os perfez no mesmo dia em que morreo, que foi o ultimo Rey de Portugal de linha masculina, e como o primeiro senhor de Portugal se chamou Henrique, assim se chamou o ultimo.

Morto El Rey, os Governadores que deixou nomeados forão o Arcebispo de Lisboa, Francisco de Sá, Camareiro-mór de El Rey, Dom João Tello, Dom João Mascarenhas, e Diogo Lopes de Souza, Presidente do Conselho de Justiça, ainda que não tinhão vontade de resistir a El Rey Catholico, todavia, por dar satisfação ao povo, proverão algumas cousas pera a defensa do Reyno, o que tudo sabido por El Rey, e as diligencias que Dom Antonio fazia pera que o levantassem por Rey de Portugal, sentio muito não poder excusar-se de aproveitar-se das armas, e já estava assegurado da consciencia, com pareceres de Theologos e Canonistas, que o podia fazer, e se apparelhava pera isso; mas escreveo primeiro aos Governadores, e a cinco principaes Cidades do Reyno, e aos tres Estados, que estavão em Côrtes em Almeirim, pedindo-lhes que o declarassem conforme a vontade do Rey defunto seu tio, e a seu direito. Responderão-lhe que não podião athé que a causa se declarasse por justiça; o que visto por El Rey, nomeou o Duque de Alba por General do exercito, e mandou que entrassem em Portugal por terra e por mar.

Ião no exercito mais de mil e quatrocentos cavallos, a infantaria, além dos terços de Hespanha, erão quasi quatro mil Allemães, e seu Coronel o Conde Baldrou (*de Lodron*), e quatro mil Italianos com seu Capitão General Dom Pedro de Medicis.

O Duque de Alba, contra o parecer de outros, que dizião que sem tratar da torre de S. Gião (*S. Julião*), se fossem direitos a Lisboa, a começou de bater com vinte e quatro canhões, e ainda que lhe não fez grande damno, Tristão Vaz da Veiga, irmão de Lourenço da Veiga, Governador do Brasil, que era o capitão da Torre, determinou de entregal-a, e mandando pedir seguro ao Duque se vio com elle em campo, e se concertou de entregar a fortaleza, se lhe concedião o que Dom Antonio lhe havia dado, e assim se fez, e se metteo nella presidio

de Castelhanos; o que visto por Pedro Barba, capitão do forte da Cabeça Secca, que athé então se não havia querido render, e que o Marquez de Santa Cruz, Dom Alvaro Baçan, ia entrando com as galés Castelhanas, o desemparou, e se foi a Dom Antonio, que tambem foi dahi a poucos dias vencido em Lisboa, e retirando-se della á Cidade de Coimbra, e de Coimbra á do Porto, onde o reconhecerão por Rey, indo sempre em seguimento Sancho de Avila; finalmente o forçou a embarcar-se no rio Minho, vestido como marinheiro, e passar-se ás Ilhas, e dellas a outros Reynos estranhos, onde acabou a vida.

Hei dito estas cousas em summa, não sem preposito, senão pera declarar o achaque ou occasião da morte do Governador do Brasil Lourenço da Veiga, que como se presava de Portuguez, sentio tanto haver seu irmão Tristão Vaz da Veiga entregue a torre de S. Gião da maneira que temos visto, que ouvindo a nova enfermou, e morreo; e assim acabou o Governador Lourenço da Veiga, e nós com elle acabamos tambem este Livro.

---

de Castellanos, o que visto por Pedro Barba, capitão do forte da Cabeça seca, que athe entaõ se não havia querido render, e que o Marquez de Santa Cruz, Dom Alvaro Baçan, ja entrando com as galés Castelhanas, o desemparou, e se foi a Dom Antonio, que tambem foi dalli a poucos dias vencido em Lisboa, e retirando-se della à Cidade de Coimbra, e de Coimbra à do Porto, onde o reconhecerão por Rey, indo sempre em seguimento Sancho de Avila, finalmente o forçou a embarcar-se no rio Minho, vestido como marinheiro, e passar-se à Illias, e dellas a outros Reynos estranhos, onde acabou a vida.

Hei dito estas cousas em summa, não sem preposito, senão para declarar o achaque, ou occasião da morte do Governador do Brasil Lourenço da Veiga, que como se presava de Portuguez, sentio tanto haver seu irmão Tristão Vaz da Veiga entregue a torre de S. Gião da maneira que temos visto, que ouvindo a nova enfermou, e morreo; e assim acabou o Governador Lourenço da Veiga, e nós com elle acabamos tambem este Livro.

LIVRO QUARTO

DA HISTORIA DO BRASIL
DO TEMPO QUE O GOVERNOU MANOEL TELLES BARRETO

ATHÉ A VINDA DO GOVERNADOR GASPAR DE SOUZA

CAPITULO PRIMEIRO

De como veio governar o Brasil Manoel Telles Barreto, e do que aconteceo a humas náus Francezas, e Inglezas no Rio de Janeiro, e S. Vicente

Como a Magestade de El Rey Philippe Segundo de Castella, e Primeiro de Portugal, foi jurado nelle por Rey no fim do anno de mil quinhentos e oitenta, sabendo da morte do Governador do Brasil Lourenço da Veiga, mandou por Governador Manoel Telles Barreto, irmão de Antonio Moniz Barreto, que foi Governador da India; era de sessenta annos de idade, e não só era velho nella, mas tambem de Portugal o Velho; a todos fallava por vós, ainda que fosse ao Bispo, mas cahia-lhe em graça, a qual não têm os velhos todos.

Tanto que chegou a esta Bahia, que foi no anno de mil quinhentos oitenta e dous, escreveo a todas as Capitanias que conhecessem a sua Magestade por seu Rey, e foi de importancia este aviso, porque dahi a poucos dias chegarão tres náus Francezas ao Rio de Janeiro, e surgirão junto ao baluarte, que está no porto da Cidade, dizendo que ião com huma carta de Dom Antonio pera o Capitão Salvador Corrêa de Sá, o qual nesta occasião era ido ao sertão fazer guerra ao Gentio; mas o administrador Bartholomeu Simões Pereira, que havia ficado governando em seu logar, e estava informado da verdade pela carta do Governador Geral, lhes respondeo que se fossem embora, porque já sabia quem era seu Rey; e porque a Cidade estava sem gente, e não havia mais nella que os moços estudantes, e alguns velhos, que não puderão ir á guerra do sertão, destes fez huma companhia, e Donna Ignez de Souza, molher de Salvador Corrêa de Sá, fez outra de molheres com seus chapéus nas cabeças, arcos e frechas nas mãos, com o que, e com o mandarem tocar muitas caixas, e fazer muitos fogos de noite pela praia, fizerão imaginar aos Francezes que era gente pera defender a Cidade, e assim a cabo de dez ou doze dias levantarão as ancoras, e se forão.

No mesmo tempo forão dous galeões de Inglezes, de tresentas toneladas cada hum, á Capitania de S. Vicente com intento de povoar, e fortificar-se por relação de hum Inglez, que se havia alli casado, das minas de ouro, e outros metaes, que ha naquella terra, e publicavão que El Rey Catholico era morto, e Dom Antonio tinha o Reyno de Portugal, offerecendo da parte da Raynha de Inglaterra grandes cousas. Porém os Portuguezes, pela carta que tinhão estiverão mui firmes por El Rey Catholico, sem querer admittir aos Inglezes, os quaes ameaçavão de entrar por força, e realmente o fizerão, se naquella conjuncção não chegarão tres náus de Castelhanos, que começarão a pelejar com elles, os quaes logo batterão estandarte, pedindo paz, que os Castelhanos lhes não derão, antes jogarão a artilheria toda a noite, porque pelas correntes não os puderão abordar.

Ao outro dia, ainda que deixarão huma náu tão maltratada que se foi ao fundo, desampararão a empreza, e sahirão do porto mui maltratadas, sem antenas, e as náus furadas por muitas partes, e mais de cincoenta homens mortos, e quatorze feridos. Entrarão as náus Castelhanas em o porto, sendo bem recebidas dos Portuguezes, que rogavão mil bens a Sua Magestade, pois / ainda que acaso / tão presto os começava a defender.

O caso como alli forão aquellas náus se contará no Capitulo seguinte.

CAPITULO SEGUNDO

Da armada, que mandou Sua Magestade ao Estreito de Magalhães, em que foi por General Diogo Flores de Valdez, e o successor que teve

Francisco Drake, cossario Inglez, passou o anno de mil quinhentos setenta e nove o Estreito de Magalhães, e correo o mar do Sul; e Dom Francisco de Toledo, Viso-Rey do Perú, mandou traz delle a Pedro Sarmento, e Antão Paulo Corso, piloto, os quaes havendo passado o mesmo Estreito do Sul ao Norte, chegarão a Sevilha, e dahi a Badajós, onde El Rey Catholico então estava despedindo o seu exercito sobre Portugal, e ouvida sua relação, e o desassocego, que em o Perú havia posto o cossario; e certificando muito Pedro Sarmento, que em o Estreito se podião fazer fortes de ambas as partes, dos quaes facilmente com a artilheria se impedisse o passo aos navios, houve pareceres contrarios, dizendo que o Estreito era mais largo do que Sarmento o figurava, e que quando fosse tão Estreito, como dizia, nem por isso se impediria o passo aos navios, pela muita corrente, e porque com hum golpe, ou dous de artilheria, não sempre se mette huma náu no fundo, e quando se metta passa outra: entre outros que tiverão esta opinião foi hum o Duque de Alba Dom Fernando Alvares de Toledo.

Porém El Rey mandou que se juntassem em o rio de Sevilha vinte e tres

náus de alto bordo, com cinco mil homens de mar e guerra, com petrechos pera a fabrica destes fortes, capazes pera tresentos homens de guerra, e alguns povoadores pera facilitar mais sua conservação.

Nomeou pera General desta armada a Diogo Flores de Valdez, e por piloto mór a Antão Paulo Corso, e a Pedro Sarmento por Governador dos fortes, e povoações. Sahio de S. Lucar esta armada a vinte e cinco de Setembro do anno de mil quinhentos oitenta e hum, com tam máu tempo por a pressa que o Duque de Medina Sidonia dava, que depois de tres dias arribou com tormenta á bahia de Cadiz com perda de tres navios, havendo-se afogado a maior parte da gente, e tam destroçada, que pera reparar-se se deteve mais de quarenta dias; tornou a sahir com dezasete navios, e chegou ao Brasil, ao porto da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, onde invernou seis mezes e meio; porque ainda que chegou a vinte e cinco de Março, que em Hespanha hé a primavera, em estas partes hé o principio do inverno, em que se não póde navegar pera o Estreito; e porque neste tempo não estivesse a gente ociosa, a occupou em fazer estacas pera trincheiras, e taipaes, e outros petrechos, e em lavrar madeira pera duas casas, em que no Estreito tivessem as munições recolhidas.

Pera o que tudo deo muita ajuda Salvador Corrêa de Sá, Governador do Rio de Janeiro, e parecendo que já era tempo pera navegar sahirão da barra do Rio a dous do mez de Outubro com dezaseis navios, deixando hum por inutil, e tomando a derrota do Estreito, que está setecentas legoas deste porto, chegarão ao rio da Prata, donde se levantou hum temporal de ventos tam fortes, que estiverão vinte e dous dias mar em travez, sem poder pôr hum palmo de vella; e havendo-se perdido aqui em vespora de Santo André a náu do capitão Palomar, e duzentas e trinta e seis pessoas em ella, sem podel-os remediar; aos dous de Dezembro aplacou alguma cousa o mar, e o vento, e com accordo dos capitães e pilotos tornou Diogo Flores atraz, buscando porto pera reparar as náus, porque estavão cinco dellas abertas da tormenta, e as mais em perigo de fazer o mesmo.

Forão á Ilha de Santa Catharina, tresentas legoas dalli, a qual ainda que despovoada / por ser de Portuguezes, que não sabem povoar, nem aproveitar-se das terras, que conquistão /, hé terra de muita agoa, pescado, caça, lenha, e outras cousas: onde a cabo de vinte e dous dias, que alli estiverão, deixou Diogo Flores de Valdez tres náus, que não poderão navegar, a cargo do contador André Equinon, com ordem que se tornassem ao Rio de Janeiro, e deo outras tres a Dom Alonso de Souto Mayor, que ia por Governador do Chili, pera levar a sua gente pelo rio da Prata ao porto de Buenos Ayres, donde não ha mais que vinte jornadas á China; e o dito Diogo Flores, com as mais, em dia de Reys do anno de mil quinhentos oitenta e tres, tornou á volta do Estreito. As tres náus, que ficarão na Ilha de Santa Catharina, sahirão dalli aos quatorze de Janeiro, e aos vinte e quatro do mesmo chegarão á barra de S. Vicente, e em a mesma barra acharão os dous galeões Inglezes, que estavão pera tomar a

terra se não chegassem os Castelhanos, que os lançarão dalli ás bombardas, como temos dito.

Diogo Flores de Valdez seguio seu caminho pera o Estreito, levando a terra á vista, sobre a mão direita, athé darem com a boca em cincoenta e tres gráus, e entrando com bom tempo como duas ou tres legoas, se levantou de repente huma tempestade, que os tornou ao mar mais de quarenta legoas.

Andarão oito dias porfiando por tornar a embocar o Estreito; porém não podendo com o vento, não quiz Diogo Flores tentar mais a fortuna, por ver as náus destruidas, e a gente enferma de tanto trabalho. Tonou-se á costa do Brasil, ao porto de S. Vicente, e com as náus que trazia, e as duas, que alli achou, passou ao Rio de Janeiro, onde topou a Dom Diogo de Alzega (?), que por mandado de ElRei com quatro náus o ia soccorrer com bastimentos, e outras cousas, e parecendo a Diogo Flores que a armada estava desfeita, sem gente, e sem munições, determinou de tornar á Hespanha com Dom Diogo de Alzeda (?), e que o seu Almirante Diogo da Ribeira, com cinco navios, que lhe deixou, ficasse alli pera tornar o verão seguinte, a ver se teria mais ventura de embocar o Estreito, e povoal-o, como ElRey mandava.

Navegando Diogo Flores com os mais navios, que já não erão mais de sete, arribou com huma tormenta, que o fez tornar duzentas legoas atraz, a esta Bahia de Todos os Santos, no principio do mez de Junho de mil quinhentos oitenta e tres, onde se deteve a concertal-os, pera o que da Fazenda de ElRey se lhe deo o que foi necessario; e se mandou fornecimento ao Rio de Janeiro pera o Almirante Diogo da Ribeira seguir a sua viagem ao Estreito, e o Governador Manoel Telles Barreto o banqueteou, e a todos os capitães e gentis-homens hum dia esplendidamente, e o Bispo Dom Antonio Barreiros outro; mas o que mais fez nesta materia foi um cidadão senhor de engenho, chamado Sebastião de Faria, o qual lhe largou as suas casas com todo o serviço, e o banqueteou, e aos seus familiares e apaniguados oito mezes, que aqui estiverão, só por servir a ElRey, sem por isso receber mercê alguma, porque serviços do Brasil raramente se pagão.

CAPITULO TERCEIRO

Do soccorro, que da Parahyba se mandou pedir ao Governador Manoel Telles, e o assento que sobre isso se tomou

No Capitulo Vinte e Cinco do Livro Terceiro tocamos como o Governador Lourenço da Veiga desistira da conquista da Parahyba, por ElRey Dom Henrique, que em aquelle tempo governava, a encarregar a Fructuoso Barbosa, que lha pedio.

Havia este homem ido de Pernambuco, e por haver na Parahyba carregados navios de páu por algumas vezes, no tempo das pazes, que lhe os

Potiguares fizerão, e por ter conhecimento da terra, e delles, o encarregou ElRey da conquista por contracto que fez em sua fazenda, dando-lhe pera isso as Provisões necessarias, náus, e mantimentos, e conquistando a Parahyba, a Capitania por dez annos. Chegou Fructuoso Barbosa á barra de Pernambuco no anno de mil quinhentos setenta e nove em hum formoso galeão, e huma zavra, e outros navios, com muita gente Portugueza, assim soldados como povoadores casados, com muitos resgates, munições, e petrechos necessarios, assim á conquista como á povoação, que logo havia de fazer; pera a qual trazia hum Vigario, a quem ElRey dava quatrocentos cruzados de ordenado, e Religiosos da nossa Seraphica Ordem Franciscana, e de S. Bento, com toda a ordem e recado necessario á empreza, que á Fazenda de ElRey devia de custar muito, e em sete ou oito dias, que esteve na barra surto sem desembarcar, nem tratar do negocio a que vinha, lhe deo hum tempo com que arribou ás Indias, onde lhe morreo a molher, e tornando dalli ao Reyno partio delle no anno de mil quinhentos e oitenta e dous, por mandado de ElRey Dom Philippe, e tornando a Pernambuco se concertou com os da Villa de Olinda que o licenceado Simão Rodrigues Cardoso, Capitão-Mór e Ouvidor de Pernambuco, fosse por terra com gente, e elle com a que trazia, e outra muita que da Capitania por serviço de ElRey se lhe ajuntou, por mar, o qual chegando á boca da barra da Parahyba com a armada que trouxe, e alguns caravellões, entrou pelo rio acima, por ter aviso de sete ou oito náus Francezas, que lá estavão surtas bem descuidadas, e varadas em terra, e a maior parte da gente nella, e os Indios mettidos pelo sertão a fazer páu pera carregal-as, e dando de subito sobre ellas queimou cinco, esbulhando-as primeiro, que foi hum honrado feito, e as outras fugirão com quasi toda a gente.

Descuidados os nossos com esta victoria alcançada com tam pouco custo, e nenhum sangue, sahindo alguns delles em terra com hum filho de Fructuoso Barbosa, rebentou o Gentio de huma ilha, em que estava, e dando nelles os forão matando athé os bateis, aonde se ião recolhendo, sem das náus os soccorrerem, que foi cousa lastimosa ver matar mais de quarenta Portuguezes, em que entrou o filho do capitão, e com a mesma furia houverão os inimigos de tomar a zavra em que ia Gregorio Lopes de Abreu por capitão, que o dia de antes entrara diante, e o fizera muito bem, por ficar na ponta da ilha quasi em secco, e a se não defender tam esforçadamente, sempre os Indios o tomarão, e acabarão todos.

O capitão Fructuoso Barbosa ficou tão cortado, e receioso deste successo, que se levantou com toda a armada, e foi surgir na boca da barra, por se não ter por seguro dentro, esperando a gente que ia por terra, e estando pera dar á vella por ver que tardava, chegou o licenceado Simão Rodrigues com duzentos homens de pé, e de cavallo, e muito Gentio, o qual no caminho da varzea da Parahyba teve hum bom recontro com os Potiguares, que avisados da sua vinda o forão esperar, e metterão em revolta e pressa, se o nosso Gentio ajudado da

gente branca lhe não tivera aquelle primeiro encontro; porque os Potiguares animados da victoria passada se mettião tanto, que vinhão a braços com os nossos, mas emfim ficarão vencidos, e desbaratados, e assim chegarão os nossos á barra do rio da banda do Norte com esta victoria, com que consolarão os da armada, e animados huns com outros tratarão em oito dias, que alli estiverão, os meios de se fortificarem da banda do Norte, porque pareceo impossivel da banda do Sul, no Cabedello, por ser máu o sitio, e não ter agoa, o que não fizerão de huma parte nem de outra, antes fugirão á maior pressa, por verem da banda dalém muito Gentio, pelo que mandando dalli o galeão com aviso á Sua Magestade do que passava, desesperado já Fructuoso Barbosa de tudo se veio lograr hum novo casamento, que á sombra da Governação de caminho em Pernambuco havia feito pera restauro da molher e filho, que havia perdido; e assim ficou tudo como dantes, os inimigos mais soberbos, e as Capitanias visinhas a risco de se despovoarem, só os detinhão as esperanças, que tinhão de serem soccorridos da Bahia, onde havião mandado por procurador hum Antonio Raposo ao Governador Manoel Telles Barreto com grandes protestos de encampação; o qual fez sobre isto junta, e conselho em sua casa, em que se acharão com elle o Bispo Dom Antonio Barreiros, o General da Armada Castelhana Diogo Flores Valdez, o Ouvidor Geral Martim Leitão, e os mais que na materia podião ter voto, e se assentou que fosse o General Diogo Flores, e em sua companhia o licenceado Martim Leitão, com todos os poderes bastantes pera effeito da povoação da Parahyba, e por Provedor da Fazenda, e mantimentos da armada, Martim Carvalho, cidadão da Bahia, os quaes todos aceitarão com muito animo e gosto, particularmente Diogo Flores, por ver, já que o jogo lhe succedeo tam mal no Estreito, se ao menos podia levar este vinte de caminho.

CAPITULO QUARTO

De como o licenceado Martim Leitão, Ouvidor Geral, foi por mandado do Governador com o General Diogo Flores de Valdez á conquista da Parahyba, e se fez nella a fortaleza da barra

Tomado o assento que fica dito no Capitulo precedente se aprestarão, e sahirão da Bahia a primeiro do mez de Março do anno de mil quinhentos oitenta e quatro com huma armada de nove náus, sete Castelhanas, e duas Portuguezas, e chegarão a Pernambuco a vinte do mesmo, onde logo desembarcou o Ouvidor Geral, ficando de fóra toda a armada, e fez ajuntar em Camera Dom Philippe de Moura, Capitão da Capitania por Jorge de Albuquerque, senhor della, com os mais vogaes, em que tambem se achou Dom Antonio de Barreiros, Bispo deste Estado, que havia ido na armada a visitar as igrejas de

Pernambuco, e Tamaracá, e ficou assentado se aprestasse tudo pera domingo de Paschoa partirem Dom Philippe de Moura por cabeça, com a gente que o Ouvidor Geral havia de fazer, como logo começou rogando hum, e hum, compondo-lhes suas cousas, com que se aviarão muitos dos moradores de Pernambuco, e se ajuntarão na Villa de Igarusú no dia signalado; havendo já Dom Philippe juntos os da ilha de Tamaracá no engenho de seu sogro Philippe Cavalcante em Araripe athé onde Martim Leitão acompanhou o arraial, e depois de partidos dalli ajuntou mais alguns quarenta homens, que entregues a hum Alvaro Bastardo, mandou a Dom Philippe, e o alcançarão junto ao rio Parahyba, onde tiverão todos hum recontro com o Gentio; mas emfim passarão o rio acima pera a banda do Norte, por onde Simão Rodrigues Cardoso o havia outra vez passado, e forão demandar a barra, onde acharão a Diogo Flores, que já tinha queimadas tres náus Francezas, que alli achou surtas, e varadas em terra, donde indo pera subir em huma lhe derão os inimigos de dentro do matto huma frechada no peito, que lhe não fez nojo, pelas boas armas que levava, e porque o principal fim, que se pertendia, era povoar-se a terra, chegado, e alojado o arraial, sahio Diogo Flores, e tomado conselho entre os Capitães, assentarão fazer-se hum forte primeiro, pera que á sua sombra pudessem povoar.

Pera o qual nomeou o General por Alcayde o capitão da sua infantaria Francisco Castejon com cento e dez arcabuzeiros Castelhanos, e cincoenta Portuguezes, pera os quaes e pera povoação, que se havia de fazer, remetteo ao exercito Portuguez elegesse cabeça, e por a maior parte ser de Vianezes, se elegeo Fructuoso Barbosa, que era Vianez, tendo-se tambem respeito á Provisão que apresentou de ElRey Dom Henrique, em que o fazia Capitão da Parahyba se a conquistasse, posto que, como era condicional, faltando a condição parece que já não obrigava, e este era o parecer do General.

O forte se situou logo huma legoa da barra da parte do Norte, defronte da ponta da ilha, mas, por não fugirem os soldados, com o largo rio, que fica em meio, que por ser bom sitio, que hé baixo, e de ruim agoa, do qual ficou por Alcayde o capitão Francisco Castejon, e delle deo homenagem ao General Diogo Flores, e se lhe poz o nome de S. Philippe e Santiago; no dia dos quaes Santos se fez á vella o General caminho de Hespanha, onde chegou a salvamento.

O capitão Simão Falcão, emquanto os mais assistião na obra do forte, espiada huma aldêa dos inimigos a salteou huma madrugada, matando alguma gente, e captivando quatro, com cuja lingoa o nosso exercito, vendo que já alli não era de effeito, se partio a via do sertão em busca dos inimigos athé huma campina, que se chama das Ostras, tres legoas do forte, onde se alojou, e por ser a festa do Espirito Santo, e a gente ser dada a folgar, se puzeram a festejar com muito descuido o dia, e oitavas, e dizia Dom Philippe por descargo que esperava a seu sogro Philippe Cavalcante, que havia ficado no forte.

Huma tarde ouvindo huma trombeta, e grande rumor, forão dez de cavallo,

e alguns quarenta de pé com muitos Indios á ordem de hum Antonio Leitão, com muita desordem, a descobrir campo, e derão em huma cilada, que os começou a sacudir athé chegarem á vista do arraial, sem haver accordo pera lhes acudirem, antes se poz tudo em tam grande confusão, que vinda a noite se deitarão a huma lagôa por onde havião tornar ao forte, e passando huns por cima dos outros, voando com azas do medo, que levavão, forão bater ás portas do forte, que o Alcayde, enfadado de os ver, lhes não quiz abrir, deixando-os estar á chuva toda a noite, que foi leve castigo pera o merecido.

Vindo o dia lhes persuadio que tornassem a buscar os inimigos com mais cincoenta arcabuzeiros, que lhes dava dos do presidio, e taes estavão que nem com isto quizerão ir, senão voltar pera Pernambuco, e assim se vierão, passando o rio defronte do forte em barcos com bem trabalho por ser inverno, que os tratou mal todo o caminho, onde lhes morrerão muitos cavallos, e escravos á mingoa.

CAPITULO QUINTO

Dos soccorros, que por industria do Ouvidor Geral se mandarão á Parahyba

Chegados desta maneira a Pernambuco, em o mez de Junho, começarão logo os requerimentos do Alcayde do forte, e Fructuoso Barbosa por ficarem faltos de mantimentos; e os inimigos por ficarem victoriosos os molestarão tanto, que só os detinha a não levarem a fortaleza nas unhas a furia da artilharia, que achando-os em descoberto os despedaçava, a cuja sombra o Alcayde em algumas escaramuças, que com elles teve, lhes mostrou o valor da sua pessoa, e dos Hespanhóes, e Portuguezes, que o seguião, apesar de seu capitão Fructuoso Barbosa, que não tinha paciencia com estas escaramuças, e com requerimentos as estorvava quanto podia; e assim encontrados elle, e o Alcayde nos humores, tudo erão brigas, e ruins palavras, fazendo papelladas hum do outro, que mandavão ao Ouvidor Geral, com requerimentos do soccorro dos mantimentos, que como conhecido por mais zeloso do serviço de ElRey athé isto batia nelle, sendo obrigação do Provedor Martim Carvalho, que pelo contrario se mostrava mui remisso, e por esta causa se começarão entre ambos grandes desavenças; crescendo sempre do forte os requerimentos, porque se vião nelle tam apertados da guerra, e fome, que athé os cavallos tinhão comido.

Mandou-lhes Martim Leitão por mar vinte e quatro homens a cargo de hum Nicoláu Nunes com alguns mantimentos, que deo o Provedor, mas forão tam parcos, e crescião tanto os rebates dos inimigos Potiguares, que o Alcayde do forte se veio no mez de Setembro a Pernambuco a pedir soccorro; onde

achou a Pedro Sarmento, que o General havia deixado com o Almirante Diogo da Ribeira no Rio de Janeiro pera ir povoar o Estreito de Magalhães, e governar a povoação, que fizesse, donde já vinha destroçado, e pedia tambem mantimento, que se lhe deo pera poder passar á Hespanha; mas o Alcayde Castejon havia-se tam devagar, que andava impaciente; pelo que achando-se hum dia / depois de outros muitos / em casa de Martim Carvalho com os Juizes e Officiaes da Camera, em presença do Bispo, vierão a muito ruins palavras, sobre as quaes alguma gente da casa arrancou com os soldados do Alcayde em cima onde todos estavão, e baralhados assim sahirão á rua com grande briga, a que acudio muita gente com o Ouvidor Geral, que os apaziguou como poude; por isto se tornou o Almirante pera a Parahyba, em o mez de Outubro, mal provido, e com claras mostras de o ser cada vez menos pelo odio em que com elles ficava o Provedor.

Mas foi de muito effeito a sua tornada, porque logo no Novembro seguinte entrarão duas náus Francezas na Parahyba, e reconhecendo o forte, e huma náu grande Portugueza com dous patachos, que lhe Diogo Flores tinha deixado, se sahirão, e forão surgir tres legoas dahi na boca da Bahia da Traição, e começando trato com os Potiguares, vierão de lá por terra correr o forte, trazendo alguns berços, com que grandemente o apertavão, fazendo grandes cavas, e bardos de terra, e arêa, pelos não pescar a artilharia; com os quaes, e outros ardis, como praticos nas nossas guerras, puzerão o Alcayde em termos de desesperar de poder defender-se, e logo disso avisou ao Ouvidor Geral, com grandes requerimentos, assim seus como de Fructuoso Barbosa.

O Ouvidor no primeiro dia que lhos derão se foi dormir ao Recife, onde aprestou hum navio de setenta toneladas á sua custa com muitos homens brancos, e setenta Indios, e por capitão hum Gaspar Dias de Moraes, soldado antigo de Flandes, que por seu rogo aceitou sel-o, e em dous dias, andando em huma rêde por andar doente, os deitou pela barra fóra; este navio, e a galé de Pedro Lopes Lobo, Capitão de Tamaracá, que tambem o Ouvidor forneceo, em que o mesmo Pedro Lopes foi por capitão com cincoenta homens, e alguns Indios, chegarão á Parahyba, onde forão recebidos, e estimados como a propria vida.

Os Francezes vendo o soccorro se recolherão ás suas náus, que havião deixado na Bahia da Traição, e consultando o caso o Almirante com os capitães do soccorro, assentarão que ficasse Pedro Lopes capitão da galé no forte, por respeito do muito Gentio, que dizião passar de dez mil, os que o tinhão cercado com suas cavas, e trincheiras, e que o Alcayde na sua galé, e náu, que lá tinha, e a do soccorro, fossem buscar os Francezes, como logo forão, e tomando-lhes o mar os fizerão varar em terra com as náus, e lhas queimarão, e matarão alguns, que foi honrado feito por serem as náus grandes, e estarem avisados; mas a náu do forte, por ser muito grande, e a Costa alli ir já muito voltando pera as Indias, arribou a ellas, e nella foi a maior parte da

artilharia, que havião tomado das Francezas. O navio, e galé voltarão, e chegando ao forte desembarcando de subito, e com a gente de dentro, derão nos inimigos com tam grande impeto, que lhes ganharão as suas estancias, matando muitos, com o que se afastarão bem longe, e os nossos cobrarão a agoa, que lhes tinhão tomada, e assim ficando os do forte mais largos, que nunca; e todos muito contentes, com grandes louvores ao Ouvidor Geral se tornarão os de Pernambuco, e Tamaracá athé lhe dar razão de tudo, e receber os perabens da jornada, que foi de muito effeito, assim pera o desengano dos Francezes, que nem na Bahia da Traição havião de ter colheita, como dos Potiguares, que já com elles por nenhuma parte poderião ter commercio.

CAPITULO SEXTO

De como o Ouvidor Geral Martim Leitão foi á Parahyba a primeira vez, e da ordem da jornada, e primeiro rompimento, e cerca tomada

Com esta magoa, e desejo de vingança, que ficou dos Potiguares, no fim de Janeiro de mil quinhentos oitenta e cinco se ajuntarão mais que nunca, e fizerão tres cercas mui fortes ao longo do forte a tiro de pedreiro, de troncos de palmeiras, que por muito grossos os defendião da artilharia, e todas as noites as ião chegando, e ganhando terra, do que logo o Almirante avisou ao Ouvidor Geral, ficando muito receioso que por aquella via com as proprias cercas os virião abordando, athé se abarbarem, e igualarem com o forte, sem se poderem valler da artilharia, nem das mãos, por no forte haver muitas doenças por respeito do máu sitio, fomes, e ruim agoa, de que muita gente lhe era morta, e assim estava com muito perigo.

Aos oito de Fevereiro dobrou com mais força os requerimentos, e encampações de logo despejarem todos; como tambem por avisos se soube terem já pera isto o melhor embarcado em huma náu, que lá tinhão; pela qual nova todas as Capitanias se metterão em grandes revoltas, e muito mais com se saber esta determinação, e por ter chegado de soccorro aos Potiguares o famoso entre o Gentio Braço de Peixe, ou por sua lingoa Pirágiba, de que tratamos em o Capitulo Vigesimo do Livro proximo passado.

O Ouvidor Geral logo em lhe dando os requerimentos do Alcayde os mandou ao capitão Dom Philippe, que estava já liado com Martim Carvalho, ao qual se levarão tambem outros requerimentos sobre mantimentos, vindo a isso o tenente do forte, a cuja instancia todos concordarão, e juntamente o Bispo, e

Officiaes da Camera requererem ao Ouvidor Geral Martim Leitão fosse em pessoa a esta guerra, de que fizerão autos, o que elle, vista a importancia do caso, aceitou em quatorze de Fevereiro com determinação de partir dentro delle: no que se começou com incrivel presteza em toda a parte, e era cousa notavel ver a vontade com que todos se offerecião a ir com elle; mas comtudo, a não haver no porto passante de trinta navios com muitos mantimentos, que nunca tantos houve, nem fôra possivel aviarem-se com tanta brevidade, supprindo tambem a grande diligencia de Martim Leitão, escrevendo particularmente aos nobres convidando-os com razões efficazes pera a jornada, e aviando a muitos; porque no Brasil tudo se compra fiado, e estes nestas cousas querem superabundancias, a que os mercadores já não acudião, e era necessario fazel-os elle prover; e aviar huns, e outros era infinito; fez tambem duas Capitanias pera sua guarda, que depois mandou na vanguarda, pela confiança que nelles tinha, por ser toda gente solta, e muitos Mamalucos, e filhos da terra, porque estes nisto são de muito effeito, e a estas duas companhias deo sempre á sua custa de comer, e todo o mais necessario, e prover de armas, ainda que nos requerimentos, que lhe fizerão pera elle haver de ir, disse o Provedor Martim Carvalho que fosse, que elle o proveria á custa da Fazenda de Sua Magestade.

Além dos dous capitães da guarda, que hum era Gaspar Dias de Moraes, que de soccorro antes havia ido á Parahyba, e outro Mister Hyppolito, antigo, e mui pratico capitão da terra, se elegerão mais de novo por capitães Ambrosio Fernandes Brandão, e Fernão Soares, que se chamavão Capitães de Mercadores; forão mais os capitães das Companhias da ordenança da terra, Simão Falcão, Jorge Camello, João Paes, capitão do Cabo de Santo Agostinho, muito rico, que o fez nesta jornada por cima de todos, em tudo levando sempre a retaguarda, e João Velho Rego, capitão de Igarassú, e todos da Ilha de Tamaracá, com seu capitão Pedro Lopes, e porque havia muita, e boa gente de cavallo, que forão cento e noventa e cinco, ordenou tres guiões de trinta cavallos cada hum dos melhores pera acudirem ao cumprisse (*sic*), de que erão capitães Christovão Paes Daltera, Antonio Cavalcante, filho de Philippe Cavalcante, e Balthezar de Barros.

Ia mais hum filho do Capitão Antonio de Carvalho com a sua bandeira por elle ficar doente, que em todas as jornadas o fez muito bem; e era a segunda pessoa deste exercito, sobre quem carregava o peso delle, Francisco Barreto, cunhado do Ouvidor Geral Martim Leitão, a que chamavão Mestre de Campo, e elle o podera ser de outro de muitos milhares de soldados, por seu esforço e destreza.

Com tudo este exercito, que foi a mais formosa cousa, que nunca Pernambuco vio, nem sei se verá, foi o General Martim Leitão / que assim lhe chamaremos nesta jornada / dormir no campo de Igarusú, no meio do qual mandou armar sua tenda de campo, com outras duas pegadas, huma pera dous

Padres da Companhia de Jesus, que com elle ião, e outra de sua despensa, onde se agasalhava tambem a gente do seu serviço. Aqui mandou deitar grandes bandos, pondo graves penas contra todos aquelles, que brigassem, ou arrancassem, encommendando mui particularmente que houvesse entre todos muita amizade, e conformidade, e outras boas ordens necessarias, que se se cá costumarão no Brasil não houvera tantas perdas, e desconcertos, como sabemos. Alli esteve tres dias esperando se ajuntassem alguns, que faltavão; onde fez aposentador, e mais Officiaes de Campo.

Ao quarto dia / que foi o primeiro de Março / daquelle alojamento forão dormir além do rio Taporema, onde fez resenha, e se achou com quinhentos e tantos homens brancos, e o general deo regimento a todos do que havião de fazer, repartio as campanhas, e ordenou que hum dos guiões de cavallos aos dias por evitar competencias fosse na vanguarda, outro na retaguarda, e o terceiro na batalha, onde elle ia; e o Capitão a que no seu dia tocava a retaguarda, tivesse obrigação de huma hora antemanhã com alguns Indios correrem, e descobrirem o campo, e assim como toda a ordem possivel, e com irem de continuo alguns homens de confiança com Mamalucos e Indios por descobridores diante, e pelas ilhargas do exercito mettidos pelo mato, e gastadores abrindo o caminho, forão por suas jornadas em cinco dias á grande campina da Parahyba, onde pela lembrança de que alguns alli em outras jornadas tinhão visto, ia a gente tão apartada, que sendo o caminho da campina largo, e raso, não andavão por mais recados, que se passavão a vanguarda em que em aquelle dia, por ser de mais importancia, ia Francisco Barreto; mas não soffrendo tanto vagar tomou o General hum galope, e foi ver o que era, e achando que havião já dado em mato, e se detinhão os gastadores em abrir caminho com as fouces, os fez abreviar, e marchar a vanguarda com presteza e recado, esperando elle alli athé se metter em seu lugar.

Marchando pois a vanguarda, e o Mestre de Campo Francisco Barreto com ella, já quasi sol posto deo em huma cerca mui grande de Gentio, pegada do rio Tibiry, que promettia ter dentro mais de tres mil almas, o que não obstante, nem a escuridão da noite, que sobrevinha, nem ser a cerca mui forte, e com huma rêde de madeira por fora, como huns leões remetterão, e entrarão nella, matando muitos dos inimigos, e pondo os mais em fugida, ficando dos nossos muito pouco feridos, porque foi tal a pressa e açodamento, que lhes não derão vagar, nem tempo pera despedirem muitas frechas, o que sentindo o corpo do exercito, e retaguarda, rebentavão todos por chegar com os dianteiros á briga, e por mais pressa que se derão, quando já chegarão, era acabada.

Entrando pois todo o exercito dentro na cerca, que Francisco Barreto lhe tinha franqueada com a gente da vanguarda, e alojados todos nella, repousarão alli aquella noite, onde acharão farinha feita, e armas, e polvora, que tinhão pera ir cercar o forte, conforme os captivos disserão.

CAPITULO SETIMO

De como se tentarão as pazes com o Braço de Peixe, e por as não querer se lhe deo guerra

Ao outro dia pela manhã cedo logo os Indios se puzerão ás pulhas / como hé seu costume / em hum tezo alto defronte da nossa cerca, além de hum grande alagadiço, que por aquella parte ficava, donde forão conhecidos dos nossos ser gente do Braço de Peixe, que não erão Potiguares, senão Tabajaras seus contrarios; mas por se temerem dos Portuguezes, que vingassem a morte de cento e tantos, que com Gaspar Dias de Atayde, e Francisco de Caldas / ainda que com razão / havião mortos / como dissemos no Capitulo Vigesimo do Livro precedente /, se vierão a metter com os Potiguares, e assim por se reconciliarem com elles, como por serem mais industriosos, e valentes, nos fazião muito damno; o que entendido pelo General Martim Leitão, e considerando de quanta importancia seria ter paz com elles, e apartal-os dos Potiguares, mandou por lingoas fazer-lhe praticas, que estivessem seguros que só buscavão os Potiguares, com os quaes nunca queriamos paz, mas com elles sim, dizendo-lhes mais que o General era homem do Reyno, fora de malicias e enganos, que com elles usavão os do Brasil, e estava muito bem informado da sua amizade antiga com os brancos, pelos quaes sabia que quebrava a paz, e que se os Capitães Atayde e Caldas forão vivos os mandara ElRey castigar; com estas praticas, e vinho que lhes derão a beber, concertarão que dando refens mandaria o Braço seus embaixadores depois de jantar assentar pazes com o General, o qual neste meio tempo trabalhou com toda a dissimulação em mandar descobrir o alagadiço, se por cima ou por baixo daria váu á gente; mas não se achou nisto remedio, pela grandeza do alagadiço, e espessura do mato á roda.

Ao meio dia vierão tres Indios a tratar das pazes, que forão ouvidos na tenda do General, e examinados por lingoas, e feitas todas as diligencias, e ostentações que forão necessarias, por o Braço e os seus terem comsigo muitos Potiguares, juntamente com o medo de suas culpas, nada bastou pera os segurar, e assim tornando-se á tarde quizerão lá matar os refens, e ficou a guerra rota, que os inimigos estimando pouco esquentarão toda aquella tarde, com trinta e tantas espingardas, e muitas frechas que tirarão. Ao que ainda querendo atalhar o General, pera os desenganar mandou sahir por sua ordem todas as companhias, e gente por huma campina entre a cerca, e o lago, que em aquella manhã, pera o que succedesse, tinha mandado roçar; tambem lhe mandou dar mostra de dous berços, que trazia em carros, e varejar com elles huma caiçara, ou tranqueira, que pera pelejarem, e se defenderem no cume de hum pico, no cabo de huma queimada, os inimigos havião feito, e com outros assombros, nada bastou para quererem paz: com isto se resolveo o General a

lhes darem ao outro dia batalha, mandando aquella tarde fazer muitos feixes de fachina, que ao longo da cerca havião cortado, pera que com as pontes, que o Gentio no alagadiço havia feito, passagem (*passassem*) da outra banda.

Não foi nada aprazivel ao arraial esta determinação do General, que se vio melhor no Conselho, que na sua tenda se teve aquella noite, que foi assaz vario, e confuso, e a seus brados se assentou ficassem alli as duas partes do arraial, e Francisco Barreto com elles, com todo o provimento, pera o que succedesse, e elle a pé com a terça parte ir dar nos inimigos no pico.

Ouvindo missa ao outro dia pela manhã muito cedo, partio o General com as companhias da vanguarda sómente, e o guião de cavallo de Antonio Cavalcante, que mandou no roçado, e em huma queimada andar da nossa parte do alagadiço, pera por alli não rebentar alguma cilada, e lhe tomarem as costas, e levando o Padre Hyeronimo Machado, da Companhia, hum crucifixo diante, acharão no alagadiço muito estorvo por de noite os inimigos cortarem muitas arvores, com que o atravessarão, e embaraçarão todo: com isto, e com andarem muitos soldados pela queimada da outra banda ás frechadas, e arcabuzadas, se passava devagar, e com tanto receio, que foi necessario ao General agastar-se com alguns, e mandando ficar a companhia de Ambrosio Fernandes com ordem que se não bulisse do alagadiço athé todos serem em cima, arrancou da espada jurando havia de escalar o primeiro que fallasse, senão obrarem todos como esforçados; isto, e metter-se com o passo apressado após os dianteiros, fez passar os mais, e tomar a ladeira acima bem depressa.

Depois de se recolherem os inimigos na cerca, subião os nossos em pés e mãos por ella, e ferrando-a todos não acabavão de a render, o que vendo o General tomou hum Inglez, que levava comsigo armado, e subindo ás costas em cima da cerca com huma formosa lança de fogo fez taes floreios, lançando della infinidade de foguetes, que despejarão os inimigos. Por alli, e derribando os nossos duas ou tres braças de cerca, que cortarão, entrarão dentro, e os forão seguindo hum pedaço, ainda que, com o ruim caminho, e impedimentos que os inimigos tinhão postos, e elles serem bichos do mato, que furão por onde querem, foi causa de escaparem muitos. O que ordenou Deus pera nos ficarem, como agora os temos, por amigos.

Corridos assim, o mais que os nossos puderão, mandou o General queimar toda a caiçára, e madeira da cerca, e assolado tudo se tornou pera seus companheiros, que havião ficado na outra cerca, os quaes o vierão receber fóra com Te-Deum Laudamus, e no mesmo dia á tarde houve hum rebate da banda do Tibiry a que alguns Capitães acudirão desordenadamente, e por ser a revolta grande mandou o General a Francisco Barreto os fosse recolher, o que fez muito bem, e com muita ordem; porque em a escaramuça que se travou forão mortos alguns Potiguares, sem dos nossos haver ferido algum, e por não ser já de effeito a estada alli, ao outro dia mandou o General pôr fogo á cerca, e com todo o exercito pelo rio Tibiry abaixo foi seguindo os inimigos, e forão

dormir dalli a duas legoas, onde agora se chama as marés, e arrancados todos os mantimentos, que acharão, que foi a maior guerra que se lhes póde fazer, e queimadas duas aldêas, que alli estavão despovoadas, se tornarão acima a buscar outra cerca nova, que havia feito hum principal, chamado Assento de Passaro, aonde, antes de chegarem, acharão tantos embaraços de ruim caminho, que se ia abrindo pelo mato, e brejos, e alguns inimigos corredores, que se atravessarão diante, que por mais que o General se apressou, passando-se á vanguarda com o Ouvidor da Capitania Francisco do Amaral, que sempre o seguia, e marchando com ella, já acharão a cerca, que era grande, e forte, despejada, ainda que em alguns velhos e femeas se vingou o nosso Gentio; e alli pararão aquelle dia, e o outro, donde pelos muitos alagadiços, e diversidades de opiniões dos caminhos, que ninguem sabia, se resolverão tornar pelo rio da Parahyba abaixo, buscar o passo pera o forte, onde se assentaria o que cumprisse.

Partidos desta cerca por outro caminho, que era a estrada, acharão nella tantos laberintos, que os inimigos tinhão feitos, tantos fojos, arvores cortadas atravessadas, que era admiração, e a não haver grande cautela, poucos bastarão alli pera desbaratar a muitos; mas de tudo Nosso Senhor os guardou e desviou.

Passado embaixo o rio da Parahÿba, em tres dias chegarão ao forte, que estava cousa piedosa de ver, assim o damnificamento, e ruinez delle, como as pessoas dos soldados, que bem mostravão as fomes, e miserias, que tinhão passado.

CAPITULO OITAVO

De como o General Martim Leitão chegando ao Forte mandou o Capitão João Paes á Bahia da Traição, e depois se tornarão pera Pernambuco

Logo na tarde que chegarão ao forte ordenou o General que fosse o Capitão João Paes com tresentos homens de pé e de cavallo correr a Bahia da Traição, como forão o seguinte dia em amanhecendo. Procurou tambem muito com Fructuoso Barbosa quizesse ir duas legoas do forte, junto das marés, onde havia muitos mantimentos da parte do Sul do rio da Parahyba, fazer povoação, pera o que lhe juntava oitenta homens brancos, e Indios os mais que pudesse, e se offerecia estar com elle seis mezes, e outros seis seu cunhado Francisco Barreto, mas nunca se poude acabar com elle, e por actos que disto se fizerão desistio de toda a pertenção da Parahyba, dizendo que não estaria mais huma hora em ella; comtudo determinou o General fazer no dito sitio / que a todos pareceo bem / a povoação, pera o que commetteo a Pero Lopes, e a outros, mas não poude concluir. Pelo que com assaz paixão se determinou ir pela praia com a gente, que lhe ficou, juntar-se na Bahia da Traição com João Paes; porque assim, levando hum campo por cima outro por baixo, não ficando cousa em meio, seguissem por alguns dias os inimigos athé os encontrarem, ou

enxotarem pera longe, mas determinando partir na baixa mar do outro dia, subitamente aquella noite adoecerão quarenta, e duas pessoas com estranhas dores de barriga e camaras, entre os quaes foi Francisco Barreto, e o Padre Simão Tavares, da Companhia, e outros de muita importancia, com o que houve detença dous dias, e vendo que não melhoravão pelos ruins ares, e agoas daquelle sitio, foi forçado levantar o arraial, e tomar acima duas legoas em hum campo muito formoso e aprasivel, sitio de muitas boas agoas, a que puzerão nome Campo das Hortas, onde em seis dias, que alli estiverão esperando por João Paes, alguns se refizerão; chegado elle, e juntos outra vez todos, e sabido que na Bahia da Traição não ousarão os inimigos esperar, elles queimarão muitas aldêas, e arrancarão mantimentos, fizerão-se dous ou tres conselhos, pera se dar ordem no que se devia fazer, e por terem por certo que os Tobajaras, Gentio do Braço de Peixe, estavão desavindos com os Potiguares, e começavão a guerrear huns contra outros; se resolverão todos era bem deixal-os, já que por si se querião gastar antes convir muito por alguma via avisar o Braço de Peixe, que lhe darião soccorro contra os Potiguares, e que não se tornasse á Serra; com que em muito segredo o General fez fugido hum Indio seu parente com grandes promessas, se o quietasse, e fizesse tornar ao mar; com esta ordem, e provido o forte de mais vinte homens, e com lhe deixar o Capitão Pero Lopes em lugar de Fructuoso Barbosa, e os prover do seu como melhor poude, deixando-lhes pipas de farinha, biscoito, vinho, e sardinhas, pera dous mezes, se partirão todos pera a Villa de Olinda com muita festa, ainda que o espirito do Ouvidor Geral Martim Leitão / que já chamarei General / não se quietava nem contentava, dizendo não ter feito nada, pois não ficava levantada povoação na Parahyba, e tudo o da guerra concluido, como se fora poderoso pera tam grande empreza, em que nosso Senhor o tinha tam favorecido.

Desta maneira entrarão na Villa de Olinda em som de guerra, postos em ordem, accompanhando todos ao Ouvidor Geral athé sua casa, com a maior festa, e triumpho que Pernambuco nunca teve, que foi a seis de Abril de mil quinhentos oitenta e cinco.

CAPITULO NONO

De como o Capitão Castejon fugio, e largou o forte, e o Ouvidor Geral o prendeo, e agasalhou os soldados

O primeiro de Junho do mesmo anno de oitenta e cinco, chegou nova a Pernambuco era chegado a Tamaracá o Capitão Pero Lopes, que o Ouvidor Geral Martim Leitão deixara com alguns Portuguezes no forte da Parahyba em companhia do Alcayde, o qual tambem se dizia o queria desemparar com os Hespanhoes, e que em secreto buscavão piloto, que de lá os levasse ás Indias, e como o Ouvidor Geral andava tam prompto, e receioso destas cousas, logo

pela posta mandou buscar Pero Lopes, do qual informado, em quatro dias concluio com elle se tornasse a assistir no forte como o deixava, com alguns filhos da terra, e gente, no qual estivesse athé Janeiro, com obrigação de lhe darem cada mez cincoenta cruzados; porque não seria possivel deixar ElRey athé então de avisar, e prover, por cuja falta se despovoava isto.

Difficultosamente aceitou Pero Lopes, porque pela má condição do Alcayde Castejon todos fugião delle; mas sobre isto rebentou outro maior inconveniente, que foi resolver-se o Provedor Martim Carvalho / que athé então mal provia o forte / em não o querer mais prover bem nem mal, nem nisso entender, e assim o respondeo por actos publicos, com o que ficou tudo desarmado, e se concluira peior se o Ouvidor Geral não tratara este negocio por via de em prestimo, com que logo mandou o Capitão Pero Lopes fizesse rol do que havia mister pera provimento de cem homens em seis mezes, e feito, e sommado em tres mil cruzados, os mandou logo tomar, e repartir pelos mercadores, que tinhão as cousas necessarias, aos quaes se satisfazia com creditos de João Nunes mercador, e tomado navio, e aviado, por não succeder no forte fazer o Alcayde com os Hespanhoes abalo, lhe fez escrever da Camera com muitos mimos, e certeza de serem agora muito melhor providos; pois havia de correr por elles livres de Martim Carvalho, que muito devião estimar.

O mesmo lhe escreveo o Ouvidor Geral, e com estas cartas se foi Pero Lopes aviar a sua casa á ilha de Tamaracá, donde havia o navio, e gente de o ir tomar de caminho, e elle entretanto avisaria o Alcayde; e ou o diabo o tecesse ou não sei porque, Pero Lopes não avisou ao forte, nem mandou as cartas, indo disso tam encarregado, e as teve em seu poder sem as mandar desde oito de Junho até vinte e quatro, que estando tudo a pique pera o outro dia partir o navio, e de caminho ir pela ilha, se começou a dizer serem chegados a ella Castelhanos do forte; dizendo vinha atraz o Alcayde, e deixavão tudo arrasado.

A isto / que em breve se encheo a terra / se ajuntou toda a villa ás Aves Marias em casa do Ouvidor Geral, onde se assentou que se juntassem logo pela manhã no Collegio; Bispo, capitão Dom Philipe, Camera, Provedor Martim Carvalho; e elle, que nestas cousas não dormia, na mesma noite despedio os seus Officiaes que fossem buscar a Castejon, e lho trouxesse preso a bom recado, como fizerão, e nas perguntas não deo outra razão senão da fome, que era assaz fraca, pois confessava que depois da guerra que havia dado não apparecer mais inimigo, e irem os barcos, que lhe havia deixado, pelo rio acima buscar mantimentos, que era assaz provimento; mas devião de estar enfadados, e vingarão-se em deitar a artilharia ao mar, e huma náu que lá estava ao fundo, e pôr o fogo ao forte, e quebrar o sino, e com isto se vierão á villa como quem não tinha feito nada; e o que mais é que assim se julgou depois no Reyno aonde o Ouvidor Geral mandou o Castejon preso, que de tudo se livrou e sahio bem.

Ao outro dia pela manhã, juntos em modo de conselho no Collegio, houve algumas duvidas com o Bispo, e outros, movidos de quão mal se respondia do Reyno a tanta importancia, difficultavão a empreza, que na verdade estava mais duvidosa que nunca, por ser sobre tantas quedas, e lá consumirem tantas vezes os nòssos, e se receiarem Francezes, que nunca alli faltavão.

Pelas quaes causas dizião que na terra sem grossa mão de ElRey haveria força pera esta empreza, só o Ouvidor Geral Martim Leitão, todo acêso em colera, e fervor com que andava, com muitas razões o persuadio a entre si elegerem hum homem, que com cento e cincoenta, que se offereceo a buscar, e Gentio com a despeza, e vitualha, que estava buscada, tornasse logo a recuperar o perdido, senão que elle com os seus, e amigos que tivesse, estava determinado ir a metter-se no nosso forte arruinado, antes que os inimigos se fortificassem nelle, pois os que tinhão obrigação de o defender o desempararão, e isto com tanta vehemencia, requerimentos, protestos, e ameaças da parte de Sua Magestade, que os espertou e aviventou; e assim elegerão o Capitão Simão Falcão, que pareceo pessoa pera isso, por Fructuoso Barbosa em nenhuma maneira querer aceitar, com estar a tudo presente: do que Simão Falcão foi logo avisado; e o Ouvidor Geral com alguns pregões, industria, e summa diligencia juntou todos os Hespanhoes, que do forte vierão, e ao presente na terra havia, dos quaes fez duas esquadras, de quarenta e dous, que ajuntou em humas casas, a que cada dia fazia prover da ração ordinaria de sua casa, e á sua custa, não se esquecendo de por via de Religiosos fazer encommendar este negocio a Deus.

CAPITULO DECIMO

De como o Braço de Peixe mandou commetter pazes, pedindo soccorro contra os Potiguares, e o Ouvidor Geral tornou á Parahyba, e começou a povoação

Havendo neste mez de Julho alguma dilação por adoecer Simão Falcão, tanto ao cabo como esteve, no fim do mez chegarão dous Indios do Braço de Peixe ao Ouvidor Geral, pedindo-lhe soccorro contra os Potiguares, porque tornando-se por o seu recado ao mar o cercarão por vezes, e tinhão posto em grande aperto.

Neste proprio dia vestio Martim Leitão os Indios, e se foi dormir ao Recife com João Tavares, escrivão da Camera e Juiz dos Orphãos, ao qual por parecer de todos encommendou este soccorro, e elle por seus rogos, e por serviço dElRey aceitou, e assim com doze Hespanhoes bem concertados, e satisfeitos, e oito Portuguezes, e huma caravella esquipada, e concertada pera tudo com algumas dadivas, e bom regimento, partio do porto de Pernambuco a dous de Agosto de mil quinhentos oitenta e cinco, e aos tres chegou pelo rio da Parahyba acima, onde se vio com o Braço de Peixe, e mais principaes no

porto, que agora é a nossa Cidade, assombrando primeiro os Potiguares com alguns tiros, que presumindo mais força fugirão.

Assentadas as pazes, e dadas suas dadivas, e refens, sahio o Capitão João Tavares dia de Nossa Senhora das Neves, por cujo respeito depois se poz esse nome á povoação, e a tomarão por patrona, e advogada, debaixo de cujo amparo se sustenta, e ordenarão hum forte de madeira com as costas no rio, onde se recolherão.

Avisado logo o Ouvidor Geral, se alvoroçou toda a villa, e moradores destas Capitanias, parecendo-lhes, e com razão, erão já todos seus trabalhos acabados, e depois de muitas graças a Deus, sobre isto chegarão os lingoas por terra com obra de quarenta Indios com a embaixada do Braço, aos quaes todos o Ouvidor Geral em sua casa agasalhou, vestio, e festejou, e avisando ao Capitão João Tavares do que havia de fazer, mandando-lhe mais vinte e cinco homens de toda a sorte, por os Hespanhoes estarem ainda muito enfermos, e mandando vestidos finos pera os principaes, e outros mimos, e todos muito contentes os tornou a mandar, e com grandes defezas, que não houvesse algum genero de resgate, de que o Ouvidor como experimentado era muito inimigo, e com razão, que isto he o que damna o Brasil, maiormente quando he de Indios, pois com titulo de resgate os captivão.

Pera se perfeiçoarem estas pazes pareceo necessario não se perder tempo, antes ir-se logo fazer hum forte, recuperar a artilharia do outro, e assentar a povoação; pera o que por todos foi assentado que ninguem podia fazer todas estas cousas, senão o Ouvidor Geral Martim Leitão, ao qual o pedirão, e requererão todos, e elle o aceitou, por serviço de Deus e de ElRey, e por bem destas Capitanias, e assim se partio pera a Parahyba a quinze do mez de Outubro do mesmo anno com alguns amigos seus, Officiaes, e creados, fazião numero de vinte e cinco de cavallo, e quarenta de pé, levando pedreiros e carpinteiros, e todo o recado necessario pera fazer o forte, e o que mais cumprisse, e chegou lá aos vinte e nove, onde foi grandemente recebido dos Indios e brancos, que ahi estavão; e aos principaes dos Indios, que vierão huma legoa recebel-o, abraçou hum e hum com grande festa, e fazendo apear os de sua casa os fez ir a cavallo, e alguns, pelo que tinhão passado com os brancos, ião tremendo de maneira, que era necessario il-os sustentando na sella.

Com este triumpho os levou pelo meio de suas aldêas, com que huns choravão, e outros rião de prazer, e logo nessa noite se informou dos sitios, que particularmente tinha encommendado lhe buscassem com todas as commodidades necessarias pera a povoação a Manoel Fernandes, mestre das obras de El Rey; Duarte Gomes da Silveira, João Queixada, e ao Capitão, que todos estavão pera isso prevenidos delle em segredo, mas encontrados nos pareceres dos sitios.

Ao outro dia o Ouvidor Geral, ouvindo missa antes de sahir o sol / que caminhando, e andando nestas jornadas sempre a ouvia /, foi logo a pé ver alguns sitios, e á tarde a cavallo, athe o ribeiro de Jaguaripe, pera o Cabo

Branco, e outras partes, com que se recolheo á noite resoluto ser aquelle em que estavão o melhor, onde agora está a Cidade, planicie de mais de meia legoa, muito chão, de todas as partes cercado de agoa, Senhor do porto, que com hum falcão se passa além, e tam alcantilado que da prôa de navios de sessenta toneis se salta em terra, donde sahe hum formoso torno de agoa doce para provimento das embarcações, que a natureza ali pôz com maravilhosa arte, e muita pedra de cal, onde logo mandou fazer hum forno della, e tirar pedra hum pouco mais acima; com o que visto tudo muito bem, e roçado o matto, a quatro de Novembro se começou o forte de cento e cincoenta palmos, derão em quadra com duas guaritas, que jogão oito peças grossas huma ao revez da outra, no qual edifico trabalhavão máus e bons com o seu exemplo, que hum e hum os chamava de madrugada, e repartia huns na cal, outros no matto com os carpinteiros, e serradores, outros nas pedreiras, e os mais a pilar nos taypaes; porque os alicerces, e cunhaes só erão de pedra e cal, e o mais de taypa de pilão de quatro palmos de largo, pera o que mandou logo fazer oito taypaes, pera todos trabalharem, e era cousa pera ver a porfia e inveja, em que os mettia, trabalhando mais que todos, com o que duravão na obra de sol a sol, sem descançar mais que a hora de comer, e assim em duas semanas de serviço chegou a estado de se lhe pôr artilharia, que neste meio tempo com muito trabalho, e industria, por buzios, que pera isso levou, se havia tirado do mar sem se perder peça, que foi cousa milagrosa, só as Cameras faltarão, mas com seis, que levou de Pernambuco, e dous falcões, que forão nos caravellões da matalotagem, se remediou tudo.

Assentada a artilharia ordenou, por se não perder tempo, e o nosso Gentio confederado se não esfriar, como já começava, fossem João Tavares, e Pero Lopes, com toda a gente dar huma boa guerra ás fraldas de Copaoba, que hé huma terra montuosa, e mui fertil, dezoito legoas do mar, donde ha muito Gentio Potiguar; e assim ficando-lhe sómente os seus moços, e officiaes da obra, e Christovão Lins, e Gregorio Lopes de Abreu, forão todos os mais, aonde por andarem treze ou quatorze dias sómente não destruirão mais de quatro ou cinco aldêas, cuja vinda tão apressada o Ouvidor Geral sentio muito, e determinando ir em pessoa, concluio com a maior brevidade que poude a obra do forte, casa pera o Capitão, e armazem.

CAPITULO DECIMO PRIMEIRO

De como o Ouvidor Geral foi á Bahia da Traição

Posto isto em bôa ordem athe vinte de Novembro, deixou ahi Christovão Lins, Fidalgo, Allemão de nação, com os Officiaes e gente necessaria, e elle se partio com oitenta e cinco homens brancos, e cento e oitenta Indios do nosso Gentio, cousa assaz temeraria, e que muitos procuravão estorvar com

roncas de estarem náus Francezas na Bahia da Traição, e sobre isto alguns lhe começarão em palavras a perder o devido acatamento, e respeito, particularmente hum, que se soltou mais do necessario, que já tambem havia posto o arcabuz nos peitos ao Capitão João Tavares, o qual mandou o Ouvidor Geral tomar, e á porta do forte, em presença de todos açoutar, que foi gentil mesinha, porque não houve quem mais fallasse, e assim partidos todos do forte forão dormir ao Tibiry, e dahi no dia seguinte ao Campo das Hortas, onde se juntarão com o nosso Gentio, que não levava mais vianda pera todo o caminho, que seis alqueires de farinha de guerra, nem os brancos levarão de comer mais que pera dous dias, do que sendo advertido o Ouvidor Geral respondeo alegremente que o irião buscar entre os inimigos, que era gente viva, e havia de ter comer, e assim se partirão dahi athe a agoa, que chamão de Jorge Camello, e depois do sol posto chegarão ao rio Mamanguape, que são grandes oito legoas, e por haver de ir dar em humas aldêas, que estavão da outra parte do rio, antes que os inimigos, que havião achado atraz na campina, lhes dessem aviso, e se aproveitarem da baixa mar, o passarão sem ceia á meia noite, e moidos do trabalho do dia, donde em amanhecendo marcharão com boa ordem e recado athé ás dez horas, que derão em hum grande golpe de Gentio, o qual com o seu medonho urro atroou aquella campina, e ribeira, mas os nossos muito contentes de os vêr, ainda que fôra por ponte de prata.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO

De como da Bahia da Traição forão ao Tujucupapo, e tornarão pera Pernambuco

Ao terceiro dia, carregados os Indios de despojos, e alguns mantimentos, partirão da Bahia da Traição, indo sempre ao longo da Costa com o lingoa dos Indios captivos, em busca do Tujucupapo o Mór, principal dos Potiguares, por ser muito grande feiticeiro, e indo ao quarto dia depois da partida bem descuidados, parecendo-lhes que já não o acharião o inimigo, gritarão da vanguarda — Potiguares! Potiguares!, e não se espantem fallar desta maneira sendo tão poucos, porque como as guerras destas partes são nos mattos, sempre vão enfiados por o ruim caminho huns tras outros, e assim, ainda que poucos, como não podem ir em fileira nem ordem de guerra, occupão muita terra ao comprido; por esta causa á grita da vanguarda se concertou cada hum em seu logar, e começarão a marchar depressa, mas por neste tempo vir hum soldado Hespanhol dizer a Martim Leitão acudisse, que recuava a vanguarda, e havia

feridos, em calças e em gibão, como ia, tomou hum remessão a João Nunes, e huma rodella a hum Indio, e encommendando a gente a Gregorio Lopes de Abreu, e a Antonio de Barros Rego, poz as pernas ao cavallo, e atravessando o matto, que era baixo, chegou a tempo que rebentavão do bosque tres esquadrões de gente inimiga, e se tornarão a recolher em ondas ou remettidos, que este é o seu pelejar; e o nosso Gentio vendo tantos inimigos, quasi que ficou assombrado, e á pressa em corpo se andavão cercando de rama pera todos se recolherem em qualquer fortuna; mas chegando assim o Ouvidor Geral, os começou a affrontar de palavras, dizendo-lhe se determinavão fazer ali casas pera viver, e depois morrer como ovelhas, e que as suas casas havião de ser as dos inimigos, e assim gritando rijo a elles passou ávante, mandando João Tavares por outra parte, e com isso pelejava com homens, mas aqui com os elementos, que é mais.

Passados assim da banda d'além, que serião duas horas antemanhã, feito algum fogo, em que brevemente enxugarão os arcabuzes, fez logo o Ouvidor Geral tomar a praia, que como athé então não fosse sabida, e sobre tantos trabalhos, pareceo a todos tam comprida como trabalhosa.

Mas indo elle com Duarte Gomes, e Antonio Lopes de Oliveira, com tres negros da terra descobrindo diante todos, forão athé em amanhecendo, apartados os de cavallo com alguns arcabuzeiros, pera darem da parte do Norte, e os mais com o nosso Gentio, do Sul, remetterão ao forte que ali tinhão os inimigos, o que fizerão com grande grita, e matarão athé vinte Indios, tomarão vivo o seu principal, outros se deitarão ao mar por lhe terem a terra tomada, e se acolherão á náu dos Francezes, que todos estavão recolhidos com sua artilharia do dia de antes, pelo aviso que lhes deo hum Indio, que fugio a Duarte Gomes; e porque com a claridade da manhã começou a varejar a praia, onde os nossos estavão com a artilharia, vararão todos a aldêa, e povoação, que estava acima, a qual acharão toda despejada, mas com muitas farinhas feitas, e favas, que foi grande recreação, junto com os cajús do matto, fructa que já começava, e pera lhe destruirem todos os mantimentos, e assolarem aquella estalagem aos Francezes, assentarão estar alli tres dias, e logo á tarde forão arrancar a mandioca; de noite mandou o Ouvidor Geral lançar ao mar tres ferrarias, que alli havia de Francezes, que foi cousa de importancia tiral-as aos inimigos, que com ellas os cevavão os Francezes, repairando-lhe estes tres ferreiros, que alli já erão moradores, suas ferramentas.

Acharão-se aqui mais de sessenta caldeiras grandes, e pequenas, fato, e muita ferramenta, de que se o nosso Gentio carregou.

Ao outro dia mandou o Ouvidor Geral vinte e quatro arcabuzeiros na baixa-mar dar-lhe huma surriada com tres ou quatro cargas, e ainda que lhes não fez damno, todavia temendo que o virião a receber, ou que viessem algumas embarcações da Parahyba, levarão ancora, e se forão, esbombardeando pera o ar, levar estas novas á França, ficando os inimigos diante de si, deitando-os de

fóra de mil laberintos, que alli tinhão feito e ordenado, e por extremo fortificados, ficando todavia as suas estancias, e meadas de muitos corpos mortos, e mais forão se não houvera a detença dos nossos no abrir dos caminhos pera todos passarem, e assim tiverão os inimigos alguma guarida com o ruim caminho, e grande alagadiço / que sempre elles costumão tomar por repairo /, onde houve muitas graças de muitos atolarem mais do que quizerão, não querendo seguir o Ouvidor Geral seu capitão, que ainda que o cavallo cahiu com elle, o levou pela redea, e sahindo fóra muito gentil homem, e enlodado saltou em cima delle mui desenvolto, e seguio os inimigos por hum caminho com outros dous de cavallo, e alguns Indios, que sempre forão derribando nelles, e o mesmo aconteceo por onde foi o capitão João Tavares, e houverão de ser infinitos os mortos, se o nosso Gentio ousára seguil-os; mas vendo tantos, e elles tam poucos, o fizerão pesadamente, e só á sombra dos brancos; e com isto se recolherão depois das tres da tarde á grande aldêa, que estava perto do alagadiço, onde descançarão o que ficava do dia; dando muitas graças a Deus por esta grande victoria, porque se affirmou haver alli mais de vinte mil Portuguezes : apercebidos de dia do seu feiticeiro, que por desastre se acolheo em hum cavallo, que lá tinha de brancos havia muitos annos, curados os feridos, que houve alguns, e nenhum morto, pera a victoria ficar com dobrado gosto, alli estiverão athé ao outro dia, e por serem doze leguas aquem do Rio Grande, donde tiverão novas ser já passado todo o Gentio inimigo da outra banda, que como senhores de mais de quatrocentas legoas desta Costa não era possivel esgotal-os, se tornarão ao forte, donde forão recebidos com muitas festas, e continuou o Ouvidor Geral as obras em que Christovão Lins com officiaes havia bem trabalhado, e de todo acabou o forte, torres, e casas de armazens com seus sobrados pera morada do Capitão e Almoxarife, e feitos tambem alguns reparos pera a maior parte da artilharia, e ficando-se acabando os mais, tomou a homenagem ao capitão João Tavares, e o deixou com trinta e cinco homens de peleja, providos pera quatro mezes, e feito isto se tornarão pera Pernambuco no fim de Janeiro de mil quinhentos oitenta e seis, que foi assaz breve tempo pera tantas cousas, e obras; mas tudo nos homens honrados o desejo da honra faz possivel.

CAPITULO DECIMO TERCEIRO

Da vinda do Capitão Morales do Reyno, e tornada do Ouvidor Geral á Parahyba

No fim de Fevereiro seguinte vierão cartas ao Ouvidor Geral Martim Leitão de haver por bem servido no que fazia na povoação da Parahyba, e ordem pera que se pagassem todos os gastos, as quaes trouxe hum capitão Hespanhol coxo chamado Francisco de Morales, com cincoenta soldados tam-

bem Hespanhoes, e pera recolher a si os que cá ficarão de Francisco Castejon, que foi grande bem ainda, que disso se não conseguio effeito por o capitão ser em tudo de mui pouco, o qual se partio de Pernambuco a dous do mez de Abril seguinte pera na Parahyba haver de estar á obediencia de João Tavares, capitão do forte, conforme a sua patente, e todos á do Ouvidor Geral; mas o coxo tanto que lá chegou deitou João Tavares fóra do forte, e os Portuguezes, tratando-os de maneira que alvoroçou tudo, e amotinou o Gentio das aldêas, que todos os dias se ia queixar a Pernambuco, e sobre o avisarem que parecia mal tomar o forte a quem tinha dado homenagem delle, e que lho tornasse, se desentoou em palavras com o Ouvidor Geral, esquecido de sua obrigação, e de quanto gasalhado e mimos lhe havia feito em Pernambuco; e assim se enfrestou logo com elle, e com a Camera, e com todos os Portuguezes, que houve muitos requerimentos o tirassem de lá, e o mandassem a ElRey, por muitos excessos, que sempre nelle forão crescendo, ajudado dos ruins conselhos, que lhe mandavão de Pernambuco inimigos do Ouvidor Geral, que por inveja dos seus bons successos o querião infamar, assim cá como no Reyno, o que tudo o Ouvidor foi passando, e dissimulando athé o fim de Setembro do dito anno, porque aos vinte e sete dias delle lhe vierão novas da Parahyba, e cartas que avisarão serem chegadas á Bahia da Traição cinco náus Francezas com muita gente, e munições, determinados a se ajuntarem com os Potiguares pera combaterem, e assolarem o forte da Parahyba, com as quaes cartas vinha hum grande requerimento do capitão Morales, e moradores, e assim ao mesmo Ouvidor, como ao Capitão de Pernambuco, e Camera os fossem soccorrer.

Recebido este requerimento, fez logo Martim Leitão ajuntar no Collegio o Capitão de Pernambuco, Camera, Officiaes da Fazenda, e os mais nobres e ricos da terra, onde por todos foi assentado que por não crescer mais aquella ladroeira, e sahir dalli algum grande exercito de Francezes, que junto com os Potiguares destruissem o que estava ganhado da Parahyba, convinha acudir-lhe, e que ninguem o podia fazer senão elle, como dantes tinha feito; e assim todos juntos lho pedirão, e requererão em nome de ElRey, e elle aceitou, ordenando logo que se aprestassem duas náus, que não estavão mais no porto, e alguns caravellões, em que fossem cento e cincoenta homens de peleja, fóra os do mar, e alguma gente de cavallo por terra, que se ajuntarião com os que estavão na Parahyba, pera que lhes dessem por terra, e por mar huma boa guerra, porque estando-se os navios concertando, e as mais cousas necessarias, chegou nova que Francisco de Morales se queria vir da Parahyba, lhe escreveo Martim Leitão tal não fizesse, e que chegando lá o accommodaria, e serviria em tudo, como sempre fizera, e quando de todo em todo se quizesse vir neste tempo não trouxesse os soldados de ElRey; mas nada bastou pera deixar de se vir, e trazer os soldados de ElRey, e persuadido de alguns de Pernambuco, invejosos, e inimigos do Ouvidor Geral, largou o forte, e se perdeo e estragou

na Villa de Olinda athé se ir pera o Reyno, e porque a vinte de Outubro se soube haverem chegado mais á Bahia da Traição outras duas náus, que erão já sete. Pelo que se requeria melhor recado se tomou mais huma, que chegou do Reyno, e posta a monte, provida de xareta, e fortalecida pera poder soffrer a artilharia como as outras athé a entrada de Dezembro, se puzerão a pique todas tres náus mercantes, e dous bons caravellões ou zavras, de que erão capitães Pero de Albuquerque, Lopo Soares, e Thomé da Rocha, Pero Lopes Lobo, Capitão da ilha de Tamaracá, e Alvaro Velho Barreto.

Ordenado isto, foi o Ouvidor Geral athé o engenho de Phillippe Cavalcante, que he sete legoas da Villa de Olinda, com vinte e cinco homens de cavallo bons, e despedindo-os dalli pera a Parahyba se tornou pera a Villa a embarcar, promettendo-lhes primeiro seria com elles na semana seguinte; e assim se foi logo ao Recife, onde estiverão embarcados treze dias, sem poderem partir com tam grande tormenta de Nordeste, que dentro do rio se desamarrou huma náu, e deo á costa; e temendo o Ouvidor Geral a tardança, quiz mandar hum caravellão com aviso á Parahyba, e erão taes os Nordestes, que o levarão sem remedio além do Cabo de Santo Agostinho á ilha de Santo Aleixo.

Com este trabalho e estando todos pasmados, e o Ouvidor Geral atribulado de não poder fazer viagem, chegou Mauro de Resende com grandes requerimentos, e protestos de largarem todos tudo, se o Ouvidor Geral não era lá athé o dia de S. Thomé, por estarem todos assombrados da muita gente Franceza, e Potiguares, que quatro dias havia tinha dado em huma aldêa das nossas fronteiras, cujo principal era Assento de Passaro, o melhor Indio dos nossos, onde matarão mais de oitenta pessoas, e dous Castelhanos, com o que se davão todos por perdidos; pelo que o Ouvidor Geral, vendo que o tempo lhe não dava logar a ir por mar, determinou ir por terra, dizendo aos mais que o seguissem, se partio quasi só de madrugada, e no rio Tapirema, que são nove legoas de Olinda, se achou ao segundo dia com alguns trinta e dous homens, com os quaes seguio avante, que por ir assim, e os homens despropositados pera o acompanharem, por terra o seguirão sómente estes, e com elles chegou á nossa povoação da Parahyba, a que os moradores chamão Cidade de Nossa Senhora das Neves, aos vinte e tres de Dezembro, vespora da vespora do Natal, onde se começou logo a pôr em ordem, e aviar pera haver de partir no dia seguinte, como partio, caminho da Copahiba, onde teve por novas que estava todo o Gentio, e alguns Francezes fazendo-lhes páu brasil pera a carga das náus, porque estorvar-lha era a maior guerra, que podia fazer assim a huns como a outros.

CAPITULO DECIMO QUARTO

De como o Ouvidor Geral foi da Parahyba á Copahoba

Da cidade de Nossa Senhora das Neves, onde o Ouvidor Geral Martim Leitão deixou Pero de Albuquerque por Capitão em quatro jornadas, chegou á grande cerca de Penacama, que era hum grande e principal Potiguar, aonde Duarte Gomes da Silveira havia ido o Outubro atraz, e depois de lhe succeder muito bem, ao recolher lhe matarão oito ou dez homens, que foi a maior perda que esta empreza da Parahyba teve depois de correr por Martim Leitão, e que elle em extremo sentio; porque além das guerras, que todos estes annos lhes dava por sua pessoa, sempre lhe mandava dar outros assaltos, assim pelo dito Duarte Gomes como pelo capitão João Tavares e outras pessoas: nesta jornada foi infinito o trabalho, principalmente o da agoa, que não havia senão de muito ruins poços, pouca, e tam fedorenta, que era necessario com huma mão tapar o nariz, com a outra beber.

Desta cerca marcharão para a Copahiba direitos, onde ao segundo dia pela manhã derão com outra dos inimigos, e por o nosso Gentio dar o seu urro primeiro que entrasse, fugirão alguns, ainda que se fez incrivel matança, e se tomarão setenta ou oitenta vivos; aos fugidos forão dando alcance por huma parte, e por outra mais de huma legoa athé outra grande cerca, que estava despejada, na qual quiz o nosso Gentio descansar dous dias, e assim era necessario pera o grande trabalho do caminho, que tinhão passado, e por acharem alli rio de agoa, ainda que logo sobre ella começou de haver briga por acudirem os inimigos a defendel-a, ajudados dos sitios, porque esta Copahiba aonde estavão hé toda feita em altibaixos de montes e abysmos, e comtudo, contra a regra geral do Brasil, he tudo massapés, e fertilissima; pela qual causa havia nella cincoenta aldêas de Potiguares, todas pegadas humas nas outras: ao outro dia pela manhã começou de recrescer a briga sobre a agoa, ainda que os nossos tinhão ordem não fossem senão juntos, e a huma hora certa a buscal-a, e a dar de beber aos cavallos, acompanhados sempre com dez ou doze arcabuzeiros de guarda, todavia crescerão muitos inimigos, e tinhão já feito huma caissára sobre ella, que o Ouvidor Geral lhes mandou desmanchar por Duarte Gomes com alguma gente: e porque começarão a frechar, e se recolherão, assentou com o Braço que á tarde lhes lançasse huma cillada por cima, tornando-se primeiro a travar a briga, em que bem cevados lhes dessem nas costas, e sahindo a isso o Braço á tarde se alvoroçou o arraial dizendo estavão muitos inimigos sobre a agoa, sahindo fóra o Ouvidor Geral, e vendo que da outra parte do rio, na ladeira, andavão dez ou doze nossos muito apertados, que não ousavão virar as costas, e carregavão sobre elles muitas frechas, e pelouros, mandou que fossem sete ou oito de cavallo a soccorrel-os com Francisco Pereira, que só passou, e

Simão Tamares, e deitarão fóra os inimigos, e recolherão os nossos com hum já morto, e outro quasi, e todos feridos de frechas e espingardas, e Francisco Pereira peior, que o fez aqui como bom cavalleiro, e João Tavares foi recolher o Braço de Peixe, que neste tempo mandou recado lhe acudissem, porque indo pera fazer cillada aos inimigos, cahira primeiro em huma sua, e o tinhão posto em aperto; com isto começou a entrar hum medo espantoso em todos, e á noite foi avisado o Ouvidor Geral em segredo por João Tavares estavão mais de vinte dos mais honrados ajuramentados pera fugirem, ao que acudio o Ouvidor Geral fazendo-lhe huma falla de mil esforços, e outras diligencias, com que lhes desfez a roda, e se assentou se désse pela manhã com boa ordem nos inimigos, pera o que mandou aquella noite das taboas de algumas caixas, que se acharão, fazer dez pavezes, detraz das quaes os medrosos pudessem ir seguros, com o que animados todos / deixando primeiro queimado tudo, como sempre fizerão a todas as cercas, e aldêas que tomarão /, forão pela manhã buscar os inimigos, os quaes estavão á vista em tres tranqueiras, que elles armarão nos peiores passos, humas diante das outras; e por na primeira tranqueira ou caiçára do rio haver detença pela muita resistencia que acharão, passou lá o Ouvidor Geral, e dando-lhes muita pressa, como quem entendia que nisto estava a importancia, com sua chegada se levou sem nos ferirem pessoa, e com a mesma furia remetterão á segunda, que era enthulhada de terra em hum valle, e lançando-se huma boa manga por hum outeiro acima, ficando as outras duas no baixo; vendo os inimigos tres mangas, e os braços que a meneavão, se assombrarão de todo, que nem na terceira cerca pararão, ainda que não subião os nossos a ella senão de pés e mãos, e sempre lhes custava muito, a se não terem lançado as mangas, que foi gentil ordem do Ouvidor Geral, que nesta occasião trabalhou muito, e nesta manhã cansou tres cavallos, porque queria ver, e estar presente em toda a parte; e assim os ajudou Deus, e forão seguindo os inimigos mais de meia legoa, athé chegarem a huma aldêa, onde fizerão grande resistencia, tudo por salvarem as molheres, e filhos que alli tinhão, com que o negocio esteve em peso, porque tres ou quatro vezes se vio a nossa vanguarda quasi vencida, athé que chegou o corpo da nossa gente com o Ouvidor Geral, e carregando rijo os levarão vencidos, com mais tres ou quatro aldêas, que no mesmo dia lhe forão destruindo, athé se irem aposentar em hum alto, donde vião trinta e tantas em menos de huma legoa, que os inimigos com medo tinhão despejado, e ião ardendo, sendo infinitos em numero, e os nossos só cento e quarenta, e quinhentos Indios frecheiros.

CAPITULO DECIMO QUINTO

De como destruida a Copahoba forão ao Tujucupapo

Daqui se partirão em busca do Tujucupapo, que o anno atraz lhe havia fugido, e caminhando dous dias, virando abaixo ao mar ao terceiro dia pela manhã deo a vanguarda em huma mui poderosa cerca, onde pela bandeira e tambor conhecerão haver Francezes com os Potiguares, do que logo avisarão ao Ouvidor Geral, o qual quando chegou achou a bandeira do capitão João Tavares, que o fez aqui tam animosamente como sempre, porque á sua ilharga tinhão morto tres homens com piedosas feridas de pelouros de cadêa, que os tinhão escallados, e comtudo sempre sustentou a sua bandeira pegado á cerca em huma fronteira, na qual elle, e o sargento Diogo Arias, espantoso soldado que nesta jornada tinha recebido quatorze frechadas, ganharão cada hum sua setteira ou bombardeira aos inimigos, por onde humas vezes com as espadas, outras com os arcabuzes, os fazião despejar dalli.

O Ouvidor, não obstando os grandes chuveiros, e nuvens de frechas, e pelouros, que dos inimigos nunca cessavão, tomando alguns comsigo, que o quizerão seguir, e agachando-se como podião, chegou á cerca pela banda de baixo, que por aquelle confiados os inimigos na espessura do matto era mui fraca, e entulhada de terra e palma, e a começarão a desfazer, ainda que os inimigos logo alli acudirão de dentro com huma espingarda, e muita frecha, com que ferirão o meirinho da alçada, a Heitor Fernandes, e outros; comtudo Martim Leitão foi o primeiro que rompeo a cerca, cortando com a espada os cipós ou vimes com que estava liada, e fazendo buraco por onde se metteo, e posto que de boa entrada com hum páu feitiço lhe ferirão huma mão, de que lhe rebentou o sangue pelas unhas; á vista delle, como elephante indignado, se lançou dentro com Manoel da Costa, natural de Ponte de Lima, que o acompanhava, o que vendo os inimigos, derrubarão de duas ruins frechadas a Manoel da Costa, e com outras duas deitarão a carapuça de armas fóra da cabeça ao Ouvidor Geral, que só lhe ficou pendurada pelo rebuço de diante, e com muitas frechadas pregadas na adarga, poz o joelho no chão pera se desembaraçar das frechas, e cobrir a cabeça, ao que acudio golpe de Gentio pera o tomarem ás mãos, porque o não quizerão matar pelo conhecerem, e desejarem leval-o vivo pera testemunha de sua victoria, e triumpho, mas só o ferirão a mão tente em huma coxa; elle vendo neste ultimo transe da vida se levantou manquejando, mas furiosamente, e chegando-se a Manoel da Costa, seu amigo, pera o defender, os fez afastar, por verem tambem a este tempo entrar já outros, dos quaes o primeiro foi o alcaide de Pernambuco Bartholomeu Alvares, feitura do mesmo Martim Leitão, que bem lho pagou alli, e ajudou como mui valente, e esforçado soldado que era Africano.

O mesmo fizerão os mais, que entrarão após elle com tanto valor e esforço que forão os inimigos despejando a cerca, sendo os Faancezes os primeiros: com o que gritando os nossos de dentro victoria, entrarão os de fóra, huns por huma parte, outros por outra, sem tratarem mais senão de se abraçarem huns aos outros com lagrimas de contentamento da mercê que lhe Deus fez, e não seguirão muito os inimigos, porque passada a furia todos tinhão que curar, e fazer comsigo assaz, por ficarem quarenta e sete feridos, e tres mortos do nosso arraial: do contrario tambem ficou morto algum Gentio, que levavão ás costas, como costumão, e o alferes Francez, que na cerca ficou estirado com a sua bandeira e tambor, que se levarão pera a Parahyba: porém apenas se começavão a curar os feridos, quando foi necessario deixal-os, por se ouvir huma grande grita, e alarido de Potiguares, que vierão de soccorro a estoutros, e a virem mais cedo hum pouco espaço não houvera remedio contra elles, os quaes derão ainda em alguns da nossa retaguarda, mas vendo que erão fugidos os seus da cerca, e os nossos que della vinhão acudindo, tambem fugirão.

Erão tantas, e taes as feridas, maiormente de pelouros, que os Francezes, que com os negros estavão na cerca, tiravão, que todo o restante do dia se gastou na cura dos feridos: na qual o Ouvidor andou provendo com muita vigilancia, e caridade, porque pera tudo ia apercebido de botica, e por respeito delles, falta de polvora, e outros inconvenientes que havia, se assentou queimassem o páu que alli se achou, voltassem por outro caminho o seguinte dia pela manhã, como fizerão com boa ordenança, buscando a Parahyba com assaz trabalho, guiados pelo sol, porque ninguem sabia aonde estava, e assim se agasalharão ao longo de hum ribeiro pequeno aquella primeira noite da jornada como cada hum poude.

No segundo dia de caminho marchando, em amanhecendo os salteou o Gentio por duas partes a provar como ião, mas rebatendo-os fugirão com seu damno, e os nossos sem algum por suas jornadas chegarão á Parahyba, onde todos forão recebidos como merecião.

CAPITULO DECIMO SEXTO

De como despedida a gente o Ouvidor Geral fez o forte de S. Sebastião

Logo naquella semana se aviou o Ouvidor Geral pera por mar ir á Bahia da Traição dar nas náus Francezas, que lá estavão, e pera isto tinha mandado vir caravellões com que de noite, a remos, os determinava saltear, por já irem faltando as munições pera náus grandes irem de Pernambuco á Parahyba; porém sendo certificado que os Francezes, por lhe haverem queimado a carga de páu brasil, havião já ido com as náus vasias, despedio a gente toda, ficando elle sómente

com os seus officiaes, e Pedro de Albuquerque, e Francisco Pereira, que ainda estava mal das feridas, e no fim do mez de Janeiro de mil quinhentos e oitenta e sete se foi ao rio Tybiry, duas legoas acima da Cidade, ao longo da varzea da Parahyba, fazer hum forte pera o engenho de assucar de ElRey, que já estava começado, e pera defender a aldêa do Assento de Passaro, e mais fronteiras, com o que se segurava tudo, e se povoaria a varzea, e assim o ordenou, e fez muito em breve de cem palmos de vão, de muito grossas vigas muito juntas, e forradas de entulho de cinco palmos de largo, e de altura de nove, donde podia pelejar a gente amparada com o muro de fóra, que era mais de vinte e dous em alto, de taipa dobrada de mão muito forte, e do alto vinha o tecto cobrindo o andamo, e casas que se fizerão á roda pera agasalho da gente, com duas grandes guaritas em revez sobradadas, e huma torre no meio com grandes portas pera o rio Tybiry.

Feito este forte, que por o haver começado dia de S. Sebastião o chamou do seu nome, e assentada nelle a artilharia, abertos os caminhos, e tudo acabado, como se houvera de viver alli toda a sua vida, ou o fizera pera si, e seus filhos, se partio na segunda semana do mez de Fevereiro pera Pernambuco, já achacado de algumas febres, que com seu fervor, e incansavel espirito havia passado em pé, e chegando á casa se não levantou mais de huma cama os tres mezes seguintes, e não foi muito com tantas calmas, chuvas, guerras, e trabalhos como havia padecido.

CAPITULO DECIMO SETIMO

De huma grande traição, que o Gentio de Cirizippe fez aos homens da Bahia, e a guerra que o Governador fez aos Aymorés

Grande contentamento recebeo o Governador Geral Manoel Telles Barreto com as boas novas do successo destas guerras, e conquista, por ver a boa eleição que fizera em mandar a ellas o Ouvidor Geral Martim Leitão: mas como todos os contentamentos do mundo são agoados, o foi tambem este com huma grande traição, e engano, que lhe fez o Gentio de Cerigipe, dizendo que se querião vir pera esta Bahia á Doutrina dos Padres da Companhia de Jesus, e tomando-os por isto por intercessores, e terceiros com o Governador, pera que lhes désse soldados, que os acompanhassem, e defendessem no caminho de seus inimigos, se lho quizessem impedir; fez o Governador sobre isto huma junta de Officiaes da Camera, e outras pessoas discretas, onde o primeiro que votou foi Christovão de Barros, Provedor Mór da Fazenda, dizendo, como experimentado nas traições dos Gentios, que se lhes respondesse que se querião vir viessem embora, e serião bem recebidos, e favorecidos em tudo, mas que lhes não davão soldados, porque lhes não fizessem alguns aggravos, como costumão, e o mesmo

votarão os mais experimentados; porém poude tanto a importunação, e autoridade dos terceiros, allegando a importancia da salvação daquellas almas, que se querião vir ao gremio da Santa Madre Igreja, que o bom Governador lhes veio a conceder o que pedião, e lhes deo cento e trinta soldados brancos, e Mamalucos, que os acompanhassem, com os quaes, e com alguns Indios das aldêas, e Doutrinas dos Padres se partirão mui contentes os embaixadores, mandando diante aviso aos seus que os viessem esperar ao rio Real, como vierão, e os passarão em jangadas a outra parte, onde estavão com tujupares feitos ou cabanas, em que os agasalharão, vindo as velhas á pranteal-os, que he o seu signal de paz e amizade, e o pranto acabado lhes administrarão os nossos seus guisados de legumes, caças, e pescados, não se negando tambem ellas aos que as querião, nem lho prohibindo seus paes, e maridos, sendo aliás muito ciosos, que foi mui ruim signal, e assim o significarão alguns escravos dos brancos a seus senhores, mas nem isto bastou pera que se lhes não entregassem de modo como se forão suas legitimas molheres, e nesta forma caminharão por suas jornadas mui breves, e descansados athé Cerigipe, e se posentarão nas suas aldêas repartidos por suas casas e ranchos com tanta confiança, como se estiverão nesta Cidade em suas proprias casas, deixando as armas ás concubinas, e indo-se a passeiar de humas aldêas pera as outras com hum bordão na mão, as quaes lhe entupirão os arcabuzes de pedras e betume, e tomando-lhes a polvora dos frascos lhos encherão de pó de carvão, e feito isto vierão huma madrugada gritando aos nossos que se armassem, que vinha outro Gentio seu contrario, sendo que elles mesmos erão os contrarios, e como os nossos estivessem tam descuidados, e se não pudessem valer das armas, alli forão todos mortos como ovelhas ou cordeiros, sem ficarem vivos mais que alguns Indios dos Padres, que trouxerão a nova, a qual o Governador sentio tanto, que quizera ir logo pessoalmente tomar vingança, e pera este effeito escreveo a Pernambuco ao Capitão Mór, que então era Dom Philippe de Moura, e a Pero Lopes Lobo, Capitão Mór de Tamaracá, que se fizessem prestes com toda a gente, que pudessem trazer, pera por huma parte, e por outra os combaterem, posto que depois, impedido da sua muita idade, e indisposição, lhes rescreveo que não viessem, antes fossem soccorrer a Parahyba.

Tambem neste tempo se levantou outro Gentio chamado os Aymorés em a Capitania dos Ilhéos, que a poz em muito aperto, do que sendo avisado o Governador, ordenou que fossem Diogo Corrêa de Sande e Fernão Cabral de Athayde, que possuião muitos escravos, e tinhão aldêas de Indios forros, a ver se lhes podião dar com elles alguns assaltos, dando-lhes mais os soldados das suas guardas com seus cabos Diogo de Miranda, e Lourenço de Miranda, ambos irmãos, e Castelhanos, os quaes forão todos de Juguarippe por terra ao Camamuré Tinharé, e lhes armarão muitas cilladas, mas como nunca sahião a campo a pelejar senão á traição, escondidos pelos mattos, mui poucos lhes matarão, e elles frecharão tambem alguns dos nossos Indios.

CAPITULO DECIMO OITAVO

Da morte do Governador Manoel Telles Barreto, e como ficarão em seu lugar governando o Bispo Dom Antonio Barreiros, o Provedor Mór Christovão de Barros, e o Ouvidor Geral

Como o Governador Manoel Telles Barreto era tam velho ainda antes de ver bem o fim destas guerras, enfermou e passou desta vida, que tambem é huma continua guerra, como diz o Santo Job, quereria Deus que fosse pera a triumphante, donde tudo he huma summa paz, gloria, e bemaventurança; foi este Governador mui amigo, e favoravel aos moradores, e o que mais esperas lhe concedeo, pera que os mercadores os não executassem nas fabricas de suas fazendas, e quando se lhes ião queixar disso os despedia asperamente, dizendo que elles vinhão a destruir a terra, levando della em tres ou quatro annos, que cá estavão, quanto podião, e os moradores erão os que a conservavão, e acrescentavão com seu trabalho, e havião conquistado á custa do seu sangue.

Morto pois Manoel Telles, cuja morte foi em o anno de mil quinhentos oitenta e sete, se abrio logo a via de ElRey, que elle proprio havia trazido, na qual se continha que governassem por sua morte o Bispo Dom Antonio Barreiros, o Provedor Mór Christovão de Barros, e o Ouvidor Geral; e porque este ultimo então estava absente, começarão de governar os dous, tomando por Secretario o Contador Mór da Fazenda Antonio de Faria, e foi prospero o tempo do seu governo, assim por as victorias, que se alcançarão contra os inimigos, de que faremos menção em os Capitulos seguintes, como por este tempo se abrir o commercio do Rio da Prata, mandando o Bispo de Tucuman o Thesoureiro Mór da sua Sé a esta Bahia a buscar estudantes pera ordenar, e cousas pertencentes á Igreja, o que tudo levou, e dahi por diante não houve anno em que não fossem alguns navios de permissão Real, ou de arribada com fazendas, que lá muito estimão, e cá o preço universal que por ellas trazem.

Tambem neste tempo e era do Senhor de mil quinhentos oitenta e sete vierão ao Brasil fundar conventos os Religiosos da nossa Provincia Capucha de Santo Antonio, com o Irmão Frey Melchior de Santa Catharina, Religioso de muita autoridade, e bom pulpito, por commissario por hum Breve do Senhor Papa Xisto Quinto, e patente do nosso reverendissimo Padre Geral Frey Francisco Gonzaga, que faz do Breve relação no fim do livro que fez da nossa Seraphica Ordem, e por virem á instancia de Jorge de Albuquerque, senhor de Pernambuco, fizerão lá o primeiro convento, pela qual causa, e por termos naquella Capitania quatro conventos, se fazem nella os nossos Capitulos, e Congregações Custodiaes.

CAPITULO DECIMO NONO

De tres náus Inglezas, que neste tempo vierão á Bahia

Pouco tempo depois de começarem a governar o Bispo, e Christovão de Barros, entrarão subitamente nesta Bahia duas náus, e huma zavra de Inglezes com hum patacho tomado, que havia della sahido pera o Rio da Prata, em que ia hum mercador Hespanhol chamado Lopo Vaz; tanto que chegarão, tomarão tambem os navios que estavão no porto, entre os quaes estava huma urca de Duarte Osquer, mercador Flamengo, que aqui residia, com marinheiros Flamengos, que voluntariamente lha entregarão, e se passarão aos Inglezes, e logo todos começarão as bombardadas á Cidade tam fortemente que desanimados, e cheios de medo, os moradores fugirão della pera os mattos; e posto que o Bispo poz guardas, e Capitães nas sahidas, que erão muitas, porque não estava murada, pera que detivessem os homens, e deixassem sahir as molheres, muitos sahirão entre ellas de noite, e algum com manto molheril, e esses poucos que ficarão pedirão ao Bispo fizesse o mesmo; ao que acudio hum veneravel, e rico cidadão chamado Francisco de Araujo, requerendo-lhe da parte de Deus, e de ElRey não deixasse a terra, pois não só era Bispo, mas Governador della, e que se a gente era fugida, elle com a sua se atrevia a defendel-a.

Tambem veio huma molher a cavallo, com lança e adarga, da Itapoá, reprehendendo aos que encontrava, porque fugião de suas casas, e exhortando-os pera que se tornassem para ellas, do que elles zombavão.

Neste tempo não estava Christovão de Barros na Cidade, que andava pelos engenhos do reconcavo, tirando huma esmola pera a casa da Misericordia, de que era Provedor aquelle anno, mas logo acudio ao som das bombardadas, trazendo comsigo todos os que achava, com os quaes, e com os que na Cidade achou, a fortificou, repartindo-os por suas estancias, castigando alguns dos fugitivos porque não tornassem a fugir, e pera exemplo dos outros poz hum á vergonha em o pelourinho mettido em o cesto com huma roca na cinta; e porque os Inglezes se não atreverão a entrar na Cidade, mas contentarão-se de balraventear pela Bahia, que é larguissima, e de muito fundo, e onde não era tanto que pudessem chegar os navios grandes, mandarão a zavra, e as lanchas á pilhagem, ordenou Christovão de Barros huma armada de cinco barcas, das que levão canna e lenha aos engenhos, as quaes ainda que sem coberta são mui fortes e veleiras, mandando-as empavezar, e metter em cada huma dous berços, e soldados arcabuzeiros com seus capitães, que erão André Fernandes Margalho, Pantaleão Barbosa, Gaspar de Freitas, Antonio Alvares Portilho, e Pedro de Carvalhaes, e por capitania huma galé, em que ia por Capitão Mór Sebastião de Faria, pera que onde quer que desembarcassem os Inglezes dessem sobre elles; e assim sabendo que erão idos a Jaguará a tomar carnes ao curral

de André Fernandes Morgalho, e por os acharem já embarcados á zavra a combaterão, donde houve mortos, e feridos de parte a parte, e entre os mais foi hum Duarte de Goes de Mendonça, que ia na galé, a quem passarão o capacete, que tinha na cabeça, com hum pelouro, e lhe fez nella tam grande ferida, que esteve a perigo de morte.

Tambem sahirão outra vez na ilha de Taparica. Donde Antonio Alvares Caâpara, e outros Portuguezes com muito Gentio os fizerão embarcar com morte de alguns, e no mar lhe tomou tambem huma das nossas barcas hum batel com quatro Inglezes, que o remavão, e matarão tres, pelo que visto o pouco ganho que tinhão, e que Lopo Vaz, de quem esperavão resgate, lhes havia fugido a nado pera a Cidade, levantarão as ancoras e se forão ao Chamamú, pera fazer agoada, onde tambem o Capârâ lha não deixou fazer, e lhes matou oito, de que trouxe as cabeças aos Governadores; e assim se tornarão os Inglezes pera a sua terra, depois de haverem aqui estado dous mezes.

CAPITULO VIGESIMO

Da guerra, que Christovão de Barros foi dar ao Gentio de Cirizippe

Muito estimou Christovão de Barros entrar no governo do Brasil pera poder ir vingar assim a traição, que o Gentio de Ceregippe fez aos homens da Bahia, de que tratamos no Capitulo Dezoito deste Livro, como a morte de seu pae Antonio Cardoso de Barros, que alli matarão, e comerão, indo pera o Reyno com o primeiro Bispo desta Bahia, como tenho contado em o Capitulo Terceiro do Terceiro Livro, e assim appellidou por isso muitos homens desta terra, e alguns de Pernambuco, e huns e outros o acompanharão com muita vontade, porque sendo guerra tam justa, dada com licença de ElRey, esperarão trazer muitos escravos.

Fez capitão da vanguarda a Antonio Fernandes, e da retaguarda a Sebastião de Faria, e determinando ir ao longo do mar, mandou primeiro pelo sertão Rodrigo Martins, e Alvaro Rodrigues, seu irmão, com cento e cincoenta homens brancos, e Mamalucos, e mil Indios, pera que levassem todos os Tapuias que de caminho pudessem em sua ajuda, como de feito levarão perto de tres mil frecheiros; e assim vendo-se com tanta gente, sem esperar por Christovão de Barros commetterão as aldêas dos inimigos, que tinhão por aquella parte do sertão, os quaes forão fugindo athé se ajuntarem todos, e fazerem hum corpo com que lhe resistirão, e puzerão em cerco mui estreito, donde mandarão quatro Indios dar conta a Christovão de Barros do perigo em que estavão, com que mandou apertar mais o passo, e chegando a hum alto virão hum fumo, a que mandou Amador de Aguiar com alguns homens, e trouxerão quatro espias, que tomarão aos inimigos, dos quaes guiados os nossos chegarão aos cercados vespora da vespora do Natal, ás duas horas depois do meio-dia, os quaes vistos

pelos contrarios fugirão logo, e levantarão o cerco, mas não tanto a seu salvo, que lhes não matassem seiscentos, e elles a nós seis.

Dalli descerão á cerca de Baepêba, que era o Rey, e Principe de todo este Gentio, e tinha juntas da sua mais duas cercas, nas quaes todas haveria vinte mil almas; os nossos fizerão suas trincheiras, e lhes tomarão a agoa, que bebião, sobre que houve mortos, e feridos de parte a parte, mas da sua mais.

Tambem lhes abalroarão o lanço de huma cerca, que elles logo refizerão, e por onde estava Sebastião de Faria abalroarão outra, da qual sahirão, e nos matarão hum homem, e ferirão muitos, mas os nossos os fizerão retirar, matando-lhes tresentos.

Finalmente determinou o Baepeba concluir o negocio, e pera este effeito mandou avisar os das outras cercas, que sahissem contra os nossos pera elle tambem sahir, e colhendo-os em meio os matarem, o qual aviso levarão tres Indios aventureiros por meio do nosso arraial, porque não tinhão outro caminho, ás quatro horas da tarde, sem que lho pudessem impedir, mais que hum delles que matarão.

Ouvido pois o mandamento se sahirão das cercas, e o nosso General lhes sahio só com os de cavallo, que erão sessenta homens, e o poz em fugida, não consentindo que os nossos os seguissem, como querião, porque os da cerca principal do Baepeba não lhes dessem nas costas, donde á noite do Anno Bom de mil quinhentos e noventa, vendo-se sem os das outras cercas, e sem a agoa, começarão tambem a fugir, indo os mais valentes diante despedindo nuvens de frechas, com que forçarão os nossos por aquella parte estavão não só a dar-lhes caminho, mas ainda em lhes irem fugindo; porém o General atravessando-se-lhes diante, a brados, e com o conto da lança os fez parar, e voltar aos inimigos athé os fazer tornar á cerca, onde entrando os nossos após elles, lhes matarão mil e seiscentos, e captivarão quatro mil.

Alcançada a victoria, e curados os feridos, armou Christovão de Barros alguns caravellões, como fazem em Africa, por Provisão de ElRey, que pera isso tinha, e fez repartição dos captivos, e das terras, ficando-lhe de huma cousa, e outra muito boa porção, com que fez alli huma grande fazenda de curraes de gado, e outros a seu exemplo fizerão o mesmo, com que veio a crescer tanto pela bondade dos pastos, que dalli se provêm de bois os engenhos da Bahia e Pernambuco, e os açougues de carne.

Está Cerigippe na altura de onze gráus e dous terços, por cuja barra com os bateis diante costumão entrar os Francezes com náus de mais de cem toneladas, e vinhão acabar de carregar da barra pera fóra, por ella não ter mais de tres braças de baixa-mar; e assim ficou Christovão de Barros não só castigando os homicidas de seu pae, mas tirando esta colheita aos Francezes, que alli ião carregar suas náus de páu brasil, algodão, e pimenta da terra, e sobretudo franqueando o caminho de Pernambuco, e mais Capitanias do Norte, pera esta Bahia, e daqui pera ellas, que dantes ninguem caminhava por terra, que

o não matassem, e comessem os Gentios, e o mesmo fazião aos navegantes, porque alli começa a enseada de Vasa-barris, onde se perdem muitos navios, por causa dos recifes que lança muito ao mar, e os que escapavão do naufragio não escapavão, de suas mãos, e dentes, donde hoje se caminha por terra com muita facilidade, e segurança, e vem, e vão cada dia com suas appellações, e o mais que lhes importa, sem esperarem seis mezes pera monção, como dantes fazião, que muitas vezes se tinha primeiro resposta de Portugal que daqui ou de Pernambuco, e com ser tam boa obra esta, e digna de galardão, o que achou Christovão de Barros, quando tornou pera a Cidade, foi achar o seu lugar occupado não só da Provedoria Mór da Fazenda Real, de que elle havia pedido a ElRey o tirasse pera poder assistir na sua, que tinha quatro engenhos de assucar, mas tambem do Governo, porque estando na dita guerra chegou Balthazar Rodrigues Sora com Provisão pera servir o cargo de Provedor Mor, em que logo o Bispo o admittio; porém querendo logo entrar no governo, não lho consentiu, dizendo que a sua Provisão não fallava nisto, e a outra por onde Christovão de Barros governava não dizia só que governasse o Provedor, como dizia a do Ouvidor Geral, senão que o nomeasse por seu nome, e era graça pessoal; comtudo insistio o Provedor Balthazar Rodrigues Sora, pedindo ao Bispo puzesse o caso em disputa, como o poz, ajuntando-se com outros Lettrados, Theologos, e Juristas no Collegio da Companhia, donde sem valerem as razões do Bispo sahio Balthazar Rodrigues com a sua pela maior parte dos pareceres, e entrou na Mesa do Governo. Porém tudo desfez Christovão de Barros com sua chegada, por ser contra parte não ouvida, que estava actualmente em serviço de ElRey, pera o qual aggravou Balthazar Rodrigues, e se foi com o seu aggravo pera o Reyno, donde nunca mais tornou.

CAPITULO VIGESIMO PRIMEIRO

De huma entrada, que se fez ao sertão em busca dos Gentios, que fugirão das guerras de Cirygippe e outras

Alcançada a victoria, que temos dito no Capitulo precedente, partio-se o Governador Christovão de Barros pera a Bahia, e deixou Rodrigues Martins em Cirygippe, pera acabar de recolher o Gentio, que da guerra havia fugido, dos quaes se havião passado muitos pera a outra parte do rio de S. Francisco, que he da Capitania de Pernambuco, donde tambem vierão logo muitos á caça delles: o primeiro foi Francisco Barbosa da Silva, do qual dissemos no Capitulo Vigesimo Sexto do Livro precedente, que veio desbaratado de outra entrada do sertão, e desta lhe succedeo peior, porque lhe custou a vida, e a quantos com elle vinhão, que não soffrendo os afflictos huma afflicção sobre outra, e nelles se vingarão. Outro foi Christovão da Rocha, que veio com quarenta homens em hum caravellão, o qual com consentimento de Thomé da Rocha, Capitão

de Cirygippe, se concertou com Rodrigo Martins pera entrarem pelo sertão em busca deste Gentio, e do mais que achasse.

Havendo andado alguns dias, e passado o sumidouro do rio de S. Francisco, se alojarão em casa de hum selvagem chamado Tuman, onde começarão a ter duvidas, dizendo Christovão da Rocha que elle vinha com licença dos Albuquerques de Pernambuco, sem a qual os moradores da Bahia não podião conquistar nem fazer resgates em aquelle sertão, e assim havião de melhorar nos quinhões por razão da licença os Pernambucanos, posto que erão menos em numero, no que Rodrigo Martins não quiz consentir, e se tornou do caminho; mas aceitou o partido hum Antonio Rodrigues de Andrade, que levava cem negros, e alguns outros brancos da Bahia, com os quaes se partio dalli o capitão Christovão da Rocha, e por ter ouvido que a gente do Porquinho matara quatro ou cinco homens, que lá forão com dous Padres da Companhia, se foi direito ás suas aldêas, onde chegando á primeira, entrou hum Mamaluco chamado Domingos Fernandes Nobre, pregando que ião tomar vingança da morte dos brancos, e isto bastou pera os alborotar, e pôr a todos em fugida, o que tambem fizerão por verem no nosso exercito cavallos, porque os temem muito.

Visto isto pelo capitão, mandou recado a outro Gentio contrario, pera que o viessem ajudar contra estoutro, como o fizerão; e não hei de deixar de contar aqui o que me contou hum soldado desta companhia, que fez hum principal destes que vierão, o qual diz-se foi á estrebaria onde estava hum cavallo dos nossos, e assentando-se poz-se a fallar com elle, e dizer-lhe que o tomava por compadre, porque tinha ouvido dizer que os cavallos erão mui valentes na guerra, e bom era tel-os homem por amigos, pera que nella o conheção, e lhe não fação mal. Estava alli hum Mamaluco, que tinha cuidado do cavallo, e quando o vio tam triste, porque lhe não respondia, se lhe offereceo pera interprete, e fingindo que lhe fallava á orelha, lhe tornou por resposta que folgava muito com sua amizade, e que elle o conheceria quando fosse tempo; com esta resposta se affeiçoou mais o rustico, e perguntou que comia seu compadre, ou o que desejava, porque de tudo o proveria.

Respondeo o Mamaluco que o seu mantimento ordinario era herva e milho, mas que tambem comia carne, e peixe, e mel, e de tudo o mandou prover abundantemente, andando os seus huns a segar herva, outros a caçar, e pescar, e tirar mel dos páus, com que o interprete se sustentava, e o cavallo engordou tanto, que abafou, e morreo de gordo, cuja morte o rustico muito sentio, e o mandou prantear por sua molher, e parentes, como costumão fazer aos defuntos que amão.

Este era hum dos principaes, que o capitão Christovão da Rocha convocou pera dar caça aos do Porquinho, que pola pregação do outro Mamaluco andavão fugidos com medo pelos mattos.

Porém hum veio fallar secretamente a Diogo de Crasto, soldado nosso,

por ser seu amigo, e conhecido, e lhe disse que se espantava muito que vindo elle alli lhe quizessem fazer guerra, pois sabia quam amigos erão dos brancos, e se havião mortos os que vierão com os Padres da Companhia, fôra por elles dizerem mal dos mesmos Padres, que não ouvissem sua pregação, porque os vinhão enganar, nem esses forão todos, senão alguns, e não era bem que todos pagassem.

Respondeo-lhe Diogo de Crasto que bem inteirado estava da sua amizade, e paz antiga, nem elles vinhão a quebral-a, como o Mamaluco mal dissera, mas que só vinhão em seguimento dos que lhes havião fugido da guerra de Cerygippe, e assim lhes aconselhava que tornassem pera suas aldêas, que elle os segurava de lhes não fazerem aggravo; comtudo não se deo o Indio por seguro sem que o puzesse com o capitão, e lho promettesse de sua bocca. E com isto foi pregar aos seus, e os reduzio em poucos dias.

Vinha entre elles o Porquinho, já muito velho, e enfermo, pedio o Sacramento do Baptismo, e Diogo de Crasto o catechisou, e baptizou, pondo-lhe por nome Manoel. Nem eu sei outro bem que se tirasse desta jornada, posto que, morto elle, se contractarão os contrarios de vender os mais aos brancos, e elles lhos comprarão a troco dos resgates, que levavão, e os trouxerão amarrados athé certa paragem do rio de S. Francisco, onde fizerão delles partilha, levando o capitão Christovão da Rocha com os Pernambucanos huma parte, e Antonio Rodrigues de Andrade com os da Bahia outra.

Estes fizerão seu caminho pola Serra do Salitre, e trouxerão algum em cabaços pera mostra, dizendo que era muito em quantidade, mas havia em aquelle tempo alli muito Gentio, e tinhão mortos atreiçoadamente a Manoel de Padilha com quarenta homens, que ião desta Bahia pera a Serra, e por outra vez a Braz Pires Meira com setenta, que forão por mandado do Governador Manoel Telles Barreto, e o mesmo quizerão fazer a estes, que vinhão, se lhes não valera a grande vigilancia com que passarão.

N. B. — Este Capitulo Vigesimo Primeiro foi copiado dos Additamentos, e emendas a esta Historia do Brasil, que existem neste Real Archivo da Torre do Tombo.

CAPITULO VIGESIMO SEGUNDO

De como se continuarão as guerras da Parahyba com os Potiguares, e Francezes, que os ajudavão

Ficando a Capitania da Parahyba, na fórma que dissemos no Capitulo Decimo Sexto deste Livro, entregue ao Capitão João Tavares, começou logo a fazer hum Engenho não longe do de ElRey, com que corria hum Diogo Correa Nunes, e pelo conseguinte os moradores mui contentes começarão logo a plantar as cannas, que nelle se havião de moer, e a fazer suas roças / que assim chamão

cá ás granjas ou quintas dos mantimentos, fructas, e mais cousas, que a terra dá.

Chegou neste tempo Dom Pedro de la Cueva, Hespanhol, que havia ido ao Reyno por mandado de Fructuoso Barbosa, requerer que lhe entregassem a povoação da Parahyba, pois lhe fora dada por Sua Magestade, o qual trouxe huma Provisão, pera que lha entregassem, e elle ficasse por Capitão da Infantaria de todos os Hespanhóes, que cá havião ficado, assim do Alcayde Francisco de Castejon, como do Capitão Francisco de Morales, o que tudo logo se cumprio, ficando o Governador Fructuoso Barbosa na Povoação, e Dom Pedro em hum Forte, que tinha feito Diogo Nunes Correa nas Fronteiras, porem estes dous Capitães / como se só o foram pera se fazerem guerra hum ao outro / começarão logo a ter contendas entre si, deixando os inimigos andar livremente salteando as roças, e fazendas dos brancos, e as aldeas dos Indios amigos, em tal modo, que já não ousavão ir a pescar, nem mariscar, porque a qualquer hora que ião, achavão inimigos, que os matavão, sem estes Capitães pôrem nisto remedio, mais que escreverem a Dom Philippe de Moura, Capitão Mór de Pernambuco, e a Pedro Lopes Lobo, da Ilha de Tamaracá, que os soccorressem, o que de Tamaracá fez levando a gente, e munições, que poude, e tanto que foi na Parahyba se ordenarão mais duas companhias, huma do Capitão D. Pedro de la Cueba, com os seus soldados Hespanhoes | ficando em seu lugar no forte Diogo de Paiva com quinze /, outra de Portuguezes, de que ia por Capitão Diogo Nunes Correa; com os quaes, e com a gente do Braço de Peixe, e do Assento de Passaro, e dous Padres nossos, que os doutrinavão, se partio Pedro Lopes Lobo a correr todas aquellas Fronteiras, mandando sempre suas espias, e corredores diante, athé darem em huma aldea grande, donde fizerão grande matança, por os acharem descuidados, e captivarão perto de novecentas pessoas, as mais dellas femeas, e moços, o que sabido pelas outras comarcas se vigiavão melhor, não pera se defenderem mas pera fugirem, e assim quando os nossos chegavão, as achavão despovoadas, e queimarão mais de vinte aldeas, que erão as que fazião mal á gente da Parahyba, e os apertavão na fórma que está contado: e vindo por diante discorrendo a huma parte, e a outra, toparão os nossos corredores com huma cerca muito grande, e forte por huma parte, e como a não virão bem que pela outra se encobria com o mato, vierão tam medrosos a dar a nova, que pegarão medo a todos; porém Pedro Lopes, que andava já tão versado nestas guerras, depois de os exhortar, e animar com muitas razões toda a noite, o dia seguinte pela manhã os repartio em tres esquadrões iguaes, e mandou marchar á vista da cerca, donde vendo o vagar e temor, com que ião, se adiantou, e embraçando a adarga, e a espada na mão se partio pera a cerca, dizendo « Siga-me quem quizer, e quem não quizer fique, que eu só basto », com o que tomarão todos os mais tanto animo, que sem mais esperar, commetterão a cerca, e a entrarão, matando, e captivando muitos dos inimigos sem da nossa gente perigar pessoa, posto que forão muitos frechados, particularmente huns moços naturaes de Tamaracá, que entrarão primeiro com

alguns negros pela parte do matto, donde a cerca era fraca, e feita de ramos, e esta foi tambem a causa de se alcançar a victoria com tanta facilidade, porque andando os de dentro travados com estes, e devertidos, não tiverão tanto encontro aos mais, que abalroarão pelas outras partes.

Nesta cerca se detiverão tres dias, curando os feridos, na qual acharão muitos mantimentos de farinha, e legumes, e muitas armas, arcos, frechas, e rodellas, e algumas espadas Francezas, e arcabuzes, que deixarão quinze Francezes, que de dentro fugirão.

Ao quarto dia pela manhã, se partirão pera a praia, e caminharão por ella athe á Bahia da Traição, donde tornarão a tomar o caminho por dentro da terra athe á Parahyba sem acharem encontro algum de inimigos, que achal-o, segundo o animo, que levavão da victoria passada, nenhum lhe pudera resistir.

Chegados á Parahyba se aposentou o Capitão Pero Lopes Lobo na aldea do Assento com os nossos Frades, donde elle, e elles tratarão de fazer amigo o Governador Fructuoso Barbosa, com Dom Pero de la Cueva, e emfim os fizerão abraçar, mas indo-se Pero Lopes á sua Capitania de Tamaracá os odios, e differenças forão por diante, e pelo conseguinte a guerra dos Potiguares, sem haver quem os reprimisse, athé que El Rey mandou ir a Dom Pedro pera o Reyno, e Fructuoso Barbosa se foi por sua vontade, e posto que em seu lugar ficou André de Albuquerque, estavão as cousas em tal estado, que não poude remedial-as esse pouco tempo que servio o cargo.

CAPITULO VIGESIMO TERCEIRO

Como Francisco Giraldes vinha por Governador do Brasil, e por não chegar, e morrer, veio Dom Francisco de Souza, que foi o setimo Governador

Sabendo Sua Magestade da morte do Governador Manoel Telles Barreto, mandou em seu lugar Francisco Giraldes, filho de Lucas Giraldes, que no Livro Segundo Capitulo Sexto dissemos ser Senhor dos Ilheos, e se chegara ao Brasil alguma cousa importara ao bem daquella Capitania, mas por demandar a Costa mais cedo do que convinha, e as agoas da Parahyba pera traz correrem muito pera as Antilhas, arribou a ellas, e dellas tornou pera o Reyno, onde morreo sem entrar neste governo; com elle vinha casa da Relação, que era pera o Brasil cousa nova em aquelle tempo, mas tambem quiz Deus que não chegassem senão quatro ou cinco Desembargadores, que vinhão em outros navios, dos quaes hum servio de Ouvidor Geral, outro de Provedor mór dos defuntos,

e absentes, e por não vir o Chanceller, e mais collegas, se não armou o Tribunal, nem El Rey se curou então disso, senão só de mandar Governador, que foi Dom Francisco de Souza, o qual chegou no anno de mil quinhentos e noventa, em Domingo da Santissima Trindade, e com elle veio por Inquisidor ou Visitador do Santo Officio Heitor Furtado de Mendonça, que chegou mui enfermo com toda a mais gente da náu, excepto o Governador, que os veio curando, e provendo do necessario, mas depois que desembarcou, e foi recebido com as cerimonias custumadas adoeceo, e se foi curar ao Collegio dos Padres da Companhia, onde havendo chegado ao ultimo da vida, lhe quiz Deus fazer mercê della, e a primeira sahida que fez, ainda mal convalecido, foi pera assistir em o primeiro acto da Fé, em que o Visitador, que já estava são, publicava na Sé suas patentes, e concedia tempo de graça, e neste chegou huma caravella de Lisboa, que trouxe cartas ao Governador da morte de sua molher, com o que elle se resolveo em não tornar ao Reyno, mas ficar cá athé á morte, e assim o publicava, nem o dizia ociosamente senão que como era prudente, e por isso chamado já de muito tempo Dom Francisco das Manhas, entendeo que era boa esta pera cariciar as vontades dos cidadãos, e naturaes da terra fazer-se cidadão, e natural com elles, e pouco aproveitara dizel-o de palavra, se não puzera por obra, e assim foi o mais bemquisto Governador, que houve no Brasil, junto com o ser mais respeitado, e venerado; porque com ser mui benigno, e affavel conservara a sua autoridade, e magestade admiravelmente, e sobre tudo o que o fez mais famoso foi sua liberalidade, e magnificencia, porque tratando os mais do que hão de levar, e guardar, elle só tratava do que havia de dar, e gastar, e tam inimigo era do infame vicio da avareza, que querendo fugir delle passava muitas vezes o meio em que a virtude da liberalidade consiste, e inclinava pera o extremo da prodigalidade, dava a bons, e máus, pobres, e ricos, sem lhes custar mais que pedil-o, donde costumava dizer que era ladrão quem lhe pedia a capa, porque pelo mesmo caso lha levava dos hombros.

Não houve igreja que não pintasse, aceitando todas as confrarias, que lhe offerecião, murou a Cidade de taipa de pilão, que depois cahio com o tempo, e fez tres ou quatro fortalezas de pedra e cal, que hoje durão; as principaes, que tem presidios de soldados, e capitães pagos da Fazenda Real, são a de Santo Antonio na boca da barra e a de S. Filippe na ponta de Tapuype, huma legoa da Cidade, que mais são pera terror que pera effeito; porque nem a Cidade nem o porto defendem, por ser a Bahia tam larga, que tem na boca tres legoas, e no reconcavo muitas; e tudo então podia fazer porque tinha Provisão de El Rey, pera que quando não bastasse o dinheiro dos Dizimos, que he só o que cá se gasta a El Rey, o pudesse tomar de emprestimo de qualquer outra parte, e assim houve occasião em que tomou hum cruzado á conta do que se havia de pagar dos direitos de cada caixão de assucar nas alfandegas de Portugal, e algum dinheiro dos defuntos, que se havia de passar por lettra aos herdeiros absentes; e de huma náu que aqui arribou indo pera a India,

chamada S. Francisco, tomou a Diogo Dias Querido, mercador, trinta mil cruzados, o que tudo El Rey mandou pagar em Portugal de sua Real Fazenda: porém a nenhum outro Governador a passou depois tam ampla, antes os apertou tanto, que nem dividas velhas de El Rey podem pagar sem nova Provisão, nem fazer alguma despeza extraordinaria; o motivo que El-Rey teve pera alargar tanto a mão a Dom Francisco foi as guerras da Parahyba, e por os muitos cossarios que então cursavão esta Costa do Brasil, como veremos em os Capitulos seguintes.

CAPITULO VIGESIMO QUARTO

Da jornada, que Gabriel Soares de Souza fazia ás minas do sertão, que a morte lhe atalhou

Era Gabriel Soares de Souza hum homem nobre dos que ficarão casados nesta Bahia, da companhia de Francisco Barreto quando ia á conquista de Menopotapa, de quem tratei no Capitulo Decimo Terceiro do Livro Terceiro. Este teve hum irmão, que andou pelo sertão do Brasil tres annos, donde trouxe algumas mostras de ouro, prata, e pedras preciosas, com que não chegou por morrer á tornada, cem legoas desta Bahia, mas enviou-as a seu irmão, que com ellas se foi depois de passados alguns annos á Côrte, e nella gastou outros muitos em seus requerimentos, athé que El Rey o despachou, e se partio de Lisboa em huma urca Flamenga chamada Griffo Dourado a 7 de Abril de mil quinhentos e noventa com tresentos e sessenta homens, e quatro Religiosos Carmelitas, hum dos quaes era Frey Hyeronimo de Canavazes, que depois foi seu Provincial.

Avistarão esta Costa em 15 de Junho, e por não conhecerem a paragem, que era a enseada de Vasabarris, lançarão ferro, mas era tão forte o vento Sul, e correm alli tanto as agoas, que se quebrarão duas amarras, e querendo entrar por conselho de hum Francez chamado Honorato, que veio á terra com dous Indios em huma jangada, e lhes facilitou a entrada, tocou a náu e deo tantas pancadas, que lhe saltou o leme fóra, e arrombou, pelo que alguns se lançarão a nadar, e se afogarão em as ondas; os mais sahirão em huma setia, que lhes mandou Thomé da Rocha, Capitão de Cerigipe, e tirarão alguma fazenda sua, e de El Rey, a qual mandou Gabriel Soares de Souza trazer a esta Bahia em a mesma setia com doze soldados, de que veio por Cabo Francisco Vieira, e por Piloto Pero de Paiva, e Antonio Apêba, vindo elle por terra com os mais em cinco companhias, de que fez Capitães a Ruy Boto de Souza,

Pedro da Cunha de Andrade, Gregorio Pinheiro, sobrinho do Bispo D. Antonio Pinheiro, Lourenço Varella, e João Peres Galego. Fez tambem seu Mestre de Campo a Julião da Costa, e Sargento Maior a Julião Coelho.

Chegarão a esta Cidade, e forão bem recebidos do Governador Dom Francisco de Souza, que lhe fez dar a execução as Provisões, que trazia de Sua Magestade pera levar das aldeas dos Padres da Companhia duzentos Indios frecheiros, e os brancos que quizessem ir, com os quaes se partio pera sua fazenda de Jaguaryppe, e ahi reformou duas companhias, por Pero da Cunha, e Gregorio Pinheiro não querer ir na jornada, e deo huma a João Homem, filho de Gracia da Vila, outra a Francisco Zorrilha. Forão por Capelães o Conego Jacome de Queiroz, e Manoel Alvares, que depois foi Vigario de Nossa Senhora do Soccorro.

Partirão de Jaguaryppe, e chegarão á serra de Quarerú, que são cincoenta legoas, onde fizerão huma fortaleza de sessenta palmos de vão com suas guaritas nos cantos, como El Rey mandava que se fizesse a cada cincoenta legoas.

Aqui fizerão os mineiros fundição de pedra de huma betta, que se achou na serra, e se tirou prata, mas o General a mandou serrar; e deixando ali doze soldados com hum Luiz Pinto Africano por Cabo delles, se foi com os mais outras cincoenta legoas, onde nasce o Rio de Paraguassú, a fazer outra fortaleza, na qual por as agoas serem ruins, e os mantimentos peiores, que erão cobras, e lagartos, adoecerão muitos, e entre elles o mesmo Gabriel Soares, que morreo em poucos dias no mesmo lugar, pouco mais ou menos, onde seu irmão havia fallecido.

Foi sepultado na fortaleza, que fazia, com muito sentimento dos seus, e della se vierão pera primeira, que tinha melhores ares, e agoas, donde avisou o Mestre de Campo Julião da Costa ao Governador Dom Francisco de Souza do que havia succedido, e elle os mandou recolher a esta Cidade.

Vierão pela Cachoeira, donde os foi Diogo Lopes Ulhoa buscar, e depois de os ter nos seus engenhos oito dias mui regalados, os mandou nas suas barcas ao Governador, que os não recebeo, e proveo com menos liberalidade, gastando com elles de sua fazenda mais de dous mil cruzados.

O intento que Gabriel Soares levava nesta jornada era chegar ao Rio de S. Francisco, e depois por elle athé a Lagoa Dourada, donde dizem que tem seu nascimento, e pera isto levava por guia hum Indio por nome Guaracy, que quer dizer Sol, o qual tambem se lhe poz, e morreo no caminho, ficando de todo as minas obscuras, athé que Deus verdadeiro Sol queira manifestal-as.

Os ossos de Gabriel Soares mandou seu sobrinho Bernardo Ribeiro buscar, e estão sepultados em S. Bento com hum titulo na sepultura, que declarou em seu testamento puzesse, e o titulo he:

Aqui jaz hum peccador.

E não sei eu que outra mina elle nos pudera descobrir de mais verdade, se vivera, pois como affirma o Evangelista S. João, se dissermos que não temos peccado, mentimos, e não ha em nós verdade.

N. B. — Este Capitulo Vigesimo Quarto foi copiado das Addições, e emendas desta Historia do Brasil de Frey Salvador, porém o Capitulo Vigesimo Quarto da dita Historia, he o que se segue; que nas emendas é o Vigesimo Quinto.

CAPITULO VIGESIMO QUARTO

De como veio Feliciano Coelho de Carvalho governar a Parahyba, e foi continuando com as guerras della

Em o anno de mil quinhentos noventa e hum no mez de Maio chegou a Pernambuco Feliciano Coelho de Carvalho, Fidalgo, que se criou de moço em Africa, bom Cavalheiro, e de bom conselho, o qual mandando o seu fato por mar, se partio por terra ao seu Governo da Parahyba, e achou a Cidade posta em tanto aperto com os continuos assaltos, que os Potiguares fazião nas suas roças e arrebaldes, que determinou de correr a terra, e enxotal-os della, e pera isto pedio a Pero Lopes, Capitão Mór da ilha de Tamaracá, que o ajudasse com sua pessoa, e gente, como fez como cincoenta homens brancos de pé e de cavallo, e tresentos negros, e assim se partirão ambos em muita conformidade, levando o Governador da Parahyba o Gentio Tobajar, e os mais brancos, que poude, repartidos huns, e outros em companhias, com suas caixas e bandeiras, e logo derão com huma aldea grande, que levavão espiada, onde posto que acharão os inimigos descuidados, não deixarão de fazer rosto aos da nossa vanguarda, travando-se entre huns e outros huma grande escaramuça, porque os contrarios cuidavão que não era a gente mais, porém, depois que virão os de cavallo, e mais de pé, que ião chegando, começarão a virar as costas, posto que tarde, porque o nosso exercito estava já todo junto, e matarão tantos, que era piedade ver depois tantos corpos mortos, e aos mais que fugirão foi seguindo a nossa vanguarda, não sem resistencia de muitas frechadas, que ião tirando, porque tinhão costas em outra aldea, que distava destoutra hum quarto de legoa, para a qual se ião retirando, donde sahirão muitos a soccorrel-os, e fizerão parar os nossos, jogando-se de parte a parte muitas frechádas, e ferindo-se muitos, athé que chegou o Capitão Martim Lopes Lobo, filho de Pero Lopes, com dous homens mais de cavallo, e vinte arcabuzeiros, e alguns negros, com que os nossos cobrando animo remetterão com furia, e os contrarios com medo se espalharão pelos matos, dando-lhes lugar que entrassem na aldea, e fizessem tal matança nas molheres, meninos, e velhos, que nella ficarão, que só hum foi tomado vivo, por se metter debaixo do cavallo do Capitão Martim

Lopes, e elle o defender, pera se saber da determinação dos Francezes, e Gentio, e neste tempo...

N. B. — O resto deste Capitulo Vigesimo Quarto não está concluido, pois lhe faltão folhas, como se vê na pagina seguinte do Msc., a qual parece ser parte do Capitulo Trigesimo, visto o que se segue ser o Capitulo Trigesimo Primeiro, havendo portanto hum salto de seis Capitulos.

Parte do Capitulo que parece ser o Trigesimo

...mandado pedir soccorro, trazendo em sua companhia a D. Hyeronimo de Almeida, que poucos dias havia chegado de Angola, e outros muitos cavalleiros, que havia na Capitania, os quaes ficarão todos admirados de ouvir que tam poucos se defendessem de tantos, e os offendessem de maneira, que está dito, e por não serem já necessarios dahi a alguns dias se tornarão pera Pernambuco, mas não deixou de resultar grande proveito deste soccorro; porque vendo huma India Potiguar de hum soldado casado, que andava já domestica entre os nossos, tanta gente de cavallo, o foi com grande espanto contar á senhora, a qual lhe respondeo: « Isto que tu vês é nada, sabe que ainda ha de vir muita mais, pera irem matar todos teus parentes, e a quantos Francezes andão entre elles, senão olha tu quam poucos soldados no Cabedello desbaratarão a gente de tantos navios, e por aqui verás se estes, que vês, forem á serra, e os mais, que hão de vir, se deixarão lá cousa viva. » Esta Potiguar ouvindo isto fugio pera os seus, ainda antes que Manoel Mascaranhas se partisse da Parahyba, e os achou apercebendo-se pera virem dar sobre os nossos com ajuda de Monsieur Rifot (*Rifault*), de quem temos contado o mal que fez por esta Costa, o qual escreveo huma carta de desafio a Feliciano Coelho, e mettida em hum cabaço lha mandou pôr em hum caminho, donde os nossos espias a trouxerão, e posto que Feliciano Coelho lho mandou pôr outra vez no mesmo posto onde foi achado sem outra resposta mais que polvora e pelouros dentro, significando que com isto se havia de defender, e mandou outra vez pedir soccorro em Pernambuco, melhor foi desvial-os a negra que não viessem, dizendo-lhes que serião todos mortos; porque erão innumeraveis os Portuguezes de pé, e de cavallo, que vierão de Pernambuco, o que ouvido por Rifot, mandou pôr em esquadrão todos os seus Francezes, e Potiguares, que erão infinitos, e lhe perguntou se serião os Portuguezes tantos como aquelles, e a negra respondeo que mais erão, e tomando seis ou sete punhados de areia a lançou pera o ar, dizendo-lhe que ainda erão mais que aquelles grãos de areia, com que os parentes se começarão a acobardar de modo, que o Rifot lhes disse que pera tanta gente era necessario ir buscar mais á França; e assim se despedio com os seus pera o Rio-Grande, onde tinha as náus, e se embarcarão nellas pera sua terra, e os Potiguares se espalharão pelas suas mui cheios de medo, como tudo constou por dito de tres, que os nossos corredores tomarão em huma roça.

CAPITULO TRIGESIMO PRIMEIRO

De como Manoel Mascarenhas Homem foi fazer a fortaleza do Rio-Grande, e do soccorro que lhe deo Feliciano Coelho de Carvalho

Informado Sua Magestade das cousas da Parahyba, e que todo o damno lhe vinha do Rio-Grande, onde os Francezes ião commerciar com os Potiguares, e dali sahião tambem a roubar os navios, que ião, e vinhão de Portugal, tomando-lhes não só as fazendas, mas as pessoas, e vendendo-as aos Gentios, pera que as comessem, querendo atalhar a tam grandes males, escreveo a Manoel Mascaranhas Homem, Capitão Mór em Pernambuco, encommendando-lhe muito que logo fosse lá fazer huma fortaleza, e povoação, o que tudo fizesse com conselho e ajuda de Feliciano Coelho, a quem tambem escreveo, e ao Governador Geral Dom Francisco de Souza, que pera isto lhe desse Provisões, e poderes necessarios pera gastar da sua Real Fazenda tudo o que lhe fosse necessario, como em effeito o Governador lhe passou, e lhe pôz logo tudo em execução com muita diligencia, e cuidado, mandando huma armada de seis navios e cinco caravellões, que o fossem esperar á Parahyba, em a qual ia por Capitão Mór Francisco de Barros Rego, por Almirante Antonio da Costa Valente, e por Capitães dos outros navios João Paes Barreto, Francisco Camello, Pero Lopes Camello, e Manoel da Costa Calheiros.

Por terra com o Capitão Mór Manoel Mascaranhas forão tres companhias de gente de pé, de que erão Capitães Hyeronimo de Albuquerque, Jorge de Albuquerque seu irmão, e Antonio Leitão Mirim, e huma de cavallo, que guiava Manoel Leitão: os quaes chegados huns e outros á Parahyba, se ordenou que Manoel Mascaranhas fosse por mar ao Rio Grande, na armada que veio de Pernambuco, e levasse comsigo o Padre Gaspar de S. João Peres, da Companhia, por ser grande architecto, e engenheiro, pera traçar a fortaleza, com seu companheiro o Padre Lemos, e o nosso irmão Frey Bernardino das Neves, por ser muito perito na lingoa Brasilica, e mui respeitado dos Potiguares, assim por essa causa, como por respeito de seu pae o Capitão João Tavares, que entre elles por seu esforço havia sido mui temido, o qual levou por companheiro outro sacerdote da nossa Provincia chamado Frey João de S. Miguel; e que Feliciano Coelho fosse por terra com os quatro Capitães, e Companhias da gente de Pernambuco, e com outra da Parahyba, de que ia por Capitão Miguel Alvares Lobo, que por todos fazião somma de cento e setenta e oito homens de pé e de cavallo, fóra o nosso Gentio, que erão das aldeas de Pernambuco noventa frecheiros, e das da Parahyba setecentos e trinta, com seus principaes, que os guiavão, o Braço de Peixe, o Assento de Passaro, o Pedra Verde, o Mangue, e o Cardo Grande, e este exercito começou a marchar das fronteiras da Parahyba a dezasete de Dezembro de mil

quinhentos e noventa e sete, indo as espias, e corredores diante queimando algumas aldeas, que os Potiguares despejavão com medo, como confessarão alguns, que forão tomados, mas aos que fugião os inimigos não fugio a doença das bexigas, que he a peste do Brasil, antes deo tam fortemente em os nossos Indios, e brancos naturaes da terra, que cada dia morrião de dez a doze, pelo que foi forçado ao Governador Feliciano Coelho fazer volta á Parahyba pera se curarem, e os Capitães pera Pernambuco com a sua gente, que poude andar, dizendo que cessando a doença tornarião, pera seguirem a viagem, excepto o Capitão Hyeronimo da Albuquerque, que se embarcou em hum caravellão, e foi ter ao Rio Grande com seu Capitão Mór Manoel de Mascaranhas, o qual havia ido na armada, como já dissemos, e na viagem teve vista de sete náus de Francezes, que estavão no porto dos Buzios contratando com os Potiguares, os quaes como virão a armada picarão as amarras, e se forão, e a nossa não a seguio por ser tarde, e não perder a viagem.

No dia seguinte pela manhã mandou Manoel Mascaranhas dous caravellões descobrir o rio, o qual descoberto, e seguro entrou a armada á tarde guiada pelos marinheiros dos caravellões, que o tinhão sondado, ali desembacarão, e se trincheirarão de varas de mangues pera começarem a fazer o forte, e se defenderem dos Potiguares, que não tardarão muitos dias que não viessem huma madrugada infinitos, acompanhados de cincoenta Francezes, que havião ficado das náus do porto dos Buzios, e outros que ahi estavão casados com Potiguaras, os quaes, rodeando a nossa cerca, ferirão muitos dos nossos com pelouros e frechas, que tiravão por entre as varas, entre os quaes foi hum Capitão Ruy de Aveiro em o pescoço com huma frecha, e o seu sargento, e outros, com o que não desmaiarão antes como elefantes á vista de sangue mais se assanharão, e se defenderão, e offenderão os inimigos tam animosamente que levantarão o cerco, e se forão, depois veio hum Indio chamado Surupibba pelo rio abaixo em huma jangada de juncos, apregoando paz, o qual prenderão em ferros, e com estar preso mostrava tanta arrogancia, que vendo o apparato com que Manoel de Mascaranhas se tratava, e comia, disse que o não havião de tratar menos, e assim lhe dava bom tratamento, e per persuasão dos Padres da Companhia, posto que contradizendo o nosso Irmão Frey Bernardino, que conhecia bem suas traições e enganos, emfim o soltou, e mandou, promettendo-lhe o Indio de trazer todo o Gentio de paz, pera o que lhe deo vestidos, e outras cousas que pudesse dar aos seus, não só quando foi, mas ainda depois por duas vezes, que lhas mandou pedir, dizendo que já os tinha apaziguados, e vinhão por caminho a entregar-se, porém indo dous bateis nossos com vinte homens, de que ia por cabo Bento da Rocha, a cortar huns mangues, estando mettidos em huma enseada, e começando a fazer a madeira, os cercarão por entre os mangues, pera os tomarem na baixa mar, quando os bateis ficassem em seco, onde houverão de ser todos mortos, se hum dos bateis, que era maior, se não fora pôr de largo, aonde os descobrio, e deo aviso ao

outro pera que se embarcasse a nossa gente á pressa, e se alargasse dos inimigos, os quaes em continente se sahirão da emboscada, e se forão mettendo pela agoa a tomar-lhes huma restinga, que estava no meio do rio, donde se puzerão a ralhar, dizendo que já os tinhão na rêde, entendendo que o batel ficaria em seco, mas quiz Deus dar-lhe hum canal por onde sahirão, e forão dar aviso ao Mascaranhas, que se acabou de desenganar de suas traições, e enganos, e muito mais depois que vio dahi a poucos dias os montes cobertos de infinidade delles, que descião com mão armada a combater outra vez a nossa cerca, em a qual os não quiz esperar, nem que chegassem a pôr-lhe cerco, antes os toi esperar ao caminho, e lançando huma manga por entre o mato, os entrou com tanto animo, que fez fugir os da retaguarda, e seguio os da vanguarda athé o rio, e ainda a nado pela agoa os forão os nossos Indios Tabajares matando, sem deixar algum com vida, amarando-se tanto nesta pescaria, que foi necessario irem os nossos bateis a buscal-os já fóra da barra; mas nem isto bastou, pera que não continuassem depois com continuos assaltos, com que puzerão os nossos em tanto aperto, que escassamente podião ir buscar agoa para beberem a huns poçosinhos, que tinhão perto da cerca, e essa muito ruim, e tantas outras necessidades, que se não chegara Francisco Dias de Paiva, amo do Capitão Mór, que o criou, em huma urca do Reyno, que El Rey mandou com artilharia, munições, e alguns outros provimentos pera o forte, que se fazia, e as esperanças em que se sustentavão de lhes vir cedo soccorro da Parahyba, houvera-lhes de ser forçado deixar o edificio, pelo que, tanto que os doentes começarão a convalecer, logo Feliciano Coelho mandou recado aos Capitães de Pernambuco, e vendo que não vinhão se aprestou com a sua gente, e tornou a partir da Parahyba a este soccorro a trinta de Março de mil quinhentos noventa e oito, só com huma companhia de vinte e quatro homens de cavallo, e duas de pé, de trinta arcabuzeiros cada huma, das quaes erão Capitães Antonio de Valladares, e Miguel Alvares Lobo, e tresentos e cincoenta Indios frecheiros com seus principaes.

Não acharão em todo o caminho senão aldeas despejadas, e alguns espias, que os nossos tambem espiarão, e tomarão, pelos quaes se soube que huma legoa do forte, que se fazia, estava huma aldea grande, e fortemente cercada, donde sahião a dar os assaltos em os nossos, pelo que mandou o Governador apressar o passo, pera que os pudesse tomar descuidados, e comtudo a achou despejada, e capaz pera se alojar o nosso arraial.

Ali veio o dia seguinte Manoel Mascaranhas a visital-o, e tratarão sobre o modo que havia de haver pera se acabar o forte, porque tinha ainda grandes entulhos, e outros serviços pera fazer, e disse Feliciano Coelho que elle com a sua companhia de cavallo, e com a gente do Braço, trabalharião hum dia, e Antonio de Valladares com a gente do Assento outro dia seguinte, e Miguel Alvares Lobo com a gente do Pedra Verde outro; e esta ordem guardarião emquanto a obra durasse, dando tambem a cada companhia do Gentio

hum branco perito na sua lingoa, que os exhortasse ao trabalho, e estes erão Francisco Barbosa, Antonio do Poço, e José Affonso Pamplona, mas não deixarão por isto de reservar alguns, que corressem o campo em companhia de alguns brancos filhos da terra, os quaes forão dar em huma aldea, onde matarão mais de quatrocentos Potiguares, e captivarão oitenta, pelos quaes souberão que estava muita gente junta, assim Potiguares como Francezes, em seis cercas muito fortes, pera virem dar sobre os nossos, e os matarem, e se já o não tinhão feito era porque adoecião, e morrião muitos do mal de bexigas.

Neste mesmo tempo, que a obra do forte durava, chegou hum barco da Parahyba com refrescos de vitellas, gallinhas, e outras vitualhas, que mandava a Feliciano Coelho Pero Lopes Lobo, seu loco tenente, e deo novas o arraiz, que no porto dos Buzios estava surta huma náu Franceza, lançando gente em terra, ao qual acudio logo Manoel Mascaranhas com toda a gente de cavallo, que havia, e trinta soldados arcabuzeiros, e muitos Indios, e deo nas choupanas, em que os Potiguares estavão já commerciando com elles, onde matarão treze, e captivarão sete, e tres Francezes, porque os mais embarcarão, e fugirão no batel, e outros a nado; e vendo o Capitão Mór Manoel Mascaranhas que não tinha embarcações pera poder commetter a náu, ordenou huma cilada fingindo que era ido, e deixando na praia hum Francez ferido, pera que o viessem tomar da náu no batel, como de feito vierão, mas os da cilada tanto que virão desembarcado o primeiro sahirão tão desordenadamente, que só este tomarão, e os outros tornarão á náu, e largando as velas se forão.

CAPITULO TRIGESIMO SEGUNDO

De como acabado o forte do Rio Grande, e entregue ao Capitão Hyeronimo de Albuquerque, se tornarão os Capitães Mores de Pernambuco, e Parahyba, e batalhas, que no caminho tiverão com os Potiguares

Acabado o forte do Rio Grande, que se intitula dos Reys, o entregou Manoel Mascaranhas a Hyeronimo de Albuquerque dia de S. João Baptista, era de mil quinhentos noventa e oito, tomando-lhe homenagem, como se costuma, e deixando-lho muito bem fornecido de gente, artilharia, munições, mantimentos, e tudo o mais necessario, se veio no mesmo dia com a sua gente dormir na aldea do Camarão, onde Feliciano Coelho estava com o seu arraial aposentado, e e no seguinte se partirão todos pera a Parahyba com muita paz e amizade, que he o melhor petrecho contra os inimigos, e assim o experimentarão os primeiros, que acharão em huma grande e forte cerca seis dias depois da partida, a qual mandarão espiar por hum Indio mui esforçado da nossa Doutrina

chamado Tavira, que com só quatorze companheiros, que comsigo levava, matou mais de trinta espias dos inimigos sem ficar hum só, que levasse recado, e assim os nossos subitamente na cerca derão ao meio dia, e comtudo pelejarão mais de duas horas sem a poderem entrar, excepto o Tavira, que temerariamente trepando por ella se lançou dentro com huma espada, e rodella, e nomeando-se começou a matar, e ferir os inimigos, athé lhe quebrar a espada, e ficar com só a rodella, tomando nella as frechas, o que visto pelo Capitão Ruy de Aveiro, e Bento da Rocha, seu soldado, tirarão por huma ceteira duas arcabuzadas, com que os inimigos se afastarão, e lhe derão lugar de tornar a subir pela cerca, e sahir-se della com tanta ligeireza como se fôra hum passaro; e com este, e outros semelhantes feitos tanto nome havia ganhado este Indio entre os inimigos, que só com se nomear, dizendo eu sou Tavira, acobardava e atemorisava a todos; e assim atemorisados com isto os da cerca, e os nossos animados, vendo que se a noite os tomava de fóra com o inimigo tam visinho, e outros, que podião sobrevir de outras partes, ficavão mui arriscados.

Remetterão outra vez á cerca com tanto animo, disparando tantas arcabuzadas e frechadas, que puzerão os de dentro em aperto, e se deixou bem conhecer pelos muitos gritos, e choros, que se ouvião das molheres e crianças; e o Capitão Miguel Alvares Lobo com o seu Sargento João de Padilha, Hespanhol, e seus soldados, remetteo a huma porta da cerca, e a levou, por onde logo entrarão outros, e o mesmo fez o Capitão Ruy de Aveiro, e outros capitães por outras partes, com que forçarão os Potiguares a largar a praça, e fugirão por outras portas, que abrirão por riba da estacada, e por onde podião, mas comtudo não deixarão de ficar mortos, e captivos mais de mil e quinhentos, sem dos nossos morrerem mais de tres indios Tabajares, posto que ficarão outros feridos, e alguns brancos, dos quaes foi o Sargento João de Padilha.

De ali a quartorze dias derão em outra cerca, e aldêa, não tam grande como estoutra, mas mais forte, e de gente escolhida, onde não havia molheres, nem crianças, que chorassem, senão todos homens de peleja, e entre elles dez ou doze bons arcabuzeiros, os quaes não atiravão pelouros, que não acertassem em os nossos, o mesmo fazião os frecheiros, com que nos ferião muita gente, e não fôra possivel sustentar o cerco, se hum soldado natural da Serra da Estrella, chamado Henrique Duarte, não lançara huma alcanzia de fogo dentro, com que lhes queimou huma casa, e vendo elles o fogo, cuidando que serião todos abrasados, se forão sahindo da cerca, não fugindo ou dando as costas, mas retirando-se, e defendendo-se valorosamente contra os nossos, que os seguião, e assim ainda que lhes matarão cento e cincoenta, tambem elles nos matarão seis brancos, em que entrou Diogo de Sequeira, Alferes do Capitão Ruy de Aveiro Falcão, com hum pelouro, que primeiro havia passado a carapuça a Bento da Rocha, que estava junto delle, o qual quando o vio morto, e a bandeira derribada, a levantou, e se poz a florear com ella no campo

entre as frechadas e pelouros, pelo que o seu Capitão Mór Manoel Mascaranhas lha deo, e lhe passou depois huma certidão, com que pudera requerer hum habito de cavalleiro com grande tença, mas elle o quiz antes do nosso Seraphico Padre São Francisco, com a tença da pobreza e humildade, em que viveo, e morreo nesta Custodia sanctamente.

Tambem ferirão o Capitão Miguel Alvares Lobo de duas frechadas, e a Diogo de Miranda, Sargento da Companhia de Manoel da Costa Calheiros, deu hum Indio agigantado tal golpe com hum alfange, que lhe fendeo a rodella athé a embaraçadura, e o ferio no braço, e elle lhe correo huma estocada, mettendo-lhe a espada pelos peitos athé a cruz, a qual não bastou para que o Indio se não abraçasse com elle tam rijamente, que sem falta o levara debaixo, se não acudira Hyeronimo Fernandes, Cabo de esquadra da sua Companhia, dando-lhe hum golpe pelo pescoço, com que o fez largar, e enterrados os mortos, e curados os feridos, tornou o campo a marchar athé chegar ás fronteiras da Parahyba, donde se despédio Manoel Mascaranhas de Feliciano Coelho, e se foi com os seus pera Pernambuco.

CAPITULO TRIGESIMO TERCEIRO.

De com Hyeronimo de Albuquerque fez pazes com os Potiguares, e se começou a povoar o Rio Grande

Hyeronimo de Albuquerque, depois que os mais se partirão, se aconselhou com o Padre Gaspar de Samperes, da Companhia de Jesus, que tornou ao forte, por ser o engenheiro que o traçou, sobre que traça haveria pera se fazerem pazes com os Potiguares, derão em huma facilissima, que foi soltarem hum que elles tinhão preso, chamado Ilha Grande, principal e feiticeiro, e mandal-o que as tratasse com os parentes.

Foi o Indio bem instruido no que lhes havia de dizer, e chegando á primeira aldêa foi alegremente recebido, maiormente depois de saberem ao que ia. Mandarão logo recado ás mais aldêas assim da Ribeira do Mar, como da serra, onde estava o Páu Secco, e o Zorobabe, que erão os maiores principaes, e todos juntos lhes disse o mensageiro:

« Vós irmãos, filhos, e parentes, mui bem conheceis, e sabeis, quem eu sou, e a conta que sempre de mim fizestes assim na paz, como guerra; e isto é o que agora me obrigou a vir dentre os brancos a dizer-vos que se quereis ter vida, e quietação, e estar em vossas casas e terras com vossos filhos e molheres, he necessario sem mais outro conselho ires logo commigo ao forte dos brancos a fallar com Hyeronimo de Albuquerque, Capitão delle, e com os Padres, e fazer com elles pazes, as quaes serão sempre fixas, como forão as

que fizerão com o Braço de Peixe, e com os mais Tobajares, e o costumão fazer em todo o Brasil, que os que se mettem na igreja não os captivão, antes os doutrinão, e defendem, o que os Francezes nunca nos fizerão, e menos nos farão agora, que tem o porto impedido com a fortaleza, donde não podem entrar sem que os matem, e lhes mettão com a artilharia no fundo os navios. »

Estas, e outras tantas razões lhe soube dizer este Indio, e com tanta energia de palavras, que todos aceitarão o conselho, e lho agradecerão, muito principalmente as femeas, que enfadadas de andar com o fato continuamente ás costas, fugindo pelos mattos sem se poderem gozar de suas casas, nem dos legumes, que plantavão, trazião os maridos ameaçados que se havião de ir pera os brancos, porque antes querião ser suas captivas, que viver em tantos receios de continuas guerras e rebates.

Com isto se vierão os principaes logô ao forte a tratar das pazes; houve pouco que fazer nellas, pelas razões já ditas, donde dahi por diante começarão a entrar com seus resgates seguramente, e foi de tudo avisado o Governador Dom Francisco de Souza pelo Capitão Mór de Pernambuco Manoel Mascaranhas, que se foi ver com elle a Bahia, e lhe deo a nova, o qual mandou que as ditas pazes se fizessem com solemnidade de direito, como em effeito se fizerão na Parahyba aos onze dias do mez de Junho de mil quinhentos noventa e nove, estando presentes o Governador da Parahyba Feliciano Coelho de Carvalho com os Officiaes da Camera, e o dito Manoel Mascaranhas Homem com Alexandre de Moura, que lhe havia succeder na Capitania Mór de Pernambuco, o Ouvidor Geral Braz de Almeida, e outras pessoas; e o nosso Irmão Frey Bernardino das Neves foi o interprete, por ser mui perito na lingoa brasilica, e mui respeitado dos Indios Potiguares, e Tobajares, como já dissemos; pelo que o Capitão Mór Manoel Mascaranhas se acompanhava com elle, e nunca nestas occasiões o largava.

Feitas as pazes com os Potiguares, como fica dito, se começou logo a fazer huma povoação no Rio Grande huma legoa do forte, a que chamão a Cidade dos Reys, a qual governa tambem o Capitão do forte, que El Rey costuma mandar cada tres annos. Cria-se na terra muito gado vaccum, e de todas as sortes, por serem pera isto as terras melhores que pera engenhos de assucar, e assim não se hão feito mais que dous, nem se poderão fazer, porque as cannas de assucar requerem terra maçapés e de barro, e estas são de areia solta, e assim podemos dizer ser a peior do Brasil, e comtudo se os homens tem industria, e querem trabalhar nella, se fazem ricos.

Logo em seu principio veio ali ter hum homem degradado pelo Bispo de Leyria, o qual ou zombando, ou pelo entender assim, poz na sentença: Vá degradado por tres annos para o Brasil, donde tornará rico e honrado », e assim foi, que o homem se casou com huma molher, que tambem veio do Reyno ali ter, não por dote algum, que lhe dessem com ella, senão por não haver ali outra, e de tal maneira souberão grangear a vida, que nos tres annos adqui-

rirão dous ou tres mil cruzados, com que forão pera sua terra em companhia do Capitão Mór do Rio Grande João Rodrigues Colasso, e de sua molher Donna Beatriz de Menezes, comendo todos a huma mesa, passeando elle hombro com hombro com o Capitão, assentando-se a molher no mesmo estrado que a fidalga, como eu as vi em Pernambuco, onde forão tomar navio pera se embarcarem; e toda esta honra lhe fazião, porque, como em aquelle tempo não havia ainda outra molher branca no Rio Grande, acertou de parir a molher do Capitão, e a tomarão por comadre, e como tal a tratavão daquelle modo, e o marido como o compadre, cumprindo-se em tuno a sentença do Bispo, que tornaria do Brasil rico e honrado.

Nem foi este só que no Rio Grande enriqueceo, mas outrosmuitos, porque ainda que o territorio é o peior do Brasil, como temos dito, nelle se dão muitas criações, e outras grangearias, de que se tira muito proveito, e do mar muitas e boas pescarias.

Nem estão muito longe dahi as salinas, onde naturalmente se coalha o sal em tanta quantidade que podem carregar grandes embarcações todos os annos; porque assim como se tira hum, se coalha e cresce continuamente outro, nem obsta que não vão ali navios de Portugal / senão he algum de arribada /, pois basta que vão á Parahyba, donde dista sómente vinte e cinco legoas, e de Pernambuco cincoenta, porque destas partes se provejão do que lhe é necessario, como fazem em seus caravelões, e sobre todos estes commodos foi de muita importancia povoar-se, e fortificar-se o Rio Grande pera tirar dali aquella ladroeira aos Francezes.

CAPITULO TRIGESIMO QUARTO

De como foi o Governador Geral ás minas de São Vicente, e ficou governando a Bahia Alvaro de Carvalho, e dos Hollandezes que a ella vierão

Muitos annos havia que voava a fama de haver minas de ouro, e de outros metaes em a terra da Capitania de São Vicente, que El Rey Dom João o Terceiro doou a Martim Affonso de Souza, e já por algumas partes voava com azas douradas, e havia mostras de ouro; o que visto pelo Governador Dom Francisco de Souza, avisou a Sua Magestade offerecendo-se pera esta empreza, e elle lha encarregou, e mandou pera ficar entretanto governando esta Cidade da Bahia a Alvaro de Carvalho; o Governador se partio pera baixo em o mez de Outubro de mil quinhentos noventa e oito, levando comsigo o Desembargador Custodio de Figueiredo, que era hum dos que vinhão com Francisco Giraldes, e servia de Provedor Mór de defuntos e absentes.

O anno seguinte de mil quinhentos noventa e nove, vespora da vespora do Natal, entrou nesta Bahia huma armada de sete náus Hollandezas, cuja Capitania se chamava Jardim de Hollanda, por hum jardim de hervas e flôres, que trazia dentro em si; esta armada se senhoreou do porto, e dos navios, que nelle estavão, queimando e desbaratando os que lhe quizerão resistir, como foi hum galeão de Baylio de Lessa, que veio fretado por mercadores pera levar assucar ; pôz Alvaro de Carvalho a gente por suas estancias na praia e na Cidade pera a defenderem se quizessem desembarcar; mas elles não se atrevendo, tratarão de concerto, pedindo em refens huma pessoa equivalente ao seu General, que queria vir pessoalmente a este negocio, e assim foi para a sua Capitania em refens Estevão de Brito Freire, e elle se veio metter no Collegio dos Padres da Companhia, onde o Capitão Mór Alvaro de Carvalho o esperava, e se tratou sobre o concerto quatro dias, que ali esteve assaz regalado. Porém foi-lhe respondido no fim delles que puxasse pela carta, porque não podia haver outro concerto, com o que elle se embarcou colerico, e se desembarcou Estevão de Brito; com esta colera mandou huma caravella, que tinha tomado no porto, e alguns patachos, e lanchas, que fossem pelo reconcavo roubar e assollar quanto pudessem, o que logo fizerão no engenho de Bernardo Pimentel de Almeida, que dista desta Cidade quatro legoas, e não achando resistencia lhe queimarão casas, e igreja, da qual tirarão athé o sino do campanario, mas soou, e logo forão castigados por Andre Fernandes Morgalho, que Alvaro de Carvalho havia mandado com tresentos homens por terra, e achando ainda ali os inimigos brigarão com elles animosamente athé os fazerem embarcar, ficando-lhes muitos mortos na briga em terra, e alguns no mar ao embarcar, entre os quaes se matou hum capitão, que elles muito sentirão.

Dali se tornarão ás suas náus, donde reformados de mais gente, e munições se forão a ilha dos Frades pera tomarem agoada, de que estavão faltos, o qual entendido por André Fernandes, que os tinha em espreita, se embarcou com a sua gente em seis lanchas, e entrando por outro boqueirão, que está entre a ilha de Cururupiba, e a terra firme, e se não navega se não de maré cheia, por não serem sentidos, desembarcarão da outra parte da ilha dos Frades, a tempo que tambem ali chegava Alvaro Rodrigues da Cachoeira com o seu Gentio, e assim forão todos juntos, atravessando a ilha pelos mattos até perto de huma legoa junto a praia, aonde havia sahido huma batelada de hollandezes a povoar a agoa, e por acharem salobra se tornarão, e os nossos os deixarão ir, ficando escondidos na cilada, entendendo que ião por mais gente pera tornarem a buscar outra fonte, o que elles não fizerão, antes a forão buscar á ilha de Taparica, e desembarcando em terra puzerão fogo a hum engenho, que ali estava de Duarte Osquis, sem lhe valer ser tambem Flamengo, posto que casado com Portugueza, e antigo na terra, mas logo chegarão os nossos Capitães André Fernandes Margalho, e Alvaro Rodrigues, e os

commetterão com tanto animo, que matarão cincoenta, e fizerão embarcar os mais, e recolherem-se á sua armada, que tambem logo se fez á vela, e despejou o porto, que havia cincoenta e cinco dias tinha occupado.

Ao sahir pela barra tomarão huma náu de Francisco de Araujo, que vinha do Rio de Janeiro com sete ou oito mil quintaes de páu brasil, e depois de o descarregar nas suas do páu, e da gente que trazia, a queimarão lançando só em terra humas molheres, que na náu vinhão.

CAPITULO TRIGESIMO QUINTO

Da guerra dos Gentios Aymorés, e como se fizerão as pazes com elles em tempo do Capitão Mór Alvaro de Carvalho

Não só por mar foi esta Bahia neste tempo contrastada de inimigo, mas tambem, e muito mais por terra dos Gentios Aymorés, que são huns Tapuias selvagens, de que fizemos menção em o Capitulo Decimo Quinto do Primeiro Livro, os quaes como não tenhão casas nem lugar certo onde os busquem, nem saião a pelejar em campo, mas andem como leões e tigres pelos mattos, e dali saião a saltear pelos caminhos, ou ainda sem sahir detraz das arvores, empreguem suas frechas, poucos bastão pera destruirem muitas terras; e assim havendo já destruido as de Porto Seguro, e dos Ilheos, entrarão nas da Bahia, e havião feito despejar as do rio de Jaguarippe, e Paraguasú, posto que não passarão este da parte do Norte, que a passal-o não ficara cousa, que não assolarão athé a Cidade, porque como athe ella haja mattos, e todos caminhos se fação entre elles, ninguem pudera entrar nem sahir sem ser morto ou salteado por estes selvagens.

Desejosos Dom Francisco e Alvaro de Carvalho de remediar este damno o consultarão com Manoel Mascaranhas, que aqui veio a tratar sobre as cousas do Rio Grande com o Governador antes que se partisse, e todos acordarão que se não fossem com outro Gentio, bicho do matto como elles, não se lhe poderia fazer guerra, pera o que se offereceo Manoel Mascaranhas a mandar-lhos do Gentio Potiguar da Parahyba, que ja estava de paz, e pera que tambem devirtidos com isto os Potiguares, e tirados da Patria, não tornassem a rebellar-se, e assim tanto que chegou a Pernambuco deo ordem a vir hum grande golpe delles, e por seu principal, e guia hum mais revoltoso, e de que havia mais suspeitas, chamado Darobabe, estes mandou Alvaro de Carvalho com o Capitão Francisco da Costa aos Ilheos, pera que de lá viessem dando caça aos Aymorés, que assim se póde chamar a sua guerra, mas posto que os amedrontarão e fizerão muito, não ficou de todo o mal remediado, nem deixara de ir muito avante depois de tornados os Potiguares, que em breve

tempo voltarão pera a Parahyba se Deus não sem outro mais facil, e efficaz remedio, por meio de huma femea Aymoré, que Alvaro Rodrigues da Cachoeira a tomou com o seu Gentio em hum assalto, á qual ensinou a lingoa dos nossos Topinambás, e aprendeo, e fez a alguns nossos aprender a sua, fez-lhe bom tratamento, praticou-lhe os mysterios da nossa sancta Fé Catholica, que he necessario crer hum Christão, baptizou-a, e chamou-lhe Margarida, depois de bem instruida, e affecta a nós vestio-a de sua camisa, ou sacco de panno de algodão, que he o trage das nossas Indias, deo-lhe rêde em que dormisse, espelhos, pentes, facas, vinho, e o mais, que ella poude carregar, e mandou-a que fosse desenganar os seus, como fez, mostrando-lhes que aquelle era o vinho, que bebiamos, e não o seu sangue, como elles cuidavão, e a carne que comiamos era de vacca, e outros animaes, e não humana, que não andavamos nús, nem dormiamos pela terra, como elles, senão em aquellas redes, que logo armou em duas arvores, e nenhum ficou, que se não deitasse nella, e se não penteasse, e visse no espelho: com o que certificados que queriamos sua amizade, se atreverão alguns mancebos a vir com ella á casa do dito Alvaro Rodrigues na cachoeira do rio Paraguasú, donde elle os trouxe a esta Cidade ao Capitão Mór Alvaro de Carvalho, que logo os mandou vestir de panno vermelho, e mostrar-lhes a Cidade, onde não havia casa de venda ou taverna em que não os convidassem, e brindassem; com o que mui certificados forão acabar de desenganar os companheiros, e se fez com os Aymorés em toda esta Costa, queira nosso Senhor conserval-a, e que não demos occasião a outra vez se rebellarem.

CAPITULO TRIGESIMO SEXTO

Do que fez o Governador nas minas

Despedido o Governador desta Bahia, em poucos dias chegou a Capitania do Espirito Santo, onde por lhe dizerem que havia metaes na serra de Mestre Alvaro, e em outras partes, as tentou e mandou cavar, e fazer ensaio, de que se tirou alguma prata. Tambem mandou que fossem as esmeraldas, a que já da Bahia havia mandado por Diogo Martins Cão, e as tinha descobertas; fez hum forte pequeno de pedra e cal, em que pôz duas peças de artilharia pera defender a entrada da Villa, e feito isto se partio pera o Rio de Janeiro, donde foi recebido do Capitão Mór, que então era Francisco de Mendonça, e do povo todo com muito applauso, por ser parte onde nunca vão os Governadores Geraes; e assim achou tantos pleitos civeis, e crimes indicios, que pera os haver de julgar lhe fôra necessario deter-se ali muito tempo: pelo que mandou chamar o Ouvidor Geral Gaspar de Figueiredo Homem, que se havia casado em Pernambuco, pera o deixar ali.

Chegado o Ouvidor, e estando o Governador pera se partir, lhe tomarão a barra quatro galeões de cossarios, o qual entendendo que havião de sahir á terra a tomar agoa na ribeira de Carioca, lhe mandou pôr gente em ciladas junto della; e assim aconteceo que indo quatro lanchas, e sahindo primeiro a gente só de huma, e tendo já a agoa tomada pera se tornarem a embarcar, lhes sahirão os nossos, e os matarão todos, excepto dous, que levarão mal feridos ao Governador, e os das outras lanchas vendo isto se tornarão ás galés, nas quaes sabendo de hum Mamaluco, que havião tomado em huma canoa, que estava ali o Governador Dom Francisco de Souza, e determinava mandar-lhes queimar os navios, os fizerão logo a vela, e lhe deixarão a barra livre pera seguir a sua viagem, como seguio, e chegou a São Vicente, onde dahi a pouco tempo entrou outro galeão em que ia por Capitão hum Hollandez chamado Lourenço Bicar, o qual fez petição ao governador, dizendo que elle era bom Christão, e nunca fizera damno aos Christãos, nem ia a aquelle porto com esse intento, senão a vender suas mercadorias, pelo que pedia a Sua Senhoria licença pera as poder descarregar, e vender com pagar os direitos a Sua Magestade, e o Governador lha despachou, que sendo assim como dizia, e não havendo outra cousa, lhe dava licença, porém tirando depois inquirição, e achando que tinha ido por General de huma grossa armada ao Estreito de Magalhães, e por não o poder embocar com tormenta, e se apartar dos mais companheiros, os vinha ali aguardar, mandou em huma canoa seis aventureiros armados, que com dissimulação de quererem ver a náu se senhoreassem da polvora, e praça de armas, e logo atraz desta outras muitas com soldados e Indios frecheiros, que brevemente a abordarão, e tomarão, sem que os de dentro pudessem defendel-a nem pôr-lhe o fogo, como quizerão, por lhe terem os nossos tomado a polvora e armas.

Importaria a Fazenda que esta náu trazia mais de cem mil cruzados, os quaes com a mesma facilidade se gastarão, que se adquirirão, e o Governador se foi de São Vicente á Villa de São Paulo, que é mais chegada ás minas, onde athé então os homens e molheres se vestião de panno de algodão tinto, e se havia alguma capa de baeta e manto de sarge se emprestava aos noivos e noivas pera irem á porta da igreja; porém depois que chegou Dom Francisco de Souza, e virão suas galas, e de seus criados e criadas, houve logo tantas librés, tantos periquitos, e mantos de soprilhos, que já parecia outra cousa; com isto se havia pagado Dom Franscisco da Bahia muito, muito mais se pagou de São Paulo; porque são ali os campos como os de Portugal, ferteis de trigo, e uvas, rosas, e açucenas, regados de frescas ribeiras, onde elle humas vezes caçando outras pescando entretinha o tempo, que lhe restava do trabalho das minas, que era mui grande, e muito maior não ser sempre de proveito, porque como he ouro de lavage, humas vezes se levava pouco, ou nenhuma, mas outras se achavão grãos de peso, e de preço, e de que elle enfiou hum rosario, assim como sahião redondos, quadrados ou compridos,

que mandou a Sua Magestade com outras mostras de perolas, que se achavão nõ esparcel da canané, e em outras partes, mandando-lhe pedir Provisão pera fazer descer Gentio do sertão, que trabalhassem neste ministerio, e outras cousas a elle necessarias, a que lhe não deferirão por morrer neste tempo El Rey Philippe Primeiro, que o havia enviado, e lhe succedeo seu filho Philippe Segundo, que o mandou ir pera o Reyno, havendo treze annos que governava este Estado, e lhe enviou por successor no Governo Diogo Botelho.

CAPITULO TRIGESIMO SETIMO

Do oitavo Governador do Brasil, e o primeiro que veio por Pernambuco, que foi Diogo Botelho ; e como veio ahi ter a gente de huma náu da India, que se perdeo na ilha de Fernão de Noronha

O oitavo Governador do Brasil foi Diogo Botelho, o qual veio em direitura a Pernambuco, em o anno de mil seiscentos e tres ; e foi o primeiro que isto fez, a quem depois sempre forão seguindo seus successores. A occasião, que teve / segundo alguns dizião /, foi induzil-o Antonio da Rocha, Escrivão da Fazenda, que ali era casado, e vinha com elle do Reyno, aonde havia ido com hum aggravo contra o Capitão Mór Manoel de Mascaranhas, o qual lhe diria das larguezas de Pernambuco, e que podia delle tirar muito interesse, ou o mais certo he que o fez por ver a terra, e as fortalezas, de que havia tomado homenagem, e cuja defenção e Governo estava por sua conta, nem eu sei, quando a detença ali não seja muita, que inconveniencias ha pera que os Governadores não visitem de caminho aquella praça.

Trouxe o Governador comsigo dous Religiosos graves de Nossa Senhora da Graça, da Ordem de Santo Agostinho, onde tinha hum filho, pera fundarem casa em Pernambuco, mas o povo o não consentio, dizendo que não era capaz a terra de sustentar tantos Religiosos graves, porque tinhão já cá os da Companhia de Jesus, de Nossa Senhora do Carmo, do Patriarcha São Bento, e de nosso Seraphico Padre São Francisco ; e assim dando-lhes huma muito boa esmola, que com o favor do Governador se tirou pelos engenhos, se tornarão pera Lisboa.

Neste tempo lançarão os Hollandezes na ilha de Fernão de Noronha a gente de huma náu da India, em que vinha Dom Pedro Manoel, irmão do Conde da Atalaya, e por Capitão Antonio de Mello, dali em o batel da náu, e em huma caravella que lhes mandou o Governador Diogo Botelho forão aportar nús, e famintos ao Rio Grande, sem trazerem mais que alguma mui pouca pedraria, e ainda essa não guardada por seus donos, senão por alguns Indios escravos, os quaes sendo buscados pelos Hollandezes a engolião por não lha tomarem.

Não estava o Capitão do Rio Grande, que era João Rodrigues Colasso, ahi quando chegarão, que era ido a Pernambuco a dar ao Governador as boas vindas; porém não fez falta aos naufragantes, porque Donna Beatriz de Menezes, sua molher, filha de Henrique Moniz Telles, da Bahia, os hospedou, e banqueteou a todos os dias que ahi estiverão, e pera o caminho, que he despovoado athe á Parahyba, mandou seus escravos com canastras cheias de todo o necessario; chegados á Parahyba os agasalhou o Capitão Mór Francisco Pereira de Souza como poude, e deo hum vestido do seu de chamalote roxo a Dom Pedro Manoel, que lhe aceitou, e agradeceo, pela necessidade que tinha.

Dali vierão caminhando até Guaiena, que he da Capitania de Tamaracá, onde hum filho de Antonio Cavalcante, que estava no engenho do pae os agasalhou e banqueteou esplendidamente, e os acompanhou athe a Villa de Igarasú, na qual acharão o Almoxarife de Pernambuco Francisco Soares, que de mandado do Governador os foi aguardar com doces, e agoa fria, o Governador tambem os foi esperar hum quarto de legoa fora da Villa de Olinda, offerecendo a casa a Dom Pedro Manoel, que não a quiz aceitar, e se foi agasalhar no Collegio dos Padres da Companhia, donde o foi tirar com forçosos rogos Manoel Mascaranhas, e o levou pera a sua, que pera isso tinha mui ornada, largando-lha com todo o seu serviço, e passando-se para outra defronte; ao dia seguinte mandou Manoel Mascaranhas trazer muitas peças de seda, e pannos de casa dos mercadores á sua custa, e alfaiates que cortassem vestidos pera os que os quizessem, e não houve algum que engeitasse, porque todos tinhão necessidade, senão Dom Pedro Manoel, que contente com o que lhe havia dado o Capitão da Parahyba, disse que por quem havia tanto perdido em aquelle naufragio, aquelle lhe bastava athé o Reyno, como quem sabia que em pondo lá os pés a pessoa querião ver, e não os pannos, e assim casou logo com huma sobrinha do Arcebispo de Braga Dom Aleixo de Menezes, que o conhecia bem da India, onde foi Arcebispo de Goa, e lhe deo grande dote, e Sua Magestade lhe fez muitas mercês.

CAPITULO TRIGESIMO OITAVO

Da entrada, que fez Pero Coelho de Souza da Parahyba com licença do Governador á serra de Boappaba

Querendo Pero Coelho de Souza ver se podia recuperar a perda em parte, que com seu cunhado Fructuoso Barbosa recebera na Parahyba, e entendendo que, pois ElRei lha tomára por elles não poderem conquistal-a, podia correr com a conquista de outros rios, e terras adiante, especialmente da Serra de Boapaba, que era mais povoada de Gentio, pedio licença ao Governador Geral Diogo Botelho, e havendo-a alcançado mandou tres barcos com mantimentos,

polvora, e munições, que o fossem aguardar ao rio de Jaguarybe, e elle se partio da Parahyba por terra este mesmo anno de seiscentos e tres, em o mez de Julho, com sessenta e cinco soldados, dos quaes os principaes erão: Manoel Miranda, Simão Nunes, Martim Soares Moreno, João Cide, João Vaz Tataperica, Pedro Congatan, lingoa, e mais outro lingoa Francez chamado Tuim Mirim, e com duzentos Indios frecheiros, de que erão principaes Mandiopubba, Batatam, Caragatim, Tobajares, e Garaguinguira, Potiguar, caminhando por suas jornadas, chegarão ao rio Jaguaribe, onde acharão os barcos de mantimentos; dalli mandou o Capitão Pero Coelho hum soldado com setenta Indios a descobrir campo, os quaes tomarão hum que andava a comedia, do qual se soube que os seus estavão em arma, e em nenhum modo querião pazes com os brancos; comtudo o contentou o Capitão com fouces, machados, e facas, com que o mandou que os fosse apaziguar, como foi, e ao dia seguinte tornou em busca de hum nosso lingoa, com quem se entendessem, o qual lhe soube dizer taes cousas, e era Gentio tam facil, e desapropriado, que deixando suas casas e lavouras se vierão com molheres, e filhos, dizendo que não querião senão pazes com os brancos Christãos, e acompanhal-os por onde quer que fossem; o mesmo fizerão depois os da outra aldêa, á imitação destoutros, e forão todos marchando athé o Ceará, onde depois de alguns dias de descanço por causa da gente miuda, tornarão a marchar athé hum oiteiro, a que depois chamarão dos Cocos, porque huns sete ou oito, que plantarão, á tornada os virão nascidos com muito viço; e dalli forão á enseada grande do ambar, e á matta do páu de côres, que chamão Iburá quatiara, depois ao Camocy, que he a barra da Serra da Boapabba, pera a qual marcharão o seguinte dia, vespora de S. Sebastião, dezanove de Janeiro de mil seiscentos e quatro, antemanhã, e clareando o dia forão logo vistos dos inimigos, sem haver mais lugar que pera formar dous esquadrões, e a bagagem no meio, e outro esquadrão de parte com vinte soldados á ordem de Manoel de Miranda, pera dalli lançar mangas por onde fosse necessario, dezaseis soldados na retaguarda, e nove na vanguarda, em companhia do Capitão Mor Pero Coelho de Souza; nesta ordem forão recebidos meia legoa ao pé da Serra com muita frechada, e com sete mosquetes, que disparavão sete Francezes, e fazião muito damno, comtudo não deixarão de largar o campo com alguns mortos, porque os nossos o fizerão com muito animo e esforço, e com duas horas de sol se sitiou o nosso arraial athé ao pé da Serra, e se fez hum repairo de pedras por falta de madeiras, que por o fogo se não achava, por ser todo escalvado, e menos havia que cosinhar com o fogo, nem agoa para beber, pelo que começavão já a morrer algumas crianças, e sobretudo vindo a noite tornarão os inimigos do alto a tirar muitas frechadas, e pedradas de fundas, com que ferião os nossos, ralhando que festejavão a sua vinda, porque serião senhores de captivos brancos, e outras cousas desta sorte; mas quiz Nosso Senhor que ás tres horas da noite veio hum grande chuveiro de agoa, com que cessou o das frechas, e pedras dos inimigos, e os nossos apla-

carão a sede, e pera ser a mercê maior virão em amanhecendo huma gruta donde procedia hum ribeiro de agoa, que os nossos Indios Christãos tiverão por milagre, e se puzerão todos de joelhos a dar graças a Deus, e o Capitão com esta alegria mandou matar hum cavallo, que ainda levava, pera confortar os soldados, que aos mais era impossivel chegar, porque entre grandes e pequenos erão mais de cinco mil almas.

Das dez horas por diante começarão os da Serra a tocar huma trombeta bastarda, á qual respondeo o nosso Francez Tuim Mirim com outra, e pedindo licença ao Capitão se foi a hum outeiro a fallar com os Francezes, onde logo descerão tres, e depois de se abraçarem, e saudarem, disserão que o principal Diabo Grande queria paz se lhe dessem Manoel de Miranda, e Pero Cangatá, e o petitorio era de huns mulatos e Mamalucos crioulos da Bahia, maiores diabos que o principal com quem andavão.

O Tuim Mirim lhe respondeo que não havia o Capitão fazer tal aleivosia, porque lhe seria mal contado de seu Rey, com a qual resposta se tornarão, e ás duas horas depois do meio dia desceo todo o Gentio da Serra, e batalharão athé á noite, que se tornarão á sua cerca ao alto, deixando muitos mortos dos seus, e dos nossos dezasete, e alguns feridos.

Pela manhã mandou o Capitão marchar o exercito pela Serra acima, indo elle por huma parte com a mais gente, e Manoel Miranda por outra com vinte e cinco homens; quando chegarão á cerca seria meio dia, e logo se começou a batalha cruelmente, por serem os de dentro ajudados por dezaseis Francezes, que com seus mosquetes pelejavão detraz de hum parapeito de pedra, mas vendo que os nossos os combatião por outras partes, e lhes matavão e ferião muita gente, abrirão a cerca e fugirão, morrendo sómente dous soldados dos nossos, e os outros se recolherão nas casas da cerca, que acharão muito bem providas de mantimentos, carnes, legumes, de que tinhão assáz necessidade, porque nem castanhas tinhão já, que era o com que athé alli se vierão sustentando; alli estiverão vinte dias, e no fim delles forão fazer guerra a outra cerca muito forte, que o Diabo Grande, com ajuda de outro principal mui poderoso chamado o Mel Redondo, fez hum quarto de legoa destoutra, onde posto que acharão grande resistencia, tambem a ganharão, e puzerão o inimigo em fugida athé á cerca do Mel Redondo, a que se acolherão por ser fortissima, com duas redes de madeiros mui grossos, e fortes, huma por dentro, outra por fóra, e tres guaritas, onde pelejavão os Francezes; o que visto pelo Capitão Pero Coelho de Souza, mandou fazer huns pavezes, que cada hum occupava vinte negros em o levar, e indo detraz delles a bagagem, e alguma gente, se chegarão a ajustar com a cerca, e a combaterão dous dias, onde nos matarão tres soldados brancos, e ferirão quatorze, fóra muitos Indios; mas emfim foi tomada, e dez Francezes, que estavão dentro, que os mais fugirão com o Gentio, e os nossos lhe forão no alcance quatro jornadas athé hum rio chamado Arabé, onde se alojou o nosso arraial, e dahi mandou o Capitão dar alguns assaltos,

e em poucos dias lhe trouxerão muito Gentio, e entre os mais hum principal chamado Ubauna, o qual era em aquella Serra tão estimado, que sabido pelos outros mandarão commetter pazes, com condição que lho dessem, e o Capitão lho prometteo, e deo aos embaixadores fouces e machados, com que ao dia seguinte vierão muitos principaes já de paz, e levarão o seu querido Ubauna.

Ultimamente dahi a tres dias veio o Mel Redondo, e o Diabo Grande com todo o Gentio, e antes que entrasse no arraial largarão suas armas em signal de paz, da qual mandou o Capitão Mor Pero Coelho fazer hum acto por hum escrivão, promettendo huns e outros de sempre a conservarem dali em diante.

Daqui forão todos juntos ao Punaré, e quiz Pero Coelho marchar mais quarenta legoas athé o Maranhão, o que os soldados não consentirão porque andavão já nús, e sobre isso o quizerão alguns matar; pelo que lhe foi necessario retirar-se ao Ceará, onde deixou Simão Nunes por Capitão com quarenta e cinco soldados, e se veio á Parahyba buscar sua molher, e familia pera se tornar a povoar aquellas terras, do que em chegando deo conta ao Governador Geral Diogo Botelho, e lhe mandou de presente os dez Francezes, e muito Gentio, pedindo juntamente ajuda e soccorro pera proseguir a conquista, que o Governador lhe prometteo mandar, e não mandou por depois ser informado que se captivavão por esta via os Indios injustamente, e os trazião a vender, e que seria melhor reduzil-os por via de pregação e doutrina dos Padres da Companhia, como depois tratou com o seu Provincial na Bahia, e nós trataremos outra vez deste successo em os Capitulos Quarenta e Dous, e Quarenta e Tres deste Livro.

CAPITULO TRIGESIMO NONO

Do zelo, que o Governador Diogo Botelho teve da conversão dos Gentios, e que se fizesse por ministerio de Religiosos

He tam necessario ao bom governo do Brasil zelarem os Governadores a conversão dos Gentios naturaes, e a assistencia dos Religiosos com elles, que se isto viesse a faltar seria grande mal, porque como estes Indios não tenhão bens que perder, por serem pobrissimos, e desapropriados, e inconstantes, que os leva quem quer facilmente, se espalhão donde não podem acudir aos rebates dos inimigos, como acodem das Doutrinas em que os Religiosos os tem juntos, e principalmente contra os negros de Guiné, escravos dos Portuguezes, que cada dia se lhe rebellão, e andão salteando pelos caminhos, e se o não fazem peior he com medo dos ditos Indios, que com hum Capitão Portuguez os buscão, e os trazem presos a seus senhores.

Entendendo isto bem o Governador Diogo Botelho apertou muito com o nosso Custodio, que então era, que pois doutrinavamos os Tobajares / do que os Potiguares estavão mui invejosos |, désse tambem ordem, e ministros, que os doutrinassem, pois essa foi a principal condição com que aceitarão as pazes na Parahyba, e havia cinco annos que os entretinhamos dizendo-lhes que fizessem primeiro igrejas, ornamentos, sinos, e o mais, que era necessario, e vendo que o Custodio se excusava por não ter Frades peritos na lingoa Brasilica, escreveo a Sua Magestade, e ao nosso Ministro Provincial grandes; pelo que vindo do Reyno o Irmão custodio Frey Antonio da Estrella, veio sobre isto muito encarregado, e ordenou tres Doutrinas pera os Potiguares da Parahyba, além das duas que tinhamos dos Tobajares, onde já tambem havia alguns Potiguares casados, pondo quatro Religiosos em cada huma, porque como era tanto o Gentio, além das aldêas em que residião os Frades tinhão outras muitas de visita, era necessario andarem sempre dous por ellas, doutrinando-os e baptizando os enfermos, que estavão in extremis, que forão mais de sete mil, fóra as crianças, e adultos catecumenos, que forão quarenta e cinco mil, como consta dos livros dos baptizados emquanto os tivemos a nosso cargo, confesso que he trabalho labutar com este Gentio com a sua inconstancia, porque no principio era gosto ver o fervor e devoção, com que acudião á igreja, e quando lhes tangião o sino á doutrina ou á missa corrião com hum impeto e estrepito, que parecião cavallos: mas em breve tempo começarão a esfriar de modo que era necessario leval-os á força, e se ião morar nas suas roças, e lavouras, fóra da aldêa, por não os obrigarem a isto; só acodem todos com muita vontade nas festas em que ha alguma ceremonia, porque são mui amigos de novidades, como dia de S. João Baptista, por causa das fogueiras, e capellas, dia da Commemoração Geral dos defuntos, pera offertarem por elles, dia de Cinza, e de Ramos, e principalmente pelas Endoenças, pera se disciplinarem, porque o tem por valentia, e tanto he isto assim, que hum principal chamado Iniaobba, e depois de Christão Jorge de Albuquerque, estando abzente em a Semana Santa, chegando á aldêa nas Oitavas da Paschoa, e dizendo-lhe os outros que se havião disciplinado grandes e pequenos, se foi ter comigo, que então ali presidia, dizendo « como havia de haver no mundo que se disciplinassem athé os meninos, e elle sendo tam grande valente / como de feito era / ficasse com o seu sangue no corpo sem o derramar, » respondi-lhe eu que todas as cousas tinhão seu tempo, e que nas Endoenças se havião disciplinados em memoria dos açoutes que Christo Senhor Nosso por nós havia padecido, mas que já agora se festejava sua gloriosa Resurreição com alegria, e nem com isto se aquietou, antes me poz tantas instancias dizendo que ficaria deshonrado e tido por fraco, que foi necessario dizer-lhe fizesse o que quizesse, com o que logo se foi açoutar rijamente por toda a aldêa, derramando tanto sangue das suas costas quanto os outros estavão por festa mettendo de vinho nas ilhargas.

CAPITULO QUADRAGESIMO

De como o Governador veio de Pernambuco pera a Bahia, e mandou o Zorobabe, que se tornava com os seus Potiguares pera Parahyba, désse de caminho nos negros de Guiné fugidos, que estavão nos palmares do rio Itapucurú, e de como se começarão as pescarias das balêas

Depois de estar o Governador Diogo Botelho hum anno ou mais em Pernambuco, se veio pera esta Bahia, e com a sua chegada se partio Alvaro de Carvalho pera o Reyno. Estão as casas de ElRey, em que os Governadores morão, defronte da praça, no meio da qual estava o pelourinho, donde o Governador o mandou logo tirar pera o passar a outra parte onde o não visse, porque dizia que se entristecia com a sua vista, lembrando-se que estivera já ao pé de outro pera ser degolado por seguir as partes do Senhor Dom Antonio, culpa que Sua Magestade lhe perdoou por casar com huma irmã de Pedro Alvares Pereira, que era Secretario na Côrte; e não só elle, que tinha este odio ao pelourinho, mas nenhum de seus successores o levantou mais, nem o ha nesta cidade, sendo assim que me lembra haver lido hum terremoto, e tormenta de fogo que houve em Baçaim, que não ficou templo nem casa, que não cahisse, senão o pelourinho, e no Capitulo dos Frades a parede em que estavão as varas com que açoutão, pera mostrar que primeiro devem faltar os povos e Cidades, que o castigo das culpas.

Á sua chegada estavão já de partida o Zorobabe com os seus Potiguares pera a Bahia, donde havião vindo á guerra dos Aymorés, como dissemos no Capitulo Trinta e Tres deste Livro, e informado o Governador de hum mocambo ou magote de negros de Guiné fugidos, que estavão nos palmares do rio Itapucurú, quatro legoas do Rio Real para cá, mandou-lhes que fossem de caminho dar nelles, e os apanhassem ás mãos, como fizerão, que não foi pequeno bem tirar dali aquella ladroeira, e colheita, que ia em grande crescimento; mas poucos tornarão a seus donos, porque os Gentios matarão muitos, e o Zorobabe levou alguns, que foi vendendo pelo caminho para comprar huma bandeira de Campo, tambor, cavallo, e vestidos, com que entrasse triumphante na sua terra, como diremos em outro Capitulo, que agora neste será tratarmos de como se começou nesta Bahia a pescaria das balêas.

Era grande a falta que em todo o Estado do Brasil havia de graxa ou azeite de peixe, assim pera reboque dos barcos e navios, como pera se alumiarem os engenhos, que trabalhão toda a noite, e se houverão de alumiar-se com azeite doce, conforme o que se gasta, e os negros lhe são muito affeiçoados, não bastara todo o azeite do mundo. Algum vinha do Cabo vender, e de Biscaia por via de Vianna, mas era tam caro, e tam pouco, que muitas vezes era necessario usarem do azeite doce, misturando-lhe destoutro amargoso, e

fedorento, pera que os negros não lambessem os candeeiros, e era huma pena como a de Tantalo padecer esta falta, vendo andar as balêas, que são a mesma graxa, por toda esta Bahia, sem haver quem as pescasse, ao que acudio Deus, que tudo rege, e provê, movendo a vontade a hum Pedro de Orecha, Biscainho, que quizesse vir fazer esta pescaria; este veio com o Governador Diogo Botelho do Reyno no anno de mil seiscentos e tres, trazendo duas náus a seu cargo de Biscainhos, com os quaes começou a pescar, e ensinados os Portuguezes, se tornou com ellas carregadas, sem da pescaria pagar direito algum, mas já hoje se paga, e se arrenda cada anno por parte de S. Magestade a huma só pessoa, por seiscentos mil réis pouco mais ou menos, pera lustro de Ministros: e porque o modo desta pescaria he pera ver mais que as justas todas e torneios, a quero aqui descrever por extenso.

Em o mez de Junho entra nesta Bahia grande multidão de balêas, nella parem, e cada balêa pare hum só, tam grande como hum cavallo, em o fim de Agosto se tornão pera o mar largo, e em o dia de S. João Baptista começão a pescaria, dizendo primeiro huma missa em a Ermida de Nossa Senhora de Montserrate, na ponta de Tapuippe, a qual acabada o Padre revestido benze as lanchas, e todos os instrumentos, que nesta pescaria servem, e com isto se vão em busca das balêas, e a primeira cousa que fazem é arpoar o filho, a que chamão baleato, o qual anda sempre em cima da agoa brincando, dando saltos como golfinhos, e assim com facilidade o arpoão com hum arpéo de esgalhos posto em huma hastea, como de hum dardo, e em o ferindo e prendendo com os galhos puxão por elle com a corda do arpéo, e o amarrão, e atracão em huma das lanchas, que são tres as que andão neste ministerio, e logo da outra arpoão a mãe, que não se aparta do filho, e como a balêa não tem ossos mais que no espinhaço, e o arpéo he pesado, e despedido de bom braço, entra-lhe athé o meio da hastea, sentindo-se ella ferida corre, e foge huma legoa, ás vezes mais, por cima da agoa, e o arpoador lhe larga a corda, e a vai seguindo athé que cance, e cheguem as duas lanchas, que chegadas se tornão todas tres a pôr em esquadrão, ficando a que traz o baleato no meio, o qual a mãe sentindo se vem pera elle, e neste tempo da outra lancha outro arpoador lhe despede com a mesma força o arpéo, e ella dá outra corrida como a primeira, da qual fica já tam cançada, que de todas as tres lanchas a lanceião com lanças de ferros agudos a modo de meias luas, e a ferem de maneira que dá muitos bramidos com a dor, e quando morre bota pelas ventas tanta quantidade de sangue pera o ar, que cobre o sol, e faz huma nuvem vermelha, com que fica o mar vermelho, e este he o signal que acabou, e morreo, logo com muita presteza se lanção ao mar cinco homens com cordas de linho grossas, e lhe apertão os queixos e bocca, porque não lhe entre agoa, e a atracão, e amarrão a huma lancha, e todas tres vão vogando em fileira athé a ilha de Taparica, que está tres legoas fronteira a esta Cidade, onde a mettem em o porto chamado da Cruz, e a espostejão, e fazem azeite.

Gasta-se de soldadas com a gente que anda neste ministerio, os dous mezes que dura a pescaria, oito mil cruzados, porque a cada arpoador se dá quinhentos cruzados, e a menor soldada que se paga aos outros he de trinta mil réis, fora comer, e beber de toda a gente; porém tambem he muito o proveito, que se tira, porque de ordinario se matão trinta ou quarenta balêas, e cada huma dá vinte pipas de azeite pouco mais ou menos, conforme he a sua grandeza, e se vende cada huma das pipas a dezoito ou vinte mil réis, além do proveito que se tira da carne magra da balêa, a qual fazem em cobros, e tassalhos, e a salgão e pōem a secar ao sol, e seca a mettem em pipas, e vendem cada huma por doze ou quinze cruzados, e nisto se não occupa a gente do azeite, que são de ordinario sessenta homens entre brancos e negros, os quaes lhe são mais affeiçoados que a nenhum outro peixe, e dizem que os purga, e faz sarar de boubas, e de outras enfermidades, e frialdades, e os senhores, quando elles vêm feridos das brigas, que fazem em suas bebedices, com este azeite quente os curão, e sarão melhor que com balsamos.

Mas com se haver morto tanta multidão de balêas, em nenhuma se achou ambar, que dizem ser o seu mantimento, nem era do mesmo talho, e especie, outra que sahio morta ha poucos annos nesta Bahia, em cujo bucho e tripas se acharão doze arrobas de ambar gris finissimo, fóra outro que tinha vomitado na praia.

CAPITULO QUADRAGESIMO PRIMEIRO

De como Zorobabé chegou á Parahyba, e por suspeito de rebellião foi preso, e mandado ao Reyno

Já no Capitulo Trigesimo Nono deste Livro disse como Zorobabé indo da guerra dos Aymorés pera a Parahyba deo de caminho, por mandado do Governador, no mocambo dos negros fugidos, matou alguns, e prendeo outros, de que levou os que quiz, e os foi vender aos brancos, com que comprou bandeira de Campo, tambor, cavallo, e vestidos pera entrar triumphante em a sua terra, da qual o vierão esperar ao caminho alguns Potiguares quarenta legoas, outros a vinte, e a dez, abrindo-lho, e limpando-lho a enxada. Só o Braço de Peixe, que era Gentio Tobajar, se deixou estar com os seus na sua aldêa, e porque o Zorobobé determinou passar por ella lhe mandou dizer que sahisse a esperal-o á entrada, pois os mais o havião feito tão longe, ao que respondeo o velho, ainda que já centenario, que fóra de guerra nunca fôra esperar ao caminho senão damas, e pois elle não era dama, nem vinha dar-lhe guerra, não se levantaria da sua rede, com a qual resposta o Zorobabé passou de largo, e foi jantar ao rio Nhioby, meia legoa da sua aldêa, por onde caminhava.

Dali mandou tambem recado aos nossos Religiosos, que nella assistião, que lhe mandassem huma dansa de conumis, que erão os meninos da escola, e lhe enramassem a igreja, e abrissem a porta, porque havia de entrar nella.

O Presidente dos Religiosos respondeo ao embaixador que os meninos com o alvoroço da sua vinda andavão todos espalhados, que a igreja não se enramava senão á festa dos Santos, mas que a porta estava aberta: entrou elle á tarde a cavallo, bem vestido, e acompanhado com sua bandeira, e tambor, e hum Indio valente com espada nua esgrimindo diante, e fazendo afastar a gente, que era innumeravel.

Com este triumpho passou pelo terreiro da igreja, e sem entrar nella se foi metter em casa, mas logo veio hum parente seu, que já era Christão, e se chamava Diogo Botelho, e athé então havia governado a aldêa, em seu lugar, a desculpal-o com os Religiosos, que não entrara na igreja por vir bebado, porém que viria o dia seguinte, como fez, mandando primeiro pôr no cruzeiro cinco cadeiras, e a do meio, em que elle se assentou, estava coberta de alto a baixo com hum lambel grande de lã listrado, nas outras se assentarão o dito seu parente, e os principaes das outras aldêas, que vierão receber, dos quaes era hum o Mequiguassú, principal em outra aldêa, que já era Christão, e se chamava Dom Philippe, ali lhe forão os Religiosos dar as boas vindas, e o levarão pera dentro, á escola onde se ensinão os meninos, em que os assentos erão huns rolos, e pedaços de páus, em que se assentarão, mas logo o Zorobabé se enfadou, e quizera ir-se se o Presidente o não detivera, dizendo-lhe que via ali junto todo o Gentio da Parahyba, e muitos Portuguezes, e que não ião a outra cousa, segundo todos dizião, senão a saber sua determinação, pelo que elle queria o dia seguinte, que era domingo, pregar-lhes, e porque na pregação se não podia dizer senão a verdade, a queria saber delle neste particular, por isso que não lha negasse; ao que respondeo que sua determinação era ir dar guerra ao Milho Verde, que era hum principal do sertão, que lhe havia morto hum sobrinho Christão chamado Francisco, e pelo seu nome antigo Aratibá, que seu irmão o Páu Seco havia mandado a dar-lhe guerra, e pois elle por morte do pae, e filho entrava agora no governo, a queria continuar, e tomar a vingança; o Presidente lhe disse que já erão vassallos de ElRey, e não podião fazer guerra justa sem ordem sua, e do seu Governador Geral nestes Estados; e além disso, que bem sabia a condição dos seus, que tanto que a guerra fosse apregoada havião de largar a agricultura, e como á guerra não havião de ir as molheres, nem os velhos, e meninos, ficarião morrendo de fome, pelo que se lhe parecesse pregaria que roçassem, e plantassem primeiro, e que esta fosse tambem a sua falla, pera que se aquietassem, no que elle consentio, e assim se tornarão ás suas aldêas quietos.

O Zorobabé foi tambem visitado de muitos brancos da Parahyba, com boas peroleiras de vinho, e outros presentes, ou por seus interesses de Indios, por seus serviços, e empreitadas, ou por temor que tinhão da sua rebellião, por

o verem tam pujante, o qual temor era tam grande que o Capitão da Parahyba, excitado dos de Tamaracá, e Pernambuco, não cessava de escrever ao Presidente que vigiasse, porque se dizia estar o Gentio rebellado com a ida deste principal, o que os Religiosos não sentião em algum modo, porque o achavão mui obediente, só se queixou huma vez que não ião á sua casa, como fazião os mais moradores da Parahyba, ao que responderão os Religiosos que não ião lá porque não era Christão, e tinha muitas molheres, e elle disse que cedo as largaria, e ficando com só huma se baptizaria, que já pera isto tinha mandado criar muitas gallinhas, porque elle não era vilão como os outros, que comião nas suas bodas, e baptismo carne de vacca, e caças do matto, mas que o seu banquete havia de ser de gallinhas, e aves de penna: comtudo, quando se embebedava era inquieto e revoltoso, e foi crescendo tanto o medo nos Portuguezes, que o prenderão e mandarão a Alexandre de Moura, Capitão mór de Pernambuco, e dahi ao Governador, os quaes na prisão lhe derão por muitas vezes peçonha na agoa e vinho, sem lhe fazer algum damno, porque dizem que receioso della bebia de madrugada a sua propria camara, e que com esta triaga se preservava e defendia do veneno; finalmente o mandarão pera Lisboa, donde por ser porto de mar, do qual cada dia vem navios pera o Brasil, em que podia tornar-se, o mandarão aposentar em Evora Cidade, e ahi acabou a vida, e com ella as suspeitas da sua rebellião.

CAPITULO QUADRAGESIMO SEGUNDO

Do que aconteceo a huma náu Flamenga, que por mercancia ia á Capitania do Espirito Santo carregar de páu brasil

Costumavão ir ao Brasil urcas Flamengas despachadas, e fretadas em Lisboa, Porto, e Vianna com fazendas da sua terra, e de mercadores Portuguezes, pera levarem assucar, entre as quaes foi huma á Capitania do Espirito-Santo, e pedio o Capitão della ao Superior da casa dos Padres da Companhia, que ali tem Doutrina de Indios a seu cargo, que lhe mandassem fazer por elles huma carga de páu brasil na aldêa de Reritiba, onde ha muito, e tem bom porto, e o anno seguinte tornaria a buscal-o, e lhes trarião a paga em ornamentos pera a igreja, ou no que quizessem; deo o Padre conta disto ao Procurador, que ali estava, dos contractadores do páu, e com o seu beneplacito se fez na dita aldêa, porém sendo ElRey informado que por essas urcas serem mais fortes, e artilhadas, todos querião carregar antes nellas, e cessava a navegação dos navios Portuguezes, e quando os quizesse pera armadas não os teria, nem homens que soubessem a arte de navegar, parecendo-lhe bem esta razão a ElRey, e outras que o moverião, escreveo ao Governador Diogo Botelho, e aos

mais Capitães, não consentissem mais em suas Capitanias entrar navio algum de estrangeiros por via de mercancia, nem por outra alguma, mas os mettessem no fundo, e perseguissem como a inimigos.

Depois desta prohibição chegou o Flamengo á barra do Espirito-Santo, e não achou já o Padre Superior, por ser mudado pera o Rio de Janeiro, senão outro, que lhe não fallou a proposito, foi-se á aldêa onde o páu estava junto, e porque tambem os Padres, que lá estavão, lho não deixarão carregar, tomou quatro Indios, e se foi ao Cabo Frio desembarcar, e dali por terra disfarçado a fallar com o Padre no Collegio do Rio de Janeiro, o qual lhe disse que não tratasse disso, porque ElRey o tinha prohibido, antes se tornasse com toda a cautela, porque se Martim de Sá, Governador do Rio, o sabia, lhe custaria a vida; não se tornou com tanto segredo o Flamengo, que Martim de Sá o não soubesse, e assim mandou logo cinco canoas grandes com muitos homens brancos, e Indios frecheiros, e seu tio Manoel Corrêa por Capitão, o qual chegou ao Cabo Frio a tempo que os achou em terra com alguns Flamengos, carregando a lancha de páu brasil, que ali estava feito, e lha tomou, e prendeo a todos, voltando outra vez pera o Rio de Janeiro, onde não achou o sobrinho, que era ido por terra ao mesmo Cabo Frio, e quando lá chegou, e não achou as canoas pera ir tomar a náu, que estava ao pego, se tornou com muita colera, e aprestou brevemente quatro navios, que estavão á carga, e sahio em busca da náu dos Flamengos, que já andava á vela, mandou-lhes fallar pelo seu mesmo Capitão, que levava preso, que não atirassem, e se deixassem abalroar, e elles assim o fizerão mettidos todos debaixo da xoreta, sem apparecer algum; houve Portuguezes que a quizerão desenxarcear, ou cortar-lhe os mastos; respondeo Martim de Sá que a náu era já sua, e não a queria sem mastos e enxarcea.

Era isto já de noite, e os nossos passavão por cima da xareta como por sua casa, quando os Flamengos e Indios, que com elles ião, começarão a pical-os debaixo com os piques, e da proa, e popa dispararão duas roqueiras cheias de pedras, pregos, e pelouros, com que fizerão grande espalhafato, matarão alguns, e ferirão tantos, que os obrigarão deixar-lhe a náu, e irem-se curar á Cidade. Os Flamengos, que se virão livres, se forão á ilha de Santa Anna quinze legoas do Cabo Frio pera o Norte, a tomar agoa, de que estavão faltos, e ha ali boas fontes, e bom surgidouro pera náus, e porque não tinhão batel fizerão huma prancha em que forão cinco com os barris á terra, e pondo hum no pico da ilha a vigiar o mar, os quatro enchião os barris, e os ião levando poucos e poucos.

Não ficavão na náu mais que outros quatro homens, e dous moços, porque a mais gente lhes havião levado as canoas, o que considerado pelos Indios, que tambem erão quatro, remetteo cada hum a seu com facas e treçados, e como estavão descuidados facilmente forão mortos, os dous moços grumetes reservarão feichando-os na camera, porque não avisassem aos da agoa, quando

viessem, e porque depois os ajudassem na navegação; e assim em chegando os da agoa a bordo os matarão, e cortadas as amarras largarão as velas ao vento Sul, que então ventava e era em popa, pera a sua aldêa, mas como não sabião navegar aos bordos, e estando já perto della se virou o vento ao Nordeste, tornarão a voltar pera o Cabo Frio, passarão-no, e ião perto da barra do Rio de Janeiro, quando outra vez lhe ventou o Sul, e como do Cabo Frio ao Rio corre a Costa de Leste a Oeste, e o Sul lhe fica travessão, ali deo a náu atravez, e se fez em pedaços, salvando-se todavia os Indios a nado, que levarão a nova á Martim de Sá, o qual posto que já tinha acabado o seu governo, porque em aquelle mesmo dia entrou seu successor Affonso de Albuquerque, ainda com seu beneplacito foi vêr se podia salvar algumas fazendas das que sahião pela Costa, mas poucas se aproveitarão, por virem todas dos mares danadas e desfeitas.

CAPITULO QUADRAGESIMO TERCEIRO

Da segunda jornada, que fez Pero Coelho de Souza á Serra de Boapabba, e ruim successo que teve

O Capitão Pero Coelho de Souza, de quem tratamos em o Capitulo Trinta e Sete, se partio com molher e filhos em huma caravella, e foi desembarcar em Syará, onde havia deixado o Capitão Simão Nunes com os soldados, que ali estiverão anno e meio, em hum forte de taypa, que fizerão aguardando o soccorro do Governador, o qual como não chegasse, e houvesse já muita falta de roupas, e mantimentos, requererão os soldados que se retirassem ao rio de Jaguaribe, donde, por ser mais perto de povoado, poderião ir pedir o soccorro, o que por ventura fizerão, pera de lá lhe ficar mais perto, e facil a fugida, que fizerão, porque logo Simão Nunes pedio licença ao Capitão Mór pera passar da outra banda do rio a comer fructa, e como lá se virão não se curarão de colher fructa senão de se acolherem, o que visto pelo Capitão, e que lhe não ficavão mais que dezoito soldados mancos, e por isso não forão com os outros, e dos Indios só hum chamado Gonçalo, porque tambem os mais fugirão, determinou tornar-se pera sua casa, e com este, e com alguns soldados menos mancos ordenou huma jangada de raizes de mangues, em que poucos e poucos passarão todos o rio, e como o tiverão passado, mandou marchar cinco filhos diante, dos quaes o mais velho não passava de dezoito annos, logo os soldados, e detraz elle e sua molher, todos a pé, logo nesta primeira jornada a sentir o trabalho, porque, tanto que a calma começou a cahir, não havia quem pudesse pôr o pé na arêa de quente, começava já o choro das crianças, os gemidos da molher, e lastima dos soldados, e o Capitão fazendo seu officio, animando, e dando coragem a todos.

No segundo dia já o Capitão carregava dous filhos pequenos ás costas por não poderem andar, e começavão as queixas de sede, que se não remediou senão ao terceiro dia por noite em hua cacimba, ou poço de agoa doce junto de outras duas salgadas, mas não havendo mais espaço de entre ellas que de duas braças; ali se detiverão dous dias, e encheo o Indio Gonçalo dous cabaços de agoa, com que se partirão, e caminharão algum tempo, com muito trabalho, e risco de Tapuyas inimigos, que por ali andão, e lhes vião os fumos; mas o peior inimigo era a fome e sêde, com que começarão a morrer os soldados; o primeiro foi hum carpinteiro, com o qual os que já não podião andar disserão ao Capitão que os deixasse ficar, que com morrer acabarião seus trabalhos, como acabava aquelle, mas o Capitão os animou, dizendo que fossem por diante, que Deus lhe daria forças pera chegarem aonde houvesse agoa, e de comer, com isto se levantarão, e caminharão athe morrer outro, ali se pôz Donna Thomazia, molher do Capitão, a dizer tantas lastimas, que parece se lhe desfazia o coração, vendo que tinha todos seus filhos ao redor de si, e pegando della do menor, athe o maior, dizião que athé ali bastavão caminhar que tambem querião morrer com aquelle homem, porque já não podião soffrer tanta sêde, e ella derramando de seus dous olhos dous rios de lagrimas, que bem puderão matar-lhe a sêde, se não forão salgadas, disse ao marido fosse e salvasse a vida, porque ella não queria já outra senão morrer em companhia de seus filhos, os soldados huns rebentar'.o a chorar, outros a pedir-lhe que quizesse caminhar; o Capitão dissimulando a dôr o mais que poude, disse que dali a pouco espaço estava huma cacimba de agoa, e com esta esperança tornarão a caminhar pera a agoa amargosa, que assim se chamava aquella cacimba pelo amargor da agoa, pelo que chegando a ella não houve quem a bebesse, e forão caminhando pera outra, que chamão a boa maré, passando meia legoa de mangues com lodo athe a cinta, onde acharão huns caranguejos chamados Oratús, e como athe ali se não sustentavão senão em raizes de arvores; e de hervas, pegando dos caranguejos os comião crus, com tanto gosto como se fora algum guisado muito saboroso, e muito mais depois que chegarão á cacimba de agoa, onde descansarão alguns dias.

Dali marcharão pera as salinas muitos dias, e estando nellas virão passar o barco, em que ião os Padres da Companhia, que era o soccorro que o Governador lhes mandava, mas não lhe puderão fallar, mas caminhando avante da sallina, morreo o filho mais velho ao Capitão, que era o lume de seus olhos, e de sua mãe; o que cada qual delles fez neste passo deixo á consideração dos que lerem; aqui erão já os soldados do parecer das crianças, dizendo que athé ali bastava, e sem duvida o fizerão, se a molher do Capitão, esforçando-se pera os animar, lhe não pedira que quizessem caminhar, pois tambem as crianças, o que elles começavão a fazer por seus rogos, mas estavão tam fracos que o vento os derribava, e assim se ião deitando pela praia athe que o Capitão, que se havia adiantado cinco ou seis legoas com dous soldados mais

valentes a buscar agoa, tornou com dous cabaços della, com que os refrigerou pera poderem andar mais hum pouco, donde virão pela praia vir huns vultos de pessoas, e era o Padre Vigario do Rio Grande, o qual pelo que lhe disserão os soldados fugidos os vinha esperar com muitos Indios, e redes pera os levarem, muita agoa e mantimentos, e hum crucifixo em a mão, que em chegando deo a beijar ao Capitão, e aos mais, o que fizerão com muita devoção, e alegria, com muitas lagrimas, não derramando menos o Vigario, vendo aquelle espectaculo, que não parecião mais que caveiras sobre ossos, como se sóe pintar a morte, e com muita caridade os levou, e teve no Rio Grande, athe que se forão pera a Parahyba, donde Pero Coelho de Souza se foi ao Reyno requerer seus serviços, e depois de gastar na Côrte de Madrid alguns annos sem haver despacho, se veio viver a Lisboa, sem tornar mais á sua casa.

CAPITULO QUADRAGESIMO QUARTO

Da missão, e jornada, que por ordem do Governador Diogo Botelho fizerão dous Padres da Companhia á mesma Serra de Boapaba, e como deferia aos rogos dos Religiosos

Não só zelou o Governador a conversão dos Gentios, que já estavão de paz na Parahyba, e pedião doutrina, como dissemos, mas tambem dos que ainda estavão na cegueira de sua infidelidade, e assim logo depois que veio pera a Bahia pedio ao Padre Provincial da Companhia Fernão Cardim mandasse dous Padres a pregar-lhes á Serra da Boapaba, onde o Capitão Pero Coelho de Souza andava, porque com isso se escusarião as guerras, que lhes fazião, e o custo dellas, e se conseguiria o fim, que se pertendia, que era sua paz, e amizade, pera se poderem povoar as terras, o que o Provincial logo fez, enviando os Padres Francisco Pinto, varão verdadeiramente religioso, e de muita oração, e trato familiar com Deus, entendendo em os costumes, e lingoas do Brasil, e Luiz Figueira, adornado de letras, e de dons da natureza, e de graça.

Estes se partirão de Pernambuco o anno de mil seiscentos e sete, em o mez de Janeiro, com alguns Gentios das suas Doutrinas, ferramenta, e vestidos com que os ajudou o Governador pera darem aos barbaros. Começarão seu caminho por mar, e proseguirão ao longo da Costa cento e vinte legoas pera o Norte athe o rio de Jagaribba, onde desembarcarão: dahi caminharão por terra, e com muito trabalho outras tantas legoas, athé os montes de Ibiapána, que será outras tantas aquem do Maranhão, perto dos barbaros, que buscavão, mas acharão o passo impedido de outros mais barbaros e crueis do Gentio Tapuia, aos quaes tentearão os Padres pelos Indios seus companheiros com dadivas,

pera que quizessem sua amizade, e os deixassem passar adiante, porém não quizerão, mas antes matarão os embaixadores, reservando sómente hum moço de dezoito annos, que os guiasse aonde estavão os Padres, como o fez, e seguindo-os muito numero delles, sahindo o Padre Francisco Pereira da sua tenda, onde estava resando, a ver o que era, por mais que com palavras cheias de amor, e benevolencia os quiz quietar, e os seus poucos Indios com as frechas pretendião defendel-o, elles com a furia com que vinhão matarão o mais valente, com que os mais não puderão resistir-lhe, nem defender o Padre, que lhe não dessem com hum páu roliço taes e tantos golpes na cabeça, que lha quebrarão, e o deixarão morto, o mesmo quizerão fazer ao Padre Luiz Figueira, que não estava longe do companheiro, mas hum moço da sua companhia sentindo o ruido dos barbaros o avisou, dizendo em lingoa Portugueza: « Padre, Padre, guarda a vida, » e o Padre se metteo á pressa em os bosques, onde guardado da Divina Providencia o não puderão achar, por mais que o buscarão, e se forão contentes com os despojos, que acharão dos ornamentos, que os Padres levavão para dizer missa, e alguns outros vestidos, e ferramentas pera darem, com o que teve lugar o Padre Luiz Figueira de recolher seus poucos companheiros, espalhados com medo da morte, e de chegar ao lugar daquelle ditoso sacrificio, onde acharão o corpo estendido, a cabeça quebrada, e desfigurado o rosto, cheio de sangue e lodo, limpando-o, e lavando-o, e composto o defuncto em huma rêde, em lugar de ataude, lhe derão sepultura ao pé de hum monte, que não permettia então outro aparato maior o aperto em que estavão: porem nem Deus permittio que estivesse assim muito tempo, antes me disse Martim Soares, que agora he Capitão daquelle districto, que o tinhão já posto em huma igreja, onde não só dos Portuguezes, e Christãos, que ali morão, he venerado, mas ainda dos mesmos Gentios.

CAPITULO QUADRAGESIMO QUINTO

De como o Governador Dom Diogo de Menezes veio governar a Bahia, e presidio no Tribunal, que veio, da Relação

Só hum anno se deteve o Governador Dom Diogo de Menezes em Pernambuco, porque teve aviso de hum galeão, que arribou a esta Bahia, indo pera a India, e posto que logo mandou o Sargento Mór do Estado Diogo de Campos Moreno, com ordem de se concertar e prover de mantimentos, e do mais que lhe fosse necessario, como em effeito se fez, gastando-se em o apresto della da Fazenda de Sua Magestade nove mil cruzados, que deu o Contractador dos dizimos, que então era Francisco Tinoco de Villa Nova, e comtudo não quiz o Governador faltar com sua presença, porque nada faltasse ao dito

galeão, pera seguir sua viagem, como seguio, mas por ir tarde, e achar ventos contrarios deo á costa em a terra do Natal, salvando-se só a gente que coube no batel, em que forão á India, donde tornarão os marinheiros em outra náu, que o anno seguinte se veio perder nesta Bahia, de que diremos em outro Capitulo.

Tratando agora do Tribunal da Relação, que este anno veio do Reyno, em que o Governador presidio, e depois os mais Governadores seus successores; veio por Chanceller desta casa Gaspar da Costa, que em breve tempo morreo, e lhe succedeo no cargo Ruy Mendes de Abreu, e como era cousa nova esta no Brasil, e athé este tempo se administrava a justiça só pelos juizes ordinarios da terra, e hum Ouvidor Geral, que vinha do Reyno de tres em tres annos, e quando a gravidade do caso o pedia se lhe ajuntava o Governador com o Provedor Mór dos defuntos, que era letrado, e os mais que lhe parecia, não deixou de haver pareceres no povo / cousa mui annexa a novidades /, dizendo huns que fossem bem vindos os Desembargadores, outros que elles nunca cá vierão; porem depois que tiverão experiencia da sua inteireza no julgar, e expediencia nos negocios, que dantes hum só não podia ter, não sei eu quem pudesse queixar-se com razão, senão o juizo ecclesiastico, porque erão nesta materia demasiadamente nimios, e á conta de defenderem a jurisdicção de ElRey, totalmente extinguião a da Igreja, o que Deus não quer, nem o proprio Rey, antes ElRey Dom Sebastião, que Deus tenha no Ceo, mandou que em todo o seu Reyno se guardasse o Concilio Tridentino, o qual manda aos Bispos que na execução de suas sentenças contra clerigos, e leigos, não usem facilmente de excommunhões, senão que primeiro prendão e procedão por outras penas, pelos seus Ministros, ou por outros, e quando já sobre isto haja algum doutor que escrevesse o contrario, parece que não he bastante emquanto outro Rey, ou outro Concilio / que bem necessario era juntar-se sobre isto / o não revogue, porque se hão de julgar aggravados os amancebados, alcoviteiros, onzeneiros, e os mais que por elles aggravão dos juizes ecclesiasticos, e que não obedeção a suas penas, ainda que sejão censuras? de que effeito he logo a jurisdicção ecclesiastica? ou porque chamão a estes casos misti fori, se ainda depois de preventa se hão de entremetter a perturbar esta, e defender os culpados, pera que se fiquem em suas culpas; não foi por certo esta a razão porque se chamarão mixti fori, senão porque andassem á porfia a quem primeiro os pudesse castigar, emendar, e extirpar da terra; não nego que quando os juizes ecclesiasticos procedem contra as regras de Direito, deve o secular desaggravar o réo, mas fóra dahi não deve, nem ElRey se serve, nem Deus, que pelo que não importa se estorve a correição dos males, e se perturbe a paz entre os que a devem zelar, como se fez depois que veio a Relação ao Brasil, e particularmente na Bahia, onde ella residia, e custava tam pouco aos aggravantes com razão, e sem ella, seguirem seus aggravos, e o ecclesiastico tem o remedio tam longe pera seus emprasamentos quanto ha

daqui ao Reyno, que são mil e quinhentas legoas ou mais; e assim chegou o Bispo deste Estado Dom Constantino de Barradas a termo de não ter quem quizesse servir de Vigario Geral.

Huma cousa vi nesta materia com a qual concluirei o Capitulo / posto que em outro me hade ser forçado tornar a ella /, e foi que tendo o dito Bispo declarado por excommungado nominatim a hum homem, aggravou pera a Relação, e sahio, que era aggravado, e não se obedecesse á excommunhão menor, que se incorre por tratar com os taes, e fugião por não se encontrar, e fallar com elle, mandou-se lançar bando que sob pena de vinte mil cruzados todos lhe fallassem, cousa que antes da excommunhão não fazião, senão os que querião, porque era hum homem particular.

CAPITULO QUADRAGESIMO SEXTO

De como Dom Francisco de Souza tornou ao Brasil a governar as Capitanias do Sul, e da sua morte

Muito se receiava no Brasil, pelo muito dinheiro que Dom Francisco de Souza havia gastado da Fazenda de Sua Magestade, que lhe tomassem no Reyno estreita conta; porem como nada tomou pera enthesourar, antes do seu proprio gastou, como o outro grão Capitão, não tratou ElRey senão de lhe fazer mercês, e porque elle não pedio mais que o Marquezado de Minas de São Vicente o tornou a mandar a ellas, com o governo do Espirito Santo, Rio de Janeiro, e mais Capitanias do Sul, ficando nas do Norte governando Dom Diogo de Menezes, como no tempo do Governador Luiz de Brito de Almeida se havia concedido a Antonio Salema.

Trouxe Dom Francisco comsigo seu filho Dom Antonio de Souza, que tambem já cá havia estado pera Capitão Mór desta Costa, e outro filho menino chamado Dom Luiz; e Sebastião Parvi de Brito por Ouvidor Geral da sua repartição, com appellação e aggravo pera Relação desta Bahia; partirão em duas caravellas de Lisboa, e chegarão a Pernambuco em vinte e oito dias, onde ainda que não era do seu governo, e jurisdicção, lhe fizerão muitas festas.

Dali se foi pera o Rio de Janeiro, e começou a entender no seu governo da terra, e o filho no mar, onde dizia Affonso de Albuquerque, que então ali era Capitão Mór, que lhe ficava pera governar senão o ar, mas presto o deixarão, porque Dom Francisco foi pera as Minas, e Dom Antonio pera o Reyno com as mostras do ouro dellas, de que levava feita huma cruz e huma espada a Sua Magestade, o que tudo os cossarios no mar lhe tomarão, nem o Governador teve lugar de mandar outra com huma enfermidade grande, que teve na Villa de São Paulo, da qual morreo estando tam pobre, que me affirmou hum Padre da Companhia, que se achava com elle á sua morte, que

nem huma vela tinha pera lhe metterem na mão, se a não mandara levar do seu Convento; mas quereria Deus alumial-o em aquelle tenebroso tranze, por outras muitas que havia levado diante, de muitas esmolas, e obras de piedade, que sempre fez.

Seu filho Dom Luiz de Souza ainda que de pouca idade ficou governando por eleição do povo athé que se embarcou pera o Reyno, tomou de caminho Pernambuco, e ali ficou casado com huma filha de João Paes; e assim cessou o negocio das minas, posto que não deixão alguns particulares de ir a ellas, cada vez que querem, a tirar ouro, de que pagão os quintos a Sua Magestade, e não só se tira de lavagem, mas da propria terra, que botão fora depois de lavada, se tira tambem com artificio de azougue.

CAPITULO QUADRAGESIMO SETIMO

Da nova invenção de engenhos de assucar, que neste tempo se fez

Como o trato e negocio principal do Brasil he de assucar, em nenhuma outra cousa se occupão os engenhos, e habilidades dos homens tanto como em inventar artificios com que o fação, e por ventura por isso lhe chamão engenhos.

Lembra-me haver lido em hum livro antigo das propriedades das cousas que antigamente se não usava de outro artificio mais que picar, ou golpear as cannas com huma faca, e o licor que pelos golpes corria, e se coalhava ao Sol, este era o assucar, e tam pouco que só se dava por mesinha; depois se inventarão muitos artificios, e engenhos pera se fazer em mor quantidade, dos quaes todos se usou no Brasil, como forão os dos pilões, de mós, e os de eixos, e estes ultimos forão os mais usados, que erão dous eixos postos hum sobre o outro, movidos com huma roda de agoa, ou de bois, que andava com huma muito campeira chamada bolandeira, a qual ganhando vento movia, e fazia andar outras quatro, e os eixos em que a canna se moia; e além desta machina havia outra de duas ou tres gangorras de páus compridos, mais grossos do que toneis, com que aquella canna, depois de moida nos eixos, se espremia, pera o que tudo, e pera as fornalhas em que o caldo se cose, e encorpora o assucar, era necessario huma casa de cento e cincoenta palmos de comprido e cincoenta de largo, e era muito tempo e dinheiro o que na fabrica della, e do engenho se gastava.

Ultimamente, governando esta terra Dom Diogo de Menezes, veio a ella hum clerigo Hespanhol das partes do Perú, o qual ensinou outro mais facil e de menos fabrica e custo, que he o que hoje se usa, que he somente tres páus postos de por alto muito justos, dos quaes o do meio com huma roda de agoa, ou com huma almanjarra de bois ou cavallos se move, e faz mover

os outros; passada a canna por elles duas vezes larga todo o summo sem ter necessidade de gangorras, nem de outra cousa, mais que cozer-se nas caldeiras, que são cinco em cada engenho, e leva cada huma duas pipas pouco mais ou menos de mel, além de huns tachos grandes, em que se põem em ponto de assucar, e se deita em fôrmas de barro no tendal, donde as levão á casa de purgar, que he mui grande, e postas em andainas lhes lanção hum bolo de barro batido na boca, e depois daquelle outro, com o assucar se purga, e faz alvissimo, o que se fez por experiencia de huma gallinha, que acertou de saltar em huma fôrma com os pés cheios de barro, e ficando todo o mais assucar pardo, virão só o lugar da pegada ficou branca.

Por serem estes engenhos dos tres páus, a que chamão entrosas, de menos fabrica e custo, se desfizerão as outras machinas, e se fizerão todos desta invenção, e outros muitos de novo; pelo que no Rio de Janeiro, onde athé aquelle tempo se tratava mais de farinha pera Angola que assucar, agora ha já quarenta engenhos.

Na Bahia cincoenta, em Pernambuco cento, em Tamaracá dezoito ou vinte, e na Parahyba outros tantos; mas que aproveita fazer-se tanto assucar se a copia lhe tira o valor, e dão tam pouco preço por elle, que nem o custo se tira.

A figura das entrosas, e engenhos de assucar, que agora se usão assim de a goa, como de bois, he a seguinte.

Neste mesmo tempo, que governava a Bahia Dom Diogo de Menezes, entrou nella por fazer muita agoa huma náu da India, da qual era Capitão Antonio Barroso, vindo primeiro em hum batel a remos o mestre, que havia ido no galeão o anno passado, chamado Antonio Fernandes, o máu, a pedir soccorro, porque vinha a náu por tres partes rachada, e já com quatorze palmos de agoa dentro, e o Governador mandou logo duas caravellas com pilotos praticos, que a trouxessem ao porto, o que não bastou pera que com a corrente da maré, que vasava, não se encostasse em huma baixa, onde por evitar maior damno lhe cortarão os mastos, e descarregarão com muita brevidade, e depois que de todo esteve descarregada, vendo que não tinha concerto, lhe mandou Dom Diogo pôr o fogo, chegando quanto puderão á terra pera se aproveitar a pregadura, como se aproveitou muita, a fazenda se entregou ao Provedor Mór, que então era o Desembargador Pero de Cascaes, o qual sobre isso foi mandado do Reyno que fosse preso, como foi, e pelejando no mar com hum cosario o ferirão em hum pé, de que ficou manco, mas no que toca á Fazenda, livrou-se bem, a qual mandou ElRey cá buscar em sete náus da armada por Feliciano Coelho de Carvalho, Capitão Mór que havia sido da Parahyba, e a levou a salvamento.

LIVRO QUINTO

DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU GASPAR DE SOUZA

ATHÉ A VINDA DO GOVERNADOR DIOGO LUIZ DE OLIVEIRA

CAPITULO PRIMEIRO

Da vinda do decimo Governador do Brasil Gaspar de Souza, e como veio por Pernambuco a dar ordem á conquista do Maranhão

Sabida por Sua Magestade a nova da morte de Dom Francisco de Souza, tornou a juntar o Governo do Brasil todo em hum, e o deo a Gaspar de Souza, e porque os Francezes em o anno de mil seiscentos e doze tinhão (*sic*) a povoar o Maranhão, dizendo que não tinhão os Reys de Portugal mais direito nelle que elles, pois Adão o não deixara em testamento mais a huns que a outros, com este pretexto trouxerão doze Religiosos da nossa Ordem Capuchinhos pera converterem os Gentios, meio efficacissimo pera com muita facilidade os pacificarem, e povoarem a terra; mandou Sua Magestade ao Governador que viesse por Pernambuco para dahi dar ordem a lançar os Francezes do Maranhão, e o povoar e fortificar, pois era da sua conquista pela Corôa de Portugal, e que Dom Diogo de Menezes, seu antecessor, se fosse para o Reyno, pois tinha acabado o seu triennio, e ficassem governando a Bahia emquanto ello a ella não vinha o Chanceller Ruy Mendes de Abreu, e o Provedor Mór da Fazenda Sebastião Borges, os quaes por serem ambos muito velhos e enfermos, ajuntou o Governador por sua Provisão Balthazar de Aragão, aqui morador, por Capitão Mór da guerra por terra, por ter aviso que vinhão inimigos á terra, e em Pernambuco, pera a do Maranhão a Hyeronimo de Albuquerque, que mandou com cem homens por mar em quatro barcos descobrir os portos, e o que nelles havia; o qual discorrendo a Costa avante do Ciará foi athé o Buraco das Tar. tarugas, e ahi fez huma cerca, e deixou hum presidio, donde mandando o Capitão Martim Soares Moreno em hum barco a descobrir o Maranhão, se tornou a Pernambuco a dar conta ao Governador do que tinha feito, e pedir mais gente,

e cabedal pera a conquista, que o Governador dilatou athé a vinda de Martim Soares, e sua informação, occupando-se entretanto no governo politico, e administração da justiça, sem em esta fazer excepção de pessoas, pelo que era amado dos pequenos, e temido dos grandes; fez tambem fazer algumas obras importantes, como foi huma formosa casa pera a alfandega sobre o varadouro, onde se desembarcão as fazendas das barcas, e algumas calçadas nas ruas da Villa, e huma mui comprida no caminho de Jaboatão, onde com a muita lama atolavão os bois e carros, e não podião trazer as caixas de assucar dos engenhos.

Em este interim foi Martim Soares seguindo sua viagem, descobrindo e reconhecendo a bahia, rios e portos do Maranhão, e por via de Indios levou recado ao Reyno que estavão ali Francezes em commercio, com o qual aviso mandou Sua Magestade ordem ao Governador que tornasse a enviar a este descobrimento o dito Hyeronimo de Albuquerque.

CAPITULO SEGUNDO

De como mandou o Governador a Hyeronimo de Albuquerque a conquistar o Maranhão

Eleito Hyeronimo de Albuquerque por Capitão Mór da conquista do Maranhão, como temos dito, se foi logo ás aldêas do nosso Gentio pacifico, e por lhes saber fallar bem a lingoa, e o modo com que se levão, ajuntou quantos quiz: hum contarei só do que houve em huma aldêa, pera que se veja a facilidade com que se leva este Gentio de quem os entende e conhece, e foi que poz a huma parte hum feixe de arcos, e frechas, a outra outro de rocas, e fusos, e mostrando-lhos lhes disse: « Sobrinhos, eu vou á guerra, estas são as armas dos homens esforçados e valentes, que me hão de seguir; estas das molheres fracas, e que hão de ficar em casa fiando; agora quero ouvir quem he homem, ou molher ». As palavras não erão ditas, quando se começarão todos a desempulhar, e pegar dos arcos, e frechas, dizendo que erão homens, e que partissem logo pera a guerra; elle os quietou, escolhendo os que havia de levar, e que fizessem mais frechas, e fossem esperar a armada ao Rio Grande, onde de passagem os iria tomar.

Não ajuntou com tanta facilidade o Governador os soldados brancos que queria mandar, porque excepto alguns, que por sua vontade se offerecerão a ir, os mais nem com prisões podião ser trazidos, porque como os trazião de longe, e por mattos dos engenhos e fazendas de noite, fugião, e de dez não chegavão quatro; porém cahio em huma traça mui boa, que foi obrigar aos homens ricos, e afazendados, que tinhão mais de hum filho, que dessem outro, com o que

lhe sobejou gente; porque nenhum homem destes mandou seu filho, sem ao menos mandar com elles hum criado branco, e dous negros.

Tambem pedio dous Religiosos da nossa Ordem, e o Prelado lhe deu o Irmão Frey Cosme de S. Damião, varão prudente, e observantissimo da sua regra, e Frey Manoel da Piedade, mui perito na lingoa do Brasil, e respeitado dos Indios Potiguares, e Tobajares, assim por seu pae João Tavares, como por seu irmão Frey Bernardino das Neves, dos quaes temos tratado no Livro precedente: e porque a guerra não havia de ser só contra os Indios, senão tambem contra Francezes, que estavão com a fortaleza feita, e já prevenidos, deo o Governador a Hyeronimo de Albuquerque por companheiro o Sargento Mór do Estado Diogo de Campos Moreno, soldado experimentado nas guerras de França, e Flandres, e que sabia bem formar hum Campo, e os ardis e tretas da peleja.

Feito isto se embarcarão todos dia de S. Bartholomeu, vinte e quatro de Agosto da éra de mil seiscentos e quatorze annos, em huma caravella, dous patachos e cinco caravellões; na caravella ia o Capitão Mór, e seu filho Antonio de Albuquerque por Capitão de huma companhia de cincoenta arcabuzeiros, de que era Alferes Christovão Vaz Moniz, e Sargento João Gonçalves Baracho; em hum dos patachos ia o Sargento Mór do Estado Diogo de Campos Moreno com quarenta homens, no outro o Capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, que ia por Almirante, com cincoenta soldados tambem arcabuzeiros, e seu Alferes Conrado Lino, e Sargento Francisco de Navaes.

Dos caravellões erão Capitães Martim Callado com vinte e cinco homens, o Sargento de Antonio de Albuquerque com doze, Luiz Machado com quinze, Luiz de Andrade com doze, e Manoel Vaz de Oliveira com outros doze, e além desta gente branca, ião mais duzentos Indios de peleja, que Hyeronimo de Albuquerque tinha escolhido nas aldêas da Parahyba, e o estavão esperando no Rio Grande os mais delles com suas molheres e familias, onde os foi tomar, e os repartio pelas embarcações, lhe requererão os Religiosos mandasse ficar as Indias, que ião sem maridos, e algumas outras, que já de Pernambuco ião amancebadas, e assim se fez.

Dali forão ao Buraco das Tartarugas, onde havia deixado o presidio, no qual se havia já provado a mão com os Francezes, que ali forão aportar em a náu Regente, e desembarcarão duzentos com o seu Capitão ás duas horas da tarde, onde lhes sahirão o Capitão Manoel de Souza e Sá com dezoito arcas buzeiros, e matando-lhes alguns os fez embarcar, ficando tambem dos nosso- hum morto, e seis feridos, e deu por causa o Monsiur a quem lhe perguntou porque se retirava, que virão muita gente na trincheira donde os nossos sahirão, e temera que vindo de soccorro lhes não poderião escapar, não tendo por possivel que tam poucos homens houvessem commettido a tantos, senão com as costas quentes (como dizião), e confiados nos muitos que trás elles sahirão, e os muitos erão vinte soldados, que havião ficado por não terem polvora, e munição, e se assumavão por cima da trincheira a ver de palanque a briga, que

na praia se fazia, mas melhor causa dera se dissera que o quiz assim Deus; e foi esta victoria como hum presagio da que havia de conseguir no Maranhão, para onde se embarcou tambem Manoel de Souza com os seus soldados, e Hyeronimo de Albuquerque o fez Capitão da vanguarda de todo o exercito.

CAPITULO TERCEIRO

Da guerra do Maranhão, e victoria que se alcançou

Do Buraco das Tartarugas se partio a nossa armada aos 28 de Setembro da dita éra, e navegando tres dias inteiros foi ao quarto surgir a huma barra de hum rio chamado a Parca, onde houve opiniões se farião algum forte, dizendo Diogo de Campos que não fossem logo buscar direitamente o inimigo aonde estava com toda a força, mas que lhe fossem pouco a pouco ganhando terra, comtudo Hyeronimo de Albuquerque disse que isso era infinito, e mandou ao Piloto Mór Sebastião Martins com o Capitão Francisco de Palhares, e treze soldados, que fossem sondar o rio, e reconhecer a terra, como forão, e tendo andado vinte legoas pouco mais ou menos derão na bahia do Maranhão da banda do Sul em hum bom porto, que lhes pareceo capaz para estar a armada surta, com a qual informação se fez toda á vela, e navegando cinco dias por onde o batel tornou, e chegou a este porto aos vinte e oito do mez de Outubro, dia dos Bemaventurados Apostolos S. Simão e Judas, donde desembarcarão na terra firme, e começarão a fazer hum forte a que chamarão de Santa Maria, no qual ainda que de faxina e materia fraca, materiam superabat opus, pela boa traça que lhe deo o Capitão Francisco de Frias, architecto mór de Sua Magestade em estas partes do Brasil, e este forte se fez ao Léste da Ilha de S. Luiz, onde estavão os Francezes, os quaes vendo as nossas embarcações, e sabendo pelos Indios, que trazido (*sic*) por espias a pouca gente, que em ellas estava, derão nellas huma noite e as tomarão com alguns marinheiros, que ainda se não havião desembarcado, e dali a oito dias, que era o de Santa Isabel Rainha de Portugal, em ellas mesmas, e nas suas, com mais quarenta e seis canoas, em que ião tres mil Indios frecheiros, se passarão da Ilha, e forão surgir espaço de dous tiros de mosquete, abaixo do nosso forte, onde logo começarão a desembarcar os das canoas, e das outras embarcações maiores, ficando o seu General Daniel de Lanche (*de la Touche*), que era Monsiur de Reverdière (*sic*), e Calvinista, em as maiores ao pego, esperando que enchesse a maré pera sahir com os mais, o que visto pelos nossos, e que se deixavão fortificar em terra, e pôr-nos cerco, não era o nosso forte bastante para lhes resistir, nem havia nelle mantimentos bastantes pera resistir á fome, determinarão sahir logo

a elles, como fizerão, indo Hyeronimo de Albuquerque com oitenta arcabuzeiros, e cem frecheiros pela montanha, e Diogo de Campos pela praia com o resto da gente, que era ainda menos, que ficavão no forte sessenta soldados e alguns Indios a cargo do Capitão Salvador de Mello, pera que se fosse necessario soccorro o désse, e indo assim marchando o Sargento Mór pela praia, chegou hum Francez trombeta, em huma canoinha, que remavão quatro Indios, e lhe deo huma carta do seu General Monsiur de Reverdiere, de grandes ameaças, se lhe quizessem resistir, e que lavava as mãos do sangue, que se derramasse, porque tinha por si o direito da guerra, e muito maior força, a qual carta o Sargento Mór metteo entre o véo do chapéo, e mandou o portador com outro véo nos olhos ao forte, pera que o tivessem preso entretanto, porque não havia já tempo pera mais outra resposta que esperar o signal, que Hyeronimo de Albuquerque havia de dar pera remetterem, o qual dado com hum grande urro, que deo o nosso Gentio ao sahir da brenha, donde o inimigo se não receiava, remetterão tambem os da praia, indo em meio delles os nossos dous Frades, Frey Manoel, e Frey Cosme, cada hum com huma cruz em a mão, animando-os, e exortando-os á victoria, que Nosso Senhor foi servido dar-lhes, em tal modo, que pouco mais de meia hora matarão setenta Francezes, e entre elles o Tenente do seu General, tomarão vivos nove, e puzerão os mais em fugida, morrendo dos nossos sómente quatro, e alguns feridos, entre os quaes foi hum o Capitão Antonio de Albuquerque, filho do Capitão, com dous pelouros de arcabuz em huma coxa.

Visto pelo General Francez este destroço dos Francezes, e dos seus indios, que ficarão muitos mortos, e os mais fugidos, e que esta fora a resposta da sua arrogante carta, se tornou pera a Ilha com a sua armada, e menos arrogancia.

CAPITULO QUARTO

Das tregoas, que se fizerão entre os nossos e os Francezes no Maranhão

Ao dia seguinte mandou o General dos Francezes outra carta a Hyeronimo de Albuquerque, em que lhe fazia cargo do mal que havia guardado as leis da guerra em lha dar sem primeiro responder á outra sua carta, antes lhe prender o portador, ameaçando-o que se lho não mandava com os mais que lá tinha, havia de enforcar á sua vista os Portuguezes que tinha na Ilha, que havião levado com os navios, e não se enganasse pela victoria alcançada, cuidando alcançaria outra, porque lhe havião ficado ainda muitos e bons soldados, fóra outros que esperava de França, e muitos milhares de Gentios, com que lhes havia fazer cruel guerra, e tomar vingança das crueldades, que havião

usado com os seus, e assignou-se ao pé da carta « Este seu mortal inimigo de Reverdiere. » A esta respondeo Hieronymo de Albuquerque que elle Senhor de Reverdiere fora o que quebrara as leis, e pratica da guerra, mandando-lhe tomar os navios, que estavão com quatro pobres marinheiros, desarmados no porto da conquista de Sua Magestade, sem lhe escrever primeiro, senão depois de ter lançado em terra junto ao seu forte tresentos Francezes, e tres mil Indios armados, que se começavão a fortificar donde já não havia outra resposta senão a que dá o direito, que he com huma força desfazer outra, e que se elle lá enforcasse os Portuguezes captivos, mal seria, que faria aos seus, que cá tinhão; estas, e outras razões continha a carta, a que logo o Francez respondeo com outra já mais branda e cortez, e assim forão as que dali por diante se escreverão de parte a parte, e por fim succedeo como a jogadores de cartas, que depois de grandes invites e revites, de restos vierão a partido, e concerto, sobre o qual (havido salvo conducto dos Generaes) vierão ao nosso forte de Santa Maria o Capitão Malharte, e hum Cavalleiro da Ordem de S. João, e foi aos seus navios, onde o General então estava, Diogo de Campos Moreno, collega do Capitão Mór, e o Capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, seu sobrinho, e depois de declararem huns e outros o que querião, e assentarem que o General Francez, pois commettia as pazes, fizesse os capitulos dellas, se vierão os nossos mensageiros, e se forão os seus, e ao dia seguinte tornou o Capitão Malharte com os capitulos por escripto, que erão os seguintes:

FORMA DAS TREGOAS

« Artigos acordados entre os Senhores Daniel de Lauché (*La Touche*), Senhor de la Ravardière, Lugar Tenente General do Brasil pelo Christianissimo Rey de França e de Navarra, agente de Micer Nicolas de Harley, Senhor de Sansy, do Conselho de Estado do dito Senhor Rey, e do Conselho Privado, Barão de Molé, e Grosbués; e por Micer de Rasilli, entre ambos Lugar Tenentes Generaes por ElRey Christianissimo em as terras do Brasil com cem (*sic*) legoas de Costa com todos os meridianos em ellas inclusos; e Hyeronimo de Albuquerque, Capitão Mór pela Magestade de ElRey Philippe Segundo da Jornada do Maranhão, e assim o Capitão e Sargento Mór de todo o Estado do Brasil, Diogo de Campos, collega, e collateral do dito Capitão Mór, et cetera.

Item — Primeiramente a paz se acordou entre os ditos senhores do dia de hoje athé o fim de Novembro (*sic*) do anno de mil seiscentos e quinze, durante o qual tempo cessarão entre elles todos os actos de inimizade, que hão durado de vinte e oito (*sic*) de Outubro athé hoje, por falta de saber as tenções de huns e outros, donde se seguia grande perda do sangue Christão de ambas as partes, e grandes desgostos entre os ditos Senhores.

Item — Se accorda entre os ditos Senhores que enviarão as Suas Magestades

Christianissima, e Catholica, dous Fidalgos para saber suas vontades tocantes a quem deve ficar em estas terras do Maranhão.

Item — Durante o tempo que os ditos mensageiros tardarem em tornar da Europa e trazer de Suas Magestades o accordo, e ordem do que se deve seguir, nenhum Portuguez passará a Ilha, nem Francez a terra firme de Léste sem passaporte dos Senhores Generaes, excepto elles e seus criados sómente, que poderão ir, e vir aos fortes da Ilha, e terra firme todas as vezes que lhes parecer.

Item — Que os Portuguezes não tratarão cousa alguma com os Indios do Maranhão, a qual não seja tratada pelos lingoas do Senhor Reverdiere, e nem elles consentirão pôr os pés em terra a menos de duas legoas de suas fortalezas, nem de seus portos, sem permissão do dito Senhor.

Item — Que tanto que o recado vier de Suas Magestades, a nação que se mandar ir se aprestará dentro de tres mezes pera deixar ao outro a terra.

Item — Se accorda que os prisioneiros, que forão tomados de huma parte, e da outra, assim Christãos como Gentios, fiquem livres, e sem alguma lesão; mas se alguns delles por algum tempo quizerem ficar em a parte que se achão, lhes será permittido.

Item — Que o Senhor de Reverdiere deixará o mar livre aos Senhores Albuquerque e Campos, para que possão nos seus navios fazer vir todas as sortes de vitualhas, que houverem mister, com toda a seguridade, e se succeder que lhes venha soccorro de gente de guerra, nem por isso haverá alteração alguma emquanto durar o tempo da paz, da maneira que está assentado.

Item — Que nenhum accidente em controversia do que está assentado por estes Senhores terá capacidade de fazer romper este contracto de paz, a causa das grandes allianças, que hoje ha entre Suas Magestades, e o prejuizo que pode vir em alterar-se; e se succeder algum caso de aggravo entre os Christãos ou Gentios de huma e outra parte, a nação aggravada fará a sua queixa ao seu General pera lhe dar remedio, e quanto a outras cousas de menos importancia os ditos Senhores não as especificão, porque se confião em suas palavras, em as quaes não faltarão jamais, como gente de honra, e para seguridade, e firmeza de tudo o atraz declarado mandarão fazer estas, em que todos tres os ditos Senhores se assignarão, e sellarão com os sellos de suas armas, feita em armada Franceza, diante o forte dos Portuguezes em o rio Maranhão, vinte e sete de Novembro de mil seiscentos e quatorze annos. »

Depois de apresentados estes Capitulos, e vistos pelos nossos Capitães, ao dia seguinte vierão Monsiur de Reverdiere, e Monsiur del Prate (*du Prat*), e Frey Angelo, Commissario dos Capuchinhos, com tres Frades companheiros, e outros Fidalgos Francezes com mostras de muita alegria, a que da nossa parte se respondeo com a mesma, e se assignarão as pazes em o nosso forte de Santa Maria, onde estiverão todo o dia, e á tarde se embarcarão com grande salva de artilharia, e se forão pera a Ilha.

Os que levarão esta embaixada á Hespanha forão o Sargento Mór Diogo de Campos, e com elle como em refens o Capitão Malharte Francez, e da mesma maneira foi como embaixador Francez o Capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, que lá morreo, e tambem se forão logo os Frades Francezes, vendo o pouco fructo que fazião na doutrina dos Gentios, por lhe não saberem a lingoa, deixando aos dous da nossa Custodia, que a entendião, e sabião seus modos, e não forão pouco admirados de ver que nestas partes tam remotas houvesse Religiosos tam observantes da regra do nosso Seraphico Padre S. Francisco, não menos o ficarão os nossos de ver que Religiosos de tanta virtude, e autoridade viessem em companhia de hereges, posto que nem todos o erão, que muitos erão Catholicos Romanos, que ouvião missa, confessavão-se, e commungavão-se ; tambem se partio Manoel de Souza de Sá em hum caravellão com a nova ao Governador Geral Gaspar de Souza, mas arribou ás Indias, e de lá a Lisboa, donde com a nova lhe trouxe juntamente cartas de Sua Magestade, e ordem do que havia de fazer.

CAPITULO QUINTO

Do soccorro, que o Governador Gaspar de Souza mandou por Francisco Caldeira de Castello Branco ao Maranhão

Entendendo o Governador a necessidade que haveria no Maranhão de soccorro assim de gente como de munições e mantimentos, logo em o anno seguinte de mil seiscentos e quinze, ordenou outra armada, de que mandou por Capitão Mór Francisco Caldeira de Castello Branco, por Almirante Hyeronimo de Albuquerque de Mello em huma caravella, o Capitão Francisco Tavares em outra, e João de Souza em hum caravellão grande.

Partirão do Recife, porto de Pernambuco, em dez dias do mez de Junho da dita éra, e aos quatorze chegarão á enseada de Mucuripe, que dista da fortaleza do Siará tres legoas, onde ancorarão, e sahio a gente em terra a se lavar e refrescar, porque ião alguns doentes de sarampo, que com isto guarecerão, e os sãos pescarão com huma rede, que lhe deo o Tenente da fortaleza, e tomarão muito peixe.

Aqui achou o Capitão Francisco Caldeira tres homens, que Hyeronimo de Albuquerque, Capitão Mor do Maranhão, mandava por terra pedir soccorro ao Governador, e estes erão Sebastião Vieira, Sebastião de Amorim, e Francisco de Palhares, dos quaes os dous primeiros não deixarão de continuar seu caminho com as cartas, que levavão do Maranhão, e outras que daqui se escreverão, mas o Palhares se embarcou na armada assim pelo soccorro, que já nella

ia, como por dizer o Tenente que havia poucos dias se partira daquelle porto hum patacho, que tambem ElRey mandara de Lisboa com munições e polvora, e mais cousas necessarias, aos dezasete se tornou a nossa armada a fazer á vela, e foi ancorar ao Buraco das Tartarugas aos dezoito, donde mandou o Capitão Mór hum lingoa com alguns Indios a huma aldêa da gente do Diabo Grande, que era hum principal dos Tobajares assim chamado, ficando entretanto os mais pescando em a praia, e comendo aboberas e melancias, que acharão ali muitas, das plantas que havia deixado Manoel de Souza de Sá quando ali esteve, e Hyeronimo de Albuquerque quando passou; e depois de tomar lingoa com os nossos Indios, e mais quatro, que se offerecerão do Diabo Grande pera a viagem, a tornarão a seguir athé a barra do rio Apereá, onde surgirão dia de S. João Baptista, e ao entrar tocou o patacho, em que ia o Capitão Mór, em hum banco de arêa, de que escapou milagrosamente, porque havendo só cinco palmos de agoa, e demandando o Capitão dez, indo com as velas todas enfunadas o cortou, ou saltou como quem salta a fogueira de S. João, e se poz da outra parte do banco onde era fundo: dali mandou hum barco com seis homens do mar, e tres soldados, de que ia por Capitão Francisco de Palhares, pera que fossem dar nova a Hyeronimo de Albuquerque de como ali estavão, e lhes mandasse pilotos que os levassem pelo rio dentro, ou ordem do que havião de fazer, como logo lhes mandou dous pilotos, os quaes forão de parecer que não fossem por dentro, por causa de ser o rio de pouco vento, e muitos baixos, por conseguinte a viagem arriscada, e quando menos detençosa, e assim tornarão a desembarcar, e forão por fora em dous dias surgir ao nosso porto da nossa fortaleza de Santa Maria vespora da Visitação da Senhora, que não foi pequeno contentamento do Capitão Mór Hyeronimo de Albuquerque, e dos mais que ali estavão soffrendo grandes necessidades, vendo que os visitava o Senhor em aquelle dia com tam grande soccorro, e assim se festejou com salva de toda a artilharia e arcabuzaria de parte a parte, como pelo contrario se entristecerão os Francezes, entendendo que alterarião os nossos as pazes, que com elles tinhão feito; e assim succedeo, que acabado de descarregar os navios da fazenda, mantimentos, polvora, e munições, que levavão, feita entrega de tudo ao Almoxarife, e dos soldados ao Capitão Mór, com que reformou as companhias, que tinha, e fez mais duas de novo de sessenta homens cada huma, que entregou a Hyeronimo de Albuquerque de Mello, seu sobrinho, e a Francisco Tavares.

Logo mandou chamar o General dos Francezes Monsiur Raverdiere, e depois de lhe fazer huma formosa mostra da sua soldadesca da praia, onde o foi receber com Francisco Caldeira athé a fortaleza, se recolherão todos tres pera dentro, e lhe disse o Capitão Mor como Francisco Caldeira de Castello Branco levava ordem do Governador Geral Gaspar de Souza pera por armas, quando não quizesse por vontade, lhe fazer despejar o Maranhão, e as fortalezas, que tinha na Ilha de S. Luiz, porque não havia consentido nas tregoas, nem ainda sabia dellas; ao que o Raverdiere respondeo que conforme o con-

certo que tinhão feito, se devia esperar resposta de seus Reys, a quem tinhão escripto, e não anovar nem alterar cousa alguma; mas comtudo que iria dar conta aos seus do que se tratava, e brevemente responderia, o que fez dahi a quatro dias, pedindo que fossem lá o Capitão Caldeira, e o Padre Frey Manoel da Piedade, propor aos seus o que se havia tratado, e que elles levarião a ultima resolução, e resposta do negocio, os quaes se embarcarão na mesma lancha Franceza, que havia levado a carta, e desembarcando na Ilha de S. Luiz se forão á fortaleza do nome do mesmo Santo, onde os Francezes estavão, e se detiverão lá em altercação treze dias, da qual dilação presumindo mal Hyeronimo de Albuquerque começava já aperceber pera levar o negocio á força, e lhe fôra muito facil por ter já todo o Gentio do Maranhão inclinado ao ajudarem contra os Francezes; porém elles se resolverão em largar tudo sem mais contenda, dando-lhes embarcações, em que se fossem pera França, pelo que se passarão os nossos pera a Ilha, a hum forte e cerca, que fizerão, a que puzerão o nome de S. Joseph, e ali os deixemos por ora, porque importa tratar de outras cousas.

CAPITULO SEXTO

De como o Capitão Balthazar de Aragão sahio da Bahia com huma armada contra os Francezes, e se perdeo

Recebendo Balthazar de Aragão a Provisão de Capitão Mór da Guerra desta Bahia, junto com o aviso da vinda dos inimigos Francezes, como dissemos no Capitulo Primeiro, logo começou a perceber e fortificar assim a Cidade como a praia, cercando-as de suas cercas de páu a pique, com tanta diligencia que a todo o instante trabalhava com os seus escravos, e criados sem occupar a outros, senão era a officiaes de carpinteiros, e pedreiros, com que fez de pedra e cal o muro e portal da barda do Carmo, que athé então era de terra de pilão, reformou e fortificou as portas, o que tudo pagou da sua bolça, e athe os páus pera a cerca da praia mandou vir quazi todos nas barcas dos seus engenhos; estando assim prestes aguardando os inimigos, soube que andavão na barra pera a parte do morro de São Paulo seis náus Francezas, e aprestando das Portuguezas, que estavão á carga outras tantas, elle se embarcou em huma sua, que já tinha dentro tresentas caixas de assucar, levando comsigo suas charamellas, baixella de prata, e as mais ricas alfaias de sua casa, porque determinava levar logo de lá a preza ao Governador, que estava em Pernambuco.

Das outras náus deo a melhor a Vasco de Brito Freire, que fez seu Almeyrante, e as outras a Gonçalo Bezerra, e Bento de Araujo, que erão Capitães de ElRey, e comião seu soldo nesta Cidade, e ao Alferes Francisco do Amaral,

e a outro chamado Queirós; no dia seguinte depois que partirão, e foi o do Bemaventurado Apostolo S. Mathias, encontrarão com os Francezes, e pelejarão de parte a parte animosamente, e os nossos com muita ventagem, porque lhes tomarão huma náu, e lhes tratarão a Almeyranta tam mal, que ao outro dia seguinte se foi ao fundo, só a Capitania quiz Balthazar de Aragão poupar, não querendo que lhe tirassem senão abalroar com ella, e tomal-a sã e inteira pera a levar por tropheo em seu triumpho, mas não sei se com este vento se com outro, que lhe deo nas velas, quando ia já pera a ferrar pendeo tanto a sua náu, que tomou agoa pelas portinholas da artilharia, e calando-se pelas escotilhas, que ião abertas, foi entrando tanta, que em continenti se foi ao fundo com seu dono, o qual quando se fazia, dizem que dizia «Faço o meu ataude», e com elle se afogarão mais de duzentos homens assim dentro na náu, como nadando no mar, donde não houve quem os tomasse, porque a Almeyranta se recolheo, e os mais com elle, podendo seguir a victoria com muita facilidade, e se alguns se salvarão foi nadando athé ás náus dos inimigos, que os tomarão, como foi Francisco Ferraz, filho do Desembargador Balthazar Ferraz, que era sobrinho da molher do Aragão, o qual depois deitarão os Francezes em terra sessenta legoas do Rio Grande pera o Maranhão com outros dous ou tres homens, onde de fome e cansaço do caminho morreo ao passar de hum rio á pura mingoa, sendo que tinha de patrimonio nesta Bahia mais de cincoenta mil cruzados, porque tambem seu pae morreo logo de desgosto; e publicamente se disse ser justo juizo de Deus por hum caso exorbitante, que pouco antes havia acontecido, e foi o seguinte.

Tinha Balthazar Ferraz aqui hum sobrinho, o qual se namorou de huma moça casada com hum mancebo honrado, e chegou a tirar-lha de casa, e trazel-a de sua mão por onde queria, e finalmente mandal-a pera Vianna donde era natural; querelou delle o marido, diante do Ouvidor Geral Pero de Cascaes, que o prendeo valorosamente, e preso na cadêa se livrou athé final sentença, trabalhando o tio tanto em desviar testemunhas, recusar a parte, e outras astucias, que os Desembargadores o julgarão por solto, e livre, e se os pregadores o estranhavão no pulpito, dizião que erão huns ignorantes, e que nunca outra mais justa sentença se dera no mundo, e assim não havia mais remedio que appellar pera Nosso Senhor Jesus Christo, o qual como recto juiz permittio que o réo se embarcasse com o primo e parente, e todos acabassem desastradamente, e o tio que se não embarcou tambem com elles.

Outro mancebo chamado Agostinho de Paredes foi a nado athé a Almeyranta dos inimigos, mas como estavão colericos por lhe terem a náu tam maltratada, não o quizerão recolher, antes indo subindo o ferirão com hum pique em hum hombro, de que depois de escapar do naufragio, e dos tubarões, que o ião seguindo pelo sangue, nadando mais de huma legoa pera a terra, esteve a ponto de morte em mãos de Surgiões, mas sarou, e viveo depois muitos annos.

CAPITULO SETIMO

Da vinda do Governador Gaspar de Souza de Pernambuco á Bahia, e do que em ella fez

Depois que o Governador mandou o Capitão Francisco Caldeira de Castello Branco com o soccorro ao Maranhão, e soube o successo da morte do Capitão Balthazar de Aragão na Bahia, pela qual nella sua presença mais necessaria, deo huma chegada, e não esperou que o fossem receber com palio e solemnidade, como se soe fazer aos Governadores quando vem, mas secretamente, com só hum criado se foi metter em casa, dizendo que o fazia por sentimento da morte de Balthazar Aragão.

O dia seguinte foi á Sé. O primeiro dia que foi presidir a Relação fez huma pratica aos Desembargadores ácerca das queixas, que delles tinha ouvido, de que não ficarão mui contentes, e se as de ouvido lhes não ficarão no tinteiro, menos lhe ficou depois alguma, se a vio, que logo a não reprehendesse.

He incrivel o cuidado com que Gaspar de Souza vigiava sobre todos os ministros, e Officios de justiça, e Fazenda, da milicia e da Republica, sem lhe escapar o erro ou descuido do almotacé, ou de algum outro, que não emendasse. Esta era a sua occupação, não jogos e passatempos, com que outros Governadores dizem evitão a ociosidade, os quaes elle desculpava, dizendo que terião mais talento, pois com lidar, e trabalhar de dia, e de noite, nas cousas do Governo confessava de si, que não acabava de remedial-as, mas foi pouco venturosa a Bahia em não o gozar muito tempo, porque não havia estado nella quatro mezes, quando foi chamado a Pernambuco, pelo recado de ElRey, que lhe veio ácerca do Maranhão, e assim fez huma junta, ou vestoria na Sé com os Desembargadores, e Officiaes da Fazenda, da Camera, e da architectura, sobre se a derribarião, e farião de novo, ou repararião somente o que estava arruinado, que era hum arco da nave, huma parede, e o portal principal, e posto que o seu voto era que só se reparassem as ruinas, accrescentasse a Capella Mór, e se fizesse hum côro alto, que ainda não havia; comtudo os mais votos forão que se fizesse de novo, como se começou a fazer, pera tarde ou nunca se acabar; com isto se embarcou o Governador pera Pernambuco, e ficarão governando a Bahia o Chanceller Ruy Mendes de Abreu, e o Provedor Mór da Fazenda Sebastião Borges, como dantes.

CAPITULO OITAVO

De como o Governador tornou pera Pernambuco, e mandou Alexandre de Moura ao Maranhão

O Governador se embarcou em huma caravella de Castelhanos, que nesta Bahia estava invernando pera no verão ir ao Rio da Prata, e esta viagem acertei de ir a Pernambuco com elle, e fomos em poucos dias, mas hum antes

de chegarmos houve tam grande tromenta do Sul, que temendo o Governador de se sossobrar a caravella com as grandes marés, mandou soltar dos ferros os presos, que levava condemnados á conquista do Maranhão, e me mandou pedir alguma reliquia, pera deitar ao mar, e que fizessemos as nossas deprecações a Deus Nosso Senhor, como fizemos, e meu companheiro lhe mandou o cordão com que estava cingido, o qual pendurarão do bordo athé o mar, e quiz Nosso Senhor que a caravella em continente se quietasse, e moderasse o vento, e os mares, de modo que ao dia seguinte entramos com bonança.

O que visto pelos Castelhanos não quizerão tornar o cordão, dizendo que por elle esperavão ir seguros de tempestades ao Rio da Prata, nem foi esta só a vez, mas infinitas as que Deus por meio do cordão do nosso Seraphico Padre São Francisco ha livrado a muitos de naufragios, e feitas outras muitas maravilhas, pelo que lhe sejão dadas infinitas graças, e louvores.

O Governador achou a Manoel de Souza de Sá, que o estava aguardando com cartas de ElRey em Pernambuco sobre o negocio do Maranhão, em cujo cumprimento aprestou logo nove navios, quatro grandes e cinco pequenos, com mais de novecentos homens entre brancos e Indios, com plantas, e gados pera povoarem a terra, e armas pera a fazerem despejar aos Francezes, quando não quizessem de outro modo, porque assim o mandava ElRey, e porque neste tempo era já vindo Vasco de Souza pera Capitão Mór de Pernambuco, e vagava Alexandre de Moura, que o havia sido, lhe encarregou o Governador esta empreza, dando-lhe todos os seus poderes pera prover nos Officios da Republica e Milicia como lhe parecesse.

Foi por Almeyrante desta frota Payo Coelho de Carvalho, que tambem havia acabado de ser Capitão Mór de Tamaracá, e depois de se ir do Maranhão pera o Reyno, se fez Religioso da Ordem do nosso Padre São Francisco na Provincia da Arrabida. Os Capitães dos outros navios erão Hyeronimo Fragoso de Albuquerque, Manoel de Souza de Sá, Manoel Pires, Bento Maciel, Ambrosio Soares, Miguel Carvalho, André Corrêa; o Capitão Mór Alexandre de Moura levou comsigo dous Padres da Companhia de Jesus, e com este sanctissimo nome se partirão do Recife a cinco de Outubro da éra de mil seiscentos e quinze.

O Governador nem por andar occupado em estas cousas deixava de entender nas do Governo da terra, como fez em tempo de Alexandre de Moura, de que Vasco de Souza menos soffrido se enfadou muito, e mandou seu irmão Religioso da Ordem do nosso Padre, que comsigo trouxe, com requerimento a ElRey que se servisse delle em outra cousa, porque ali estava occioso, e só o Governador fazia tudo, pelo que ElRey, ouvidas suas razões, lhe mandou Provisão pera que viesse por Capitão Mór da Bahia, e a governasse, como o fez.

CAPITULO NONO

De huma armada de Hollandezes, que passou pelo Rio de Janeiro pera o Estreito de Magalhães, e de outra de Francezes, que foi carregar de páu brasil ao Cabo Frio, et cætera

Em este tempo sendo Capitão Mór do Rio de Janeiro Constantino de Menelau, que succedeo a Affonso de Albuquerque, foi aportar á enseada do rio da Marambaia, que dista nove legoas abaixo do Rio de Janeiro, huma armada de seis náus Hollandezas, cujo General se chamava Jorge: soube-o Martim de Sá, que tinha hum engenho ali perto na Tujuca, e entendendo como experimentado que por necessidade de agoa ião ali, e que havião de desembarcar com o beneplacito do Capitão Mór, a quem escreveo, se foi lá huma noite com doze canoas de gente, em que irião tresentos homens Portuguezes, e Indios, os quaes deixando-as escondidas no rio, se desembarcarão dellas, e conjecturando por tres bateis, que virão na praia da enseada, que andavão Hollandezes em terra, como de feito andavão huns á agoa, outros ás fructas, bem descuidados, os cercarão, e derão sobre elles tam subitamente, que ainda que se quizerão defender trinta e seis Hollandezes que erão, não puderão, antes lhes matarão vinte e dous, e captivarão quatorze com as lanchas, sem que das náus lhes pudessem valer, porque ficavão longe, e logo se fizerão á vela pera seguir sua viagem, que era pera o Estreito de Magalhães, e por elle ao mar do Sul, e Costa do Perú, onde passarão, e metterão no fundo algumas náus, que encontrarão, as quaes parece que não erão de tam boa madeira, como outras, que depois encontrarão de Manilha, que he huma das Ilhas Philipinas, com que se combaterão tambem fortemente, mas emfim não as poderão levar, porque segundo me disse hum Hollandez, que se achou presente, e era Surgião de officio, era tal a madeira daquellas náus de Manilha, que a passava o pelouro, e logo se serrava o buraco por si mesmo sem unguentos, nem outra cousa, o que não tinhão as suas Hollandezas, antes lhe metterão duas no fundo, e fugio huma, e tomarão as outras, captivando a gente, que ficou com vida, mettendo-os a rogar nas galés com tanta fome e trabalho, que tomarão antes a morte, segundo este Surgião dizia.

Os outros, que tomarão no Rio de Janeiro, quizera Martim de Sá tomar á sua conta, pera que andassem soltos, e levou pera sua casa hum chamado Francisco, e o regalou....

NB. O resto deste Capitulo Nono não está no Manuscripto, nem nas Emendas; alem disto salta deste Capitulo para o Decimo Oitavo, havendo portanto huma falta de oito Capitulos: o Capitulo Decimo Oitavo he o seguinte.

CAPITULO DECIMO OITAVO

De como estando provido Henrique Corrêa da Silva por Governador do Brasil, não veio; a causa porque; e como veio em seu lugar Diogo de Mendonça Furtado

Tendo Dom Luiz de Souza acabado o triennio do seu governo do Brasil, e sua molher a Condessa de Medelim na Côrte, que requeria sua ida, proveo Sua Magestade o cargo em Henrique Correa da Silva, que o aceitou de boa vontade, e bom zelo, segundo alcancei algumas vezes que com elle fallei em Lisboa, onde me achei em aquelle tempo, no qual determinou Duarte de Albuquerque Coelho de mandar seu irmão Mathias de Albuquerque a governar a sua Capitania: porque os mais Governadores, depois que Diogo Botelho a encetou, se vinhão ali em direitura, por se não encontrarem em pontos de preeminencias, que como são pontos são indivisiveis, e cada hum os quer todos pera si. Alcançou huma Provisão de Sua Magestade, que se notificou ao Governador Henrique Correa, pera que se viesse em direitura á Bahia sem tocar Pernambuco, e se de arribada, ou de qualquer outro modo lá fosse lhe não obedecessem; ao que elle respondeo que nem a Pernambuco, nem ao Brasil viria, porque não havia de dar homenagem das terras, que não podia vêr como estavão fortificadas, e o que havião mister pera serem defendidas, e governadas como convem. Pelo que Sua Magestade, se havia de ser com aquella condição, podia prover o cargo em outrem, como de feito proveo logo em Diogo de Mendonça Furtado, que havia vindo da India onde estava casado, e andava requerendo na Côrte a satisfação de seus serviços.

Diogo de Mendonça se aprestou o mais breve, que poude; e porque os Desembargadores, que vierão com Dom Diogo de Menezes, huns erão mortos, outros idos pera o Reyno com licença de ElRey, e outros lha tinhão pedida pera se irem, mandou sete com o Governador, pera que com dous, que cá estavão casados, se inteirasse outra vez a casa, e tribunal da Relação.

Todos partirão de Lisboa em o mez de Agosto de mil seiscentos e vinte e hum, e chegando á altura de Pernambuco, onde os navios, que pera lá vinhão se apartarão dos da Bahia, mandou o Governador a elles hum creado chamado Gregorio da Silva provido na Capitania do Recife, que estava vaga pela ausencia de Vicente Campello, posto que Mathias de Albuquerque o admittio só na Capitania da fortaleza de ElRey, separando-lhe a do lugar ou povoação, que ali está, e dando-a a hum seu criado, e assim andão já separadas.

CAPITULO DECIMO NONO

Da chegada do Governador Diogo de Mendonça á Bahia, e ida de seu antecessor Dom Luiz de Souza pera o Reyno

Em doze de Outubro de mil seiscentos e vinte e hum, a huma terça-feira, que o vulgo tem por dia aziago, chegou o Governador Diogo de Mendonça Furtado, que foi o duodecimo Governador do Brasil, á Bahia, e desembarcando foi levado a Sé com acompanhamento solemne, e dahi a sua casa, donde antes de subir a escada, foi ver o almazem das armas, e polvora, que estava na sua loge, demonstração de se prezar mais de soldado e Capitão, que de outra cousa, e na verdade esta era em aquelle tempo a mais importante de todas, por se haverem acabado as pazes ou tregoas entre Hespanha, e os Hollandezes, e se esperarem novas guerras nestas partes transmarinas, que estas são sempre as que pagão por nossos peccados, e ainda pelos alheios, e assim he necessario que as Ilhas e Costas do mar estejão sempre em arma.

Isto parece que proveo o Governador Diogo de Mendonça, quando antes que entrasse em casa, e se desenjoasse, e descançasse da viagem, quiz ver o almazem de armas. Com seu antecessor em quanto senão partio pera o Reyno correo com muita amizade, visitas de comprimentos, assim em publico nas igrejas, como em sua casa, a que Dom Luiz respondia como bom cortezão; e aprestando-se os navios, se embarcou em hum patacho de Vianna, chamado Manja Legoas, por ser bom navio de vela, deixando a todos saudosos com a sua abzencia, porque nunca por obra, nem por palavra fez mal algum, e foi mui rico sem tomar o alheio, senão pelo grande cabedal que trouxe seu, e retorno que sempre lhe vinha, antes fez alguns emprestimos, que lhe ficarão devendo, os quaes não sei depois como se lhe pagarião.

Fez em seu tempo huma formosa casa contigua com as suas pera se fazer nella Relação, que athé então se fazia em casas de aluguel; e porque hum Seminario, que ElRey havia mandado fazer com renda pera quatro orphãos estudarem, se havia desfeito, por as casas serem de taipa de terra, e cahirem, começou outras de pedra e cal, mas nem por ser obra tam pia, nem por deixar já pera ella seis mil cruzados consignados, houve quem lhe puzesse mão athé agora, e queira Deus que alguma hora o haja.

Levou Dom Luiz em sua companhia Pero Gouvea de Mello, que fora Provedor Mór da Fazenda, e o Desembargador Francisco da Fonseca Leitão; e tomou de caminho Pernambuco, pera ir em companhia da frota, da qual não quiz ir por Capitão, por ser de navios mercantes, ou por não ter occasião de entender com Mathias de Albuquerque, Capitão Mór de Pernambuco, com quem não estava corrente.

CAPITULO VIGESIMO

De como Antonio Barreiros, filho do Provedor Mór da Fazenda, foi por Provisão do Governador Geral Diogo de Mendonça Furtado governar o Maranhão, Bento Maciel o Gram-Pará, e o Capitão Luiz Aranha a descobril-o pelo Cabo do Norte por mandado de Sua Magestade

Sabendo Sua Magestade da morte de Hyeronimo de Albuquerque, Capitão Mór do Maranhão, proveo na Capitania com titulo de Governador, independnte do Governador do Brasil, a Dom Diogo de Carcome Hespanhol, casado em Lisboa, o qual se deteve tanto tempo em seus requerimentos, e pretenções, ou os Ministros de ElRey em o despachar, que primeiro o despachou a morte, e morreo em sua casa antes que de Lisboa se partisse. Pelo que o Governador determinou prover a serventia, em quanto ElRey não mandava outro, e porque Sua Magestade tinha dado a Provedoria Mór de sua Fazenda a Antonio Barreiros por seis annos, com condição que se dentro nelles fizesse dous engenhos de assucar no Maranhão lhe faria mercê do Officio por toda a vida; proveo o Governador na Capitania do dito Maranhão a Antonio Moniz Barreiros, filho do dito Provedor, pera com o poder do seu cargo melhor poder fazer os engenhos.

Tambem proveo na do Rio das Amazonas a Bento Maciel Parente, por ser morto Hyeronimo Fragoso de Albuquerque, que o servia como fica dito, e neste mesmo tempo, que foi em o anno do Senhor de mil seiscentos e vinte e tres, mandou Sua Magestade o Capitão Luiz Aranha de Vasconcellos em huma caravella de Lisboa a descobrir e sondar o dito Rio pelo Cabo do Norte, por dizerem que por ali podia tirar a sua prata do Potucy, com menos gasto, e pera este effeito lhe deo Provisão pera os Capitães de Pernambuco, Rio Grande, Maranhão, e Pará lhe darem tudo o que fosse necessario; em virtude das quaes lhe deo Mathias de Albuquerque em Pernambuco huma lancha com dezasete soldados, e o piloto Antonio Vicente, mui experimentado em aquella navegação, e lhe carregou na caravella oito mil cruzados de diversas sortes de fazendas por conta de Sua Magestade pera a fortaleza do Pará, que havia dous annos se não provia com pagas, nem algum soccorro, pelo que estava mui necessitada, e André Pereira Timudo, Capitão Mór do Rio Grande, lhe deo quatro soldados, dos quaes era hum Pero Gomes de Gouvea seu Alferes, que o Capitão Luiz Aranha fez Capitão da lancha.

Os outros erão o Sargento Sebastião Pereira, Pero Fernandes Godinho, e hum carpinteiro, que tambem foi importante á jornada. Antonio Moniz Barreiros

no Maranhão lhe deo quinze soldados, em que entrava hum Flamengo chamado Nicoláu, que os Indios havião tomado no Pará sahindo-se de hum forte que os Hollandezes lá tinhão, com outros dous, e sete negros de Guiné, a huma roça a plantar tabaco, e era pratico em aquelle gram Rio.

Pera o qual se partirão os nossos do Maranhão, e chegarão á fortaleza a quatorze de Maio da dita éra de mil seiscentos vinte e tres, onde o Capitão della Bento Maciel, por dizerem que a caravella não poderia navegar contra a corrente do Rio, lhes deo outra lancha, e algumas canoas de Indios, e lhes dava tambem trinta soldados brancos com seu Capitão signalado, que Luiz Aranha não quiz aceitar, por querer ser elle o que lho signalasse, dizendo que Sua Magestade lhe mandava dar soldados, e não Capitães; mas contentou-se com os Indios, e com o Commissario que ali estava da nossa Ordem e Provincia Frey Antonio da Merciana lhe dar o Irmão Frey Christovão de São Joseph por Capellão desta jornada, o qual era tam respeitado dos Indios, que em poucos dias de navegação pelo Rio acima lhe ajuntou quarenta canoas com mais de mil frecheiros amigos, que de boa vontade seguirão ao Capitão, movidos tambem das muitas dadivas, que elle dava aos principaes, e a outros, que lhe trazião suas offertas de caça, fructas, e legumes, as quaes não aceitava sem pagar-lhes com ferramentas, vellorio, pentes, espelhos, anzoes, e outras cousas, dizendo que assim lho mandava ElRey.

Com esta multidão de Indios, e os poucos soldados brancos, que havia trazido das outras Capitanias, seguio sua viagem, nem sem algumas grandes tormentas, principalmente huma com que lhe quebrou o leme da lancha maior, e os obrigou a tomar terra, onde o carpinteiro, que havia trazido do Rio Grande, fez outro de hum madeiro, que cortarão, com o qual, posto que as femeas erão de cordas, e era necessario renoval-as cada tres dias, todavia governava muito bem, e assim forão todos navegando athé certa paragem, onde o Flamengo Nicoláu, que trazião do Maranhão, lhes disse que estava perto hum forte de Hollandezes, os quaes não esperando que os nossos chegassem, mandarão mais de setecentos Indios seus confederados a salteal-os no Rio, como fizerão a meia noite, e se travou entre huns e outros huma batalha, que durou duas horas, mas foi Deus servido de dar aos nossos victoria com morte de duzentos contrarios, fora trinta que tomarão vivos em duas canoas, dos quaes se soube haver seis ou sete que erão amigos, e compadres dos Hollandezes por dadivas, que delles recebião, quando vinhão navios de Hollanda, mas que em aquella occasião nenhum estava no porto, nem havia na fortaleza mais de trinta soldados, e alguns escravos de Guiné, com quem lavravão tabaco.

Ouvido isto pelo Capitão mandou remar athé se pôrem Leste a Oeste com o forte, e em amanhecendo mandou lá hum soldado em huma canoa pequena, que remavão quatro remeiros, e sua bandeira branca, a dizer que se entregassem dentro de huma hora primeira, senão que os poria todos a cutello, porque assim lho mandava o seu Rey de Hespanha, cujas erão aquellas terras e conquistas.

Ao que responderão que aquella fortaleza era, e se sustentava pelo Conde Mauricio, pelo que se não podião entregar sem ordem sua, e pera esta vir era pouco tempo o que lhes dava.

Mas depois se soube que o seu intento não era este, senão esperar que lhe viesse soccorro de outra fortaleza, que distava desta dez legoas, do que tudo se desenganarão com lhe responder Luiz Aranha que elle tinha já ordem, que havia de seguir, e não tinha que aguardar outra, e mais quando a ventagem dos seus soldados era tam conhecida, e porque assim o cuidassem mandou pôr entre os brancos, assim nas lanchas como nas canoas, muitos Indios com roupetas, chapeos, ou carapuças, com que ao longe parecião todos brancos, e bastou este ardil, e outros de que usou, pera que logo levantassem bandeira de paz, e se entregassem com a artilharia, mosquetes, arcabuzes, munições, escravos, e fazendas, que tinhão na fortaleza, a qual os nossos queimarão, e arrasarão; e o dia seguinte, querendo ir dar em outra fortaleza, mandou huma canoa com quarenta romeiros todos Indios frecheiros, e tres homens brancos muito animosos, que erão Pero da Costa, Hyeronimo Correa de Sequeira, e Antonio Teixeira, a descobrir o caminho, aos quaes sahirão doze canoas de Gentio contrario, chamados Haruans, e tomando a nossa em meio sem quererem admittir a paz, e amizade, que lhes denunciavão, começarão a disparar muita frecharia, os nossos já como desesperados da vida, porque não podião ser soccorridos tam bem depressa dos mais, que ficavão longe, encommendando-se a Deus, se defenderão, e pelejarão tam animosamente, que já quando chegarão os companheiros tinhão mortos muitos, e muitos mais se matarão depois da sua chegada, e soccorro, e se tomarão quatro canoas de captivos, sem dos nossos morrerem mais de sete, mas ficarão vinte e cinco feridos, e Hyeronimo Correa de Sequeira com duas frechadas, huma no peito, outra em huma perna, de que esteve mal, e ficou assim elle, como os dous compapanheiros, que ião na primeira canoa, com as mãos tam empoladas da quentura dos canos dos arcabuzes, que mais de vinte dias não puderão pegar em cousa alguma, porque cada hum delles disparou mais de quarenta tiros.

Curados os feridos, e descançando do trabalho da peleja aquella noite, na manhã seguinte mandou hum Capitão hum Cabo de esquadra com recado aos Hollandezes que se entregassem, porque assim o havião feito os da outra fortaleza de Muturú / que era o nome do primeiro sitio /, e ali os trazião comsigo, do que certificados por hum que lá lhe mandou, se vierão a entregar assim as pessoas, que erão trinta e cinco, como toda a fabrica da fortaleza, artilharia, escravos, e o mais que nella tinhão.

Aqui perguntou o Capitão aos Hollandezes se havia mais alguma fortaleza, ou estancia de gente da sua nação em aquelle Rio, e certificado que não, senão duas de Inglezes, e essas lhe ficavão já abaixo, se tornou á nossa fortaleza do Pará; e não achando nella o Capitão Bento Maciel, que o havia ido buscar pera o ajudar, se embarcou em sua caravella, e foi pela banda do

Norte da Barra Grande outra vez ao Rio arriba athé o achar, depois de ter navegado hum mez por entre hum laberinto de ilhas, e ao dia seguinte, depois de estarem juntos, virão vir huma náu, e surgir huma legoa donde estavão, á qual foi Bento Maciel com quatro canoas ao socairo da caravella em que ia Luiz Aranha, pera remetterem á náu, e pondo-se debaixo della a desfazerem, o que se não poude fazer com tanta presteza, que primeiro não alcançassem da náu com hum pelouro de oito libras a huma canoa, com que nos matarão sete homens brancos, e ferirão vinte negros, porem as outras se metterão debaixo do bojo da náu, e vendo que a não querião dar a furarão ao lume da agoa com machados, com que se foi a pique, e sobre isto puzerão os inimigos ainda fogo á polvora, pera que nenhuma cousa escapasse, e comtudo escaparão algumas pipas de vinho, e cerveja, barris de queijos, e manteiga, e huma caixa grande de botica, de que os nossos se aproveitarão; porem os Hollandezes, que erão cento e vinte cinco, todos forão mortos a fogo e a ferro.

Com estas victorias e boas informações do grande Rio das Amazonas, que sempre o piloto Antonio Vicente foi sondando, se partio Luiz Aranha de Vasconcellos, em a sua caravella, a dar a nova a ElRey, levando por testemunhas quatro dos Hollandezes, que havia tomado, e hum Indio principal, que o havia guiado, e tambem alguns escravos, pera de caminho vender em Indias, donde se partio em companhia da frota da prata, mas apartando-se della junto a Belmuda (*sic*), dahi a quinze dias foi tomado dos cossarios Hollandezes, os quaes por irem muitos doentes das gengivas, a que chamão mal de Loanda, o lançarão em hum pequeno bote com quatro marinheiros Portuguezes na Iliceira, pera que lhe fossem buscar alguns limões, e outra embarcação mais capaz em que levassem os companheiros, e por não tornarem / cousa mui ordinaria de quem se vê livre / levarão os mais captivos a Salé, donde sahirão por resgate, excepto o Indio, e os quatro Hollandezes, que levarão livres á Hollanda.

CAPITULO VIGESIMO PRIMEIRO

Das fortificações, e outras boas obras, que fez o Governador Diogo de Mendonça Furtado na Bahia, e duvidas, que houve entre elle e o Bispo, e outras pessoas

Era o Governador Diogo de Mendonça Furtado liberal, e gastava muito em esmolas. Accrescentou a igreja de S. Bento, que lhe custou dous mil cruzados, e a todos os mais Mosteiros ajudou, e fez as esmolas que poude. Fortificou a Cidade, cercando-a pela parte da terra de valla de torrões; e porque a casa que servia de almazem, junto á da Alfandega, estava cahida,

começou a fazer outra no cabo da sua, pera que o alto lhe ficasse servindo de galaria, e o baixo de almazem, como tudo se fez com muita perfeição, posto que a outros não pareceo bem depois o almazem, por não ser boa tanta visinhança com a polvora.

Tambem começou a fazer a fortaleza do porto em hum recife, que fica hum pouco apartado da praia, havendo Provisão de Sua Magestade pera se fazer não só da imposição do vinho, que estava posta nesta Bahia, mas tambem da de Pernambuco, e Rio de Janeiro, e que do dinheiro que recebem os mestres, não dos fretes, senão de outro, que elles introduzirão chamado de avarias, que ordinariamente são duas patacas por caixa, désse quatro vintens cada hum pera a obra da fortaleza, que não deixou de ser contrariada de alguns, porém realmente era mui necessaria pera defensão do porto, e dos navios que ali surgem á sombra della, e de que não se póde tirar o louvor tambem ao architecto Francisco de Frias, que a traçou.

Hum dos contradictores, que houve da fortaleza sobredita, foi o Bispo Dom Marcos Teixeira, o qual sendo rogado que quizesse ir benzer a primeira pedra, que se lançou no cimento do forte, não quiz ir, dizendo que se lá fosse seria antes amaldiçoal-a, pois fazendo-se o dito forte cessaria a obra da Sé, que se fazia do dinheiro da imposição; mas não foi este o mal, que o Governador lhe reservou seis mil cruzados pera correr a obra da Sé, senão que do dia, que chegou o Bispo a esta Cidade, que foi a oito de Dezembro de mil seiscentos vinte e dous, desconcordarão estas cabeças, não querendo o Governador achar-se no acto do recebimento, e entrada do Bispo, senão se houvesse de ir debaixo do palio praticando com elle, no que o Bispo não quiz consentir, dizendo que havia de ir revestido da capa de asperges, mitra e baculo, lançando bençãos ao povo, como manda o ceremonial romano, e não era decente ir praticando.

Por isto não foi o Governador, mas mandou o Chanceller, e Desembargadores, e depois o foi visitar á casa, e se visitarão pessoalmente, e de presentes muitas vezes. Logo se levantou outra duvida acerca dos lugares da igreja, querendo o Governador que tambem se assentassem ambos de huma parte, e ali estivessem ambos conversando, ao que o Bispo respondeo não podia ser conforme ao mesmo ceremonial, por razão dos circulos e outras ceremonias, que mandão se fação com elle em as missas solemnes; e nem isto bastou, nem huma sentença, e Provisão de ElRey, que lhe mandou mostrar, em que por evitar duvidas / quaes as houve entre o Governador e Bispo de Cabo Verde / declara pera os do Brasil, e todos os mais, que o Governador se assente á parte da Epistola, e primeiro se insençasse o Bispo, e depois o Governador.

Nem isto bastou, antes respondeo que se elle se achasse em alguma igreja com o Bispo, se cumprisse o que o ceremonial, e ElRey manda, fundado em que nunca iria onde o outro fosse, e assim o cumprio.

Os Desembargadores, que não podião contender com elle sobre o lugar

material da igreja, contenderão sobre o espiritual, e jurisdicção que tem pera a correição dos vicios, e neste tempo mais que em nenhum outro, porque lhe tirarão de hum navio dous homens casados, que mandou fazer vida com suas molheres a Portugal, por estarem cá abarregados com outras havia muito tempo, e isto sem os homens aggravarem, antes requerendo que os deixassem ir, pois já estavão embarcados; pelo que o Bispo excommungou o Procurador da Corôa, que foi o autor disto, e houve sobre o caso muitos debates, emfim estas erão as guerras civis, que havia entre as cabeças, e não erão menos as que havia entre os Cidadãos, prognostico certo da dissolução da Cidade, pois o disse a Summa Verdade, Christo Senhor Nosso, que todo o Reyno onde as houvesse, entre os naturaes e moradores, seria assolado e destruido.

Outro prognostico houve tambem, que foi arruinarem-se as casas de ElRey, em que o Governador morava, de tal maneira, que se as não sustentarão com especques, se vierão todas ao chão, sendo assim que erão de pedra e cal, fortes, e antigas, sem nunca athé este tempo fazerem alguma ruina.

CAPITULO VIGESIMO SEGUNDO

De como os Hollandezes tomarão a Bahia

A vinte e hum de Dezembro de mil seiscentos vinte e tres partio de Hollanda huma armada de vinte e seis náus grandes, treze do Estado, e treze fretadas de mercadores, da qual avisou Sua Magestade ao Governador Diogo de Mendonça que se apercebesse na Bahia, e avisasse os Capitães das outras Capitanias fizessem o mesmo, porque se dizia virem sobre o Brasil. O Governador avisou logo a Martim de Sá, Capitão Mór do Rio de Janeiro, o qual entrincheirou toda a Cidade, concertou a fortaleza da barra, e fez ir os homens do reconcavo pera os repartir por suas estancias, companhias e bandeiras; e porque muitos não apparecião, por andarem descalços, e não terem com que lançar librés, ordenou huma companhia de descalços, de que elle quiz ser o Capitão, e assim ia diante delles nos alardos descalço, e com humas ceroulas de linho, e o seguião com tanta confiança, e presumpção de suas pessoas, que não davão ventagem aos que nas outras companhias militavão ricamente vestidos, e calçados.

Sem esta, forão muitas as preparações de guerra, que fez Martim de Sá nesta occasião. As mesmas farião nas outras Capitanias / que a todas se deo aviso, athé o Rio da Prata /, mas faço menção do Rio de Janeiro como testemunha de vista, porque ainda então lá estava. Da mesma maneira se apercebeo o Governador nesta Bahia, mandando vir toda a gente do reconcavo; e por

alguns se não tornassem logo por serem pobres, e não terem que comer na Cidade, mandou a hum mercador seu privado que désse a cada hum desses tres vintens pera cada dia, por sua conta; porém como não haja moeda de tres vintens, dizia-lhes que levassem hum tostão, e lhes daria huma de oito vintens, e se os pobres lhe levavão o tostão, lhes dizia que o gastassem primeiro, e depois lhe daria os tres vintens, porque o Governador lhos não mandava dar senão aos pobres, que nenhuma cousa tinhão, nem lhes aproveitava replicar que havião pedido o tostão emprestado, e que não era seu, nem outra alguma razão que dessem.

Não se passarão muitos dias, quando vierão ao Governador novas de Boepeba, que andava lá huma náu grande, a qual tomara hum navio, que vinha de Angola com negros. Quiz sahir ou mandar a ella, cuidando que não seria da armada, porque passava de quatro mezes era partida de Hollanda, e se entendia haveria aportado em outra parte: e esta era a náu Hollanda, em que vinha o Coronel pera governar a terra, chamado Dom João Vandort, a qual não poude tomar a Ilha de S. Vicente, que he huma das de Cabo Verde, onde as outras náus se detiverão dez semanas a tomar agoa, e carnes, e levantar oito chalupas, que trazião em peças; e por esta causa chegou primeiro a esta Costa, e andava aos bordos dos Ilhéos pera o morro, esperando as mais pera entrar com ellas, o que não fez, porque não as vio quando entrarão, que foi a nove de Maio da éra de mil seiscentos e vinte e quatro; mas vistas pelo Governador Diogo de Mendonça repartio logo as estancias pelos Capitães, e gente das freguezias de fóra, que ainda aqui estavão, e da Cidade; e deixando a companhia de seu filho, que era de soldados pagos, e recebião soldo da Fazenda de ElRey, pera acudir, aonde fosse necessario, mandou a outra companhia com seu Capitão Gonçalo Bezerra ao porto da Villa Velha, que he meia legoa da Cidade; e o Escrivão da Camera Ruy Carvalho com mais de cem arcabuzeiros do povo, além de sessenta Indios frecheiros de Affonso Rodrigues, da Cachoeira, que os capitaneava.

Fez a Lourenço de Brito Capitão dos Aventureiros, e a Vasco Carneiro encommendou a fortaleza nova, da qual posto que não acabada jogava já alguma artilharia. Não trato das outras estancias, porque só em estas duas partes desembarcarão os Hollandezes aquella mesma tarde.

Os do porto da Villa Velha estavão com os seus arcabuzes feitos detraz do matto, pera os dispararem ao desembarcar dos bateis; porém vendo ser muito maior o numero dos inimigos não os quizerão esperar, quiz detel-os Francisco de Barros na Villa Velha animando-os, ainda que velho e aleijado, mas ião tam resolutos, que nem bastou esta amoestação, nem outra que lhe fez o Padre Hyeronimo Peixoto, Pregador da Companhia, o qual os foi esperar a cavallo, dizendo-lhes porque fugião, pois tinhão por todo aquelle caminho de huma parte e de outra mattos donde se podião embrenhar, e a seu salvo fazer a sua batalha sem os inimigos saberem donde lhes vinhão.

Nada disto bastou pera tirar-lhes o medo, que trazião, antes como mal contagioso o vierão pegar aos da Cidade, ou lho tinhão já pegado os primeiros nuncios, pois de quanta gente estava nella não houve outro soccorro que sahisse senão hum Padre Pregador, que então pregava em deserto, e todavia se fôra hum bom soccorro, que lançarão duas mangas de gente por entre o matto, e rebentarão das encruzilhadas, que ha em o caminho, ainda que os Hollandezes erão mil e duzentos, não lhes deixarão de fazer muito damno.

Melhor o fizerão os da fortaleza nova, á qual o Almirante Petre Petrijans (*sic*), ou como os Portuguezes lhe chamamos Pero Peres, com o resto da sua soldadesca valorosamente combateo, e não com menos valor, e animo lha defendeo Vasco Carneiro, e Antonio de Mendonça, que o ajudou com mui poucos dos seus soldados, que já os mais lhe havião fugido; tambem os soccorreo com muito animo Lourenço de Brito, Capitão dos Aventureiros, porém como erão muitos os Hollandezes, e o forte não estava acabado, nem com os repairos necessarios, foi forçado largar-lho, estando já Lourenço de Brito ferido, e treze homens mortos, sendo dos ultimos que se sahio o nosso Irmão Frey Gaspar do Salvador, que os esteve exhortando, e confessando, e quando se abaixou pera entender o que lhe dizia hum Castelhano, a quem hum pelouro havia levado huma perna, o livrou Deus de outro, que lhe passou por cima da cabeça, havendo-lhe já outro levado hum pedaço de tunica: e os Hollandezes por ser já noite, e se temerem que os rebatessem da parte de terra se contentarão só com cravar as peças de artilharia, e o deixarão, tornando-se pera as suas náus, não deixando dellas de dia nem de noite de esbombardear pera a Cidade, e pera toda a praia, na qual matarão a Pero Gracia no seu balcão, onde se poz com seus criados, e chegando o Governador a perguntar-lhe como estava / porque andava elle em aquelle (*sic*) doente / lhe respondeo: « Senhor, já estou bom, que neste tempo os enfermos sarão, e tirão forças da fraqueza », animo por certo, a que os proprios inimigos deverão ter respeito, e assim depois que o souberão, mostrarão pesar, pondo a culpa á diabolica arma do fogo, que aos mais valentes mata primeiro, e como raio onde mais fortaleza acha faz mais damno.

O pelouro lhe deo pelas queixadas, e ainda lhe deo lugar a se confessar, e de se reconciliar com alguns seus inimigos, que alli se acharão, hum dos quaes era Henrique Alvares, a quem tambem outro pelouro matou pouco depois. Os mais que havião desembarcado na Villa Velha se alojarão aquella noite em S. Bento, pera combaterem no dia seguinte a Cidade, na qual o Governador determinou de se defender, mas como se não poz em hum cavallo correndo, e discorrendo por toda a Cidade que não lhe fugisse a gente, todos se forão sahindo: o que não podia ser sem que os Capitães das portas, e mais sahidas da Cidade fossem os primeiros; e o Bispo, que aquelle dia se fez amigo com o Governador, e se lhe foi offerecer com huma companhia de Clerigos, e seus criados, pedindo estancia onde estivesse, e a quem o Governador agra-

decendo-lhe muito o offerecimento disse que em nenhuma parte podia estar melhor que na sua Sé, tambem a desemparou, consumindo o Santissimo Sacramento, e deixando a prata e ornamentos, e tudo o mais, o mesmo fizerão Clerigos e Frades e seculares, que só tratarão de livrar as pessoas, e algumas cousas manuaes, deixando as casas com o mais, que tinhão adquirido em muitos annos: tanto poude o receio de perder a vida, e emfim se perde tarde ou cedo, e ás vezes em occasião de menos honra.

CAPITULO VIGESIMO TERCEIRO

De como o Governador Diogo de Mendonça foi preso dos Hollandezes, e o seu Coronel Dom João Vandort ficou governando a Cidade

O Governador vendo que a gente era toda fugida, ainda que não faltou quem lhe dissesse que fizesse o mesmo, respondeo que nunca lhe estava bem dizer-se delle que fugira, e antes se poria o fogo, e se abrasaria, e vendo passar dous Religiosos nossos pela praça os chamou, e confessando-se com hum delles se recolheo dentro de sua casa só com seu filho Antonio de Mendonça, Lourenço de Brito, o Sargento Mór Francisco de Almeida de Brito, e Pero Casqueiro da Rocha.

Pela manhã chegarão os Hollandezes á porta da Cidade, e a outras entradas, que ficão daquella parte de S. Bento, onde se havião alojado de noite, e não achando quem lho contradissesse, entrarão, e tomarão della posse pacifica, subirão alguns á casa do Governador, que neste tempo quiz pôr fogo a huns barris de polvora pera abrasar-se, se Pero Casqueiro lhe não tirara o morrão da mão, e vendo-os entrar levou da espada, e remetteo a elles, mas emfim o prenderão, e aos que com elle estavão, e os repartirão pelas náus.

Dahi a dous dias chegou o Coronel Dom João Vandort, que como dissemos no Capitulo passado não havia entrado com os mais, e começou a governar as cousas da terra, porque o General, que era hum homem velho chamado Jacob Vilguis, nunca, ou rarissimamente sahio da náu: o Coronel era homem pacifico, e se mostrava pesaroso do damno feito aos Portuguezes, e desejoso da sua paz e amizade, e assim aos que quizerão tornar passou passaportes, e lhes mandou dar quanto quizerão, não sem os seus lho estranharem, porque segundo o principio que levava lhe houverão de levar tudo; porém a não serem os Portuguezes tam firmes na fé da Santa Igreja Catholica Romana, e tam leaęs aos seus Reys como são, não lhes fizera menos guerra com estas dadivas, sujeitando os animos dos que as recebião, do que os seus a fazião por outra parte com as armas, tomando quanto podião pelas roças

circumvisinhas da Cidade, e isto com tanto atrevimento como se forão senhores de tudo, e assim se atreverão só tres ou quatro a ir ao tanque dos Padres da Companhia, que dista da Cidade hum terço de legoa, e em sua presença fallando-lhes hum delles latim, e dizendo-lhes : Quid existimabatis quando vidisti classem nostram »; fazendo dos calções alforges, e enchendo-os de prata da igreja, e de outra que alli acharão, os puzerão aos hombros, e se forão mui contentes; porém quatro negros dos Padres, que não tinhão tanta paciencia, os forão aguardar ao caminho com seus arcos e frechas, e matando o Latino, fizerão fugir os outros, e largar a prata que levavão.

Da mesma maneira forão onde a vargea de Tapuyppe, que dista pouco mais de meia legoa, e matarão huma vacca, mas estando esfolando-a deo sobre elles Francisco de Crasto, George de Aguiar, e outros cinco homens brancos, e doze Indios, e matarão cinco dos Hollandezes, e logo chegou tambem Manoel Gonçalves, e seguindo os outros que fugião matou quatro, e ferio dous feridos, que levarão a nova, deixando a vacca morta e esfolada aos Indios, que a comerão, e as suas armas aos nossos soldados.

Nem só andavão os Hollandezes insolentes por estes caminhos, mas muito mais os negros, que se metterão com elles, entre os quaes houve hum escravo de hum serralheiro que prendeo seu senhor em a roça de Pero Gracia, onde se havia acolhido, e depois de o esbofetear, dizendo-lhe que já não era seu senhor, senão seu escravo, não contente só com isto lhe cortou a cabeça, ajudado de outros negros, e de quatro Hollandezes, e a levou ao Coronel, o qual lhe deo duas patacas, e o mandou logo enforcar, que quem fizera aquillo a seu senhor, tambem o faria a elle se pudesse.

Melhor o fez outro negro, que nos servia na horta, chamado Bastião, o qual tambem se metteo com os Hollandezes, mas porque lhe quizerão tomar hum facão, que levava na cinta, e o ameaçarão que o enforcarião, se sahio da Cidade com outros dous ou tres negros, os quaes encontrarão á fonte nova, que he logo á sahida, seis Hollandezes, que lhe começarão a buscar as algibeiras, mas como o Bastião levava ainda o seu facão, temendo-se que se lho vissem o quererião outra vez enforcar, o escondeo em o peito de hum, e matando-o lançou a correr pelo caminho, que vai pera o Rio Vermelho, onde encontrou huns criados de Antonio Cardoso de Barros, os quaes informados do caso fingirão tambem que fugião com o negro, e se forão todos embrenhar adiante, donde depois que os Hollandezes passarão lhes sahirão nas costas, e os forão levando athé hum lameiro, e atoleiro, onde matarão quatro, e captivarão hum, e será bem saber-se pera gloria dos valentes, que o era tanto hum dos mortos homem já velho, que mettido no atoleiro quasi athé á cinta alli aguardava as frechas tam destramente com a espada, que todas as desviava, e cortava no ar, o que visto por Bastião se metteo tambem no lodo, e lhe deo com hum páu nos braços, atormentando-lhos de modo que não poude mais manear a espada.

CAPITULO VIGESIMO QUARTO

De como o Bispo foi eleito do povo por seu Capitão Mór emquanto se avisava a Pernambuco a Mathias de Albuquerque, que era Governador

Tanto que a Cidade foi tomada, e o Governador preso, se juntarão dahi a alguns dias os Officiaes da Camera na aldêa do Espirito Santo, que he de Indios doutrinados dos Padres da Companhia, e alli abrirão a via de successão do Governador Diogo de Mendonça, em que Sua Magestade mandava que por sua morte ou absencia lhe succederia no Governo Mathias de Albuquerque, que actualmente estava governando Pernambuco por seu irmão Duarte de Albuquerque Coelho, senhor daquella terra, do que logo avisarão, mas porque a distancia he grande, e de ida e vinda são mais de duzentas legoas de caminho, e os Hollandezes não contentes com estarem senhores da Cidade, se querião assenhorear do que havia fóra, como vimos no precedente Capitulo, elegeo o povo, e acclamou por seu Capitão Mór, que os governasse o Bispo Dom Marcos Teixeira, o qual a primeira cousa que intentou foi recuperar a Cidade se pudesse, e pera este effeito nomeou por Coroneis a Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, e a Melchior Brandão, e escrever a muitos homens que já estavão todos em seus engenhos, e fazendas, e como os teve juntos determinou entrar na Cidade no dia do bemaventurado Santo Antonio de madrugada, e porque no Mosteiro do Carmo, que está fóra defronte della, se havião agasalhado dous Portuguezes com suas molheres e familia, se murmurava delles que servião de espias aos Hollandezes, e lhes davão signal, e aviso com o sino; pera que então lho não dessem mandou diante Francisco Dias de Avila com Indios frecheiros e alguns arcabuzeiros que os prendessem, o que os Indios fizerão com tanta desordem, que antes elles forão os que derão aviso e signal, porque em chegando ao dito Mosteiro, e não lhes querendo os de dentro abrir, entrarão por força, dando hum urro de vozes tam grande, que ouvido pelos Hollandezes, tiverão tempo de se aperceber, de sorte que quando os quizerão commetter, que era já sol sahido, e vierão descendo a ladeira do Carmo, e alguns já subindo a da Cidade pera entrarem pela porta onde estava huma fortaleza, lhe tirarão della tantas bombardadas, e mosquetadas, que os fizerão tornar por onde vierão, e ainda os forão seguindo hum grande espaço, sendo que erão os Portuguezes mais em numero, e se se dividirão em algumas mangas, que commettessem juntamente por outras partes da Cidade, que ainda não estavão fortificadas, por ventura a recuperarão.

E porque athé este tempo entravão e sahião alguns Portuguezes na Cidade com passaporte do Coronel, houve licença Lourenço de Brito pera ir visitar a Diogo de Mendonça á nau, e concertou com elle que lhe mandaria huma

jangada, e outra pera seu filho Antonio de Mendonça, com dous Indios remeiros, que de noite mui secretamente os levassem á terra, como de feito mandou, e estando já pera descerem a ellas deo o urro, que temos dito no Carmo, com que espertarão os da náu, que lha estorvarão, e os das jangadas se acolherão mui ligeiramente pera a terra, não sem serem sentidos dos Hollandezes, que dahi por diante entendendo o que podia ser nella, e nas mais, puzerão grandessissima vigia, e os dos passaportes, com temor que os Hollandezes se alterassem com estas contas, se sahirão da Cidade sem tornarem mais a ella, só ficarão dous ou tres mercadores casados por conservarem sua fazenda, com outros tantos officiaes mecanicos, e alguns pobres velhos, e enfermos, que por sua pobreza e enfermidade não puderão sahir.

CAPITULO VIGESIMO QUINTO

De como foi morto o Coronel dos Hollandezes Dom João Vandort, e lhe succedeo Alberto Escutis, e o Bispo assentou o seu arraial, e estancias pera os assaltar

Desta desordenada vinda, e commettimento da Cidade ficarão os nossos Portuguezes desenganados de mais poderem commetter; mas ordenou o Bispo que andassem ao redor della pelos mattos algumas companhias, porque quando alguns Hollandezes sahissem fora como costumavão, ou os negros de Guiné, que com elles se havião mettido a buscar fructas, e mantimentos pelos pomares, e roças circumvisinhas, os prendessem, succedeo ser o Coronel o primeiro que sahio a cavallo a ver a fortaleza de S. Philippe, que dista huma legoa da Cidade, e á tornada se adientou dos Hollandezes, e negros, que trazia em sua guarda, levando só em sua companhia hum trombeta em outro cavallo, onde lhes sahio Francisco de Padilha com Francisco Ribeiro, seu primo, cada hum com a sua escopeta, e acertando melhor os tiros que acertou o Coronel com hum pistolete, que disparou, lhes matarão os cavallos, e depois de os verem derribados, e com os pés ainda nos estribos debaixo dos cavallos, matou o Padilha ao Coronel, e o Ribeiro ao trombeta, e logo chegarão os Indios selvagens de Affonso Rodrigues da Cachoeira, que alli andavão perto, e cortando-lhes os pés e mãos e cabeças, conforme o seu gentilico costume, e os deixarão, donde os Hollandezes levarão o corpo do seu Coronel, e o dia seguinte o enterrarão na Sé com a pompa, que costumão, muito differente da nossa, porque não levarão cruzes, musica, nem agoa benta, senão o corpo em hum caixão coberto de baêta de dó.

Os Capitães, que o levarão aos hombros, e hum filho do defunto, hum cavallo á dextra, que tambem ia, e as caixas, que se tocarão destemperadas,

tudo isto ia coberto de dó, e adiante as companhias, todos dos mosqueteiros, com os mosquetes debaixo do braço, e as forquilhas arrastando, os quaes, entrando na igreja o defunto, se ficarão de fora ao redor della, e ao tempo que o enterrarão, os dispararão todos tres vezes, não se mettendo entre huma surriada e outra mais espaço que emquanto carregão, o que fazem com muita ligeireza; e logo deixadas as armas do defunto penduradas em hum pillar dos da igreja junto á sua sepultura, se tornarão á sua casa, onde antes de entrarem se leo a via do successor, que era Alberto Escutis, o qual já quando se tomou a Cidade havia servido o cargo dous dias, que estoutro tardou, e lido o papel se fez pergunta aos Capitães e soldados se o reconhecião por seu Coronel, e Governador, pera lhe obedecerem em tudo o que lhes mandasse, e respondido que sim os despedio, feitas suas cortezias, e se recolheo com os do Conselho, e alguns, e porque de todo os Portuguezes perdessem as esperanças de poderem recuperar a Cidade, a cercou, e fortificou por todas as partes represando o ribeiro, que corre ao longo della pela banda da terra, com que cresceo a agoa sobre as hortas, que por alli havia, muitos palmos, e assim por esta banda como pela do mar fez muitos baluartes, e fortes de artilharia.

O Bispo tambem assentou seu arraial huma legoa da Cidade, em a chan de hum monte a que se não podia subir senão por tres partes, nas quaes mandou fazer tres trincheiras com suas peças, e duas roqueiras cada huma, e a que estava pera a banda da Cidade, entregue ao Coronel Melchior Brandão com a gente de Paraguasú, a outra, que estava pera Tapuype, ao Capitão Pero Coelho, e a terceira, por onde se servia pera o sertão, ao Capitão Diogo Moniz Telles, e o corpo da guarda se fazia junto á tenda, ou casa palhaça do Capitão Mór pelos soldados do Presidio, e outros, que serião todos duzentos.

A este arraial se trazia a vender carne, peixe, fructas, farinhas, e o mais que havia por todo o reconcavo, e algum pouco vinho, e azeite, que se trazia de Pernambuco em barcos athé á terra de Francisco Dias de Avila, e dahi por terra ao arraial, fora do qual havia tambem outras estancias pera os Capitães dos assaltos, convem a saber, em Tapegippe defronte da fortaleza de S. Philippe, que occupavão os Hollandezes, estava huma trincheira com duas peças de bronze, onde assistião os Capitães Vasco Carneiro, e Gabriel da Costa com huma companhia do Presidio com quarenta soldados, e não muito longe desta estava outra em outro caminho com cinco falcões, e duas roqueiras, em que assistião os Capitães Manoel Gonçalves, e Luiz Pereira de Aguiar, e Jorge de Aguiar, e junto ao mar, e porto outra, donde estava o Capitão Jordão de Salazar da ermida de S. Pedro, pera a vigia estavão os Capitães Francisco de Crasto, e Agostinho de Paredes com sessenta homens da vigia. Pera o Rio Vermelho com quarenta homens na roça de Gaspar de Almeida, Francisco de Padilha, e Luiz de Siqueira.

Fóra estes forão tambem Capitães em alguns assaltos Pero de Campos, Diogo Mendes Barradas, Antonio Freire, e outros; os Cabos destes Capitães

dos assaltos erão da banda do Norte da Cidade, onde fica o Mosteiro de Nossa Senhora do Carmo, Manoel Gonçalves, e da banda do Sul, onde fica o de S. Bento, Francisco de Padilha; posto que sempre se ajudavão huns aos outros, quando a necessidade o requeria, e Lourenço de Brito como Capitão dos Aventureiros acudia a todas as partes.

CAPITULO VIGESIMO SEXTO

Dos assaltos, que se derão emquanto governou o Bispo

Ordenadas as cousas pelo Bispo, na maneira que fica dito, sabendo os Capitães Francisco de Padilha, e Jorge de Aguiar, que os Hollandezes fazião poste em a casa de Christovão Vieira, Escrivão dos Aggravos, a qual está hum pouco mais de hum tiro de pedra fora do muro, e porta da Cidade, entrarão nella huma noite com mais dez companheiros, e á espada matarão quatro Hollandezes, pelo que depois derribarão e puzerão fogo á casa, e a todas as mais que havia nos arrebaldes, e roçarão os mattos, que lhe podião ser impedimento, e aos Portuguezes abrigo, mas sobre este roçar de mattos, e derribar casas houve alguns encontros, em que os Capitães Lourenço de Brito, e Antonio Machado com a sua gente matarão huma vez quatro, e por outra o mesmo Lourenço de Brito, e Luiz de Sequeira matarão muitos, e aqui testificou o Capitão Lourenço de Brito do negro Bastião, de que atrás fizemos menção, que se adiantou a todos dizendo, que a sua frecha não chegava tam longe como o pelouro dos arcabuzes, e assim lhe era necessario pera empregal-a nos inimigos chegar-se mais perto delles, o que tambem fez em outros encontros, e huma vez andando já com elles á espada, dizendo-lhes os nossos negros que se retirasse, respondeo « Não retira, não, sipanta, sipanta, » querendo nisto dizer que não era tempo de retirar quando andavão já á espada; porque tinha experimentado dos Hollandezes que não erão tam dextros nesta arma, como nas de fogo, e assim vindo á espada tinha já o pleito por vencido; outros Hollandezes forão athé a casa de Jorge de Magalhães, que dista mais de huma legoa da Cidade, queimando as que havia pelo caminho, e roubando quanto achavão; porque os moradores se sahião fugindo pera os matos, e a huma molher, que não poude fugir, quizerão romper as orelhas pera lhe tirarem os cercilhos, e pendentes de ouro, se ella não lhos dera, e ainda fizerão outras cousas peiores se não acudira Francisco de Padilha com a sua gente, o qnal matou quatro, e foi seguindo os mais, qne lhe fugirão athé o Rio Vermelho; outra vez forão muitos ao pomar de Diogo Sodré, que se chama da Vigia, porque dalli a fazem aos navios que apparecem na Costa, e se dá aviso na Cidade antes que entrem na barra, e levarão muitos negros comsigo dos seus confederados pera carregarem de laranjas, limas doces, limões, e cidras, que ha alli muitas, mas sahirão-lhe os Capitães Antonio Machado, e Antonio de Moraes com cincoenta

homens cada hum, e depois de batalharem animosamente, e lhes matarem nove Hollandezes, todavia se retirarão com dous Portuguezes mortos, e alguns feridos; mas a este tempo acudio o Capitão Padilha com vinte soldados seus, e indo após elles, que já se ião pera a Cidade, lhe fizerão rosto, e se tornou a travar outra batalha, a que tornarão os dous primeiros Capitães, que se havião retirado, e os forão levando athé terem vista do soccorro, que ia aos Hollandezes, que então os deixarão, por não terem mais polvora, nem munição, mas ainda nesta segunda batalha lhe matarão muitos mais, e captivarão hum vivo, chamado Rodrigo Matheus, que levarão ao Bispo.

Não se havião com menos animo e esforço Manoel Gonçalves, e os mais Capitães, que ficavão da banda do Carmo, vigiando continuadamente se sahião pera aquella parte alguns Hollandezes, e assim junto ao mesmo Mosteiro do Carmo matarão huma vez seis, e outra tres; e sahindo do forte de S. Phillipe a pescar a humas camboas, que ficão perto, derão sobre elles, e os pescarão, antes que elles pescassem; matarão hum, e captivando tres, que levarão ao Bispo, dos quaes hum era o cabo do forte; e vendo os Hollandezes que os nossos se ajudavão por estes assaltos, de humas casas que alli estavão, onde no tempo da paz morava o Capitão do forte com sua familia, forão huma manhã cinco com picões pera derribal-a, mas Manoel Gonçalves, Jorge de Aguiar, e Pero do Campo, que já estavão esperando emboscados em o matto, tanto que os virão subidos pera destelharem a casa, sahirão com os seus, matarão dous, e seguindo os outros athé á porta da fortaleza, e sem falta a entrarão daquella vez, se na mesma porta não puzessem os de dentro huma peça de artilheria, que dispararão com muita munição miuda, e os fizerão tornar.

Outra vez havendo-lhe hum negro do Capitão Pero de Campo tomado o batel do pé do forte, e levado aos nossos, sem embargo de muitas peças, que lhe atirarão sem lhe acertar alguma, entendendo o dito Capitão Manoel Gonçalves que pois não tinhão batel irião por terra dar aviso á Cidade do que passava, os foi esperar ao caminho, e vendo que ião dous em huma jangada mandou a elles a nado, mas não os tomarão, porque lhes acudio huma lancha sua, que ia da Cidade.

CAPITULO VIGESIMO SEPTIMO

De outros assaltos, que se derão á beira mar aos Hollandezes

Vendo os Hollandezes que por terra ganhavão mui pouco, e os não deixavão chegar ás fazendas de fóra, determinarão ir a ellas por mar, sucapa / como elles dizião / de buscar algum refresco por seu dinheiro, ou a troco de outras mercadorias; e pera isto levavão ás vezes alguns Portuguezes comsigo, dos que entre si tinhão, pera que segurassem aos outros da paz, e quando não quizessem lhes farião guerra, mas tambem disto se previnio o Bispo, mandando

que os que tinhão engenhos, e fazendas junto á praia se fortificassem, e assistissem nellas, e por esta causa mandava sahir de cada freguezia vinte homens a assistir no arraial, e com esta prevenção se defenderão dos inimigos em algumas partes, e ainda em outras os offenderão, como fez Bartholemeu Pires, morador na boca do Rio de Matuim, o qual vendo que de hum patacho que alli se poz sahião os Hollandezes ás vezes ao engenho de Simão Nunes de Mattos, que está defronte na ilha de Maré, a comer com o feitor, porque seu dono não estava ahi, se foi metter com elles, e os convidou pera huma merenda no dia seguinte, avisando a Antonio Cardoso de Barros lhe mandasse gente pera o ajudar, como mandou, e a poz em cillada da outra parte do engenho, e mortas as gallinhas, postas a assar pera mais dissimulação, tanto que os teve juntos deo signal aos da emboscada, os quaes sahirão, e matarão alguns, em que entrou hum mercador Hollandez; e fugindo os mais pera o batel, captivarão só tres, que depois dahi a seis mezes tornarão a fugir de casa de Antonio Cardoso de Barros pera os seus.

Outros forão em huma náu á ponta da Ilha de Taparica, chamada a Ponta da Cruz, e depois de a carregarem de azeite, ou graxa de balêa, que ahi havia / porque aquelle é o lugar onde se faz /, se forão ao engenho de Gaspar de Azevedo, que está na praia huma legoa atraz da Ponta, onde lhe não tomarão assucar nem fizerão algum damno, antes lhe escreverão que viesse pera o seu engenho, e moesse canna, e lhe darião pera isso negros, e toda a fabrica necessaria, e sómente a huma cruz de páu alta, que estava no terreiro do engenho, derão algumas cutiladas, a qual milagrosamente se torceo, e virou logo pera outra parte, pera a qual caminhando depois os Hollandezes acharão alguns moradores da Ilha com Affonso Rodrigues da Cachoeira, que então alli chegou com o seu Gentio, e mortos oito a frechadas, e arcabuzadas, lhes tomarão huma lancha com tres roqueiras, e fizerão embarcar os mais com a agoa pela barba, e muitos mui mal feridos; pelo que se ficou tendo aquella cruz em tanta veneração e estima dos Catholicos, que fazem della reliquias, com que sarão muitos enfermos de maleitas, e outras enfermidades.

O Capitão Francisco Hollandez foi em outra náu á Ilha de Boipeba, que he de fóra da barra, e entrando pelo rio dentro athé a Villa do Cairú, que será de vinte visinhos, com duas lanchas de mosqueteiros; mandou o Portuguez que comsigo levava á terra, e de lá veio com elle Antonio de Couros, senhor alli de hum engenho, por ser amigo do dito Capitão Hollandez Francisco, do tempo que nesta Cidade esteve preso, como dissemos em o Capitulo Nono deste Livro; o qual Antonio de Couros, depois de se saudarem com as palavras, e cerimonias devidas, se virou ao Portuguez medianeiro, chamando-lhe tredo a ElRey, e parcial dos Hollandezes, e logo disse ao Capitão que não queria com elle paz senão guerra, e pera ella o ia esperar em terra, e foi tam honrado o Hollandez que, ou pelo seguro da paz que lhe havia dado, ou pela amizade e conhecimento que tinhão dantes, ou pelo que fosse, nem por palavras, nem

por obras lhe deo ruim resposta, antes se tornou pera a náu, que havia deixado no morro de S. Paulo, que he a barra daquelle rio, e dahi pera a Cidade, depois tornou ao Camamú com outra náu, e com mais lanchas e soldados, e outro Portuguez, que havia sido seu carcereiro no tempo que esteve preso, e com muitos negros dos que havião tomado dos navios de Angola, pera ver se lhos querião trocar por vaccas, porcos, e gallinhas, e tambem por lhe não responderem ao seu preposito, se tornou só com doze bois, que tomou do pasto do engenho dos Padres da Companhia, e ainda estes lhes custarão oito Hollandezes, que os Indios matarão a frechadas, e por haver levado as lanchas de vela perderão cá a presa de hum navio de Vianna, que vinha da Ilha da Madeira carregado de vinhos, e mui embandeirado, ao qual estando já junto das náus Hollandezas pera tomar a valla, e deitar ancora, tirarão de huma dellas duas bombardadas, o que visto pelos Portuguezes do navio conhecerão pelos pelouros que levavão ser de guerra, e largando todo o panno ao vento, que era largo, forão correndo pela Bahia dentro, indo tambem a Hollandeza, que era a náu Tigre, após ella, porém como se deteve em se desamarrar, e largar as velas, sempre o navio lhe levou esta ventagem, a qual bastou pera a seu salvo se pôr na boca do rio de Matuim, onde a náu, por ser grande, que era de tresentas e cinccenta tonelladas, e não levar lanchas, não poude chegar nem fazer-lhe damno.

O dia seguinte chegadas as lanchas do Camamú as mandarão logo ao dito rio, onde por não acharem o navio, que se foi metter dalli a huma legoa em a Petinga, derão em a fazenda de Manoel Mendes Mesas, lavrador, e lhe tomarão algumas ovelhas, que virão andar no pasto, com que tornarão pera as suas náus.

O Bispo mandou logo o Capitão Francisco de Crasto, e outros ao rio da Petinga, pera defenderem o navio se lá fossem os Hollandezes em quanto se descarregava, e delle levarão seis peças de artilharia pera o arraial, e sabendo que huma náu se puzera entre a Ilha dos Frades, e a de Maré, pera dahi com a sua lancha tomar os barcos, que por aquelles boqueirões navegavão, encarregou ao Capitão Agostinho de Paredes que andasse por ahi em huma barca pera lhe impedir as presas, e ver se podia tomar-lhes a lancha, porém elles se guardarão disso, porque estando alli vinte dias, e sahindo nella quasi cada dia o Capitão, que se chamava Cornelio Cornelles, com vinte e cinco mosqueteiros, ou quando elle não ia o piloto, a qualquer barco que passava, tanto que o barco encalhava em terra, ou se mettia pelos boqueirões o deixavão, e se tornavão á náu, o que eu sei como testemunha de vista, porque neste tempo ainda estava captivo nesta náu, e hum dia lhes disse que se desenganassem de poder fazer presa alguma; porque estava defronte huma fortaleza, mostrando-lhe huma Igreja de Nossa Senhora do Soccorro de muitos milagres, a qual defendia todo aquelle circuito, do que muito se rirão, mas emfim se tornarão pera o porto da Cidade sem pilhagem alguma.

CAPITULO VIGESIMO OITAVO

Dos navios, que os Hollandezes tomarão na Bahia, e o que fizerão da gente que captivarão

Quando os Hollandezes tomarão a Bahia acharão trinta navios ancorados, alguns ainda carregados com as fazendas, que trouxerão do Reyno, outros de assucar, já pera partirem, outros de farinha da terra, e outros mantimentos pera Angola, os quaes todos tomarão descarregando-os nos seus, e em suas loges, escolherão os melhores pera os armarem, e servirem delles, e aos mais metterão no fundo, e fóra estes lhes vierão depois a cahir nas mãos alguns vinte; porque como este porto he de tanto commercio, e vem a elle de partes tam remotas, que nem dahi a quatro mezes se póde nellas saber como estava impedido por si se vinhão entregar, e ancorar entre os inimigos, com quanto lhes era necessario de farinha de trigo, biscoito, azeite, vinho, sedas, e outras ricas mercadorias, e por remate lhes veio hum do Rio da Prata carregado della, em que vinha Dom Francisco Sarmento, que havia servido em Potosi de Corregedor, e trazia molher e filhos, e hum genro e neto, que todos recolheo o Coronel em sua casa depois de roubados, e lhes deo mesa e vestidos.

Entre estes navios tomados foi logo dos primeiros hum o dos Padres da Companhia, em que costumão visitar os Collegios e casas, que tem por esta Costa, e nesta occasião vinha ao Rio de Janeiro o Padre Domingos Coelho, seu Provincial, que ia já acabando, e o Padre Antonio de Mattos, que lhe havia de succeder, e outros Padres e Irmãos da Companhia, que por todos erão dez.

Vinhão tambem quatro Religiosos de S. Bento, e eu, e meu companheiro da Ordem do nosso Padre S. Francisco: amanhecemos aos vinte e oito de Maio da dita era de mil seiscentos e vinte e quatro na ponta do morro de S. Paulo, que he por onde se entra na primeira boca da Bahia, onde vimos duas lanchas, e huma náu, que se vierão a nós, e brevemente ferrarão do navio por vir desarmado, e se senhorearão delle, e de quanto trazia, que erão caixões de assucar, marmelladas, dinheiro, e outras cousas de encommendas, e de passageiros, que nelle vinhão e nos trouxerão pera o porto, donde nos repartirão pelas suas náus de dous em dous, e de quatro em quatro, e assim estivemos athé o fim de Julho, que o seu General se partio com onze náus pera as Salinas, e o Almeyrante com cinco, e dous patachos pera Angola, e juntamente partirão quatro em direitura carregadas de assucar pera Hollanda, em que mandarão o Governador Diogo de Mendonça Furtado, com seu filho, e o Ouvidor Geral Pero Casqueiro da Rocha, e o Sargento Mór, e tambem os Padres da Companhia, e os de S. Bento, e a nós deixarão pera nos trocarem pelos seus, que estavão captivos dos assaltos, sobre o que andava hum Portuguez, morador na terra, que fallava a lingoa Flamenga, o qual depois

acharão que lhe era tredo, e os enganava, pelo que o prenderão, e enforcarão com hum irmão seu, e hum mulato, que os acompanhava, e a nós se ficarão dilatando as esperanças da nossa liberdade, de tal sorte que meu companheiro por melhor arriscar-se a ir a nado, o que eu ainda que quizera não podia fazer, porque quem não sabe nadar vai-se ao fundo, e assim estive na prisão do mar quatro mezes, os quaes passados me pedio Manoel Fernandes de Azevedo hum dos moradores Portuguezes, que ficarão na Cidade, e concederão que viesse pera sua casa, e pudesse andar em sua companhia pela Cidade, comtanto que não chegasse aos muros e fortificações, donde me occupei em confessar os Portuguezes, em fórma que nem hum morreo sem confissão, como athé este tempo morrião, mas não erão muitos, porque todos os que se quizerão ir derão licença, e tres navios, em que se forão hum pera Pernambuco, e dous pera o Rio de Janeiro, nos quaes forão tresentas pessoas, os mais delles gente do mar, e passageiros dos navios, que tomarão, tambem fugirão muitos pera o nosso arraial, pera onde lhes não querião dar licença, e de lá se veio pera elles huma molher casada fugindo a seu marido com huma filha formosa, que o Coronel casou com hum mercador Hollandez, e lhes fez grandes festas em seu recebimento de musicas, danças, e banquetes, que durarão tres dias.

Aos mais Portuguezes, que ficamos, davão ração como aos seus de pão, vinho, azeite, carne, peixe cada semana; e as obras que lhe fazião alguns, que erão alfaiates e sapateiros, e camisas, que as molheres fazião pagavão muito bem.

CAPITULO VIGESIMO NONO

De como Mathias de Albuquerque, depois que recebeo a Provisão do Governo, tratou do soccorro da Bahia, e fortificação de Pernambuco, onde deteve a Francisco Coelho de Carvalho, Governador do Maranhão

Recebida por Mathias de Albuquerque em Pernambuco a Provisão do Governo do Brasil na vagante de Diogo Mendonça Furtado, fez logo huma juncta dos Officiaes da Camera, Capitães, Prelados da Religião, e outras pessoas calificadas sobre se viria em pessoa soccorrer a Bahia, o que por todos lhe foi contradicto; assim porque não bastaria o soccorro, que de lá podia trazer pera recuperal-a, como pelo perigo em que deixava estoutra Capitania, de cuja fortificação e defensa se devia tambem tratar, pois vião arder as barbas dos seus visinhos, com a qual resolução mandou Antonio de Moraes, que de cá havia ido, e achado no caminho hum grande pedaço de ambar, tornasse por terra com soccorro de alguns soldados com suas armas, e munições, fazendo tambem tornar outros, que encontrasse pelo caminho, e assim chegou ao arraial huma boa companhia.

O Governador se ficou fortificando na Villa de Olinda com muita diligencia, cercando toda a praia, e pondo nella soldados com seus Capitães em as estancias necessarias, como tambem fez em o rio Tapado hum terço de legoa da Villa, e o Páu Amarello, que dista della tres legoas, e he porto onde podem entrar lanchas, e patachos; e porque o do Recife he o principal onde estão os nossos navios, e duas fortalezas, que são as chaves de todo o Pernambuco, pedio a Francisco Coelho de Carvalho, Governador do Maranhão, que pouco havia alli chegara do Reyno, não quizesse em aquella occasião seguir sua viagem pera o Maranhão, encarregando-lhe o dito porto e povo do Recife, e o governo delle, sobre o qual ambos escreverão a Sua Magestade que se houvesse disso por bem servido, e por esta causa se ficou alli Francisco Coelho de Carvalho com tres companhias de soldados, que do Reyno levava, e juntamente com elle seu filho Feliciano Coelho de Carvalho, Manoel Soares, seu Sargento Mór, Jacome de Reymonde, Provedor Mór da Fazenda do Maranhão, e Manoel de Souza Deça, Capitão Mór do Pará, e mandou só hum barco ao Maranhão com alguns velhos, e molheres, no qual se embarcou nosso Irmão Frey Christovão Severim, que ia por Custodio com quinze Frades, que trazia da Provincia, e cinco que se lhe ajuntarão desta Custodia do Brasil, a quem tambem o Administrador de Pernambuco, que então era o Dr. Bartholomeu Ferreira, deo poderes de Vigario Geral, e Provisor, como os trazia do Santo Officio pera rever e calificar os livros, o que tudo era mui necessario em aquellas partes.

Partirão do Recife a doze de Julho de mil seiscentos vinte e quatro, e aportarão aos dezoito do mez na enseada de Mocaripe, tres legoas do Ciará, donde os veio buscar o Capitão Mór Martim Soares Moreno pera o forte, em que se detiverão quinze dias, sacramentando os brancos, e doutrinando os Indios de duas aldêas, que alli estavão, com os quaes o Custodio deixou dous Religiosos, por requerimento, que o Capitão lhe fez, pera quietação dos Indios, que com esperanças de alcançal-os os havião athé alli sustentado.

Os mais chegarão ao Maranhão em seis de Agosto, onde começarão a edificar huma casa, e igreja de taypa, em que se disse a primeira missa no anno seguinte dia de Nossa Senhora das Candêas, ajudando Deus a obra como sua com algumas maravilhas, e milagres notaveis; hum foi que dizendo os pedreiros que pera se rebocarem as paredes erão necessarias sessenta pipas de cal, e não havendo mais que vinte e cinco com ellas se rebocarão, e sobejarão ainda dezasete pipas, não sem grande admiração dos officiaes, que com juramento affirmarão era milagre.

Outro foi que trazendo-se pera a obra em hum carro huma mui grande e pesada trave, cahio o carreiro que ia diante, e passando a roda do carro por cima delle com todo aquelle peso, não lhe fez damno algum, mas logo se levantou são, e proseguio sua carreira, ficando-lhe só o signal da roda impresso no peito por onde passou pera prova do milagre.

Nem trabalhou menos o Padre Custodio em o edificio espiritual das almas, que em a visita achou estragadas, e em a conversão dos Indios. O mesmo fez no Pará, onde reduzio á paz dos Portuguezes os Gentios Tocantins, que escandalisados de aggravos, que lhe havião feito, estavão quasi rebellados, e levou comsigo os filhos dos principaes pera os doutrinar, e domesticar, prohibio com excommunhão venderem-se os Indios forros, como fazião, dizendo que só lhe vendião o serviço.

Queimou muitos livros, que achou dos Francezes herejes, e muitas cartas de tocar, e orações supersticiosas, de que muitos usavão, apartou os amancebados das concubinas, e fez outras muitas obras do serviço de Nosso Senhor, e bem das almas, não sem muito trabalho, e perseguições, que por isto padeceo, sabendo que são bemaventurados os que padecem pela justiça.

CAPITULO TRIGESIMO

De como o Governador Geral Mathias de Albuquerque mandou de Pernambuco por Capitão Mór da Bahia a Francisco Nunes Marinho, e da morte do Bispo

Informado o Governador Geral Mathias de Albuquerque em Pernambuco de algumas duvidas, e differenças, que havia entre o Bispo e o Ouvidor Geral Antão de Mesquita de Oliveira sobre o governo do arraial, e da mais gente da Bahia, porque tambem havião pera isto eleito o mesmo Ouvidor Geral, antes que elegessem, e acclamassem o Bispo, pera atalhar a estas duvidas, e differenças, mandou que viesse por Capitão Mór Francisco Nunes Marinho, que o havia já sido na Parahyba, e servido a ElRey na India e em outras partes com muita satisfação, e pera isto lhe deo dous caravellões, de hum dos quaes veio elle por Capitão, e de outro Antonio Carneiro Falcato com trinta soldados, polvora, munições, e vitualhas de vinho, azeite, e outras cousas, que se lhe puderão dar em tempo tam necessitado dellas.

No mar tiverão huma grande tormenta, que os obrigou a entrar no rio de Serigipe dElRey com vergas e mastos quebrados, donde depois que os refez, pera seguirem sua viagem, e elle se foi com alguns soldados por terra, e chegou a muito bom tempo, porque dahi a poucos dias adoeceo o Bispo da doença, de que morreo aos oito de Outubro da dita era, deixando a todos assás saudosos, e desconsolados com a falta de sua presença, por ser ella tal, que ainda a natural agradava a todos, sem as muitas graças sobrenaturaes, que Deus a esmaltou, porque era mui esmoller, e liberal, devotissimo do Santissimo Sacramento, o qual levava elle proprio aos enfermos, ou ao menos o acompanhava com hum brandão acceso, todas as vezes que o levavão fóra de dia, ou de noite. Celebrava cada dia derramando em a missa muitas lagrimas de devoção.

Pregava sem ser Theologo, posto que grande Canonista, melhor que muitos Theologos, com muito zelo da salvação das almas: emfim delle se podia dizer aquillo do sabio Sapientiæ 4, que o levou Deus deste mundo, e em tam pouca idade, que ainda não chegava a cincoenta annos, porque não era o mundo digno de tanto bem, e se isto se pode dizer dos seus merecimentos pera com Deus, não menos pera com ElRey, como bem se vio em esta occasião, em que o servio de Capitão Mór e Governador depois da Bahia tomada; porque elle foi o que andando os homens espalhados pelos mattos morrendo de fome, e nem elles se tendo por seguros, os fez ajuntar em hum arraial, como já dissemos, e alli deo ordem a que se levassem mantimentos de todas as partes a vender, sustentando elle os pobres á sua custa, que o não podião comprar.

Dalli ordenou os Capitães e companhias pera os assaltos, em que reprimio a insolencia dos Hollandezes, que se isto não fôra houverão de assolar todas as fazendas de fóra, e quando ião aos assaltos os animava, e exhortava de modo que athé os Gentios selvagens, que de principio andavão alguns nestas companhias, obrigava a irem com muita vontade, e esforço; logo se punha em oração pedindo a Deus lhe désse victoria, e quando com ella tornavão lhe dava graças, abraçava os soldados, e gratificava-lhes não só com palavras, mas com dadivas, com que todos andavão á porfia a quem melhor havia de pelejar; e assim puzerão sem o ter sitiado em tanto aperto, que não se atrevião a sahir cincoenta passos da Cidade a buscar hum limão, senão com muita gente, e ordem, e nem essa bastava, o que tudo se pode attribuir tambem ás orações do Santo Bispo, que não só governava estas guerras com sua industria, conselho, e agencia, como Josué, e outros famosos Capitães, mas com lagrimas e orações como Moysés: e entendendo que a tomada da Cidade fôra castigo do Céo por vicios, e peccados, depois se castigava a si mesmo, e fazia tam aspera penitencia, que nunca mais fez a barba, nem vestio camisa, senão huma sotaina de burel, dormia mui pouco, e jejuava muito, pregava e exhortava a todos á emenda de suas culpas, pera que applacassem a divina ira, athé que destes trabalhos o tirou Deus pera o descanço da Bemaventurança, como se pode confiar em sua divina misericordia.

CAPITULO TRIGESIMO PRIMEIRO

Dos encontros, que houve com os Hollandezes no tempo que governou o nosso arraial o Capitão Mór Francisco Nunes Marinho

Ainda que o Capitão Mór Francisco Nunes Marinho era velho, e enfermou gravissimamente chegando á Bahia, nem por isso enfraqueceo do animo, ou faltou hum ponto do que era do seu officio, e governo, antes tinha dito a João Barbosa, que o acompanhou, e servio desde a Parahyba, que por mal que esti-

vesse nunca o dissesse aos soldados, mas tomando-lhe o recado, dissesse que lho ia dar, e tornasse com a resposta em seu nome, que lhe parecesse, o que o dito João Barbosa fazia com tanta prudencia e cortezia, que todos ião contentes, e depois que sarou usava de outra cautella, que tendo mui pouca polvora, mostrava botijas cheias de arêa, fazendo entender aos soldados que erão de polvora, e quando se lhe queixavão porque dava tam pouca, e pedião mais, dizendo que deixavão muitas vezes de seguir os inimigos nos assaltos, porque no melhor lhes faltavão as cargas, respondia que bastava aquillo, querendo antes ser notado de escasso, ou de qualquer outra nota, que descobrir a falta da polvora, pera que de todo não desmaiassem, e deixassem a guerra; assim foi continuando com os assaltos na fórma, que o Bispo havia ordenado, e era a melhor que podia ser, accrescentando mais duas trincheiras, huma em Tapuype, e outra da banda de S. Bento, pera os nossos que nelles andavão.

Ordenou tambem que andassem dous barcos de vigia hum na Itapoan, outro no morro, pera avisar os navios que vinhão de Portugal, com que se salvarão tres ou quatro, e sem mudar o arraial lhe abreviou o caminho pera a Cidade hum terço de legoa, pera com mais presteza poderem acudir aos assaltos; e no seu tempo soube o Capitão Manoel Gonçalves pelas espias, que trazia, que estavão alguns Hollandezes mettidos no Mosteiro do Carmo, e deo sobre elles com os mais Capitães de que era Cabo, onde pelejarão huns e outros valorosamente, e ficarão dos Hollandezes e dos nossos dous. Outra vez encontrou o mesmo Manoel Gonçalves huns Hollandezes, que sahirão da fortaleza de São Philippe, e matou dous, fazendo recolher os outros: queimou-lhes hum batel, e emfim os tinha tam apertados, que senão era por mar poucos passos se atrevião a sahir da fortaleza.

Alguns assaltos forão tambem dar por mar os Hollandezes, como foi hum no engenho de Manoel Rodrigues Sanches, onde lhe tomarão cincoenta caixas de assucar, queimando-lhe as casas, e a igreja sem lho poderem impedir, posto que acudirão Manoel Gonçalves, e André de Padilha, pae do Capitão Francisco de Padilha, e depois o Coronel Lourenço Cavalcanti com quarenta homens, e os fizerão embarcar, matando-lhes, e ferindo-lhes alguns. Outro assalto derão no engenho de Estevão de Brito Freire, donde ao desembarcar lhe resistio o Capitão da Freguezia Agostinho de Paredes com alguns arcabuzeiros, os quaes por serem poucos, e os inimigos muitos, foi forçado retirarem-se ao alto ás casas de hum lavrador fora dos pastos do engenho, no qual os Hollandezes matarão alguns bois, e chegarão a estar ás arcabuzadas, e ainda ás pulhas com os nossos; mas de noite se embarcarão á pressa, deixando dous bois mortos sem os levarem, e só levarão vinte caixas de assucar, que acharão no engenho, havendo já de caminho tomado doze de retame de hum engenho de melles, e alguns porcos de hum chiqueiro, e se não se houverão assim embarcado não o puderão depois fazer tanto a seu salvo, porque no dia seguinte acudio o Capitão dos assaltos Francisco de Padilha, e Melchior Brandão, e Capitão de

Paraguassú com muita gente ; e porque huma náu dos Hollandezes havia ficado em seco, e se detiverão tres ou quatro dias em tomar huma agoa, que abrira, e allivial a da artilharia em as lanchas, os ditos Capitães se embarcarão com o Paredes, cuidando que sahissem em terra, o que não fizerão, mas concertada e alliviada a náu se forão pera o porto da Cidade.

Tinha mais o dito Capitão Mór Francisco Nunes ordenadas, e feitas setenta escadas pera escalar a fortaleza de S. Philippe em Tapuype, e á força se senhorear della, e da polvora dos inimigos pera os assaltos, o que não poz em execução, porque lhe veio successor, e trouxe polvora, e tudo o mais necessario.

CAPITULO TRIGESIMO SEGUNDO

De como veio Dom Francisco de Moura por mandado de Sua Magestade soccorrer a Bahia, e governar o arraial

Sabida pelo nosso Rey Catholico Philippe Terceiro a nova da perda da Bahia, a sentio grandemente, não tanto pela perda quanto por sua reputação, por entender que os Hollandezes por esta via determinavão divertil-o das guerras, que actualmente lhes fazia em Hollanda, ou que por sustental-a, e acudir aos assaltos, que continuamente lhe fazião pela Costa de Hespanha, não poderia acudir a estoutro, como elles dizião, e assim pera desenganal-os destes desenhos mandou com muita brevidade aprestar suas armadas, e que entretanto se mandasse de Lisboa todo o soccorro possivel, não só á Bahia, mas ás outras partes do Brasil, pera que os rebeldes não tomassem pé no Estado, nem ainda o lançassem fora dos limites da Cidade, que tinhão tomada, porque nisso podião perigar as fazendas dos engenhos de assucar, que estão no reconcavo, de que tanto proveito recebem as suas alfandegas.

O que visto pelos Governadores do Reyno Dom Diogo de Castro, Conde de Basto, e Dom Diogo da Silva, Conde Mordomo Mór, mandarão logo em oito de Agosto de mil seiscentos e vinte e quatro duas caravellas em direitura a Pernambuco, pera dalli seguir em a ordem que o Governador Mathias de Albuquerque lhes désse em soccorro da Bahia ; erão os Capitães Francisco Gomes de Mello, e Pero Cadena, hum e outro bem vistos na Costa do Brasil.

Trazião de soccorro o que em tam poucos navios podia ser, cento e vinte homens de guerra, cincoenta quintaes de polvora, mil e cem pelouros de ferro de toda a sorte, vinte quintaes de chumbo em pão, mil e tresentos arcabuzes de Biscaia apparelhados, quatorze quintaes de chumbo em pelouros, duzentas lanças e piques de campo, quatro arrobas de morrão.

Chegou Francisco Gomes de Mello a Pernambuco nos ultimos de Setembro, onde foi recebido com extraordinario alvoroço, e repiques da Villa, sabendo por elle ficarem fervendo Portugal, e Castella em soccorro do Brasil. O Capitão Cadena chegou mais tarde, por dar de caminho aviso na Ilha da Madeira.

Mandarão tambem os Senhores Governadores em dezanove de Agosto da dita éra Salvador Corrêa e Sá de Benevides em o navio Nossa Senhora da Penha de França com oitenta homens, armados com seus arcabuzes de Biscaia, quatorze quintaes de polvora, oito de chumbo, e dous de morrão, ao Rio de Janeiro, em que seu pae Martim de Sá estava actualmente governando. E á Bahia mandarão por Capitão Mór Dom Francisco de Moura, que já havia sido Governador de Cabo Verde, com cento e cincoenta homens de guerra, tresentos arcabuzes apparelhados, cincoenta quintaes de polvora, dez de morrão, vinte e nove de chumbo em pão, cento e cincoenta fôrmas de fazer pelouros.

Com este soccorro chegou Dom Francisco de Moura a Pernambuco, patria sua, em tres caravellas, das quaes elle capitaneava a sua, e as outras duas Hyeronimo Serrão, e Francisco Pereira de Vargas, aos quaes se ajuntarão em Pernambuco Manoel de Souza de Sá, Capitão Mór do Pará, e Feliciano Coelho de Carvalho, filho do Governador do Maranhão, que se offerecerão pera os acompanharem, e o Governador Mathias de Albuquerque lhes deo seis caravellões, e oitenta mil cruzados mais de novos provimentos, e nos caravellões se metteo todo o soccorro, que vinha nas caravellas, o que tudo se fez dentro de oito dias, no fim dos quaes se partirão do Recife, e forão desembarcar á torre de Francisco Dias de Avila, donde se vierão por terra ao arraial, e em chegando a elle aos tres de Dezembro de 1624 lhe fizerão salva de seis peças de artilharia, o que aos Hollandezes na Cidade deo que entender, porque athé aquelle tempo não tinhão dalli ouvido outras, e assim desejavão muito saber o que era, e colher alguem que lho dissesse, pera o que fizerão huma sahida a S. Bento, onde se encontrarão com o Capitão Lourenço de Brito em huma emboscada, e lhe matarão o Sargento, e prenderão outro homem muito mal ferido, do qual souberão ser D. Francisco de Moura, Capitão Mór, que succedera a Francisco Nunes Marinho, e este ao Bispo, que era morto, das quaes cousas nenhuma athé então sabião senão por dito dos negros, a que não davão credito.

Outra sahida fizerão ao Carmo, a qual não lhes succedeo tanto a seu gosto por ser a tempo que D. Francisco mandava o architecto Francisco de Frias reconhecer aquelle sitio, e como em elle se pudessem os nossos fortificar, e ião em seu resguardo o Capitão Manoel Gonçalves, Gabriel da Costa, e os mais, que daquella parte militavão, os quaes pelejarão com tanto esforço neste encontro, e lhes matarão, e ferirão tantos com morte de hum só dos nossos, que o architecto foi dizer a Dom Francisco que pera tão

valentes, e animosos soldados não havia mister fazer fortificações artificiaes, pois sem ellas remettião aos inimigos como leões. Ia-lhes tambem faltando já o conducto da carne, e pescado, e por lhes dizerem que na Ilha de Taparica, tres legoas da Cidade, havia muitos curraes de vaccas, e boas pescarias, determinarão senhorear-se della, e pera este effeito se embarcarão em duas náus, e algumas lanchas quatrocentos soldados com o Capitão Quife, e o Capitão Francisco, e indo já nos bateis pera desembarcar na Ilha em o engenho de Sebastião Pacheco, estava Paulo Coelho, Capitão da Ilha, detraz de huma cava ou bardo da bagaceira da canna, com outros Portuguezes, donde ás arcabuzadas lhe ferirão alguns, e impedirão que não desembarcassem. E porque em todos os mais engenhos houvesse a mesma resistencia, mandou D. Francisco de Moura por Manoel de Souza Deça ver as fortificações, que tinhão, e que onde não as houvesse se fizessem, o que fez com grande cuidado. Fez tambem Cabo a João de Salazar de dez barcas pera defenderem do inimigo as que trouxessem mantimentos, ou gente do reconcavo ao arraial. Com isto cessarão os assaltos por mar, e tambem por chegar hum navio de Hollanda pela festa do Natal, que tomou de caminho outro nosso, que vinha de Lisboa pera Pernambuco com cartas de El Rey, e aviso da nossa armada, que vinha.

N. B. — Este Capitulo foi copiado das Addições e emendas a esta Historia do Brasil.

CAPITULO TRIGESIMO TERCEIRO

Da morte do Coronel Alberto Scutis, e como lhe succedeo seu irmão Guilhelmo Scutis, e se continuarão os assaltos

Muito solicito andou o Coronel Alberto Scutis, depois que teve estas novas, em fortificar a Cidade e o porto, entendendo que por huma parte e outra lhe convinha defender-se, e principalmente mandou acabar, e perfeiçoar o forte da praia, que Diogo de Mendonça começou, e não tinha ainda acabado, mas nem por isto deixava de andar em festas, e banquetes, assim na terra como nas náus, a que levava o seu prisioneiro D. Francisco Sarmento com toda a sua familia, e porventura daqui se lhe originou dar em huma enfermidade, de que morreo em poucos dias.

Logo o dia em que o Coronel Alberto Scutis morreo, que foi a vinte e quatro de Janeiro de mil seiscentos e vinte e cinco, foi levantado por Coronel seu irmão Guilhelmo Scutis, que era Capitão Mór ou Mestre de Campo, ficando em seu lugar o Capitão Quiffe; no dia seguinte se deo sepultura ao defunto na Sé e com as mesmas ceremonias, que se fizerão na do primeiro Coronel, de que tratámos no Capitulo Undecimo, senão que derão mais duas surriadas

que ao outro, ou fosse por ser irmão do Coronel, ou por neste mesmo dia lhe haver chegado huma náu de Hollanda com sessenta soldados; a treze de Março chegou outra, que por o vento lhe ser escasso, e os que a governavão duvidarem se o porto seria ainda seu, andou dous dias aos bordos sem entrar, nem menos duvida, e receio houve com isto na Cidade, suspeitando que seria da armada de Hespanha, e andaria esperando pelas mais; e assim se apercebeo o Coronel com todas as prevenções necessarias; porém quietarão-se com a chegada da náu, vendo que era sua, e vinha carregada de ladrilho, que muito estimarão, pera huma torre que tinhão começada á porta do muro, que vai pera o Carmo, pera a qual ião tirando a pedra já da Capella nova da Sé, e porque lhes faltava cal, forão aos dezasete do mesmo mez pela manhã cedo a huma casa donde a havia além do Carmo, junto da Ermida de Santo Antonio, buscal-a com muitos negros, e saccos pera a trazerem, e cento e vinte soldados mosqueteiros de resguardo, os quaes mettidos na casa da cal, e em outras alli visinhas, porque chovia, sahião alguns poucos a vigiar, a que sahio o Capitão Jordão de Salazar, que estava na Ermida, e logo o Capitão Francisco de Padilha, e Jorge de Aguiar, e os mais Capitães dos assaltos, que por alli andavão perto, e se travou entre todos huma rija batalha, na qual por chover, e não poderem usar das armas de fogo as largarão, e vierão ás espadas, com que nos matarão dous homens, e ferirão doze, e os nossos matarão nove Hollandezes, hum dos quaes era Tenente Coronel, e ferirão muitos; tomarão-lhe dezoito mosquetes, duas alabardas, hum tambor, e algumas espadas, assim dos mortos, como dos que fugirão; mas vendo que lhes vinha soccorro da Cidade se retirarão os nossos, dando-lhes lugar que levassem os seus mortos e feridos, posto que sem a cal, que ião buscar.

Não trato dos assaltos, que se derão aos negros seus confederados, que algumas vezes sahião fora pelas roças como quem bem as sabia, e os caminhos, a buscar fructas pera lhes venderem, dos quaes forão alguns tomados, e a hum destes cortou o Capitão Padilha ambas as mãos, e o tornou a mandar pera a Cidade com hum escripto pendurado ao pescoço, em que desafiava o Capitão Francisco, que era o mais conhecido, porque este / como já disse / he o que tomou Martim de Sá no Rio de Janeiro, e o mandou o Capitão Mór Constantino Menelau de lá a esta Cidade, onde esteve preso muito tempo. O qual sahio ao desafio com duzentos mosqueteiros, e alguns negros frecheiros, mas quando vio a confiança com que o estavão aguardando além de S. Bento, junto á Ermida de S. Pedro, e sentio hum rumor no matto, que imaginou ser manga de Indios, pera lhe tomarem as costas, posto que realmente não erão senão huns negros, que ião carregados de taboas da Ermida de Santo Antonio da Villa Velha pera o arraial, isto bastou pera não ousar a commetter, nem ainda a esperar, e se tornou pera a Cidade.

Outra fineza fez o Capitão Francisco Padilha com seu primo Antonio Ribeiro, que se forão a hum bergantim dos Hollandezes huma noite, e junto

da fortaleza nova, e dos seus navios, que tinhão continua vigia, o levarão dalli á vista da sua náu, que estava vigiando na barra, a metter no rio Vermelho com duas peças pequenas de bronze, e quatro roqueiras, que tinha dentro, indo por terra o Capitão Francisco de Crasto, com a sua companhia, e a do Padilha de resguardo, pera que se os Hollandezes fossem atraz do bergantim o encalhassem em terra, e lho defendessem, o que elles não fizerão por se não poderem persuadir / segundo dizião / que lho levarão os Portuguezes, senão que se desamarrara, e o vento, e a maré o levara.

CAPITULO TRIGESIMO QUARTO

Da armada que Sua Magestade mandou a soccorrer e recuperar a Bahia, e dos Fidalgos Portuguezes, que se embarcarão

Com muita brevidade mandou Sua Magestade aprestar suas armadas, assim em Castella, como em Portugal e Biscaia pera soccorrer, e recuperar a Bahia do poder dos Hollandezes, dizendo que se lhe fôra possivel elle mesmo houvera de vir em pessoa, o que foi causa de todos seus vassallos se offerecerem á jornada com muita vontade, e só na armada de Portugal se embarcarão mais de cem Fidalgos, pera o que foi tambem grande motivo Dom Affonso de Noronha, Fidalgo velho, que havia sido eleito Viso Rey da India, e foi o primeiro que se alistou por soldado, a quem todos os outros seguirão, pera passar este grande Oceano, como os filhos de Israel a Aminadab, pera a passagem do Mar Vermelho.

Partio esta armada de Lisboa a vinte e dous de Novembro de mil seiscentos e vinte e quatro, dia de Santa Cecilia, por General della Dom Manoel de Menezes em o galeão S. João, do qual vinha por Capitão seu filho Dom João Telles de Menezes, e juntamente de huma companhia de soldados, e Dom Alvaro de Abranches, neto do Conde de Villa Franca, e Gonçalo de Souza, filho herdeiro de Fernão de Souza, Governador do Reyno de Angola, de outras duas, que por todos erão seiscentos soldados.

Na Almeyranta, que era o galeão Santa Anna, vinha por Almeyrante e Mestre de Campo de hum terço Dom Francisco de Almeida, por Capitão da sua infantaria Simão de Mascarenhas, do habito de S. João.

No galeão Conceição vinha por Capitão e Mestre de Campo de outro terço Antonio Moniz Barreto; por Capitão da infantaria Dom Antonio de Menezes, filho unico de Dom Carlos de Noronha. No galeão S. Joseph vinha por Capitão Dom Rodrigo Lobo, e da infantaria Dom Sancho Faro, filho do Conde de Vimieiro.

Na náu Caridade vinha por Capitão della e da infantaria Lancerote de França. Na naveta Santa Cruz vinha por Capitão della e da infantaria Constantino de Mello. Na náu Sol Dourado Capitão Manoel Dias de Andrade. Na náu Penha de França Capitão Diogo Vayão.

Na náu Nossa Senhora do Rosario, Capitanea da esquadra do Porto e Vianna, por Capitão Mór della e de toda a esquadra Tristão de Mendonça Furtado, e por Capitão da infantaria Antonio Alvares. Na Almeyranta chamada S. Bartholomeu, Almeyrante Domingos da Camara, e Capitão da infantaria Dom Manoel de Moraes.

Na náu Nossa Senhora da Ajuda, Capitão della e da infantaria Gregorio Soares. Na náu Nossa Senhora do Rosario Maior, Capitão della e de arcabuzeiros Ruy Barreto de Moura.

Na náu Nossa Senhora do Rosario Menor, Capitão Christovão Cabral, do Habito de S. João. Na náu Nossa Senhora das Neves Maior, Capitão Domingos Gil da Fonseca. Na náu Nossa Senhora das Neves Menor, Capitão Gonçalo Lobo Barreto. Na náu S. João Evangelista, Capitão Diogo Ferreira. Na náu Nossa Senhora da Boa Viagem, Capitão Bento do Rego Barbosa. Na náu S. Bom Homem, Capitão João Casado Jacome.

Os mais navios erão patachos e caravellas, que por todos erão vinte e seis, dez do Porto e Vianna, e os mais de Lisboa.

Os Fidalgos que em elles vinhão embarcados por soldados, seguindo a ordem do alphabeto, erão: o já nomeado Dom Affonso de Noronha, do Conselho de Estado. Dom Affonso de Portugal, Conde de Vimioso. Dom Affonso de Menezes, herdeiro da casa de seu pae, Dom Fradique. Dom Alvaro Coutinho, senhor de Almourol. Alvaro Pires de Tavora, filho herdado de Ruy Lourenço de Tavora, Governador que foi do Algarve, e Viso Rey da India. Alvaro de Souza, filho herdeiro da casa de Gaspar de Souza, do Conselho de Estado, e Governador que foi do Brasil. Alvaro de Souza, filho de Simão de Souza. Dom Antonio de Castello, senhor de Pombeiro. Antonio Corrêa, senhor de Bellas. Antonio Luiz de Tavora, filho herdeiro do Conde de S. João. Antonio Telles da Silva, do Habito de S. João, filho de Luiz da Silva, do Conselho de Sua Magestade, Vedor de sua Fazenda. Antonio da Silva, filho de Pedro da Silva. Antonio Carneiro de Aragão. Antonio de S. Paio, filho de Manoel de S. Paio, senhor de Villa Flor. Antonio Pinto Coelho, senhor das Figueiras. Antonio Taveira de Avellar. Dom Antonio de Mello. Antonio Freitas da Silveira, filho de João Rodrigues de Freitas, da Ilha da Madeira. Braz Soares de Souza. Dom Duarte de Menezes, Conde de Tarouca. Duarte de Albuquerque, senhor de Pernambuco. Dom Diogo da Silveira, filho herdeiro de Dom Alvaro da Silveira, e neto do Conde de Sortelha. Dom Diogo Lobo, filho de Dom Pedro Lobo. Dom Diogo de Noronha. Dom Diogo de Vasconcellos e Menezes, e Dom Sebastião, filhos de Dom Affonso de Vasconcellos, da casa de Penella. Duarte de Mello Pereira. Duarte Peixoto da Silva. Estevão

Soares de Mello, senhor da casa de Mello. Estevão de Brito Freire. Dom Francisco de Portugal, Commendador da Fronteira. Francisco de Mello de Castro, filho de Antonio de Mello de Castro. Dom Francisco de Faro, filho do Conde Dom Estevão de Faro, do Conselho de Estado de Sua Magestade, e Vedor de sua Fazenda. Francisco Moniz. Dom Francisco de Toledo, e Antonio de Abreu, seu irmão. Dom Francisco de Sá, filho de Jorge de Sá. Francisco de Mendonça Furtado, e Christovão de Mendonça Furtado, seu irmão. Gracia Velles de Castello Branco. Gaspar de Paiva de Magalhães. Jorge de Mello, filho de Manoel de Mello, Monteiro Mór. Jorge Mexia. Gonçalo de Souza, filho herdeiro de seu pae Fernão de Souza, Governador do Reyno de Angola. Gonçalo Tavares de Souza, filho de Bernardim de Tavora, do Algarve. Dom Henrique de Menezes, senhor de Louriçal. Hyeronimo de Mello de Castro. Dom Henrique Henriques, senhor das Alcaçovas. Henrique Corrêa da Silva. Henrique Henriques. Dom João de Souza, Alcaide Mór de Thomar. João da Silva Tello de Menezes, Coronel de Lisboa. João de Mello. Dom João de Lima, filho segundo do Visconde Dom João de Portugal, filho de Dom Nuno Alvares de Portugal, Governador que foi do Reyno. Dom João de Menezes, filho herdeiro de Dom Diogo de Menezes. João Mendes de Vasconcellos, filho de Luiz Mendes de Vasconcellos, Governador que foi do Reyno de Angola. João Machado de Brito. Joseph de Souza de S. Paio. Luiz Alvares de Tavora, Conde de S. João, senhor da casa de Mogadouro. Dom Lopo da Cunha, senhor de Sentar. Luiz. Cesar de Menezes, filho de Vasco Fernandes Cesar, Provedor dos Almazens de Sua Magestade. Lourenço Pires Carvalho, filho herdeiro da casa de Gonçalo Pires Carvalho, Provedor das obras de Sua Magestade. Dom Lourenço de Almada, filho de Dom Antão de Almada. Lopo de Souza, filho de Ayres de Souza. Martim Affonso de Oliveira de Miranda, morgado de Oliveira. Martim Affonso de Tavora, filho de Ruy Pires de Tavora, Reposteiro Mór de Sua Magestade. Manoel de Souza Coutinho, filho de Christovão de Souza Coutinho, Guarda Mór das náus da India, senhor da casa de Bayão. Dom Manoel Lobo, filho de Dom Francisco Lobo. Manoel de Souza Mascarenhas. Martim Affonso de Mello, e Joseph de Mello, seu irmão. Dom Manoel Coutinho, e dous filhos do Marechal Dom Fernando Coutinho. Nuno da Cunha, filho herdeiro de João Nunes da Cunha. Dom Nuno Mascarenhas da Costa, filho de Dom João Mascarenhas. Nuno Gonçalves de Faria, filho de Nicoláu de Faria, Almotacé Mór. Pedro da Silva, Governador que foi da Mina. Pedro Cesar de Eça, filho de Luiz Cesar. Pero da Silva da Cunha, filho de Duarte da Cunha. Pero Lopes Lobo, filho de Luiz Lopes Lobo. Pero Cardoso Coutinho. Pero Corrêa da Silva. Paulo Soares. Pero da Costa Travassos, filho de João Travassos da Costa, Secretario da Mesa do Paço. Ruy de Moura Telles, senhor da Povoa. Dom Rodrigo da Costa, filho de Dom Julianes da Costa, Governador que foi de Tangere, Presidente da Camera de Lisboa, e do Conselho do Paço. Dom Rodrigo Lobo. Ruy Corrêa Lucas. Rodrigo de Miranda Henriques. Ruy de

Figueiredo, herdeiro da casa de seu pae Jorge de Figueiredo. Luiz Gomes de Figueiredo, e Antonio de Figueiredo, seus irmãos. Dom Rodrigo da Silveira, e Fernão da Silveira, seu irmão, filhos de Dom Luiz Lobo da Silveira, senhor das Sargedas. Ruy Dias da Cunha. Sebastião de Sá de Menezes, filho herdeiro de Francisco de Sá de Menezes, irmão do Conde de Mattosinhos. Simão de Miranda. Simão Freire de Andrade, e muitos outros homens nobres, que parece se não tinhão por taes os que se não embarcavão nesta occasião; e assim aconteceo em Vianna entre tres irmãos, que sendo necessario ficar hum com o cuidado de sua familia, e dos mais, nenhum delles o quiz ter, por não faltar na empreza, e por entender o Conde de Miranda Diogo Lopes de Souza que importava ficar algum, por sorte de dados resolveo a contenda.

A mesma houve entre hum pae, e hum filho, querendo cada qual vir por soldado, e foi o caso ao Conde Governador, que resolveo tocar mais a jornada ao filho, que ao pae, e os deixou conformes na pertenção da honra, que cada hum pera si queria.

CAPITULO TRIGESIMO QUINTO

Da ajuda de custa, que derão os vassallos de Sua Magestade Portuguezes pera sua armada

E se tam liberaes se mostrarão de suas pessoas os Portuguezes em esta occasião, não o forão menos de suas fazendas, não sómente os que se embarcarão, que estes claro está que aonde davão o mais havião de dar o menos, e aonde arriscavão as vidas não havião de poupar o dinheiro, e assim fizerão grandissimas despezas; mas tambem os que se não puderão embarcar derão hum grande subsidio pecuniario pera o apresto da armada.

O Presidente da Camera da Cidade de Lisboa deo da renda della cem mil cruzados. O Excellentissimo Duque de Bragança Dom Theodosio Segundo deo da sua fazenda vinte mil cruzados. O Duque de Caminha Dom Miguel de Menezes, dezaseis mil e quinhentos cruzados. O Duque de Villa Hermosa, Presidente do Conselho de Portugal, Dom Carlos de Borja, dous mil e quatrocentos cruzados, com que se pagarão duzentos soldados.

O Marquez de Castello Rodrigo Dom Manoel de Moura Corte Real, tres mil tresentos e cincoenta cruzados, que em tanto se estimou o frete da náu Nossa Senhora do Rosario Maior, e a companhia que nella veio á sua custa. Dom Luiz de Souza, Alcaide Mór de Beja, senhor de Bringel, e Governador que foi do Estado do Brasil, tres mil e tresentos cruzados, e trinta moios de trigo pera biscoitos.

O Conde da Castanheira Dom João de Athayde, dous mil e quinhentos cruzados. Dom Pedro Coutinho, Governador que foi de Ormuz, dous mil cruzados. Dom Pedro de Alcaçova, mil e quinhentos cruzados. Antonio Gomes da Matta, Correio Mór, dous mil cruzados. Francisco Soares, mil cruzados. Os filhos de Heitor Mendes, quatro mil cruzados. Contribuirão tambem os Prelados ecclesiasticos.

O Illustrissimo e Reverendissimo Arcebispo de Lisboa Dom Miguel de Castro com dous mil cruzados. O Illustrissimo Arcebispo Primaz Dom Affonso Furtado de Mendonça, dez mil cruzados. O Illustrissimo Arcebispo de Evora Dom Joseph de Mello, quatro mil cruzados. O Bispo de Coimbra Dom João Manoel, quatro mil cruzados. O Bispo da Guarda Dom Francisco de Castro, dous mil cruzados. O Bispo do Porto Dom Rodrigo da Cunha, mil e quinhentos cruzados. O Bispo do Algarve Dom João Coutinho, mil cruzados.

Finalmente derão os mercadores Portuguezes de Lisboa e Reyno trinta e quatro mil cruzados. Os Italianos quinhentos cruzados, e os Allemães dous mil e cem cruzados, que em tanto se estimarão cento e cincoenta quintaes de polvora, que derão; montou tudo duzentos e vinte mil cruzados, que foi o gasto da armada, sem entrar nelle a fazenda de Sua Magestade, e assim veio provida abundantissimamente de todo o necessario pera a viagem, porque além das matalotagens, que os particulares trazião de suas casas, se carregarão pera a campanha sete mil e quinhentos quintaes de biscoito, oitocentas e cincoenta e quatro pipas de vinho, mil tresentas sessenta e oito de agoa, quatro mil cento e noventa arrobas de carne, tres mil setecentas e trinta e nove de peixe, mil setecentas e oitenta e duas de arroz, cento vinte e dous quartos de azeite, noventa e tres pipas de vinagre, fora outro muito provimento de queijos, passas, figos, legumes, amendoas, assucar, doces, especiarias, e sal; vinte e duas boticas, dous Medicos, e quasi em todos os navios Surgiões; duzentas camas pera os enfermos, e muitas meias, sapatos e camisas; tresentas e dez peças de artilharia, pelouros redondos e de cadêa dous mil e quinhentos; mosquetes, e arcabuzes, dous mil setecentos e dez; chumbo em pelouros, duzentos e nove quintaes; piques e meios piques, mil tresentos e cincoenta e cinco. De morrão duzentos e dous quintaes. De polvora quinhentos quintaes, e muitas palanquetas de ferro, lanternetas, pés de cabra, colhéres, carregadores, guarda-cartuchos, e todos os mais pretextos (*petrechos?*) necessarios pera o serviço da artilharia, e pera o de fortificações e cerco; vierão muitas pás, enxadas, alviões, picões, fouces roçadeiras, machados, serras, ceiras de sparto, e carretas de terra; e pera o concerto dos navios veio muito breu, alcatrão, cevo, pregadeiras sorteadas, estopa, chumbo em pasta, enxarcea, lona, panno de treu, fio, e outras muitas miudezas, e pera huma necessidade vinte mil cruzados em reales.

CAPITULO TRIGESIMO SEXTO

Como a armada de Portugal veio ao Cabo Verde esperar a Real de Hespanha, e dahi vierão juntas á Bahia

Aos dezanove de Dezembro da dita éra de mil seiscentos e vinte e quatro tomou a nossa armada de Portugal as ilhas de Cabo Verde, donde levava ordem de Sua Magestade, que não passasse sem a armada da Corôa de Castella; aos quatorze havia derrotado da mais armada o galeão Conceição, de que era Capitão Antonio Moniz Barreto, Mestre de Campo; e aos vinte deo á costa com tormenta nos baixos de Santa Anna na Ilha de Maio, das onze pera a meia noite, morrerão cento e cincoenta soldados, que se lançarão ao mar, vendo que não ião com os Fidalgos na primeira batelada, e ainda se houverão de lançar a perder mais, se não acudira Dom Antonio de Menezes, Capitão de infantaria, filho unico de Dom Carlos de Noronha, mancebo de vinte e dous annos, exhortando-os que tivessem paciencia athé tornar o batel, e esperança em Deus, que todos se havião de salvar, nem elle os havia de desacompanhar athé os ver todos salvos, postos em terra; o mesmo lhes disse Dom Francisco Deça, filho de Dom Jorge Deça, e com o exemplo destes dous Fidalgos se deliberarão todos a passar ou no batel, ou em outros modos, que cada hum inventava, de jangadas, e pranchas de páus e taboas, entre os quaes se salvarão tambem dous Frades da nossa Provincia de Santo Antonio, Frey Antonio, e Frey Francisco, que vinhão por Capellães do galeão, hum no batel, outro em huma cruz, que engenhou de duas taboas, figura daquella em que esteve, e está toda a nossa salvação, e remedio; chegando recado ao General Dom Manoel de Menezes da desgraça do naufragio, avisou logo ao Governador de Cabo Verde Francisco de Vasconcellos, e a João Coelho da Cunha, senhor da Ilha de Maio, onde o naufragio succedera, pera que mandassem soccorrer aos perdidos, o que elles fizerão com tanto cuidado que não só os curarão, e regalarão, mas com sua ajuda, de seus escravos, e criados se tirou a artilharia, munições, enxarceas do galeão, e outras cousas tocantes assim á Fazenda de Sua Magestade como de particulares, que se derão a seus donos, e com isto se entreteve alli a armada cincoenta dias, athé chegar a de Castella, que esperavão, a qual era de trinta e duas náus; na Capitania Real vinha por Generalissimo do mar e terra Dom Fadrique de Toledo, por Almeyrante Dom João Fajardo, General do Estreito, em a sua.

Na Capitania de Napoles Capitão o Marquez de Coproni (*Cropani*), Mestre de Campo General da empreza. Na Almeyranta o Marquez de Torrecusa, Mestre de Campo do Terço de Napoles. Na Capitania de Biscaya General Valezilha. Na Almeiranta seu irmão. Na Capitania de Quatro Villas General D. Francisco de Azevedo. No galeão Santa Anna, que era tambem desta esquadra de Quatro

Villas, Capitão Dom Francisco de Andruca (?); e neste vinha o Mestre de Campo do Terço da Armada Real de Oulhana (*Orellàna*), em outro Dom Pedro Osorio, Mestre de Campo do Terço do Estreito, e em outros de todas as esquadras outros Capitães, Sargentos, e Officiaes de guerra, a que não sei os nomes, mas em os tratados particulares, que se imprimirão da jornada, se poderão ver, e neste nos Capitulos seguintes se verão as obras, das quaes, mais que dos nomes, se collige a verdadeira nobreza.

Juntas pois estas armadas em o Cabo Verde, e feitas suas salvas militares, e cortezãos comprimentos, se partirão dahi em onze de Fevereiro de mil seis centos e vinte e cinco em dia de entrudo pera esta Bahia, á qual chegarão em vinte e nove de Março, vespora de Pascoa, a salvamento, somente se perdeo a náu Caridade, de que era Capitão Lançarote de Franca, em os recifes da Parahyba, mas acodio-lhe logo seu tio Affonso da Franca, que era Capitão Mór da Parahyba, com barcos e marinheiros, e quatro caravellões, que mandou o Governador de Pernambuco, com que salvarão não só a gente toda, excepto dous homens, que acceleradamente se havião lançado ao mar, mas depois o casco da náu com todo o massame, armas, artilharia, munições, e o Capitão Lançarote de Franca, deixando a náu, pera que a mastreassem, porque lhe havião cortado os mastos, se foi com os seus soldados á Pernambuco, e dahi em sete caravellões, que o Governador lhes deo, á Bahia, onde chegou no mesmo dia que a armada.

CAPITULO TRIGESIMO SETIMO

De como Salvador Correa do Rio de Janeiro, e Hyeronimo Cavalcanti de Pernambuco vierão em soccorro á Bahia, e o que lhes aconteceo com os Hollandezes no caminho

Em o Capitulo Vigesimo Oitavo deste Livro dissemos como depois da Bahia tomada pelos Hollandezes foi o seu Almeyrante Pedro Peres com cinco náus de força, e dous patachos, pera Angola; o fim, e intento, que os levou foi pera a tomarem, e della poderem trazer negros pera os engenhos, pera o qual dizião que se havião contractado com El Rey de Congo, e na barra de Loanda andavão já outras náus suas, e tinhão queimados alguns navios Portuguezes, e feitas outras presas em tempo que o Bispo governava pela fugida do Governador João Correa de Souza, porem como lhe succedeo no Governo Fernão de Souza, e teve disto noticia, se aprestou, e fortificou de modo que quando os Hollandezes chegarão não puderão conseguir o seu intento, nem fazer mais damno que tomar huma náu de Sevilha, que ia entrando, e dous navios pequenos, e assim se tornarão á Costa do Brasil, e entrarão no rio do Espirito Santo a dez de Março de mil seiscentos e vinte cinco, onde havia poucos dias era chegado Salvador Correa de Sá e Benevides com duzentos e

cincoenta homens brancos e Indios em quatro canoas e huma caravella, que seu pae Martim de Sá, Governador do Rio de Janeiro, mandava em soccorro da Bahia, o qual ajudou a Francisco de Aguiar Coutinho, Governador e Senhor daquella terra do Espirito Santo, a trincheirar a Villa, pondo nas trincheiras quatro roqueiras, que na terra havia, e desembarcando os Hollandezes lhes tirarão com huma dellas, e lhes matarão hum homem; e depois de entrados na Villa lhe sahirão os nossos por todas as partes, com grande urro do Gentio, e lhes matarão trinta e cinco, e captivarão dous, sendo o primeiro que remetteo á espada com hum Capitão, que ia diante, Francisco de Aguiar Coutinho, dizendo-lhe « Se vós sois Capitão conhecei-me, que tambem eu o sou, » e com isto lhe deo huma grande cutilada, com que o derribou em terra; tambem o guardião da Casa do nosso Padre S. Francisco Frey Manoel do Espirito Santo, que andava com os seus Religiosos animando os nossos Portuguezes, vendo já os inimigos junto ás trincheiras, se assomou por cima dellas com hum crucifixo dizendo « Sabei, lutheranos, que este Senhor vos hade vencer », e com isto vendo-se livre de hum chuveiro de pelouros, se foi ao sino da Igreja Matriz, que ali estava perto, e o começou a repicar publicando victoria, com que a gente se animou mais a alcançal-a, de sorte que o General dos Hollandezes se retirou pera as náus com perto de cem feridos, de trezentos que havião desembarcado, e alguns mortos, entre os quaes foi hum o seu Almeyrante Guilherme Ians, e outro o traidor Rodrigo Pedro, que na mesma Villa havia sido morador, e casado com molher Portugueza, e sendo trazido por culpas a esta Bahia, fugio do carcere pera Hollanda, e vinha por Capitão em huma náu nesta jornada, e com esta raiva mandou o General huma náu, e quatro lanchas a queimar a caravella de Salvador Correa, que havia mandado metter pelo rio acima, em hum estreito, mas elle acudio nas suas canoas, e lhes matou quarenta homens, e tomou huma das lanchas.

O dia seguinte escreveo o General a Francisco de Aguiar em este modo: «Vossa Senhoria estará tam contente do successo passado, quanto eu estou sentido, mas são successos da guerra; se me quizer mandar os meus, que lá tem captivos, resgatal-os-hei, quando não, caber-nos-ha mais mantimento aos que cá estamos ».

Isto lhe escreveo o General cuidando que ficarão na terra menos mortos, e mais captivos, mas nem esses poucos lhe quiz mandar o Governador, e assim se fez o Hollandez á vela em dezoito de Março, e se partio com muito pouca gente, donde em sahindo topou com o navio dos Padres da Companhia, em que nos havião tomado, e os mesmos Hollandezes havião dado a Antonio Mayo, mestre do navio de Dom Francisco Sarmento, em troco do seu, e vinha já outra vez do Rio de Janeiro carregado de assucar pera a Ilha Terceira, o qual trouxerão athé a barra da Bahia, e dahi mandarão hum patacho de noite reconhecer o estado do porto, e das náus que nelle estavão, e por dizerem que era a armada de Hespanha, descarregando nas suas, e pondo fogo ao

navio, se forão pôr defronte de Olinda em Pernambuco, donde tomarão hum negro de João Guteres, que andava pescando em huma jangada, e lhe perguntarão se estava a Bahia recuperada, o qual não só lhes disse que sim, senão tambem que mandara o General Dom Fadrique de Toledo matar os Flamengos todos : e elles / ainda que era mentira / o crerão, dizendo não seria elle Castelhano, e descendente do Duque de Alba; pelo que se forão á Ilha de Fernão de Noronha a fazer agoada, e chacinas, com que se tornarão pera Hollanda levando o negro comsigo; e aos mais negros e brancos, que havião tomado no navio dos Padres, derão hum patachinho, em que forão cahir á Parahyba, e contarão estas novas. E Salvador Correa, que ficou victorioso no Espirito Santo, se partio nas suas canoas com a sua gente pera a Bahia, onde se metteo entre a armada, e foi dos Generaes, e de todos aquelles Fidalgos bem recebido.

Da mesma maneira sabendo Hyeronimo Cavalcanti de Albuquerque em Pernambuco de Lancerote da Franca, que se perdeo na náu Caridade na Parahyba, que a armada era passada pera a Bahia, se embarcou em hum navio por ordem do Governador Mathias de Albuquerque, com dous irmãos seus, e outros parentes, e amigos, e cento e trinta soldados, todos sustentados á sua custa, e vindo encontrou-se no mar com o patacho, que os Hollandezes havião mandado vigiar antes da vinda da nossa armada, com cuja vinda ficou de fora; este commetteo o de Hyeronimo Cavalcanti, e depois de se tirarem hum, e outro muitas bombardadas, sendo mortos cinco dos nossos, hum dos quaes foi Estevão Ferreira, capitão da proa, que com estar ferido se não quiz recolher athé o não matarem os Hollandezes, e se forão, que não devia de ser sem terem tambem muitos mortos, ou recebido algum damno, e os Cavalcantis entrarão na Bahia. donde forão bem recebidos de todos, particularmente do Capitão Mór Dom Francisco de Moura, seu primo, e do Senhor de Pernambuco Duarte de Albuquerque, que havia vindo na armada por soldado, e Sua Magestade se deo do feito por bem servido, como o manifestou em huma carta, que escreveo ao mesmo Hyeronimo Cavalcanti.

CAPITULO TRIGESIMO OITAVO

Como desembarcarão os da armada, e os Hollandezes lhes forão dar hum assalto a S. Bento, donde se começou a dar a primeira bateria

Melhor Pascoa cuidarão os Hollandezes que tivessem, quando a vespora della pela manhã, a hora que na igreja se costuma cantar Alleluia, tiverão vista da armada imaginando ser a sua, que esperavão, porem tanto que a virão por de largo em fileira e meia lua, que quasi cercava da ponta de Santo Antonio

athé á de Tapuype toda a enseada em que está a Cidade, e virem-se os barcos dos Portuguezes do reconcavo metter entre ella, conhecerão ser de Hespanha, e se começarão aparelhar com muito cuidado, chegarão as suas náus á terra junto das fortalezas, e metterão tres das mercantis, que tinhão tomadas, no fundo diante das suas, pera entupirem o passo ás da nossa armada, que lhes não pudesse chegar, tirarão os marinheiros Portuguezes, que tinhão a bordo, e os trouxerão pera a Cidade, notificando a elles, e aos mais, que nella estavamos que não saissemos de casa; trouxerão algumas peças de artilharia pera o Collegio, e outras partes, per onde lhes pareceo que os poderião entrar. Despejarão o forte de São Philippe, que está huma legoa da Cidade, entendendo que lhes não erão sessenta homens, que lá tinhão, de tanto effeito como nella.

Os da nossa armada em este tempo ião-se desembarcando junto ao forte de Santo Antonio dous mil Castelhanos, mil e quinhentos Portuguezes, e quinhentos Neapolitanos com seus Mestres de Campo, que erão dos Castelhanos Dom Pedro Osorio, e Dom João de Orelhana; dos Portuguezes Dom Francisco de Almeida e Antonio Moniz Barreto, e dos Neapolitanos o Marquez de Torrecusa, dos quaes deixou o General em o quartel de S. Bento a Dom Pedro Osorio, Dom Francisco de Almeida, e o Marquez, cada hum com o seu Terço, que todos continhão dous mil soldados, e elle se passou ao do Carmo com os mais, e logo se foi trazendo a artilharia pera pôr em ambos, porque ambos estão em montes, e são quasi os ultimos de outros, que tem a Cidade da banda da terra por padrastos. O que presentindo os Hollandezes, e receiando o damno, que dali lhes podião fazer, sairão aos que estavão alojados em São Bento tresentos mosqueteiros á terceira oitava da Pascoa ás dez horas do dia, donde se começou huma batalha, que durou duas horas, na qual forão mortos dos nossos oitenta, porque como os vierão retirando athé os fazerem recolher á Cidade, da porta della, e de outras fortalezas lhes tirarão tantas bombardadas com cargas de munição meuda, e de pregos, que puderão fazer toda esta matança, e ferir a muitos, do que os Hollandezes vierão mui contentes, e trouxerão por tropheo huma coura de hum Capitão Castelhano, cujo corpo, com cobiça della, que era toda apassamanada de ouro, trouxerão arrastando athé ao pé da ladeira onde do muro podião chegar com qualquer arcabuz, e muito melhor com os mosquetes, de que elles usão, e assim vindo os nossos a buscal-o de noite pera lhe darem sepultura, lhes tirarão algumas mosquetadas, mas comtudo o levarão, e o enterrarão em sagrado com os mais, que neste assalto morrerão pelejando animosamente, que forão os de mais conta Dom Pedro Osorio, Mestre de Campo do Terço do Estreito, o Capitão Dom Diogo de Espinosa, o Capitão Dom Pedro de Santo Estevão, sobrinho do Marquez de Cropani, João de Orejo, Secretario do Mestre de Campo, Dom Fernando Gracian, Dom João de Torreblanca, Francisco Manoel de Aguilar, D. Lucas de Segura, e Dom Alonso de Agana, junto ao qual se achou na batalha Dom Francisco de Faro, filho do Conde de Faro, com hum Hollandez

a braços, e o matou, como tambem forão outros mortos e feridos, posto que poucos em comparação aos nossos, os quaes com esta colera sem mais aguardar assentarão logo a artilharia, e no dia seguinte, que foi quinta-feira tres de Abril, começarão com ella a bater a Cidade, porque (*sic*) aquella parte fronteira a São Bento, abrindo-lhe grandes buracos no muro, que os Hollandezes tornavão a tapar de noite com saccos de terra, que pera isto fizerão, mas não tanto a seu salvo, que cada noite lhes não matassem e ferissem alguns, com o que elles não desmaiavão, tendo esperança que viria cedo a sua armada, como hum Ingrez feiticeiro lhes havia certificado, e por esta causa puzerão huma grande bandeira com as suas armas no pinaculo da torre da Sé, que está no mais alto lugar da Cidade, pera que vindo os seus a vissem, e pudessem entrar confiadamente conhecendo que estava a terra por sua. E a esta conta se defendião, e nos offendião por todos os modos, que podião, entre os quaes foi hum, que largarão duas náus de fogo huma noite com vento em popa, e maré pera que fossem abalroar ás nossas, e queimal-as, huma das quaes poz em risco a nossa Almeyranta de Portugal, e sem falta se queimara se não ficara amarra, e largara o traquete, com que quiz nosso Senhor que se livrasse do perigo.

A outra investio com a Almeyranta do Estreito com tanto impeto, que se começava a derreter o breu, e chamuscar alguns soldados, mas tambem foi livre pela diligencia e industria de Dom João Fajardo, a cujo cargo estava a armada, e a canoa em que cuidarão escapar tres Hollandezes, que governavão o fogo, foi tomada com hum delles per huma chalupa de Roque Centeno.

Nem deixavão com toda esta occupação os Hollandezes todos os dias, manhã e tarde, de se ajuntarem á Sé a cantar psalmos, e fazer deprecações a Deus que os ajudassem: donde hum Domingo pela manhã deo hum pelouro, que vinha da nossa bateria de S. Bento, e passando a parede da Capella de S. Joseph levou as pernas a quatro, que estavão assentados em hum banco, ouvindo a sua pregação, de que morrerão dous.

Assistião neste quartel de S. Bento, donde esta bolada se fez, e outras muitas, Dom Francisco de Almeida, Mestre de Campo de hum Terço Portuguez e Almeyrante da Armada Real da Coroa de Portugal, e com elle militarão Dom João de Souza, Alcaide Mór de Thomar, Antonio Correa, Senhor da Casa de Bellas, Dom Antonio de Castello Branco, Senhor de Pombeiro, Ruy de Moura Telles, Senhor da Povoa, Dom Francisco Portugal, Commendador da Fronteira, D. Alvaro Coutinho, Senhor de Almourol, Pedro Correa Gama, Sargento Mór deste Terço. O Capitão Gonçalo de Souza, o Capitão Manoel Dias de Andrade, o Capitão Salvador Correa de Sá e Benevides, o Capitão Hyeronimo Cavalcanti de Albuquerque, seus irmãos, e outros Nobres Portuguezes.

Assistia tambem com o seu Terço de Neapolitanos Carlos Caraciolos, Marquez de Torrecusa, em quanto se não mudou a outro sitio. E do Terço do

Estreito muitos Fidalgos e Capitães, que todos huns, e outros a inveja no cavar da terra pera os vallos parecião cavadores de officio, no carregar da faxina pera as trincheiras mariolas, mas no disparar dos mosquetes, e muito mais em esperar os dos inimigos, valorosos soldados.

N. B. — Este Capitulo Trigesimo Oitavo foi copiado das Addições e emendas a esta Historia do Brasil, que existem no Real Archivo da Torre do Tombo.

CAPITULO TRIGESIMO NONO

Da segunda bateria, que se fez do Mosteiro do Carmo, onde assistio o General Dom Fadrique de Toledo, e outras duas, que della se derivarão

Não trabalharão menos os que militarão na bateria do Carmo com o General Dom Fadrique, mas como os de São Bento forão picados daquelle assalto dos Hollandezes, não houve redea, que os tivesse, a não serem os primeiros; alem de que acharão hum pedaço de muro do proprio Mosteiro de que se ajudarão pera a trincheira, e os do Carmo a fizerão toda de novo, assim pera a banda da Cidade, a cuja porta fica este monte fronteiro da parte do Norte, como pera as náus inimigas, que lhe ficavão ao pé da banda do Poente, ás quaes começarão de tirar em nove de Abril, tratando-as mui mal com os pelouros, e a maior dellas, que era do Capitão Sansão, e tinha duas andainas de artilharia meterão no fundo, posto que ali o fundo he pouco por estar muito chegada á terra, e a náu ser grande, ainda ficou com grande parte sobre a agoa, mas perderão-se-lhe alguns mantimentos, e cousas que estavão no porão, e matarão-lhe quatro homens, e ferirão doze.

Não foi menos o damno, que desta bateria fizerão na Cidade furando-lhe o muro e a porta, e derribando muitas casas, pelo que prometteo o Coronel a todos os Hollandezes, que de noite trabalhassem no reparo dos muros e trincheiras, duas patacas a cada hum; porque de dia sem estipendio o fazião, e assim era continuo o trabalho, e sobre este fazer e desfazer, romper, e reparar de muros era tambem continua a bateria de peças, e mosquetes, e se matava de parte a parte alguma gente; entre outros foi mui notavel hum tiro, que tirarão desta bateria do Carmo á outra, que tinhão os Hollandezes á porta da Sé, onde deo o pelouro na terra debaixo dos pés de hum sargento, e sem lhe fazer mais damno, que fazel-o saltar como quem dansando faz huma cabriola, varou ao Hospital, e rompendo a parede matou a dous Surgiões, que estavão curando a seus feridos, e ferio de novo a hum dos feridos.

Da mesma maneira forão mortos alguns dos nossos, como foi Martim Affonso, Morgado de Oliveira, que recolhendo-se a casa a vestir huma camisa, suado do trabalho de carregar faxina, e carregar e descarregar mosquetes,

assentando-se á janella a tomar hum pouco de ar, o ferio huma peça dos Hollandezes em huma perna, de que em tres dias morreo com tanto valor e Christandade como se esperava de tam qualificada pessoa, o qual se embarcou enfermo de Lisboa, e advertindo-o parentes e amigos que não tratasse da jornada, respondeo que ungido havia de ir nella, tanta era o desejo, que tinha do serviço do seu Rey, não só em esta occasião, mas em outras muitas ia bem mostrado; o qual Sua Magestade lhe soube bem gratificar depois de sua morte nas mercês que fez a seus filhos, como ao diante veremos.

Este foi hum dos Fidalgos Portuguezes, que militava neste quartel do Carmo, de que havemos tratado, e imos tratando, com sua Excellencia; os outros erão Dom Affonso de Noronha; o Conde de São João Luiz Alvares de Tavora, cunhado do dito Morgado de Oliveira; o Conde de Vimioso D. Affonso de Portugal; o Conde de Tarouca Dom Duarte de Menezes; Duarte de Albuquerque; Francisco de Mello de Castro; Alvaro Pires de Tavora; João da Silva Tello; Lourenço Pires de Carvalho; Dom João de Portugal; Martim Affonso de Tavora; Antonio Telles da Silva; o Capitão Dom João Telles de Menezes; o Capitão Christovão Cabral; o Capitão Dom Alvaro de Abranches; o Capitão Dom Antonio de Menezes; o Capitão Dom Sancho de Faro, e outros.

Desta Estancia do Carmo ordenou o General Dom Fadrique que se fizessem outras duas, huma nas palmeiras, em que estiverão os Mestres de Campo Dom João de Orelhana, e Antonio Moniz Barreto, e Tristão de Mendonça, Capitão Mór da esquadra do Porto, com dous sobrinhos seus Francisco e Christovão de Mendonça, Dom Henrique de Menezes, Senhor de Louriçal; Ruy Correa Lucas, Nuno da Cunha, Antonio Taveira de Avellar, o Capitão Lancerote da Franca, o Capitão Diogo Ferreira, e outros; e foi esta Estancia de muita importancia, por ser mais alta que todas, e não estarem as dos Hollandezes por aquella fronteira tam fortificadas, e assim lhe descavalgarão as suas peças, e lhes matarão e ferirão muitos homens, posto que tambem nos matarão alguns, e entre elles o Capitão Diogo Ferreira, que foi hum dos tres irmãos Viannezes, que ganhou por sorte de dados o vir na jornada, que dissemos no Capitulo Trinta e Tres, e tambem outro a que chamavão João Ferreira, que vinha por Provedor Mór da Fazenda deste Estado do Brasil com hum navio armado, fretado á sua custa, morreo em Lisboa de huma febre aguda, ficando o que perdeo na sorte dos dados com vida, e fazenda em sua casa e patria, ainda chorando porque não foi hum delles.

A outra Estancia e bateria foi de Dom Francisco de Moura com a gente da Bahia, e Capitães dos Assaltos, donde assistirão tambem alguns criados de Duarte de Albuquerque Coelho, Capitão, Governador, e Senhor de Pernambuco; e esta foi muito arriscada bateria, porque estava diante da de Dom Fadrique hum tiro de arcabuz, mui chegada á Cidade, e fronteira ao Collegio dos Padres da Companhia, donde os Hollandezes batião com seis peças, e de parte a parte se fazia muito damno.

CAPITULO QUADRAGESIMO

De outras trincheiras, que se fizerão da parte de S. Bento, e como se começarão a dividir os Francezes dos Hollandezes

Tambem / e ainda antes das duas Estancias sobreditas / fizerão as suas Dom Manoel de Menezes, e Dom João Fajardo á parte de S. Bento, em hum morro junto ao mar, sobre a Ribeira que chamão de Gabriel Soares, donde fizerão muito damno com cinco peças de artilharia não só aos navios Hollandezes, e ás fortalezas da praia, que toda dali se descobria, mas tambem a algumas da Cidade.

Entre esta Estancia, e a de S. Bento fez tambem o Marquez de Torrecusa, Mestre de Campo do Terço dos Napolitanos, os quaes ainda que ficavão bem fronteiros á porta da Cidade, e tam perto della, que não só com a artilharia grossa, mas com a miuda podião fazer damno, desejosos / parece / de virem ás mãos com colera de Italianos, forão fazendo huma cava, com que chegarão ao pé do muro. Estas sete Estancias, que estão ditas nestes tres Capitulos, são donde se fez bateria á Cidade, sem se deixar de ouvir estrondo de bombardas, esmerilhões, e mosquetes de parte a parte, hum quarto de hora, de dia nem de noite, em vinte e tres dias que durou o cerco, e erão tantos os pelouros pelo ar, que milagrosamente escapavão as pessoas assim nas casas, como nas ruas, e caminhos; nem faltou curioso que contasse, e diz que forão as balas grossas que os inimigos tirarão duas mil quinhentas e dez, e as que os nossos lhe tirarão quatro mil cento e sessenta e oito. O qual pera que melhor se entenda porei aqui a descripção da Cidade, e sitio das fortalezas, donde se tirava de dentro, e de fora della, que he a seguinte.

Bem entenderão por estas vesporas os inimigos qual seria a festa quando os nossos entrassem a Cidade, e com este receio se começarão já os Francezes a dividir dos Hollandezes determinando fugir pera os nossos, da qual occasião se quiz aproveitar tambem hum soldado Portuguez Indiatico, que os Hollandezes havião tomado vindo de Angola, e se havia alistado com soldo, entrando, e sahindo com elles da guarda, o qual sabendo a determinação dos Francezes se concertou com quatro pera pôr fogo á polvora, e allegando este serviço, que não era pequeno, alcançar perdão da vida, porém hum o descobrio ao Coronel, o qual mandou logo prender, e enforcar o Portuguez, e hum dos Francezes, que os outros dous lhe fugirão pera os nossos; pelo que mandou o Coronel lançar bando pelas ruas, a som de dez ou doze tambores, que todo o que soubesse de outro, que quizesse fugir, e lho fosse denunciar lhe daria quatrocentos cruzados, e dahi avante se teve muita vigia sobre os Francezes na poste que fazião.

CAPITULO QUADRAGESIMO PRIMEIRO

De como se levantarão os soldados Hollandezes contra o seu Coronel Guilhelmo Scutis, e depondo-o do cargo elegerão outro em seu lugar

Aos vinte e seis dias do mez de Abril, que era hum sabbado, dia dedicado á Virgem Sacratissima Senhora Nossa, em que costuma fazer particulares mercês a seus devotos, favoreceo signaladamente aos que estavão na sua bateria, e trincheira do Carmo, dando-lhes este dia tanto animo e coragem, que alguns sem temor da artilharia e mosquetes, que disparavão os inimigos, chegarão athé á porta da Cidade, e hum soldado Aragonez chamado João Vidal, da Companhia de Dom Affonso de Alencastre, chegou a tomar a bandeira, que estava sobre a porta, e por entre as balas, que os inimigos lhe tiravão a levou ao seu Capitão, e delle ao General, que inda que reprehendeo a sorte, por se fazer sem ordem sua, recebeo o caso como o merecia o valor delle, e fez acrescentar ao soldado oito escudos de ventagem.

Succedeo tambem que sacudindo, no mesmo tempo, o morrão hum Hollandez, que estava de guarda em aquella parte, derão as faiscas em hum barril de povora, com que se chamuscarão vinte e cinco de tal maneira, que não poderão mais manear as armas, cousa que elles dizião em aquella occasião sentir mais que a propria morte, porque morrendo, só os mortos faltavão na peleja, mas sendo lesos e feridos, faltavão tambem os Surgiões, e enfermeiros, que com sua cura se occupavão, tam desejosos andavão da victoria, que a antepunhão ás suas proprias vidas; e porque o seu Coronel acudio tarde a este rebate, e já em outras occasiões o havião notado de descuidado, e tratava de commetter Concerto, segundo o descobrio a huma sua amiga Portugueza, se conjurarão trinta soldados, e forão pera o matar dentro em sua casa, e a Estevão Raquete, Capitão da Companhia de Mercadores, que com elle estava, mas este fugio, e ferirão o Coronel com huma alabarda na cabeça e nas mãos, o que dizem se fez com consentimento dos Capitães, cuja prova he não se prender alguns dos ditos soldados, e logo os do Conselho privarem o ferido do cargo, e elegerem por coronel o Capitão Mór chamado Quiffe, e em seu lugar por Capitão Mór, ou Mestre de Campo o Capitão Buste.

Incrivel he a insolencia com que nisto se houverão estes soldados, pois não bastou o novo Coronel mandar prender a Estevão Raquete na cadêa publica pera se quietarem, senão que ainda lá forão dous pera o matarem, e o houverão de fazer se lhe não acudirão outros presos, e o proprio Coronel, o qual os mandou prender; os outros se forão a casa da Portugueza tambem pera a matar se lhes não fugira pera casa de hum Portuguez casado, que a escondeo, e vingarão-se em lhe roubarem quanto lhe acharão, que não era pouco o que o Coronel lhe havia dado.

Não he menos incrivel a vigilancia e cuidado, com que o novo Coronel de dia e de noite trabalhava recolhendo-se com as trincheiras pera dentro, pera assestar nella a artilharia, quando as de fora fossem de todo rotas, e trajando (*traçando*) outros ardis, e invenções de guerra, com que se pudessem entreter athé lhes vir o soccorro da sua armada, que esperavão, e em que tinhão toda a sua confiança.

CAPITULO QUADRAGESIMO SEGUNDO

De como se entregarão os Hollandezes a Concerto

Quão enganados vivem os homens, que põem a sua confiança em as forças e industria humana, experimentarão brevemente os Hollandezes em esta Cidade da Bahia, cuja guarda e defensão cuidavão estar em tirarem hum Capitão, e pôrem outro mais diligente e industrioso, sendo certo o que diz David que se o Senhor não guarda a Cidade, em vão vigião os que a guardão. E assim não passarão tres dias inteiros, que se não desenganassem do seu intento, vendo que já não podião reparar o damno, que das nossas baterias lhes fazião, e emfim vierão a entender que lhes convinha fazer Concerto, que ao outro Coronel havião estranhado, mas ainda o fizerão paleado com huma capa de honra, mandando por hum tambor huma carta ao General Dom Fadrique ao Carmo, em que lhe dizião que aquella manhã havião ouvido huma trombeta nossa, que segundo seu parecer os chamava, e convidava a paz, a qual tambem elles querião, e pera tratar della houvesse entretanto tregoas. Ao que respondeo Dom Fadrique que elle não chamava a sitiados, e cercados com trombetas, senão com vozes de artilharia, mas se elles a estas acudião, e querião cousa que não fosse contraria á honra de Deus, e dElRey, estava prestes pera os ouvir, com o que logo se começou a tratar das pazes, e estavão os Hollandezes tam desejosos dellas, que na mesma hora os que ficavão fronteiros á bateria das palmeiras, a qual estava á ordem de Dom João de Orelhana, e Antonio Moniz Barreto, Mestre de Campo, e de Tristão de Mendonça, Capitão Mór da esquadra do Porto, se forão pera elles levantando as mãos em signal de rendidos, aos quaes desceo a fallar o dito Tristão de Mendonça, e Lancerote da Franca, Capitão da Infantaria, que se foi com elles a fallar ao Coronel, e do quartel do Carmo, por ordem de Sua Excellencia, João Vicente de S. Felix, e Diogo Ruiz, Tenente do Mestre de Campo General, e depois outros recados de parte athe se concluir o Concerto, o qual se fez por escriptura publica em presença de pessoas do Conselho, que forão da parte dos Hollandezes Guilhelmo Stop, Hugo Antonio, e Francisco Duchs.

Da parte de Sua Magestade o Marquez Dom Fadrique, o Marquez de Cropani, Dom Francisco de Almeida, e Antonio Moniz Barreto, Mestres de Campo

de dous Terços de Portuguezes: D. João de Orelhana, Mestre de Campo de hum Terço Castelhano: Dom Hyeronimo Quexada, Auditor geral da Armada Castelhana, Diogo Ruiz, Tenente do Mestre de Campo General, e João Vicente de S. Felix, os quaes todos, depois de suas conferencias, assentarão que os Hollandezes entregarião a Cidade ao General Dom Fadrique de Toledo em nome de Sua Magestade, no estado em que se achava aquelle dia trinta de Abril de mil seis centos e vinte e cinco, a saber, com toda a artilharia, armas, bandeiras, munições, petrechos, bastimentos, navios, dinheiro, ouro, prata, joias, mercancias, negros escravos, cavallos, e tudo o mais, que se achasse na Cidade do Salvador, com todos os presos que tivessem, e que não tomarião armas contra Sua Magestade athé se verem em Hollanda. E o General em nome de Sua Magestade lhes concedeo que todos pudessem sahir da Cidade livremente com sua roupa de vestir e cama, os Capitães e Officiaes cada hum em seu bahú ou caixa, e os soldados em suas mochillas, e não outra cousa, e que lhes daria passaporte pera os navios de Sua Magestade, não os achando fora da derrota da sua terra, e embarcações em que commodamente pudessem ir, e mantimentos necessarios pera tres mezes e meio, e que lhes darião os instrumentos nauticos pera sua navegação, e os tratarião sem aggravo, e lhes darião armas pera sua defesa na viagem, sem as quaes sahirião athé os navios, salvo os Capitães, que poderião sahir com suas espadas.

Assignarão-se estas Capitulações no quartel do Carmo a trinta de Abril de mil seiscentos e vinte e cinco, per Dom Fadrique de Toledo Osorio. Guilhelmo Stop. Hugo Antonio. Francisco Duchs.

NB. Este Capitulo foi copiado das Addições e Emendas a esta Historia do Brasil.

CAPITULO QUADRAGESIMO TERCEIRO

De como se tomou entrega da Cidade, e despojos: graças, que se derão a Deus pela victoria, e aviso, que se mandou á Hespanha

Em o primeiro de Maio da dita éra, dia dos Bemaventurados Apostolos S. Philippe e Sant'Iago, se abrirão as portas da Cidade, e entrando por ellas o nosso exercito bem ordenado, se puzerão logo postas nas partes que era necessario. E os Hollandezes / que ainda erão mil novecentos e dezanove / se recolherão nas casas da praia com boa guarda de soldados Hespanhoes; e depois em as suas náus, com encargo de as concertarem, e calefetarem os seus carpinteiros e calafates. Tambem forão logo presos os Portuguezes, que se ficarão com elles, e se lhes fez inventario da sua fazenda, como tambem se fez de toda a que foi achada em poder dos Hollandezes, e das mais cousas que entre-

garão, que forão seiscentos negros, huns fugidos de seus senhores pera o inimigo com amor da liberdade, outros de prezas que tomarão em navios, que vinhão de Angola.

Entregarão mais seis navios e duas lanchas, porque ainda que quando entrou a nossa armada na Bahia tinhão vinte e hum, já os outros erão queimados, ou metidos no fundo.

Item — entregarão dezaseis bandeiras de Companhias, e o Estandarte, que estava na torre da Sé: duzentas e dezaseis peças de artilharia, quarenta de bronze, e as mais de ferro. E trinta e cinco pedreiros, quinhentos quintaes de polvora embarrilados: balas, bombas, granadas, e outros artificios de fogo em abundancia, mil e quinhentos e setenta e oito mosquetes, cento e trinta e tres escopetas, e arcabuzes, grande quantidade de cobre em pasta: oitocentos e setenta morriões: oitenta e quatro peitos fortes, grande numero de outros, e espaldares; vinte e hum quintal de morrão; e todas as fazendas, que havião tomadas, assi das logeas dos mercadores, e casas da Cidade, como de navios, e muitas que trouxerão de sua terra, as mais das quaes tinhão metidas no Collegio dos Padres da Companhia, onde os mercadores moravão, pera as venderem quando achassem compradores, e se o Collegio lhe servia de logea de mercancias, e morada de mercadores, a igreja lhes servia de adega. E depois que os vinhos se acabarão, de enfermaria.

Da mesma maneira estavão profanadas todas as outras igrejas da Cidade, porque a do Nosso Seraphico Padre servia de almazem de polvora e armas, e no dormitorio morava hum Capitão, e companhia de soldados. A ermida de Nossa Senhora da Ajuda era outro almazem de Polvora. A Misericordia tambem era sua enfermaria: e só na Sé pregavão, e enterravão os Capitães defuntos, que pera os mais fizerão cemiterio do Rocio, que fica defronte dos Padres da Companhia. E assim não houve outra Igreja, que fosse necessario desviolar-se senão a Sé, cousa que os herejes sentirão muito, ver que desenterrarão dous seus Coroneis, e outros Capitães, que ali estavão enterrados, e chamarão alguns pera que mostrassem as sepulturas, e os levassem a enterrar ao campo, pera se haver de celebrar a primeira missa in gratiarum actionem, a qual cantou solemnemente o Vigario Geral do Bispado do Brasil, o Conego Francisco Gonçalves, aos cinco dias do mez de Maio.

Forão diacono e subdiacono dous Clerigos Castelhanos Capellães da armada. Pregou o Padre Frey Gaspar da sagrada Ordem dos Pregadores, que Dom Affonso de Noronha trazia por seu confessor. Nella se ajuntarão os Generaes da Empreza com todos os fidalgos, que nella se acharão de Portugal e Castella.

Depois se fez o mesmo em as outras igrejas, pela mercê da victoria alcançada, e se fizerão officios pelos Catholicos que nella morrerão. Aqui confesso eu minha insufficiencia pera poder relatar os jubilos, a consolação, a alegria, que todos sentiamos em ver que nos pulpitos, onde se havião pregado heresias,

se tornava a pregar a verdade de nossa Fé Catholica, e nos altares, donde se havião tirado ignominiosamente as imagens dos Santos, as viamos já com reverencia restituidas, e sobretudo viamos já o nosso Deus em o santissimo Sacramento do altar, do qual estavamos havia hum anno privados, servindo-nos as lagrimas de pão de dia, e de noite, como a David quando lhe dizião os inimigos cada dia «Onde está o teu Deus»? E depois de lhe darmos por isto as graças, as davamos tambem ao nosso Catholico Rey por haver sido per meio de suas armas o instrumento deste bem.

E daqui entendo eu que se o seu Reyno de Hespanha se pinta em figura de huma donzella mui formosa com a espada em huma mão, e espigas de trigo em a outra, não he só pera denotar sua fortaleza, e fertilidade, mas pera significar como pelas armas de seus exercitos se gosa este divino trigo em todo o mundo.

O aviso deste successo venturoso se encarregou por particular a Dom Henrique de Alagon, que no assalto que os Hollandezes derão a São Bento, foi ferido de dous pelouros, a quem acompanhou o Capitão Dom Pedro Gomes de Porrez, do habito de Calatrava, em o patacho de que era Capitão Martim de Lano. O treslado da carta, que levou de Dom Fadrique pera Sua Magestade he o seguinte.

«Senhor: eu hei trazido a meu cargo as armas de Vossa Magestade a esta Provincia do Brasil, e nosso Senhor ha vencido com ellas, se hei acertado a servir a Vossa Magestade, com isto estou sobejamente premiado. As occupações de dar cobro a Cidade, restituir a Nosso Senhor seus templos, tratar dos negocios da justiça, que Vossa Magestade me encarregou, e castigo dos culpados, carena de algumas náus, bastimento pera a Armada, em que ha bem que fazer: aviamento, e despacho dos rendidos, que hão de tornar a sua terra, e o deste aviso, e outras mil cousas me tem sem hora de tempo: o que faltar na relação emendarei no segundo aviso. Dom João Fajardo ha servido a Vossa Magestade melhor que eu, porque ha assistido no apresto do que ha desembarcado do mar com grande cuidado, que não ha sido menos essencial que o das armas; tambem esteve em a segunda bateria, que se fez aos navios, e em tudo ha procurado servir a Vossa Magestade, e ajudar-me como pessoa de tantas obrigações.

« O mesmo ha feito Dom Manoel de Menezes. O Marquez de Cropani ha trabalhado, ainda que velho, como moço, com o fervor, e zelo que outras vezes, dando a Vossa Magestade obrigação de fazer-lhe mercê, e honra, e a mim de supplical-o a Vossa Magestade, etc.»

E assim proseguio depois em outras o louvor de todos em geral com a liberalidade, que he mui propria na nobreza Castelhana. Foi feita a dita carta a doze de Maio, e chegou brevemente a Madrid, onde Sua Magestade fez dar solemnemente as graças a Nosso Senhor pela mercê recebida, sobre outras mui grandes, que este anno de mil seiscentos e vinte e cinco recebeo, como foi livrar-lhe Cadiz de huma poderosa armada de cento e trinta navios Ingrezes,

da qual livrou tambem milagrosamente a frota de Indias, que aquelle anno trazia dezasete milhões em ouro, prata e fructos da terra. E o milagre foi que tanto que os Ingrezes aportarão em Cadiz, mandou S. Magestade despachar seis caravellas com grandes premios a frota pera que fosse aportar a Lisboa ou Galisa, por não ser presa dos inimigos; cahio huma das caravellas nas mãos dos Ingrezes, os quaes, tendo por certo que esperando a frota em quarenta gráus se farião senhores della, partirão logo de Cadiz a por-se em aquella altura, mas foi Deus servido que nenhuma caravella das nossas acertou com a frota, e assim veio direita a Cadiz, vinte dias depois da Ingreza a estar esperando na paragem por onde houvera de vir se lhe derão o recado de Sua Magestade.

Nem aqui parou a sua desgraça, e ventura nossa, senão que a sua armada se perdeo depois com tempestades, e tormentas, de sorte que a menor parte della tornou a sua terra. Em Flandres foi tomada aos herejes a poderosa Cidade de Breda. E no Brasil / como temos dito / recuperada de outros a Bahia, que o anno dantes a tinhão occupada. Bem parece que foi aquelle bisexto e estoutro de Jubileu, em que o Vigario de Christo em Roma tam liberalmente abre, e communica aos fieis o thesouro da Igreja, pera que confessando-se sejão absolutos de culpas, e censuras, que são muitas vezes as que impedem as mercês e beneficios divinos, e nos acarretão os castigos. E principalmente se pode attribuir a felicidade deste anno a Hespanha, em ser nelle celebrada a Canonização de Santa Isabel, Rainha de Portugal, e natural do Reyno de Aragão, por cuja intercessão e merecimentos podemos crer que fez, e fará Deus muitas mercês a estes Reynos.

NB. Este Capitulo foi copiado das emendas a esta Historia do Brasil.

CAPITULO QUADRAGESIMO QUARTO

Da guerra que o Governador Mathias de Albuquerque mandou dar ao Gentio da Serra da Copahobba, que se rebellou na occasião dos Hollandezes

Não só o Gentio da beira mar se rebellou nesta occasião dos Hollandezes contra os Portuguezes, mas tambem os do Sertão e Serra de Copahobba, e a esta conta matarão logo dezoito visinhos seus, e lhes captivarão seis filhas moças donzellas, e alguns meninos; pelo que o Capitão Mór da Parahyba, Affonso da Franca, tanto que Francisco Coelho se partio, mandou o Capitão Antonio Lopes de Oliveira, e á sua ordem os Capitães Antonio de Valladares e João Affonso Pinheiro com muita gente branca, e o Padre Gaspar da Cruz com os Indios Tobajares, nossos amigos, e inimigos antigos dos Potiguares rebellados, pera que lhes fossem fazer guerra, e os castigassem como merecião: os quaes os não acharão já na Serra, porque presentindo isto / cousa mui natural em os que

se sentem culpados /, pondo fogo ás aldeas e igrejas, que nellas tinhão / porque já muitos havião recebido o Sacramento do Baptismo /, se havião ido metter com os Tapuias, dalli mais de cem legoas, pera que os ajudassem, e defendessem dos Portuguezes, levando-lhe de presente as donzellas e meninos, que havião tomado na Parahyba, do que tudo informado o Governador Mathias de Albuquerque, mandou suster na jornada Antonio Lopes de Oliveira, e os mais Capitães que ião da Parahyba, athé se informar melhor do caso, e tomar conselho sobre a justiça da guerra; pera o que fez ajuntar em sua casa os Prelados das Religiões, Theologos, e outros letrados, Canonistas e Legistas, e concluindo-se entre elles ser a causa da guerra justa, e pelo conseguinte os que fossem nella tomados escravos, que são no Brasil os despojos dos soldados, e ainda o soldo, porque o Gentio não possue outros bens, nem os que vão a estas guerras recebem outro soldo.

Logo o Governador mandou os Capitães Simão Fernandes Jacome e Gomes de Abreu Soares, e por Cabo delles Gregorio Lopes de Abreu, com suas companhias; os quaes chegando á Parahyba, e informados de Antonio Lopes de Oliveira do lugar pera onde o Gentio tinha fugido, mandarão os mantimentos, e alguma gente athé o Rio Grande por mar, e se partirão por terra pera dahi levarem outra companhia, que por mandado do Governador Geral lhe deo o Capitão Francisco Gomes de Mello, e foi por Capitão della Pero Vaz Pinto á ordem tambem de Gregorio Lopes de Abreu, os quaes começarão todos a marchar pelo sertão, onde padecerão grandes fomes, e sedes, e aconteceo andarem tres dias sem acharem agoa pera beber, pelo que desesperados de todo o remedio humano, e esperando só nos merecimentos e intercessão do Bemaventurado Santo Antonio, cuja imagem levavão comsigo, o começarão a invocar huma tarde, e cavar na terra seca pedindo que lhes desse agoa, e foi cousa maravilhosa, que a poucas enxadadas sahio em tanta quantidade, que todos os do alojamento muito se abastarão aquella noite, e o dia seguinte, enchendo suas vasilhas pera caminharem, a agoa se seccou.

Dali a tres jornadas derão com huns poucos dos Indios, e os tomarão pera lhes servirem de guias, posto que fugio hum, que levou aviso aos mais; pelo que quando chegarão os nossos os acharão já postos em arma; mas nem isso bastou, pera que os não commettessem com tanto impeto, e animo, que lhes matarão muitos, não perdoando os nossos Tobajares a molheres nem meninos, pela vontade que levavão aos rebeldes, o que visto pelos Tapuias, depois de haverem sustentado a briga dous dias, mandarão perguntar a Gregorio Lopes, Cabo das nossas companhias, que vinda fora aquella ás suas terras, donde nunca forão brancos a fazer-lhes guerra, não lhes tendo elles dado causa a ella? O qual respondeo que não o havião com elles, senão em quanto erão fautores e defensores dos Potyguares, que se havião rebellado contra o seu Rey, havendo-lhe promettido vassallagem, e se havião confederado com os Hollandezes, e morto os Portuguezes seus visinhos contra as pazes, que tinhão celebradas, e

assim se desenganassem que, senão, iria sem os levar captivos ao Governador, ou lhes custaria a vida, com o qual desengano lhe trouxe o principal dos Tapuias, dous principaes dos rebeldes, chamado hum Cipóuna, e outro Tiquarusú, pera que tratassem de pazes, e concerto, como tratarão; e em resolução foi que se querião entregar com toda a sua gente da Serra de Copahobba ao Governador, pera que dispuzesse delles como lhe parecesse justiça, dando-lhe pera isto hum mez de espera; o que o Capitão Gregorio Lopes aceitou pela necessidade em que os seus estavão de mantimento, trazendo logo comsigo muitos dos filhos em refens, e as moças brancas, e meninos, que tinhão presos.

Nem este concerto aceitou, e fez com o principal Tiquarusú, que era mais culpado, antes o mandou matar logo em presença de todos ás cutiladas. Não com Cipoúna, o qual cumprio depois á risca, trazendo toda a sua gente, no tempo que ficou, pera que o Governador dispuzesse della á sua vontade, e o Governador, sem tomar nenhum por si, commeteo ao Desembargador João de Sousa Cardines que os repartisse pelos soldados e outros moradores, pera que os servissem em pena de sua culpa, e rebellião, mas muitos se acolherão a sagrado das Doutrinas dos Padres da Companhia, onde forão bem acolhidos, porque ali se doutrinão, e conservão melhor, que nas casas dos seculares, como já outras vezes tenho dito.

NB. Este Capitulo Quadragesimo Quarto foi copiado desta Historia do Brasil por Frey Vicente do Salvador; porém o Capitulo Quadragesimo Quarto que está nas Addições e Emendas a esta Historia hé o que se segue.

CAPITULO QUADRAGESIMO QUARTO

Da armada, que veio de Hollanda a Bahia em soccorro dos seus, e do mais, que succedeo athe a partida da nossa

Não se podia dizer que a guerra era acabada, por se haver recuperada a Cidade dos Hollandezes, pois ainda se esperava pela sua armada do soccorro. E assim chegou logo hum navio de Angola, que deo por nova andar no Morro huma náu, e hum patacho, que tinhão tomado dous navios nossos, hum de mantimentos pera a armada de Portugal, que vinha de Lisboa, outro da Ilha da Madeira, com vinhos, que tambem se mandava á armada, e ao Conde de Vimioso da sua capitania de Machico; sahio-lhes Tristão de Mendonça, e o Capitão Gregorio Soares, por mandado do seu General D. Manoel de Menezes, e tomarão o dos mantimentos com os Hollandezes, que dentro estavão. Tambem mandou D. João Fajardo hum patacho, que tomou o dos vinhos, e dos Hollandezes, que tomarão destes dous navios, constou que vinha já a sua armada do soccorro, a qual poucos dias depois, aos vinte e seis de Maio pela manhã, appareceo na barra; erão trinta e quatro náus, quinze grandes do Estado, e as mais de frete, e assim erão duas capitanias. Ás duas horas depois do meio

dia entrarão todas enfiadas humas traz outras pera dentro com tanta confiança que provavelmente se entendeo devião ainda cuidar que estava a Cidade por sua, e que fôra bom o conselho, que o Marquez de Coprani havia dado, que se não abalasse a nossa armada, porque elles virião surgir junto della, acrescentando que seria bom tirar-se a bandeira Real, que havião posto na torre da Sé, e pôr em seu lugar a Hollandeza, que havião tirado, e dispararem da nossa armada alguns tiros á Cidade, e da Cidade á armada, pera que se confirmassem os Hollandezes no que cuidavão, e lhes viessem a cahir nas mãos: porém Dom Fadrique respondeo o que referem de Alexandre Magno que não era honra alcançar victoria com enganos, e mandou sahir os navios mais pequenos logo pela manhã com ordem que não pelejassem, athe não chegarem as capitaneas, as quaes se desamarrarão tam tarde, que havendo ido os primeiros em vento e maré favoravel, acharão já tudo contrario, o dia que se ia acabando, e os inimigos retirando-se, pelo que mandou tirar hum tiro de recolher, e tambem por ver que havia hum galeão nosso, chamado Santa Thereza, dado em seco em os baixos da parte da Taparica, o qual cortando-lhe o masto grande, nadou, e sahio do perigo. E os Hollandezes, posto que alguns tocarão o baixo, sahirão, e se forão todos a seu salvo aquella noite na volta do mar, sem perderem mais que dous bateis, que se desamarrarão, ou largarão por mão, e huma bandeira que a Almeyranta de Napoles levou com hum pelouro a hum delles da quadra: onde se perdeo a mais gloriosa empresa, que se podia ganhar, com a qual, junta á que havião alcançado na Cidade, se ficavão quebrando os braços aos inimigos, pera nos não poderem tam cedo fazer damno, mas parece que os quiz Deus deixar ainda no Brasil / como deixou os Cananeos aos filhos de Israel / pera freio de nossos peccados; e assim se forão logo desta Bahia á da Traição, do que sendo avisado Dom Fadrique per via de Pernambuco, mandou á pressa aprestar a armada pera ver se de caminho, em caso que ainda ahi estivessem, os podia levar. E pera este effeito mandou que João Vincencio Sanfeliche, de quem se valia em as cousas de mais consideração, e o General Francisco de Vallecilha, como tam experimentado na nautica, se adiantasse a Pernambuco com instrucção que em companhia do Governador Mathias de Albuquerque, e das pessoas mais praticas o informasse do sitio da Bahia da Traição, suas particularidades, e capacidade, pera ver se achando-se a armada inimiga em ella, poderia entrar a de Hespanha a desalojal-a, e não podendo, que conviria fazer em resolução de não perder tempo quando chegasse a Pernambuco, senão que pudesse executar o que tivessem determinado, pelo que fez logo o Governador juntar todos os pilotos em sua casa, e com seu parecer assentarão que na boca da dita Bahia não havia mais que quinze ou dezaseis palmos de agoa, com que era impossivel entrar a armada de Hespanha, além de que a parte que tinha mais fundo estava occupada com os navios de Hollanda; e assim o melhor seria surgir a nossa armada defronte da barra, e saltearem os inimigos por terra athe os forçar a sahir; e pera isto havião pre-

venido cem juntas de bois, e carros pera tirar a artilharia, mil Indios da Parahyba, e mil homens brancos de Pernambuco, que com os mais, que Dom Fadrique mandaria desembarcar dos seus, seria bastante pera conseguir seu intento, o qual por esta causa deo conclusão ás cousas da Bahia.

Mandou enforcar dos Portuguezes, que estavão presos por voluntariamente se haverem ficado com os Hollandezes, quatro, e dos negros, que se confederarão com elles, seis, sendo primeiro huns e outros ouvidos, e julgados pelo Auditor Geral. Repartio os despojos das mercadorias, e fazendas, que os Holladezes havião tomado aos moradores, pelos soldados da armada. Donde trouxe hum Pregador, pregando em aquella occasião muito a proposito aquillo do primeiro Capitulo do Propheta Joel / Residuum erucæ comedit locusta /, porque o que havião deixado os inimigos lhes levarão os amigos, que vierão pera os soccorrer, e remediar. E se ainda destes restou alguma cousa / residuum locustæ comedit bruchus /, que foi o presidio de mil soldados, que o dito General deixou da armada na Cidade, no qual deixou por Sargento Mór Pedro Correa, que o havia sido de hum dos Terços de Portugal, soldado velho, experimentado nas guerras de Flandres.

Fez Capitães da infantaria a Francisco Padilha, Manoel Gonçalves, Antonio de Moraes, e Pero Mendes, que o havião sido dos assaltos, e Capitão Mór e Governador da Terra a Dom Francisco de Moura, que já de antes o era. Despedio-se dos Conventos dando a cada hum de esmola duzentos cruzados pera ajuda de repararem as paredes, que como servirão de baluartes e trincheiras, ficarão mui damnificados.

E com isto pedindo que lhe encommendassem a Nosso Senhor a viagem, se embarcou a vinte e cinco de Julho, dia do Bemaventurado Apostolo Santiago, patrão de Hespanha, posto que por o vento ser contrario, não poude sahir da barra senão a quatro de Agosto, no qual tempo o tiverão tres dos navios, em que ião embarcados os Hollandezes rendidos, pera se apartarem dos mais, e se irem.

NB. Segue-se o Capitulo Quadragesimo Quinto do successo da nossa armada pera o Reyno, e dos Hollandezes pera a sua terra; porém nas Addições e Emendas a esta Historia do Brasil he o quadragesimo setimo.

CAPITULO QUADRAGESIMO SETIMO

Do successo da nossa armada pera o Reyno, e dos Hollandezes pera a sua terra

Com tormenta partio a nossa armada da Bahia, pelo que logo abrio muita agoa hum galeão de Hespanha, e lhe foi forçado tornar pera dentro, pera depois de tomada hir em companhia de outro, que tambem, por se não poder concertar

a tempo, não foi com a armada, á qual depois de partir sobreveio outra tormenta, tam grande, que não poude tomar Pernambuco, onde a estavão esperando com muito alvoroço, não já pera pelejar com a Hollandeza, que era ida, senão pera regalarem a sua Excellencia, e mais senhores, pera cujo recebimento tinhão ordenadas muitas festas, especialmente sentirão não poder ver o Senhor da terra Duarte de Albuquerque Coelho, e não devia elle de sentil-o menos, pois padecia a pena de Tantalo, não podendo gozar do que appetecia, e via, nem a vinda pera a Bahia, nem a ida. Daqui começarão logo os navios a apartar-se, cada hum pera onde a força da tempestade o levava, e muito mais depois que lhes sobrevierão outras na altura das Ilhas, com que se perdeo a Almeyranta de Portugal na Ilha de S. Jorge, mas salvou-se o Almeyrante Dom Francisco de Almeida, e os que com elle ião, com muito trabalho, e darem continuamente á bomba, sem comer, porque a matalotagem apodreceo com a agoa, donde depois na mesma Ilha adoecerão, e morrerão muitos, e entre elles Dom Antonio de Castello Branco, Senhor de Pombeiro, que Nosso Senhor tenha em sua gloria, como confio em sua divina Misericordia, e pelo que sei delle no tempo que esteve nesta Bahia, que se confessava, e commungava cada semana, ouvia todos os dias missa, junto com ser muito esmoler, e outras virtudes, que como pedras preciosas, engastadas em fino ouro de sua nobreza, davão de si muito lustre.

O galeão em que ia Dom Affonso de Alencastre, por fazer muita agoa, e não a poderem tomar, tomarão a gente em outro, e o mais que puderão, e puzerão-lhe fogo. Constantino de Mello, e Diogo Varejão encontrarão seis navios Hollandezes, com quem pelejarão, e sendo rendida a náu do Varejão, ficou só o Mello na sua naveta continuando a briga com tanto valor, que já o deixavão, se não sobrevierão tres náus de Estado, a que tambem resistio, mas emfim o tomarão, e levarão a Hollanda, roubando-lhe quanto levava, senão a fama do Capitão, que forão publicando, e he bem se publique por todo o mundo.

Dom Manoel de Menezes, General da armada de Portugal, chegou a Lisboa a quatorze de Outubro, havendo brigado na paragem da Ilha de S. Miguel com dous galeões de Hollandezes, que ião de Mina carregados, o qual depois de ter feito amainar hum o deixou ao galeão Sant'Anna das Quatro Villas, que ia na sua esteira, no qual ia o Mestre de Campo Dom João de Orelhana, e se foi em seguimento do outro, que lhe ia fugindo, e por ventura o tomara, segundo a sua náu era forte, e ligeira, se não fôra necessario tornar atraz acudir ao galeão Sant'Anna, que ardia; porque havendo abordado e rendido o dos Hollandezes, e passados já muitos ao nosso, tirado alguns, que se não quizerão sahir, não sei se por estes, ou se acaso se pegou fogo ao seu, e in continenti delle ao nosso, com que se abrasarão ambos, sem se salvar mais que cento e quarenta e oito pessoas, que se lançarão a nadar, a que Dom Manoel acudio quando vio o fogo, deixando o galeão, que ia fugindo, e largando-lhes a fragata, cabos, jangadas, taboas, e outras cousas, de que se pudessem valer, os livrou do perigo da agoa, morrendo todos os mais abrasados com o Mestre de

Campo Dom João de Orelhana, Dom Antonio de Luna de Menezes, e outros muitos.

Dom Fadrique de Toledo com grande parte da armada derrotou com o rigor do tempo avante do Estreito ao Porto de Malaga, e fazendo dalli alguns Fidalgos sua jornada a Portugal souberão de hum Correio de Sua Magestade junto a Sevilha ser aportado a Cadiz huma armada Ingreza de cento e trinta velas, per onde logo voltarão desandando o caminho, que já tinhão andado, julgando ser aquelle o mais proprio de quem elles erão, que o que depois de tam larga jornada levavão a suas casas: erão os que fizerão esta volta João da Silva Tello, Dom Duarte de Menezes, Conde de Tarouca, Francisco de Mello de Castro, Dom Lopo da Cunha, Senhor de Santar, Dom Francisco Luiz de Faro, filho do Conde Dom Estevão de Faro, Antonio Taveira de Avellar, e Dom Nuno Mascarenhas. Levarão seu caminho de Sevilha a Xeres, onde o Duque de Medina Sidonia, neto de Ruy Gomes da Silva, pelo que tinha de Portuguez, lhes fez singulares demonstrações de agasalho, e estimação, que valia tão primoroso valor.

Tratarão logo do fim da sua vinda, que era metterem-se em Cadiz, pera que a ajudassem a defender, pedindo ao Duque huma galé pera nella passarem, e pelas difficuldades, que o Duque representou, não puderão então levar avante esta sua deliberação, e assim se forão á defensão da ponte de Suasso, onde assistião quatro mil homens, mas chegando depois recado de Cadiz de Dom Fernando Girão, pera que de noite lhe mettessem na Cidade tresentos homens escolhidos, forão os Fidalgos os primeiros, que na vanguarda com seus piques partirão a este soccorro, caminhando tres legoas a pé, com chuva, e agoa em muitas partes pelos geolhos, athé entrarem na Cidade ás onze horas da noite, onde Dom Fernando Girão os foi buscar a suas pousadas, significando com palavras, e com abraços, que sentiria muito fazer o inimigo leva da sua armada, pois com o favor de taes Cavalleiros podia esperar desbaratal-o. Em Cadiz assistirão como valorosos a todo o trabalho e perigo militar athé o inimigo se ir. Não merecerão menos estimação Dom Affonso de Noronha, Antonio Moniz Barreto, Henrique Henriques, e Dom Affonso de Alencastre, porque ainda que quando chegarão a Cadiz estavão já os inimigos retirados, dizem os Theologos que a vontade efficaz he equivalente á obra, se não pode pôr-se em effeito, e por tal a estimou Sua Magestade, escrevendo ao Conselho que porque estava informado do valor com que os Portuguezes o servirão nesta occasião, e que pera morrer por seu serviço lhes não faltava vontade, e sobejava o animo, mandava que a cada hum se désse o que tivesse da Corôa pera filhos ou herdeiros, e lhes fizessem todas as mais mercês, que elle por outro Decreto seu tinha concedido aos que morressem nesta empreza da Bahia, sem ser necessario a nenhum fazer sobre isto mais diligencias. O teor da carta he o seguinte:

« Governadores amigos. Eu El Rey vos envio muito saudar, como aquelles

que amo. Havendo-se entendido o bem que os Fidalgos Portuguezes, que forão cobrar a Bahia de Todos os Santos, tem servido, e desejando que conheção quam agradavel me foi seu serviço, e quam satisfeito me acho de suas pessoas, Hei por bem em primeiro lugar que se executem as mercês geraes, que fiz pera os que morressem nesta jornada nos filhos de Martim Affonso de Oliveira, e que se me consulta em que outra poderia eu mostrar-lhes meu agradecimento, e sentimento da morte de seu pae, por ser tam honrado Fidalgo, e tam zeloso do meu serviço, não reparando pera o fazer em nenhum particular seu, ficando, se pode ser, tam satisfeito do seu modo de servir, como de seus mesmos serviços. E aos mais Fidalgos me pareceu se lhes declarem, e dem por feitas todas aquellas mercês, que se lhes fizerão per em caso que morressem na jornada, pois da sua parte não-lhes ficou mais que fazer. Desejando eu infinito que saibão os que me servem que gratifico o animo de fazel-o, como a mesma obra, e que não hão mister mais solicitação, negociação, recordo, nem passos, que dados em meu serviço, e por esta razão sem consulta nenhuma o quiz resolver assim. Escripta em Madrid a dezoito de Setembro de mil seiscentos e vinte e cinco. Rey. »

Não se poderá ver maior demonstração do amor de Sua Magestade á Corôa de Portugal; pois sem consulta do Estado, só pela do amor, foi servido de seu motu proprio formar hum Real Decreto tam favoravel a esta Corôa. Nem menos grato se mostrou aos que vierão pela Corôa de Castella, fazendo a huns e outros grandes mercês; mas muito maiores as recebeo de Deus este mesmo anno, que foi o de mil seiscentos e vinte e cinco, e bem parece que era o do Jubileu geral, em que o Vigario de Christo em Roma tam liberalmente abre, e communica aos fieis o Thesouro da Igreja.

(A) Daquella armada Ingreza tam poderosa, da qual livrou tambem tam milagrosamente a frota das Indias, que aquelle anno trazia dezasete milhões em ouro, prata, e fructos da terra, e o milagre foi, que tanto que os Ingrezes aportarão em Cadiz, mandou Sua Magestade despachar seis caravellas com grandes premios á frota, pera que fosse aportar a Lisboa ou Galisa por não ser presa dos inimigos. Cahio huma das caravellas nas mãos dos Ingrezes, os quaes tendo por certo que esperando a frota em quarenta gráus se farião senhores della, partirão logo de Cadiz a pôr-se naquella altura; mas foi Deus servido que nenhuma caravella das nossas acertou com a frota, e assim veio direita a Cadiz vinte dias depois da Ingreza a estar esperando na paragem por onde houverão de vir se lhe derão o recado de Sua Magestade; pelo que reconhecido El Rey de tam grande mercê, deo graças a Nosso Senhor, e muito mais depois que soube ser quasi toda a armada inimiga com tempestades, e tormentas, de

(A) Este paragrapho vem incluido no Capitulo Quadragesimo Terceiro das Addições e Emendas a esta Historia do Brasil, o qual já está copiado; comtudo não se pode deixar de repetir aqui, pera não truncar este Capitulo.

sorte que a menor parte della tornou á sua terra. Em Flandres foi tomada aos herejes a poderosa Cidade de Buda. No Brasil recuperada de outros a Bahia, que o anno dantes a tinhão occupada. Mas que havia de ser, se em este anno foi celebrada a Canonização de Santa Isabel Raynha de Portugal, natural do Reyno de Aragão, por cuja intercessão e merecimentos podemos crer que fez, e fará Deus muitas mercês a estes Reynos.

Tambem padecerão grandes tormentas em o mar os Hollandezes, que forão da Bahia, ainda que levavão os navios mais descarregados, que he hum bem só em as tormentas conhecido; e não foi menor a que padecerão em terra depois que chegarão á Hollanda, porque logo forão todos presos pelos seus, e sentenciados á morte por se haverem entregues a partido tam cedo com a Cidade, e o mais que tinhão, e havião ganhado na Bahia, sem esperarem pela sua armada do soccorro, ao que acudirão as molheres, filhos, e parentes com embargos, allegando que não fôra possivel deixarem de se entregarem, ou morrerem todos, pela muita tardança do seu soccorro, e grande aperto em que os nossos os tinhão postos: e outras cousas, pelas quaes emfim os soltarão, e lhes concederão as vidas, condemnando-os sómente em que se lhes não pagassem os soldos, que se lhes devia.

Os outros, que havião vindo de soccorro, se forão da Bahia da Traição a Porto Rico, que he em Indias de Castella, onde achando a gente descuidada desembarcarão, e saquearão o lugar, depois acudio o Capitão da fortaleza da Barra, que por ser estreita e como porta daquelle porto, lho cerrou de modo que não puderão sahir como entrarão, antes se virão em tanto aperto, que já de concerto largarão quanto tinhão roubado, e ainda alguma cousa do seu, porque os deixassem sahir, o que o Capitão lhes não quiz conceder, assim por entender que os tinha vencidos, como por receiar que El Rey lho estranhasse, e em ambas as cousas se enganou, porque os inimigos estavão mui fortes em suas náus, com tudo quanto saqueado, ensacado, e mettido dentro nellas, esperando só huma noite escura de tormenta, e vento, que lhes servisse pera sahirem, como lhes succedeo em huma em que sahirão, e se forão, sem lho poderem impedir nem fazer-lhes algum damno, mais que em huma náu velha, que puzerão por... *(sic)*, e Sua Magestade mandou cortar a cabeça ao Capitão da fortaleza, e não por aceitar o concerto, que lhe commettião os Hollandezes, no que elle só cuidava que estava toda a culpa.

N. B — Nas Addições e Emendas vem este Capitulo, porém onde no fim delle diz: «e Sua Magestade mandou cortar a cabeça ao Capitão da fortaleza, e não por aceitar o concerto, que lhe commettião os Hollandezes, no que elle só cuidava que estava toda a culpa.» nas Emendas só diz o seguinte: « E Sua Magestade não se houve por tam bem servido do Capitão da fortaleza como elle imaginou. »

CAPITULO QUADRAGESIMO SEXTO

De como o Governador Mathias de Albuquerque mandou buscar a carga de huma náu da India, que se perdeo na Ilha de Santa Helena

Providencia Divina foi ficarem na Bahia os dous galeões que dissemos no Capitulo precedente, hum dos quaes era da esquadra de Biscaia, chamado Nossa Senhora da Atalaya, de que era Capitão João Martins de Arteagoa, outro da esquadra do Estreito, chamado S. Miguel, e o Capitão Francisco Cestim, porque forão depois mui uteis e necessarios pera irem buscar a carga da náu Conceição, que por se ir ao fundo com agoa descarregou na Ilha de Santa Helena; vinha esta da India em companhia de outras quatro, das quaes vinha por Capitão Mór Dom Antonio Tello, o qual não podendo deixar de seguir a sua viagem, tomou della a fazenda que poude, e a gente com o seu Capitão Dom Francisco de Sá, e deixou a Antonio Gonçalves pousado com cento e vinte homens brancos, e alguns Cafres em guarda do mais, escrevendo por hum batel ao Governador do Brasil que lhe mandasse navios; chegou o batel a Pernambuco, onde o Governador Mathias de Albuquerque, que estava em dezoito de Agosto de mil seiscentos vinte e cinco, o qual avisou logo a Dom Fadrique, pedindo-lhe pera isto quatro urcas, que ahi o estavão aguardando com mantimentos pera a armada, dos quaes era cabo João Luiz Camarena, e Dom Fadrique do mar, onde achou o recado, mandou que fossem os ditos galeões da Bahia, porque das urcas dos mantimentos tinha necessidade a sua armada, pelo que o Governador mandou logo em direitura aos de Santa Helena huma caravella de refresco, e por Capitão della Matheus Rodovalho, e duas náus pela Bahia, huma chamada S. Bom Homem, Capitão Antonio Teixeira, outra Churrião, Capitão Custodio Favacho, providas da Fazenda de Sua Magestade, pelo contractador Hyeronimo Domingues, pera que daqui fossem com os ditos galeões, como logo forão, e com outra náu chamada a Rata, que mandou Dom Francisco de Moura, da qual era Capitão Rodrigo Alvares.

Chegarão a Santa Helena a vinte e sete de Dezembro de mil seiscentos e vinte e seis, acharão os Indiaticos entrincheirados com os fardos, e com tres baluartes feitos, em que tinhão seis peças de artilharia, donde havião pelejado primeiro com huma náu Hollandeza, e depois com quatro de Hollandezes e Ingrezes, tam valorosamente, que não se atreverão a sahir á terra, e se forão com muita gente morta.

Depois de começarem os nossos navios a tomar carga, estando já quasi carregados, chegou huma náu Hollandeza, maior que a náu da India, com quarenta peças de artilharia, a qual surgio entre os dous galeões, e elles abalroarão com ella, e saltando a gente no convez, que acharão despejado, se se-

nhorearão delle, rompendo a enxarcea, e velas, e dizendo aos que estavão debaixo da xareta que se rendessem, respondião que não, porque já o diabo estava em seus corações, e assim pelejarão como endemoninhados, matando, e ferindo com os piques, por entre a xareta, e com roqueiras a muitos dos nossos, entre os quaes foi morto o Capitão Arteagoa, pelo que, e por se temerem do fogo, que por algumas vezes lhe lançarão, a desabalroarão, e a náu se foi com todas as riquezas, que trazia de Ternate.

Os nossos acabarão de carregar, deixando ainda na Ilha o mapam *(sic)* de ancoras, e amarras, que não couberão.

Partirão em sete de Fevereiro da dita éra de mil seiscentos e vinte e seis, vindo por Capitão Mór Philippe de Chaverria, em lugar do que morreo na batalha: chegarão a Pernambuco o primeiro de Março, onde o Governador os proveo de todo o necessario pera a viagem, por ordem do sobredito contractador, e do Almoxarife João de Albuquerque de Mello, e se fizerão á vela com outros navios mercantes pera o Reyno aos dezoito do mesmo mez, e chegarão a Lisboa a salvamento em quinze de Maio.

CAPITULO QUADRAGESIMO SETIMO

Dos Hollandezes, que andavão por esta costa da Bahia athé á Parahyba em o anno de mil seiscentos e vinte e seis, e da ida do Governador Francisco Coelho de Carvalho pera o Maranhão

Em dezanove de Abril desta éra de mil seiscentos e vinte e seis apparecerão na bocca desta barra da Bahia, junto ao morro, tres náus Hollandezas de força, huma das quaes trazia trinta peças de artilharia grossa e cento e quatro homens de guerra: metteo no fundo huma caravella, que vinha de Angola, de que era mestre Antonio Farinha, visinho de Sezimbra, por não querer amainar, mas salvarão-lhe toda a gente branca, e alguns negros, de cento e setenta que trazia, e os trouxerão onze dias comsigo, fazendo-lhes boa companhia, por o trazerem /segundo ao depois disserão/ assim por ordem do seu Principe de Orange, em respeito do bom tratamento que o General Dom Fadrique de Toledo deo aos Hollandezes na recuperação desta Cidade, e depois os forão lançar todos no Rio das Contas, donde feita sua agoada, se forão ajuntar com outra esquadra de quatro náus, e hum patacho, que vinha pera Pernambuco, e ahi ancorarão todas juntas defronte da barra aos vinte de Maio, excepto o patacho, o qual por ser mui ligeiro andava com dez peças de artilharia, discorrendo sempre pela Costa de huma parte pera outra, e este fez encalhar na Poripuera, trinta legoas de Pernambuco pera a Bahia, huma lancha,

que o Governador mandava de aviso, e tomou hum navio de Vianna, que havia sahido do Recife com seiscentas caixas de assucar, e assim por ir tam carregado, e com caixas por entre as peças de artilharia, não poude jogar dellas, e se deixou tomar de hum patacho, cousa em que os Ministros de Sua Magestade devião vigiar muito nestas partes, porque não foi este o primeiro que se perdeo por esta causa, nem será o derradeiro, senão se fizer muita vigia pera que não vão sobrecarregados.

Tomou tambem outro, que ia pera Angola, e huma caravella, que vinha da Ilha da Madeira, carregada de vinhos, lançando a gente de todos em a Ilha de Santo Aleixo.

Deo caça a huma caravella que vinha dos rios de Congo, a qual se lhe acolheo ao porto do Páu Amarello, e a outra de Sezimbra, que se metteo em a enseada do Cabo de Santo Agostinho, donde depois ao longo do Recife forão metter no porto, como tambem fizerão tres navios de Lisboa, e dous das Canarias, por aviso que lhes derão de hum barco que o Governador mandou pera este effeito da banda do Cabo, que he a paragem por onde no mez de Maio, e nos mais de inverno, navegão pera Pernambuco.

Tambem mandou o mesmo Governador Geral Mathias de Albuquerque dous Indios da terra, e hum mulato, cada hum em sua jangada com artificio de fogo pera o pôrem ás náus dos Hollandezes, que estavão mais de quatro legoas da barra ao mar, dos quaes chegou hum chamado Salvador, e o pegou á pôpa da Capitanea, mas foi sentido de hum cachorro da náu, que despertou a gente, e o apagarão, tirando logo ás mais hum tiro de rebate, com a qual raiva queimarão o dia seguinte a caravella, que havião tomado, e tambem porque o mestre lhes não havia querido dar por ella cincoenta cruzados, que lhe pedirão, e feito isto levantarão ferro, e se forão.

Tambem se foi Francisco Coelho de Carvalho, Governador do Maranhão, o qual passava já de dous annos que estava em Pernambuco sem poder partir-se, assim pela cobrança de vinte mil cruzados, que El Rey ali lhe mandou dar, como por causa dos Hollandezes da Bahia, e destoutros, e por isto, tanto que os vio idos, e desimpedido o passo, se partio em treze de Julho da dita éra de mil seiscentos e vinte e seis, com cinco barcos, que lhe deo o Governador Mathias de Albuquerque, o qual o veio despedir ao Recife, e lhe mandou fazer salvas das fortalezas.

Elle ia em hum dos barcos com seu filho Feliciano Coelho de Carvalho, e o Sargento Mór Manoel Soares de Almeida. Dos outros erão Capitães Manoel de Souza Deça, Capitão Mór do Pará; Jacome de Reymonde, Provedor Mór da Fazenda, e João Maciel.

Gastarão na viagem quinze dias athé o Ceará, porque não navegavão de noite; alli se detiverão outros quinze dias, nos quaes proveo o Governador o forte de polvora, e de mais artilharia, e fez paga aos soldados, e ao Capitão Martim Soares Moreno lançou o habito de Santo Iago, de que El Rey lhe fez

mercê por seus serviços, que não forão poucos os que lhe fez, não só no descobrimento do Maranhão, como fica dito em o primeiro Capitulo deste Livro, mas depois de estar por Capitão do Ceará, onde os cossarios o temem tanto, que havendo alli aportado algumas vezes, nenhuma se atreverão a desembarcar, desejando-o elle tanto, que chegou a metter-se entre os Indios nús, nú e tinto da sua côr, parecendo-lhe que como estes forão seus compadres, e amigos, não se temendo delles, desembarcarião, e assim os colheria, e nem isto bastou. Feito foi este de subrogação, pois parece não obrigar seu officio a tanto, e assim foi bem empregada a mercê, que Sua Magestade lhe fez do habito, e se lhe deo com elle pouca tença, por isso lhe dá Deus muito ambar por aquella praia, com que pode muito bem matar la hambre.

Estava em Ceará a esta sasão o Padre Frey Christovão Severim, Custodio do Maranhão, chegado de poucos dias depois de haver passados muitos no caminho, porque veio por terra, padecendo grandes fomes, e sedes, e guerras dos Gentios Tapuyas, Arechis, e Uruatins, que duas vezes o saltearão, e lhe matarão hum Indio dos que trazia em sua companhia, e lhe ferirão treze, com mais tres brancos Portuguezes; mas com serem os inimigos em numero muitos mais, sem comparação, os poucos nossos, e seis brancos arcabuzeiros, ajudados e animados pelo Padre Custodio, lhes tiverão os encontros tam valorosamente, que emfim se livrarão delles, deixando-lhe tambem alguns dos seus mortos, e feridos, e chegarão ao Ceará, onde o Custodio e seu companheiro agasalharão com muito respeito e caridade a dous Padres da Companhia de Jesus, que ião com o Governador Francisco Coelho de Carvalho, e dalli se embarcarão, e partirão todos pera o Maranhão, na qual viagem, depois de haverem passado o Buraco das Tartarugas, por não levarem pilotos praticos na Costa, forão dar em huns baixos com huma grande tormenta em que se virão perdidos, mas quiz Nosso Senhor que ião as agoas de lançamento, com o que, e com alijarem alguma carga dos barcos, puderão nadar, e seguir sua viagem athé o Maranhão, onde o Governador, e os que com elle ião, forão bem recolhidos, e onde os deixaremos a outros Historiadores, que escrevão suas obras. Assim porque Sua Magestade tem já apartado aquelle Governo deste do Brasil, de que escrevo, como porque eu tambem vou dando fim a esta Historia.

CAPITULO ULTIMO

De como Diogo Luiz de Oliveira veio governar o Brasil, e se foi seu antecessor Mathias de Albuquerque pera o Reyno

Aos vinte e cinco de Agosto de mil seiscentos vinte e seis partio de Lisboa Diogo Luiz de Oliveira, que havia sido Mestre de Campo em Flandres, pera vir governar este Estado do Brasil; chegou a Pernambuco a sete de No-

vembro, onde deixando as urcas de fóra da barra, porque não trazia licença pera se deter ahi muito tempo, desembarcou em huma lancha, e foi se recolher em casa do nosso Padre Santo Antonio, que temos no Recife, athé dia de S. Martinho Bispo, que hé aos onze, em que se foi pera a villa acompanhado com oitenta cavalleiros.

A entrada della na porta da alfandega estava hum arco triumphal de muito boa architectura, ornado de bons versos, emblemas, e epigrammas em seu louvor. Dalli se estendião duas fileiras de soldados arcabuzeiros ao longo das paredes athé á porta da Misericordia, onde estava outro arco não com menos perfeição lavrado, e ornado; neste se apeou, e feita a falla por André de Albuquerque, Vereador mais velho, o levarão debaixo do palio athé á igreja Matriz, indo diante o Mestre de Campo, General deste Estado, Dom Vasco Mascarenhas /officio novamente creado pera o Brasil/, e o Capitão Mór de Pernambuco André Dias de Franca, e o de Tamaracá Pero da Motta Leite, todos novamente vindos do Reyno com o mesmo Governador, e o povo todo de Olinda com muito applauso; donde depois de feita oração, e as ceremonias costumadas, o levarão á casa do seu antecessor, que já lha tinha pera isso desoccupada, visitarão-se ambos muitas vezes com signaes de grande amizade, o tempo que o Governador alli se deteve, que foi athé aos vinte de Dezembro do dito anno de mil seiscentos e vinte e seis; e porque lhe veio recado que estava na barra de Guyena hum navio Hollandez com duas lanchas, e que tomara hum barco de Pero Pires carregado de assucar, e dera caça a hum navio, que se foi metter na Parahyba, e a outro do Biscainho, que vinha carregado de vinhos da Ilha da Madeira, determinou ver se de caminho podia fazer esta presa, mas o ladrão, quando vio tantos navios, fugio, e o Governador chegou com os seus a salvamento á Bahia, onde a primeira cousa que fez foi ordenar que se fizesse hum solemne Officio pela alma de seu irmão, o Morgado de Oliveira, em a igreja de Nossa Senhora do Carmo, onde foi enterrado.

Dous mezes passados depois da sua chegada, aos tres de Março de mil seiscentos e vinte e sete entrarão treze navios Hollandezes, e tomarão vinte e hum nossos, que estavão no porto já com tres mil caixas de assucar dentro, elles perderão dous dos seus, hum dos quaes era a sua Capitanea, em que vinha por General Pero Peres Ingrez, que na tomada da Bahia viera por Almeyrante.

Mathias de Albuquerque, vendo que as urcas, em que determinava ir-se pera o Reyno, erão tomadas dos Hollandezes na Bahia, escolheo huma caravella ligeira, na qual depois que outros tres navios Hollandezes, que andarão na barra de Pernambuco, a desoccuparão, se embarcou, e partio a dezoito de Junho da dita era, e levou em sua companhia o Doutor Bartholomeu Ferreira Lagarto, Vigario da Parahyba, e administrador, que foi destas partes, antes de se reunir a jurisdicção dellas á Mitra, e hum Religioso da nossa Custodia sacerdote.

Foi Mathias de Albuquerque todo o tempo que servio, assim de Capitão Mór de Pernambuco, como de Governador Geral do Brasil, que forão sete annos, sempre muito limpo de mãos, não aceitando cousa alguma a alguem, nem tirando officios pera dar a seus criados. Nas occasiões de guerra, e do serviço de Sua Magestade foi mui diligente, não se poupando de dia, nem de noite ao trabalho: nunca quiz andar em rede, como no Brasil se costuma, senão a cavallo, ou em barcos, e quando nestes entrava não se assentava, mas em pé os ia elle proprio governando. Tinha grande memoria, e conhecimento dos homens, ainda que só huma vez os visse, e ainda dos navios, que huma vez vinhão áquelle porto, tornando outra dahi a muito tempo, antes de chegar o mestre, dizia cujos erão, e vez houve que vindo hum com o masto mudado, vendo o de mui longe com o oculo, disse: aquelle he tal navio, que aqui veio ha hum anno, mas traz já outro masto; e assim o affirmou o mestre depois que chegou, sendo perguntado.

Teve boa fortuna em seu governo, por serem os tempos tam infortunos e calamitosos, e na viagem o livrou Deus de innumeraveis cossarios, de que o mar estava povoado, levando-o sempre a salvamento em cincoenta e dous dias a Caminha, onde achou o Duque della, e Marquez de Villa Real Dom Miguel de Menezes, seu parente, onde os deixaremos, e darei fim a esta Historia, porque sou de sessenta e tres annos, e he já tempo de tratar só da minha vida, e não das alheias.

FIM

HISTORIA DO BRASIL

POR

FREY VICENTE DO SALVADOR

INDICE

LIVRO TERCEIRO

Da Historia do Brasil do tempo que o governou Thomé de Souza athé a vinda do Governador Manoel Telles Barreto

LIVRO QUARTO

Da Historia do Brasil do tempo que o governou Manoel Telles Barreto athé a vinda do Governador Gaspar de Souza

LIVRO QUINTO

Da Historia do Brasil do tempo que o governou Gaspar de Souza athé a vinda do Governador Diogo Luiz de Oliveira

---

ERRATA

Pags.	*Linhas.*	*Erros.*	*Emendas.*
38	25	Pero Lopes	Pero de Goes
108	22	successor	successo
204	30	entre elles	entre elle